# Luz e Sombras

## INTERNATOS NO BRASIL

Manoel Isaú Souza Ponciano dos Santos

O presente trabalho tem por objetivo traçar a história da aplicação do sistema salesiano de educação, ou seja, Sistema Preventivo, em três internatos de São Paulo.

Examinada a situação histórica precedente dos internatos na sociedade brasileira e na literatura nacional, passamos ao enfoque teórico, ou seja, ao sistema educacional idealizado e executado por Dom Bosco no Piemonte (Itália), que serviu de modelo para a Congregação Salesiana na Itália e para o mundo em que a Congregação se envolveu em sua obra educativa.

Isso posto, estudamos o comportamento do modelo transplantado para o Brasil, especificamente, em três internatos paulistas, em três regiões distintas, atraindo clientela até dos Estados vizinhos, de 1883 a 1975. O estudo não discutiu o sistema educativo, ou seja, o seu mérito, mas historiou a aplicação de alguns instrumentos mais expressivos da estrutura administrativa e regulamentar, as práticas religiosas e associativas, recreativas, desportivas e também militares, culturais (música, teatro, cinema, atividades literárias) e, enfim, as práticas disciplinares e avaliativas. Encerra o trabalho uma avaliação feita pelos ex-alunos internos sobre alguns aspectos da prática do Sistema Salesiano de Educação.

Notou-se que a adaptação deste Sistema Salesiano às condições sócio-culturais-religiosas brasileiras sofreu contínua tensão no que diz respeito à aplicação de alguns de seus instrumentos (p. ex., saídas, férias, missa diária, cinema, reclusão quase absoluta dos alunos, algumas me-

MANOEL ISAÚ SOUZA PONCIANO DOS SANTOS

# Luz e Sombras

## INTERNATOS NO BRASIL

SALESIANAS
SÃO PAULO
2000

**Este livro deriva da tese intitulada "*As escolas sob regime de internato e o sistema salesiano de educação no Brasil*", apresentada à Comissão de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Educação, na área de História e Filosofia da Educação.**

**Aprovada pela Banca Examinadora, composta pelos Prof. Dr. Nelson Piletti, Orientador, Prof. Amaury César Moraes, Prof.ª Dr.ª Diana Gonçalves Vidal (Universidade de S. Paulo), Prof. Dr. Pe. Antônio da Silva Ferreira (Centro Universitário Salesiano), Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho (Universidade Estadual de Campinas)**

**São Paulo (Brasil), 23 de setembro de 1999.**


SANTOS, Manoel Isaú Souza Ponciano dos

174 As escolas sob regime de internato e o sistema salesiano de educação:
175 luzes e sombras na prevenção à violência em educação / Manoel Isaú
176 Souza Ponciano dos Santos. – São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 2000.

Originalmente apresentada como tese do autor (doutorado – Faculdade da Educação da Universidade de São Paulo).
Bibliografia.

1.Sistema preventivo de Dom Bosco 2. Filosofia da educação. 3. História da educação. 3. História do esporte, música e teatro – Educação. I. Título II. Título: Luzes e sombras na prevenção à violência em educação.

CDU 371.4D.Bosco

# DEDICATÓRIA

À suave memória de **Isaac Ponciano dos Santos e Maria Virgínia dos Santos**, meus pais, o meu respeito e honra, e dos manos falecidos José Isaqueu dos Santos e Maria Aparecida de Oliveira.

Aos meus irmãos, **Israel, José Isaias, Isequias, Maria Amélia, Maria do Carmo e José Imisaac,** e ao meu cunhado **José** e a todos os meus sobrinhos, pelo seu contínuo estímulo.

# AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor **NELSON PILETTI, que assumiu o difícil missão de orientar este trabalho e por todo apoio prestado.**

Aos **Superiores Gerais** da Congregação Salesiana e **diretores** do **Archivio Salesiano Centrale** (Roma-Italia) e da revista *Ricerche Storiche Salesiane* pela abertura do Arquivo Central

Ao Provincial Pe. **Antonio Carlos Altieri**; e, especialmente, ao Diretor do Externato Santa Teresinha, Pe. **Anderson Paes da Silva,** meu distinto **mecenas** e amigo; **Pe. Dr. Antônio da Silva Ferreira** que leu este trabalho e à Direção do Externato Santa Teresinha, responsável pela publicação deste trabalho.

Ao **Pe. Alfredo Carrara,** diretor do **Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa** de Barbacena (MG) e seus funcionários que sempre atenderam às minhas solicitações.

Aos dirigentes dos Colégios **Liceu Coração de Jesus** (São Paulo - SP), **São Joaquim** (Lorena - SP), do **Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora** (Campinas - SP), do **Colégio São Joaquim, do Colégio São Gonçalo** (Cuiabá - MT), do **Colégio Dom Bosco da Universidade Católica Dom Bosco** e do **Arquivo da Inspetoria Santo Afonso de Ligório** (ambos em Campo Grande - MS), que puseram à minha disposição as suas Secretarias escolares e seus arquivos.

Aos professores de Português do Externato Santa Teresinha que colaboraram na correção dos textos.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho todo o meu reconhecimento.

# SUMÁRIO

DEDICATÓRIA ..... 3
AGRADECIMENTOS ..... 3
LISTA DE ABREVIATURAS ..... 12
LISTA DE QUADROS ..... 13
RESUMEN ..... 14
ABSTRACT ..... 15
PREFÁCIO ..... 17
INTRODUÇÃO ..... 21
1. ESTADO DA QUESTÃO E JUSTIFICATIVA ..... 23
2. DEFINIÇÃO DO OBJETIVO DESTE ESTUDO ..... 26
3. METODOLOGIA ..... 33
4. CONTEÚDO DO TRABALHO E SUA DISTRIBUIÇÃO ..... 34

**PRIMEIRA PARTE** ..... 37
**A SOCIEDADE E OS INTERNATOS NO BRASIL** ..... 37

**CAPÍTULO I** ..... 39
**ALGUNS ASPECTOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA DA SEGUNDA PARTE DO SÉCULO XIX ATÉ 1975** ..... 39
1. ASPECTOS POLÍTICOS GERAIS ..... 40

2. TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS ..... 43

3. TRANSFORMAÇÕES EDUCACIONAIS ..... 46

4. TRANSFORMAÇÕES RELIGIOSAS ..... 50
4.1. O regime monárquico e a Igreja Católica: regalismo, deísmo, "placet" ..... 50
4.2. A Primeira República e a Igreja Católica: a libertação da Igreja, as Pastorais dos Bispos e os primeiros projetos de ação educativa do episcopado ..... 52
4.3 O grito de Dom Leme contra a ignorância religiosa e a mobilização dos católicos ..... 54
4.4. A revolução de 1930 e a Igreja Católica ..... 56
4.5. A Igreja Católica de 1945 frente à redemocratização do país e aos governos militares ..... 57

5. UMA LEITURA DA SITUAÇÃO BRASILEIRA, FEITA NA ÉPOCA, PELOS SALESIANOS ..... 58
A religiosidade dos brasileiros consistia, segundo descrevia, em: ..... 60
Considerava causas dessas desgraças: ..... 61

**CAPÍTULO II** ..... 65
**A ESTRUTURA SOCIETÁRIA PATRIARCAL** ..... 65

1. A FAMÍLIA ..... 67

2. A MENINICE ..... 72

**CAPÍTULO III** ..... 83
**INTERNATOS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ATÉ O SÉCULO XIX E NA LITERATURA, NO BRASIL** ..... 83

1. OS INTERNATOS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, ATÉ O FINAL SÉCULO XIX ..... 84
1.1. Fase colonial ..... 85
1.2. Fase imperial ..... 89

2. OS INTERNATOS NA LITERATURA BRASILEIRA ..... 93
2.1 O Ateneu (Rio de Janeiro, publicado em 1888) ..... 94
2.2 Doidinho (a trama se passa em um pequeno internato de Itabaiana - PB) ..... 104
2.3 Falange Gloriosa (em internato no Sul de Minas Gerais, mais ou menos em meados da segunda década do século XX) ..... 108
2.4 Outras situações ..... 109

**SEGUNDA PARTE** ..... 115
A PEDAGOGIA SALESIANA ..... 115

**CAPÍTULO IV** ..... 117
**ORIGENS DO SISTEMA SALESIANO DE EDUCAÇÃO** ..... 117
Dom Bosco o escolheu pelas seguintes vantagens: ..... 119

1. INTRODUÇÃO HISTÓRICA AO SISTEMA PREVENTIVO NA EDUCAÇÃO ..... 120

2. A PROPOSTA EDUCATIVA DE SÃO JOÃO BOSCO ..... 125
3. FORMAÇÃO FAMILIAR E PRIMEIRAS PRÁTICAS ESCOLARES E EXTRA-ESCOLARES ..... 126
4. FORMAÇÃO SEMINARISTA E SACERDOTAL ..... 130

**CAPÍTULO V** ..... 135
**GESTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA OBRA EDUCATIVA** ..... 135
1. OS COMEÇOS DA OBRA ..... 137
2. A EXPERIÊNCIA DO INTERNATO DE VALDOCCO ..... 141

**CAPÍTULO VI** ..... 151
**O SISTEMA EDUCATIVO SALESIANO** ..... 151
1. IDÉIAS DE DOM BOSCO SOBRE A EDUCAÇÃO E O ENSINO ..... 152
2. MÉTODO DE ENSINO DOS CLÁSSICOS GREGOS E LATINOS NAS ESCOLAS CRISTÃS ..... 156
3. OPÚSCULO DE DOM BOSCO SOBRE O SISTEMA PREVENTIVO .. 161
4. BASES DO SEU SISTEMA EDUCATIVO: RAZÃO, RELIGIÃO E CARINHO ..... 165
   4.1. Razão ..... 165
   4.2. Religião ..... 169
   4.3. "Amorevolezza" ..... 173
5. INSTRUMENTOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA EDUCATIVO SALESIANO ..... 177
   5.1. Lembranças confidenciais aos Diretores ..... 179
   5.2. Circular sobre os castigos (1883) ..... 179
   5.3. Carta de Roma de Dom Bosco sobre o estado do Oratório (1884) ..... 181
6. OS AGENTES DO SISTEMA EDUCATIVO SALESIANO E OS MEIOS POR ELES USADOS ..... 182
7. IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA EDUCATIVO SALESIANO ..... 186
   7.1. O programa de vida ..... 186
   7.2. O ambiente educativo ..... 190
8. RESULTADOS ALCANÇADOS POR DOM BOSCO ..... 196

**TERCEIRA PARTE** ..... 199
O SISTEMA SALESIANO DE EDUCAÇÃO NO BRASIL ..... 199

**CAPÍTULO VII** ..... 201
**A TRANSPLANTAÇÃO DO PROJETO EDUCATIVO: O INTERNATO** ..... 201

1. NEGOCIAÇÕES E DIFICULDADES ..... 203

2. O INTERNATO SALESIANO ..... 205
2.1. Organização temporal do internato ..... 208
2.2. Estrutura espacial e predial do internato e da formação do ambiente educativo ..... 210

3. O PRIMEIRO PESSOAL SALESIANO E PRIMEIRAS ATIVIDADES . 217
3.1. O pessoal e inícios do Liceu Coração de Jesus ..... 222
3.2. O pessoal e os inícios do Colégio São Joaquim ..... 225
3.3. O pessoal e os inícios do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora de Campinas .... 226

4. DESENVOLVIMENTO DOS INTERNATOS ..... 227

**CAPÍTULO VIII** ..... 245
**A ORGANIZAÇÃO ESTATUTÁRIA DA CONGREGAÇÃO SALESIANA NO BRASIL, REGULAMENTAÇÃO INTERNA DE SUAS INSTITUIÇÕES E DE SEU FUNCIONAMENTO** ..... 245

1. A ESTRUTURA ADMINISTRATIVA E FUNÇÕES DOS TITULARES DOS CARGOS ..... 248

2. AS RELAÇÕES, OS COMPORTAMENTOS E AS PRÁTICAS DOS ALUNOS SEGUNDO O "REGOLAMENTO" ..... 253

3. ESTUDO E LEITURAS PEDAGÓGICO-DIDÁTICAS DOS SALESIANOS NO BRASIL ..... 257
3.1. Conteúdo dos *Appunti* ..... 259
3.2. Autoridade e individualidade dentro da estrutura do projeto salesiano ..... 263

4. OS PROSPECTOS ..... 264

5. PRAXES, TRADIÇÕES OU COSTUMES ..... 265
5.1. As saídas (contrárias a um princípio do internato: separação do mundo) ..... 266
5.2 As férias ..... 271

**CAPÍTULO IX** ..... 279
**AS PRÁTICAS RELIGIOSAS, ASSOCIATIVAS E FESTIVAS** ..... 279

1. A RELIGIÃO NOS INTERNATOS SEGUNDO A LITERATURA BRASILEIRA ..... 280

2. A ESTRUTURA ORACIONAL DO INTERNATO SALESIANO: O JOVEM INSTRUÍDO ..... 283

3. UM DIA DO ALUNO INTERNO ..... 285

4. O CALENDÁRIO BÁSICO E DIAS FESTIVOS (SANTOS OU CÍVICOS) ..... 289

5. AS FESTAS ..... 292
5.1. Festa do Regulamento ..... 293
5.2. Carnaval ..... 294
5.3. Festa de São João (véspera de 23 de junho) ..... 295
5.4. Festa de São Pedro ..... 295
5.5. Festas às Famílias ..... 295

5.6. Festas sociais das Divisões ..... 296
5.7. Festa de Nossa Senhora Auxiliadora, Padroeira dos Salesianos ..... 297
5.8. Festa do Diretor (do Inspetor) ..... 298
5.9. Festa de Encerramento do Ano ..... 299

6. COMPANHIAS (ASSOCIAÇÕES) RELIGIOSAS JUVENIS E OUTRAS ..... 299

7. A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA ..... 306

8. O PROBLEMA DA MISSA DIÁRIA E DA SEGUNDA MISSA AOS DOMINGOS ..... 309

**CAPÍTULO X** ..... 311
**AS PRÁTICAS MUSICAIS, TEATRAIS E LITERÁRIAS** ..... 311

1. DESENVOLVIMENTO DA MÚSICA NOS COLÉGIOS SALESIANOS ... 314
1.1. Música vocal ..... 316
1.2. Música instrumental ..... 321
1.3. A música no Colégio S. Joaquim ..... 329
1.4. A música no Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora ..... 331

2. O TEATRINHO E O CINEMA ..... 333
2.1. O Teatrinho ..... 333
2.2. O Cinema e suas tensões ..... 342
2.2.1. Inícios e desenvolvimento do cinema ou das práticas cinematográficas ..... 342

3. AS PRÁTICAS LITERÁRIAS ..... 358

**CAPÍTULO XI** ..... 363
**AS PRÁTICAS RECREATIVAS E ESPORTIVAS** ..... 363

1. LITERATURA SALESIANA NO BRASIL SOBRE OS ESPORTES ..... 365

2. OS RECREIOS E OS ESPORTES NOS COLÉGIOS SALESIANOS ..... 371

3. O FUTEBOL, REI DOS ESPORTES, AS DIFICULDADES E AS TENSÕES ..... 380

4. AS ASSOCIAÇÕES ESPORTIVAS ..... 388

5. OS PASSEIOS ..... 389

**CAPÍTULO XII** ..... 393
**AS PRÁTICAS ESPORTIVAS MILITARES** ..... 393

1. MILITARIZAÇÃO DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS NOS COLÉGIOS SALESIANOS ..... 396

2. MILITARIZAÇÃO, DISCIPLINA E SISTEMA EDUCATIVO SALESIANO ..... 402
2.1. Militarização e disciplina ..... 402
2.2. Repercussão da militarização escolar ..... 405
2.3. Militarização e sistema educativo salesiano ..... 408
2.4. Os desfiles, a militar: auxílio a disciplina, propaganda, homenagem ..... 409

**CAPÍTULO XIII** ..... 415
**PRÁTICAS DE PREMIAÇÃO E AVALIAÇÃO DO SISTEMA EDUCATIVO SALESIANO** ..... 415
1. PREVENIR, NÃO REPRIMIR ..... 417
2. OS PRÊMIOS ..... 419
3. OS CASTIGOS ..... 432
4. AVALIAÇÃO DO SISTEMA SALESIANO DE EDUCAÇÃO ..... 440
4.1. Avaliação pela Congregação Salesiana ..... 440
4.2. A avaliação pelos Ex-Alunos ..... 442

**CONCLUSÃO** ..... 449

**FONTES E BIBLIOGRAFIA** ..... 459
1. ARCHIVIO SALESIANO CENTRALE (ASC) – ROMA – CASA GENERALIZIA DOS SALESIANOS DE DOM BOSCO ..... 459
1.1. Fontes Manuscritas: ..... 459
1.2. Impressas ..... 460
2. ARQUIVO DA INSPETORIA SALESIANA DE SÃO PAULO (AISSP) 461
2.1. Fontes manuscritas ..... 461
2.3. Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa (Barbacena - MG) ..... 465
3. DOCUMENTOS PESSOAIS DO AUTOR DESTE TRABALHO ..... 466
4. DEPOIMENTOS ORAIS ..... 466
5. BIBLIOGRAFIA ..... 467

**ANEXO I** ..... 481
O SISTEMA PREVENTIVO NA EDUCAÇÃO DOS JOVENS 1 ..... 481
Em que consiste o Sistema Preventivo e por que se deve preferir ..... 481
Aplicação do Sistema Preventivo ..... 482
Utilidade do Sistema Preventivo ..... 484
Uma palavra sobre os castigos ..... 485

**ANEXO II** ..... 487
LEMBRANÇAS CONFIDENCIAIS AOS DIRETORES DA CASA DE... ..... 487
Contigo mesmo ..... 487
Com os mestres ..... 487
Com os Assistentes e Chefes de Dormitório ..... 488
Com os coadjutores e com as pessoas de serviço ..... 489
Com os jovens alunos ..... 489
Com os Externos ..... 490
Com os membros da Sociedade ..... 491
No dar ordens ..... 491

ANEXO III ..... 493
REGULAMENTO PARA AS CASAS DA CONGREGAÇÃO DE S. FRANCISCO DE SALES 1 ..... 493
CAPITULO I. ..... 493
Fim das cazas da Congregação de S. Francisco de Sales. ..... 493
CAPITULO II. ..... 494
Da acceitação. ..... 494
CAPITULO III. ..... 495
Da piedade. ..... 495
CAPITULO IV. ..... 496
Comportamento na Egreja. ..... 496
CAPITULO V. ..... 498
Do trabalho ..... 498
CAPITULO VI. ..... 499
Comportamento na eschola e no estudo. ..... 499
CAPITULO VII. ..... 501
Comportamento nas officinas. ..... 501
CAPITULO VIII. ..... 502
Comportamento para com os Superiores, ..... 502
CAPITULO IX. ..... 503
De modo de portar-se com os collegas. ..... 503
CAPITULO X. ..... 504
Da Modestia. ..... 504
CAPITULO XI. ..... 505
Do aceio. ..... 505
CAPITULO XII. ..... 506
Conducta no regimen da caza. ..... 506
CAPITULO XIII. ..... 507
Conducta fóra de caza. ..... 507
CAPITULO XIV. ..... 508
Do passeio. ..... 508
AVISOS. ..... 509
CAPITULO XV. ..... 509
Comportamento no theatrinho. ..... 509
CAPITULO XVI. ..... 510
Cousas rigorosamente prohibidas em caza ..... 510
Tres males que absolutamente se deve evitar : ..... 511
APPENDICE ..... 512
AO REGULAMENTO DA CAZA. ..... 512
SOBRE O MODO DE SE ESCREVER CARTAS. ..... 512

REGRAS GERAES. ..... 512
PARTES DA CARTA. ..... 513
FORMATO E FORMA DA CARTA. ..... 514
INDICE ..... 516

ANEXO IV ..... 517
Excerptos do Regolamento per le Case della Pia Società di S. Francesco di Sales, (Torino, Tipografia Salesiana, 1906), relativos ao teatrinho ..... 517
COSE DA ESCLUDERSI ..... 518
DOVERI DEL CAPO DEL TEATRINO ..... 519
REGOLAMENTO PER GLI ALUNNI ..... 520
PARTE III - REGLAMENTO PER GLI ALUMNI ..... 520
REGOLAMENTO PER GLI ORATORI FESTIVI DELLA PIA SOCIETÀ DI S. FRANCESDO DI SALES ..... 521
PARTE II ..... 521
Capo IV ..... 521

ANEXO V ..... 521
REGULAMENTO DO SEMINÁRIO DE MARIANA, DE JANEIRO DE 1845 ..... 521

# LISTA DE ABREVIATURAS

MB = Memorie Biografiche di Don (San) Giovanni Bosco...
As citações, por exemplo, serão assim feitas: MB II, 238 = Memorie Biografiche... volume 2.º, p. 238

ASC = Archivio Salesiano Centrale (Roma)

AISSP = Arquivo da Inspetoria Salesiana de São Paulo

CDPB = Centro de Documentação e Pesquisa, de Barbacena (MG)

MO = Memorie dell'Oratorio di San Francesco de Sales
Citações: MO 45: Memorie dell'Oratorio, etc., pág. 45.

ISSP = Inspetoria Salesiana de S. Paulo.

# LISTA DE QUADROS

Mapa 1 – Desenvolvimento do café e dos internatos no período de 1850 a 1975 ..... 29

Mapa 2 – Horário básico do internato do Liceu Coração de Jesus ..... 209

Tabela 1 – Quadro Estatístico dos alunos internos do Liceu Coração de Jesus, do Colégio São Joaquim e do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora (1886-1909) ..... 230

Tabela 2 – Quadro Estatístico dos alunos internos do Liceu Coração de Jesus, do Colégio São Joaquim e do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora (1910-1924) ..... 233

Tabela 3 – Quadro Estatístico dos alunos internos do Liceu Coração de Jesus, do Colégio São Joaquim e do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora (1925-1940) ..... 237

Tabela 4 – Quadro Estatístico dos alunos internos do Liceu Coração de Jesus, do Colégio São Joaquim e do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora (1941-1975) ..... 239

Tabela 5 – Dados estatísticos dos Sócios das Companhias Religiosas do Liceu Coração de Jesus, do Colégio São Joaquim e Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora ..... 303

Mapa 3 – Curso de Música ..... 315

Tabela 6 – Movimento das matrículas das aulas de Adorno do Liceu Coração de Jesus de 1922 a 1928 ..... 326

Tabela 7 – Amostra estatística das Peças Teatrais representadas no Liceu Coração de Jesus e que foram encontradas nos documentos existentes no Arquivo da Inspetoria Salesiana de São Paulo ..... 340

Mapa 4 – Demonstrativo do controle e sistematização de Educação Física no Liceu Coração de Jesus ..... 379

Tabela 8 – Fotografias publicadas nos Anuários do Liceu Coração de Jesus, Liceu N. S. Auxiliadora e Colégio São Joaquim ..... 400

Tabela 9 – Quadro dos Alunos premiados do Liceu Coração de Jesus, do Colégio São Joaquim e Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora (1924-1961) ..... 424

Tabela 10 – Quadro dos alunos do Liceu Coração de Jesus, Colégio São Joaquim e Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora, entre 1924 e 1961 ..... 428

# RESUMEN

Este trabajo tiene por finalidad de discurrir la historia de la aplicación del Sistema Salesiano de Enseñanza (llamado Sistema Preventivo) en tres.internados de San Pablo.

Después de investigada la situacion historica precedente de los internados en la sociedade brasileña y en literatura nacional, es trazado un enfoque teorico, o sea, hacemos una descripción del sistema de enseñanza idealizado y ejecutado por Don Bosco en el Piemonte (Italia) que servió de modelo para la Congregacion en la Italia e para el mundo en que la Congregacion llevó su obra educativa.

En seguida, estudiamos el comportamiento del modelo transportado para el Brasil, en especial, en tres internados paulistas, en regiones distintas, trayendo desde los estados vecinos, de 1887 hasta 1975. En estudio no se discutió el sistema de enseñanza, o sea, su mérito, todavia se há hecho un estudio de la aplicacion de algunos de los nstrumentos mas significativos: estructuras administrativa y reglamentar, las prácticas religiosas y asociativas, deportivas y también militares, y culturales (música, teatro, cine, actividades literarias) y, finalmente, las prácticas disciplinares y valuadoras.

Se conclye el trabajo com una avaluación hecha por ex alumnos internos a respecto de algunos aspectos practicos del Sstema Salesiano de Enseñanza,

Se puede señalar que la adaptación al Sistema Salesiano de Enseñanza de las condiciones socio-culturales-religiosas brasileñas sufrió constante tensión en relación a aplicación de algunos de sus instrumentos (por ejemplo, salidas de los internados, vacaciones, misas diarias, cine, reclusion quàsi total de los alumnos u algunas medidas disciplinares). En ningun momento, sin embargo, se fue posible detectar oposición formal a los ideales propuestos por el modelo, aunque esfuerzos supremos se hizieron para su realización. En la práctica, el sistema tuvo algunas pérdidas, puesto que diversos agenes no supieron eliminar la punición física (prohibidos en el proyecto.

A nosotros no nos parece que esta falta perjudicó el trabajo educacional propuesto, y esto se puede observar a traves de la significativa demanda (internatos numerosos) y por las contestaciones de los antiguos alumnos internos, matriculando sus hijos en escuelas salesianas

# ABSTRACT

The purpose of this work is to make a trajetory of the application about the Salesian System of Education (commonly called Preventive System) in three boardings school in São Paulo State.

After examining carefully the historical situation about the boarding schools in Brazil, we are going to see the system itself, what means exactely the theoric position through that, D. Bosco executed by himself and it was a model for Salesian Congregation all around the world, and this involved youngsters in his education goal.

Then, we studied the performance of Salesian model that served the basis in Brazil, specifically in three boarding schools in S. Paulo State, attracting people, even in the neighborhood States. The study itself didn't discuss the systems instead, this work has the aim to show some of the main instruments that they use as a method (administrative structure, rules, religion practice, recreation and sports - even army - culture ones, like music, theatre, movies, literary activities and finally something about evaluation and discipline practice, according to Salesian Systems of Education.

It has been observed that the adaptation to Salesian System of Education to the social religious and cultural brazilian conditions suffered continuous tension about application of some instruments (e.g.: daily mass, vacations, holidays, movies, some disciplinary measures). Instead of it, we can't detect in any moment a kind of protest related to the model. In fact, during the practice method, we had some students that have given up, as well we detected some complainings exactly due to physical punishment (and they were prohibited). This lack didn't injury the educacional work, what is specifically explained for lhe large number of students aind mainly for the ex-students that have addopted the system in real life.

# PREFÁCIO

*José Camilo dos Santos Filho*
*Professor titular aposentado da UNICAMP e*
*Professor adjunto da Universidade São Francisco*

Foi com grata satisfação e imenso prazer que tive a oportunidade de participar, pela segunda vez, de um novo momento acadêmico muito significativo e culminante da formação pós-graduada do Padre Manoel Isaú – sua defesa de tese de doutorado na Faculdade de Educação da USP, no segundo semestre de 1999. Na primeira vez, fui seu orientador da dissertação de mestrado na PUC/RJ nos anos 70, quando pesquisou sobre as escolas profissionais salesianas no Brasil. Nessa segunda, seu tema de pesquisa, ainda dentro da temática da Pedagogia Salesiana da primeira pesquisa, versou sobre a origem, desenvolvimento, esplendor e ocaso dos colégios internos dos Salesianos no Brasil, onde como garoto e adolescente também estudei e cuja prática conheci por experiência e vivência direta. Aliás, por essas contingências da vida, muito antes de ser seu professor-orientador, tive a oportunidade de ter sido seu aluno no Colégio Salesiano do Recife. Diante dessa coincidência rara, sempre me lembrei do dito de Marco Aurélio, sábio imperador romano: "Trata teus discípulos como se um dia fossem tornar-se teus mestres."

Essa circunstância acadêmica e evocativa do dia da defesa da tese do Padre Isaú ofereceu-me a dupla oportunidade de, mediante a leitura rigorosa de sua exaustiva pesquisa histórica sobre a atuação dos internatos salesianos no Bra-

sil e mediante a rememoração distante como aluno e como mestre de escolas salesianas, fazer uma espécie de balanço bastante positivo tanto do produto de sua pesquisa sobre a pedagogia salesiana como de minha passagem pelos colégios salesianos.

Voltando agora mais diretamente à tese do Padre Isaú, cabe ressaltar alguns dos aspectos mais relevantes de seu trabalho a fim de alertar os leitores para a contribuição significativa de sua pesquisa para a compreensão mais profunda da história da educação brasileira num período de quase cem anos. Seu estudo visou reconstituir, não de modo exaustivo, evidentemente, "a história de quase cem anos de uma experiência educativa que vigorou na rede escolar salesiana, em grande parte dos Estados da Federação, e que deixou influências bem características nas pessoas que as freqüentaram..." (p. 26). Nessas escolas de regime de internato foi aplicado o chamado Sistema Preventivo Salesiano que, com suas devidas adaptações, passou a ser utilizado nos externatos, regime da quase totalidade das escolas salesianas atuais. Por colégios salesianos foram "marcados"-formados (aquela "impronta" típica dos italianos) nesse período, filhos da burguesia e da alta burguesia da sociedade brasileira e, certamente, uns poucos membros da baixa classe média em formação.

Sua pesquisa histórica, de busca exaustiva e sistematização cuidadosa de fontes e documentos em princípio desconhecidos e inacessíveis a um público externo à Congregação Salesiana, concentra-se especialmente em três colégios sob regime de internato que tiveram marcante influência e liderança na rede de escolas salesianas no Brasil, a saber: o Liceu Coração de Jesus, em São Paulo (capital), o Colégio São Joaquim, em Lorena (SP) e o Liceu Nossa Auxiliadora, em Campinas (SP), três grandes colégios que fizeram história em suas respectivas esferas geográficas e atraíram adolescentes brasileiros não só do Estado de São Paulo mas também dos estados vizinhos e mesmo dos mais distantes.

No período histórico analisado, que vai de 1883 a 1975, como bem observa o autor, vigoraram diversos regimes políticos, vários regimes republicanos e, pelo menos, dez reformas de ensino no país. No campo socioeconômico, passou-se de uma sociedade colonial agrícola-escravocrata estática e atrasada para uma sociedade urbano-industrial dinâmica e democrática e progressivamente escolarizada pela intervenção direta do poder público. Nesse segundo momento, a proposta educativa de escolas internas dos Salesianos ficou obsoleta, passando a perder relevância para a sociedade brasileira e a metamorfosear-se nos outrora "marginais" externatos, hoje "center stage" da ação pedagógica dos salesianos.

A pesquisa de Padre Isaú compreende três partes que se complementam. Na primeira, trata do panorama geral da sociedade brasileira na segunda metade do século 19 e primeiras décadas do século 20, palco onde se desenrolará o Projeto Educativo Salesiano. Nessa parte, são apresentados os contextos políticos, socioeconônomicos, educacionais e religiosos do país, bem como uma breve análise do sistema patriarcal dominante e o trato com a meninice na época, finalizando com uma descrição dos internatos na história da educação até o século 19 e na literatura no Brasil. Especialmente este último aspecto tem sido pouco pesquisado na realidade histórico-educacional brasileira, prevalecendo mais sombras e fantasias de romancistas do que luzes e narrativas fidedignas de pesquisadores de escolas em regime de internato do país.

Na segunda parte, o autor mostra o desenvolvimento da pedagogia salesiana, sintetizada na idéia do Sistema Preventivo preconizada por Dom Bosco. Inicialmente, traça as origens da pedagogia prática dos Salesianos e examina a gestação e a construção da obra educativa de Dom Bosco, para concluir com uma descrição e análise da pedagogia teórica salesiana.

Na última parte, "core" do estudo e do livro, concentram-se a descrição e a caracterização do sistema educativo salesiano no Brasil, tipificado pelos três estudos de caso históricos de internatos salesianos do Estado de São Paulo. O transplante do projeto educativo de escola em regime de internato da Itália para o Brasil, sem as necessárias adaptações à nova realidade, as dificuldades iniciais e o primeiro quadro de pessoal são objeto de perspicaz análise, seguida pela descrição da organização estatutária da Congregação Salesiana no Brasil e da regulamentação interna e funcionamento de suas escolas. Em seguida faz uma descrição e análise bastante exaustiva do componente cultural da escola, expresso pelas atividades de esportes, música, teatro, declamação, recreação e práticas militares. Finaliza essa parte com breve discussão das práticas de premiação e avaliação do sistema educativo salesiano.

Numa obra de história bastante exaustiva, focada no tema da interrogação inicial da pesquisa, encontra-se um manancial de informações sobre um importante período da história da educação brasileira, centrada no problema dos internatos e "olhada" na perspectiva da pedagogia salesiana. Para o público "interno", este livro representa um registro e uma memória histórica de um longo período da prática educativa dos Salesianos no Brasil. Para o público "externo", constitui o desvelamento de uma importante faceta da história da escola no país e o acesso a fontes e documentos que, de outro modo, permaneceriam ignorados e inacessíveis aos "scholars" e historiadores da educação brasileira. Por todos esses méritos, é bem-vinda a publicação desta obra do Padre Isaú.

# INTRODUÇÃO

A idéia de educar, hoje, passa a ser um conceito muito genérico. MORAIS, como ponto de entendimento, propõe esta conceituação: "A educação pode ser entendida como o amplo processo através do qual um povo, em seu lugar e momento, pela mediação da linguagem veiculadora de valores, propõe aos seus educandos assumirem uma certa forma de humanidade".[1]

A intervenção em seres humanos é algo que se faz por convite, jamais por invasão. Ora intervir em vidas humanas se faz sob o princípio de autoridade, que não se confunde com autoritarismo, que é arrogante, intoxica, gera competição. Autoridade é princípio de equilíbrio, de amor e caracteriza-se pela relação de solidariedade e não de dominação.

Nos internatos, cujas práticas veremos neste trabalho, a relação entre educando-educador tem sido próxima, diuturna e constante. A convivência entre os dois, para ser educativa, tem se caracterizado, na medida do possível, pela convergência entre os dois, através de relações dialógicas tranqüilas, amáveis, pacíficas e abertas, jamais impostas por quem quer que seja, e, pior ainda, pelo uso da violência. O autoritarismo (difícil de ser evitado), como uma forma de imposição e de desequilíbrio, prejudica esta

---

[1] Regis de MORAIS, *Violência e educação...*, p. 44-45,

convergência, deriva da insegurança do educador, além de ser esconderijo da incompetência, Toda imposição é uma invasão de vidas, pois sufoca nessas a sinceridade e a criatividade. Já a autoridade é humilde, firme e trata de preservar *artisticamente* o cristal, sem quebrá-lo.[2]

Pede, pois, o autor citado para prestar atenção à violência das omissões, ou seja, "certas bondades perversas", que, em nome de uma absoluta espontaneidade, acabam de fazer do educador um omisso. Educador, acrescenta ele, "é aquele que diz sim sempre que pode, mas diz não sempre que não é lícito dizer sim", pois "o equilíbrio relacional é o verdadeiro princípio da bondade".[3]

Citando ROGERS, diz que o professor deve ser "congruente, aceitar-se para aceitar seus alunos, dar prova de empatia (...), sem nenhum juízo de valor" colocando à disposição de seus alunos a própria pessoa e conhecimentos, sem imposições, confiando ainda "no dinamismo próprio do grupo e no crescimento individual deles para permitir-lhe a criatividade". Observa que "das coisas que mais infernizam crianças e adolescentes é terem de viver e atuar num espaço anônimo, ou seja, com normas insuficientes onde se instala o caos no cotidiano". Os alunos devem conhecer as normas e a razão delas que, aliás, devem ser cultivadas como meios para promover o crescimento humano.[4]

Adverte sobre o perigo da racionalidade burocrática na escola. Esta deve guardar as fronteiras éticas e a boa discrição para não pôr em perigo o trabalho educativo. Lembra ainda "a maior de todas as falácias em que freqüentemente caem os professores quando pensam que o magistério é uma 'profissão' comum, como qualquer outra, mas que deve ser reconhecida pela sociedade inclusive com salários dignos".[5]

Termina esclarecendo que "violências não são apenas agressões físicas ou ao patrimônio dos cidadãos e que as violências sutis passam indiscutidas, por faltar-lhes o impacto da brutalidade sangrenta".[6]

Vistos esses pressupostos, partimos da hipótese de que o modelo educativo salesiano tem conseguido, com certo êxito, eliminar os meios

---

[2] Régis de MORAIS, *op. cit.*, p. 44-47.
[3] Id., *op. cit.*, p. 49.
[4] Id., *op. cit.*, p. 49-51.
[5] Id., *op. cit.*, p. 53-54.
[6] Id., *op. cit.*, p. 55.

repressivos ou, pelo menos, reduzi-los significativamente, já que a educação como obra de amor não se coaduna com meios violentos para atingir seus objetivos mesmo mediatos como a disciplina (fim-meio). Segundo ainda MORAIS, "a violência é coisa dos seres humanos, a vida é violência, o Estado é uma violência organizada, o pensamento é violência".[7] Para a teologia católica, a violência se originou do pecado original, quando o homem rompeu com Deus. A eliminação da violência tem sido um problema constante, até agora insolúvel. O conceito de violência implica intencionalidade, que é própria do ser inteligente e racional, já que os animais são considerados irracionais, não violentos e sim ferozes.

Admitia-se comumente a doutrina de que só os pais podem punir, fisicamente, seus filhos, somente quando todos os meios forem usados, o que se contesta. Fora da família, pelo menos teoricamente, é negada.

E nos internatos, como o problema foi enfrentado? A história da educação mostrou uma evolução no extinguir os castigos corpóreos ou físicos e o abrandamento progressivo dos castigos morais ou simbólicos.

Para impedir a violência na vida social, têm-se destacado os modelos repressivos, que usam de meios tais como prisões e trabalhos forçados especialmente. A escola, normalmente, reflete a sociedade.

Neste trabalho, o esforço de investigação concentrou-se na descrição das práticas usadas pelo projeto de educação dos Salesianos de Dom Bosco que põem em destaque um ambiente onde a razão, a religião e o amor conduzam todo o processo educativo, procurando eliminar o uso da violência física e reduzir, ao mínimo, a violência simbólica.

## 1. ESTADO DA QUESTÃO E JUSTIFICATIVA

**Prevenir** é uma palavra comum no vocabulário usado no cotidiano dos Salesianos de Dom Bosco em todas as suas obras, iniciativas e atividades. É uma palavra vital que impregna a espiritualidade salesiana e marca a sua prática como congregação religiosa católica. Sua vivência marca o êxito educativo e sua ausência significa fracasso certo nessa atividade. É a *anima,* pode-se dizer, da existência dos Salesianos.

---

[7] Régis de MORAIS, *op. cit.*, p. 20-21.

Muito já se escreveu sobre o *sistema educativo de Dom Bosco*, especialmente na Itália, berço do fundador dos Salesianos, ou seja, São João Bosco. A bibliografia sobre o assunto é extensa. Se a parte teórica está muito desenvolvida, o mesmo não se pode dizer sobre os estudos da sua prática. Um dos maiores teóricos italianos, Pietro Braido, em colaboração com outros, já começou a desenvolver a história da prática preventiva, a partir do próprio Dom Bosco.[8] No Brasil, poucos são os trabalhos teóricos significativos de vulto, e nenhum sobre a história de sua prática.

Como trabalhos teóricos, realizados no Brasil, merece atenção o de Mário CASASSANTA, um dos próceres do movimento da Escola Nova, que, em 1934, escreveu um ensaio intitulado *Dom Bosco Educador - Um mestre velho da Escola Nova,* em que procura responder a pergunta: "Dom Bosco foi um educador?" Faz um paralelo entre Rousseau e Dom Bosco. Diz que Dom Bosco não nos deixou um *Emílio*, mas "elevou estabelecimentos, deu-lhes admirável organização pedagógica e neles recolheu (...) todos os *Emílios* (...) que se lhe depararam no caminho da vida". Afirma ainda que "se pode duvidar das virtudes pedagógicas de Rousseau, porque escritor e doutrinador, mas (...) não se pode duvidar das virtudes pedagógicas de Dom Bosco, porque, sempre ocupado com a prática, ofereceu concretamente os melhores frutos.[9] Distingue duas alas de educadores, os teóricos e os práticos, e classifica Dom Bosco entre os últimos. Concluindo seu ensaio, escreve: "Dom Bosco teve todas as virtudes e todos os ofícios e situações, ou seja, lavrador, pastor, ferreiro, marceneiro, doceiro e cozinheiro, alfaiate, saltimbanco, factótum de um café, sacerdote, diretor espiritual, construtor, proprietário, fundador de ordem religiosa e político, muitas vezes herói e muitas vezes mártir": E finaliza: "Teve todas as virtudes do educador (...) e de sobra para nossa edificação e.. aperfeiçoamento."[10]

---

[8] Pietro BRAIDO (Ed.), *Don Bosco educatore; scritti e testemonianze.* 3ª ed., acrescituta con la collaborazione di Antonio da Silva Ferreira, Francesco Motto, José Manuel Prellezo, Roma, LAS, 1997.

[9] Mario CASASANTA, *Dom Bosco Educador,* p. 25-26.

[10] Assim se justifica CASASSANTA: "Foi ...Dom Bosco mais um educador prático do que teórico, bem que lhe não fossem estranhas as correntes pedagógicas de seu tempo. Dom Bosco lia tudo. Estudava sempre. Buscava a verdade em toda a parte. A sua vida foi um longo aprendizado. Para os historiadores da educação, porém, há de ficar como o realizador por excelência, que, em suas realizações pedagógicas, alcançou o que poucos mestres de nosso tempo vingariam alcançar". (p. 25-26 e 139). Pietro BRAIDO confirma as afirmações de nosso Casassanta. Cfr. Tra i "Documenti" della storia: l'esperienza vissuta, *Ricerche Storiche Salesiani*, a. 1 (1): 74, luglio-dicembre 1982; também: Il sistema "preventivo" nella realtà e nei documenti alle origini (1841, *Ricerche Storiche Salesiane*, 24 (2): Luglio-dicembre 1995. Roma, LAS, 1995.

O mesmo afirma MODESTI.[11]

RUDIO propõe o sistema preventivo de Dom Bosco como o mais adequado para a "busca de uma Educação para a Fraternidade":

*Não é apenas como uma Pedagogia do Amor, porque o educador deve viver este amor, ensiná-lo ao educando e utilizá-lo como instrumento do processo educativo – mas também uma Pedagogia da Misericórdia, no sentido que pela fidelidade a si mesmo, como educador e pessoa humana, este deve empatizar com as carências do educando e ajudá-lo a superá-las.*

E na conclusão do seu trabalho, afirma:

... só o homem pode se salvar a si mesmo da situação de violência em que o mundo conturbado de hoje o colocou (...). E somente uma Pedagogia de Amor é capaz de servir de caminho para esta redenção, pois só no amor existe a força que faz suportar, que anima, que cura e que redime.[12]

RUCCO, em sua pesquisa bibliográfico-documental, partindo de que a "Educação é obra de amor" ou, em outras palavras, do Amor Pedagógico, um dos elementos que compõem o Sistema Preventivo, investiga este tema desde o período clássico do helenismo, da "Humanitas Latina", da educação no Cristianismo até o Romantismo Pedagógico, onde está incluído Dom Bosco (1815-1888). Pretendia investigar se o "Amor Pedagógico" fora uma constante na obra educacional. Procurou analisar os pedagogos e educadores que implícita ou explicitamente escreveram e viveram este amor, aperfeiçoando sua teoria no decorrer dos séculos.[13]

A dissertação de SCARAMUSSA reconhece a necessidade de se fazer um estudo do Sistema Preventivo na realidade latino-americana. Infelizmente, carece de uma base histórica do que foi feito em mais de cem anos de trabalho dos salesianos no continente e se propõe realizar apenas "uma introdução ao estudo do Sistema Preventivo de Dom Bosco e com a indicação de um possível caminho de pesquisa, de aprofundamento, de

---

[11] João MODESTI, *Uma pedagogia perene*, p. 9-10.

[12] Franz Victor RUDIO, *Em busca de uma Educação para a Fraternidade*, p. 148 e 181.

[13] Italo RUCCO, *O Amor Pedagógico pesquisado de Platão a Dom Bosco; uma constante sem solução de continuidade na obra educativa.* São Paulo, Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de S. Paulo, 1977, p. 1. Tese de Doutorado.

aplicação desse" à realidade concreta do mesmo continente. Apresenta os elementos descritivos do tempo, da personalidade e da obra de Dom Bosco, as estruturas essenciais e os diversos componentes integrativos de seu sistema e o seu significado hoje.[14]

A dissertação de DELARIM enfoca o Sistema Preventivo utilizado nos internatos, procura avaliá-lo dentro do modelo arqueogenealógico de Michel Foucault, concluindo que o Sistema Preventivo é um sistema de "docilização" e "adestramento". Tem-se a impressão de que, dentro de sua perspectiva, a ciência e o poder, além de aliados intrínsecos, são maus. Ignora ou parece prescindir do aspecto transcendente, sobrenatural do sistema, fora do qual não difere dos demais modelos pedagógicos utilizados e o modelo considerado perde toda a sua consistência. Como não foi realizada uma pesquisa sobre os resultados de sua aplicação, talvez a sua análise seja útil no sentido de prevenir reais ou possíveis desvios na sua aplicação, que o autor não nos apresentou de modo claro.[15]

No presente estudo, mais do que uma apreciação teórica do sistema ou modelo pedagógico salesiano, apresentamos a história da prática desse modelo pedagógico, ou seja, o sistema preventivo de Dom Bosco aplicado nos internatos no Brasil a partir de suas origens, desde 1885 até 1975. Trata-se de um modelo elaborado no Piemonte, por Dom Bosco, e transplantado para o Brasil, sem a preocupação de uma adaptação, pelo menos, em tese, às condições socioculturais e religiosas vigentes nesse País.

## 2. DEFINIÇÃO DO OBJETIVO DESTE ESTUDO

Este trabalho visa reconstituir, pelo menos em parte, a história de quase cem anos de uma experiência educativa que vigorou na rede escolar salesiana, em grande parte dos Estados da Federação, e que deixou influências bem características nas pessoas que a freqüentaram, em outras palavras, as práticas educativas utilizadas como instrumento para a execução do sistema educativo de Dom Bosco, chamada comumente de Sistema Preventivo, nas escolas em regime de internato e que foram adaptadas e são utilizadas ainda hoje, em sua maioria, nos externatos.

---

[14] Tarcísio SCARAMUSA, *Sistema Preventivo de Dom Bosco; um estilo de educação*, p. 14-15.

[15] Delarim Martins GOMES, *Homem; objetivação de uma sujeição*. Dissertação de Mestrado em Filosofia. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991.

Não havendo possibilidade de fazer um estudo histórico sobre o universo dessas escolas que aplicavam o Sistema Educativo Salesiano, escolhemos três colégios sob regime de internato, que tiveram repercussão quanto a seus resultados no Brasil, a saber: Liceu Coração de Jesus (São Paulo), Colégio São Joaquim (Lorena - SP) e Liceu Nossa Senhora Auxiliadora (Campinas - SP).[16] Os três colégios estão situados em três regiões bem distintas, respectivamente, a região da Grande São Paulo, incluindo a Baixada Santista, região da Sorocabana (Liceu Coração de Jesus); a região do Vale do Paraíba, Sul de Minas, Estado do Rio de Janeiro, incluindo a antiga Capital Federal (Colégio São Joaquim); e toda a chamada *Paulista* e também Sul de Minas (Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora). Estas regiões de influência não eram exclusivas, porque as três instituições, especialmente o Liceu Coração de Jesus, considerado modelo pelos próprios Salesianos, recebiam alunos de todo o Estado de São Paulo, de Minas Gerais (destacando-se o Triângulo Mineiro), de Mato Grosso, de Paraná e, em menor escala, de outros Estados do Brasil.

A disparidade cultural dos alunos internos, entretanto, não prejudicou a harmonia de seu funcionamento, o que torna esta experiência educativa significativa.

Nessas e nas outras escolas passaram estudantes que posteriormente exerceram funções elevadas na vida do País, como presidentes da República, parlamentares importantes, governadores de Estado, ou se distinguiram no mundo das ciências, das letras e das artes.

O intervalo temporal abarcado por esta investigação estende-se por um período bastante longo, ou seja, de 1883-1975, quase cem anos de duração no Brasil. Nesse tempo, vigoraram diversos regimes políticos, vários regimes republicanos, pelo menos dez reformas de ensino. No campo econômico-social, passamos de uma sociedade colonial agrícola-escravocrata estática para uma sociedade industrializada, urbanizada, dinâmica, que não deixou de gerar profundas transformações na estrutura econômico-social. "Café,

---

[16] O projeto inicial deste trabalho abrangia o Colégio Salesiano Santa Rosa, as Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo, Liceu Salesiano do Salvador (BA), Colégio Salesiano do Sagrado Coração, Liceu S. Gonçalo (Cuiabá – MT) e Colégio Dom Bosco de Campo Grande. Mas, em vista da vastidão da matéria, escolhemos os três, especialmente por serem significativos e não alterar a essência do projeto, por exemplo, o Liceu Coração de Jesus era considerado modelo dos colégios salesianos do Brasil.

agricultura, indústria, comércio e finanças, cresciam... integradamente, ampliando o potencial de acumulação do complexo paulista", escreve Wilson CANO. [17] A população brasileira emigrou em massa para as cidades, esvaziando significativamente os campos, modificando estruturalmente as relações sociais, econômicas, culturais, educacionais e também religiosas.[18] O mapa ao lado mostra o relacionamento entre o desenvolvimento do café e dos internatos, especialmente nos três considerados. Ressalvamos, entretanto, que havia alunos internos de outras áreas, em menor número.

A área listada mostra o avanço da área do café em seus inícios e a escuro contínuo o avanço do café para outras áreas e a salpicada, a de procedência máxima de alunos para os colégios em estudo neste trabalho. O retângulo, no canto superior, esquerdo mostra a área de influência máxima dos internatos considerados e de outros.

De fato, com a abolição da escravatura em 1888, os comerciantes abastados do interior paulista, como ocorreu em Campinas,[19] procuraram residências na Capital da Província, atraídos pelo seu clima agradável. Santos, por exemplo, em 1905, já dependia essencialmente de São Paulo, que se tinha transformada na Capital do café. O Vale do Paraíba foi perdendo sua importância como produtor de café, mas suas cidades estavam ligadas à Capital Federal e à Capital paulista pela via férrea que as cortava e as punha em ligação com o mundo econômico e social.

Por sua vez, o governo municipal e o poder eclesiástico eliminaram os aspectos e os costumes provincianos. A cidade europeizava-se, eliminando seus traços caipiras ou não-europeus, tornando-se próspera, civilizada e moderna. Na primeira parte do século XX, eram considerados elegantes, pelas suas edificações, bairros como Higienópolis, Vila Buarque, Campos Elíseos. O Vale do Anhangabaú transformou-se como o bairro da Sé e suas adjacências.

---

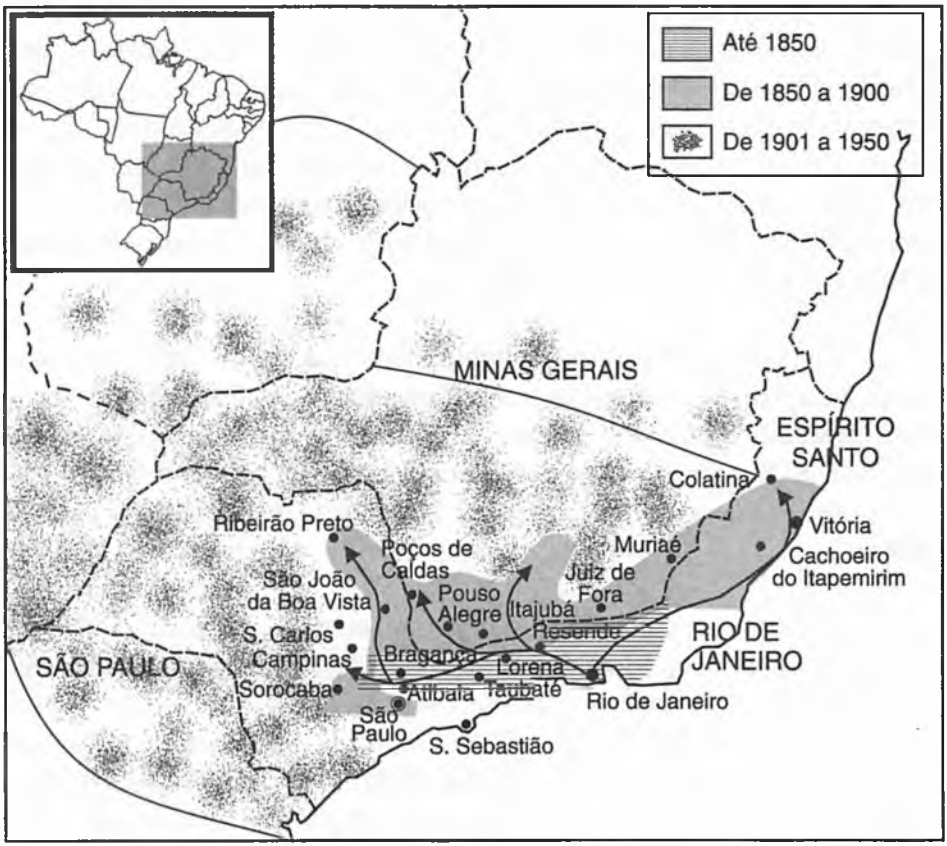
[17] Wilson CANO, *Raízes da concentração industrial em São Paulo*, Rio de Janeiro, DIFEL, 1977, orelha. (Corpo e Alma do Brasil, 33). Rio de Janeiro, DIFEL, 1977. (Corpo e Alma do Brasil, 53). Warren DEAN, *A industrialização de São Paulo* (1880-1945), trad. de Octavio Mendes Cajado, Rio de Janeiro, s. d. (Corpo e Alma do Brasil 33).

[18] Cfr. Ernani Silva BUENO, *História e tradições da Cidade de São Paulo, do Café (1972-1918) - São Paulo de Agora (1919-1954)*. Prefácio de Gilberto Freyre, 4ª ed., São Paulo, Editora Hucitec, 1991, *passim*.

[19] Para um conhecimento mais amplo sobre Campinas nos últimos vinte anos do século XIX, veja-se José Roberto do Amaral LAPA, *A cidade; os cantos e os antros; Campinas (1850-1900)*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

As zonas do café foram se deslocando para as terras roxas do oeste paulista. A Estação da Luz e, posteriormente, a Estação Júlio Prestes tornaram-se símbolos do fervor ferroviário. Os capitais obtidos pelo café foram aplicados na Capital, no setor industrial, com a criação de fábricas novas, destacando-se, nesta atividade, o elemento italiano, que passou a ser maioria nos setores empresarial e operário. Eram numerosos os menores ocupados, a partir dos cinco anos, em serviços fabris. Com a falta de produção de produtos europeus e a dificuldade de sua importação, criaram-se numerosas indústrias entre 1915 e 1917, destacando-se a fabricação de tecidos.

*Figura 1*




*Desenvolvimento dos internatos e do café no período de 1850 a 1950* [20]

[20] Este mapa foi uma adaptação, para os fins deste trabalho, de José DANTAS, *História do Brasil*, p. 123.

A população paulistana passou a interessar-se pelos locais de passeio e de divertimentos, dos clubes recreativos e das competições esportivas, para o que facilitou a fundação de associações de fins recreativos e de clubes carnavalescos. Logo no começo do século, aparece o cinema, que do centro se estendeu aos bairros. As procissões foram, aos poucos, sendo substituídas pelos bilhares, pelos teatros e pelas corridas de cavalo. Os esportes já não mais se limitavam ao banho de rio. Foram criados o Clube Atlético, o Futebol Internacional, destacando-se diversos times de futebol, que passaram a conquistar os estudantes paulistanos.

No campo educacional, nas duas últimas décadas do século XIX, surgiram numerosos colégios, como O Liceu de Artes e Ofícios do Sagrado Coração de Jesus, o Colégio Italiano, o Regina Margherita, o Júlio Ribeiro (Capivari, 1883). Ainda eram bastante comuns os castigos corporais, como a varada, o puxão de orelhas, o bolo de palmatória... À Escola Comercial do Liceu supracitado, iniciada em 1894. acrescentaram-se a do Mackenzie (1891) e, nas primeiras décadas do século XX, apareceram a Escola Prática de São Paulo, depois Álvares Penteado (1902),[21] o Colégio São Luís (1915), etc.

Essas transformações repercutiram na vida dos internatos, que ocuparam uma posição de destaque e cobriram uma necessidade geral da sociedade, especialmente nos segmentos superiores, a partir do último quartel do século XIX até pouco mais da metade do século XX, quando sua importância passou a decrescer à medida que crescia e se democratizava a escola pública.

É nessa fase que os Salesianos implantaram, no Brasil, a vertente educacional italiana (piemontesa), preconizada e aplicada extensiva e intensivamente por Dom Bosco, desde 1841, na Itália. Dom Bosco inspirava-se na secular experiência católica e em princípios teóricos de alguns educadores contemporâneos seus, como POULET (1810-1846)), APORTI (1791-1858), ROSMINI (1797-1855) e DUPANLOUP (1802-1878).[22] Essa versão se chama Sistema Educativo Salesiano ou, mais comumente, "*Sistema Preventivo*".

---

[21] Cfr. Ernani Silva BUENO, *História e tradições da Cidade de São Paulo, Metrópole do Café (1972-1918) - São Paulo de Agora (1919-1954)*. Prefácio de Gilberto Freyre, 4ª ed., São Paulo, Editora Hucitec, 1991, *passim*.

[22] Pietro BRAIDO, *Il sistema preventivo di Don Bosco*, p.106-132.

Os Salesianos privilegiavam o atendimento aos jovens mais pobres, conforme estabelecera Dom Bosco, seu fundador, que assim elencou os trabalhos a serem desenvolvidas por sua Congregação, ou seja:

- os Oratórios Festivos;
- as casas de assistência, com escolas para o ensino profissional e agrícola;
- as casas para aspirantes ao sacerdócio;
- os institutos para alunos internos e externos de aulas primárias e secundárias;
- e outras obras, que tenham por fim o bem da juventude.

Mas na própria Itália o quarto item desenvolveu-se, ainda no tempo de Dom Bosco, para atender a uma necessidade premente da educação católica, atingida duramente pelo movimento da unificação italiana, em nada pacífico em relação à Igreja. Para responder à orientação aconfessional e até anticlerical de inspiração liberal que o governo italiano imprimia às escolas, chegando até a proibir a instrução religiosa, Dom Bosco resolveu fundar escolas secundárias acadêmicas, para atender, principalmente, aos filhos da classe média baixa, da classe operária e agrícola.[23]

No Brasil, contudo, o item quatro tomou notável desenvolvimento, pois, logo em seus inícios, devido à pressão dos Bispos e dos seus benfeitores, quase sempre pertencentes a famílias influentes e abastadas, tiveram os Salesianos de abrir as portas de suas instituições ou "casas" para atender, também, a formação humanista, bacharelesca desses filhos, além dos primeiros seminaristas da própria Congregação.

Nessas escolas era adotado o **sistema educativo de Dom Bosco,** baseado na trilogia: **Razão, Religião e "Amorevolezza"** (sem correspondente em português, e que seria aproximadamente bondade, amabilidade, carinho...). O educador deve ter uma presença ativa, positiva, amiga e diuturna entre seus alunos. Trata-se de um sistema que evita pressões ou castigos físicos e procura reduzir, ao mínimo possível, até os castigos simbólicos, apelando para os recursos da inteligência, do coração e para o desejo de Deus que todo ser humano traz em si.

---

[23] Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale (1815-1870)*, p. 123-130. Bruno BELLERATE, Don Bosco e la scuola umanistica, in *Don Bosco nella Storia*, a cura de Mario Midali, p. 315-329. Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia cattolica: Vita e opera*, v. 1, 2ª ed., rev., p. 124-126.

Determinou Dom Bosco, ainda, as normas práticas para a aplicação desse sistema relativas à educação moral, religiosa, intelectual e profissional, física e higiênica. Regulamentou pormenorizadamente as funções do quadro de pessoal salesiano (diretor, prefeito ou vice-diretor e ecônomo, conselheiro escolar, conselheiro profissional, diretor escolar, chefe de oficina, professor e mestre de ofício, assistentes, despenseiro, provedores, encarregados do teatro, enfermeiros e pessoal externo).[24] No Brasil, foi sempre muito difícil preencher todas essas funções individualmente, devido à carência crônica de pessoal preparado. Esses elementos exigem uma estrutura física adequada para que os objetivos sejam operacionalizados com sucesso.

O sistema procurava, também, associar, numa experiência de vida, chamada "comunidade educativa", diretores, professores, jovens e funcionários, um clima de confiança e diálogo, procurando formar "bons cristãos e honestos cidadãos".[25]

O regime de internato entrou em decadência em favor dos externatos que se generalizaram, mesmo entre os Salesianos. Naturalmente, a prática do Sistema Preventivo que era vivido intensivamente nos internatos sofreu transformações sensíveis, no sentido de as relações entre educadores e educandos diminuírem de intensidade, inclusive de tempo e de espaço, em favor do predomínio das relações acadêmicas ou de ensino-aprendizagem.

Em suma, o objetivo deste trabalho é verificar a tradução e o desempenho em terras brasileiras e, em especial, na Província Salesiana de S. Paulo, da teoria e da prática educacional preconizada por Dom Bosco nas escolas, em regime de internato, até o esgotamento desse regime, ou seja,

---

[24] Conselheiro escolar era o coordenador de estudos e disciplina; Catequista, o coordenador da parte espiritual, religiosa, catequética e de saúde; Conselheiro profissional, o coordenador do ensino profissionalizante e de sua disciplina; Assistentes eram os encarregados de seções de alunos Maiores, Menores e Médios, chamadas também de *Divisões*. Cf. Pietro BRAIDO, Il sistema preventivo di Don Bosco, p. 32.

[25] Ricardo TONELLI, Impostazione della comunitá educativa in un contexto pluralista, in *Progettare l'educazone oggi con Don Bosco* a cura de Roberto Giannatelli, Seminario promosso dal Dicastesro per la Pastorale Giovanile della Direzione Generale "Opere Dom Bosco", in collaborazione com la Facoltà di Scienze dell'Educazione dell'Università Pontificia Salesiana (Roma, 1-7 giugno 1980), p. 43-88. Pietro BRAIDO, *La experinzia pedagógica de Don Bosco*, p. 145-150. Luciano PASSAGLIA, Il tema del lavoro, nell'esperienza di Don Bosco, in *Dom Bosco e la sua esperienza pedagogica*, a cura de Carlo Nanni, p. 122-127.

até meados dos anos setenta. Privilegiamos, aqui, o regime de internato, porque era esse considerado o modelo mais adequado para a prática educativa. Apesar de serem admitidos, os externatos eram considerados exceção pelo seu espaço limitado ao exercício intensivo da atividade educativa.

Hoje, a quase totalidade das escolas mantidas e dirigidas pelos Salesianos são em regime de externato. Existem, atualmente, dificuldades para a efetivação intensiva do Sistema Educativo Salesiano. Antes de discutir as deficiências desse regime, pretendeu-se verificar a experiência histórica do desempenho da aplicação do sistema preventivo de Dom Bosco nos internatos. Esse é o objetivo principal. Partindo do conhecimento dos resultados desse modelo, é possível traçar estratégias para, pelo menos, diminuir as deficiências do modelo externato, hoje funcionando de maneira intensa e prioritária, até que haja viabilidade para a instituição do modelo semi-internato ou de escola em tempo integral, que parece ser o mais adequado ao mundo moderno.

Pretende-se, ainda, neste estudo, ao mesmo tempo:

- coletar informações sobre a contribuição das escolas dirigidas pelos Salesianos à educação no Brasil;
- reunir informações sobre a eficácia educativa dos internatos.

## 3. METODOLOGIA

De acordo com o objeto de nosso estudo, que é de caráter quase totalmente histórico, a metodologia a ser utilizada será equacionada segundo os critérios exigidos pela investigação histórica. Grande parte dos dados serão provenientes de fontes primárias, como atas de reuniões dos conselhos das instituições, do Conselho das Províncias e de visitas dos altos dirigentes da Congregação Salesiana, cartas, crônicas, relatórios (manuscritos). Outra parte virá dos regulamentos, prospectos, anuários, das revistas das instituições e outros (impressos).

Normalmente, as fontes foram produzidas por pessoas envolvidas no processo educacional, pelos dirigentes, pelos colegas ou pelos amigos da obra educativa. Suas informações, notícias ou observações nem sempre são completas; às vezes, tentam minimizar ou, mesmo, excluir fatos desabonadores de pessoas ou das instituições ou, pelo menos, reduzir o impacto negativo que porventura possa causar-lhes. Isso constitui uma dificuldade para o historiador.

Naturalmente, ao pesquisador histórico não interessa colher todas as informações atinentes ao tema que deseja estudar, mas as que apresentam real significado para a consecução do objetivo proposto e que realmente existem e lhe são operacionalmente disponíveis, para tornar viável este trabalho. Para evitar o viés, procuramos *enxugar*, ou seja, eliminar o aspecto laudatório ou propagandístico e aproveitar o dado frio, na medida do possível, porquanto a neutralidade absoluta é um ideal praticamente inatingível, apesar de buscado pelo pesquisador, já que ele próprio é fruto da história sociocultural do ambiente.

Esse estudo não é de caráter histórico-descritivo em sentido estrito, porque foi realizada uma pesquisa entre os ex-alunos para avaliar a eficácia da educação escolar realizada em regime de internato. De fato, fizemos uma coleta de dados através de entrevistas e de observações, em alguns encontros anuais de ex-alunos realizados em outubro de 1995 e maio de 1996, procedentes, em sua quase totalidade, dos antigos internatos com perguntas, de forma semi-aberta, através de formulários ou questionários.

Quanto aos dados históricos, tivemos, ainda, à disposição material do Arquivo Salesiano Central de Roma, do Centro de Documentação e Pesquisa de Barbacena (MG), dos arquivos e das secretarias das instituições que foram sujeitos desta pesquisa.

Julgamos suficiente para os objetivos deste trabalho o universo de dados dos arquivos citados, que foram complementados por pesquisas em outras bibliotecas especializadas.

## 4. CONTEÚDO DO TRABALHO E SUA DISTRIBUIÇÃO

Esta pesquisa é dividida em três partes. Primeiro, procuro apresentar rapidamente o panorama histórico-socioeconômico em que foi desenvolvida a ação educativa salesiana sob o modelo de internato, para evitar a reconstruir este quadro todas as vezes que entrasse numa fase histórica diferente. O leitor já teria de uma vez este panorama e deixo a ele a evocação toda vez que ele julgar. Pode-se objetar que a apresentação antecipada deste quadro pode indicar uma distorção no sentido de pretender colocar alguns fatos antes dos outros. Mas o fazemos apenas no sentido metodológico.

Trata-se a segunda parte da construção do sistema educativo salesiano no Piemonte (Itália), por Dom Bosco, que aproveitou da experiência histórica católica e italiana e dela retirou os elementos que lhe pareceram próprios para o seu projeto.

A separação da segunda parte da terceira pode denotar a preocupação de tratar estas duas em separado como uma investigação da perfeição / imperfeição, ou diria melhor, adequação / inadequação do modelo transplantado às condições socioeconômico-culturais brasileiras.

E, finalmente, a conclusão em que elaboramos uma avaliação crítica da aplicação do Sistema Salesiano de Educação, no Brasil, nos internatos.

Enfeixarão o trabalho a bibliografia e cinco anexos.

# PRIMEIRA PARTE

## A SOCIEDADE E OS INTERNATOS NO BRASIL

Os educadores que cumprem uma vocação, e não mentem a si mesmos nem a seu povo, podem ser artífices privilegiados de uma sociedade menos violenta. Não viveremos sem violência, pois somos humanos; mas podemos viver com bem menos violência social do que a que aí está.

*Regis de Morais.*[1]

[1] Régis de Morais, *Violência e educação*, p. 110.

CAPÍTULO I

# ALGUNS ASPECTOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA DA SEGUNDA PARTE DO SÉCULO XIX ATÉ 1975

Os primeiros contatos dos Salesianos de Dom Bosco[2] com terras brasileiras deram-se em 7 de dezembro de 1875, quando da primeira expedição destinada à Argentina. Passando pelo Rio de Janeiro, ficaram estupefatos com o espetáculo que se lhe oferecia à vista: "Esta é uma das maravilhas do mundo". Decepcionaram-se, todavia, com a paisagem humana da cidade, escrevendo um deles: "Seus habitantes pálidos e magros, muito inferiores aos europeus! Os escravos numerosíssimos, descalços e rasgados, teciam juncos e faziam esteiras." E mais adiante: "Rio de Janeiro é uma cidade mais do diabo que de qualquer quem seja".[3]

---

[2] De Dom Bosco, trataremos mais adiante.

[3] Domingo TOMATIS, *ASC Carta* a FRANCESIA, 7/12/1875. "Rio Gianeiro (*sic!*) è una città più del diavolo che di chicchessia!"

Um ex-aluno do Oratório de Valdocco, de Turim, recebeu-os no porto do Rio de Janeiro e mostrou alguns pontos da cidade e, finalmente, levou-os ao bispo diocesano, Dom Pedro Lacerda.[4] Este os recebeu, de início, frio e reservadamente, desconfiado de serem napolitanos. Ao tomar conhecimento de que eram piemonteses e Salesianos de Dom Bosco, transformou-se em gentilezas e pediu a abertura imediata de contatos com seu Superior.[5]

Posteriormente, o dirigente da primeira expedição faria uma viagem exploratória até Belém do Pará, para tomar conhecimento da realidade brasileira e assim planejar a vinda dos Salesianos para o Brasil. Que país era este em que os Salesianos viriam trabalhar? Qual era sua estrutura política, econômica, educacional e religiosa? E como os dirigentes salesianos o viram e entenderam, pelo menos inicialmente? É o que se pretende mostrar neste capítulo.

## 1. ASPECTOS POLÍTICOS GERAIS

Operava-se uma profunda, embora lenta, transformação na vida da Nação, já presente na década de setenta do século passado, acelerando-se nos anos oitenta devido à ação de vários fatores, como: propaganda republicana, libertação dos escravos, chegada dos imigrantes, início da industrialização e da urbanização, questão religiosa[6] e entrada no país de novas Congregações religiosas. A elite agrícola, descontente pela ascensão dos bacharéis aos postos mais importantes e pela preferência do mo-

---

[4] A diocese do Rio de Janeiro compreendia então o Município Neutro, as Províncias do Rio de Janeiro, do Espírito Santo, de Santa Catarina e parte de Minas Gerais. Dom Lacerda escreveu, posteriormente, uma carta aos seus diocesanos pedindo auxílios para a fundação de um estabelecimento que ensinasse ofícios e artes para garantir trabalho para os rapazes menos favorecidos e proporcionar a muitos deles os meios de cultivarem as letras, preparando-se para receberem instrução mais elevada, caso não se contentassem com a condição de artesãos e operários. (Carta do Exmo. e Revmo. sr. Bispo do Rio de Janeiro em favor de um estabelecimento de Artes, Ofícios e Letras em Niterói, Colégio Salesiano Santa Rosa, *Projeções Epistolares; Preciosas recordações dos 25 anos,* p. 169-184). A carta vinha assinada em 22 de junho de 1883, poucos dias antes da chegada dos Salesianos ao Rio de Janeiro. O bispo mostrava estar ciente dos preconceitos contra o ensino profissionalizante e abria assim a possibilidade de também aqueles moços poderem seguir a alternativa acadêmica.

[5] Domenico TOMATIS, *ASC Lettera* FRANCESIA, 7/12/1875; *MB* XII 19-30. O bispo percebeu logo que não haveria dificuldades da parte do Governo Imperial que não queria frades, porque os Salesianos se dedicavam à juventude pobre e porque não traziam distintivo que os diferenciasse do clero diocesano. *Ibid.*, p. 539.

[6] A questão religiosa envenenou o ambiente e abalou profundamente o relacionamento do clero e das lideranças católicas com o regime. A Questão Religiosa esfriara as relações dos Bispos e do

narca por eles,[7] e pela abolição da escravatura, abandonava o Imperador, desinteressando-se de sua sorte.[8] O regime monárquico parecia esgotado e chegava ao fim.[9]

Foi pouco o tempo em que os Salesianos viveram neste regime, com o qual, aliás, estavam mais sintonizados, uma vez que procediam de um país monárquico. A mudança de regime político não afetou os Salesianos do Brasil.[10]

A fase republicana que sucedeu ao Império caracterizava-se, em seus aspectos gerais, pela instabilidade política, social, econômica e educacional.

O coronelismo, herdado dos membros dirigentes da Guarda Nacional, durante a Primeira República, foi a base de sustentação da estrutura do poder e será o ponto mais alto da chamada "política dos Governadores", os quais, por sua vez, se transformaram em eleitores dos Presidentes da República. A política girou em torno de dois grandes Estados – Minas Gerais e São Paulo – formalizada na "política do café-com-leite", só rompida em 1930 com "outra dieta, a dieta do chá". No final da primeira República, segundo expressões de NAGLE, "o proclamado Estado Liberal Brasileiro foi gradati-

---

Clero com o Imperador, mas não foi suficiente para arrastar a Igreja para a campanha republicana, devido ao liberalismo religioso radical e até ao anticlericalismo de muitos líderes republicanos (BARBOSA, Manoel, pe., *op. cit.*, p. 279-282). A posição da Igreja parecia dúbia, ambivalente: de um lado aparentava satisfação porque o regime de união com o Estado era *o ideal teologicamente sustentável*; de outro lado, sentia-se constrangida, porquanto, no plano existencial, tal regime diminuía a liberdade de ação e lhe comprometia a vitalidade. Cfr. Oscar de Figueiredo LUSTOSA. *Separação da Igreja e do Estado no Brasil (1890; uma passagem para a libertação. Revista Eclesiástica Brasileira*, 139 (35): 629 e Pedro CALMON, *História da Civilização Brasileira*, p. 259-268.

7 Com a tendência ao esvaziamento da grande lavoura, os melhores elementos dirigentes desviaram-se para outros setores de atividade. Os lavradores enriquecidos orientavam os filhos para a jurisprudência e a medicina, preferivelmente a primeira. Multiplicaram-se os bacharéis. O desenvolvimento do serviço público veio propiciar oportunidades nos altos escalões (Assembléias Legislativas e o Senado, Presidências Provinciais...).

8 Oliveira VIANNA. *O occaso do Imperio*, p. 75-79.

9 Gilberto FREYRE, *Casa-Grande e Senzala*, v. 2, p. 176. Sérgio Buarque, HOLANDA e Pedro Moacyr CAMPOS, *O Brasil Monárquico (Declínio e queda do Império)*, p. 120-132, 235-259, 275-276, 283, 289, 336-337.

10 Para maiores informações, vide Manoel ISAÚ, *Liceu Coração de Jesus; cem anos de atividades de uma escola numa cidade dinâmica e em contínua transformação*, p. 69-70, 81, 86-90, etc. Em sua dissertação de mestrado, intitulada *O ensino profissional nos estabelecimentos de ensino dos salesianos*, PUC/RJ, 1976, o mesmo autor apresenta não somente fatos de bom relacionamento com o governo republicano, mas até íntima colaboração, tendo um de seus membros sido presidente do Estado de Mato Grosso. Dom Francisco de Aquino Corrêa.

vamente se transformando no Estado Repressivo, de tendência nitidamente policial" (leis de imprensa, normas de combate ao anarquismo e às rebeliões, constantes execuções de estado-de-sítio, etc.). O ponto culminante do processo resumiu-se no crescimento do setor industrial apoiado pelo Estado, na ampliação das classes médias, diversificando o meio social estratificado, e no fenômeno da urbanização. O voto era considerado um ato de vassalagem, isto é, de adesão às oligarquias políticas dominantes.[11]

No terceiro decênio do século, surgiu o tenentismo, que consistiu num movimento de esforço das classes médias no sentido de participar da estrutura do poder da sociedade brasileira.[12]

A Revolução de 30 assinalou queda da primeira República. Mas o tenentismo e o inconformismo operário levam a um impasse, obrigando os segmentos agrários e urbanos vitoriosos a um recuo. A Igreja retorna à cena política, mostrando-se importante no jogo de forças da época. As revoluções de 1932 e as eleições de 1933 e 1934 marcam a vitória da oligarquia. Uma nova Constituição foi elaborada. Após os acontecimentos de 1935 e 1937, Getúlio Vargas alia-se a setores rurais e parte do Exército e restabelece aparentemente a velha situação; em 1937, Getúlio estabelece o Estado Autoritário (Estado Novo: 1937-1945). Mas o sistema político continua dominado pelas "classes tradicionais". Nesse período, o proletariado com as classes médias emergentes (trabalhadores assalariados dos serviços urbanos – bancos, comércio, propaganda, transporte, comunicação – da administração das empresas industriais, funcionários do Estado, civis e militares, profissionais liberais)[13] exerceram ação ainda limitada, apesar de alguma abertura alcançada.[14]

Com o término da Segunda Guerra Mundial e a queda de Getúlio Vargas, deu-se início à restauração da democracia (Quarta República, com nova Constituição, a quarta de todo o período republicano). Mas a instabilidade político-social continuou a agravar-se, inclusive com conseqüências econômicas, instaurando-se o regime militar (Quarta República: 1964-1985), em cujo período se encerra a experiência do regime de internato (1975).

---

[11] Jorge NAGLE, *Educação e sociedade na Primeira República*, p. 4-8.

[12] Id., *op. cit.*, p. 74-75.

[13] Esta classificação é de Décio A. M. SALES, Classe média e política no Brasil, 1930-1964, *História Geral da Civilização Brasileira, O Brasil Republicano; Sociedade e Política* ,v. 3, p. 451.

[14] Edgar CARONE, *A Segunda República*, São Paulo, p. 6.

A convivência dos Salesianos com os governos republicanos foi pacífica e de colaboração, jamais de enfrentamento. Somente com a Quarta República (os governos militares depois de 1964), houve um arrefecimento, algumas escaramuças (no Nordeste), sem repercussões significativas.

## 2. TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS

No **campo econômico**, a cultura do café, a transição do trabalho servil para o trabalho assalariado, a imigração e, finalmente, a passagem da grande para a média e a pequena propriedade provocavam transformações no "status" da sociedade patriarcal. A perda do poder econômico abalou o poderio quase absoluto dos senhores, acostumados como estavam à estrutura patriarcal escravocrata. Já o trabalho livre implicava construção de moradias, além do capital de giro indispensável ao pagamento de salários. O sistema de parceria e do colonato exigia grandes investimentos no setor da imigração européia, o que ocorreu em São Paulo, já no final do Império.[15]

As estradas de ferro estavam vinculadas ao café e eram construídas em função dos interesses dos fazendeiros de café, desempenhando, especialmente nos estados sulinos, também um fator de fixação do povoamento de grandes áreas do Estado de São Paulo (Paulista, Sorocabana, Noroeste, Mojiana, Alta Paulista, Média Mojiana, etc...).[16]

No **campo social**, as diferenças regionais eram significativas e já mostravam agudos contrastes:

- nos campos, as casas-grandes dos senhores sobranceiras dominando as senzalas, ou seja, os casebres dos escravos;
- no centro da cidade, sobrados ou palácios principescos; nos arrabaldes, os mocambos ou cortiços de negros;
- cultura européia e indígena, européia e africana, africana e indígena;
- economia agrária e pastoril, agrária e mineira;

---

[15] Edgar CARONE, *op. cit.*, p. 40, 86-87, 142-143, 176, 235-237 e Heitor Ferreira LIMA, *História político-econômica do Brasil*, p. 176, 235-247.

[16] Sergio Buarque de HOLANDA e Pedro Moacyr CAMPOS, *op. cit.*, p. 40-41, 58-59.

- diferenças sociais: o católico e o herege;[17] o padre e o fazendeiro;[18] o bandeirante;
- e o senhor de engenho,[19] o grande proprietário e o pária, o bacharel (que ascendia aos cargos políticos e administrativos) e o analfabeto, e o maior dos antagonismos e o mais profundo: o senhor e o escravo.[20]

O povo simples, pobre, porém, vivia às margens do regime. A tentativa de transformar o negro escravo em trabalhador livre a serviço das fazendas fracassava. Para substituí-lo nas fazendas de café,[21] apelava-se para a importação da mão-de-obra européia que se instalou como meeiro nas fazendas, que cresciam e se modernizavam.[22] A maioria dos negros, constituindo um subproletariado desqualificado, refluía para as cidades, onde não encontravam empregos, mas engrossavam os mocambos.[23]

A entrada de sangue novo provocou modificações no sistema social conservador, elitista e escravista, abrindo caminho para as idéias libe-

---

[17] FREYRE faz notar que a ortodoxia católica, se era uma condição de unidade política pelo colonizador do Brasil, não se confundia com a pura xenofobia, porquanto o português sempre se mostrou plástico e inquieto mesclando elementos tanto de raça quanto de burguesia quanto de plebe, e até de traços da cultura moura e mourisca. Por outro lado, mantinha relações comerciais com os ingleses que eram protestantes. Cfr. *Casa-Grande e Senzala,* p. 365-403.

[18] O padre muitas vezes era o capelão e morava na casa-grande. No Segundo Império, a pressão contínua dos Bispos, incentivada pela autoridade central da Igreja Católica, foi libertando o padre da submissão ao senhor de engenho ou grande fazendeiro, procurando coibir a celebração das Missas nos oratórios das casas-grandes, para afastá-lo da "*vida turca e debochada dos senhores de engenho*". Cfr. *op. cit.*, p. 719-720.

[19] Na História Pernambucana, era conhecida a rivalidade entre o pernambucano, o elemento nativo, e o mascate, o português, normalmente comerciante, rivalidade que perdurou por todo o Império e entrou na República.

[20] O senhor de engenho, o fazendeiro, o grande proprietário mantinham ainda na época o estilo de vida patriarcal. O mascate, normalmente filho de português, conseguia enriquecer-se e casar-se com as filhas dos grandes senhores de engenho e dos fazendeiros.

[21] Carlos Guilherme MOTA mostra como a queda dos preços do café, as oscilações cambiais, a depressão do comércio algodoeiro, a grande seca de 1877/79, os encargos financeiros assumidos na Guerra do Paraguai, o agravamento do problema servil, o clima psicológico criado pela lei do Ventre Livre repercutiram na vida política (e naturalmente na vida social da Nação). Vide *Brasil em perspectiva*, p. 142-143.

[22] Manoel ISAÚ, O *ensino profissional nos estabelecimentos de educação dos salesianos,* p. 38-39. Ainda: Maria Luiza MARCILIO, e outros, *Crescimento populacional (histórico e atual) e componentes do crescimento demográfico* (fecundidade e migrações), p. 24, Caderno 16; Manuel DIÉGUES JÚNIOR, *Imigração, urbanização, industrialização*, Rio de Janeiro, p. 53; 60-61; Caio, PRADO JUNIOR, *História econômica do Brasil*, p. 199-191.

[23] Roger BASTIDE, BRASIL, *Terra de contrastes*, p. 136-137; HOLANDA, Sergio Buarque, *op. cit.*, p. 133-137 e também v. 3, p. 297-319. Aliás o 2.º capítulo é todo dedicado pelo ex-professor ao assunto, intitulado *Da escravidão ao trabalho livre*, p. 135-322.

rais que realçavam o individualismo, a liberdade, a idéia de propriedade, o Estado "Laisser-Faire", o êxito e o progresso.[24]

O setor urbano sofreu transformações, graças ao incremento imigratório após o movimento abolicionista, que favoreceu o encaminhamento de imigrantes para as cidades.[25] Em São Paulo, o fenômeno tomou feições especiais, quando da desintegração do regime servil. O café, em pleno desenvolvimento, transformou a cidade em centro de elaboração comercial, provocando o desvio de capitais, antes utilizados na aquisição de escravos, para a concentração urbana e, de outro lado, para lançar as bases de sua industrialização e da urbanização. São Paulo passou de 47.697 habitantes em 1886, para 239.820 em 1900, 375.439 em 1910, 587.072 em 1920, 887.810 em 1930, 1.650.000 em 1945.

Os fazendeiros de café, tornando-se empresários, foram forçados a estar mais perto do centro de comercialização, isto é, da cidade, onde construiriam seus belos sobrados. Passaram a gastar nela parte de suas rendas. Assim, o setor de serviços, o artesanato, o comércio varejista podiam desenvolver-se.[26]

Os artesãos, operários e muitos dos empresários eram estrangeiros. As famílias brasileiras, proprietárias de terras, normalmente dedicavam-se à agricultura. Os poucos membros que não o faziam dirigiam firmas a ela associadas. Alguns preferiam as carreiras liberais.[27] Apareceram os cortiços e os mocambos. A jornada de trabalho dependia da vontade do patrão. Aos aprendizes eram aplicados até castigos corporais.

Na Segunda República, a agricultura continuou ainda como a forma econômica dominante, apesar da queda do café, provocada pela Crise

---

[24] Manoel ISAÚ, *op. cit.*, p. 39. Jether Pereira de CARVALHO, *Colégios protestantes no Brasil, passim* e Maria do Carmo Campello de SOUZA, O processo político-partidário na Primeira República, in: MOTA, Carlos Guilherme, *op. cit.*, p 167.

[25] Manuel, DIÉGUES JÚNIOR, *op. cit.*, p. 233. As cidades principais brasileiras, como Rio de Janeiro e, especialmente, São Paulo tiveram crescimento populacional impressionante, o que não aconteceu com as do Nordeste, Recife e Salvador. As transformações na paisagem urbana e industrial afetavam o sistema patriarcal com maior força e profundidade mais nos estados sulinos que nortistas e nordestinos.

[26] Paul Israel SINGER, *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*, p. 37.

[27] Warren DEAN, A *industrialização de São Paulo (1880-1945)*, p. 12; Edgar CARONE, *A Velha República; instituições e classes sociais*, p. 191-210. Luís Lasagna, escrevendo a Dom Bosco, refere-se ao problema da desumanidade dos patrões. *ASC* A 142 39 62, Lettera LASAGNA - DON BOSCO, Carta de 06.08.1883, in: Luigi LASAGNA, *Epistolario*, p. 150-155.

de 1929, que forçou os estados e os produtores a solicitar ajuda da União (protecionismo alfandegário).[28] A crise na Bolsa de Nova York afetou o café, que, apesar de aumentar quantitativamente, perdeu valor monetário.[29] Esta crise atingiu duramente os internatos salesianos, como veremos posteriormente.

Nota-se, entretanto, no setor terciário, lento crescimento da população ativa de 20% em 1920, para 21,8% em 1940, para 23,4% em 1950 e 23,8% em 1960. Nos *serviços de produção*, complemento das atividades industriais, a população teve o mesmo ritmo, ou seja, de 7,8% em 1920; para 9,2% em 1940; 10,4% em 1950 e 11,5%, em 1960. Já nos serviços de *consumo individual*, cujas relações com a acumulação de capital na indústria são mais distantes, quase não houve evolução significativa, pelo contrário: 5% da população economicamente ativa em 1920, 6,8% em 1940 e 6,3% em 1960. Já os serviços domésticos, de baixa produtividade e de caráter "pré-capitalista", evoluíram negativamente no conjunto dos serviços de consumo individual, 76% em 1920, 76,8% em 1940 e 67,3% em 1960. Por outro lado, os profissionais liberais cresceram, entre 1959 e 1969, de 78.730 para 283.000, o que sugere aumento de sua participação relativa no conjunto dos "serviços de consumo individual".[30]

## 3. TRANSFORMAÇÕES EDUCACIONAIS

No Império, dedicavam-se cuidados quase exclusivos ao ensino superior, permanecendo o ensino primário em situação semelhante à da era colonial. Apesar de ter investido somas de certo vulto, o sistema educativo imperial atingia apenas a uma reduzidíssima parte da nação, ou seja, a classe privilegiada.[31] As escolas primárias chegavam a 2% da clientela escolar (4% em 1902) e o analfabetismo atingia a 85,21% da população, percentagem esta que baixou para 74,59% em 1902.

---

[28] Edgar CARONE, *op. cit*, p. 5-8.

[29] Id., *op. cit.*, p. 14 (tabela). Este dado repercute nos internatos que sofrem pesados prejuízos, gerados pela insolvência dos pais dos alunos.

[30] Décio A. M. SALES, Classe média e política no Brasil, in: Boris Fausto, *História Geral da Civilização Brasileira; O Brasil Republicano; Sociedade e política (1930-1964)*, v. 3, p. 450-451.

[31] Afranio PEIXOTO, A educação nacional e a sua organização, in: *O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a educação*, v. 1, p. 213.

A liberdade de iniciativa particular, consagrada no campo do ensino primário pela lei de 20 de outubro de 1823, que sancionara também o decreto das Cortes Portuguesas de 21 de junho de 1821, permitia "a qualquer o ter Escola aberta de primeiras letras sem dependência de exame ou de alguma licença". O § 24 do art. 174 da Constituição Outorgada de 1824 declarava livre qualquer gênero de trabalho, indústria ou comércio que não se opusesse "aos costumes públicos, à segurança e saúde dos cidadãos". A leis sucessivas abriam caminho para o desenvolvimento do ensino particular, especialmente Leôncio de Carvalho, pelo Decreto 7.247, de 19 de abril de 1879, concedia ampla liberdade de abrir escolas e cursos de todos os tipos e níveis, "salva a inspeção necessária para garantir as condições de moralidade e higiene".[32]

As escolas particulares aprimoravam o ensino secundário e faziam propaganda do êxito alcançado por ocasião dos exames preparatórios. Expandiram-se, quantitativamente, acusando esmagadora superioridade sobre o ensino público do mesmo nível, beneficiando, significativamente, ainda, os meninos pobres que eram atendidos gratuitamente.

O grande número de escolas particulares[33] e a grande fama de algumas delas favoreciam a crença de libertar o ensino de livre iniciativa de todos os vínculos legais. A liberdade de abrir escolas, sem prévia autorização do governo, e a liberdade de ensino facilitavam seguidores das diferentes confissões religiosas e os interesses da colonização. Ao Brasil haviam acorrido muitos imigrantes americanos de diversas seitas cristãs, cujos pais queriam educar os filhos de acordo com a própria confissão religiosa.[34]

Criou fama, em todo o Império, o Colégio Abílio do Rio de Janeiro, fundado por Abílio Cesar Borges, Barão de Macaúbas, que fundou ainda o

---

[32] Maria de Lourdes Mariotto HAIDAR, *O ensino secundário no Império Brasileiro*, p. 189.

[33] Maria de Lourdes M. HAIDAR, *op. cit.*, p. 202. Na Província de São Paulo, destacavam-se o Liceu Alemão (1867), o Externato Santa Cecília, o Colégio Paulistano (1885) e os seguintes, a maioria de orientação positivista e/ou apoiada por maçons, como o colégios Glória (1861), o Ateneu Paulistano na rua do Carmo, e o Colégio Culto à Ciência na Chácara dos Ingleses (1862) o Pritaneu Literário (1863), o Ginásio Literário (1865), o Emulação, o Ipiranga, o Rangel Pestana (1878), na Capital Paulista; o Delgado e o Ituano, 1863 (Itu), o Brasileiro, o Júlio Ribeiro (Capivari, 1883) e Colégio Culto à Ciência (Campinas - 1874) e católicos como o Colégio São Luís (Itu - 1867) e o Patrocínio das Irmãs de São José de Chambery.

[34] Para maiores detalhes, consulte-se Maria de Lourdes Mariotto HAIDAR, *O ensino secundário no Império Brasileiro*, 1972.

Ginásio Baiano e o Colégio de Barbacena. O Barão distribuía, gratuitamente, às escolas públicas e particulares de todo o país centenas de milhares de livros didáticos, fato ridicularizado por Raul Pompéia em seu livro *Ateneu*, especificamente sobre o Colégio Abílio, de que falaremos adiante.

Só a partir do final dos anos 70 é que os estabelecimentos de ensino secundário feminino começaram a ter melhor êxito, especialmente as escolas protestantes, como o Colégio Progresso, a Escola Americana e o Colégio Piracicabano. Na Escola Americana, eram proibidos os castigos corporais, realçava-se "o estudo da Fisiologia, necessário à conservação da saúde, ao desenvolvimento físico e à formação de costumes puros", obrigatório para os alunos. A razão, porém, da criação dessa escola foi a impossibilidade em que se encontravam as crianças não-católicas de freqüentar as escolas públicas por questões de intolerância religiosa.[35]

A Constituição de 1891, ao manter a liberdade de que gozavam as Províncias de criar instituições de ensino secundário, deteve a política centralizadora que o Império desenvolvia.[36] Não sendo considerado parte integrante da instrução na legislação do ensino, salvo o curso normal, estava o ensino profissionalizante quase todo relegado às instituições de iniciativa particular. As profissões manuais e mecânicas, por serem exercidas por humildes artesãos e escravos, não gozavam de prestígio algum. A freqüência aos cursos comerciais era insignificante. Os próprios imigrantes, apesar de prendados de mentalidade e experiência técnica e com isso concorrerem para o desenvolvimento industrial do Brasil, viam-se em dificuldades, devido ao afastamento da classe média, pelo fato de eles, imigrantes, exercerem profissões manuais, acometidas, então, aos escravos e, posteriormente, desprezados por serem estrangeiros.[37]

O Estado de São Paulo, por exemplo, investia pouco no ensino secundário. Até 1920, havia apenas quatro escolas ginasiais oficiais em todo o Estado.[38] Nas décadas de 30 e 40, verificou-se, em alguns países do mundo, o crescimento da escola secundária, como se chamava então, re-

---

[35] Cfr. Ernani Silva BRUNO, *op. cit.*, p. 1270-1271.

[36] Maria Thetis NUNES, *Ensino secundário e sociedade brasileira*, p. 94.

[37] Celso Suckov da FONSECA, *História do ensino industrial*, v. 2, p. 313; v. 1, p. 127-141, 162-169. Ainda Maria de Lourdes Mariotto HAIDAR, *op. cit.*, p. 172.

[38] Dois na capital, um em Campinas e outro em Ribeirão Preto. Cfr. Eugenio Egas, *Galeria dos Presidentes de S. Paulo, período republicano (1889-1920)*. Publicação Oficial do Estado de S. Paulo, comemorativa do 1.° Centenário da Independência do Brasil, v. 2, p. 509.

produzindo o fenômeno observado também na França e na Itália, onde o crescimento foi da ordem de 300%; na Inglaterra, de 300% entre 1915 e 1935; e, nos Estados Unidos, nas quatro décadas do século XX, de 1.000%. Em 1929, havia no país seis escolas secundárias federais, vinte e quatro estaduais, dez municipais[39] e mil e noventa particulares.[40]

Na segunda década do século XX, desencadearam-se movimentos nacionalistas, fomentados pela Primeira Grande Guerra, com ação no campo educacional, divulgando-se livros didáticos de acentuado fervor patriótico. Promotora desses movimentos foi a Liga de Defesa Nacional, a que se uniram outras semelhantes, como a Liga Nacionalista do Brasil, a Liga Nacionalista de São Paulo, cujo núcleo de idéias convergia para a defesa da unidade nacional, para a efetividade do voto, para o desenvolvimento da educação cívica, da educação primária, secundária e profissional. A Liga Nacional de São Paulo acentuou o combate ao analfabetismo, que dificultava a manifestação da vontade política. A Liga da Defesa confundiu-se com a questão do Serviço Militar Nacional e a Nacionalista de São Paulo com o nacionalismo político, sendo um dos pontos de seu programa o catolicismo.[41]

No Brasil o aumento da escola secundária atingiu 490%, de 1933 até 1950, fenômeno não justificado pela política educacional adotada, nem pelo crescimento populacional, e sim pelo início da mudança do predomínio da estrutura agrária intensiva para a estrutura industrial. Tal fenômeno provocou o deslocamento horizontal de consideráveis contingentes de população campesina para as cidades com conseqüências sociais e educacionais; com o deslocamento vertical de significativas parcelas de recursos humanos das atividades primárias para as secundárias e, dessas, para as terciárias e com a integração de populações significativas no binômio produção-consumo. A escola primária já não bastava e a demanda pela escola secundária acentuou-se, porque conferia "status" e até por ser considerada esta última o caminho real para a universidade.[42]

---

[39] Entre elas o Colégio São Joaquim, que passou a ser chamado Ginásio Municipal São Joaquim.

[40] Jorge NAGLE, *Educação e sociedade na Primeira República*, p. 291.

[41] Jorge NAGLE, *op. cit.*, p. 44-51.

[42] Amaury Pereira MUNIZ e Maria Zely de Souza MUNIZ, *Uma nova Universidade; estrutura didática – 1, Curriculum*, v. 5 (1): 5-24, jan.-mar. 1976.

# 4. TRANSFORMAÇÕES RELIGIOSAS

## 4.1. O regime monárquico e a Igreja Católica: regalismo, deísmo, "placet"

A legislação imperial apresentava-se como uma simbiose forçada de elementos heterogêneos e até contrastantes, que se prestavam a interpretações laicistas e nacionalistas de posições fortemente ligadas a uma sociedade sacralizada e universalista não mais existente.

O regalismo, herança do Marquês de Pombal, realçou o superdomínio do Estado sobre a Igreja, seus pastores, sua organização, sua doutrina e sua vida religiosa. A Igreja sentia-se oprimida, uma vez que ao Estado se atribuía o direito de policiar e de intervir sobre o culto, sobre a doutrina e sobre a disciplina da Igreja. A esta situação conformaram-se os elementos mais representativos, uma vez que a Igreja Católica era uma instituição social, integrada no Estado e a ele subordinada, segundo o instituto do padroado, pois seus ministros eram funcionários públicos, em força do regime de padroado.[43] Com este regime, o catolicismo brasileiro, segundo AZZI, adquiriu uma conotação de grande participação popular, passando a religião a constituir o patrimônio cultural do próprio povo.[44] O resultado foi o espírito mundano, o desprestígio do clero,[45] o fermento

---

[43] Manoel BARBOSA. *A Igreja no Brasil; Notas para a sua história*, p. 276-279. O Conselheiro Nabuco de Araújo escrevera no laudo lavrado por ocasião da questão religiosa: "O Bispo é um empregado público (Ato Adicional); a origem divina das suas funções constitui uma especialidade de seu cargo, mas não exclui outros caracteres: assim a intervenção do governo na nomeação; o só poder ser exercido por cidadão brasileiro; o ser dotado pelo Estado por côngruas e outros emolumentos ter em muitos casos relações e efeitos civis; o ser também do interesse do Estado, porque a religião, a que o cargo se refere, é religião do Estado e é oficial". (Vicente TAPAJÓS, *História do Brasil*, 4.ª ed., p. 339). A hierarquia católica sofrera a influência do regalismo francês através da Universidade de Coimbra, já que os filhos das elites aí estudavam, gerando o fermento anticlerical, de início latente, depois aberta pela revolta à autoridade eclesiástica.

[44] Honório ROGRIGUES, prefaciando Rio AZZI, *Os Salesianos no Brasil; os primórdios da obra salesiana (1875-1884)*, v. 2, p. 15.

[45] Arlindo RUPERT, Os Bispos do Brasil no Concílio Vaticano II, *Revista Eclesiástica Brasileira*, 29 (1): p. 103-120. Flagelo para as dioceses do Brasil, especialmente do Sul, eram os sacerdotes vagos ou peregrinos, nada instruídos e avidíssimos de dinheiro e imorais, oriundos principalmente do Portugal e da Itália Meridional (Reino de Nápoles) que *como nuvens de gafanhotos atravessavam os mares* e vinham *fazer a América*. Gabriele de Rosa apresenta um estudo sobre o problema do clero italiano no centro da Itália, na época da Restauração e Unificação do país, em que a "*moderna civilitas*" afetava o próprio clero, pois "vários sacerdotes se comportavam 'more laicorum' e se dedicavam aos negócios: podiam-se ver muitos viverem em concubinato e entrar publicamente em casa da própria mulher, levando pela mão filhos e filhas". O clero do sul da Itália passava então por grandes dificuldades econômicas e, por isso, talvez emigrasse para a América do Sul esperando

anticlerical,[46] a aproximação da Igreja com a Maçonaria, pois ambas procuravam melhorar a sociedade.

O Imperador, porém, já percebia a impossibilidade de manter um Estado confessional, mas não aceitava a tese da sujeição à Igreja. O Estado, apesar de reconhecer sua incompetência na esfera espiritual, atribuía a si o direito de traçar os limites entre o temporal e o espiritual, através do instituto do "placet". Os ultramontanos, por sua vez, propugnavam o contrário, ou seja, a supremacia da Igreja sobre o Estado. A tensão entre as duas tendências já vinha de longe e o episódio da suspensão do Pe. Almeida Martins levou à abertura do conflito que se chamou de "Questão Religiosa".[47]

Caiu a freqüência da vida sacramental, motivada pelo espírito jansenista. O número diminuto de padres privou muitos cristãos da instrução catequética e da assistência espiritual. Jesus Cristo não era aceito como Deus, mas como um simples homem, uma grande personalidade histórica.[48]

Nesse ambiente, eram formadas as classes dominantes, intelectuais e políticas, tornando-se cada vez menos cristãs e cada vez mais deístas. O regalismo e o anticlericalismo, pois, afetavam não só a independência da Igreja, mas até a sua própria "doutrina pela penetração da noção racionalista de Jesus Cristo e concepção deísta de Deus nos meios culturais e políticos".[49] O materialismo e o ateísmo atingiam a mocidade do alto das cadeiras dos nossos liceus e academias. Propagou-se, por toda a parte, o princípio de que a ciência é a antítese da fé.[50] A vida monástica sofreu pesadas perdas, só compensadas com a chegada de novas ordens e congregações religiosas já no final do Império, nos governos eclesiásticos de D. Pedro de Lacerda e D.

---

poder sobreviver, já que ali havia grande carência de sacerdotes. Vide DE ROSA, Gabriele, *Ricerche di Storia Sociale e Religiosa*, nuova serie, 24 (1983) 115-132.

[46] Antonio da Silva. FERREIRA, Uruguay e Brasile visti dalle lettere di Teodoro Massano (1881-1888), *Ricerche Storiche Salesiane*, a. 2 (3): 321-323, Luglio-Dicembre, 1883.

[47] Sérgio Buarque de HOLANDA e Pedro Moacyr CAMPOS, *História Geral da Civilização Brasileira; O Brasil Monárquico – Declínio e queda do Império*, v. 4, Livro IV, cap.I e II. O autor desses capítulos é Roque Spencer Maciel de Barros.

[48] Antonio Leme MACHADO, Côn., *Apontamentos de História da Igreja no Brasil*, p. 113-120. Nota-se nos romances de José Lins do Rego e nas obras de Gilberto Freyre a semelhança dos quadros religiosos teóricos a esses aqui traçados e presentes no seio do sistema patriarcal.

[49] Antonio Leme MACHADO, Côn., *loc. cit.*

[50] Assim traçava D. Antonio Macedo COSTA, em agosto de 1888, o perfil da vida brasileira em *A liberdade de cultos - Representação à Assembléia Geral Legislativa pelo Bispo do Pará - 1888*, p. 206. Cfr. Também Manoel BARBOSA, *A Igreja no Brasil*, p. 283-284, 279, 283-284.

Lino Deodato de Carvalho e com a revogação da Circular de 19 de maio de 1855, assinada pelo ministro da Justiça, Nabuco de Araújo, proibindo a entrada de noviços nos conventos do Império, pelo decreto n.º 119-A, de 7 de janeiro de 1890, que extinguiu a legislação regalista imperial em cujas malhas o governo trazia, presa e manietada, a Igreja à qual estava unido.[51]

## 4.2. A Primeira República e a Igreja Católica: a libertação da Igreja, as Pastorais dos Bispos e os primeiros projetos de ação educativa do episcopado

Logo no começo do processo de secularização, surgiu a primeira Pastoral Coletiva do Episcopado brasileiro, que, entre outras medidas, orientava os católicos a bem "aplicar a liberdade da Igreja em si" e a liberdade concedida pelo Regime Republicano. A Igreja passou de aí em diante da marginalização para a ação positiva, incentivando os católicos à participação coletiva a fim de garantir, na Câmara e no Senado, votos favoráveis às suas reivindicações sociais fundamentais, especialmente no setor familiar (problema do casamento civil) e educacional (problema do ensino leigo).[52]

---

[51] Manoel BARBOSA, *A Igreja no Brasil*, p. 293. Durante o regime monárquico, ou seja, durante 67 anos, só houve criação de três dioceses. Ao final do Império, tinha o Brasil um só arcebispado e 11 bispados. Mesmo assim, não havia definições claras dos limites territoriais de cada um deles (cfr. Raymundo TRINDADE, Archidiocese de Marianna: *Notas para a sua história*, v. 1, p. 109-131; ainda José de Sousa AMADO, *História da Igreja Catholica em Portugal, no Brasil e nas possessões portuguezas*, Lisboa, *passim*; para mais informações ver Antonio Leme MACHADO, *Apontamentos de História Eclesiástica no Brasil*, p. 142; também João Camilo de Oliveira TORRES, *Democracia Coroada: Teoria política do Império do Brasil*, p. 406). D. Luís Antônio dos Santos, Arcebispo da Bahia, mestre e amigo de Rui Barbosa sugeriu a este entender-se com D. Antônio de Macedo Costa, seu coestaduano, que reataram amizade, e dos encontros entre os dois nasceu o Decreto de 7 de janeiro de 1890, que acabou com o padroado e encerrou uma fonte de longos atritos (vide Manoel BARBOSA, *op. cit.*, p. 285-295). Dom Macedo Costa, em seu livro *O Barão de Penedo e sua missão a Roma*, 264 p., ao refutar esse diplomata, relata resumidamente as relações da Igreja com a Monarquia. Cfr. Ainda LUSTOSA, Oscar de Figueiredo, *op. cit.*, *passim*.

[52] Manoel BARBOSA, *passim*. A Igreja, apesar de titubeante de início, soube aproveitar da liberdade em boa hora advinda. Quatro anos depois, foram criadas uma arquidiocese (Rio de Janeiro) e mais três dioceses. Em 1900, já havia 17 dioceses e 1.589 paróquias. Assim estavam distribuídas as paróquias, em 1900: Alagoas, 30; Amazonas, 10 (8); Bahia, 146 (139); Ceará, 74 (69); Espírito Santo, 22 (15); Goiás, 25 (22); Maranhão, 44 (43); Mato Grosso, 14 (12); Minas Gerais, 473 (446); Pará, 46 (38); Paraíba, 44; Paraná, 26; Pernambuco, 75 (74); Piauí, 29 (28); Rio de Janeiro, 87; Rio Grande do Norte, 31; Rio Grande do Sul, 97 (88); Santa Catarina, 28 (26); São Paulo, 208 (164) e Sergipe, 31 (27). Em 1889, havia 1.474, havendo um aumento real de 115 paróquias! As datas entre parênteses referem-se ao ano de 1889.Esses dados foram levantados do ANUÁRIO CERIS, de 1989, segundo as datas da fundação de cada paróquia. O aumento do número de paróquias e conseqüentemente o de párocos aumentou a concorrência com o poder do sistema patriarcal.

A *Pastoral Collectiva* de 1907 já determinava que "nas grandes cidades e principalmente nas que possuírem universidades, liceus e ginásios, se fundassem escolas de religião, destinadas a instruir sobre as verdades da fé e os preceitos da vida cristã à mocidade que freqüenta as aulas públicas, das quais foi banido todo o ensino religioso".[53]

Já a *Pastoral Colletiva* de 1909, envolvendo três arcebispados e dois bispados, ampliou a legislação para três capítulos, propondo medidas específicas para escolas e colégios em geral (cap. V, art. 1.153 a 1.164), para as escolas católicas (cap. VI, art. 1.165 a 1.195) e escolas secundárias (cap. VII, art. 1.196 a 1.204). Apareceu, nessa legislação, um projeto mais concreto de ensino religioso nas escolas.[54]

O projeto mais completo de escola católica é o apresentado pela Pastoral Coletiva de 1915, que, além do ensino do catecismo, legisla sobre a preparação dos professores, inclusive nas escolas normais, métodos modernos e o conteúdo do ensino religioso.[55]

Em reforço à nova orientação da Igreja, a partir da Proclamação da República, muitas Congregações religiosas instalaram-se no Brasil, assumindo a direção de paróquias e fundando escolas, muitas delas subvencionadas até por órgãos governamentais.

Apesar de todo esse esforço, segundo SANTO ROSÁRIO, a estrutura religiosa (moral), como também a político-social, demonstrava fragilidade e insegurança. A ignorância campeava. O povo professava uma religião de superfície, de exterioridades, mesclando superstições, fazendo mais questão de venerar uma imagem do que adorar o Santíssimo Sacramento. O clero era mais escasso no Sul e as populações rurais espiritualmente abandonadas. Nas paróquias não se ministrava uma catequese metó-

---

[53] *Pastoral Collectiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Ecclesiasticas de S. Sebastião do Rio de Janeiro e Marianna* communicando ao Clero e aos Fieis o resultado das Conferencias dos mesmos no Seminário Archiepiscopal de *Marianna*, de 2 a 12 de agosto de 1907, p. 30.

[54] *Pastoral Collectiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Ecclesiasticas de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Marianna, S. Paulo, Cuyabá e Porto Alegre* communicando ao Clero e aos Fieis o resultado das Conferencias dos mesmos realizadas na cidade de S. Paulo, de 25 de setembro a 10 de outubro de 1909.

[55] *Pastoral Collectiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Ecclesiasticas de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Marianna, S. Paulo, Cuyabá e Porto Alegre* communicando ao Clero e aos Fieis o resultado das Conferencias Episcopais realizadas na cidade de Nova Friburgo de 12 a 17 de janeiro de 1915. São 31 artigos tratando do assunto.

dica, didática, que, aliás, inexistia para os adultos. Em muitas dioceses, destacavam-se algumas associações como os Vicentinos e as Filhas de Maria e, em âmbito nacional, o Apostolado da Oração. Moral feminina, ótima, e masculina, ruim, exceto no meio rural. O clero sofria a carência de estímulo intelectual, pela inexistência de associações e conferências teológicas.

Em resumo, escrevia, o povo era "acentuadamente católico", mas de religião fortemente sentimental, limitando-se a rezar orações, a batizar os filhos, ao casamento religioso, aos atos do culto externo, às novenas, ao mês de Maria, etc. Não se confessava nem comungava a não ser à hora da morte. Até os magnatas da maçonaria se diziam católicos, freqüentavam as igrejas e eram amigos dos padres. O estado financeiro da maioria da população refletia-se no estado material das dioceses, sobressaindo, em condições mais favoráveis, as Dioceses do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Olinda e de algumas mais, com recursos apenas suficientes.[56]

### 4.3. O grito de Dom Leme contra a ignorância religiosa e a mobilização dos católicos

Era essa a situação religiosa, quando Dom Sebastião Leme (1865-1941) lançou, em 1916, a Carta Pastoral sobre a ignorância religiosa e seus remédios. O autor, após ter exposto as causas, a extensão da ignorância religiosa (nos meios intelectuais, nas camadas populares), apresentou os meios para conjurar este "grande mal", como sejam a pregação, a leitura, a instrução religiosa no lar e na escola. Dizia o Arcebispo ser evidente ... que apesar de sermos a maioria absoluta do Brasil, "como nação, não temos e não vivemos vida católica" e achava um absurdo máximo "formarmos uma grande força nacional, mas uma força que não atua e não influi, uma força inerte, ... uma maioria ineficiente..., uma maioria nominal, maioria asfixiada". E termina a primeira parte com estas palavras: "O Brasil que aparece, o Brasil-nação, esse não é nosso. É da minoria. A nós, católicos, apenas dão licença de vivermos. Que humilhação para a nossa fé!".[57]

Para NAGLE, a Carta Pastoral de Dom Leme marcava "o primeiro sinal da grande mobilização dos católicos brasileiros", visando alterar as bases agnósticas e laicistas do regime republicano, numa primeira fase, e,

---

[56] Irmã Maria Regina do SANTO ROSÁRIO (Laurita Pessoa Raja Rabaglia), *O Cardeal Leme (1882-1942)*, p. 61-64.

[57] Dom Sebastião LEME, *Carta Pastoral*, p. 1-17.

numa segunda, a cristianização da intelectualidade nacional, para isso fundando o *Centro Dom Vital* e a revista *A Ordem* e centralizando sua atenção na preservação da autoridade. O espírito revolucionário (ocorreram os movimentos revolucionários de 1922 e 1924) era caracterizado como anticristão.[58]

A imprensa católica era nula em comparação à imprensa indiferente e hostil, apesar de quase todas as dioceses possuírem semanários e dois jornais, um em São Paulo e outro em Recife.

LOVE lastima a dificuldade de medir a "religiosidade" paulista, dada a carência de suficientes indicadores. Entretanto, segundo ele, em 1910, por exemplo, havia um seminarista para 13.000 paulistas (7° lugar no Brasil), apesar de os líderes religiosos serem dinâmicos e o número de protestantes estar abaixo de um por cento e, em 1940, pouco mais de 2% da população.[59]

Em 1891, realizou-se um congresso de Bispos. Em 1901, houve o primeiro do clero e de leigos e, em 1905, um segundo, do qual resultou o lançamento de um jornal católico,[60] sendo fundada uma Confederação Católica leiga. Em São Paulo, deu-se um segundo congresso de Bispos da região sul, em 1910.[61]

Em 1907, São Paulo passou a ser Arquidiocese e seu primeiro titular, Dom Duarte Leopoldo e Silva, seria a maior figura na Igreja Paulista até 1937, ano de sua morte. Durante seu governo, revitalizou o catolicismo, por exemplo, quintuplicando o número de paróquias e organizando os fiéis. Já em 1907, formou um Grupo de Operários (cujo primeiro presidente foi Porfírio Prado, ex-aluno do Liceu Coração de Jesus). Convocou, para 1915, um congresso arquidiocesano da Confederação Católica, sendo esse estabelecimento uma das sedes. Criou a Legião de São Pedro, para homens, e a Liga das Senhoras Católicas, para as mulheres (ainda hoje existente). Em 1926, promoveu o Congresso da Juventude Católica, da qual participou o Liceu Coração de Jesus, reunindo 5.000 jovens, estando presentes o governador Fernando Prestes e outras autoridades. No ano se-

---

[58] Jorge NAGLE, *op. cit.*, p. 57-64.

[59] Joseph LOVE, *A locomotiva; São Paulo na federação brasileira (1889-1937)*, p. 136-137.

[60] Os Salesianos de São Paulo já mantinham uma revista, *Santa Cruz*, desde 1900 e os do Rio de Janeiro o *Almanaque das Famílias Católicas Brasileiras*.

[61] Joseph LOVE, *op. cit.*, p. 330.

guinte, mais outro na cidade de Aparecida. Em 1930, Nossa Senhora Aparecida foi proclamada Padroeira do Brasil, assumindo, então, importância nacional.

### 4.4. A revolução de 1930 e a Igreja Católica

Com a subida de Getúlio Vargas ao poder, a Igreja adquire força política. Com Dom Sebastião Leme, estava também Dom Helvécio Gomes de Oliveira (salesiano), Arcebispo de Mariana, quando aquele conseguiu levar o presidente deposto, Washingon Luís, para o paço episcopal, salvando-o dos oficiais revoltosos que o queriam prender, evitando derramamento de sangue. Por influência da Igreja, foi criada, em 1932, a Liga Eleitoral Católica e estabelecido o voto feminino, através da Confederação Católica do Rio de Janeiro, e, na Assembléia Constituinte de 1934, incluiu-se o programa da Liga Eleitoral Católica na legislação trabalhista, além do ensino religioso nas escolas e outros. Escreve José Oscar Beozzo: "A força da Igreja em 1931-34 não residia no Episcopado simplesmente, mas na capacidade que este teve de mobilizar o povo e uma fração da intelectualidade brasileira católica em torno de alguns objetivos".[62]

"O cardeal Leme, porém, foi quem mais sobressaiu em sua época. Quando arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, criou a Confederação Católica Brasileira (talvez aproveitando a experiência da congênere paulista), protótipo da Ação Católica Brasileira, fundada em 1936, que assumiria papel predominante no laicato católico nacional, e que influiria no modelo existente nos colégios salesianos, ou seja, as Companhias Religiosas. A mobilização dos católicos promovida por Dom Leme, através da criação de novas paróquias e organizações, revitalizou a estrutura da Igreja no Brasil, provavelmente ajudando até na inculturação dos imigrantes, na sua maioria, católicos". Ao impedir que a Ação Católica entrasse no debate político, não pôde opor-se ao Estado Novo, quando este armou, golpeou a sociedade civil, inclusive a Igreja.[63] Nesta fase, nota-se uma desconfiança dos salesianos em relação aos movimentos de esquerda, especialmente comu-

---

[62] Joseph LOVE, *op. cit.*, p. 136-137, e 319-321. Vide ainda Ir. Maria Regina do SANTO ROSÁRIO (Laurita Pessoa Raja Rabaglia), *O Cardeal Leme (1882-1942)*, p. 88, 102-107. José Oscar BEOZZO, a Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização, in: *História Geral da civilização brasileira; o Brasil republicano*, v. 4, p, 341.

[63] Ir. Maria Regina do SANTO ROSÁRIO (Laurita Pessoa Raja Rabaglia), *O Cardeal Leme (1882-1942)*, p. 88, 102-107.

nista, o que aparece bem explícito na introdução ao Anuário do Liceu Coração de Jesus, de 1930. Existiu ainda colaboração com os governos, especialmente em relação à assistência e à educação de menores pobres e carentes. Em São Paulo, o governador Fernando Costa, ex-aluno interno do Liceu Coração de Jesus, ajudou financeiramente na reforma do teatro do Liceu Coração de Jesus, para aumentar a capacidade de dar diversão a maior número de menores pobres e carentes.

### 4.5. A Igreja Católica de 1945 frente à redemocratização do país e aos governos militares

Nesse período, desenvolve-se "um processo rápido e radical, que colocou a Igreja Católica como um renovado e importante protagonista na história contemporânea brasileira". Além das dimensões religiosas (liturgias, vida de oração e vida espiritual, sempre presentes na prática religiosa), a preocupação com uma ética social, também como cerne da vivência religiosa, vem predominando nas prioridades definidas nas dioceses mais ativas. Enfatiza-se a prática eficaz do amor ao próximo na vida religiosa. O envolvimento nos problemas políticos do país dividiu o episcopado entre os que mais relevavam as dimensões chamadas "espirituais" e os que realçavam a responsabilidade social.

Entre 1945, há uma preocupação anticomunista e, ao mesmo tempo, lamentam-se as fortes desigualdades econômicas, o esbanjamento e a ganância dos que são donos do capital. Mas percebe-se a atração que os ideais comunistas exercem sobre as massas. Reaviva-se a LEC. A cassação do registro do Partido Comunista em 1947 foi considerada uma vitória pela Igreja, mas ainda insuficiente se não fosse combatida a inércia dos cristãos e se estes não se mobilizassem para exercer uma ação conjunta de recristianização da sociedade. Criam-se grupos de Ação Católica Especializada (JUC, JOC, etc.). Dom Helder Câmara procura unir os Bispos do país, o que, de fato, é efetivado, em 1952, com a criação da CNBB, como órgão de coordenação do episcopado nacional, que foi progressivamente elaborando planos de ação envolvendo todo o país.

Com o golpe militar de 1964, as relações entre a CNBB e os governos militares ficaram tensas. Houve perseguição aos militantes da Ação Católica, que não resistiu e acabou desaparecendo. As limitações dos direitos civis e políticos e as violações dos direitos humanos afetaram profun-

damente as instituições católicas, especialmente leigas, que praticamente foram dizimadas.[64]

No Liceu Coração de Jesus, a Ação Católica foi criada em 1940. Como a Faculdade de Ciências Econômicas passou para Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1962, não houve o choque com a direção desta escola. Além disso, as Companhias religiosas, que eram consideradas partes dela, não desempenhavam papel de destaque do ponto de vista político. Durante este regime desapareceram os internatos salesianos.

Até 1964, as relações entre os salesianos e os governadores de São Paulo eram amistosas, eram vizinhas e o governador Ademar de Barros costumava descer de helicóptero no pátio interno do Liceu Coração de Jesus e, de vez em quando, tomava refeições com os padres da casa. Um dos governadores do estado, Carvalho Pinto, tinha sido ex-aluno do estabelecimento. Depois de 1964, as relações dos salesianos com as autoridades governamentais foram mais cautelosas e de certo distanciamento, mas não chegaram a um rompimento formal, pois um salesiano, Pe. José Vasconcelos, foi Presidente do Conselho Federal de Educação por bastante tempo e um dos próceres da reforma educacional de 1971.

Essas transformações não podiam deixar de abalar o sistema patriarcal, cujas forças diminuíam lenta e progressivamente, embora com maior intensidade no Sul do País, em face da nova sociedade atomizada que se formava lenta, mas inexoravelmente.

## 5. UMA LEITURA DA SITUAÇÃO BRASILEIRA, FEITA NA ÉPOCA, PELOS SALESIANOS

Significativos foram dois relatórios escritos em 1882, pelo Pe. Luís Lasagna e pelo seminarista Teodoro Massano, na longa viagem exploratória do Rio a Belém do Pará,[65] em que dois protagonistas salesianos narraram tudo o que viram e ouviram, coincidindo com a descrição do painel

---

[64] Sobre esta fase, consulte Jorge BORAN, *O futuro tem nome; juventude*, cap. I, p. 17-73. Nelson PILETTI e Walter PRAXEDES, *Dom Helder Câmara; entre o poder e a profecia*, p. 135-209. Maiores dados sobre a Igreja e o período republicano, consulte Oscar de Almeida LUSTOSA, *A Igreja Católica no Brasil República*.

[65] Carta de LASAGNA a DOM BOSCO, de 24 de novembro de 1882, *Projeções Epistolares; Preciosas recordações dos 25 anos*, p. 16-24. Juan Edmund BELZA, *Lasagna el obispo missionero; introducción a la historia del Uruguay, del Brasil e del Paraguay*, p. 247-248. Luís Lasagna (1850-1895) tornou-se salesiano em 1868, chefiou a segunda expedição missionária, em

histórico inicial narrado anteriormente, que provocou a intervenção do principal dirigente salesiano da América Latina, Dom João Cagliero, primeiro Bispo salesiano e, depois, Cardeal, no sentido da implantação da obra salesiana no Brasil.

Pe. Luís Lasagna estava tão entusiasmado que chegou a pedir em carta que Dom Bosco "derramasse um pouco de água sobre a sua cabeça para diminuir os ardores do Brasil, terra que devora os seus habitantes".[66]

Teodoro Massano expressou sua visão sobre o que viu em duas cartas sobre a viagem, muito semelhante ao descrito acima, e, ainda, mostrando, em senso muitas vezes jocoso, seu estado de ânimo em relação ao catolicismo brasileiro.

Inicialmente, Pe. Luís Lasagna e ele foram objetos da curiosidade dos viajantes e, mais ainda, quando souberam que eram missionários "dedicados a educação dos jovens pobres e abandonados", o que fez crescer o apreço e o afeto de todos, especialmente dos jovens, muitos deles já bem crescidos. Logo perceberam quão parcos eram seus conhecimentos religiosos.

Impressionaram-se com os meninos pobres dos portos, em geral, grande parte nus e abandonados, por quem só a polícia se interessava. Paradoxal para eles: um país rico em produção e milhares a morrer de fome. As Congregações Religiosas eram odiadas e reprimidas pelo governo, mas a Sociedade dos Salesianos era bem acolhida por ser eminentemente filantrópica. Constatou Teodoro Massano a grande docilidade dos meninos. No colégio das Dorotéias, com 300 alunos, não se aplicavam castigos... Alguns jornais da capital paraense definiram o Pe. Luís Lasagna como homem "ilustrado, que viaja com uma comissão científica, diretor e dono de observatórios metereológicos e dono de colégios..."[67]

---

1876, com destino ao Uruguai, onde foi o primeiro diretor do Colégio Pio de Villa Colón. Depois foi Inspetor da Província Salesiana do Uruguai e do Brasil, desenvolvendo intensa atividade missionária, educativa e social. Nomeado Bispo em 1883, veio a falecer em 6 de novembro de 1895, em desastre ferroviário perto de Juiz de Fora, quando viajava para fundar a casa salesiana de Cachoeira do Campo.

[66] Antonio da Silva FERREIRA, *Patagonia; realtá e mito nell'azione missionaria salesiana,* p. 29-31.

[67] Antonio da Silva FERREIRA, Uruguay e Brasile visti dalle lettere di Teodoro Massano (1881-1886), *Ricerche Storiche Salesiane,* Roma, 2 (2): 313-318, luglio-agosto 1983.

Percebeu que os nomes de "ciência", "observatório", "meninos pobres", "órfãos, colônias agrícolas" eram *slogans* atraentes para abrir o caminho para os salesianos. Temia a febre amarela, o calor, mas evitava qualquer excesso, uma vez que em todo o tempo que passou nada sofrera, a não ser um pouco de fraqueza por causa do calor e o novo modo de viver. Não havia, geralmente, ódio à religião e, se fosse conhecida, seria conservada em seus corações dóceis.

A religiosidade dos brasileiros consistia, segundo descrevia, em:

> *ter um altarzinho em casa, ir freqüentemente à Missa, inscrever-se nas muitas confrarias e na maçonaria, que aqui constitui quase uma necessidade para viver comodamente e poder ocupar os cargos mais distintos. Nas cidades há muitíssimas e riquíssimas igrejas, mas não existe padre que cuide da maior parte delas. Os sacramentos? A confissão, os pecados etc. ... São coisas supérfluas, como dizem. Ridicularizam os protestantes, que existem e trabalham.*[68]

Percebia, contudo, que a ocasião era favorável, se se pretendesse manter a religião nestas regiões, porquanto o povo não era mau, de coração muito dócil, necessitado apenas de instrução. No Brasil, não existia instituição semelhante à dos salesianos e o governo, que não era o diabo, não lhes criaria obstáculos, pois traziam vantagem para o povo. Meios não faltavam. Pe. Luís Lasagna mostrava-se maravilhado e afirmava: "Sem sabê-lo, abris-nos um novo mundo, uma nova fase para a nossa congregação". Todos lhe solicitavam que falasse das obras salesianas. Estava enamorado da natureza, dos pássaros e já pensava em organizar um museu de ciências.[69]

A descrição e a análise do seminarista concordavam com a de Pe. Luís Lasagna. O Bispo do Rio de Janeiro, sem nada dizer da conveniência de abrir um pensionato para meninos abandonados no Rio de Janeiro, onde a febre amarela grassava e deixava na orfandade grande número de meninos pobres, despertou-lhe na mente a idéia de levar a Fé e a Civilização às

---

[68] Antonio da Silva FERREIRA, Uruguay e Brasile visti dalle lettere di Teodoro Massano, p. 322-323.

[69] Antônio da Silva FERREIRA, *op. cit.*, p. 319-328. Quase ao final de sua exposição, dizia brincando, para justificar-se da caligrafia e dos borrões que o clima da América, e principalmente o do Brasil, favorece a preguiça e a indolência.

classes sociais, todas indistintamente demasiado ignorantes em matéria de religião. O governo desconfiadíssimo e, por tradição, cesarista, tirano da Igreja. As ordens religiosas condenadas ao ostracismo. Os Bispos desorientados e sem saber o que fazer, vendo brilhar uma jovem Congregação, a transbordar de zelo e vitalidade, aceita pelos próprios inimigos por seu espírito democrático, popular e humanitário, sem precedentes odiosos, virgem ainda aos ultrages e prevaricações. Devia-se começar pela obra dos Oratórios de Artes e Ofícios que encontrava simpatias em toda a parte, também colônias agrícolas e escolas modestas e pobres para não despertar inveja e perseguição. Seria preciso que se escolhesse um Diretor bem instruído, muito ativo e de grande piedade.[74]

Em outra ocasião, escrevia a Dom João Cagliero afirmando que o Brasil como "católico era um verdadeiro escândalo, é preciso sangue novo para reanimá-lo. As seitas, os escândalos do Clero arruinaram tudo".[75] Atribuía, porém, a decadência da fé e a sua ausência à ignorância dos deveres religiosos, ao envolvimento no vício e na corrupção reinante sob um clima ardente e às doutrinas corruptoras provenientes da Europa que aqui se espalhavam livremente.[76]

Em falando do Rio de Janeiro, elogiava a localização do lugar chamado Santa Rosa e deixava, antes de voltar a Montevidéu, uma comissão de senhores, autorizados a colher esmolas para implantar, ali, o novo *Colégio Santa Rosa de Artes e Ofícios*,[77] que passou a ser preferido entre os pedidos chegados de Pernambuco, de Cuiabá e de São Paulo. Mas o Rio de Janeiro passara a ser prioritário entre os seus projetos,[78] pela proximidade ao centro político e decisório máximo, ou seja a Capital do País.

---

[74] Mons. Luigi LASAGNA, *op. cit.*, p. 75-77.

[75] Ou no original: "Cattolico é un vero scandalo, ci vuole sangue nuovo per rianimarlo. Le sete, gli scandali del Clero vi hanno desolato ogni cosa" (cfr. *op. cit.*, p. 183). Ao Pe. Giulio Barberis, escrevia: *Por falta de clero, os nossos cristãos estão mais embrutecidos que os bárbaros* (p. 91). Em carta a Dom João Cagliero, de 14/09/1883: "Recuerdese que los Salesianos deben ser la Sal del Brazil, onde la fé está muerta..." (p. 167).

[76] Id., *op. cit.*, p. 112, 152. No caso de um contratempo provocado por um erro tipográfico que trocou 20.000 meninos abandonados por 200.000 no Rio de Janeiro e que lhe causou mal-estar com o Bispo do Rio de Janeiro, afirmava que suas palavras não devem ser interpretadas no sentido histórico mas de advogado de uma causa a defender. (Id., *op. cit.*, p. 108).

[77] Id., *op. cit.*, p. 86-87.

[78] Id., *op. cit.*, p. 101-102.

- a decadência das ordens religiosas, chegando a decretar a proibição de admitir noviços e a chegada de novos religiosos da Europa. Os grandes conventos dos Carmelitas, dos Beneditinos e dos Franciscanos, no começo do século XVIII, estavam cheios de frades. Estavam em decadência, quando D. João VI os protegeu, cobriu-os de honorificências e de títulos e apoiou a sua ambição e indisciplina, conseguindo do Papa sua independência dos superiores centrais. A gula, a avareza e a luxúria fizeram horrendos estragos, enquanto os poucos bons lamentavam e gemiam secretamente a ruína de suas Ordens no Brasil.[72]

Os Capuchinhos, não reconhecidos como ordem religiosa no país, foram chamados pelo Imperador para evangelizar os indígenas e faziam prodígios confessando, pregando e mantendo vivo o pouco de piedade que ainda existia. As Filhas de São Vicente, chamadas "Chapelonas", faziam grande benefício, assistidas pelos raros lazaristas, de bom espírito.

Os Bispos, angustiados por esse quadro, "solicitavam os Salesianos de Dom Bosco para tentar uma reforma lenta e eficaz, a partir da juventude pobre, e despertassem vocações, pregando, confessando e edificando o povo com seu bom comportamento e zelo." Afirmava Pe. Luís Lasagna, ainda, que a maçonaria era "onipotente e ai de quem ousasse enfrentá-la e que os salesianos deviam trabalhar sem ostentação, ocupando-se, às escondidas, dos pobrezinhos, para poder restaurar insensivelmente o reino de Deus".

Amenizava o seu relatório, dizendo haver exagero dos que falavam do clima quente e das febres. As chuvas freqüentes abrandavam a atmosfera. Contariam, como remédio contra o calor, com duchas, sombras fresquíssimas e outras comodidades. Ademais, o Brasil era riquíssimo em frutas deliciosíssimas.[73]

Estava maravilhado em ver todos os Bispos disputarem-no, em oferecendo seminários, pensionatos ("hospízi"), colégios, dispostos a qualquer sacrifício, contanto que fossem colaboradores em suas dioceses. Províncias imensas, Dioceses enormes sem clero, sem operários evangélicos e portanto sem piedade e sem moralidade! O paganismo invadindo todas as

---

[72] Os dados coletados nessas cartas relatórios coincidem com os apresentados no primeiro capítulo desse trabalho.

[73] Mons. Luigi LASAGNA, *Epistolario*, p. 71-74.

tribos indígenas das imensas regiões centrais e menos exploradas do país, onde não havia clero, acendendo nele o ardor missionário.[70]

Explicava que a razão de número espantoso de meninos abandonados se devia ao comércio, ao lucro, aos prazeres materiais, comuns a toda grande cidade, profundamente ferida pela corrupção e pela libertinagem. Muitas causas eram próprias do Brasil, como a escravidão e a febre amarela. Pe. Luís Lasagna estendia-se, emocionado, falando, longamente, dos "ingênuos", de seu abandono e da necessidade de estabelecimentos para acolhê-los, ensiná-los e dirigi-los para o sentimento do dever e da piedade cristã, para libertá-los de sua vida misérrima, da prisão ou do hospital ou de uma fossa no cemitério. Maravilhava-se com as belezas da natureza e da Baía da Guanabara e pedia pressionasse Dom Bosco a atender ao Bispo do Rio de Janeiro.[71]

Em outra carta, confidencial, tratou da delicada questão das condições religiosas e morais do Brasil. Em nenhum país católico encontrara condições "piores de pleno paganismo".

A religião, uma fantasmagoria, uma ocasião de distrações e de luxo. Inexistente o espírito de piedade e de observância católica. Clero corrompido. Celibato pouquíssimo observado. A simonia pública e escancarada arruína o resto de fé natural do povo, apesar de toda cidade estar cheia de igrejas e de conventos.

Considerava causas dessas desgraças:

- o regalismo que ou entrava ou corrompe a administração eclesiástica, uma vez que o governo nomeava os Bispos, os cônegos, os párocos, etc., o mais das vezes ligados aos interesses partidários. O clero antigo, pouco instruído, ávido de riquezas e de honras, espalhado em paróquias longínquas, longe da vigilância dos Bispos, sob um clima quente e estimulante à prática do mal, em regiões onde a imoralidade é geral e aberta, pobres párocos esquecidos de seus votos e de seus deveres, fazendo do seu sacerdócio comércio com escândalo dos fiéis.

---

[70] Mons. Luigi LASAGNA, v. 2, p. 53-58.

[71] Id., *op. cit.*, p. 58-59: "è un mondo nuovo che si apre alla nostra congregazione, qui tutto è grande, è immenso e meraviglosamente gigante".

CAPÍTULO II

# A ESTRUTURA SOCIETÁRIA PATRIARCAL

Nos internatos salesianos, havia duas categorias de meninos, uma proveniente das classes médias, normalmente, e outra das classes populares mais simples. Daí a conveniência de apresentar o cenário familiar na sociedade brasileira, para tomarmos consciência de que tipos de meninos e de famílias provinham os dois tipos da clientela atendida por esses internatos no Brasil.

Em que pese o estudo feito por Gilberto Freyre ser melhor adequado à região nordestina, muitas de suas informações não são, talvez, totalmente diferentes das da região sul do Brasil, especialmente naquelas onde predominava a cultura do café ou a criação de gado, uma vez que as relações de produção estavam fundadas no patriarcalismo.

Segundo MELO, a família patriarcal era, sobretudo, produto de uma concepção autoritária da natureza das relações entre os seus membros. O chefe, na família, era equivalente ao rei no reino. "Quanto à asso-

ciação entre patriarcalismo e ruralidade, a família do sobrado urbano foi tão patriarcal quanto à da casa-grande rural. O patriciado dos homens de negócios que se consolidou desde o século XVII nas cidades portuárias da América portuguesa não foi menos patriarcal do que na sua contraparte agrária". A diferença está em que, em razão do espaço urbano e da natureza dos negócios, o patriciado "ficou menos exposto a deformações que a escravidão e a grande propriedade imporiam à família rural". Essencialmente, todavia, o patriarcalismo brasileiro não de distinguia muito do da península ibérica.[1]

Assim sendo, pode-se adotar a posição de FREYRE, segundo a qual a sociedade brasileira, nas décadas finais do Império, apesar das mudanças em curso, ainda não se diferenciava muito daquela da fase colonial, em que predominava o regime patriarcal, cujas representações significativas eram a casa-grande e a senzala, os sobrados e os mocambos. Caracterizava-se por ser um sistema de produção (a monocultura fundiária), de trabalho (a escravidão), de transporte (o carro de boi, o banguê, a rede, o cavalo), de religião (o catolicismo de família com capelão, culto dos mortos), de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo), de higiene do corpo e da casa (o "*tigre*", a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela ou de cuia, o lavapés), de política (o compadrismo de onde procedeu o coronelismo).[2]

Quem pretende tratar da educação da meninice e do adolescente, no período em que se propõe este trabalho, tem de reconhecer primeiro que não pode separá-los da família à qual estão sempre ligados e à sociedade vigente. No anos finais do Império, já se apontavam os primeiros indicadores de decadência do poder patriarcal familiar, sem, entretanto, atingir significativamente a sua enorme influência. Gilberto Freyre ousa afirmar que esta família patriarcal ainda existia na primeira metade do atual século.[3]

---

[1] Evaldo Cabral de MELO, O fim das casas-grandes, em *História da vida privada no Brasil; Império: a corte e a modernidade nacional*, p. 413-414.

[2] Gilberto FREYRE, *Casa-Grande e Senzala*, p. 24. O *tigre* era o barril onde outrora se transportavam, para despejo, as matérias fecais e o servo ou escravo que fazia esse transporte. Cfr. Michaelis, *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. A imigração nos vinte anos finais do século XIX trazia modificações significativas no regime familiar no Estado de São Paulo. Cfr. Fernando NOVAIS (dir.) e Nicolau SEVCENKO, *História da vida privada no Brasil; República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo*, Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil 3).

[3] Gilberto FREYRE, *Casa-Grande e Senzala*, p. LIII.

## 1. A FAMÍLIA

Escreve FREYRE que "a família sob a forma patriarcal tem sido no Brasil uma" das formações permanentes.[4] Afirma ainda que "o personalismo do brasileiro vem de sua formação patriarcal (...) ao mesmo tempo cristã", mas "colorido pelo islamismo e por outras formas africanas de religiosidade". Perdeu, contudo, seu poder tutelar, mas tendeu a prolongar-se no paternal, no paternalista, no culto sentimental ou místico do Pai, da Mãe, do padrinho, da madrinha e, hoje, do tio e da tia. Sobrevivem, originários desse sistema, o paternalismo e o maternalismo.[5] Desse último mostra-se impregnado quase todo brasileiro. Em torno da família patriarcal, giraram os principais acontecimentos da vida brasileira, políticos, econômicos, sociais, culturais e religiosos.[6]

Esse sistema, no segundo Império, já apresentava sinais visíveis de decadência, especialmente com o deslocamento do poder econômico e político para o sul com o café, com a chegada dos imigrantes, com a libertação dos escravos, com o fortalecimento do poder militar e dos Bispos, com a urbanização e a industrialização.[7]

Os conflitos com o clero cresceram no segundo Império, especialmente com os Bispos que já ousavam contestar o poder dos patriarcas ou senhores rurais que vinham se transformando em "coronéis". Com a criação das Faculdades de Direito em 1827, os bacharéis nelas formados começaram também a enfrentar os patriarcas com vantagens, uma vez que o Imperador Pedro II, muito jovem ainda, assumiu o poder e foi passando os cargos do País a gente nova como ele, os bacharéis. Uma circular do arcebispo Roque Cocchia, Internúncio Apostólico, de 1884, considerando abuso a celebração de Missas em capelas particulares, de propriedade dos senhores rurais, provocou consternação entre os bispos brasi-

---

[4] Sheila de Castro FARIAS tenta contestar a idéia de família patriarcal de FREYRE, mas admite a sua predominância, ponderando, com Ronaldo VAINFAS, a impossibilidade de tornar irrelevante o patriarcalismo no estudo da sociedade escravista brasileira. Cfr. Ciro Flamarion CARDOSO e Ronaldo VAINFAS, *Domínios da História; Ensaios de Teoria e Metodologia*, p. 146-147.

[5] Ainda, em nossos dias, em nossas escolas e mesmo fora delas, é comum chamar as pessoas de "tio" e "tia", não apenas aos professores ou as professoras.

[6] Gilberto FREYRE, *Sobrados e Mocambos*, p. 81-95.

[7] Além do que foi escrito acima, veja-se *op. cit.*, p. 96-103.

leiros, tendo duração passageira, mas representava uma contestação ao poderio desses senhores.[8]

Características do poder do senhor rural eram as grandes construções, ou seja as casas-grandes. Com a decadência destas, o aparecimento lento, mas persistente, dos novos enriquecidos no comércio, na indústria, começaram nas cidades a aparecer os "sobrados",[9] símbolos de um novo poder que se levantava. Esse fenômeno teve início com a transmigração da Família Real Portuguesa para o Brasil e foi-se acentuando durante o Regime Imperial, com a nova nobreza criada pelo Imperador Pedro II, muitos membros da qual eram citadinos, grandes comerciantes, industriais, altos militares e até figuras mais destacadas do clero.

Apesar de todas essas interferências contrárias, o sistema patriarcal permaneceu, embora não contasse com o antigo poderio quase absoluto, porque sua força estava concentrada nas mãos dos senhores rurais, os donos das terras, dos homens e das mulheres. A casa principal era "feia e forte", de "paredes grossas" e "alicerces profundos". Era ainda fortaleza, banco, cemitério, escola, oficina, harém, convento de moças, hospedaria, santa casa de misericórdia (amparando os velhos, viúvas e órfãos).[10]

FREYRE assim define casa-grande: "A história da casa-grande é a história de quase todo o brasileiro, sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo,[11] de sua vida de menino, do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado por crendices de senzala." E afirma que, pelo menos até a época em que vivia o autor, a casa-grande era a melhor expressão do "caráter brasileiro, a nossa continuidade social.[12] Sentem-se, em nossa sociedade, as duas culturas, ou seja, a européia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista,

---

[8] José Lins do REGO mostra em seus romances a decadência do poder patriarcal dos senhores da casa-grande e senzala. Sobre a circular de COCCHIA, veja-se Raymundo TRINDADE, *Archidiocese de Mariana*, v. 2., p. 266-269, e Riolando AZZI, *Os Salesianos no Rio de Janeiro; Os primórdios da obra salesiana*, v. 1, p. 162-167.

[9] Os sobrados ocupavam largos espaços com um grande quintal onde havia árvores que além de produzir frutas forneciam agradáveis sombras para os dias quentes e serviam abrigar as crianças e dar-lhes bastante espaço para seus folguedos. As ruas normalmente não eram calçadas ou calçadas irregularmente. Ou tinham muito pó ou muita lama ou nela passavam os esgotos a céu aberto.

[10] Gilberto FREYRE, *Casa-Grande e Senzala*, p. 36.

[11] FREYRE traz uma notícia do fenômeno do mulatismo em Minas Gerais, em meados do século XIX, a tendência a unir-se ou de amasiar-se, já que as leis portuguesas e brasileiras favoreciam a tendência ao concubinato, apesar da sua rejeição pelos moralistas brasileiros. *Op. cit.*, p. 58.

[12] Id., *op. cit.*, p.10.

inclusas no português, em sua vida, em sua moral, em suas atividades econômicas e educacionais, em suas manifestações artísticas, ora alternando-se, ora equilibrando-se, ora hostilizando-se. Nisso consistiu a formação "sui generis" da sociedade brasileira desde seu início até os dias de hoje.[13]

Acrescentam-se ainda outros elementos que formaram a nação portuguesa, provenientes do estoque semita, como a mobilidade, miscibilidade e aclimatabilidade, até hoje presentes e que constituem "a razão de força e de seu triunfo".[14]

Para manter a coesão desse organismo social que trazia implícitos elementos tão dispersivos e dissolventes, FREYRE estende-se mostrando, no processo de formação social, o relevante papel da família, "órgão vivo e absorvente", base de toda atividade econômica, política, social e religiosa, desde a ação educativa dos jesuítas, um dos fautores da articulação *unionista.* Alguns condicionantes geográficos, como os rios menores (por exemplo, o Tietê, o São Francisco, o Paraíba), foram elementos fundamentais na manutenção da coesão nacional, facilitando o desenvolvimento da agricultura, o transporte e a pecuária. Instalou-se neles a civilização do senhor de engenho, do fazendeiro, do escravo e do comércio de produtos da terra.[15]

A esse respeito, parece oportuna, ilustrativa e significativa a página em que José Lins do REGO descrevia a vida religiosa do engenho de seu avô, um exemplo característico dos costumes da família patriarcal.

*Nos dias de festa tiravam um pano que cobria o oratório preto de jacarandá e acendiam as velas dos castiçais. O quarto dos Santos ficava aberto para todo o mundo. (...) o meu avô não era muito devoto. A religião dele não conhecia penitência e esquecia alguns dos mandamentos da lei de Deus. Não ia às Missas, não se confessava, mas em tudo que procurava fazer lá vinha um se Deus quiser ou tenho fé em Nossa Senhora. A minha Tia Maria cuidava de ensinar a mim e aos moleques as rezas que ainda hoje sei. O meu avô, nunca o vi rezando. Com ele, porém, contavam os padres das duas freguesias nas suas festas e nas necessidades. Ele que morria pelas suas matas, mandara uma vez que os carpinas botassem abaixo a madeira que o Padre Severino quisesse para as obras da igreja.*

---

[13] Id., *op. cit.*, 10, 102-108.
[14] Id., p. 102-108, 125-127.
[15] Id., *op. cit.*, p. 125-127.

*Quando acendiam as velas do quarto dos santos, nós íamos olhar as estampas e as imagens. Havia um Menino Jesus que era o nosso encanto, um menino bonito com os olhos azuis da prima Lili e um sorriso bonzinho na boca. Trazia numa das mãos um longo bastão de ouro e na outra a bola do mundo.*

*- Se aquela bola caísse, o mundo se acabava.*

*(...) As estampas das paredes contavam histórias de mártires. Um São Sebastião atravessado de setas, com os seus milagres em redor do quadro. O Anjo Gabriel com a espada no peito de um diabo de asas de morcego. São João com um carneirinho manso. São Severino fardado, estendido num caixão de defunto. Um santo comprido com uma caveira na mão. Os moleques então nos mostravam uma santa mulata com uma criança no braço, uma que tinha no rosto a marca de ferro em brasa.*

*- Ela era uma escrava, contavam os moleques. E a senhora queimou o rosto dela com um garfo quente.*

*(...). Mas o quarto dos santos vivia fechado. Não havia no engenho o gosto diário da oração. Talvez que o exemplo de meu avô, justo e bom como ele era, mas indiferente às práticas religiosas, arrastasse os seus a esses afrouxamentos de devoção. Pagava-se muita promessa, dava-se muito dinheiro para as festas de Nossa Senhora. Mas nunca vi ninguém do engenho numa mesa de comunhão, nem mesmo a Tia Maria. O povo pobre do eito só se confessava na hora da morte, quando, à revelia deles, mandavam chamar o padre às carreiras. E no entanto não tiravam Nossa Senhora da boca e faziam novenas a propósito de tudo.*

*A não ser a Tia Maria, que me ensinava o Padre Nosso, ninguém ali me falava de catecismo. A religião que eu tinha vinha ainda das conversas com a minha mãe. Sabia que Deus fizera o mundo, que havia céu e inferno, e que a gente sofre na terra por causa de uma maçã. Os moleques também não sabiam mais do que eu. Nas Missas de festa que assistíamos na vila, pouco víamos o padre no altar. Andávamos pelos botequins no capilé, ou tirando a sorte de papéizinhos enrolados.*

*Pela Semana Santa contavam-nos as malvadezas dos judeus com Nosso Senhor - da coroa de espinhos, da lançada no coração e do sangue que correu da ferida e abriu os olhos de um cego que ficara por baixo da cruz. Na Sexta-Feira Santa só se comia uma vez no engenho. Vinha peixe fresco da cidade e parentes de outros engenhos: comia-se muito mais do que nos outros dias. As negras na cozinha falavam do martírio de Jesus com uma compaixão de dentro da alma, e diziam que, se o padre na Missa do sábado não achasse a Aleluia, o mundo se acabaria de uma vez. Os moradores vinham então pedir o jejum, em bandos. Davam-lhes bacalhau*

*e farinha. Eles saíam com a mulher e os filhos rotos, de sacos nas costas, como se estivessem fazendo um número de via-sacra. O dia todo era triste. O trem de ferro não corria na linha.*

*Às vezes vinha ao engenho por este tempo uma velha Totonha, que sabia uma Vida, Paixão e Morte de Jesus Cristo em versos e nos deixava com os olhos molhados de lágrimas com a sua narrativa dolorosa.*

*A velha Sinhazinha dizia que semana santa boa era a do Itambé. O Padre Júlio beijava os pés dos pobres, fazia procissão de encontro e um sermão de lágrimas que todo o mundo chorava na igreja. As negras ficavam pela cozinha, sentadas, conversando em cochichos sobre o dia. Não se tomava banho de rio, para não se ficar nu na frente um do outro. Não se judiava com os animais. Não se chamava nome a ninguém. Um canário que eu tinha pegado me fizeram soltar. E as nossas conversas avançavam até em corrigenda à vontade de Deus. Nós achávamos que Jesus Cristo devia ter liquidado todos os judeus e tomado conta de Jerusalém. Não atinávamos com a grandeza do sacrifício. Queríamos a vitória material sobre os seus algozes.*

*Abriam, por esse tempo, o quarto dos santos. O santuário coberto de preto e as estampas viradas todas para a parede. Os santos estavam com vergonha de olhar para o mundo. Era assim a religião do engenho onde me criei.*[16]

Um outro exemplo é descrito por Machado de Assis, mostrando como recebera as primeiras lições de catequese de sua mãe:

*Minha mãe doutrinava-me a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações; mas eu sentia que, mais do que a orações, me governavam os nervos e o sangue e a boa regra perdia o espírito, que a faz viver, para se tornar uma vã fórmula. De manhã, antes do mingau, e de noite, antes da cama, pedia a Deus que me perdoasse, assim como eu perdoava aos meus devedores; mas entre a manhã e a noite fazia uma grande maldade, e meu pai, passado o alvoroço, dava-me pancadinhas na cara, e exclamava a rir: Ah! brejeiro. Ah! brejeiro!*[17]

Sob o regime de monocultura, do latifúndio e do trabalho escravo, a população não desfrutava de boas condições alimentares, devido à pobreza de albuminóides de origem animal, à carência de cereais e de legumes verdes, agravadas, ainda, pelo abuso dos jejuns. Os paulistas, entre-

---

[16] José Lins do REGO, *Menino de engenho*, p. 39-42.

[17] MACHADO DE ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 35-37.

tanto, gozavam de um passadio alimentar melhor, em virtude de melhor divisão da terra e melhor coordenação das atividades agrárias e pastoris, que passaram também para os mineiros.[18]

As doenças e verminoses devastavam a população negra e mulata. A sífilis, por contágio sexual, a doença por excelência das casas-grandes e senzalas, apanhara precocemente a juventude. O ambiente (a nudez da índia) em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual, o que facilitava a devassidão e, conseqüentemente, a propagação de doenças. Esse ambiente provocou o primeiro colapso da moral católica. A imposição do vestuário europeu a populações habituadas à nudez gerava doenças de pele e de pulmões.[19] Por outro lado, o europeu, quanto ao asseio do corpo, estava em situação de evidente inferioridade diante dos indígenas. O europeu evitava o banho e a nudez por medo do contágio da sífilis e de outras doenças, transmissíveis e repugnantes.[20]

A colonização latifundiária e semifeudal, aplicada no Brasil, trouxe uma nobreza mesclada de raças, com traços de cultura moura e mourisca: preferência pela mulher gorda e bonita, gosto dos voluptuosos banhos de gamela ou de "canoa", gosto de água corrente cantante nos jardins das casas-grandes, canto das lições de tabuada e de soletração como nas escolas maometanas, hábito de as mulheres irem à Missa de mantilha, de rosto quase tapado, como o das mulheres árabes; gosto pelas poltronas e pelos sofás estofados, pelos tapetes e pelas esteiras; a arte do azulejo nas residências, nas igrejas, nos conventos, nos banheiros, nas bicas e nos chafarizes; a telha mourisca, a janela quadriculada ou em xadrez, as paredes grossas, etc.[21]

## 2. A MENINICE

Uma breve excursão em nossa história social, especialmente em Gilberto Freyre, nos escritos de romancistas, ou melhor dizendo, dos memorialistas e de outros autores, mostra como a meninice era tratada na estrutura social, na família e, também, seu "modus vivendi" nesse ambiente.

Na meninice brasileira, sobreviveram práticas anímicas e totêmicas de origem indígena, que se expressam nos brinquedos de crianças tentando

---

[18] Gilberto FREYRE, *op. cit.*, p. 141-156.
[19] Gilberto FREYRE, *op. cit.*, p. 166-164, 243-246.
[20] Id., *op. cit.*, p. 247.

imitar os animais, nos contos de bichos e nas muitas superstições e medos misturados com fascinação (do zumbi, do jurupari, etc.). No Norte, ainda é comum ver meninos(as) cheios(as) de tetéias no pescoço (dentes de animais, figas, etc.). As feiras do interior ainda vendem brinquedos de figuras de animais, como macacos, besouros, tartarugas, lagartixas, aranhas, sapos.[22]

Nenhum brasileiro, sem distinção de raça ou etnia, pode dizer-se imune de qualquer influência africana, que aparece na música, na ternura, no andar, na fala, no canto, no ninar da criança. Infelizmente, a escravidão corrompeu o negro e o branco, através da luxúria, do masoquismo, do sadismo. Lapidarmente afirma FREYRE: "O negro foi patogênico, a serviço do branco, como parte irresponsável de um sistema articulado por outros". Foi mais um elemento passivo que ativo. Os europeus (portugueses, espanhóis, italianos, judeus e mouriscos) é que foram os portadores da luxúria, da sodomia e da bestialidade que atingiam também a meninice e pré-adolescência e, através de práticas sadistas, acentuaram-nas entre nós e, posteriormente, atribuíram-nas à luxúria africana.[23]

Ao lado da luxúria, verificava-se a prática da magia, da feitiçaria e da bruxaria, que passaram por exclusivamente africanas, mas que, na realidade, são provenientes de Portugal, onde estiveram em voga os feiticeiros, as bruxas, as benzedeiras, os especialistas em sortilégios afrodisíacos. Além delas, de Portugal vieram crenças e magias sexuais como a da mandrágora,[24] a das "pedras de ara",[25] a do hábito do cordão de São Francisco, quando das dores do parto, de dar à criança o nome de Maria, de José, o costume dos ex-votos de mulheres grávidas, ofertas de menino de cera ou de madeira.[26]

De origem africana, era "a feitiçaria do sapo", usada para diversas finalidades, por exemplo, "para apressar a realização dos casamentos demorados" ou proteger a mulher contra a infidelidade do marido, etc. Ainda, utilizavam-se de outros animais como o morcego, a cobra, a coruja, a

---

[21] Id., *op. cit.*, p. 402- 420.

[22] Gilberto FREYRE, *op. cit.*, p. 275-291. Parece que hoje este costume ressuscitou, basta ver nossas crianças aparecerem carregando mochilas com formato de animais, bichinhos de pelúcia, etc.

[23] Id., *op. cit.*, p. 490, 536-547. Vide também Paulo PRADO, em *Retrato do Brasil ; ensaio sobra a tristeza brasileira*, desenvolve um ensaio semelhante ao estudo de Gilberto Freyre.

[24] Planta do gênero das solanáceas (ervas, arbustos, trepadeiras), como tomateiro, tabaco, pimentão e pimentas, beladona, batateira, etc.

[25] As mulheres a traziam durante a gravidez, dentro de um saquinho.

[26] Gilberto FREYRE, *Casa-Grande e Senzala*, p. 549-550.

galinha, o pombo, o coelho, o cágado, o caranguejo, além de ervas, como a maconha, o "café mandingueiro" e outros.[27]

Segundo FREYRE, o menino brasileiro dos tempos coloniais viu-se rodeado de maiores e mais terríveis mal-assombrados que todos os outros meninos do mundo.[28] Para assustar a criançada, havia a crença da mãe-d'água, cabras-cabriolas, boi-tatá, negros velhos, papa-figos, o lobisomem, o homem de pés às avessas, o homem-das-sete-dentaduras, o negro do surrão, o saci-pererê, a mula-sem-cabeça, o mão-de-cabelo, o tatu-gambeta, o sapo cururu, as almas penadas (de noite).[29] Usava-se ainda o medo para inibir a criança da tendência a mijar na cama e às práticas masturbadoras.[30] Existia ainda o hábito dos contadores de história, muito comum, antes da chegada da TV.[31]

Na linguagem infantil, algumas palavras amaciaram por influência africana, como cacá, mimi, bumbum, neném, tatá, papá, doi-doi, au-au, cocó, dindinho, mindinho. Nomes de pessoas como Antônias se transformaram em Dondons, Toninhas, Totonhas; Teresas, Tetês; Manuéis, Nezinhos, Mundus, Manés; Franciscos, Chico, Chiquinho; Pedros, Pepes; Albertos, Betos, Betinhos; etc, etc.. Também o hábito de suprimir os *s, r* no fim das palavras; de mudar o *lh* em *ié,* como *muié* ou *mulé, cuié* ou *culé* em vez de *mulher, colher,* e outros vícios de linguagem que eram motivos de zombarias na escola e de picantes repreensões da parte dos mestres-escola.[32]

---

[27] Id.., *op. cit.*, p. 551-554.

[28] "Fiquei um menino medroso", escrevia REGO, *op. cit.*, p. 68. O medo ainda é problema na atualidade. Um artigo publicado em *O Estado de S. Paulo*, no dia 28 de fevereiro de 1997, intitulado *Medo de Deus é causa de estresse infantil,* traz resultados de uma pesquisa, feita na PUCCAMP entre crianças de 7 a 10 anos de religiões diferentes, em que a idéia de castigo produz adultos inseguros. Os psicólogos, acrescenta, dizem que a família é responsável (Caderno A, p. 19).

[29] REGO descreveu com pormenores esses medos e superstições e assim concluía: "Um mundo interior de duendes em carne e osso vivia para mim. E o que de Deus nos contavam era tudo muito no ar, muito do céu, muito do começo do mundo. É verdade que os sofrimentos de Jesus Cristo na Semana Santa nos tocavam profundamente. Mas Jesus Cristo para nós era diferente de Deus. Deus era um homem de barbas grandes e Jesus era um rapaz. Deus nunca nascera e Jesus tivera uma mãe, aprendera a ler, levava carão, fora menino como os outros. E nós não sabíamos compreender os mistérios da Santíssima Trindade. Só depois o catecismo viria destruir a minha crença absoluta nos bichos perigosos do engenho. Muita coisa deles, porém, ficou por dentro da minha formação de homem" ( Id., *op. cit.*, p. 46-49). Quando menino, conhecíamos muitas dessas crendices e as temíamos. Ainda Gilberto FREYRE, *op. cit.*, p. 555-559.

[30] Dizia-lhe que o mão-de-pelo, o Quibungo ou o preto velho viria devorar-lhe o pênis, Id.,*op. cit.*, p. 663.

[31] Também REGO dá testemunho desses contadores de história. Id., *op. cit.*, p. 49-54.

[32] Gilberto FREYRE, *op. cit.*, p. 560-567. Nos seminários, normalmente era proibido o uso de nomes no diminutivo. Os alunos novatos eram ridicularizados por usar a linguagem de casa ou da roça, também nos internatos.

Existia, ainda, a situação do moleque, ou seja, do companheiro do menino branco e seu leva-pancadas. Era, normalmente, um filho de escravo escolhido para servir de brincadeira para o senhor de engenho[33] e, mais que corruptores, corrompidos por ele. Mas, ao lado do moleque, havia os mulatos, filhos do senhor de engenho ou até mesmo irmãos de criação e que gozavam de atenções especiais, e que, por suas qualidades morais e intelectuais, ascenderam, muitos deles, a posições relevantes na sociedade.[34]

O cristianismo, porém, por pressão social e contágio, exerceu forte influência sobre o escravo negro, atingindo seus padrões de moralidade e de fé. Sílvio Romero e Joaquim Nabuco sofreram influência religiosa da mãe ou ama negra.[35] Surgiram em muitas cidades do país irmandades católicas de negros muito atuantes. "A religião tornou-se o ponto de encontro e de confraternização entre as duas culturas, a do senhor e a do negro, e nunca uma intransponível ou dura barreira" e amoleceu "nos africanos, vindos de áreas fetichistas, os traços mais duros e grossos da cultura nativa". E isso ocorreu "na senzala e no eito". Complementaram o abrasileiramento o meio físico, a qualidade e o regime alimentar, a natureza e o sistema de trabalho.[36]

Doenças várias afligiam a criança brasileira na época da escravatura: tinha, sarna, impingem, crustas leitosas, sarampo, bexiga, lombrigas, papeira, vício de comer terra, etc., cuja totalidade atravessou a fase republicana, chegando, muitas delas, à atualidade Os remédios: lavagens, sinapismos de mostarda,[37] banhos quentes, óleo de rícino, jacaratiá para vermes, vomitórios de cebolas-cecém.[38] As crianças e os pré-adolescentes curavam-se com a força de castigo e de vigilância mais do que com tratamento médico.[39]

---

[33] Muitas vezes, serviam para tudo: bois de carga, de montarias, burros de liteiras e de cargas pesadas... Id., *op. cit.*, p. 568).

[34] Com a libertação da escravatura, quase nada mudou na escravaria do interior. A sua vida continuava praticamente a mesma. Cfr. REGO, *op. cit.*, p. 54-63: "A senzala não desaparecera com a abolição". Também Gilberto FREYRE, *op. cit.*, p. 590-591.

[35] As contadoras de história, às vezes, deformavam a narrativa evangélica. Vide REGO, *op. cit.*, p. 53. Também Gilberto FREYRE, p. 591-594.

[36] Id., *op. cit.*, p. 598-600.

[37] Cataplasma de mostarda, que se aplica geralmente como repulsivos.

[38] Açucena branca, açucena d'água.

[39] REGO, *op. cit.*, p. 81. Gilberto FREYRE, *op. cit.*, p. 614-616. Os regimentos das escolas proibiam a aceitação de meninos com doenças infecciosas ou com defeitos físicos salientes.

Num relatório médico da enfermaria do Liceu Coração de Jesus, de 1936, sobre o estado de saúde dos alunos, provenientes também dos estados vizinhos, foram constatadas as seguintes doenças: exolfaltomia (6), nébula de córnea, coroidite, tracoma (cicatrizado), queratite, nistagamus (3), estrabismo (2), aniscorria (2) *(olhos);* surdez (3), esclerose dos tímpanos, otite externa (6), desvio pavilhão, cerume (2), otite crônica (6) *(ouvidos);* desvio do septo (12), deformados (5), hipertrofia dos cornetos (2), rinite atrófica, sinusiste *(nariz).* Como *outras afecções,* apresentadas as seguintes: várias espécies de afecções amigdalianas indicando operações (66), faringite (6), guela de lobo, abóbada palatina ogival (5) *(garganta);* sinais de heredo-lues (30), deformidade toráxica notável (7), sinais de bronquite crônica (13), sinais de bronquite aguda, costotomia (3), disartia nistagnus, perturbações simpático-vasculares (3), habitus tisicus (3), sinais de pleuris com pequeno derrame, sopro sistólico, sem outros sinais cardiovasculares e sem antecedentes reumáticos ou luéticos (4), sinais de congestão gástrica (2), sinais de hepatite congestão hepática (5), sinais de colecistite (3), sinais de apendicite crônica (4), operado de apendicite, enurere noturna (3), sinais de disendocrinia, sinais de nanismo hipofisário, sinais de acromegalia, sinais de hipertiroidismo (6), varicocéli discreta (2), parafimose e fimose (6), desequilíbrio mental discreto com quatro meses de internação em hospital psicopático – ataques epiletipformes, vitiligo (2), nevus, psoríasis, escabiore, verminose intestinal, torcicolo, aerofagia, hipospadia, adenite supurada, pé valgus (1), colite (2), anemia secundária (4), epidemite crônica, prisão de ventre rebelde (4), eczema parasitário (2), griptorquídia (2), herpes labial.[40]

Em 1939, de 253 alunos internos examinados, 41,1% careciam de assistência médica, o que parece elevado, sendo relatados casos de varicela (18), parotidite 110), difteria (9), sarampo (175), verminoses (97), pneumonia (23), tifo (8), paratifo (2), coqueluche (79), reumatismo (8), amigdalites (128), colites (2), escarlatina (4), maleita (2), pleurisia, epilepsia, púrpura hemorrágica (1). Houve os seguintes processos cirúrgicos: amigdalectomias (44), fraturas diversas (14), apendicectomias (10), fimoses (2), polipose nasal (2), sinusites (2), desvios do septo nasal (2), diversos (2), hérnias, mastoidite e pleuriz (1).[41]

---

[40] Segundo um irmão salesiana enfermeiro, havia doenças venéreas. Os relatórios publicados não se registram para proteger a honra dos alunos e o nome da instituição. Aliás, no relatório de onde foram extraídos os dados, o médico afirma que outros tipos de doenças eram comunicados confidencialmente aos pais. *Dom Bosco*, 1936, p. 203-205.

[41] Revista *Dom Bosco,* p. 49.

Já em 1940, as ocorrências mais importantes foram: pneumonia (4), fraturas (11), rubéola (3), intoxicações alimentares (2), apendicite aguda, endocardite reumatismal (1). Desse modo, a incidência de moléstias infecto-contagiosas foi mínima.[42]

Esta pequena amostragem, extraída de relatórios de alunos internos, em sua maioria, pelo menos, provenientes de classe média, confirma as informações de Gilberto Freyre sobre as doenças vigentes no meio infantil e juvenil, e isso ainda na quarta dezena do século XX.

Jogos e práticas sádicas existiam, através das quais descontavam os sofrimentos da primeira infância – doenças, incontinência urinária, purgante uma vez por mês. Não apenas o menino de engenho gostava de "bolear carro", jogar pedras, fazer "cabra-cega", tomar banho a todas as horas, matar passarinho, judiar com moleque, judiar com as crias e com as meninas, mas também o das cidades, "lascar o pião" ou "comer-se" a pipa do outro, através de lâmina de vidro, de caco de garrafa, escondido nas tiras do rabo, etc. Popular era o "jogo do beliscão".[43]

Nas relações familiares reinava o autoritarismo (mando), característico de todo brasileiro nascido ou criado em casa-grande de engenho. Esse gosto de mandar fez-se sempre sentir através de nossa formação, até no campo social e político, como o do chamado "marechal de ferro". Freyre acentua esse indicativo de nosso caráter sempre presente no governo, apesar da aparente tradição revolucionária, liberal e democrática e se manifesta disfarçado nas expressões "princípio de autoridade, defesa da ordem".[44]

Cora CORALINA narra, de forma poética, como a sociedade goiana tratava duramente as crianças, num poema cheio de vida e emoção, chamado *O prato azul-pombinho*.

*Um dia, por azar,*
*sem se saber, sem se esperar,*
*(...), apareceu quebrado (...)*
*o prato azul-pombinho.*

---

[42] Revista *Dom Bosco*, p. 87.
[43] Gilberto FREYRE., *op. cit.*, p. 616-619.
[44] Id., *op. cit.*, p.167-168.

*Foi um espanto. Um torvelinho.*
.....
*O pessoal da casa se assanhava.*
*Cada qual jurava por si.*
*Achava seus bons álibis.(...)*
.....
*Eu (emocionada) vendo o prato de minha bisavó, lembrando só,*
*da princezinha Lui -*
*que já tinha passado a viver no meu inconsciente*
*como ser presente,*
*comecei a chorar(...) -*

*Foi o bastante para ser apontada e acusada*
*de ter quebrado o prato.*
*e a revisão de uns tantos processos arquivados, (...)*

*Meus antecedentes, até,*
*não eram muito bons (...).*

*Por indução e conclusão,*
*era eu mesma que tinha quebrado o prato azul-pombinho.*
*Reuniu-se o conselho de família*
*e veio a condenação à moda do tempo:*
*uma boa tunda de chineladas.*

*Aí ponderou minha bisavó*
*umas tantas atenuantes a meu favor,*
*E o castigo foi comutado*
*para outro (...) que melhor servisse a todos*
*de escarmento e de lição:*
*trazer no pescoço por tempo indeterminado*
*amarrado de um cordão um caco do prato quebrado.*
.....
*Era assim, antigamente.*
*Dizia-se aquele, um castigo atinente,*
*de ótima procedência. Boa coerência.*
*Exemplo e de alta moral.*

Os castigos eram aplicados com crueza desmedida como, por exemplo, pendurar um caco de prato no pescoço de uma criança para carregar

seu castigo em público. Esse tipo de punição só foi supresso em Goiás depois que uma criança morreu sangrada por um desses famigerados cacos amarrado no pescoço.[45]

Aos meninos não se permitia ver a matança dos animais no curral, para não se transformarem em assassinos.[46] O próprio Visconde de Taunay confessava suas judiagens com moleque e Machado de Assis descreve-nos o tipo do menino sadista (quase sempre armado de faca) da sociedade brasileira do Império, pervertido pelas condições sociais de sua formação junto com escravos. Ele mesmo não fugiu a esses comportamentos e confessava ter sido chamado de "menino-diabo".[47] Muitos pais toleravam tal estupidez e malvadez dos filhos, e até, clandestinamente, os apoiavam e estimulavam. Essas práticas sadistas e bestiais preparavam antecipadamente o menino para o atoleiro sexual, em que se perdeu "muita adolescência insaciável": Apreciado era o menino raparigueiro, femeeiro, deflorador de mocinhas... Muito se atribuiu a tal depravação do menino branco de classe senhoril a influências climáticas, mas é inegável a preponderância do sistema econômico e familiar do patriarca brasileiro. Até o menino do sertão apresenta vida sexual antecipada. Gustavo Barroso, José Américo de Almeida tratam deste fenômeno.[48] Todos os estudiosos são unânimes em atribuir tais fenômenos à técnica escravocrata de produção e à família patriarcal, influindo na moralidade, inclusive nos Estados Unidos.[49]

Qual concepção de escola possuía o menino de engenho? Ouvia o menino de engenho dizer que era "um lugar medonho, de bancas, de castigos, de recreios, de exercícios militares, que me deixava mesmo com von-

---

[45] Cora CORALINA, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais.* 13.ª ed. Rio de Janeiro, Global Editora, 1986, p. 79-86 e 87-90.

[46] José Lins do REGO, *op. cit.*, p. 105.

[47] Joaquim Maria MACHADO DE ASSIS, *Memórias de Brás Cubas*, p. 36-37.

[48] Gilberto FREYRE, *op. cit.*, p. 619-630. Vejam-se a propósito desses assuntos os romances regionais de José Lins do REGO, *Menino de Engenho* e de José Américo de ALMEIDA, *A Bagaceira*, de Machado de Assis, *O carapuceiro*. REGO sentia a deficiência de formação religiosa, já na sua meninice e o prejuízo que lhe acarretou, especialmente como prevenção contra as concupiscências: "Eu era um menino sem contato com o catecismo, pouco sabia de rezas. E esta ausência perigosa da religião não me levava a temer os pecados. Muito depois, esta miséria de sentimentos religiosos se refletiria em toda a minha vida, como uma desgraça". Fala dos quartos onde estavam os veículos velhos do engenho, onde os meninos da casa-grande se reuniam com os moleques e faziam "uma espécie de lupanar para jardim de infância". Os moleques da senzala viviam soltos, tudo sabiam melhor (soltar pipa, brincar de pião, jogar castanha, nadar como peixe, etc.) que os meninos da casa-grande, e até os dirigiam, só não sabiam ler. Eram os mestres em iniciação sexual. Reconhecia REGO o sexo como uma escravidão abominável (p. 102, 56 e 65).

[49] Gilberto FREYRE, *op. cit.*, p. 630-632.

tade de ir com eles. Mas o engenho tinha tudo para mim". O colégio era considerado casa de correção.[50]

Nas últimas páginas de seu *Menino de engenho*, REGO descreve o que lhe passava na alma em suas despedidas de menino livre e libertino:[51]

*Recorriam ao colégio como a uma casa de correção. Abandonavam-se em desleixas para com os filhos, pensando corrigi-los no castigo dos internatos. E não se importavam com a infância, com os anos mais perigosos da vida. Em junho estaria no meu sanatório. Ia entregar aos padres e aos mestres uma alma. Olhava o mundo através dos meus desejos e da minha carne. Tinha sentidos que desejavam as botas do Polegar para as suas viagens.*

*No dia seguinte tomaria o trem para o colégio. O meu Tio Juca me levaria para os padres, deixando carta branca a meu respeito.*

*Acordei com os Pássaros cantando no gameleiro. Tocavam dobrados ao meu bota-fora. E uma saudade antecipada do engenho me pegou em cima da cama. Vieram-me acordar. Há tempo que estava de olhos abertos na companhia de meus pensamentos. Uma outra vida ia começar para mim.*

*– Colégio amansa menino!*

*Em mim havia muita coisa precisando de freios e de chibata. As negras diziam que eu tinha o mal dentro. A Tia Sinhazinha falava dos meus atrasos. Os homens riam-se das intemperanças dos meus doze anos.*

*– Menino safado, menino atrasado, menino vadio.*

*O meu puxado entrava e saía sem ninguém dar por ele. Ia ficando bom com a idade. E nada de Deus por dentro de mim. Era indiferente aos castigos do céu. Os lobisomens faziam-me mais medo. A minha religião não conhecia os pecados. E as penitências. O pavor do inferno, eu confundia com os castigos dos contos de Trancoso. Tudo entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato. Ia para a cama sem um pelo-sinal e acordava sem uma ave-maria. O meu São Luís Gonzaga devia olhar com nojo para o seu irmão afundado na lama.*

*Agora o colégio iria consertar o desmantelo desta alma descida demais para a terra. Iriam podar os galhos de uma árvore, para que os seus brotos crescessem para cima.*

---

[50] REGO traz em várias passagens afirmações como estas: "Menino só se endireita no colégio - era como todo o mundo julgava essa cura milagrosa". E mais à frente: "Em junho iria para o colégio. Estava marcado o dia de minha partida. (...). Lá ele endireita (*op. cit.*, p. 66,68).

[51] Id., op. cit., p. 118-120.

*Quando voltar do colégio, vem outro, nem parece o mesmo. Todo mundo acreditava nisto. Este outro, de que tanto falavam, seria o sonho da minha mãe. O Carlinhos que ela desejava ter como filho. Esta lembrança me animava para a vida nova.*

A despedida de José Lins era semelhante à de muitos meninos que eram levados para os internatos. E concluía seu *Menino de engenho*:

*... Queriam me endireitar, fazer de mim um homem instruído. Quando saí de casa, o velho José Paulinho me disse:*

*– Não vá perder o seu tempo. Estude, que não se arrepende.*

*Eu não sabia nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que o meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompéia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio.*

*Menino perdido, menino de engenho.*

Manuel Antônio de Almeida traz também como concepção corrente no meio popular.[52] Em *Memórias de um Sargento de Milícias* assim escrevera:

*É mister agora passar em silêncio sobre alguns anos de vida do nosso memorando para não cansar o leitor repetindo a história de mil travessuras de menino no gênero das que já se conhecem; foram diabruras de todo o tamanho que exasperaram a vizinha, desgostaram a comadre, mas que não alteraram em cousa alguma a amizade do barbeiro pelo afilhado: cada vez esta aumentava, se era possível, tornava-se mais cega. Com eles cresciam as esperanças do belo futuro com que o compadre sonhava para o pequeno, e tanto mais que durante este tempo fizera este alguns progressos: lia soletrado sofrivelmente, e por inaudito triunfo da paciência do compadre aprendera a ajudar Missa. A primeira vez que ele conseguiu praticar com decência e exatidão semelhante ato, o padrinho exultou; foi um dia de orgulho e de prazer: era o primeiro passo no caminho para que ele o destinava.*

---

[52] Maria José da Trindade NEGRÃO, *Manuel Antonio de Almeida: textos escolhidos*, p. 49-53. Órfão de pai, faz os preparativos no Colégio São Pedro de Alcântara, lutando com dificuldades financeiras. Seu pai, português, era tenente. Vivera de 1821 a 1861, médico e jornalista: "E dizem que não tem jeito para padre, pensou consigo; ora acertei o alvo, dei-lhe com a balda. (...) Ele nasceu mesmo para aquilo, há de ser um clérigo de truz. Vou tratar de metê-lo na escola, e depois... toca".

A sociedade patriarcal via, na escola, especialmente em regime de internato, a instituição capaz de corrigir a educação livre do ambiente promíscuo que eram a casa-grande e a senzala, que não diferia do das fazendas.[53]

[53] Dom Bosco já escrevera um regulamento, destinado às famílias, sobre as relações familiares, onde se recomenda a eliminação da promiscuidade mesmo no seio do lar. Cfr. Giovanni BOSCO, *Porta teco cristiano*, *Opere Edite*,XI (1858-1859), Roma, LAS, 1976, p. 1-71.

CAPÍTULO III

# INTERNATOS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ATÉ O SÉCULO XIX E NA LITERATURA, NO BRASIL

Já existia na educação brasileira um projeto de educação em regime de internato que se iniciou ainda na era colonial, seguindo as orientação traçadas no Concílio de Trento. Este justificou a sua criação, para atender a um projeto específico de formação para o sacerdócio: de modo que o colégio fosse seminário (sementeira) perpétuo de ministros de Deus: "it ut collegium Dei ministrorum perpetuum seminarium sit".[1]

Os adolescentes, se não são bem formados, estão inclinados a seguir os prazeres do século, e se não são orientados, desde os tenros anos, à piedade e à religião antes que os maus hábitos se apoderem completamente

[1] Giuseppe ALBERICI et alii (a cura). *Conciliorum Oecumenicorum Decreta,* Canon XVIII, p. 751

do homem, não são capazes de perseverar na disciplina eclesiástica sem um auxílio grandíssimo e singularíssimo de Deus onipotente.[2]

Devia o colégio estar próximo a uma igreja ou a um lugar apropriado, sendo sua clientela, com a idade mínima de doze anos, proveniente "de legítimo matrimônio, suficientemente capaz de ler e de escrever e cuja índole e vontade dessem esperança de fidelidade aos ministérios eclesiásticos".[3] Cumprirão um programa, possuindo currículo próprio, calendário próprio e vestimentas próprias, vivendo separados do mundo social". Serão punidos os indisciplinados e os incorrigíveis e aqueles que dão mau exemplo e, se houver necessidade, serão expulsos.[4] Essas eram as normas principais do seminário.

Serafim LEITE definia como seminários os destinados aos que seguiam a carreira eclesiástica e como colégios aqueles destinados a todos.[5] O Concílio de Trento parece não distinguir, o que dá a entender que os leigos deviam receber educação semelhante.[6]

## 1. OS INTERNATOS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, ATÉ O FINAL SÉCULO XIX

Apesar de ser precária uma classificação, foram dois os modelos predominantes de internato, ou seja, o modelo jesuíta – versão portuguesa – na era colonial e o modelo lazarista, de origem francesa. Os próprios

---

[2] *Cum adolescentium aetas, nisi recte instituatur, prona sit ad mundi voluptates sequendas, et, nisi a teneris annis ad pietatem et religionem informentur, antequam vitiorum habitus totos homines possident, numquam perfecte ac sine maximo ac singulari propemodum Dei omnipotentis auxilio in disciplina perseveret.* Id., *op. cit.*, p. 750

[3] *In hoc vero collegio recipiantur, qui ad minimum duodecim annos et ex legitimo matrimonio nati sint, ac legere et scribere competenter noverint, et quorum indoles et voluntas spem afferat, eos ecclesiasticis ministeriis perpetuo inservituros.* Id, *op. cit.*, p. 750-754.

[4] Id, *op. cit.*, p. 751-754.

[5] Padre Serafim LEITE, Características do primeiro ensino popular no Brasil, in: *Novas páginas de História do Brasil*, p. 199. Cfr. ainda Gilberto Freyre, *Casa-Grande e Senzala*, p. 422-423.

[6] *Et quia ad collegii fabricam instituendam et ad mercedem praeceptoribus et ministris solvendum, et da alendam iuventutem, et ad altos sumptus certi reditus erunt necessarii, ultra ea, quae ad instituendos vel aliendos pueros sunt in aliquibus ecclesiis et locis destinada, quae eo ipso huic seminario sub eadem episcopi cura aplicata censentur* (Para construir o edifício do colégio, para dar uma remuneração aos professores e ao pessoal, para manter os alunos e para outras despesas, serão necessários rendas fixas, além de outros meios econômicos que, já destinados em algumas igrejas e locais de educação e manutenção dos meninos, serão para isso entregues, pelo bispo, a este seminário). Id., *Ibid.*

seminários sofreram influência do modelo jesuíta, já que o primeiro reitor do Seminário de Mariana era jesuíta. As informações sobre o ensino ministrado em outras ordens religiosas não se comparam ao ministrado pelos jesuítas.[7]

## 1.1. Fase colonial

No Brasil, pela ordem, existiram os colégios jesuítas, os recolhimentos e os seminários.

Os mais importantes colégios foram: o Colégio da Bahia que possuía, além de uma estrutura econômica para sua manutenção praticamente auto-suficiente, uma biblioteca com 15.000 volumes;[8] o do Rio, com 6.000; o do Maranhão e o de São Paulo, com 5.000; o do Pará (Santo Alexandre), com 2.000; o do Vigia, com 1.006; o da Casa Madre de Deus (Maranhão), com 1.000; e o de Recife e o seminário do Pará.[9]

Os seminários acolhiam, também, os filhos de funcionários públicos, de senhores de engenho, de criadores de gado, de oficiais mecânicos que nem sempre moravam no mesmo local do colégio, pois não tinham facilidades de transporte. Já os "recolhimentos" – tipos de internatos para os índios, não exclusivamente, como os da Bahia e de São Vicente – recolhiam os curumins, especialmente os filhos dos caciques, que lhes serviam de garantias, como também para os brancos, contra os ataques dos índios. Recebiam, também, os filhos dos mamelucos, os órfãos e os filhos das famílias mais importantes.[10]

Adaptaram-se ao Brasil, ao suprimirem o excesso nos castigos, como o uso dos açoites, respeitavam os educandos, apesar de sofrer a influência da visão dos adultos. Aqui, não podiam seguir as regras rígidas de Portugal, pela oposição do ambiente, adaptando-se às condições dos indígenas.[11]

---

[7] "Por maiores que fossem esses empenhos e outros que porventura se fizeram, mal se comparam ao imenso trabalho desenvolvido na esfera da instrução, pelos jesuítas" Cfr. Sérgio Buarque de HOLANDA, *História geral da civilização brasileira; época colonial*, v. 2, p. 77.

[8] José Antônio TOBIAS, *História da Educação Brasileira*, p. 54-58.

[9] Id., *op. cit.*, p. 135.

[10] Id., *op. cit.*, p. 69. O primeiro "recolhimento, ou internato para meninas, da nascente burguesia e nobreza brasileira, foi o "Recolhimento de Nossa Senhora da Glória", criado em 1802, pelo bispo D. Azeredo Coutinho (Ib., p. 122)

[11] José Antônio TOBIAS, *op. cit.*, p. 66.

A reforma pombalina, porém, com a expulsão dos jesuítas, destruiu o primeiro sistema de internato e também da educação brasileira, ou seja, dezesseis colégios e seminários, trinta e seis missões e vinte e cinco residências. Eram 445 jesuítas, dos quais 228 sacerdotes, praticamente todos professores,[12] que não encontraram substitutos à altura.

Destruído o sistema jesuíta, a educação ficou restrita quase que aos seminários, destacando-se **o de Mariana,** fundado em 20 de dezembro de 1750, pelo primeiro Bispo de Mariana, Dom Frei Manoel da Cruz, sendo o primeiro reitor o jesuíta Pe. José Nogueira.[13] O primeiro Bispo escreveu o primeiro estatuto, todo ele fundamentado numa intensa vida espiritual (comunhão todos os meses), que foi a base dos estatutos posteriores, sendo bastante rígido. Mas já se puniam os faltosos à hora de se recolher aos seus cubículos para estudar *(Estatuto 4.°)* e aos que riscavam "livros ou paredes rigorosamente"; não se admitiam "pessoas de fora, nem falar com alguém à portaria da Igreja, nem falar com mulher, ainda seja parenta, sem terem para toda a referida licença expressa do... Reitor, o qual castigaria severamente qualquer dessas faltas, segundo a contumácia dos desobedientes" *(Estatuto 8°).* Não define qual tipo de punição deveria aplicar-se. Mas é claro ao proibir "aos Seminaristas todo o gênero de armas, sendo rigorosamente castigado e expulso do Seminário" o transgressor (*Estatuto 10°*). Já se sentem, nessas prescrições, os cuidados contra as práticas homossexuais e heterossexuais.[14]

O Seminário de Olinda, fundado por D. Azeredo Coutinho, caracterizava-se por um tratamento humano. Na época deste Bispo, porém, o menino era tratado como demônio, após os cincos anos. Gilberto Freyre assinala a fisionomia dos colégios e da educação nessa fase:

*Era a opressão da pedagogia sádica, exercendo-se sobre o órfão, sobre o aluno, sobre o enjeitado, sobre o aluno com o pai vivo mas alijado do mestre, no esforço de oprimir a criança. Todos - o pai e o mestre - inimigos do menino e querendo-o homem o mais breve possível. O próprio menino, inimigo de si mesmo e querendo ser homem antes do tempo.*

---

[12] José Antonio TOBIAS, *História da Educação Brasileira*, p. 126.

[13] Raymundo TRINDADE, *Archidiocese de Marianna; Subsídios para a sua história*, v. 2, p. 767-768.

[14] Raymundo TRINDADE, *op. cit.*, p. 767-768, 771-775.

O Seminário São Joaquim, do Rio de Janeiro, entretanto, apresentava uma face diferente da do Seminário de Olinda:

*Bem expressiva a alcunha que o povo do Rio botou nos meninos de São Joaquim: carneiros. Carneirinhos. Calados, olhos tristes, sem vontade, eram mesmo uns carneiros. E o trajo ainda lhes dava mais o ar de carneiros: uma batina com uma cruz vermelha no peito, um cinto de cadarço preto.*[15]

Os Estatutos de 23 de janeiro de 1821 distinguem dois tipos de seminaristas: os internos, aos quais era concedido abrir tonsura e aos externos usar *"gorro com botão"*. Recomendava-se que os seminaristas, "para se instruírem e prepararem-se para o estado eclesiástico ou outro qualquer da República Cristã", deveriam começar logo pela edificação de seus costumes, amando a Deus acima de tudo e relevando, por ele, as faltas alheias. Pelo que se recomendava que se amassem "mutuamente, tratando-se com cortesia e gravidade, sem altivez e só cuidassem em distinguir-se entre si no respeito devido aos Superiores e na diligência para se aproveitarem na virtude". Já estavam previstos, claramente, o objetivo, o método, o conteúdo, a avaliação das matérias curriculares.[16]

Proibia-se o tratamento com "apelidos arbitrários e os títulos por famílias. Eram evitadas comunicações fora do Seminário" e proibidos de trazer pessoas "para dentro de seus cubículos, mesmo companheiros", e entrar no cubículo alheio. Percebe-se que eram medidas preventivas contra o homossexualismo.[17] É o que afirma a determinação subsequente: "Suposto que os Capítulos antecedentes se encaminhem à boa morigeração dos costumes, convém que particularmente os admoestemos a preservarem as suas diligências..."[18]

O projeto educativo era o mesmo para os que não se destinavam ao sacerdócio, como se depreende da determinação seguinte quanto à utilidade da conservação de consciência pura, porquanto os meios para atingi-la eram os mesmos:

---

[15] Gilberto FREYRE, *Sobrados e Mocambos*, São Paulo, Nacional, 1938, p. 106.
[16] Raymundo TRINDADE, *op. cit.*, p. 788-802.
[17] *Ibid.*
[18] Id., *op. cit.*, segunda parte, *capítulo 4.º: Da Observância Moral*. Id., *op. cit.*, p. 794.

*A conservação da uha consciencia pura he tão util como necessaria em todos os Estados, e muito mais recomendável àquelles que se prepararão para o Sacerdocio, e nada pode haver mais proprio para esse fim como a frequencia dos Sacramentos da penitencia e Eucharistia, e os Santos Exercicios da Oração e meditação, por isso confessar-se-hão em todos os mezes húa vez e commungarão, e o poderão fazer mais vezes si forem mandados ou com licença do Reitor.*[19]

A punição aos culpados contemplava a possibilidade de recorrer a castigos humilhantes. Os seminaristas que cometerem faltas de civilidade à mesa sejam admoestados e o admoestado se levantasse enquanto a recebesse com benignidade.[20]

O novo Estatuto do Seminário de Mariana, de 1845, prescrevia vestes diferentes para os estudantes externos, sujeitos, todavia, às mesmas obrigações dos seminaristas, ou seja, à Missa diária, na medida do possível, e até ao uso da palmatória,[21] o que parece ter sido contestado pelo Conselho da Província.[22]

O Bispo D. Azeredo criou o primeiro internato para meninas de casa-grande e sobrado, o "Recolhimento de Nossa Senhora da Glória", em 1802, em moldes mais liberalizantes, e traçou um currículo mais adequado à formação feminina.[23] Quase cinqüenta anos depois, já na fase imperial, o Pe. Ibiapina fundaria as *Casas de Caridade*, *sem palmatória e sem cafua*, procurando integrar *artes domésticas*, ensino de agricultura e de ofícios, sem desvalorizar a formação intelectual e substituir por formas maternais de organização social e de formação da personalidade o patriarcado das casas-grandes e dos sobrados.[24]

Em *As três Marias,* Rachel de Queiroz analisa um internato feminino, mantido por freiras, já no século XX, talvez em Fortaleza (CE), em que aparecem problemas de relacionamento semelhantes aos dos casos analisados acima.

---

[19] Raymundo TRINDADE, *loc. cit.*
[20] Id., *op. cit.*, p. 795-798.
[21] Raymundo TRINDADE, *op. cit.*, p. 806-807.
[22] Ver anexo V.
[23] Fernando AZEVEDO, *A cultura brasileira; introdução ao estudo da cultura no Brasil,* p. 559.
[24] Gilberto FREYRE, *Sobrados e Mocambos*, v. 1, p. 87-95.

## 1.2. Fase imperial

No crepúsculo da era colonial, surgiu o Colégio Caraça (MG), fundado por dois padres da Congregação da Missão, de origem francesa, em 15 de abril de 1820, que se tornou famoso pelo rigorismo e por servir de modelo para a reforma do Seminário São Joaquim, que se transformou no Colégio Pedro II e colégio padrão do país até 1971.

Com a criação dos cursos jurídicos, em 1827, os seminários entraram em decadência e se transformaram também em escolas de acesso aos cursos superiores do Império e da própria República, provocando lamentações dos Bispos que foram obrigados a abri-los aos meninos não vocacionados ao sacerdócio para obter rendas necessárias à sua sobrevivência digna. Com rendas insuficientes, eram socorridos pela beneficência pública e por auxílios financeiros governamentais em troca da educação gratuita de certo número de meninos pobres e de certa interferência na ordem interna.[25] Esse projeto governamental interferia, posteriormente, nos próprios colégios religiosos até os dias de hoje. Apesar de parecerem vultosos os auxílios, eram insuficientes para a manutenção dos seminários, como se depreende das queixas dos Bispos. Sofriam ainda a concorrência dos exames parcelados, pois muitos dos alunos matriculados não se submetiam aos exames no seminário, chegando poucos ao final do curso, prejudicando "a boa disciplina" do seminário.[26]

Em 1835, Pe. Leandro Rebelo Peixoto e Castro, pedagogo português, redigiu um novo Regulamento para o Seminário do Caraça que era o mesmo para os Colégios dos Padres Lazaristas. Nele traçava as normas para o superior, o diretor, o vice-diretor e os subdiretores, os professores,

---

[25] D. Antônio Viçoso, Bispo de Mariana, sustentou "porfiadas lutas com o governo Provincial" pelo desejo de estes intrometerem-se nos negócios do Seminário, só conseguindo livrar-se de qualquer ônus pela Lei 2.212, de 8 de janeiro de 1875. D. Antonio Maria Corrêa de Sá Benevides, após ter sido empossado na Diocese de Mariana, recebeu do Ministério do Império uma circular, datada de 23 de novembro de 1877, em que era intimado a pôr em concurso as cadeiras do Seminário dentro do prazo de seis meses. Considerava a obediência a esta determinação como uma invasão do poder civil no governo da Igreja, tendo como conseqüência a retirada dos religiosos encarregados do Seminário, ou seja, os Padres Lazaristas, o que significaria a ruína do estabelecimento. Id., *op. cit.*, p. 865. Raymundo TRINDADE, *Archidiocese de Marianna*, v. 2, p. 856-859, 865 – 868.

[26] D. Benevides para atender a "boa disciplina do Seminário", prejudicada pelo costume introduzido, havia alguns anos, de se levarem alguns estudantes para prestar exames perante as bancas examinadoras da Capital da província, eliminou-os em carta de agosto de 1882, afirmando que a casa de Mariana não era colégio sujeito ao ensino, exames e disciplina à vontade dos pais. Id, *op. cit.*, p. 992-882.

os estudos, os estudantes, o procurador, o cozinheiro, o refeitório, os enfermeiros e o porteiro. Estabelecia, ainda, a ordem do dia e da noite. As aulas e as horas de estudo eram entremeadas com períodos curtos de oração.

O superior devia ser o primeiro exemplar, o primeiro vigilante, o primeiro inimigo de intrigas; cuidar do cumprimento dos deveres dos empregados, do fornecimento da manutenção, do asseio; fazer com que os estudantes aproveitassem o tempo, corrigi-los com caridade, evitando a correção pública, quando o crime não fosse escandaloso, e, no momento e lugar oportuno, especialmente depois da leitura espiritual, ou da oração; mandar que o regulamento fosse lido uma vez no mês.

Determinava, entre outras, os momentos de silêncio fora da recreação; que os estudantes fossem modestos e asseados e nada lhes faltasse; que se conhecessem o temperamento e a índole de cada um para tratar a todos com prudência. Nos vários capítulos, recomendava que se corrigissem com prudência e modo de conselhos. As faltas maiores eram punidas com a privação do recreio e a separação dos colegas. Os professores deviam ser claros em suas explicações, deviam também observar a modéstia e a gravidade dos alunos nas aulas.

Determinava que os alunos fossem advertidos para que não pensassem que vieram só para aprender os estudos e as ciências, mas também as virtudes e deviam aceitar os sofrimentos, pois não estavam na casa dos pais, a diversidade de temperamentos e educação entre eles. No regulamento, havia ainda admoestação de que os alunos evitassem os extremos, ou seja, as amizades e inimizades particulares, as brincadeiras de mão ("jogos de mão"), guardassem o silêncio, não perturbassem os colegas; não perdessem tempo e cuidassem dos livros, fossem "muito políticos" uns com os outros e "ao menos uma vez na semana 'lavassem' o corpo".

O dia começava às 5h e terminava às 22h. Havia sessão de estudos de manhã e à tarde, Missa às 7h. Nos recreios, permitiam-se jogos que exercitassem as forças do corpo. O almoço após a Missa e jantar, às 11h, durante o qual se lia do púlpito a história ou a vida de homens ilustres. Após as 17h, encerravam-se as aulas, seguidas de merenda. Às 17h30, havia música, cantochão e cerimônias sagradas. Antes da ceia, récita do terço de Nossa Senhora, seguida de recreação, récita das ladainhas de Nossa Senhora e recolhimento para seus aposentos. As quintas-feiras eram feriados.

As comidas não fossem requentadas nem carregadas de sal, mas "bem guisadas" e variadas, para não aborrecerem, e servidas na hora oportuna. Os doentes deviam ser muito bem tratados, com caridade e paciência, na enfermaria, bem asseada, arejada e "a miúdo defumada". Os castigos mais comuns eram a repreensão pública. Os vadios ficavam de pé, no salão de estudos, afastados da estante, estudando com o livro na mão. "Os brigões e pintões" ficavam num canto do recreio, incomunicáveis; ou debaixo do sino, para a porta do encarregado da disciplina ou do Pe. Superior (nos casos mais graves). A partir de 1936, os padres novos, em geral, foram abolindo o castigo de joelhos.[27]

O sistema didático adotado era o ensino repetitivo, segundo o modelo de *Lições de Português* de Othoniel Motta, ou no mote popular – "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura". Os professores "apertavam os alunos", combatendo o "mais ou menos", procurando estimular os mais estudiosos e não perdoando os vadios. A "cola" era punida com rigor e a nota "zero", e era eliminado o aluno que repetisse a façanha. Tinha-se em vista com tal medida, hoje considerada por muitos como excessiva ou absurda, evitar o mau exemplo e ensinar a honradez, a dignidade e a repulsa à falsidade, ao fingimento, à mentira e ao mau caráter.[28]

Todo mês e no fim do semestre, fazia-se publicamente, com solenidade, a leitura de notas. O aluno, em pé, de batina preta, ouvia, de braços cruzados, suas notas. Quem obtinha **9** ou **10** era aplaudido por todos e elogiado pelo Superior com comentário oportuno e advertido ou repreendido quando recebia notas baixas. Este era punido com uma hora extra de estudo nos dias feriados, privado de algum passeio ou jogo; o próprio aluno devia mandar carta aos pais escrita por ele próprio comunicando o resultado. Repetir era privilégio de aluno bem comportado e que denotava esperança de recuperação.

Os alunos internos tinham oito horas de trabalho diário, ou seja, duas aulas pela manhã e outras tantas à tarde, cada uma precedida de uma hora de estudo. Os horários de recreio eram de jogos e de um "barulho infernal", encerrados com o som do sino. Os alunos, em silêncio, de braços cruzados, subiam para o salão de estudos, onde "batiam", ou seja, decoravam a lição. Olhar para trás ou para o "disciplinário" era falta considerada digna de punição, pelo menos estudando de pé. Semanalmente, eram os

---

[27] José Tobias ZICO, *Caraça; ex-alunos e visitantes,* p. 124-135 e 167.
[28] José Tobias ZICO, *op. cit;* p. 148-150.

alunos sabatinados com uma prova escrita, ou prova de revisão (o *concurso*), cujo resultado era lido às segundas-feiras, após o almoço, uma espécie de pequeno juízo final, que assustava uns e fazia sorrir a outros. Mas os professores tinham liberdade de aliviar o rigorismo com brincadeiras, pequenos regalos (balinhas, frutas...) nos recreios ou passeios e alguns deles sabiam "fanatizar" seus alunos pela matéria que lecionavam.[29]

Havia, ainda, as Academias Literárias (que acentuavam a formação acadêmica e retórica), em que nos feriados se realizavam sessões com récitas de poesias próprias ou de autores portugueses, brasileiros, latinos, gregos e franceses. Nas refeições (café da manhã, almoço, ceia) os alunos mais adiantados faziam alguma leitura (histórias alegres, notícias, artigos de revistas ou jornais).[30]

A fama de rigor do Caraça correu o Brasil, dando-lhe reputação de austeridade, de severidade, de rigorismo disciplinar que aterrorizava os estudantes. Certamente que exageros houve de alguma cabeça quente. Mas era assim a concepção da época. Parecem reforçar esse fenômeno o isolamento da região, a aspereza das pedras em semiciclo e a imensa floresta circundante que mostram ao visitante uma visão impressionante, para não dizer dantesca. A palmatória foi aposentada em 1829, mas usada poucas vezes e em casos excepcionais.[31]

Dom Viçoso não admitia interferência da Administração da Província na disciplina do Seminário. Renunciou os emolumentos governamentais e editou novo Regulamento, em 1856. Foram simplificadas as normas, mas, na sua essência, pouco mudou.[32]

---

[29] José Tobias ZICO, *Caraça; ex-alunos e visitantes*, p. 146-148.

[30] Id., *op. cit.*, p. 152-154.

[31] José Tobias ZICO, *op. cit.*, p. 136-138. Joelma Sampaio de ALENCAR traz informações sobre os castigos no Caraça, como beliscões, bolos de palmatória, cópias várias vezes de lição e do "Miserere", ficar de joelhos, cubículo. Os grandes escapavam da palmatória e de ficar de joelhos. Cfr. Joelma Sampaio de ALENCAR, *Flagrantes da vida escolar brasileira – final do século XIX e início do século XX*, dissertação de mestrado, FEUSP, 1996, p. 36, 62, 77.

[32] Algumas determinações são curiosas, como as seguintes: "5° (...) he rigorosamente prohibido fumar em qualquer lugar, como tambem o demasiado comprimento dos cabellos, as unturas, os cheiros e outras leviandades; 6° Nos recreios evitarão os gritos desentoados..." A seguinte pode parecer estranha hoje, mas na época não havia água encanada nem serviço de esgotos, nem aparelhos sanitários; "Ao entrar para o Seminário deverão trazer 1.° todo o necessário para a cama, com bacia, ourinol, gamella, e se recomenda que a coberta de cama seja vermelha para a uniformidade". Ib., p. 861-863.

Repetia-se no campo da educação, em geral, e do ensino secundário, em particular, a democracia de casaca ou de fachada que se verificava na sociedade mais ampla, que vitimava impunemente a grande maioria da população e que levava o poeta a perguntar se é loucura, se é verdade/ tanto horror perante os céus...[33]

É significativo que, em Minas Gerais, em 1867, uma disposição oficial, através da Diretoria Geral de Instrução Pública, proscrevesse os castigos corporais ao professor da localidade de Antônio Pereira e só se recomendava "empregar da repreensão, trabalho de leitura ou escrita fora das horas regulares, 'castigos que excitem o vexame' (sic!), comunicação aos pais para castigos maiores e finalmente, expulsão da escola".[34]

## 2. OS INTERNATOS NA LITERATURA BRASILEIRA

Na literatura brasileira, existem várias produções que mostram a vida do estudante tanto no regime de internato como no de externato, cujos projetos pedagógicos não eram muito diferentes. Vamos passar em revista algumas das escolas descritas por grandes autores, embora os dados extraídos de alguns dos romances mais famosos quase sempre mostrem um aspecto caricato da realidade. Talvez, pelo reverso, possamos vislumbrar algo do anverso. Trata-se de tentar uma releitura para descobrir a estrutura de internatos e suas práticas que foram objetos de belas páginas de nossa literatura.

O internato brasileiro, no fim do século XIX, era regido pelas mesmas normas de funcionamento dos internatos franceses da época. Numerosos mestres europeus vinham aqui ensinar; os manuais escolares eram europeus ou neles inspirados; os currículos, o sistema de promoção eram

---

[33] Nelson PILETTI, *Estrutura e funcionamento do ensino de 2.º grau*, p. 30.

[34] Paulo Krüger Corrêa MOURÃO, *op. cit.*, p. 110. O "sic!" é do autor, que continuava: "Poderia haver também advertência particular ou pública, mudança para lugar inferior na classe, tarefa extra, etc. Permitia-se, medida ainda adotada até nos primeiros anos da República, pôr o aluno de pé ou de joelhos até mesmo com os braços abertos. Esgotados os castigos propriamente escolares o professor comunicaria ao pai do aluno o procedimento deste quando não se emendassse. A expulsão era reservada aos alunos positivamente incorrigíveis cuja influência e exemplo prejudicassem os colegas sendo aplicada essa medida extrema depois de esgotados todos os outros meios coercitivos. A expulsão seria proposta ao delegado que a poderia determinar ou negar caso em que o professor poderia apelar para o Diretor Geral". (Códice Prov. 1.212 de A.P.M.)

iguais aos de lá. Podem-se colher nomes de vários livros usados por autores, como:[35]

-**Visconde de Taunay** (1843-1889) manuseou, quando aluno no Colégio Pedro II, livros franceses ou nesta língua, como *La recherche de l'inconnue*, *História Sagrada* de Lhommd, seis volumes de Molière, *Judeu Errante*, *Les Femmes de la Bible*, a coleção do Consiller des Enfants, *Fábulas de Florian.*

- **Medeiros e Albuquerque** (José Joaquim de Campos da Costa de (1867-1934). Também estudou no Pedro II e leu, nas férias, no Colégio, todos os romances de Alexandre Dumas, mais de 200, o *Dicionário de Ciências Filosóficas* de A. Franck; *As Blasfêmias* de Jean Richepin.

- **Ciro Arprino Caldeira Brant** (1880-1972) conhecia os artigos do *Seleta Francesa* de Roquette ou do Chernoviz.

- **Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho** (1886-1968), também aluno do Pedro II, gostava de Coppé, Leconte de Lisle, Baudelaire, Hérédia, Mme. de Sévigné, La Fontaine e et ses fables de Taine, Pautheir, livro de classe.

Os mais famosos autores que fizeram do internato a trama de seus romances foram Raul Pompéia, José Lins do Rego e José Godofredo de Morais Rangel, três obras que podem ser consideradas significativas no assunto, além de uma breve referência de Machado de Assis e Manuel Antônio de Almeida. Trata-se de uma história social "literaturalizada" ou romanceada. Os três representam o Rio de Janeiro, o Nordeste e o Sul de Minas Gerais.

## 2.1. *O Ateneu* (Rio de Janeiro, publicado em 1888)[36]

Alguns autores trataram de algumas experiências de relacionamento professor-aluno em sala de aula. Assim, em conto de MACHADO DE ASSIS (1839-1908), narra-se que dois alunos, um dos quais filho do professor, por delação de um colega, apanharam doze bolos de palmatória, cada um, por ter um deles recebido uma "pratinha" (corrupção) para ensinar a lição. O próprio Machado de Assis confessava ter sido apelidado

---

[35] Joelma Sampaio de ALENCAR, *Flagrantes da vida escolar brasileira - final do século XIX e início do XX; relatos autobiográficos*, p. 23, 43, 78, 95.

[36] A clientela de *O Ateneu* provinha do Rio de Janeiro, do Estado do Rio e dos estados vizinhos. Essa mesma clientela buscava também o Colégio São Joaquim (Lorena).

desde os cinco anos de "menino diabo", "tendo sido dos mais malignos do tempo, arguto, discreto, traquinas e voluntarioso".[37] Manuel Antônio de ALMEIDA apresenta um menino castigado logo no primeiro dia de aula.[38]

Raul Pompéia escreveu um romance, **O Ateneu** (1888), sobre o funcionamento de um internato de sua época. O personagem principal entra, imediatamente, em ação, ao ser introduzido pelo pai que o avisa tratar-se de um mundo muito diferente. "Vais encontrar o mundo... Coragem para a luta", disse-lhe o pai, ao introduzir a criança de onze anos no **Ateneu**, com 300 alunos, um número considerado elevado, "o grande colégio da

---

[37] Manuel da Cunha PEREIRA, *A palavra é... escola: seleção de contos e notícias biográficas*, p. 8-18 e Joaquim Maria Machado de ASSIS, *Memórias de Brás Cubas*, p. 35-37.

[38] Maria José da Trindade NEGRÃO, *Manuel Antônio de ALMEIDA: textos escolhidos*, p. 49-53. Órfão de pai, faz os preparativos no Colégio São Pedro de Alcântara, lutando com dificuldades financeiras. Seu pai, português, era tenente. Vivera de 1821 a 1861, médico e jornalista. Escrevera também *Memórias de um Sargento de Milícias*:

- E se mo quiser dar, tenho o remédio; santa férula! disse o mestre brandindo a palmatória.
  O compadre sorriu-se, querendo dar a entender que tinha percebido o latim.
- É verdade: faz santos até às feras, disse traduzindo.
  O mestre sorriu-se da tradução.
- Mas espero que não há de ser necessária, acrescentou o compadre.
  O menino percebeu o que tudo isto queria dizer, e mostrou não gostar muito.
- Segunda-feira cá vem, e peço-lhe que não o poupe, disse por fim o compadre despedindo-se.
  Procurou pelo menino e já o viu na porta da rua prestes a sair, pois que ali não se julgava muito bem.
- Então, menino, sai sem tomar a bênção ao mestre?...
  O menino voltou constrangido, tomou de longe a bênção, e saíram então.
  Na segunda-feira voltou o menino armado com a sua competente pasta a tiracolo, a sua lousa de escrever e o seu tinteiro de chifre; o padrinho o acompanhou até à porta. Logo nesse dia portou-se de tal maneira que o mestre não se pôde dispensar de lhe dar quatro bolos, o que lhe fez perder toda a folia com que entrara: declarou desde esse instante guerra viva à escola. Ao meio-dia veio o padrinho buscá-lo, e a primeira notícia que ele lhe deu foi que não voltaria no dia seguinte, nem mesmo aquela tarde.
- Mas você não sabe que é preciso aprender?
- Mas não é preciso apanhar...
- Pois você já apanhou?...
- Não foi nada, não, senhor; foi porque entornei o tinteiro na calça de um menino que estava ao pé de mim; o mestre ralhou comigo, e eu comecei a rir muito...
- Pois você vai se rir quando o mestre ralha.
  Isto contrariou o mais que era possível ao barbeiro. Que diabo não diria a maldita vizinha quando soubesse que o menino tinha apanhado logo no primeiro dia de escola?... Mas não havia reclamações, o que o mestre fazia era bem feito. Custou-lhe bem a reduzir o menino a voltar nessa tarde à escola, o que só conseguiu com a promessa de que falaria ao mestre para que ele não lhe desse mais. Isto porém não era cousa que se fizesse, e não foi senão um engodo para arrastar o pequeno. Entrou este desesperado para a escola, e por princípio nenhum queria estar quieto e calado no seu banco; o mestre chamou-o e pô-lo de joelhos a poucos passos de si; passado pouco tempo voltou-se distraidamente, e surpreende-o no momento em que ele erguia a mão para atirar-lhe uma bola de papel. Chamou-o de novo e deu-lhe uma dúzia de bolos.

época". Seus boletins de propaganda enchiam o país, antepondo a preferência dos pais à "simpatia da meninada". Nele colocavam as famílias endinheiradas, do Norte e do Sul, os seus pupilos para abeberarem-se à "sua fonte espiritual".[39]

### 2.1.1. Os alunos e suas atividades

A escola classificava seus alunos em maiores e menores, mas não os separava em sessões ou espaços, a não ser para os dormitórios. A sala geral de estudo, para todos (o que facilitava todo tipo de transação e malandragem), possuía um "depósito" de livros dos alunos com um cadeado à portinha. Nos compartimentos deste depósito, abrigava-se muita outra coisa, menos livros, como confessa o autor.

Nas festas, faziam-se exibições de ginástica, cantos, poesias em várias línguas. Havia comissão de prêmios. Possuía capela, fazia academias.

O edifício da escola, de certa maneira, plagiava "outra casa de educação", o negro Caraça, melancólico, favorável à meditação e ao estudo, inclusive pela presença do "arvoredo do imenso jardim". Iluminava a fachada a "inscrição dourada ATHENAEUM" em semicírculo.[40] Existia banda de música e sala suplementar de recreio para os dias de chuva.

"Não bastava a abolição dos castigos corporais, era preciso a introdução de métodos novos, supressão absoluta dos vexames das punições, modalidades aperfeiçoadas no sistema de recompensa, ajeitação dos trabalhos, de maneira que seja a escola um paraíso..." Assim falava a seu novo aluno, Sérgio. Estabelecia um código de comportamento. Todas as culpas deveriam ser prevenidas; um pena para cada hipótese". Não se admitia a existência da imoralidade. Mas, se tal acontecesse, a justiça caía implacavelmente sobre o culpado.[41] Máximas morais enfeitavam as paredes. Havia homossexualidade clandestina. A vigilância não conseguia evitar o abuso dos pequenos pelos marmanjos, pois o banho, na piscina, era em comum. Havia grupos de dois para tudo, o que favorecia abusos e tiranetes com prejuízo para os pequenos e fracos, que se viam indefesos.

---

[39] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 11-13.
[40] Raul POMPÉIA, *op. cit.*, p. 15-18.
[41] Id., *op. cit.*, p. 21 e 24.

Apesar da afirmação do diretor, havia castigos físicos, como ficar de joelhos. Havia pai que recomendava severidade para o filho incorrigível. O mais temido pelos alunos era o Livro das Notas de comportamento, lidas pelo diretor, todas as manhãs, diante de todos os alunos e professores. Asseverava o autor que nele qual "Rainha caprichosa e incerta se tiranizava a opinião do Ateneu..., sem corretivo como os tribunais supremos", temível noticiário, redigido ao sabor da justiça de professores, muita vez despedidos por violentos, ignorantes, odiosos, imorais que se erigiam em censura irremissível de reputações. Os vitimados ficavam acabrunhados, lívidos perante os 300 alunos, saindo cambaleando pelo corredor. Não havia castigos corporais, mas a difamação estampada era irrevogável".[42] Professores que passavam como castigo cópias de dez páginas (consideradas castigo pequeno!) para serem escritas à noite, passar de joelhos o recreio do meio-dia e ficar de pé de braços abertos. Funcionava também cafua.

O turno da manhã era iniciado com cantos e orações na capela de Nossa Senhora Imaculada Conceição. À noite, os alunos se reuniam para as orações, entremeadas com cantos, acompanhados ao som do harmônio, antes de se recolherem ao dormitório. Cantava-se a oração do meio-dia na casa das recreações. A grade curricular, parecia, era modelar.

Aos domingos, iam todos à Missa, levando seus livrinhos. Em dias solenes, cantavam ao coro. O **Ateneu** participava com brilhantismo das procissões. A cada quinze dias, os alunos tinham saída após a Missa e voltavam, à segunda-feira, antes das 9h. Nos dias santos, havia saída na véspera. Apesar da existência de algumas práticas religiosas, a informação e a formação religiosa não aparecem fazendo parte importante do projeto da escola.

Havia, ainda as saídas extraordinárias de prêmio ou de obséquio, alcançadas por pontos acumulados a cada lição boa dada. Sérgio considerava cinco espinhos: "as máximas, o diretor, a inspeção dos bedéis, o porejamento de doutrina a transudar das paredes nos conceitos de sabedoria decorativa dos quadros e a polícia das aparições ubíquas e subitâneas do diretor".[43]

---

[42] Id., *op. cit.*, p. 44.
[43] Raul POMPÉIA, op. cit., p. 61.

Um Grêmio Literário, criação recente, com estatuto próprio, fazia suas reuniões, duas vezes ao mês, reunindo os amigos das letras, poetas, jornalistas, polemistas, romancistas, críticos, folhetinistas. Possuía um órgão para publicar as melhores produções dos sócios.

Para combater o enfado, vários tipos de divertimentos eram praticados: peteca, bolas elásticas, bolinhas de gude; jogos de salto, de corrida, entre os quais o do "chicote queimado"; jogos de parada, como os selos postais, os cigarros, o próprio dinheiro, apesar de serem proibidas as transações.

Os passeios eram escassos e depois do jantar. No ano seguinte, já eram mais longos, como ao Corcovado, por exemplo. Os alunos saíam marchando uniformizados.

Com a proximidade das férias, aumentava a impaciência dos alunos na expectativa do livramento. Relaxavam-se o horário e a inspeção, professores faltavam, os alunos se locomoviam por toda a parte.

Os exames públicos eram feitos fora do colégio, perante uma banca examinadora. Os escritos, em papel rubricado. Sorteava-se o ponto. Os exames orais, perante bancas, para as diversas matérias, como a matemática, o português, o inglês, etc.

### **2.1.2.** Uma conferência do diretor sobre o internato

Às quintas-feiras, havia preleções dadas pelo diretor sobre moralidade, incluindo filosofia, ciências, literatura, economia política, pedagogia, biografia, política e higiene. Numa dessas quintas-feiras, o diretor fez uma exposição do que era, para ele, o internato.

Tentou até justificar a sua existência, considerando o melhor sistema educacional que, "reflexo da sociedade", para ela educava: "Tanto melhor o internato é a escola da sociedade", pois, segundo ele, tempera o espírito logo cedo, mostrando logo a desilusão do carinho do lar; exercita a alma, ao atritar-se com as circunstâncias mais diversas e ao respirar todos os ambientes e não apenas com discursos sobre virtudes; só os capazes herdam a energia para enfrentar as agruras do destino: "Os deserdados abatem-se". E ainda acrescentava:

*Ensaiados no microcosmo do internato, não há mais surpresas no grande mundo lá fora, onde se vão sofrer todas as convivências, respirar todos os ambientes; onde a razão da maior força é a dialética geral, e nos envolvem as evoluções de tudo que rasteja e tudo que morde, porque a perfídia terra-terra é um dos processos mais eficazes da vulgaridade vencedora; onde o aviltamento é quase sempre a condição do êxito, como se houvesse ascensões para baixo; onde o poder é uma redoma de chumbo sobre as aspirações altivas; onde a cidade é franca para as dissoluções babilônicas do instinto; onde o que é nulo flutua e aparece, como no mar as pérolas imersas são ignoradas e sobrenadam ao dia as algas mortas e a espuma.*

Para ele, o internato é útil, porque, como o garimpeiro, separa o que mais vale do que vale pouco:

*Cada mocidade representa uma direção. Hão de vir os disfarces, as hipocrisias, as sugestões da habilidade, do esclarecimento intelectual; no fundo a direção do caráter é invariável. A constância da bússola é uma; temos todos um norte necessário: cada um leva às costas o sobrescrito da sua fatalidade. O colégio não ilude: os caracteres exibem-se em mostrador de franqueza absoluta. O que tem de ser é já. E tanto mais exato, que o encontro e a confusão das classes e das fortunas equipara tudo, suprimindo os enganos de aparato, que tanto complicam os aspectos da vida exterior, que no internato apagam-se no socialismo do regulamento.*

*E não se diga que é um viveiro de maus germens, seminário nefasto de maus princípios, que hão de arborescer depois. Não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete. A corrupção que ali viceja vai de fora. Os caracteres que ali triunfam trazem ao entrar o passaporte do sucesso, como os que se perdem, a marca da condenação.*

E mostrava a diferença do externato:

*O externato é um meio-termo falso em matéria de educação moral; nem a vida exterior impressiona, porque a família preserva, nem o colégio vive socialmente para instruir a observação, porque falta a convivência de mundo à parte, que só a reclusão do grande internato ocasiona. O internato com a soma dos defeitos possíveis é o ensino prático da virtude, a aprendizagem do ferreiro à forja, habilitação do lutador na luta. Os débeis sacrificam-se; não prevalecem. Os ginásios são para os privilegiados da saúde. O reumatismo deve ser um péssimo acrobata. Erro grave combater o internato.*

*Cumpre que se institua, que se desenvolva, que floresça e se multiplique a escola positiva do conflito social com os maus educadores e as companhias perigosas, na comunhão corruptora, no tédio de claustro, de inação, de cárcere; cumpre que os generosos ardores da alma primitiva e ingênua se disciplinem na desilusão crua e prematura, que nunca é cedo para sentir que o futuro importa em mais que flanar facilmente, mãos às costas, fronte às nuvens, através das praças desimpedidas da república de Platão.*[44]

Os ideais proclamados pela instituição giravam em torno de valores como o Bem, o Belo, a Razão, a Moral, a Ordem, o Progresso, vigentes na época.

### 2.1.3. A crítica de Raul Pompéia

Agora examinemos a visão do autor da escola-internato. Trata-se de crítica cáustica a todo o seu projeto:

*O Sérgio, logo na visita inicial de reconhecimento, é atropelado pela propaganda aparatosa que fazia o seu diretor. Mas ao entrar, experimenta, na carne, o que seja "a solidão, o confinamento, a disciplina cruel, o despotismo dos mestres, a mesquinharia, os interesses, a luta pela sobrevivência, a concorrência diária que se decidia em prêmios no fim do ano".*[45] *Sérgio, anos depois, dele saiu indignado e marcado por um pessimismo radical em relação à natureza humana. O* **Ateneu** *apresenta sinais claros de vingança contra o internato do Colégio Abílio, fato, aliás, atestado também por Mário de Andrade.*[46]

---

[44] Raul POMPÉIA, *op. cit.*, p. 127-129.

[45] Leyla MOISÉS-PERRONE (org.), *O Ateneu: retórica e paixão*, p. 13, 17.

[46] Mario de ANDRADE, "O Ateneu", in: *Aspectos de literatura brasileira*, São Paulo, Livraria Martins Ed., 1972 (4.ª ed.,) e 1974 (5.ª ed.)., p. 173. LEYLA considera a experiência dos dois autores como "drama da cultura", ou ainda um "trauma cultural". Segundo ela, "o internato é uma experiência existencial intimamente amarrada a uma experiência cultural, a experiência cotidiana e forçada com certo saber, veiculado por certo discurso, impregnado de certa ideologia". Durasse e Raul "beberam até a indigestão o mesmo leite discursivo... gordo da retórica leciona que, pretendendo alimentar os jovens espíritos, neles inoculava os venenos de uma ideologia hipócrita e interesseira. E ambos rejeitaram esse alimento envenenado". Leyla Moysés-Perrone, *op. cit.*, p. 18

Sua visão do internato é caricaturada. Encontrou um fosso existencial "entre a comunhão da família[47] e o rigor do internato",[48] que lhe fez queimar o cérebro (saudades da casa paterna, sentimento de solidão e abandono).[49] Como se não bastassem, um companheiro sugeriu-lhe a máxima: "Faça-se forte, faça-se homem. Os fracos perdem-se".[50]

Suas experiências eram traumáticas e traumatizantes desde o corte dos cabelos, obrigatório no internato,[51] cabelos cortados rente como nos internatos franceses; o ambiente cotidiano que lhe despertava devaneios, fantasmas, sonhos e pesadelos; o próprio sono, onde sentia o desamparo coletivo, o peso da submissão indefesa aos vigilantes; as perturbações geradas pelas atribulações do dia (lições, sabatinas, provas, brigas com colegas, medos dos vigilantes, dos professores, etc.); o terror do homossexualismo, com que se sentiam, reprimidos, condenados e castigados, como culpados e imorais os que a ele se entregavam: "Tudo concorre para que ele ocorra, e tudo está previsto para puni-lo".[52] Aliás, o costume de formar duplas no colégio favorecia a existência do homossexualismo.[53]

As relações do jovem com o Diretor nele criou a imagem de ser ele onisciente, onipresente, todo poderoso, árbitro irrecorrível, agindo como Providência divina e como tal lembrado pelos pais e mestres, para intimidar e submeter a criança. Em **O Ateneu**, Diretor, ou seja, Aristarco assume a feição de um Deus assassino e antropófago, de um Deus selvagem. Essa imagem aparece em toda vida interna da escola.

"No 'cárcere' do internato, a maior parte do tempo é ocupada pelas aulas e pelo estudo, razão maior dessa comunidade". O autor percorre a geografia, a gramática, a história, as religiões, a aritmética. Além das disci-

---

[47] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 12.

[48] Dizia-lhe o Diretor: "Aqui está o nosso código. Leiam! Todas as culpas são prevenidas, uma pena para cada hipótese: o caso da imoralidade não está lá. (...) Se a desgraça ocorre, a justiça é o meu terror e a lei é o meu arbítrio". Id., *op. cit.*, p. 24.

[49] Id., *op. cit.*, p. 12, 14, 22, 24-29.

[50] Id., *op. cit.*, p. 28-29.

[51] Id., *op. cit.*, p. 20. O Diretor, ao mandar cortar seus cachinhos, acrescenta-lhe: "... os meninos bonitos não provam bem no meu colégio..."

[52] Raul POMPÉIA, *op. cit.*, p. 28. O companheiro que lhe dera a máxima acima, dá-lhe estas instruções: "Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza: são dominados, festejados como meninas ao desamparo. (...) Faça-se homem, meu amigo!"

[53] Id., *op. cit.*, p. 33.

plinas com seus discursos específicos, aparece ainda a retórica professoral das aulas, preleções ou discursos comemorativos. Para reforçar todo o currículo, as paredes estavam cobertas de sentenças, máximas e provérbios, como "nenhum mestre é mau para o bom discípulo; O **Ateneu** é uma sementeira, uma horta".[54]

O interessante é que as leituras de Raul Pompéia eram francesas, como transparece em **O Ateneu**, nele aparecendo Fénelon, Gautier, Júlio Verne, Pascal, Bernardin de Saint-Pierre, Racine, Corneille, Molière, Chateaubriand, Cuvier, Baudelaire, o que demonstra que toda a sua formação foi francesa.[55] Em **O Ateneu**, Raul Pompéia mostra a condensação de tudo o que ocorre na sociedade, na humanidade, mas numa visão profundamente pessimista, levando o autor a tentar consumir, via incêndio, esse microcosmo.

Aliás, todo o ensino médio do século passado apresentava caráter acentuadamente retórico, uma herança do ensino jesuítico. No Colégio Pedro II, distribuíam-se prêmios aos alunos que melhor se distinguissem em língua nacional e melhor compusessem um discurso latino. A retórica teve seu maior desenvolvimento na prática sermonástica do século XIX, tendo suas culminâncias em Frei Monte Alverne, sendo muito apreciada pelo povo como verdadeira diversão,[56] estendendo-se aos homens da ciência, das letras, da política, do jornalismo. Nas escolas secundárias constituíam-se os Grêmios Literários, que serviam de treinamento aos alunos nas lides oratórias e literárias.

O modelo de ensino retratado por Raul Pompéia é o dominante na época, sistema caracterizado pela falta de incentivo à participação e à criatividade dos discípulos, rígido e estruturado em função de uma formação 'moral' irrepreensível. Tratava-se de um modelo francês, aplicado desajeitadamente ao Brasil, sendo necessárias contínuas mudanças no plano de estudos, no sistema de qualificação, de disciplina escolar, etc., prevalecendo sempre a ênfase humanístico-literária. O próprio Colégio Abílio reproduz esse contexto educacional, "rígido, severo, repressor de qualquer

---

[54] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 33.

[55] Leyla PERRONE-MOISÉS, no livro *O Ateneu; retórica e paixão*, mostra a semelhança deste com Les Chants de Moldoror de Isidore Ducasse, p. 15-40.

[56] Maria de Lourdes Mariotto HAIDAR, *O Ensino Secundário no Império Brasileiro*, p. 47. Fernando de Azevedo discorre longamento sobre a tendência acentuadamente acadêmica em *A cultura brasileira*, p. 570.

impulso original e criativo que serve de material" à crítica contundente de Raul Pompéia, que põe ainda em choque o aparato disciplinar nele contido: "a juventude explodindo em sua espontaneidade e erotismo".[57]

Na obra de Raul Pompéia, estão inclusos todos os tipos de disciplina, expressando, segundo BARBOSA, "tudo aquilo que é aparência sem conteúdo, a casca sem o fruto, ou seja, escondem as aspirações materiais de um empresário e o sonho doentio de um megalomaníaco".[58] Em **O Ateneu**, reina a indisciplina das matérias do ensino escolar e a indisciplina no comportamento. Algumas matérias são apresentadas como geografia, lecionada pelo Diretor, gramática, história pátria, tabuada, desenho linear e cosmografia, lecionadas numa didática distorcida, verborrágica, com ênfase na memorização, romântica (na história pátria). Uma retórica místico-religiosa distorcia a História Sagrada e as aulas de catecismo confundiam a fé e a inteligência dos discípulos. Abusava-se das figuras e das metáforas.

A disciplina e a ordem impostas pelo colégio eram rígidas e severas,[59] estavam em desacordo com a sua realidade íntima, ou seja, discrepavam das normas disciplinares e das correspondentes maneiras de infringi-las. Ali só ganhava, conforme escreve o autor, quem melhor controlava a relação entre disciplina e indisciplina. Os alunos mais velhos controlavam o sistema de tutelagem. Existia um sabor de corrupção nessa tutelagem. O próprio diretor-empresário manipulava o sistema disciplinar em função das matrículas dos alunos (de que precisa) e da colaboração dos pais. O aluno, todavia, chegava a descobrir que "importante não" era a submissão à regra e à hierarquia estabelecidas, mas o seu funcionamento e dele se aproveitava.[60]

A figura do diretor e do mestre sofre crítica impiedosa, de começo a fim, pelo uso abusivo da retórica. Uma retórica de guerra era utilizada

---

[57] Sidney BARBOSA, "Caminhos e descaminhos da educação brasileira no século XIX", *O Ateneu; retórica e paixão,* p. 68-71.

[58] Segundo o dicionário Aurélio, *disciplina,* proveniente do latim, apresenta vários significados, ou seja: "1. Regime de ordem imposta ou livremente consentida; 2. Ordem que convém ao funcionamento regular duma organização (militar, escolar etc.); 3. Relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor; 4. Observância de preceitos ou normas; 5. Submissão a um regulamento; 6. Qualquer ramo do conhecimento (artístico, científico, histórico etc.); 7. Ensino, instrução, educação; 8. Conjunto de conhecimento em cada cadeira dum estabelecimento de ensino, matéria de ensino". Vide AURÉLIO. Essas significações coincidem com as do famoso dicionário latino de Antonio SARAIVA, impresso em Havre, França. Ainda Sidney BARBOSA, *ibid.*

[59] Raul POMPÉIA, *op. cit.*, p. 71-76.

[60] Id., *op. cit.*, p. 78.

nos vários aspectos da vida colegial: a vida como luta, colégio-quartel, diretor-general (diretor-pai, diretor-representante do Imperador, diretor-representante de Deus). Seu diretor, Abílio, Conde de Macaúbas, enchia o Império com o seu renome de pedagogo.[61] Educador, empresário, diplomata. "Boletins de propaganda pelas províncias", conferências a pedidos, caixões de livros, sobretudo elementares, de capas coloridas, eram enviados gratuitamente para distantes lugares. Seu diretor já era um "anúncio", "figura hierática, olhar fulgurante", que personificava a educação intelectual e moral. Os alunos do Ateneu, a fina flor da mocidade brasileira.[62]

O diretor aparecia sempre em primeiro relevo. Procurava-se exaltar, ainda, o papel do mestre, "prolongamento do amor paterno, complemento da ternura das mães, guia zeloso dos primeiros passos dos alunos novatos, a Providência na terra, anjo da guarda", em suma, o pai. Apresentava uma pequena descrição do papel de várias agências: "A família é o amor no lar, o estado é a segurança civil; o mestre, com amor forte que ensina e corrige, prepara-nos para a segurança íntima, inapreciável, da vontade". Acima do diretor, somente Deus. Abaixo de Deus, o diretor. O diretor mostrava-se afetuoso, cativante, paternal, afável, mas de uma personalidade forte. A seu lado, apresentava-se a esposa, a figura materna na escola que também fingia de enfermeira. Segundo o diretor, o colégio seria "apenas maior que o lar doméstico. O amor não" seria "precisamente o mesmo, mas os cuidados de vigilância" seriam "mais ativos".[63]

## 2.2. *Doidinho* (a trama se passa em um pequeno internato de Itabaiana - PB)

O segundo clássico sobre a vida num pequeno internato, em Itabaiana, na Paraíba, é o romance **Doidinho**, de José Lins do Rego. Na resenha que lhe faz como introdução, José Aderaldo Castelo vai ao fundo em poucas palavras:

---

[61] Raul POMPÉIA, *op. cit.*, p. 12.

[62] Id., *op. cit.*, p. 13.

[63] Id., *O Ateneu*, p. 12-21. Vide acima o que afirma FREYRE sobre o papel da figura paterna na vida do brasileiro. Mais em *Sobrados e Mocambos* (p. 82-84), em que apresenta exemplos concretos de sua influência em Joaquim Nabuco, Dom Vital, Visconde do Rio Branco (*Ibid.*, p. 11). Analisando mais diretamente a obra de Raul Pompéia, percebe-se logo que Sérgio, o personagem de destaque do romance, é o próprio autor, entretanto, que já entrava nesta escola com espírito prevenido pelo pai, nada escapa a seu espírito arguto, crítico e observador. Seu pai, ao entrar, disse-lhe: "Coragem para a festa". São as primeiras palavras do romance.

'Como em miniatura' é igualmente uma nova escola de vida, em que se testemunham e se debatem lealdade, traição, amizade, intriga, sexo, injustiça e tudo o mais sob a severidade despótica do diretor, sempre predisposto a impingir o castigo físico. Exemplifica a pedagogia de antes e depois de princípios deste século, semelhante ao que já fizera Raul Pompéia em **O Ateneu**.

A opção de *Doidinho*, o personagem central do romance, pela cultura letrada foi marcada por hesitações e sofrimentos. O colégio de Itabaiana é "o oposto ao seu vasto mundo rural e o último recurso para meninos sem jeito", ou seja, a Fazenda Santa Rosa era a liberdade, o espaço, a amplidão e o internato escolar, a prisão, a disciplina severa, o constrangimento.[64] O passeio dos alunos era de dois em dois, sempre à sombra de um decurião, representante da tirania, sem permissão para gritarias ou conversas com pessoas de fora. Não existia a liberdade licenciosa do engenho. Estava preso como canário na gaiola, sujeito a horário para tudo. Banho só uma vez por semana. O ensino era dado aos gritos e os erros corrigidos em voz de repreensão. Apanhou logo no primeiro dia de aula. Aliás, ali se apanhava todos os dias de palmatória.[65] O seu aprendizado custava suores frios, ganhando até o apelido de *Doidinho* por seu nervosismo e "impaciência mórbida e choros inexplicáveis". A melhor notícia que se podia ter era a de ir para a casa. O colégio era pior que a Marinha. Sentia-se enjeitado:

*– Não me importo que dê no menino. Botei aqui para aprender, e menino só aprende mesmo é com castigo. Agora o que não admito é judiação... Prefiro deixar na bagaceira. Isto não.*

*– Não há judiação, coronel. Só castigo quando há precisão. Pelo meu colégio tem passado muita gente e todos ficam meus amigos. O senhor está mal informado Não vá atrás de cartas de aluno. O que eles querem é vadiar, e mentem, e inventam...*[66]

A formação religiosa recebida em casa da velha *Totonha* estimulou-lhe a sensibilidade religiosa. Em certa ocasião, sofreu por causa de um amigo com quem ficara proibido de conversar:

---

[64] Antonio Carlos VILLAÇA, Doidinho, in: José Lins do REGO, *Doidinho*, p. XVIII-XIX.

[65] Digna de nota a observação que Doidinho fez a propósito de um quadro: "Na parede da sala havia um quadro grande, representando a subida de Cristo aos céus. Parecia que estava ali para uma profanação. Jesus veria surrados todos os dias aqueles meninos que queria que fossem Ele, porque deles era o reino dos céus". Cf. José Lins do REGO, *Doidinho*, p. 10.

[66] José Lins do REGO, *op. cit.*, p. 17.

*Demorei-me sozinho no salão de estudo. Via o Cristo do quadro subindo para os céus. Na história sagrada ele sofrera pelos homens, recebera uma coroa de espinhos, subira num monte para morrer pelos homens. Sofrer pelos outros! Como isto antes me parecia um sonho. Agora, não; estava ali, pertinho de mim, o Coruja apanhando por minha causa.*[67]

Ao ler **Coração,** de *De Amicis*, sua sensibilidade aguçou-se e sentiu inveja por serem as escolas da Itália diferentes da escola do Professor Maciel, em que estava internado. Lá, distribuíam-se prêmios, os professores falavam manso, não existiam palmatórias.[68]

Ao falar de religião, assim se expressava o Carlos de Melo, o *Doidinho*:

*Ainda não era Deus que estava por dentro de mim. Os surtos de crença morriam logo; eram pequenos relâmpagos numa escuridão que cada vez mais se fechava. Era como se numa noite escura aparecesse uma luzinha muito distante para iluminar as estradas. A que caminho poderiam levar estes pobres fogos-fátuos? No colégio não havia religião. Aos domingos ouvia-se Missa, perto do padre, com o diretor na frente, de bengala. E era só o que se fazia ali para a agradar a Deus. Seu Coelho falava dos padres, e a filha procurava a igreja. O colégio tinha o nome de Nossa Senhora não sei porque. Era como os engenhos: Santa Rosa, Santana, Santo Agostinho.*[69]

Houve umas missões e o Pároco pediu ao Diretor que levasse os alunos para as práticas. O frade, missionário capuchinho, falava manso, uma palavra doce, sem gritos e sem gestos, e, muitas vezes, se voltava para os meninos, recordando o predileção de Jesus Cristo pelas crianças e verberando contra os pais, educadores que os escandalizam, contra a impiedade das escolas públicas e dos colégios particulares.

O *Doidinho* viu, em sonho, seu pai com uma pedra no pescoço sendo jogado no açude. O Diretor tomou o sermão do missionário como uma intervenção em sua escola e procurou vingar-se no sobrinho do padre, também seu estudante, e nele descarregou sua raiva com bolos de palmatória.

---

[67] José Lins do REGO, *Doidinho*, p. 20.
[68] Id., *op. cit.*, p. 28.
[69] Id., *op. cit.*, p. 29.

Apesar desse desencontro, o Pároco conseguira fazer um acordo com o Diretor do Colégio e conseguiu que os meninos tivessem uma aula de doutrina cristã às sextas-feiras na Igreja. A mestra falava com mansidão, sem gritos, fazia as perguntas e, às vezes, dava a resposta. As aulas eram dadas do "mesmo jeito", observava ,"com que no engenho se ensinavam aos papagaios". Após sua primeira confissão, dormiu com a consciência limpa. O dia da primeira comunhão, apesar de pequenos contratempos, foi de alvoroço festivo, e, no colégio como de paz de armistício. Houve até passeios pela cidade e de uma algazarra feliz.[70]

Percebe-se que a religião mexia mais com a emoção, com a sensibilidade dos alunos, apesar de sofrer dos defeitos metodológicos de seu ensino. Mais, carecia a escola de *Doidinho* de uma pessoa que mostrasse luzes para as noites da consciência. A escola não atingia a vida emocional, pelo contrário, a violência gerava mais desajustes, mais confusões e mais tristezas. "O mundo era esta coisa abominável que nos desgraçava", pensava. A confissão tocou até seu corpo ao tomar consciência "da bondade de Deus". Naquela noite dormiu com a "consciência limpa, com a ansiedade de receber de corpo lavado de novo o filho de Deus do catecismo".[71] A Semana Santa, um período de férias, fê-lo descobrir o significado do jejum que, para ele, não servira para mortificações, para elevar o seu espírito a Deus, mas para entender a fome do pobre, pois, no colégio, aprendera "pela primeira vez a agonia de um estômago vazio num corpo são".[72]

O diretor era despótico. Apesar de, na Paraíba, ser proibido o uso da palmatória, o Professor Maciel não respeitava abertamente tal legislação. Os pais sabiam, mas não tomavam nenhuma providência a respeito. Outro preceito, não seguido pela gente local, era o de guardar a castidade, solicitada pelo catecismo, mas considerada um sacrifício ridicularizado, apesar de muitos senhores de engenho serem "homens de têmpora, limpos de honra, de respeito".[73]

---

[70] José Lins do REGO, *Doidinho*, p. 29-31. REGO mostra o conteúdo de religião dado por Dona Marietta em suas aulas e da repercussão delas na alma de *Doidinho*. O autor não deixa de dar uma ar de leve ironia à narrativa, chegando a dizer: "Mente-se muito nesses bate-bocas inocentes". Cf. *op. cit.*, p. 35-45.

[71] Id., *op. cit.*, p. 42-43.

[72] Id., *op. cit.*, p. 50-51.

[73] Id., *op. cit.*, p. 94.

Essa contradição o confundia, uma vez que seu avô era considerado o melhor senhor de engenho das redondezas. "Pela legislação do catecismo não escaparia ali nenhum do inferno. O avô não acreditava nas coisas da igreja. Só existiam um Deus e os santos para ele. Tudo mais era conversa do padre". Zombavam de um parente que vivia na igreja rezando. Os homens que se confessavam eram ridicularizados e ser amigo dos padres dava azar. *Doidinho* achava que Deus era injusto por condenar ao "inferno homens, cheios de grandezas morais, de dignidade de vida", que, na realidade, "nada valiam para um só pecado mortal". Começou a misturar a lubricidade dos livros com os pensamentos das dúvidas religiosas. A bondade do avô afastava o medo do inferno do pároco. A incapacidade de aprender a marchar o levou ao desespero e resolveu fugir do colégio, precisamente, no dia 7 de setembro, porque se sentia extremamente humilhado ao ser privado de participar do desfile com os companheiros pelas ruas da cidade.[74]

### 2.3. **Falange Gloriosa** (em internato no Sul de Minas Gerais, mais ou menos em meados da segunda década do século XX)

O terceiro clássico sobre o internato é **Falange Gloriosa** de Godofredo Rangel, que Antonio Candido classifica como "sátira social, crítica moralizante e grossa caricatura punitiva". Isso leva a pensar em que modelos teria o autor eleito entre os quatro ou cinco colégios do Sul de Minas que atraíam alunos de toda a parte.

De fato, a obra de Godofredo faz uma análise de um projeto educativo em que o diretor dispunha tiranicamente da vida profissional e, até particular, de seus professores e funcionários, como também dos alunos, sob pretexto de ser benfeitor paterno. Sempre escolhia aqueles que tinham um problema grave para mantê-los sob seu domínio e custódia. Sabia corromper até os fiscais escolares do governo, os comerciantes e as autoridades locais para enquadrá-los em seus objetivos (não confessos), considerando-se um general em estado de guerra, guerra contra a ignorância. Sabia manipular, habilmente, todos, inclusive o pároco, também a ele submisso, por ser o professor de ensino religioso. O autor, praticamente, reduz-se a analisar as relações do diretor com os professores e funcionários, usando-os para enfrentar os alunos, segundo seus in-

[74] Id., *op. cit.*, p. 93-96.

teresses. Tudo devia ser feito para a escola gozar de prestígio e, desse modo, ter muitos alunos (vantagem financeira e política). O diretor apresentava comportamento contraditório em relação aos estudantes, à disciplina e à avaliação escolar.[75]

## 2.4. Outras situações

ALMEIDA, em **A bagaceira**, descreve, em poucas palavras o menino na situação da casa-grande e na situação de internato, no começo do século XX:

*Órfão de mãe, ao nascer, a natureza criara-o vivaz e livre, como um selvagenzinho folgazão.*

*Não sentira a soledade de unigênito. Crescera de cambulhada com os moleques da bagaceira, garotos de uma malícia descarada.*

*E recordava-se de violenta transição desses hábitos de liberdade.*

*O colégio fora o viveiro com duzentos bicos comendo no mesmo cocho e bebendo na mesma água. O corrupião que come mole sujando as penas do canário gentil. A patativa cantando com a araponga.*

*Estava a toda hora com todo o mundo; só não tinha direito de ficar só, de estar consigo mesmo. Fora o silêncio aterrador de duzentas bocas que se abriam, no refeitório, sem falar. O silêncio indiscreto do dormitório. Fora a babel de duzentas meias-línguas no recreio.*

*Nesse convívio de portas fechadas, o relógio tinha mais vontade do que a sua natureza; era o horário do sono e da fome.*

*A disciplina constituía um sistema de inibições escusadas. Extraía-se a personalidade, como se extrai um dente podre. Era a forma, dois a dois, como animais jungidos.*

*Os longos silêncios regulamentares incutiram-lhe o vezo das meditações intranqüilas.*

*E fora, ao mesmo passo, amolecendo a inteligência com leituras secretas. Noitadas de romances angustiados, debaixo dos cobertores, à luz dos lampiões vigilantes".*[76]

No prefácio, escrevera para o "antes que me falem", considerando o romance uma das muitas formas de dizer a verdade. Talvez a mais persuasiva a que tem a aparência de mentira". Juarez da Gama Batista, comentan-

---

[75] Godofredo RANGEL, *Falange Gloriosa*, p. 6 e *passim*.

[76] José América de ALMEIDA, *A bagaceira*, p. 12-13.

do a vida de ALMEIDA, faz uma pintura do menino de camisolão.[77] De fato, até quase os anos 40, os meninos passavam por três fases no vestir: a fase do camisolão, a fase da calça curta, e a fase da calça comprida. Cada fase representava uma faixa de tratamento especial e de uma consideração crescente. Ao ingressar na escola, usava-se a calça curta.

Outro comentarista, M. Cavalcante PROENÇA, trata de uma das conseqüências da formação do internato, ou seja, do "menino depaisado",[78] ou seja, do menino que perde a afeição aos seus pais,[79] fenômeno que se verifica em **O Ateneu**, de Raul Pompéia e também em *Doidinho*. Quase sempre os estudantes egressos dos internatos encontravam dificuldades para se adequar ao regime familiar anterior e, na maioria das vezes, dele se retiravam, quando tinham completado sua formação acadêmica superior. Em **Banguê,** de José Lins do REGO, são narrados os desajustes do estudante que volta ao lar e ao lugar de origem. O mesmo fenômeno nota-se em **As três Marias** de Rachel de Queiroz, em se tratando de internato feminino.

Cora CORALINA descreve, com poética emoção e simplicidade, a escola (externato) de Goiás que freqüentou, não deixando de louvar o erudito Barão de Macaúbas:

*Minha escola primária*
*A escola antiga da antiga mestra.*
*Repartida em dois períodos*
*para a mesma meninada,*
*das 8 às 11, da 1 às 4.*
*Nem recreio, nem exames,*
*Nem notas, nem férias.*
*Sem cânticos, nem merenda...*
*Digo mal - sempre havia*
*distribuídos*
*alguns bolos de palmatória*
*A granel?*
*Não que era boa, cansada, aposentada*
*Tinha já ensinado a uma geração*
*Antes da minha*

---

[77] Juarez da Gama BATISTA, José Américo: a legenda e a vida, in: *op. cit.*, p. XVI.
[78] "Depaisado" é um neologismo usado por José Américo, que não existe nos dicionários.
[79] José Américo de ALMEIDA, *op. cit.*, p. XXX.

*A gente chegava – "Bênção, Mestra"*
*Sentada em bancos compridos,*
*sem encosto.*
*Lia as lições de rotina:*
*o velho abecedário,*
*lição salteada*
*Aprendia a soletrar.*

*"Vinham depois:*
*Primeiro, segundo,*
*Terceiro, quarto livros*
*do erudito pedagogo*
*Abílio Cesar Borges -*
*Barão de Macaúbas*
*E as máximas sapientes*
*do Marquês de Maricá.*

*Não se usava quadro-negro.*
*As contas se faziam*
*em pequenas lousas*
*individuais.*

*Não havia chamada*
*e sim o ritual*
*de entradas compassadas*
*"Benção, Mestra..."*[80]

*Banco de meninos,*
*Banco de meninas*
*Tudo muito sério.*
*Não se brincava.*
*Muito respeito.*
*Leitura alta.*
*Soletrava-se.*
*Cobria-se o debuxo.*
*Dava-se a lição. Tinha dia certo de argumento*
*com a palmatória pedagógica*
*em cena.*
*Cantava-se em coro a velha tabuada.*[81]

---

[80] A palavra bênção está sem acento, pois o povo assim pronunciava.

Essas práticas pedagógicas vigoravam ainda nos anos trinta, pelo menos no interior do Nordeste.

No Colégio Pedro II, castigos escolares, como ficar de joelhos, tapas, expulsar da aula, eram castigos comuns, privação de recreio. No Colégio Anglo-Americano, professores havia que aplicava chibatadas.[82]

Em São Paulo, a boa aceitação das escolas era prejudicada pela severidade excessiva dos mestres-escolas para com os alunos, que mal podiam responder às perguntas com medo dos rigorosos códigos disciplinares. Havia castigos físicos (a varada, o puxão de orelhas, o bolo de palmatória). As formas de protesto dos alunos eram gazear aulas, rasgar páginas do livro, não prestar atenção nas aulas ou pôr pedrinhas no buraco da fechadura da porta da aula, compor versos de gozação contra os professores ou contra os métodos didáticos, colocar freqüentemente apelidos "pejorativos nos mestres ranzinzas e mal-humorados". Em São Paulo, no século XIX, quase todos os mestre-escolas tinham apelidos.

Já existia, entretanto, uma lei de instrução pública de 1846, em São Paulo, que restringia a punição aos alunos, sob pena de demissão do mestre, sendo necessário o requerimento da autoridade ou pai de família, ouvido o professor e a comissão investigadora. A lei, aos poucos, foi quebrando o autoritarismo no setor escolar, porquanto, na família, o menino estava habituado, desde a mais tenra idade, a ouvir calado e rígido as repreensões paternas e, no colégio, a suportar as durezas da disciplina escolar, que, muitas vezes, massacrava a natural curiosidade do alunos. Alguns colégios, sobretudo os internatos de religiosos, sequer permitiam que seus alunos saíssem, nos períodos destinados, para as férias.[83]

Essa a situação geral dos internatos (e também dos externatos) dos fins do Império até quase a quinta década do século XX.

---

[81] Cora CORALINA, *op. cit.*, p. 75-78.

[82] Joelma Sampaio de ALENCAR, *Flagrantes da vida escolar brasileira – final do século XIX e inícios do século XX*, p. 25-26, 36, 42, 143,

[83] Os professores não dispensavam o puxão de orelha, a varada na bunda, ou o *bolo* na palma da mão, com a chamada "Santa Luzia de cinco olhos", ou seja, a palmatória, o que obrigava o aluno a agir com cautela. Cf. Gilberto Leite de BARROS, *A Cidade e o Planalto; processo de dominância da cidade de São Paulo*, t. I, p. 391-394. Cfr. também Ernani Silva BRUNO, História e tradições da cidade de São Paulo, v. 3, p. 1269.

Dominava, na sociedade brasileira, o princípio segundo o qual competia às elites, também católicas, dirigir seus destinos, mesmo no campo educacional. Para reformar a sociedade, através da formação da elite, o episcopado procurou multiplicar os colégios católicos, encontrando, nas próprias classes superiores, os meios para fundá-los, fenômeno que explica a chegada das Ordens e Congregações Religiosas dedicadas à educação.

Entre as Congregações a entrar, estavam os Salesianos, que fundaram um colégio em Niterói (1883) e outro em São Paulo (1885), os quais se desenvolveram rapidamente, e outros que foram aparecendo, no primeiro decênio republicano, demonstrando boa coexistência com as elites e com o novo regime, cujos governantes, aliás, não só favoreciam os estabelecimentos de ensino dessa Congregação, senão que os prestigiavam com suas freqüentes visitas. A própria esposa do Marechal Deodoro da Fonseca, primeiro Presidente, gostava de participar das festas que se faziam no Colégio Santa Rosa, de Niterói.[84] Do seu projeto educativo tratar-se-á logo a seguir.

[84] Luiz MARCIGAGLIA, *Os Salesianos no Brasil*, v. 1, p. 31 e 185-196.

# SEGUNDA PARTE

## A PEDAGOGIA SALESIANA

O sistema preventivo na educação da juventude mal se aprenderia somente pelos Regulamentos, se Dom Bosco não tivesse transmitido aos seus discípulos o seu espírito animador... Este espírito não se saberia precisar em que consiste. Mas o fato é que, transmitido pela tradição, circula nos ambientes salesianos, de modo que se respira quase inconscientemente como o ar. Dom Bosco devia pensar em tal espírito informador, quando escreveu que hoje o verdadeiro Regulamento está na atitude de quem deve pô-lo em prática.

*Eugenio Ceria*[1]

[1] Prefácio a Pietro BRAIDO, *Il sistema preventivo di Don Bosco,* p. 12-13.

CAPÍTULO IV

# ORIGENS DO SISTEMA SALESIANO DE EDUCAÇÃO

A rápida análise histórica de alguns modelos educativos usados, operacionalizados em algumas escolas famosas, pode, talvez, ter deixado, no leitor, certo mal-estar pelas suas deficiências. A crítica, por vezes caricata, para não dizer cáustica, pode ser contestada. Pode-se afirmar, categoricamente, que só produziram resultados negativos? Os próprios escritores que desenharam sua imagem negativa, delas saíram, foram por elas formados, pelo menos academicamente, e se tornaram famosos. Talvez, seus méritos e realizações brilhantes possam ser atribuídos apenas à própria individualidade, independente do concurso ou da interferência da formação intelectual por elas ministrada. Seria imprudente e, quem sabe, incorreto condená-las "in toto". Quanto ao problema da violência empregada na educação e na instrução de seus alunos, parece não haver dúvida.

Não haveria outras propostas mais eficazes para enfrentar essa questão que vem desafiando os pedagogos e educadores de todos os tempos? É o que se pretende fazer ao apresentar a elaboração e a construção do

projeto "criado" e executado por São João Bosco, quando vivo, e os êxitos por ele alcançados em suas instituições.

Dom Bosco, educador do século passado, de espírito eminentemente prático,[2] ocupa lugar de destaque na história da educação, não por ter sido um teórico, mas pela sua visão essencialmente prática, experiencial do problema educativo, sem pretensões de formular um sistema científico e universal. Todavia, da totalidade de suas obras, de seus pronunciamentos, de suas diretrizes e procedimentos práticos, é possível extrair um conjunto orgânico de idéias, princípios e métodos, suscetíveis de demonstração científica (teológica, filosófica e experimental).

Seus escritos nascem da exposição e descrição de fatos, que são tratados como diretrizes para a ação concreta. Trata-se de grandes idéias, de amplas diretrizes pedagógicas, de conclusões e de orientações conscientes e precisas, sem técnicas definidas, frutos de reflexões espontâneas.

Seu sistema trata mais de uma "anima, um espírito aberto", que não se prende a receituários fechados e definitivos, ou segundo o Pe. Pedro Ricaldone, trata de "modos de fazer", de "comportar-se em determinadas circunstâncias", segundo o mais elementar bom senso, não ligados, necessariamente, a um sistema científico ou filosófico. É, antes de tudo, uma descrição de atitudes, de comportamentos, de palavras e de ações, embora inclua convicções religiosas, ordenamento e organização de programas e de meios, inspirados em profunda fé e delicada sensibilidade cristã.[3]

Dom Bosco não questiona métodos, apesar de, em seu escrito sobre o Sistema Preventivo, acentuar os elementos e os meios positivos do problema disciplinar. Segundo ele:

*Dois são os sistemas usados em todos os tempos na educação da juventude. Preventivo e Repressivo. O Sistema Repressivo consiste em fazer conhecer a lei aos súbditos, depois vigiar para conhecer os transgressores e infligir, quando necessário, o castigo merecido. Neste sistema, as palavras e o aspecto do Superior devem ser sempre severas e, até*

---

[2] Esta afirmação é de M. SPINOLA, *Don Bosco y su obra*, p. 61, *apud* P. STELLA, *Dom Bosco nella storia della religiosità cattolica*, p. 16.

[3] Pietro BRAIDO, *op. cit.*, p. 30-31. Pe. Pedro Ricaldone foi o quarto sucessor de Dom Bosco.

*ameaçadoras, e ele mesmo evitar qualquer familiaridade com os dependentes. (...).*

*Diverso, direi, oposto é o Sistema Preventivo. Ele consiste em fazer conhecer as prescrições e os regulamentos de um Instituto e depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob os olhos vigilantes do Diretor ou dos assistentes, que como pais amorosos falem, sirvam de guia em todos os eventos, aconselhem e amorosamente corrijam, o que equivale a dizer: pôr os alunos na impossibilidade de cometer faltas.*

*Este sistema apóia-se totalmente sobre a razão, a religião e a amorevolezza; por isso exclui todo castigo violento e procura afastar até mesmo os leves.*

Dom Bosco o escolheu pelas seguintes vantagens:

a) O aluno, preventivamente avisado, não fica humilhado pelas faltas cometidas, como ocorre quando são levadas ao Superior;
b) A razão "mais essencial" é a mobilidade juvenil que esquece as regras disciplinares e os castigos que ameaçam;
c) O Sistema Repressivo pode impedir uma desordem, mas dificilmente melhora os delinqüentes.
d) O Sistema Preventivo torna avisado o aluno de modo que o educador sempre possa falar com a linguagem do coração, seja na fase educativa, seja depois dela.[4]

Na prática, este sistema exige um trabalho complexo de instrução, persuasão, consolidação intelectual e volitiva no plano do natural e do sobrenatural – baseado no supremo desvelo[5] – que precede sempre toda prevenção negativa ou meramente disciplinar. Esse o modelo que Dom Bosco procurou operacionalizar para que se reduzisse, ao mínimo possível, toda

---

[4] Giovanni BOSCO, Regolamento per le case della Società di S. Francesco di Sales, *Opere Edite*, v. 29 (1977-1978), p. 99-100. A tradução portuguesa, *Regulamento para as cazas da Congregação de S. Francisco de Sales*, não traz ainda traduzido o texto específico escrito por Dom Bosco, talvez por respeito ao texto original.

[5] LASAGNA, em seu debate com Francisco Antonio Berra, em Montevidéu, falava de *"nuestros desvelos"*, que mais adiante definia com estas palavras: "io com tutti i miei salesiani abbiamo giurato davanti all'altare di Dio di sacrificare i beni, i talenti, gli studi, i lavori, la stessa vita, e se necessario anche l'onore, che è la cosa più sacrosanta che abbiamo sulla terra, ogni volta che lo esiga qualche bene, qualche vantaggio dei nostri allievi". Cfr. Luigi LASAGNA, Epistolario, volume primo, p. 382 e 396.

prática que implicasse uso de violência na atividade educacional com jovens de qualquer classe social.[6]

Trata-se de um projeto educativo original? Do ponto de vista material, não, porquanto é tão velho quanto o Cristianismo.[7] Não é possível negar, entretanto, mesmo na tradição judaico-cristã, a existência de um processamento paralelo de dois modelos educativos distintos: o repressivo e o preventivo, conotando elementos contrapostos como temor e amor, severidade e indulgência, desconfiança do homem e confiança em Deus, sentido do pecado e entrega à graça divina, pessimismo e otimismo em relação ao homem quanto à sua idade evolutiva e educabilidade. É o que veremos a seguir.

## 1. INTRODUÇÃO HISTÓRICA AO SISTEMA PREVENTIVO NA EDUCAÇÃO

Com o Cristianismo operou-se verdadeira revolução ao se propor a centralidade e a transcendência no mandamento da caridade, o novo modo de conceber os valores humanos à luz das bem-aventuranças e, em particular, o mundo da infância e o crescimento humano em Jesus Cristo. Ele próprio acolheu os meninos e os propôs como modelo de autêntico sentir interior cristão.

De concreto, porém, não tem sido fácil a superação dos modelos educativos herdados das diferentes culturas – hebraica, grega, romana e de outros povos. Raro o cristão que, como Santo Agostinho, enuncia o princípio pedagógico geral do amor em sentido decisivamente *preventivo*: "Não existe maior convite ao amor do que prevenir amando".

Na Idade Média, a situação agravou-se, também, sob influência dos costumes dos novos povos. Nos mosteiros, foi criado um modelo

---

[6] Seria muito longo e ocioso apresentar, na história da educação, as brutalidades de relacionamento sofridas pelas crianças, adolescentes e jovens desde as origens da vida (aborto, infanticídio e toda sorte de violências), no próprio processo educativo (despotismo dos pais e dos mestres, castigos aflitivos espirituais e temporais, pancadarias, privações, isolamentos, processos didáticos opressivos e irracionais). Mas o mesmo fenômeno sempre existiu no trabalho (encaminhamento à mendicância, escravidão e até no próprio treinamento ocupacional e militar) e no próprio lazer (exploração sexual) e até na própria pesquisa científica (uso de órgãos...). Pietro BRAIDO, *Breve storia del "sistema preventivo"*, p. 5-7 e *Il sistema preventivo di Don Bosco*, p. 25-32.

[7] Dom Bosco o confessa logo nas primeiras linhas de seu opúsculo *O Sistema Preventivo*: "Dois são os sistemas sempre usados na educação da juventude: preventivo e repressivo".

de relacionamento de tipo escolar e familiar em que o abade era o pai e mestre, que educa e instrui. A base do relacionamento devia estar fundada no princípio de que procurasse o abade ou a abadessa, primeiramente, amar que ser temido. A educação medieval apresentava uma visão antropológica e uma teologia pessimista da adolescência que devia ser formada na humildade, na obediência e na castidade, com o auxílio do pensamento dos Novíssimos ou da Escatologia.

No final da Idade Média, distinguia-se na pedagogia humanista italiana, entre outros, Vitorino da FELTRE (1373/8-1445/7), pelas características *preventivas* de sua casa de educação *La Giocosa,* perto de Mântua. Conjugavam-se disciplina severa, com manifestações de afeto, sendo protagonista um educador que era, ao mesmo tempo, pai, mãe, amigo e companheiro. À educação física, uniam-se a cultura intelectual, a disciplina, a formação moral e religiosa. Vittorino vivia entre seus alunos, na escola, no refeitório, nos jogos, nos passeios e mantinha-os com uma vigilância ativa no caminho da virtude e do dever. Dom Bosco recebeu influência significativa de seu sistema educativo.[8]

No século XVI, o desenvolvimento econômico-social, a expansão das trocas e do comércio, as exigências de uma nova cultura laica, a revalorização da razão na própria elaboração teológica realçaram o aprimoramento dos valores humanos, como, por exemplo, o refinamento dos costumes e a suavização dos métodos educativos a partir dos estratos mais refinados da sociedade, apesar de insistir-se em maior vigilância na idade evolutiva.

Apareceram propostas baseadas em uma pedagogia do amor e inspiradas no modelo familiar, com base na "doutrina cristã, no trabalho e na assistência amorável e preveniente". São Carlos BORROMEU (1538-1584), que, apesar de, em seus seminários, adotar módulos preferentemente *repressivos,* nas suas regras da Companhia das Escolas de Doutrina Cristã, apresentava elementos virtualmente *preventivos*. Silvio ANTONIANO (1540-1603) adotava um modelo inspirado no amor e no temor, em que a autoridade fosse moderada pela suavidade e doçura. São José CALASANZ (1556-1648) iniciava, em Roma, então sofrendo a ação violenta do banditismo, um projeto pioneiro de escola popular, com o objetivo de reformar o Cristianismo.

---

[8] Pietro BRAIDO, *Breve Storia del "sistema preventivo"*, p. 21-22.

Na França, entre o final do século XVI e a Revolução Francesa, as Ursulinas Claustrais desenvolviam intensa atividade educativa em favor das *educandas* internas e externas, fundamentando-se na espiritualidade religiosa, onde se conjugam contemplação e obras de caridade, especialmente educativa, e modelando-se em Jesus Cristo que acolhe os meninos. São Pier FOURNIER (1565-1640) e Alix LE CLERC (1575-1622) fundavam a Congregação de Nossa Senhora, constituída de senhoras e mestras-escolas em favor das meninas, em cujas Constituições aparecem traços *preventivos*. Até nas relações de governo das comunidades religiosas, as novas formas de vida religiosa optavam pelo método da bondade e da doçura (São Francisco de Sales, Santo Inácio de Loiola).

Santo Inácio de Loiola (1491-1550) fundou em 1540 a Companhia de Jesus, que exerceu influência significativa sobre a educação intelectual e moral. A *Ratio atque institutio studiorum Societatis Jesus*, elaborada em 1588 e editada em 1599, teve supremacia nos séculos seguintes como sistema de ensino, não só na Itália como em toda a Europa e América. A religião, em seu sistema, é "a base e o cume, o centro e alma" de seu sistema educativo, destacando-se a prática da oração e freqüência aos Sacramentos. Era proibido aos seus professores bater nos jovens, mas se admitiam o "banco dos ásinos" e as punições corporais leves. No Colégio Romano (1564), foi instituída "a solenidade da premiação anual", posteriormente adotada em toda a parte como "poderoso instrumento de emulação".[9]

Era a França, entre os séculos XVII e XVIII, o berço das fórmulas *sistema preventivo* e *sistema repressivo*, destacando-se o jansenismo pedagógico de Port-Royal (1637-1657) e a pedagogia preventiva lassaliana. FENELON, no seu *Traité de l'éducation des filles* (1688), acentuava a função preventiva da educação e apelava para a razão e o justo equilíbrio de confiança e de autoridade no processo educativo. S. João Batista de LA SALLE (1651-1719) pregava que a religião e a bondade devem inspirar também os métodos.[10] Charles ROLIN (1661-1741), passando do problema dos estudos literários os da disciplina e os da educação moral, já apontava o modelo familiar como prática da educação escolar.

---

[9] Francesco Cerruti, *Storia della Pedagogia in Italia dalle origini a'tempi nostri*, p.172-186.

[10] S. João BOSCO, *História Eclesiástica para uso da juventude*. Trad. de L. MARCIGAGLIA, p. 198-199. Dom Bosco esteve muito ligado aos Irmãos das Escolas Cristãs, fundados por S. João Batista de LA SALLE, e pôde ler a obra de F. Agatão, Reitor desse instituto, intitulada *Le dodici virtù de um buon maestro dall' Ab. De La Salle*. Para maiores detalhes, vide Pietro BRAIDO, *Breve storia del "sistema preventivo"*, p. 48-52 *e Il sistema preventivo di Dom Bosco*, p. 106-115.

Após a imprevista e traumática experiência da Revolução Francesa, a Europa parecia quase obsessionada pela idéia *preventiva*. Mas ainda vastos estratos conservadores se caracterizavam por diversas tendências repressivas (medo dos novos revolucionários, das seitas, das sociedades secretas, do liberalismo...), que insistiam na vigilância rigorosa, na censura preventiva; nas missões populares para reconquistar as massas e moralizá-las, mediante a religião, a prevenção do ócio e da libertinagem.

Os moderados, porém, procuravam unir elementos que consideravam válidos da *antiga* ordem (a instrução e a prática religiosa, os tradicionais valores morais) com "novos" (difusão do saber, a extensão gradual da escola elementar às classes populares, revalorização do trabalho e da solidariedade social, adoção de métodos mais justos e humanos para enfrentar os males sociais crônicos e a delinqüência, etc.). Nesse contexto, o debate repressão-prevenção atravessa o século XIX.

No Congresso de Viena (1814-1815), o *princípio preventivo* inspirava o nível político, que redesenha a nova carta política da Europa: os soberanos pretendiam apresentar-se aos súditos como pais de família, dirigi-los no espírito de fraternidade, proteger a religião, a paz e a justiça e prestar serviços uns aos outros, dentro de uma concepção de que todos são membros de uma mesma nação cristã. O problema da pobreza, vista como perigo social, sentida nos séculos precedentes, era recolocado, no século XIX, em chave mais *preventiva*.

Na Itália, o *preventivo* unificava a inteira gama de obras de beneficência em favor dos pobres, especialmente em Roma, como: instrução elementar, caixas de poupança, associações de auxílio mútuo. Até no campo penal, o *preventivo* integrava o conceito de correção e de punição, destacando-se, na construção de uma teoria, o jurista Cesare BECCARIA (1738-1794). Mas ainda na primeira metade do século XIX, imperava nas escolas italianas a disciplina do "verbo imbeccato a suon di nerbo" (palavra cevada ao som do chicote).[11]

---

[11] Pietro BRAIDO, *Il sistema preventivo di Don Bosco*, Torino, p. 105.

Na França, entretanto, a escola pública era repressiva e, a escola particular, preventiva.[12] Alguns educadores franceses apresentam-se mais próximos de Dom Bosco, alguns conhecidos por ele e seus amigos: o bispo de Orléans, DUPANLOUP, educador e catequeta,[13] Marcelino CHAMPAGNAT (1789-1840), fundador dos Irmãos Maristas que se inspirava largamente nos métodos lassalistas; os irmãos Antônio (1772-1858) e Marco CAVANIS (1774-1853), que baseavam sua ação educativa na familiaridade paterna;[14]

Na Itália, apareciam Ludovico PAVANI,[15] de Brescia, que recorria aos métodos e meios costumeiros da pedagogia preventiva: religião, razão, amor e doçura, vigilância-assistência, dentro de uma estrutura familiar e intenso compromisso de trabalho; Antônio ROSMINI (1797-1855)[16] que propugnava por uma pedagogia preventiva diretiva; Fernante APORTI (1791-1858) só concebia a educação como preventiva, este bastante ligado a Dom Bosco cujo trabalho conheceu, elogiou e deu apoio;[17] Gian Antonio

---

[12] Desta situação, aproveitou-se Pierre-Antoine POULET (1810-1846), para polemizar com o deputado Thiers que formulava juízos considerados por aquele como superficiais. POULET, sem definir formalmente "*preventivo*", apresentava as características do seu sistema educativo, no que foi apoiado por Pierre Sébastien Laurentie (1793-1876).

[13] Dom Bosco teve o primeiro encontro com ele em: 01/05/1877. Provavelmente leu L'Education (talvez não os 3 volumes), embora na época já tivesse pensamento pedagógico formado. Há afinidades quanto ao ambiente, clima cristão e tradicional, quanto à prevenção; quanto à paternidade que forma a dignidade do educador. Outro seu princípio é: "Uma casa de educação não se sustenta sem lei e regulamento, porque esses são a ordem, e na Educação, como em qualquer outra coisa, a ordem é a força e a vida". Para alcançar a disciplina é preciso manter o regulamento, por uma direção correta, prevenir sua violação pela vigilância e reprimir a transgressão com pontualidade de justiça.

[14] Foram os iniciadores de uma Congregação Mariana e da Congregação dos Clérigos Regulares de escolas de caridade que ofereciam instrução primária gratúita e média, formação religiosa, assistência nas atividades recreativas, "prevenção dos perigos físicos e morais".

[15] Iniciou a Congregação-Oratório de São Luís para aprendizes órfãos e abandonados.

[16] Dom Bosco e Rosmini, pedagogo e educador (*MB* I 495-496; III 249-250, 449; IV 33-35, *MO* 220-222; *MB* IV, 37-41 e 125-128 e 242-248 e 261-264 e 625-632; *MB* V 7 26-32, 270; VI 167-169; IV 128-129; III 530-531; XVII 160-161; XIII 20-21). Mais dogmático e especulativo é ROSMINI, mais moralista e mais prático é Dom Bosco.

[17] O problema educativo não é só pedagógico senão também político. É documentável efetivamente certo conhecimento e dependência nos escritos de Dom Bosco que esteve presente às suas aulas (todas ou parte) no verão-outorno de 1844 em Turim. Outros dados positivos, menos significativos do ponto de vista pedagógico, estão representados em encontros de APORTI com Dom Bosco, por ocasião de experiências escolares... (*MB* II 213-214; II 209-223; IV 410-412; VI, 62). Há idéias e pontos afins. Dizia Aporti, em seus *Elementi di Pedagogia* que os princípios geradores do bom método são a consideração da índole, do caráter e do desenvolvimento das faculdades dos meninos e a própria experiência e de outros deduzida da aplicação de regras preestabelecidas (a importância de conseguir seu afeto é pela benevolência e amorevolezza). Recomendava aos pedagogos a seguinte máxima: "Conquistar primeiro o afeto e a confiança dos meninos". Não confundir doçura, amorevolezza e afabilidade, no tratamento dos meninos, com familiaridade que degrade a autoridade. Dom Bosco usou, na *Storia Sacra*, de seu método dialógico no ensino.

RAYNERI (1810-1867),[18] e José ALLIEVO (1830-1913).[19] Esses e Dom Bosco conheceram a famigerada prisão *La Generala*, em Turim, Itália, lugar de penitência e correção.[20]

Do ponto de vista concreto, ou seja, quanto ao estilo pessoal e inconfundível de artista-educador, é inegável a originalidade de Dom Bosco, não quanto às idéias, princípios filosófico-pedagógicos, diretrizes e processos metodológicos, mas no *estilo todo especial* que imprimiu a todo o complexo de seu sistema educativo. Por isso faz-se mister, antes de tudo, conhecer sua vida, porque a partir dela é que brilhou toda a sua individualidade de educador e santo, ao retratar, com arte e maestria, a própria pedagogia do Cristianismo, através de propostas e realizações.

## 2. A PROPOSTA EDUCATIVA DE SÃO JOÃO BOSCO

A Itália, como a Europa, passava por profundas transformações sociais, políticas e religiosas, após o período napoleônico. O movimento de unificação política estava em andamento e teria seu desfecho final durante a vida do grande santo educador dos jovens, como também a divulgação do dialeto toscano tornar-se-ia a língua oficial da Itália. Havia uma efervescência generalizada em toda a península de aspirações, idéias e projetos. A grande Itália representava o sonho da maioria dos italianos. O movimento liberal, com aspirações de reformas constitucionais e republicanas, crescia de maneira irresistível. Os sacerdotes, em suas prédicas dominicais afirmavam que a restauração do trono, da "regeneração da Europa", era obra da mão de Deus e sugeriam a oração, a penitência, a freqüência e o respeito às igrejas, a assiduidade à escuta da palavra de Deus, maior

---

[18] Afinidades no que se refere ao jogo, teatro educativo e canto. Personagens do mesmo sexo, fuga da sátira. *MO* 185; *MB* III, 26-27, 227.

[19] Era leigo e muito relacionado com Dom Bosco e os Salesianos (*MB* IX 74; XIV 173-178, 187, 198, 737, 739; XI 26). Observava que a pedagogia italiana se caracterizava de espiritualismo e civilização, de religião e nacionalidade, fé e liberdade, autoridade e independência, e esta religião não era natural, nem civil, mas cristã-católica (cfr. Francesco CERRUTI, *Historia della pedagogia in Italia dall'origini a'nostri tempi*, p. 275). Dele é também o seguinte, muito próximo ao pensamento de Dom Bosco: "Sem coração não se educa com dignidade, não se ensina com verdade, não se aprende com juízo e a escola se torna ela mesma corpo sem alma" (Scuola educativa, p. 182). Comparando ROUSSEAU com PESTALOZZI, dizia que ao primeiro faltava coração, ao contrário do segundo (*Scuola Educativa*, p. 101-102; *La pedagogia italiana*, p. 32; *Studi pedagogici*, p. 277).

[20] Para maiores detalhes históricos sobre o "*Sistema Preventivo*", confronte Pietro BRAIDO, *Breve storia del "sistema preventivo"*.

cuidado ao aproximar-se dos sacramentos, a obediência à Igreja, como meios para atrair a misericórdia de Deus.[21]

Nesse ambiente agitado, Dom Bosco foi construindo, paulatinamente, sua proposta educativa. Para se ter uma explicação satisfatória, seria necessário traçar, pelo menos, alguns aspectos mais característicos de sua vida, como seu pensamento, seu modo de sentir e de agir, suas próprias atividades, sempre ligados às circunstâncias do tempo e do espaço sociais. Como escreve STELLA, Dom Bosco teve seus valores absolutos e suas constantes, mas trabalhando no concreto, nada absolutizou nem parou para redigir um sistema teórico orgânico. Até mesmo quando generalizava, partia sempre da experiência imediata. A religiosidade e a preventividade já faziam parte da sua vida famíliar.[22]

Até mesmo em sua autobiografia, diferentemente de outros santos, Dom Bosco, só tardiamente, exprimiu os próprios sentimentos religiosos, os motivos de seu agir (assim mesmo através da simples narração de fatos) e a construção de seu projeto educativo.[23] Nem por isso a ausência de diretrizes educativas expressas significava que agisse casualmente. Pelo contrário, suas ações e empreendimentos se pautavam por parâmetros derivados das necessidades e das circunstâncias com que se defrontava. Aliás, seria temerário pretender enquadrar seu pensamento educativo dentro de um sistema unitário.

A vida, inclusive escolar, de Dom Bosco traz contribuições importantes para compreender seu pensamento e suas práticas.

## 3. FORMAÇÃO FAMILIAR E PRIMEIRAS PRÁTICAS ESCOLARES E EXTRA-ESCOLARES

De origem camponesa meeira e microproprietária, de religiosidade simples, João Bosco já era órfão de pai aos dois anos. Como a instrução

---

[21] Pietro BRAIDO, *Breve storia del "sistema preventivo"*, p. 26-27.

[22] P. STELLA define a religiosidade de Dom Bosco como "o modo como ele sentiu e viveu o próprio relacionamento com Deus e como, em força disso, foi levado a agir e a inserir-se na história", ou seja, uma religiosidade construída sobre a própria experiência, mas tributária a seu tempo e ambiente, a um modo de sentir e viver coletivo. Cfr. *Dom Bosco nella storia della religiosità cattolica*; Vita e opere, v. 1, p. 16-17.

[23] O material historiográfico existente sobre ele é por demais vasto. Além dos 19 volumes de suas *Memorie Biografiche*, escritas por diversos autores, temos seus escritos, divididos em obras editadas e não editadas, sem contar os numerosíssimos estudos sobre ele.

escolar era insatisfatória, quanto ao ensino do catecismo, sua mãe, apesar de analfabeta, a completava em casa. Repetia as perguntas e respostas tantas vezes quantas eram necessárias para que os filhos as decorassem, também as orações comuns do bom cristão. Aprofundava com exemplos da vida real e levava-os à pratica dos sacramentos. Para ela, o conhecimento do catecismo – sabia de cor todo o catecismo – era o meio mais seguro para tornar os filhos mais obedientes. Dominava a idéia de um Deus pessoal, infinitamente bom e providente, que não deixa de dar o necessário às próprias criaturas.

Teve um sonho que marcou todos os passos de sua caminhada ao sacerdócio e às realizações de sua vida de padre-educador, porquanto, para Dom Bosco, sacerdote e educador se fundiam numa mesma vocação-missão. Foi o chamado sonho dos nove anos. Ao transcrevê-lo, bem mais tarde, Dom Bosco o transformou numa lição de pedagogia e de espiritualidade.[24]

Aos nove/dez anos, no inverno de 1823-24, aprendeu os elementos de leitura e escritura com um professor particular do vilarejo vizinho. Já liderava os amiguinhos que se reuniam ao seu redor para ouvir os sermões do pároco e lhos repetia, até para os adultos que a eles se juntavam. Só em fins de 1824, foi aceito gratuitamente na escola pública. Seu livro predileto era o catecismo, que lia nos intervalos do trabalho e durante a refeição. Começou a freqüentar as feiras para encontrar-se com os palhaços e saltimbancos para aprender suas acrobacias e mágicas, repetindo-os em casa até aprender e repeti-los para seus amigos e ouvintes, pensando, ainda, em afastá-los dos prestidigitadores desonestos.

Sofreu oposição da parte de seu meio-irmão mais velho, situação que obrigou sua mãe a providenciar um lugar mais seguro (medida preventiva) em casa de amigos. Ele mesmo procurava evitar a violência dentro de

---

[24] Nascera para ser padre e educador, dispondo de qualidades inatas como a intuição pedagógica e a caridade. A primeira noção vocacional apareceu no sonho dos nove anos. Em várias ocasiões, demonstrou essa aspiração. Certa vez, contrariado com o comportamento demasiado reservado dos padres de seu lugar, exclamou: "Se eu fosse padre, faria diversamente. Aproximar-me-ia dos meninos, dir-lhes-ia belas palavras e daria bons conselhos" (*MO* 51). Em outra ocasião, ao ver os padres-professores evitarem os alunos seminaristas: "Isso acendia ainda mais em meu coração", dizia ele, "o desejo de ser logo padre para entreter-me com os jovenzinhos, para assistir-lhes, para satisfazê-los em qualquer necessidade". (*MO* 81-82). Mais tarde, quando já padre, dirá ao Ministro Ricasoli: "Excelência, saiba que Dom Bosco é padre, padre na confissão, padre no meio dos jovens, como é padre em Turim e padre no altar, padre na casa do pobre, padre no palácio do Rei e dos Ministros". E assim agia sempre em qualquer situação. (*MB* VIII 533-534).

seu grupo de amigos. Em casa de seus parentes e tutores, rezava, lia e estudava quando pastoreava as vacas. Conquistou a amizade de Pe. João Calosso, capelão de Murialdo, por causa de sua prodigiosa memória. Este se lhe tornou amigo, diretor espiritual e verdadeiro pai e o iniciou na Gramática Latina. Pela manhã, freqüentava as aulas do cura. Ao voltar, trabalhava e estudava as lições de gramática italiana e fazia as tarefas. Logo depois começou os estudos da gramática latina de Hélio Donato, um autor do séc. IV.

Mal aprendera a ler, já devorava os romances populares medievais, como *Os Pares de França e Guerin, Meschino* de Andrea de Barberino (1370-1431), *Bertoldo e Bertoldino* de Julio Cesare Croce (1550-1609)[25] e, provavelmente, *Pierre de Provence et la belle Maghelone* (provavelmente de 1437), que lhes forneciam aventuras fantásticas que declamava para seu auditório apaixonado. Até o público adulto pendia de seus lábios para o qual repetia os sermões do pároco e o premiava com espetáculos de prestidigitação e de mágica. O menino Bosco já tinha acesso à literatura de cordel de que fala CHARTIER.[26]

Vivenciou os mais diversos tipos de vida profissional (que lhe foi útil na construção de seu projeto educativo) antes de entrar no seminário. A morte do amigo padre quase lhe truncou as esperanças. Foram momentos de sofrimentos, de incertezas e de angústias, até sua ida para Castelnuovo, aos treze anos. Nessa cidade, freqüentou a escola pública, cujos professores eram padres. Recebeu ensinamentos sobre canto gregoriano e o canto vocal. Exercitava-se no violino e treinava címbalo ou espineta para acompanhar o órgão com o cantor-chefe da paróquia. Ao mesmo tampo, aproveitava o tempo de recreio para colocar botões, fazer casas, costuras simples e duplas. Aprendeu a cortar ceroulas, camisolas, calças, jalecos. Seu patrão ficou tão entusiasmado que lhe ofereceu propostas vantajosas para que trabalhasse com ele.

---

[25] Os Pares de França é uma história fabulosa da dinastia de dos reis Francos, desde Fiovus, filho de Constantino, impressos em Módena em 1491. Guerino Meschino narrava as aventuras de Rolando, filho de Berta, irmã de Carlos Magno e seu amante, Filon de Anglante, impresso em Pádua em 1473. Bertoldo era um camponês astuto e seu filho Bertoldino, a estupidez em pessoa. A Histoire de Pierre de Provence e de la Belle de Maguelone é a história do valente cavaleiro, filho de Conde de Provence e da bela Maguelona, rainha de Nápoles. Narram-se fatos estranhos como o daquele que ouvia a erva nascer a dez milhas de distância. DESRAMAUT, F., *op. cit.*, vol. I, p. 58-59.

[26] Roger CHARTIER, *A história cultural entre práticas e representações*, cap. IV, especialmente. Vide também Francis DESRAMAUT, *Etudes préalables à une biographie de saint Jean Bosco*, v. 1, p. 37-38.

Quando a escola não lhe trazia vantagem, aprendeu o ofício de ferreiro na oficina de certo Evásio Sávio. Fino observador, nada lhe fugia das práticas usadas, seja deste ou daquele ofício, fazendo ainda perguntas e observações sobre as teorias a eles referentes. Essas práticas seriam muito úteis quando, mais tarde, montou as próprias Escolas de Artes e Ofícios e escolas agrícolas.

Em Chieri, 1832, enquanto cumpria seus deveres escolares, aproveitava o tempo livre para ler os clássicos italianos e fazer licores e confeitos, de modo que, no meio do ano, já sabia fazer café, chocolates e sabia as regras e as proporções para todo tipo de confeitos, macarrão, licores, sorvetes e refrescos, tanto que o dono da confeitaria fez vantajosas propostas para que trabalhasse em tempo integral com ele. Mais: aprendeu a cozinhar. Dessa maneira, preparou-se com todos os conhecimentos necessários para a administração de pequeno internato de caridade. Convém notar que, com a prestidigitação e com a mágica e com as artes de palhaço, acrescentou uma vastidão de conhecimentos e práticas de jogos que lhe seriam úteis na educação dos jovens.

Ainda em Chieri, onde continuou os estudos de latim, repetia as lições para o filho do proprietário, um ano à sua frente, pagando a própria hospedagem. Freqüentava a livraria do judeu Elias Foa, de quem tomava emprestado, por um soldo, um livro por dia da *"Biblioteca Popular, ossia raccolta di opere classiche italiane, greche e latine tradotte"* do editor turinês Giuseppe Pomba. Assim, pôde ler, no ano de Humanidades, os clássicos italianos com os melhores comentários. No ano seguinte, de Retórica, os latinos.[27] Muitas vezes, varava a noite lendo, por exemplo, surpreendendo-se pela manhã com Tito Lívio nas mãos. Na escola, bastava apenas prestar atenção para aprender tudo o que era necessário. Não fazia distinção entre o ler e o estudar e, com facilidade, repetia o assunto do livro lido ou que ouvia ler.

Essa escola secundária de Chieri, reorganizada na época da Restauração das monarquias absolutas, era bastante rigorosa e tudo era controlado, desde professores, até auxiliares e alunos, especialmente quanto ao aspecto moral e religioso. O clima reinante era de medo. Um professor que, mesmo por brincadeira, pronunciasse uma palavra lúbrica ou irreligiosa

---

[27] Ou seja, Cornélio Nepos, Cícero, Salústio, Quíncio Cúrcio, Tito Lívio, Tácito, Ovídio, Virgílio, Horácio e outros. Lia-os por prazer e memorizava os grandes autores.

era demitido imediatamente. Os alunos eram dóceis e respeitosos, em classe como em suas famílias. Ai deles se agissem diferente, apanhavam.[28]

## 4. FORMAÇÃO SEMINARISTA E SACERDOTAL

O período de sua adolescência, anterior à entrada no seminário, se fora rico de atividades, de aprendizagens e de conquistas de amizades, algumas até preciosas, dava a impressão de que João Bosco era, interiormente, feliz. Foram anos de reflexão, de intensa vida religiosa e de contínua e, porque não dizer, de angustiosa busca de sua realização vocacional eclesiástica. O sonho dos nove anos estava sempre presente. Preferia "fechar-se" no seminário, romper com velhos hábitos, para entregar-se a Deus.

Perguntou, de início, a um de seus professores, que norma de vida devia adotar para cumprir os próprios deveres e adquirir a simpatia dos superiores. O teólogo respondeu-lhe que seria pelo exato cumprimento de seus deveres, norma esta que adotaria em seu sistema educativo. Estranhou, contudo, o relacionamento entre diretores, corpo docente e seminaristas. Nenhum deles aparecia a não ser para fazer alguma repreensão. Havia um encarregado semanal para tomar conta do refeitório e dos passeios e mais nada. Ocorrendo que algum superior aparecesse, havia uma correria geral, como se fosse uma fera, fenômeno que magoava profundamente o seminarista Bosco, sempre ansioso em ouvir um conselho ou palavra amistosa.[29]

Nas Memórias do Oratório, Dom Bosco queixava-se do ensino puramente teórico da teologia e, no campo da moral, somente das proposições controversas.[30] No "Convitto Ecclesiastico", é que "aprendeu a ser padre". A teologia dogmática de então, ao centralizar sua atenção na

---

[28] *MO* 55-56. 59-61. Vide comentário sobre as leis escolares da Restauração no Piemonte de F. DESRAMAUT, *op. cit.*, 65-73.

[29] F. DESRAMAUT, *op. cit.*, p. 81-82. O Regulamento do seminário de Chieri, destinado de preferência a jovens de origem modesta e rude, pouco habituados ao sabonete, ignorante das normas de polidez social, à mesa e na conversação, apresentava o retrato do "*bom seminarista*": asseado, polido, policiado, devoto e observante. Cfr. *op. cit.*, p. 129-136 e sobre as exigências do estado eclesiástico, p. 138-146, 155-162, 173-179.

[30] Dom Bosco tinha uma memória prodigiosa, decorava tudo, mas consultava outros autores. Às vezes, ao apresentar a lição, fazia algumas variações na exposição ou fazia algum comentário, chegando a ser certa vez repreendido: "Atenha-se á letra do texto como os outros!" Daí a razão de suas queixas. Cfr. *op. cit.*, p.149-150.

[31] Giovanni BOSCO, *MO* 101; P. STELLA, *op. cit.*, p. 59-62; F. Desramaut, *op. cit.*, p. 149-150.

predestinação ou livre correspondência à graça, sob a luz da prestação de contas ao juiz divino, na expectativa da vida ou da morte eterna, levava ao hábito de considerar tudo em relação ao valor que possuía para a eternidade, como prêmio ou condenação. A teologia moral com a polêmica no probabilismo ou probabiliorismo, ao tudo centrar na relação entre lei divina e liberdade, educava a considerar o próprio agir como responsável adequação à lei divina. Desse modo, uma e outro serviam para tornar presente e assíduo o sentido de Deus e a consciência da própria relação para com ele. Essa discussão incomodou não pouco ao seminarista Bosco.[31] Uma amizade que o impressionou e lhe deixou marcas significativas foi a com o seminarista Luís Comollo, do qual escreveu uma pequena biografia.[32]

Lia-se, então, no refeitório, a História Eclesiástica de Bercastel. Acostumado à leitura dos clássicos, às enfáticas figuras da mitologia e das fábulas dos escritores pagãos, não apreciava o estilo simples dos livros ascéticos. Chegou até a ficar persuadido de que a boa linguagem e a eloqüência não se conciliavam com os livros de religião.[33] As próprias obras dos Santos Padres pareciam de engenho bastante limitado, com exceção dos princípios religiosos, que expunham com força e clareza. Só a leitura de "De Imitatione Christi", pela sublimidade do pensamento e pelo modo claro e, ao mesmo tempo, eloqüente, mostrou-lhe outra representação de um mundo de nobres sentimentos, de ideais generosos e de imagens brilhantes e refinadas, que lhe encheram a alma. Cessou, então, a leitura de obras profanas.[34]

---

[32] Giovanni BOSCO, *Cenni storici sulla vita del chierico Luigi Comollo morto nel seminario di Chieri.* Essas marcas manifestam-se sob a tendência a certo ascetismo, rigidismo e a certas desconfianças sugeridas nos livros do tempo, como os de Giovanni Pietro Pinamonte (1623-1703), jesuíta, como a acentuação obsessionante em Cristo Juiz, do juízo, da sentença irrevogável.

[33] Esta experiência com o estudo dos clássicos pagãos seria útil para sua crítica sobre a influência negativa sobre a formação cristã, como será visto abaixo.

[34] O seminarista Bosco leu *La Storia de L'Antico e Nuovo Testamento e degli Ebrei* do beneditino francês Augustin Calmet (1672-1737) para servir de introdução à *L'Histoire Ecclésiastique* de M. Fleury, as *Antiguidades Judaicas* e a *Guerra Judaica*, de Josefo Flávio; *Reflexões familiares sobre a história da Religião* de Giuseppe Marchetti (1759-1829), arcebispo titular de Ancira; *Défense du Christianisme ou Conférence sur la Religion* de Denys Frayssinous, para a juventude francesa; leu ainda Balmes, Fernando Zuccone (1647-1732), Cavalca, Passavanti, Segneri (1624-1694). De Segneri é a obra *Quaresimale,* então muito admirada, imitada nas pregações católicas. O mesmo autor foi aconselhado, no Capítulo II dos Salesianos (1880), para uso na instrução catequética e utilizada por Dom Bosco em *Trattenimenti di un padre di famiglia co' suoi figlioli,* em 1853, como primeira obra das *Leituras Católicas.* Leu ainda toda a *História da Igreja* de Henrion. Cfr. Ainda F. DESRAMAUT, *op. cit.*, p. 151-155.

O jovem Bosco queria aprender tudo o que lhe apresentasse ou julgasse útil e que lhe caísse nas mãos. Dizia aos seus, mais tarde: "Se adquirirdes conhecimentos variados, tereis um grande auxílio para fazer o bem, especialmente à juventude; mas, sem o exercício da memória, nada aproveitará ter aprendido, porque facilmente os esquecereis". Prestava a máxima atenção na leitura, não só lendo por puro prazer ou por curiosidade, mas para aprender e decorar. Os prefácios eram por ele lidos porque julgava necessário conhecer o *design* do autor e os motivos que o haviam induzido a escrever. Começava sempre dando uma olhada ao índice para ter uma síntese do livro. Notável a sua erudição e conhecimento filosófico, teológico, bíblico, histórico, casuístico-moral, ascético, de direito canônico, de física, de matemática, etc. Estava preparado para as funções que executaria na vida e sabia expor com facilidade, elegância e clareza o que provocava admiração nas pessoas que o ouviam.[35] Conhecia o latim, o grego, o francês, e o hebraico, além de seu dialeto, o piemontês. É clara, na sua formação acadêmica, a influência francesa, também porque o Piemonte estava sob o domínio cultural da França.

Esse arsenal de conhecimentos e práticas seria muito útil para o escritor Dom Bosco, pois conhecia bem sua clientela, porquanto dela tinha saído e nela viveu toda sua vida. De fato, procurou escrever seus livros ou suas revistas utilizando dispositivos formais afinados com as expectativas e competências do público a que visava, especialmente o público jovem das escolas ou os pequenos operários provenientes dos campos. Fazia apenas leves referências aos fatos áridos ou menos importantes. Aqueles que provocavam emoções, tratava com mais atenção, relevando algumas particularidades e circunstâncias, para que não apenas instruísse a inteligência, mas comovesse espiritualmente, também, o coração. Por isso, as edições de alguns de seus livros se esgotavam rapidamente. Evidentemente, Dom Bosco procuraria fazer coincidir as suas práticas de representação aprendi-

---

[35] *MB* I 318-319, 380, 398.

[36] "I fatti del tutto profani o civili, aridi o meno importanti, oppure messi in queste tralasciai affatto, o solamente acennai; quelli poi che mi parvero più teneri e commoventi, li trattai più accuratamente, notandone con particularità le circostanze, affinchè non solo l'intelletto venga istruito, ma il cuore resti spiritualmente commosso". MB 2, 328-329. Dom Bosco tinha especial apreço em usar a máxima simplicidade de estilo ao escrever, porque queria ser compreendido, sem descurar a pureza de língua, a emoção e clareza para tornar suas obras agradáveis ou proveitosas a qualquer classe de pessoa. (G. B. LEMOINE, *op. cit.*, p. 191-192, ainda 148-150, 392-393).

das, na sua fase de formação, com a representação das práticas de seus leitores.[36]

Após a ordenação sacerdotal, em Turim, fez curso de aperfeiçoamento no então famoso "Convitto Ecclesiastico",[37] ao mesmo tempo, dedicou-se à catequese dos meninos da cidade e imigrantes. Este estágio serviu para aperfeiçoar a sua formação sacerdotal, abandonar a formação rigorista do seminário e reformular seus conceitos numa direção mais otimista em relação a Deus, Pai bondoso, disposto, com particular afeição, a ajudar seus filhos no caminho da salvação.[38] Em contato com os escritos de S. Felipe Neri, de Santo Afonso de Ligório e de S. Francisco de Sales, adquiriu a idéia de prevenção no sentido marcadamente promocional, o sentido da alegria, da esperança e da confiança na misericórdia divina, da doçura e da caridade de que devem estar possuídos os curas de almas.[39] Seus jovens, alguns deles egressos das prisões, careciam de apoio afetivo e solidário para superar um passado de sofrimentos e frustrações e tornar-se bons cristãos e honestos cidadãos.[40] Nesses autores, sobretudo, encontrou o referencial teológico de seu sistema educativo, todo ele centrado na glória de Deus.[41]

---

[37] O *Convitto Ecclesiastico de S. Francisco de Assis* era um curso de aperfeiçoamento em Teologia Moral (prática) e de Eloqüência Sagrada, para os sacerdotes recém-ordenados, em regime de internato, de três anos de duração. Iniciado em 1808, pelo Bem-Aventurado Pe. Luigi Guala (1775-1848) e oficializado em 1816 foi ocupando o lugar da Universidade de Turim (governamental), responsável até então pela formação do clero. O fato provocou polêmicas e mal-estar no seio do próprio clero e mais ainda mo meio político-liberal da época (Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale*, p. 43-54). Um dos seus objetivos era erradicar alguns vestígios de jansenismo que ainda persistiam. No debate teórico entre probabilistas e probabilioristas, Dom Bosco preocupava-se pelas almas e adotava a prática de que, quando há a maior glória de Deus, não se deve olhar nem considerar a fadiga ou despesas. Com relação ao rigorismo, estava persuadido de que a bondade, e não o rigor, é que leva as almas a Deus.

[38] "Persuadidos que estamos, caros filhos, de que fomos todos criados para o Céu, devemos dirigir nossas ações para alcançar este fim: A isso vos há mover o prêmio que Deus nos promete...(...). Pois que, embora ele ame a todos os homens, por serem obra de suas mãos, consagra todavia as suas delícias em permanecer no meio deles. 'Deliciae meae esse cum filiis hominum'" (S. JOÃO BOSCO, *O Jovem Instruído na prática de seus deveres religiosos*. Nova ed. bras., S. Paulo, LES, 1945.

[39] Para maiores detalhes sobre as influências desses santos na formação de Dom Bosco, veja-se Massimo MAROCCHI, En las raices de la espiritualidad de Don Bosco, em: J. M. Prelezzo GARCIA (ed.), *Don Bosco en la historia: Actas del Primer Congresso Internacional de estudios sobre San Juan Bosco*, p. 159-178.

[40] Giovanni BOSCO, Storia ecclesiastica, ad uso dele scuole, utile ad ogni stato de persone, in: Opere Edite, v. I., p. 188, 203-204, 192-193. Ainda *MO* 116. Dom Bosco explica que adotou o nome do São Francisco de Sales, por causa de, entre outras, sua "grande calma e extraordinária mansidão" e zelo pela almas, qualidades dignas de imitação.

[41] Sua pedagogia é claramente clerical. Vide Pietro BRAIDO, *op. cit.*, p. 56-59; 75-82.

Trata-se, portanto, de uma vocação *educativa*, centrada toda ela no espírito cristão, desenhada no seminário, desenvolvida, também, na área educativa, porque Dom Bosco sabia e gostava de saber que a vida sacerdotal é vida de mestre que vive a fé cristã cuja forma é a sua alma sacerdotal concreta e unitária, em toda a sua existência.[42]

---

[42] Vito Giuseppe GALLATI, *apud* Pietro BRAIDO, *Il sistema preventivo di Don Bosco,* p. 49. Por isso é que toda organização salesiana é educativa, sempre sacerdotal mesmo em suas formas comerciais. Convém notar, ainda, que os professores tanto das escolas públicas como dos seminários, na Itália, na época, eram, normalmente, os sacerdotes.

CAPÍTULO V

# GESTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA OBRA EDUCATIVA

O Norte da Itália, pelos meados do século XIX, era ventilado por um surto de industrialização e urbanização que atraía o excesso da mão-de-obra do campo, especialmente do setor juvenil. Eram canteiros, pedreiros, estucadores, calceteiros, gesseiros, etc. Nos fins de semana, não tinham para onde ir e se reuniam nas praças ou nos botequins, gastando, muitas vezes, o que ganhavam na semana. Ocorriam, freqüentemente, desordens, brigas, até com mortes, e muitos jovens eram condenados às prisões, por sinal úmidas, imundas e horríveis.

A nova geração de padres preocupava-se em atender às camadas populares mais empobrecidas, dentro de uma cultura preventiva, antes que repressiva, para conter o fenômeno da marginalização, através da educação dos meninos e dos adolescentes necessitados e potenciais infratores. Fazia-se necessário atender à juventude pobre, especialmente abandonada, que fosse educada, também, no trabalho e na instrução.

Era a época do Ressurgimento italiano e também de *messianismo* educativo, em que fermentavam idéias e projetos de intensa renovação civil e política do povo, através da criação de escolas, inclusive filantrópicas, da publicação de livros, jornais e revistas em que se discutiram os problemas e métodos educativos, especialmente na Lombardia, no Piemonte e na Toscana. Ao mesmo tempo, nasciam numerosas congregações religiosas para providenciar a educação tanto feminina como masculina, quase sempre em regime de internato (asilos ou os chamados "ospizi", pensionatos).

Em Turim, então capital do Piemonte, surgia a *Società Italiana d' instruzione e educazione* com 127 membros, em sua grande maioria procedentes do clero italiano, como o Venerável Ludovico de Casória (1814-1885), no setor de artes e ofícios, Ferrante Aporti (1791-1867), encarregado pelo Rei Carlos Alberto de reorganizar a instrução popular e educação infantil, nos asilos infantis e nas novas escolas do método (mais tarde escolas normais e de magistério), Vincenzo Roberti (1801-1852), Domenico Berti (1820-1897), Antonio Rosmini 1797-1855), Raffaelle Lambruschini, Gian Antonio Rayneri (1810-1867), e outros bastante conhecidos, na época, também, por Dom Bosco. Giovanni Cocchi (1813-1895) também fundava um Oratório Festivo na mesma cidade.[1]

---

[1] Ferrante APORTI, em seu *Manual de educação e ensino para as escolas infantis (1832)*, propõe o método que treina o menino a primeiro observar e depois a pensar, ou seja, submete os meninos a exercitar-se no conhecimento dos objetos apresentados a seus sentidos e no aprendizado dos respectivos nomes, valendo-se de figuras, alternados com cantos, passeios e movimentos ginásticos. Seu sistema apoia-se basicamente nas máximas religiosas e morais cristãs. Criou, treze anos antes de Froebel, ter criado o "jardim de infância", a primeira "escola de infância". Exagerava no enciclopedismo mnemônico. Dom Bosco freqüentou aulas sobre a Escola de Método de Aporti e gozava de sua amizade. (*MB* 2, 202-209). Vicente GIOBERTI em *Gesuita moderno (1847)* criticava o ensino jesuíta, crítica aliás comum nos escritores católicos liberais da época, como Rosmini, Capponi, Lambruschini etc. Vitale ROSI, autor do *Manuale di scuola preparatoria* (1832), Domenico BERTI escreveu *Educazione del popolo conforme a'principii della morale e della religione ed al supremo bene civile, che è la libertà e l'indipendenza* e, posteriormente *Del metodo applicato all' insegnamento elementare* (1849). ROSMINI é autor de *Del supremo principio della metodica e di alcune sue applicazioni in servigio dell' umana educazione*, iniciado em 1838 e publicado em 1855, "post mortem". Pretendia "reformar, partindo de dentro, a vida religiosa a fim de torná-la mais aderente ao espírito genuíno e profundo do Catolicismo e ao que de mais sadio possui a cultura moderna". Segundo ele, a instrução religiosa deveria basear-se na objetividade doutrinal e também nas necessidades espirituais dos fiéis. Para LAMBRUSCHINI, fundador do primeiro periódico italiano *Dell' Educazione* (1849), a educação religiosa significava suscitar a consciência do divino, que consiste na raiz da liberdade e da dignidade da pessoa humana: O homem é sujeito livre, porque é um sujeito religioso. O papel da educação é conciliar

A Itália estava dividida em grande número de pequenos estados independentes. Discutia-se o problema político como problema de educação. Julgava-se "impossível formar a Itália como Estado nacional sem educar os Italianos para os ideais de independência e de liberdade".[2] Era preciso formar o espírito de cidadania, de que careciam os italianos, ao contrário dos franceses, ingleses, espanhóis e portugueses. Gian Domenico Romagnosi (1761-1835) e Vincenzo Cuoco (?) eram os primeiros a promover a educação no sentido da italianidade. A discussão envolveu também os católicos, que julgavam possível nas escolas, inclusive filantrópicas, ministrar educação civil e religiosa.[3]

## 1. OS COMEÇOS DA OBRA

Dom Bosco, consciente dos debates apaixonados que se desenrolavam bem próximo dele e do perigo de desvios, compreendeu logo a necessidade de agir imediatamente, através da construção de um projeto concreto, afinado com a tradição católica que garantisse a ordem, a sanidade moral e a paz religiosa.[4] Propunha, através da instrução profissional das crianças e dos jovens, sem excluir o ensino secundário, resgatar a dignidade do trabalho e da cultura,[5] formando ao mesmo tempo bons cristãos e honestos cidadãos. As medidas adotadas seguiam uma linha paternalista, considerada mais adequada à estrutura social existente.[6]

---

a liberdade do educando com a autoridade do mestre, afirmando que o ato educativo é comunhão de almas, obra de amor, contínua comunicação de confiança recíproca. Os piemonteses ANSELMI e TROYA publicaram *Libri primi di lettura, e* FECIA, *Pollianthéia, Taverna de Piacenza, Prime letture pe'fanciulli.* Duas mulheres MOLINA-COLOMBINI, de Turim, e FRANCESCHI-FERRACI, "romangnola" publicavam, respectivamente, *Pensieri e Lettere sull' educazione della donna in Italia e Educazione intellettuale e morale della donna e sugli studi delle donne.* Esses autores são citados por *Francesco CERRUTI, Storia della pedagogia italiana dalle origini a' tempi nostri,* p. 270-275.

[2] Michele Federico Sciacca, *O problema da educação na história do pensamento filosófico e pedagógico,* v. 2., p. 138.

[3] Id., *op. cit.*, v. 2, p. 143-145.

[4] Giovanni BOSCO, *Storia ecclesiastica,* p. 161-556. Neste livro expressava um juízo negativo sobre os movimentos de seu tempo, que julgava romper a aliança entre o trono e o altar. Refletia um conceito de certo modo pessimista acerca da natureza humana e o sentido forte do pecado, resultado de sua formação rigorista de seminário.

[5] M. F. SCIACCA coloca Dom Bosco dentro do pensamento pedagógico do ressurgimento italiano, em que se afirmava ser impossível formar a Itália como Estado Nacional sem educar os italianos para os ideais da independência e de liberdade. Cfr. Id., *op. cit.*, p.138-149.

[6] Luciano PASSAGLIA, La scelta dei giovani e la proposta educativa di Don Bosco, in: Midali (a cura di), *Don Bosco nella storia: Atti del 1° Congresso Internazionale de Studi su Don Bosco* - Pontificia Università Salesiana - Roma, 16-20 gennaio 1989, p. 261-263.

Recém-ordenado em Turim, iniciou seu trabalho sacerdotal, visitando também os jovens que estavam no cárcere, procurando recuperar religiosa, moral e profissionalmente os ex-detentos. Sua obra – a dos **oratórios festivos** – começou, especificamente, em 1841, quando tomou a defesa de um jovem que foi expulso, a pancadas de cabo de vassoura, pelo sacristão, por não saber ajudar na Missa. O Oratório de Valdocco (nome da região) se tornaria o laboratório forjador de seu sistema educativo e a Casa "Mater et Matrix" de toda a obra evangelizadora e educadora dos Salesianos.

Para atender à multidão de meninos e rapazes que a ele acorriam, fundou outros oratórios populares e juvenis, de caráter assistencial-educativo, que atendessem aos domingos e festas. Em torno do Oratório de Dom Bosco, gravitavam meninos e jovens, do bairro Borgo Dora, na região de Valdocco, onde se concentravam oficinas e fábricas de máquinas pesadas. Moinhos de trigo, mercado de hortaliças e ponto de concentração de pedreiros jovens e de aprendizes, muitos dos quais eram abrigados e recrutados pelo teólogo Borel, Dom Bosco e seus colaboradores. A região era insalubre, úmida e fétida, devido aos escoamentos a céu aberto de esgotos. Mais da metade da população era pobre e morava em casuchas (favelas), numa média de quatro por uma. Grande parte desta concentração de famílias provinha dos campos, sendo numerosos os moços e os adultos, mal-alimentados, sujos, malvestidos, em péssimas condições higiênicas, não agradáveis aos bairros urbanizados, malsuportados nas igrejas, empurrados na cidade, vivendo em condições desumanas, o que elevava as taxas de mortalidade.

Em 1845, suas escolas noturnas já reuniam duzentos rapazes. À noite, após o encerramento das oficinas, os jovens vinham aprender a ler em grandes cartazes murais. Por uma hora, ressoavam as monótonas cantilenas das letras do alfabeto e palavras inteiras, compiladas por sílabas e proposições simples e compostas. Três coros distintos entrecruzavam-se, interrompidos ora um, ora outro, pela voz do professor. Dom Bosco queria torná-los capazes de estudar o catecismo por si mesmos. Alguns aproveitavam e aprendiam aritmética, noções de desenho e breves noções de geografia.

Em 1846, o número de jovens passou para quatrocentos ou quinhentos, nos dias de domingo e de festas, aumentando sua preocupação no sentido de fornecer-lhes instrução escolar adequada. Não podendo pagar

professores, Dom Bosco ensinava, gratuitamente, uns oito ou dez jovens, italiano, latim, francês e aritmética, com a condição de que estes o ajudassem no ensino do catecismo e nas aulas noturnas. Foram esses os primeiros a formar a categoria dos estudantes internos na casa anexa.[7]

A expansão do Oratório de Valdocco era uma das respostas à consciência religiosa italiana, praticante ou não. Esta consciência estava fracionada, já que havia os contrastes entre Igreja e Estado, entre a classe dirigente liberal e a hierarquia eclesiástica, entre os patrões e os operários. Logo, acorreram os primeiros benfeitores, não estavam ligados a grupos sociais ou políticos específicos, provenientes, muitos deles, da nobreza turinense e do Piemonte. Através de loterias, Dom Bosco conseguia granjear os meios para sustentar seus oratórios entre os banqueiros, nobres, populares e administrações municipais.

Nos anos 60, os Oratórios mantiveram a mesma freqüência numérica, declinando, porém, na década seguinte. Era arriscado, pois, seguir outras vias, além dos oratórios festivos, das escolas e das oficinas para aprendizes. Nos anos 70, multiplicaram-se as escolas secundárias particulares. Estas não se enquadravam no projeto original de Dom Bosco, que, entretanto, demonstrou sensibilidade ante as novas perspectivas que se lhe abriam. Ofereceu, então, a própria obra aos Bispos, para socorrer os seminários, na esperança de obter-lhes apoio para a aprovação de sua Congregação. Posteriormente, preferiu os colégios internos municipais, por se enquadrar em seus objetivos constitucionais e, através de convênios, atenderem à solução de seus problemas financeiros, pois, nesses anos, a política governamental, geralmente, discriminava a beneficência privada quanto ao recebimento de subsídios públicos.

Desse modo, a finalidade originária mais específica, em prol da educação da juventude mais abandonada e pobre e das camadas sociais *inferiores*, sofria novo ajustamento no quadro da população estudantil da província. Na metade do século XIX, nem sequer a metade dos jovens recebia educação primária. O ginásio era para os abastados. A população estudantil a que Dom Bosco atenderia seria, preferencialmente, os da pequena burguesia, camponeses proprietários ou arrendatários, pequenos comerciantes, alfaiates e funcionários públicos, que possuíam alguma mar-

---

[7] Giovanni BOSCO, *Memorie dell'Oratorio di San Francesco di Sales dal 1815 al 1855.* Introduzione e note a cura di Antonio da Silva Ferreira, p. 156-157.

gem de poupança e desejosos de elevar os próprios filhos na escala econômica e social.

Mas a gestão de internatos de estudantes secundários não poderia ser considerada obra caritativa no sentido original e Dom Bosco foi obrigado, para contar com o apoio da beneficência pública e privada, a alargar o sentido da palavra *caridade,* estendendo-o à juventude moralmente necessitada, para prevenir-se do anticlericalismo que se acentuava nos dirigentes e professores das escolas públicas.

Dom Bosco não se preocupou com este dilema: ou a juventude mais pobre dos oratórios da periferia ou a dos colégios e internatos. No decênio de 1859-1869 enfrentou, concretamente, a situação, encaminhando-se na direção dos seminários e dos colégios que fossem sementeiras de vocações eclesiásticas, inclusive, salesianas, além da formação de "bons cristãos e honestos cidadãos".[8]

Percebeu Dom Bosco, logo, a importância da imprensa e da escola, como os meios mais poderosos e eficazes de influir e de educar a juventude e o povo. Ele mesmo, logo nos primeiros anos de sacerdócio, tornou-se um fecundo escritor e jornalista. O decênio de 1853-1863 foi o de maior amadurecimento, o mais rico em iniciativas, pois nele se deu a formação do primeiro núcleo da Congregação Salesiana; foi o período mais prolífico de Dom Bosco, como escritor e como educador direto, entre outros.[9]

Entre as diversas instituições educativas, criadas por Dom Bosco, destacou-se a escola-internato, que mereceu dele todo um tratamento especial e é o que será tratado a seguir.[10]

---

[8] Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale,* p. 124-126. Neste sentido, aceitou os pequenos seminários de Giaveno (180-1962), de Mirabello (1863-1969), o colégio de Lanzo Torinese (1864) e outros colégios internos, além de promover a expansão da obra de Valdocco e abrir outros colégios internos em outras cidades do Piemonte (p. 127-157).

[9] Id., *op. cit.,* p. 117.

[10] A obra educativa de Dom Bosco é diversificada, porquanto se desenvolveu em diversas instituições como o Oratório Festivo, o internato de estudantes e o de aprendizes, o seminário, a escola agrícola. A obra preferencial de Dom Bosco, porém, é a do Oratório Festivo, cujo referencial teórico e religioso serve de fundamento a todas as demais. O Oratório Festivo, hoje, mais se assemelha ao que se chama escola aberta, mas sempre fundamentada numa opção religiosa. Possuía um regulamento próprio, chamado *Regolamento dell'Oratorio di S. Francesco di Sales per gli esterni.* Torino, *Tipografia Salesiana, 1891.* Foi publicado entre 1852 e 1872. *MB* III, 98-108.

## 2. A EXPERIÊNCIA DO INTERNATO DE VALDOCCO

Data de 1847 a aceitação do primeiro interno na chamada *casa anexa de Valdocco*, um pobre órfão de pai e mãe que só possuía três liras e não conseguira trabalho em Turim. Seu número, todavia, passou a crescer rapidamente a partir da metade dos anos 50, quando passou a mais de oitenta internos. A pessoa de Dom Bosco, além dos recursos que conseguia da beneficência privada e pública, era o foco de atração e do sucesso de seus internatos, em que pesassem gravemente as diversas crises econômicas que feriam, às vezes, os progenitores dos seus internados. Entre os internos, ajuntaram-se alguns seminaristas que, em troca da pensão, ajudavam Dom Bosco como vigilantes, assistentes e professores.

A primeira auxiliar direta foi sua mãe, Margherita Occhiena, secundada, depois, por várias mães de alunos, o que contribuiu para a formação da *família* do Oratório, baseada não apenas em idealizações teológicas e pedagógicas mas também no cotidiano da vida rústica piemontesa.

Por este clima de solidariedade familiar e quase popular, por este clima de tensão solidária de pai e de filhos para com os valores religiosos, para um porvir melhor de cada um na sociedade, para uma melhor expansão das obras educativas, caritativas e religiosas que dominavam o ambiente de Valdocco, Dom Bosco pode considerar-se um dos mais notáveis renovadores da vida colegial católica na segunda parte do século XIX.[11]

Era bastante variada a procedência social, desde os paupérrimos, filhos de camponeses diaristas, usando diferentes tipos de roupa, que indicavam serem realmente "filhos do povo". Valdocco era, para eles, um degrau para ascensão graduada, "honesto cidadão e bom cristão". O número de órfãos chegava a 30%, sendo maior entre os aprendizes. O movimento de ingresso variava segundo os reveses ou sucessos na agricultura. Os meses em que mais saíam eram os do inverno e os da primavera, devido a doenças, mortes e motivos de indisciplina. O número habitual de internos variava durante o ano, sendo mais estáveis os estudantes.

As condições de aceitação exigiam que o candidato fosse isento de doenças "asquerosas ou infecciosas", como sarna, tinha, escrófula e semelhantes, com atestado médico, obedecendo às normas legais das autorida-

---

[11] P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, v. 1, 2.ª ediz. rev., p. 115-116.

des sanitárias e escolares. O sistema antigo de educação das escolas era disciplinado pelo rosto severo do professor e pelo chicote. As inovações de Dom Bosco arejavam em demasia a liberdade e causavam preocupação, precisamente por serem novidades.[12]

Funcionavam precariamente os serviços de troca de roupa e de lavanderia (semanal ou quinzenal). A partir de 1860, introduziu-se o serviço de corte de cabelos, de bigodes e barba, quando anteriormente era costume o uso dos cabelos longos. Entre as tarefas existentes de controle higiênico, havia a de eliminar pulgas, piolhos e percevejos das roupas e das camas. Não havia banho geral, costume ausente no Oratório como na vida camponesa do Piemonte. O banho era mais uma diversão nos rios ou riachos, considerado, em Valdocco, uma transgressão, não isenta de perigos físicos e morais, apesar dos higienistas o prescreverem na *Enciclopédia Popolare Pomba* e outros escritos de divulgação.

O material de cama não era uniforme, desde o móvel aos colchões, sacos de dormir, travesseiros. Dada a higiene do tempo, muitos deles eram refúgios ou habitações de insetos, parasitas do homem, já que em suas famílias, após os dez anos, dormiam no feneiro ou no estábulo. As latrinas estavam separadas e muito precárias. As dos edifícios públicos não eram melhores. Em Valdocco, só o salão de estudo era pavimentado de asfalto, enquanto as salas de aula e os dormitórios eram de cerâmica. O Oratório de Valdocco sofreu rigorosas inspeções sanitárias, já que suas condições higiênicas eram precárias e insuficientes, dada a grande movimentação de jovens que o freqüentavam ou nele habitavam. A instituição, entretanto, refletia uma sociedade de pobres, apenas tolerada pela sociedade dirigente liberal de então, que, apesar de suas deficiências, a apoiavam.

Dom Bosco procurou adaptar sua escola à legislação escolar do Estado, que então assumia uma política administrativa centralizadora e não reconhecia a validade dos estudos realizados nos seminários, a partir da *Lei Boncompagni* (1848), inclusive na admissão de professores legalmente habilitados, já a partir de 1854, o que provocou não poucos atritos com a Igreja.

---

[12] Lecionava, ainda, Dom Bosco aos alunos de classe média do La Salle e era sempre uma atração. Eram as primeiras escolas noturnas da época na região. Entretanto, provocavam suspeitas de alguns, que o julgavam revolucionário, louco ou herético. Dom Bosco permitia recreios barulhentos. Cfr. Pietro STELLA, *op. cit.*, p. 347-350.

Em 1856, para garantir o funcionamento de suas escolas, começou a formar o próprio pessoal na Universidade do Estado. A legislação *Casati* (novembro de 1859) foi decisiva na implantação organizativa das escolas em Valdocco, legislação esta que atingia também os seminários diocesanos porquanto muitos seminaristas não tencionavam abraçar a carreira eclesiástica. A lei favorecia o acesso dos estudantes da classe dirigente ao ensino secundário, dificultando-o para aqueles provenientes das classes populares, para as quais se destinavam o ensino primário e técnico. Temiam que o acesso livre ao ensino secundário despovoasse os campos; que o abandono das artes e ofícios provocasse assim a subversão da sociedade e a desorganização do Estado. Vê-se que, lá como cá, não havia grandes diferenças!

Dom Bosco, em 1862, procurou conseguir e, de fato, conseguiu, no ano seguinte, a aprovação das escolas de Valdocco, realçando que preferia as classes menos favorecidas e pobres do povo, por lhes dar um instrumento adequado para ganhar honestamente o próprio sustento. O momento político mostrava-se oportuno, porquanto ninguém pretendia furtar-se abertamente ao atendimento dos meninos provenientes daquelas classes aos quais se dedicava Dom Bosco com grande desvelo. Daí a razão de seu prestígio perante as autoridades governamentais, mesmo anticlericais.

O corpo docente de Valdocco (quase todo ele seminarista), por ser muito jovem, criava dificuldades para distinguir quem era, realmente, professor e aluno, devido à proximidade das faixas etárias e também de mentalidade e comportamento entre um e outro. Mas o ambiente de respeito e de disciplina causava admiração às autoridades escolares que inspecionavam as escolas.

Os textos escolares, adotados por estarem adequados à sua visão religiosa educativa, foram aos poucos substituídos por outros, escritos por seus salesianos. Ele mesmo já havia escrito livros didáticos, como a *Storia Ecclesiastica* (1845), *Sistema Metrico Decimale* (1847), *Storia d'Italia* (1855) e outros, que sofreram contínuas adaptações nas sucessivas edições. A longa lista de textos, usados desde a época de Cavour até Gentile, realçava os valores da condição subalterna, como a obediência aos pais, a lealdade à pátria, amor ao trabalho e ao dever, o respeito às instituições e às tradições, além do destaque aos valores agrários e à vida campestre, já que grande parte da clientela de Valdocco era dali proveniente. No estudo do latim e das regras sintáticas, treinavam inteligências adestradas ao raciocínio (inclusive político e religioso). Não é de admirar que escritores, ad-

ministradores públicos e políticos fizessem reservas às idéias de Dom Bosco, consideradas antiliberais. No campo editorial, Valdocco imprimiu numerosas livros escolares, como as coleções *Selecta ex latinis scriptoribus* (1866), iniciada pelo salesiano Pe. Giovanni Battista Francesia; *Epitome historiae sacrae* de Lhomond; e outros, como *Fasmatonikes seu larvarum victor*, comédia do Bispo Carlo Maria Rosini; *Biblioteca della gioventù italiana*, *Istoria dell'Europa* de Giambulari; *Novelle scelte*, iniciadas pelo salesiano Pe. Celestino Durando. No campo musical sacro e popular, entre os alunos de Dom Bosco distinguiram-se Pe. Giovanni Cagliero (primeiro Bispo salesiano, elevado, posteriormente, ao cardinalato), Giacomo Costamagna (depois Bispo), etc. Alguns como o *Filho do Exilado* (*Il figlio del'esule*), *O Orfãozinho* (*L'Orfanello*). *O marinheiro* (*Il Marinaro*) de Cagliero peças executadas nos entretimentos teatrais tanto nas escolas salesianas da Itália como da América do Sul.[13]

A clientela de jovens, acolhida por Dom Bosco no internato de Valdocco, entre os mais necessitados e periclitantes, tanto para as escolas secundárias clássicas como para as escolas de arte e ofícios, gerava diversidade de comportamentos, porquanto uns provinham até da rua. Dom Bosco, conforme seu temperamento ou procedimento, os classificava como bons, ordinários, difíceis e maus e, outros, periclitantes ou moralmente perigosos. Alguns, acostumados à vida livre, sofriam muito no esforço de adaptar-se à nova comunidade escolar. As notas mensais de comportamento moral-religioso-escolar, no período dos anos 50, refletiam uma disciplina bastante flexível e mais relaxada do que no período seguinte, denotando a passagem de um regime familiar e caseiro para uma comunidade colegial com regulamentos bastante rígidos, com assistência vigilante e contínua.[14] Anualmente, Dom Bosco via-se obrigado a afastar jovens por inadaptação às normas do Oratório cuja direção assumia também a responsabilidade moral e civil. O ideal da "amorevolezza" devia harmonizar-se com a disciplina. O mote de S. Felipe Neri, apropriado por Dom Bosco para seu sistema educativo – "Estai alegres, contanto que não cometais pecados" – exigia presença assídua e constante, ou seja, supremo desvelo.[15]

---

[13] O arquivo musical do Liceu Coração de Jesus contém vasto material musical, utilizado nas casas salesianas, sendo muitas peças escritas à mão, no tempo de Dom Bosco, e, algumas delas, publicadas desde a segunda década do século XIX.

[14] Pietro STELLA, *op. cit.*, p. 251-258. Até 1858, Dom Bosco dirigiu o Oratório como um pai a sua família e os meninos não sentiam diferença alguma entre o Oratório e a própria família. Não havia filas, nem o rigor dos assistentes, nem a coerção de regulamentos minuciosos. Cfr. *MB* IV, 679.

[15] Pietro BRAIDO, *Il sistema preventivo de Don Bosco*, p. 145.

Já se impunha a Dom Bosco a criação, em meio à massa, de grupos de jovens a ele fiéis, segundo afinidade de intenções, o que ocorreu, oficialmente, somente em 1847, com a instituição da *Companhia de S. Luís*, nome popular, símbolo de um modelo religioso na época, no seio do clero e dos jovens em geral. Esta, embora ligada à tradição sócio-religiosa pós-tridentina, visava, segundo Dom Bosco, adaptar a experiência das massas juvenis de periferia de Turim às iniciativas homônimas levadas a efeito pelos Jesuítas. Entre 1850 e 1859, Dom Bosco percebeu que a aplicação rígida dos artigos dos regulamentos feriria a realidade oratoriana. A instituição das companhias visava amenizar com estímulo às práticas devocionais e animar a vida oratoriana, segundo a linguagem de então, "com o exercício de caridade para com o próximo".

Nessa década, foram criados sucessivamente outros grupos ou associações, como o dos Salesianos (1854), a Conferência de S. Francisco de Sales (1855), a Companhia ou Sociedade da Imaculada (1857), a do Santíssimo Sacramento (1856), a de S. José (1859), estes três últimos pelos próprios alunos. Nos anos 60, quando o internato de estudantes assumiu a preponderância numérica, as companhias ou associações se classificaram por categorias profissionais e não mais por funções específicas como na década anterior. As Companhias de S. Luís, do Santíssimo Sacramento e da Imaculada ficaram circunscritas aos estudantes, enquanto a de S. José, aos aprendizes. O grupo de música instrumental, até 1859, era misto. Tornou-se, posteriormente, dos aprendizes e dos coadjutores. A música vocal foi repartida entre os dois grupos, sendo as vozes brancas recrutadas entre os estudantes, por serem, em sua maioria, pré-adolescentes.

Sob o perfil social, não eram irrelevantes as atividades devocionais que as companhias provocavam, como o movimento da comunhão semanal dos sócios, todos os domingos, e, também, uma vez dentro da semana, de modo que cada dia houvesse um grupo que comungasse. A "Schola Cantorum" e o grupo musical garantiam o brilho das festas durante o ano, não só as religiosas como as celebrações festivas, apresentando peças teatrais que se tornaram tradicionais. Esses grupos, ligados ao carisma de Dom Bosco e por ele aureolados, distribuíram-se e foram crescendo nas comunidades e tornaram-se atuantes nos movimentos sociopolítico-católicos que seriam utilizados na movimentação da opinião pública e massa, nos decênios finais do século XIX e no século XX.

Era geral e grandíssima a ignorância religiosa dos jovens do Oratório, muitos dos quais nada sabiam dizer da existência de Deus, uma vez que vinham de famílias camponesas não acostumadas a rezar as orações da manhã e da noite. Demonstravam, entretanto, religiosidade diante da imagem de santos protetores de sua devoção. Eram numerosos os analfabetos e muitos tinham instrução heterogênea, o que obrigava a criação de classes diversificadas para atender a tanta diversidade, aguçada ainda pela diversidade de dialetos falados por eles, resultando confusão nas aulas, especialmente, nas de ditado. Essa situação forçava os professores a fazerem verdadeiros malabarismos na didática de suas aulas para transportar-se da cultura iliterata à cultura livresca. Seus métodos assemelhavam-se aos de Paulo Freire, já que se aproveitavam palavras e fatos comuns da vida diária dos jovens. O livro base era o catecismo que servia, também, de instrumento de alfabetização.

Ao mesmo tempo em que se procuravam recuperar os valores religiosos de sua clientela, cultivavam-se os estudos clássicos e se conseguiam os títulos acadêmicos que estavam quase ausentes dos estudos coletivos. O dialeto piemontês, entretanto, era o veículo de comunicação habitual em Turim e da própria esfera governamental, mesmo em Roma, depois de 1870, constituindo um fato social e, em parte, fundamento de alguns símbolos educativo-religiosos elaborados por Dom Bosco.

Apesar das dificuldades dialetais e das origens humildes, os alunos dos primeiros colégios de Dom Bosco alcançaram sucessos nos exames públicos (1882), chegando a superar a taxa de 80% de aprovação. Tal êxito fez perigar a importância da instrução catequética, fazendo correr riscos a religiosidade individual e coletiva. Até um grupo de professores salesianos alardeavam ares de superioridade e de autonomia cultural, por lecionarem disciplinas que não o catecismo. Esse fenômeno obrigou a uma intervenção do Conselho Superior da Congregação, preocupado com a penetração de *idéias* liberais em Colégio de Alassio.[16]

Tais contratempos não abalaram a execução do projeto educativo de Dom Bosco, a tal ponto de STELLA, historiador de Dom Bosco, poder afirmar: "O ambiente dos colégios salesianos fundados, ainda Dom Bosco

[16] Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia economica e social*, p. 323. Foi visto acima, que Dom Bosco se lamentava morrer incompreendido. Talvez ele se refira a essas atitudes destoantes de seu projeto educativo, existentes até entre seus religiosos.

vivo, resplendia de religiosidade popular e de fervor juvenil, entre romantismo e aquele sentimentalismo religioso que, ao final do século XVIII e inícios do século XIX, modelou a religiosidade popular católica, especialmente, nas áreas latinas da Europa e da América".[17]

Aos padres e seminaristas salesianos eram confiados os encargos e funções de assistência e magistério. Valdocco, aos poucos, tornou-se uma cidadela, em razão da multiplicação do pessoal (que devia atender às exigências governamentais no campo educativo) e do funcionamento do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora. Aumentando-se, gradualmente, o quadro de pessoal, naturalmente cresciam as exigências individuais e coletivas, como despesas de aquecimento e de alimentos especiais daqueles que não podiam adequar-se à mesa comum. Valdocco, assim, assumia o papel tendenciosamente contraditório de casa de juventude pobre e, ao mesmo tempo, de Casa Geral de uma Congregação que se desenvolvia.[18]

Para entender o desenvolvimento da obra de Dom Bosco, após 1860, é necessário examinar a situação da Itália nessa época, envolvida como estava no esforço de conseguir a unidade política sob o modelo liberal, que, aliás, se estendia por toda a Europa. O Oratório de Valdocco fervilhava de atividades nas oficinas, especialmente, tipográficas que publicavam uma grande quantidade de livros populares com o objetivo de atender à melhoria da cultura cristã do povo e também limitar o avanço do protestantismo (considerado por Dom Bosco como subversivo por tentar eliminar a autoridade) e do iluminismo, procedente do século anterior. Dom Bosco via, na criação do internato, uma empresa que evitaria a contaminação da juventude, ou seja, obviaria as influências negativas a que ela estava sujeita, uma vez que não estava em condições de enfrentá-las diretamente. Reconhecia-se, assim, o valor positivo dos internatos na educação dos adolescentes, sem negar, entretanto, a superioridade da educação familiar.

No Piemonte, os internatos desenvolveram-se rapidamente e Dom Bosco nada fez senão adaptar-se às exigências do momento histórico-social. Colégio, então, significava, primariamente, a escola estatal. Na segunda metade do século XIX, o termo passou a significar internato. Havia, ainda, o dissídio entre a Itália legal, liberal, e a Itália real, baseada em largos extratos de oposição católica e de outros grupos, como o socialismo.

---

[17] Id., *op. cit.*, p. 294.

[18] Para maiores dados consulte-se Pietro STELLA, *Dom Bosco nella storia economica e sociale.*

Nas escolas públicas, vigorava a orientação aconfessional e mesmo anticlerical. Os católicos, em contraposição, organizaram-se e criaram associações religiosas, entidades de mútuo socorro, bancos populares, sociedades de seguro, colégios dirigidos para a pequena burguesia e o operariado e campesinato. Como o Estado, inicialmente, estava incapacitado de centralizar a educação, a organização de colégios-internatos encontrou uma alternativa nas administrações comunais, muitas vezes, em mãos de católicos, unidas às autoridades religiosas e sob sua influência.[19]

Este fenômeno explica, a partir de 1863, a abertura do Pequeno Seminário de Mirabello e a multiplicação de colégios, pensionatos, escolas profissionais e agrícolas, seminários, abertos ou dirigidos por Salesianos e a razão da preferência pelos internatos em vez de paróquias, externatos e até oratórios festivos. Dom Bosco, com a consolidação do internato, teria acesso a uma clientela, menos instável e mais fácil de organizar que a dos Oratórios, e, ao mesmo tempo, um viveiro de onde extrairia a sua família de educadores. A criação de colégios facilitaria a expansão da Congregação e, simultaneamente, a formação das forças católicas na Europa e no mundo.[20]

Os Salesianos, em contato com outros colégios e seminários italianos, assimilaram a experiência destes à sua dos Oratórios. Após a organização da Casa anexa ao Oratório (internato), Dom Bosco pensou preferentemente em comunidades colegiais e em Salesianos educadores de colégios secundários, escolas profissionais e escolas agrícolas. Seus livros reproduzem experiências com alunos de colégios-internatos e a eles se referem como as vidas de Miguel Magone, de Domingos Sávio, os romances histórico-pedagógicos *La forza della buona educazione* (1855) e *Valentino o la vocazione impedita* (1866),[21] as *Lembranças para as férias (Ricordi per le vacanze - 1872)*, a *Carta de Roma* (1884), *Os Regulamentos para as casas da Sociedade de S. Francisco de Sales*. Até os pensionatos ou patronatos, para meninos pobres e abandonados, e orfanatos seguiram as mesmas normas dos internatos.[22]

---

[19] Id., *op. cit.*, p. 133-139.
[20] Id., *op. cit.*, p. 126.
[21] *Apud* Giovanni BOSCO, *Opere Edite*, respectivamente v. 7 e 17, p. 178-242.
[22] Pietro STELLA, *Dom Bosco nella storia della religiosità cattolica*, p. 124.

Os colégios, porém, trazem, aparentemente, garantias de estabilidade maior, mas, ao mesmo tempo, riscos de estabilização, riscos esses que implicam fechamento exclusivo no ciclo da vida colegial, a estagnação da criatividade das obras e dos métodos e certa acomodação. Por outro lado, a atividade colegial, também, passa por fases de superação, de decréscimo e até de desaparecimento, como tem ocorrido na Itália e em outros países do mundo. O direcionamento preferencial na vida educativa ao modelo de colégio-internato, pareceu prejudicar e limitar o dinamismo da Congregação Salesiana, contrariando o seu carisma, muito mais aberto a outras alternativas de ação educativa não formal.[23]

[23] Id., *op.cit.*, p. 125

CAPÍTULO VI

# O SISTEMA EDUCATIVO SALESIANO

Tentaremos levantar o que pensava Dom Bosco sobre a educação, o ensino e a missão da escola, apesar de nada ter escrito especificamente sobre tais assuntos. Nem por isso agiu de maneira improvisada e irresponsável.

Esteve sempre em contato com a cultura e com o saber educativos, como um agricultor comprometido e exigente. Recomendou que se fizesse um caderno, chamado *Experiência*, em que fossem registradas as ocorrências, para posterior estudo e reflexão. Com a mesma finalidade, prescreveu se escrevesse a Crônica de cada casa, onde fossem incluídos eventos, estatísticas e observações. Determinou que o Diretor ministrasse orientação pedagógica aos seus seminaristas e aos jovens educadores. No final de sua vida, solicitou a sistematização normativa, pelo menos na prática, do Sistema Preventivo. Em suas cartas e reco-

mendações, encontra-se material abundante do que não conseguiu escrever sistematicamente.[1]

Dom Bosco não deixou escrita uma filosofia educacional, nem apreciava declarações solenes de princípios. O problema do conceito e da função da "cultura", ele o resolvia, atribuindo uma tarefa instrumental, em que realçava o "transcendente" (onde a cultura era expressão do "dever religioso" a inspirar a vida) e o "terrestre" (onde a cultura ocupa um lugar importante na vida e na sociedade). Interessava-se pelo aspecto moral-pedagógico da escola, do trabalho e da cultura, considerados como instrumentos de "moralização", "santificação" do jovem e de "preparação" para a vida. O princípio de sua teoria escolar, se assim se pode dizer, reduz-se à expressão bíblica: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria". Para Dom Bosco, ciência, sem consciência, arruína a alma.[2]

## 1. IDÉIAS DE DOM BOSCO SOBRE A EDUCAÇÃO E O ENSINO

Serão usadas, aqui, como ponto de partida, duas cartas de Pe. Francisco CERRUTI, seu discípulo e um de seus auxiliares diretos: cartas que ele endereçou ao Pe. Miguel Rua, vice-reitor da Congregação e primeiro sucessor de Dom Bosco. Mas, na verdade, a pedido deste, procurava expressar o que pensava Dom Bosco sobre educação. Na primeira, apresenta as idéias de Dom Bosco relativas à educação e ao ensino, bases e critérios em que se baseiam. Na segunda, a metodologia e as normas de sua aplicação prática na vida das escolas.

---

[1] *MB* XII, 475; Livro da experiência: *MB* VII, 523; Crônica da Casa: *MB* XII, 69: orientação aos jovens educadores: *MB* XVIII, 176-177; sistematização normativa do sistema preventivo: *MB* XVIII, 188. STELLA apresenta a historiografia relativa à educação, que Dom Bosco, provavelmente, conhecia e talvez tenha usado (Cfr. *Dom Bosco nella storia della religiosità cattolica: Mentalità religiosa e spiritualità*, v. II, cap. XIV, 2.ª ed.). José Manuel PRELLEZO cita dois livros, cujos capítulos foram lidos em reunião do Conselho, ou seja, A Monfat, *Pratica della educazione cristiana,* prima versione libera dal sac. Francesco Bricola, (capítulo: *Disciplina tra gli educatori)* e A TEPPA, *Avvertimenti per gli educatori ecclesiastici della gioventù, Roma 'Torino, Marietti, 1868* (capítulo sobre os castigos). Cfr. Valdocco (1866-1888): *Problemi organizzativi e tensioni ideali nelle conferenze dei primi salesiani,* Ricerche Storiche Salesiane, 8 (15-2): 289-328, luglio-dicembre 1989.

[2] Posição do transcendente e do terrestre: *Regulamento para as cazas da Congregação Salesiana de S. Francisco de Sales,* trad. Portuguesa, cap. V; escola, meio de preparação: *MB* XI, 15-16. Grande parte deste capítulo é uma síntese da Tese de Doutorado de Pietro Braido, *Il Sistema Preventivo de Dom Bosco*, considerada um clássico no assunto.

Dom Bosco, quando em viagem em Marselha (1885), tratando, em um discurso, da situação atual das nações, outrora eminentemente religiosas, mas muito paganizadas em fato de fé e de moral, considerava aberração a distinção de católicos teóricos e católicos praticantes e atribuía-a à educação pagã, realizada nas escolas secundárias e superiores, porquanto, embebida de ideais pagãos e executadas por métodos pagãos, corrompia a mente e o coração da juventude, nos seus mais belos anos.[3]

Para enfrentar esse problema, Dom Bosco decidiu publicar uma edição expurgada dos clássicos latinos profanos, existentes nas escolas, e, ao mesmo tempo, a dos clássicos latinos cristãos para complementar os primeiros, que eram produtos da razão pura, do naturalismo pagão, e, desse modo, colocar em posição de destaque tudo o que se havia produzido de significativamente grande no Cristianismo. No final de sua vida, entretanto, lastimava não ter sido compreendido e não ter podido ver realizada esta obra de reforma na educação e no ensino.[4]

Quanto à educação, escopo e missão principal da Congregação Salesiana, suas idéias se fundamentam essencialmente na caridade cristã que quer se previna, possivelmente, a prática do mal, antes que reprimi-lo, utilizando, como instrumentos, a assistência vigilante e atenta, a doçura das palavras e dos modos, a paciência e a constância dos propósitos, as únicas capazes de vencer as resistências das vontades e amansar os corações.[5]

O desejo do bem nos faz acreditar que as poucas páginas "sobre o Sistema Preventivo, premissas ao Regulamento das Casas, repletas de sabedoria pedagógica, são, sempre e em toda parte, praticáveis e que as coisas de ontem sejam adaptáveis à juventude de hoje". Constatava o crescimento dos perigos externos, dos instrumentos de sedução, do enfraquecimento da eficácia do princípio de autoridade. Afirmava, todavia, que a juventude continuava, substancialmente, a mesma. Assim sendo, deveria ser, sempre, o mesmo o método a usar em sua educação, que se reduzia, a seu ver, em "crescer, dobrar a vigilância e multiplicar o zelo".[6]

---

[3] Francesco CERRUTI, *Le idee di D. Bosco sull'educazione e sull'insegnamento e la missione attuale della scuola; Lettere due. S. Benigno Canavese*, p. 6-7, CERRUTI era doutor pela Universidade de Turim, então na vanguarda dos estudos pedagógicos na Europa.

[4] Id., *op. cit.*, p. 4-5.

[5] Id., *op. cit.*, p. 6.

[6] Id., *op. cit.*, p. 6-7.

Se da educação se passar para o ensino, especialmente o ensino clássico, o sistema didático proposto por Dom Bosco não poderia ser senão "conforme ao espírito do Cristianismo e mais conducente à vantagem religiosa, moral e intelectual, vantagem verdadeira, real, prática da juventude". As idéias e desejos de Bosco coincidem com as de S. Basílio Magno que recomendava o estudo dos clássicos, como útil preparação ao das Sagradas Escrituras. Dizia o Bispo e doutor da Igreja que "convém acostumarmo-nos a ver o sol na água, antes de fixar o olhar na própria luz, mas queria, ao mesmo tempo, que fosse tal estudo rodeado de cautelas para que os jovens pudessem manter a pureza de costumes e conservar viva a chama da fé, ameaçadas, freqüentemente, pelo naturalismo dos escritores pagãos".[7] Esse pensamento coincidia, ainda, com o de S. Carlos Borromeu que, ao lado dos famosos clássicos pagãos, incluía os melhores clássicos cristãos, como, por exemplo, Santo Ambrósio, São Cipriano. As idéias de Dom Bosco são as mesmas dos maiores pedagogos e educadores modernos, que vêem, assustados, o avanço envolvente da irreligião e da imoralidade e bradam que não há saída, fora da educação cristã das novas gerações.[8]

Dizia, ainda, CERRUTI que a escola e a imprensa se haviam tornado, atualmente, os instrumentos mais poderosos e formidáveis de bem e de mal. Devido a essa situação, é que Dom Bosco concentrou, na escola e na imprensa, a sua atividade. A escola, porém, tem de ser cristã.

BRAIDO, reforçando o posicionamento de CERRUTI, observa que a religiosidade da escola deve transparecer em suas instalações (Crucifixo e quadro, imagem de Nossa Senhora, capela interna, presença ativa e positiva do padre ou da irmã, etc.). Dom Bosco queria e procurava que a escola fosse como um pequeno santuário.[9] Aprovou o livro de Mons. Antonio Maria Belasio, *Della vera Scuola per ravviare la Società* (Torino, Tip. e Libr. Salesiana, 1883, ed. Terza), em que definia a escola cristã não sim-

---

[7] Francesco CERRUTI, *op. cit.*, p. 8.

[8] Id., *op. cit.*, p. 9-12.

[9] Princípio da sabedoria (*MB* VIII, 830); ciência sem consciência (*MB* VIII, 166); escola = santuário (*MB* VIII 166). "In malevolam animam non intrabit sapientia, nec habitabit in corpore subdito peccatis" (A sabedoria não entrará numa alma má, nem habitará num corpo sujeito a pecados). Sabedoria é aquela que reconhece Deus como criador e senhor de tudo e nossa obrigação está em obedecer às suas leis (*MB* VIII 943). No *Regulamento per le Case della Società di S. Francesco di Sales*, 1893, p. 2, cap. V, art. 10, prescrevia-se para o Conselheiro Escolar (Diretor dos Estudos) o seguinte: "Lembre freqüentemente aos professores que trabalham para a glória de Deus, portanto enquanto ensinam a ciência temporal, não esqueçam o que se relaciona com a alma".

plesmente pela profissão religiosa dos seus professores, ou pela meia hora de cultura religiosa dada, mas pelo caráter cristão dos programas e do seu conteúdo. Até mesmo os programas leigos ou neutros deviam ser impregnados de espírito cristão pelo professor. Os Regulamentos, assim, o dispunham.[10]

E continuava CERRUTI:

*Enfraquecida a antiga fé na família, abandonado o ensino religioso no Santuário, assaltadas as verdades mais sacrossantas da fé cristã, por livros e jornais de todos os tipos, dominante uma atmosfera de incredulidade e de ceticismo, como os jovens sofrem as influências deletérias do século, operacionalizadas, na forma de máximas, de exemplos e de modelos da literatura pagã?*

Com que meios atingirá a juventude estudiosa, se a escola não for cristã (e se reduzir a uma ou duas aulas semanais de ensino religioso) e não estiver imbuída de espírito religioso, tanto no aspecto pedagógico quanto no didático?[11] Só, desse modo, haveria a evangelização da cultura clássica, através da introdução dos clássicos cristãos.[12] Não seria suficiente restringir a polêmica católica à defesa da religião, mas mostrar que as coisas exis-

---

[10] Dizia Belasio: "Propomos, na verdade, a Escola Cristã, sim, em que concorra a literatura clássica para torná-la adornada de suas elegâncias; mas expurgada, antes de tudo, de toda corrupção. A juventude informe-se, inspire-se, eduque-se, em suma, na sublime Cultura Católica: como nos mais grandiosos edifícios, sejam, da mais culta elegância, a parte principal, a construção sólida do edifício; o ornato é o acessório; e com isso o arquiteto dá-lhe relevo. A Religião Cristã, única reguladora da vida do homem. E guia à civilização sincera, seja dominante na educação; a literatura, mesmo pagã, seja serva a seu serviço, para adorná-la da elegância de seus modos gentis". Estabelecemo-nos portanto, na escola de instruir para educar; e de educar para encaminhar o homem a seu fim... Queremos fazer que a escola encaminhe o homem para Deus. *Apud* Pietro BRAIDO, *op. cit.*, p. 391-392 e *MB* X, 1222.

[11] Francesco CERRUTI, *op. cit.*, p. 11. Cita o protestante Keratry que dizia não se formar o espírito religioso do jovem senão com a continuação de um ensino em que a lei divina seja incluída em tudo.

[12] A controvérsia, sobre o uso dos clássicos no ensino da juventude, surgiu na França em 1846, controvérsia esta resolvida por Pio IX, na Encíclica *Inter multiplices*, de 21 de maio de 1853, em que determinava "que os jovens pudessem aprender a verdadeira elegância e eloqüência do falar e do escrever, tanto através das mais ilustres obras dos Santos Padres, como dos mais ilustres escritores profanos, expurgados de toda mancha": "Ut adolescentes germanam dicendi escribendique elegantiam et eloquentiam tum ex sapientissimis Sanctorum Patrum operibus, tum ex clarissimis ethnicis scriptoribus, a quavis labis purgatis, addiscere valeant". Leão XIII, ele mesmo poeta latino, reforçou o pensamento educacional da Igreja relativo ao ensino dos clássicos cristãos e pagãos com a Encíclica *Aeterni Patris*. Francesco CERRUTI, *op. cit.*, p. 11-19.

tem para a glória de Jesus Cristo, fim, honra e complemento do universo criado (1 Cor 21,25).[13]

A introdução do ensino misto, ou seja, clássico e cristão, não se opunha às disposições governamentais. A objeção de que o latim dos clássicos cristãos era corrupto, não se sustentava porque era semelhante ao dos pagãos,[14] embora já modernizada pela evolução dos tempos. Esta posição não encontrou apoio nem na França, país que reivindicou a honra de ter publicado, por primeiro, os autores eclesiásticos.

Concluía CERRUTI sua carta, conclamando que, em vez de lamentar as amarguras dos tempos, trabalhassem os Salesianos para a cristianização da sociedade, por meio da escola e da imprensa, sugerindo continuassem a publicação seleta de escritores cristãos, prosadores e poetas.

## 2. MÉTODO DE ENSINO DOS CLÁSSICOS GREGOS E LATINOS NAS ESCOLAS CRISTÃS

Como devem ser essas idéias vivenciadas, segundo as máximas evangélicas, na escola e com que método devem ser ensinados os clássicos gregos e latinos, a base e o centro do ensino de então? Em outras palavras: "Que deve fazer um professor em geral e o que devemos nós fazer na escola?"

Assim, mais ou menos textualmente, respondia CERRUTI:

O nosso fim principal é a educação humana, ou seja, cristã dos jovens, toda una, pois o homem – cita Tertuliano – é naturalmente cristão. Entrar na escola, com o programa e só com o programa, é confundir os meios com o fim, a parte com o todo, o instrumento com a própria coisa. O colégio, como a escola, é, ou pelo menos deve ser, uma segunda casa paterna. Como essa, o primeiro pensamento é o de formar todo o homem com educar-lhe as tríplices faculdades físicas, intelectuais e morais, por conseguinte, o cidadão, para os diversos graus da vida social; assim, naquele o mestre deve refletir que seu primeiríssimo dever é dar ao aluno uma aviamento, efetivamente, conducente ao seu fim primário, o que não é possível onde a religião se restringe a uma ou duas horas de catecismo e não seja a

---

[13] Francesco CERRUTI, *op. cit.*, p. 14-26.

[14] A mesma crítica existia já nos literatos pagãos que diziam de S. Paulo: "As cartas, diziam, são severas e enérgicas, (...) e a sua linguagem é desprezível" (2 Cor 10, 10).

alma que aviva o corpo dos estudos e difunda, por todos os membros do ensino, o seu calor, a sua vida. Conseqüentemente, as proposições, os exemplos, as referências ou os argumentos, as próprias palavras usadas pelo mestre, nos exercícios orais e escritos, devem, segundo ensina Dom Bosco, no Regulamento das Casas, no capítulo relativo aos professores, incluir, sempre, alguma noção, alguma máxima moral religiosa, que, instruindo a mente, eduque também o coração, suave e naturalmente. Digo moral-religiosa, porque não existe moral sem religião, uma vez que sobre ela está Deus Criador e Redentor.

A escola, hoje, está corroída por um verme pernicioso, o naturalismo, o paganismo ressuscitado que sufoca em suas espirais todo o ensino. Retornamos aos tempos anteriores à Redenção. Até os asilos sofrem a dessacralização. Os livrinhos, os abecedários, os regulamentos dessas instituições, as proposições e os exemplos, as palavras usadas no ensino, as poesias propostas para cantar ou declamar, em nada elevam do baixo mundo, nada lembram da onipotência e bondade de Deus Criador, nada tratam de Cristo Redentor, nada mostram que eduque catolicamente. As orações vocais, os catecismos e semelhantes, onde mesmo são ministrados, têm caráter acessório, já que, o mais das vezes, não fazem parte do programa regular da classe. Quando tal acontece, apresenta um método tão irracional, de modo tão abstrato que esvazia o sentido da beleza da religião (...). A criação, a redenção, Jesus Cristo, Nossa Senhora, os santos não têm lugar. Estamos sob o império absoluto dos sentidos externos.[15]

Sendo o primeiro dever do ensino conduzir à formação do homem, e sendo que a essa formação não se chega sem que o ambiente escolar esteja formado e como que compenetrado de "idéias e sentimentos absolutamente religiosos", como se alcançará o fim supremo, essencial em cada curso freqüentado pelo jovem? Como se preparará o homem para a carreira a que Deus o chama, para a qual esteja habilitado e para ocupar seu lugar na sociedade como indivíduo e como cidadão?

Em se restringindo os estudos à instrução secundária, clássica, o primeiro problema era a metodologia do ensino dos clássicos antigos, base e cerne do ensino de então.

---

[15] Francesco CERRUTI, *op. cit.*, p. 30-32.

Primeiramente, tratava-se do problema do conteúdo. Por *clássicos profanos* se entendiam os escritores, de primeira linha, gregos e latinos, que transmitiram a herança antiga da civilização da Grécia e de Roma. Essa civilização, fruto unicamente da razão, se continha algo de bom, não lhe faltava contudo o que lhe viciava a ordem religiosa, moral, artística, política, econômica, pedagógica, etc. *A religião,* que formava *a sua alma*, apoiava-se "no politeísmo e no endeusamento da natureza corrompida; a moral do orgulho" (estoicismo) "e nos sentidos" (epicurismo); "as letras e as artes no mundo finito da natureza; a política na justificação do latrocínio a pretexto de conquista; a economia social no princípio brutal da escravidão; a pedagogia no despotismo da autoridade e na negação da liberdade". A tão exaltada excelência dos clássicos está restrita à forma, ao belo exterior, como material e corpórea é a civilização de que emana e reflete.[16]

Salientava o autor ser preciso que o professor sensato separasse, judiciosamente, os clássicos que repugnavam aos princípios religiosos e morais do Cristianismo e se ativesse, somente, aos outros que precisassem de complementação ou correção. Nada se devia temer, nem quanto aos tempos nem quanto às dificuldades na educação, nem entrar em desespero quanto à regeneração intelectual e moral da sociedade, pois um dos mais poderosos meios para consegui-la é a educação cristã da juventude. Dom Bosco, para isso, providenciou a publicação da *Selecta ex latinis scriptoribus* para uso das escolas, eliminando os que julgava perniciosos à moralidade e à fé. Quanto aos outros, especialmente aqueles exigidos pelo programa governamental, providenciou a impressão de obras inteiras ou de parte delas, sem ferir a sua completude, expurgando-as de tudo o que pudessem ofender ao pudor ou à religião.[17]

Cabe, portanto, ao docente procurar relevar, no que se refere aos clássicos expurgados, o quanto neles há de bom e excelente, em fato de máximas, preceitos, conselhos, etc. e propor aos alunos o que for digno de imitação, segundo o espírito do Evangelho, lembrando ainda o dito de Platão, relatado por S. Basílio: "O parecer justo sem sê-lo é o último grau da iniquidade".[18]

Dom Bosco fazia o mesmo, observando que nem sempre as máximas, os exemplos e as ações dos pagãos são imitáveis (como a mentira, a

---

[16] Francesco CERRUTI, *op. cit.*, p. 33-35.
[17] Id., *op. cit.*, p. 34-35.
[18] Id., *op. cit.*, p. 36-39.

imoralidade...). Reprovava Dom Bosco, ainda, o culto exagerado, idolátrico à forma e a ausência, nos clássicos pagãos, de um objetivo prático, real, dois vícios característicos das letras e da escola pagã. Ele próprio, na sua juventude, havia experimentado a força da influência pagã e ficara extasiado pela cultura da forma e repetia as palavras de S. Agostinho, através de Fenelon: "Nem o mestre sirva às palavras, nem as palavras ao mestre".[19] Não se deve confundir o acessório com o principal. Outro erro do paganismo era ter separado a ciência da vida e feito a escola um fim, em si mesma, um passatempo, uma brincadeira, quando não, instrumento de perversão.[20]

E concluía, "é preciso que as nossas palavras, nossas dissertações tenham sempre um objetivo verdadeiro, real, prático, conducente ao bem-estar moral e material da família humana".[21]

Quanto à didática, Dom Bosco nada escreveu diretamente. Entretanto, segundo o estudo feito por BRAIDO, intuiu e propôs a conexão entre técnica e psicologia da aprendizagem e seus condicionantes morais e religiosos, apresentando como "meios para estudar com proveito": 1) O temor de Deus; 2) Não perder tempo; 3) Não passar de um a outro capítulo de qualquer ciência; 4) Alimentar-se no tempo oportuno; 5) A companhia de alunos estudiosos; 6) Recreação ordenada; 7) Superar as dificuldades que se encontram no estudo dos autores; 8) Ocupar-se exclusivamente do que respeita ao nosso estudo; 9) Recorrer, sempre, à proteção de Maria Santíssima, sede da sabedoria.[22]

LEMOYNE, seu primeiro biógrafo, mostra os procedimentos didáticos usados por ele, no ensino do alfabeto, da gramática latina, da história sagrada, do sistema métrico decimal, da geografia. Seus livros de história sagrada, eclesiástica e italiana, de geografia, de sistema métrico decimal em si mesmos, são exemplo de como se escreve e de como se ensina

---

[19] "Nec doctor verbis serviat, nec verba doctori. De doctrina christiana", lib. IV.

[20] Id., *op. cit.*, p. 39-46.

[21] Id., *op. cit.*, p. 47. Entendem-se assim o *esforço e a preocupação* para a formação cristã dos Mestres e Professores (*MB* XI, 293), sem os quais a operacionalização do modelo cristão da escola voava pelos ares, o *cuidado* para a *imunização* do ambiente, quanto às leituras e à propaganda de leituras formativas (*MB* IX, 427-432: Biblioteca della gioventù italiana - 1868-1885; *MB* IX, 426-427 e X, 1377-1378: *Latini scriptores* - 1875; *MB* X, 1067-1068; XII, 149; XVII, 197-200 etc. XVII, 376-377: ainda avisos e circulares), *sua iniciativa entusiasta* de introduzir nas escolas os clássicos latinos cristãos (*MB* XVII, 501-502), para corrigir e neutralizar as idéias pagãs com idéias cristãs (*MB* IX, 426; 11, 29).

[22] *MB* VII, 817-838. Cfr. Pietro BRAIDO, *op. cit.*, p. 393-395.

para os jovens. Além disso, recomenda a estima e fidelidade na explicação dos textos adotados e que se tenha presente a "média" intelectual da classe. Utiliza-se, ainda, de sessões literárias, de representações teatrais de caráter humanista e das possibilidades que o ambiente pedagógico piemontês podia oferecer na época.[23]

Sobre a necessidade de interrogar os alunos, dizia Dom Bosco textualmente, em 1875:

*Sou também do parecer que se interrogue muito e muito e, possivelmente, não se deixe passar um dia sem fazê-lo a todos. Disso proviriam vantagens incalculáveis. Ao contrário, percebo que algum professor interroga um ou dois, na classe, e passa logo a explicar a lição. Não quero este método nem sequer na universidade. Interrogar, interrogar, interrogar muitíssimo; quanto mais se faz falar o jovem tanto maior proveito alcança.*[24]

Além da escola humanista, Dom Bosco fundou a escola artesanal, chamada, comumente, de escola profissional, com objetivos sociais e caritativos, sem esquecer o objetivo religioso, a escola de religião e de catecismo.[25]

No seu tratado sobre o Sistema Preventivo, quis Dom Bosco, indiretamente, adestrar-nos no método a usar nas aulas, se quisermos que a escola corresponda de fato às suas idéias.

---

[23] Ensino: do alfabeto (*MB* III, 449-450)); da gramática latina (*MB* III, 579 e X, 1023); do sistema métrico decimal (*MB* III, 397-399 e 623-652); da geografia (MB XIII, 610-612); uso dos textos (*MB* XI, 218...); sessões literárias e teatrais (*MB* XII, 136-137; X, 1057; VI, 884; VII, 186-187; VIII, 121, 415,782; XII, 323-324 etc.); movimento pedagógico piemontês (*MB* III, 447-449; V, 752-754; VII, 345-348, 527-528; VII, 315-317 e 734-734 etc.). Pietro BRAIDO, *op. cit.*, p. 393-395.

[24] *MB* XI, 218.

[25] A escola artesanal ou profissional (*MB* IV, 459-664; V, 756-759; VIII 606; X, 105 etc.) é considerada antes de tudo ante a necessidade social e caritativa cristã (*MB* IV, 294-298), predominando *principium* e o *fundamentum* religioso e pedagógico (M*B* IV, 661-662); orientada para um trabalho bem determinado e preciso (*MB* V, 755, 830; XVI, 75-77; XVII, 20-21; XI, 205-206; XVIII, 175, 184, 700-701). A cultura religiosa constitui um dos eixos da sua práxis educativa, chegando a apresentar ao Papa Leão XIII algumas propostas concernentes às crianças, ao clero, às ordens religiosas (*MB* XIV, 467). Sua vida e atividade é um constante empreendimento em prol do ensino religioso-catequético (*MB* III, 179-183, 200; IV, 257, 572; V, 42, 634-635; VIII, 724-725; IX, 936; X, 111; XII, 138-138...), conhecedor da psicologia juvenil, inventor e explorador de procedimentos e métodos (*MB* II, 348-349, 554; IV, 672-674; IV, 65-66; VI, 204; II, 340; XI, 307 e IX, 22; III, 129; a vontade do fácil e do sólido (*MB* XIV, 838-839; XIII, 292-293; III, 553) interessado nos livros de texto (*MO* 184-185 popularidade do discurso e do estilo), conexão de história, dogma e moral, uso da forma dialógica, método visual-intuitivo como escreveu ao prefaciar sua História Sagrada. Cfr. Pietro. BRAIDO, *op. cit.*, p. 404.

## 3. OPÚSCULO DE DOM BOSCO SOBRE O SISTEMA PREVENTIVO

Dom Bosco era avesso à formulação de um método, para ter maior liberdade de movimentos. Mas, devido às insistências, escreveu um opúsculo em que tentou formular o sistema que guiava seu trabalho educativo, basicamente uma síntese de tudo que colhera de elementos preventivos difusos na cultura de seu tempo, na experiência secular educativa e católica e enunciados, teoricamente, sobretudo, por alguns educadores seus contemporâneos.[26]

O documento básico de Dom Bosco foi publicado, em 1877, em Nizza e tinha por título: *Inaugurazione del Patronato di San Pietro in Nizza a Mare e scopo del medesimo esposto dal sacerdote Giovanni Bosco, con appendice sul sistema preventivo nella educazione della gioventù.*[27] Esse documento foi operacionalizado, ou melhor, decodificado no Regulamento das Casas.

No início desta parte, apresentamos a definição dos dois sistemas (preventivo e repressivo) e das suas vantagens, segundo o original de Dom Bosco. O próprio Dom Bosco traçou os princípios para aplicação do Sistema Preventivo, baseando-se entretanto nas palavras de S. Paulo: "A caridade é benigna, é paciente; tudo sofre, tudo espera e tudo suporta" (1Cor 12,4). Segundo ele, só o cristão pode aplicá-lo com êxito: este sistema exige dedicação exclusiva do Diretor, moralidade conhecida dos mestres e assistentes, liberdade ampla para brincar, a promoção da ginástica, da música, do teatro e dos passeios; comodidade para o aluno confessar-se, assistência diária à Missa, máxima vigilância para evitar más companhias, um bom porteiro, a prática de uma exortação antes de dormir (chamada de "Boa-Noite"), facilitação à primeira comunhão.

Quanto à utilidade do Sistema Preventivo, Dom Bosco observa que, da parte dos alunos, é muito mais fácil, mais satisfatório, mais van-

---

[26] Dom Bosco teve relações diretas com os Irmãos das Escolas Cristãs de S. João Batista Lassale; com Ferranti. Aporti, cujas aulas freqüentou do verão ao outono de 1844; com Antônio Rosmini, com Gian Ant. Rayneri e com José Allievo. Seu pensamento mostra afinidade com o de Felix Dupanloup (cfr. Pietro. BRAIDO, *Il sistema preventivo di Don Bosco,* p. 106-132). Se a história do Sistema Preventivo é clara e linear, nas palavras de BRAIDO, não o é sua pré-história. (*MB* XIII, 108, 112, 117, 122, 101; IV, 546; VI 652; X, 250-251; XVIII, 584; X ,707; VIII, 508). Cfr. Pietro. BRAIDO, *Il sistema preventivo di Don Bosco,* p. 101-103.

[27] O texto integral está colocado no Anexo I deste trabalho. Id., *op. cit.,* p. 269-273.

tajoso. Da parte dos educadores, existem dificuldades, que serão minimizadas, se eles se dedicarem com zelo a seu trabalho, consagrando-se ao bem de seus alunos, à sua educação civil, moral e científica. O educando, por sua vez, respeitará seu educador e lembrá-lo-á com prazer. Os pais terão a certeza da melhoria de seu filho, que será o sustentáculo e a honra da família.

Quanto aos castigos, insistia para que nunca fossem aplicados, mas, quando fosse necessário repreender, fossem observados os seguintes critérios: o educador fazer-se amar antes de tudo, lembrando que, para os jovens, castigo é aquilo que se apresenta como tal; os castigos físicos serem absolutamente evitados, além de proibidos pelas leis civis, irritarem os alunos e rebaixarem o educador; o Diretor fazer conhecidas as regras, os prêmios e os castigos estabelecidos pelas leis disciplinares.[28]

O conceito de preventivo apóia-se na mobilidade real do jovem que, facilmente, se esquece das normas disciplinares e punitivas e se torna merecedor e culpável de uma falta cuja gravidade jamais tinha pensado no momento em que a cometeu e que, talvez, a houvesse evitado se dessa gravidade tivesse tido consciência, ou sido dela advertido. Daí a necessidade da assistência que se manifesta através da Razão, da Religião e da "Amorevolezza".

Em conversa com o Ministro de Estado Urbano Ratazzi, explicava-lhe seu relacionamento mantido com os jovens, aos quais procurava instilar, com doçura, o amor à virtude e o horror ao vício, através do ensino do catecismo e adequado ensinamento moral, com avisos oportunos e benévolos e, especialmente, com as práticas da oração e da religião, tudo isso circundado de uma amorosa assistência nas recreações.[29] Ao mestre-escola Francisco Bodrato afirmava que a Religião (verdadeira) e a Razão (reta) eram os eixos de seu sistema educativo; aquela servia de freio aos impulsos desordenados dos jovens e esta, de brida que mordida produz o que se deseja.[30]

---

[28] Vide pormenores no Anexo I.

[29] Conversação com o Urbano Ratazzi; assistência nos recreios (*MB* IV, 553;V, 48, 52-53).

[30] *MB* V, 52-53; VII, 760-763. Este mestre, depois, entrou na Congregação Salesiana e morreu como Provincial na Argentina.

Dessa síntese resultam as características de seu sistema:[31]

a) a formação do jovem à sensibilidade da consciência moral e religiosa, que antecede a autoridade, a imposição e a ameaça de castigo e de expulsão;
b) o método da assistência, que, além da função preservadora e segregadora, tem a construtiva.
c) a metodologia apoiada em meios sobrenaturais;
d) o predomínio do amor, que rege a paternidade compreensiva, o ambiente de família, de alegria, da vida associativa, recreativa e cultural.

Para Dom Bosco, "a formação dos jovens consiste na doçura em tudo e na capela, sempre aberta com toda facilidade de freqüentar a confissão e a comunhão. Esta era feita por grande número deles, que tinham facilidade de acesso à confissão antes da Missa, caso precisassem".[32] Esses elementos, condicionantes essenciais de seu estilo de ação educativa, estão, entre os sete segredos, por ele enumerados, em 1875, para o bom andamento do Oratório.[33]

Dos oratórios milaneses e lombardos, inspirados em S. Carlos Borromeu e adaptados aos Oratórios da Sagrada Família e de S. Luís, de Milão,[34] Dom Bosco extraiu as práticas religiosas, o ofício de Nossa Senhora, o Terço, a oração, a instrução religiosa por classes, o catecismo ministrado do púlpito, as Vésperas, a visita ao Santíssimo Sacramento e o Retiro Espiritual anual. Reduziu a homilia ou a exortação a quinze minutos no máximo e em estilo simples e familiar. As diversões eram feitas após as práticas religiosas. Coincidem ainda as figuras do Assistente e do Diretor salesianos que devem ser piedosos, prudentes, experientes, e ouvir as con-

---

[31] "Aprendei a fazer coisas boas porque agradam ao Senhor, que lhe dará o prêmio e fugi das más, porque a ele não aprazem e delas vos castigará": Boa-Noite de 26/10/1875 (*MB* XI, 640; VII, 520; ainda *MB* X, 649; XI, 203): b) "e não nos deixeis cair em tentação": (*MB* X, 649; XI, 203); c) centralizados no mundo sacramental e na oração (*MB* IX, 471-472 e V,52-53; d) *MB* XIV, 321, 22; 292 e Regulamento).

[32] De uma entrevista aos Assuncionistas, publicada em Pélerin, de 12/05/1883: *MB* VI, 168.

[33] "1. Havia grandíssima freqüência aos sacramentos, onde se aprendia a agir segundo a consciência e não o medo de castigos; (...) 5. Os Superiores davam muita confiança e gostavam de estar no meio dos jovens, mas sempre de modo a evitar demasiadas familiaridades; 6. Meio poderoso de persuasão ao bem era dirigir duas palavrinhas confidencias, toda a noite, após as orações. Aí se cortava a raiz das desordens, ainda antes de nascer; 7. Alegria, canto, música e liberdade grande nas diversões" (*MB* XI, 221-222).

[34] Eugenio CERIA, *Annali della Società Salesiana*, XIV, 7-8; *MB* II, 57-63 e 68-68: *Costituzione e Regola della Compagnia e Scuole della Dottrina Cristiana.*

fissões dos jovens. Devem ter modos doces e graves, sendo sua tarefa vigiar, instruir e corrigir, caridosamente, quando cometerem alguma falta por inadvertência e punir quando o tiverem feito por maldade.[35]

Quanto aos colégios, que foram uma evolução do Oratório, Dom Bosco foi escrevendo regulamentos particulares para os primeiros que fundou, como o de Mirabello (1853) e o de Valdocco (1854-1855), que também se transformou em pequeno seminário.[36] Procurou informações em vários institutos de Turim (Colégio Comercial - Internato dos Irmãos das Escolas Cristãs e seu seminário), do Piemonte, Brescia, Milão, Mondovi e Pinerolo, entre outros, "sobre a organização, os costumes religiosos, profissionais, disciplinares e econômicos de internatos para filhos do povo e de famílias senhoris e, ainda, sobre seminários grandes e pequenos como o de Novara".[37]

A organização parece ter vindo da escola pública de Chieri e os cargos dos Oratórios Lombardos (significativas as comparações com os Capítulos XI e XII das Constituições de S. Carlos, que dizem respeito, respectivamente, ao dever dos professores e ao conteúdo e método de ensino). Previam-se prêmios, proibição de ter dinheiro e de férias ao final do ano (Prospetto del Collegio Vescovile di Pinerolo). Mas a paternidade e a adesão à vida de família derivam da própria vivência concreta de Dom Bosco, assim como a liberdade, sobretudo no campo religioso (Comunhões, Penitência, etc.) característica da vida salesiana.[38] A originalidade de Dom Bosco não fica comprometida ou enfraquecida quanto ao aspecto de não ter trazido novidades, já que revestiu de formas novas e pessoais os modelos educacionais existentes, simplificando a vida educativa, eliminando a formalidade e a oficialidade de suas relações, dando-lhe "facies" familiar, com base na normalidade, no bom senso, na racionalidade e na espontaneidade: "Non nova, sed noviter".

---

[35] Por faltas, entendia-se tudo que procedia de leviandade pueril ou juvenil e, por delito, tudo que nascia de teimosia ou de índole má. A primeira devia ser corrigida com palavras, nunca com ameaças mais ou menos pesadas; contra o segundo, devia-se usar todo o rigor e, se o delito for de obscenidade escandalosa, de furto grave ou repetido, o único castigo seria a exclusão do Oratório.

[36] MO *207.*

[37] *Cfr.* MB *VII. 734; VI 522.*

[38] Quanto às escolas profissionais, útil o confronto com o *Estrato del Regolamento de 1856 do Regio Albergo de Virtù de Turim*, que apresenta o conteúdo (matérias) a ser ensinado em diversos ofícios, duração do curso, prevendo até expulsão para os desobedientes e recidivos nos próprios deveres ou perigosos à moralidade dos companheiros. Há também semelhanças e coincidências com a escola de Aprendizes de Ludovico Pavoni de Brescia (*MB* III, 574-575).

# 4. BASES DO SEU SISTEMA EDUCATIVO: RAZÃO, RELIGIÃO E CARINHO

## 4.1. Razão

Todo o ambiente e o estilo educativo de Dom Bosco, especialmente no campo da educação religiosa, estão permeados de racionalidade que rejeita o sentimentalismo, o pietismo devoto, substituído por uma piedade convicta, consciente e baseada no compromisso e na instrução religiosa séria. Esta racionalidade exige idéias claras e verdadeiras, e não está sujeita a sugestões, pressões emocionais ou ímpetos instintivos e afetivos. Concebe o amor humano como essencialmente espiritual e racional.

Razão significa, ainda, bom senso, simplicidade, normalidade (menos o pecado), naturalidade. Seguir o normal, o natural, é evitar artifícios, exageros e complicações. Razão é, também, isenção de formalismos e distanciamentos (até mesmo institucionais). Não inclui o pecado, mesmo que, para muitos, pareça normal, porque o considera como ofensa à razão, à racionalidade, ao respeito a Deus, à humanidade e a si mesmo. A própria "amorevolezza" exige solicitude inteligente, racionalidade. O amor vago, açucarado, afetado, cheio de melindres e ciúmes opõe-se ao sentido da "amorevolezza" entendida e proposta por Dom Bosco, que afirmava: "Deixa-te guiar sempre pela razão e não pela paixão". Não se confunde com instinto, nem com a simples simpatia, mas se baseia na "charitas christiana".[39]

"A razão está no início do processo educativo na forma de pré-aviso leal e sem ambigüidade". O menino deve conhecer, antecipada e claramente, o que deve fazer e ser ajudado a lembrar. Só depois é que se pode, racionalmente, exigir. Era esse o objetivo da prática da leitura pública do Regulamento, no começo do ano, das normas de civilidade, durante o ano,

---

[39] Dizia Dom Bosco: "Lasciati guidar sempre dalla ragione, e non dalla passione". A razão e a religião representam o corretivo natural e sobrenatural de toda decadência sentimental de baixa liga da caridade. Dom Bosco, no Retiro Espiritual realizado em Lanzo, assim dizia sobre o modo de tratar os jovens: Avvisi che Don Bosco dava ai suoi Salesiani negli esercizi di Lanzo, riguardo al modo de trattare coi giovani.: "1. Mai scrivere longue lettere troppo affettuose; 2. Mai tenerli per mano; 3. Mai abbraciarli o baciarli; 4. Mai intrattenersi com loro da soli, e molto meno nella propria stanza, qualunque sia il motivo. 5. Mai dar loro occhiate troppo espressive." (também *MB* IX, 707; X, 1041-1046; XI, 21-22. Cfr. P. BRAIDO, *op. cit.*, p. 183-184). No opúsculo sobre o Sistema Preventivo ataca toda espécie de afeições e amizades particulares com alunos. Confidência com o Cardeal Cagliero (*MB* XVIII, 476; XIII, 85, 800; XI, 354, 583, etc). Deixar-se guiar pela razão (*MB* X, 1023). Contra a languidez (*MB* X, 104).

e da contínua e insistente admoestação. Lembrava que deviam ser afastados da instituição os meninos que não se conformassem com as normas regulamentais ou demonstrassem não querer ficar ou se sentissem insatisfeitos na instituição. Não se devia admitir a existência ou permanência de alunos forçados. Usavam apenas, como métodos: a razão, a persuasão e o convencimento. Até no castigo, fosse o aluno muitas vezes avisado amigável e preventivamente. Para isso utilizava a "boa-noite" como instrumento preciosíssimo de persuasão, cortando o mal antes de nascer.[40]

### 4.1.1. Razão e disciplina

Dom Bosco entendia a disciplina como um modo de viver conforme às regras e aos costumes de uma instituição, portanto superava a posição hierárquica de "superior" e "inferior", uma ordem consciente constituída, excluindo-se toda espécie de autoritarismo personalista ou "dominador". A racionalidade da ordem é o princípio fundamental, usado por Dom Bosco, para justificar a autoridade e disciplina.[41]

Só, porém, no amor, na amorevolezza, se encontra o meio pedagógico, imediato para a solução efetiva e total desse problema, conforme afirmava ao Ministro de Estado Urbano Rattazi a respeito do episódio em que Dom Bosco saiu a passeio, sozinho, sem necessidade de acompanhamento de guardas com quarenta presos, e os devolveu, à tardinha, à casa de detenção, a "Generala", de Turim: "Excelência, a força que possuímos é uma força moral; diferente do Estado, o qual não sabe senão mandar e punir; nós falamos, principalmente, ao coração da juventude e a nossa palavra é a palavra de Deus". E em outra ocasião: "Todo poder vem de Deus; aquele que obedece não erra, enquanto sempre erra quem não obedece. Esses superiores têm um pouco mais de idade, de experiência e de conhecimento que vós. E, em suma, amam-nos".[42]

---

[40] Pré-aviso e leitura do Regulamento: Boa-Noite de 24/10,1875 (*MB* VII, 503); Métodos de razão (*MB* VII, 664-665); modos de castigar (*MB* IV, 288); uso e objetivos da boa noite (*MB* XI, 222; XVI, 439, 444; XI, 222).

[41] Conceito de castigo (*MB* X, 1101-1102); exclusão do autoritarismo: Giovanni Bosco, *Daí castighi a infligersi nella case salesiane.* Carta inédita até 1935, in Pietro BRAIDO (org.), *Don Bosco educatore: scritti e testemonianze.* 3.ª ed. accresc., p. 124; racionalidade da ordem (*MB* VIII, 77, 80).

[42] Textualmente: "Eccelenza, la forza che noi abbiamo è una forza morale; a differenza dello Stato, il quale non sa che comandare e punire, noi parliamo principalmente al cuore della gioventú, e la nostra parola é la parola di Dio. Omnis potestas a Deo; colui che obbedisce non sbalgia mai, mentre sempre sbaglia chi non obbedisce. Essi (os superiores) hanno um po'di età, pratica,

A confiança e o coração são, portanto, as duas alavancas sobre as quais o educador pode apoiar-se para o mecanismo da correção dos faltosos. A correção deve aparecer em todos os momentos da obra educativa, através de uma palavrinha ao ouvido, de avisos particulares e públicos, da "boa-noite", de bilhetinhos, etc. porque é ato de "amorevolezza".

### 4.1.2. O problema dos castigos

Problema sempre espinhoso tem sido a prática dos castigos. Dom Bosco procurou, também, enquadrá-los dentro da pedagogia da razão-religião-"amorevolezza". No opúsculo sobre o Sistema Preventivo, dedica cinco itens metodológicos a este assunto, começando a partir do princípio de que "porquanto possível jamais se faça uso de castigos". Numa "boa-noite" de agosto de 1863, já afirmava aos seus alunos: "Digo-vos claramente, detesto os castigos, não gosto de dar avisos com ameaça de castigos a quem falta, não é o meu sistema".[43] Por isso, implantou a assistência persistente, mas amorosa, para preveni-los, até das faltas leves, havendo excluído, terminantemente, os castigos violentos. Nunca admitiu, entretanto, desordem pública. O diálogo amoroso e persuasivo deve ser usado para evitá-los,[44] jamais em público, mas privadamente, sem demonstrações de paixão, raiva ou aparente vingança, mas a sangue frio. O Diretor era o responsável

---

esperienza, scienza di voi. E poi vi amano" (*MB* XII, 146-147). O realce do texto é nosso. Giovanni Bosco, Regolamento per le case della Società di S. Francesco di Sale Torino, *Opere Edite*. Reforça a sua afirmação de que "só o cristão pode aplicar com sucesso o sistema preventivo" (p. 102). Sobre o episódio dos presos que saíram a passeio da "*Generala*" com Dom Bosco (*MB* V 225; IV 679-681).

[43] No original: "Io, ve lo dico schietamente, aborrisco i castighi, non mi piace dar um aviso com l'intimare punizioni a chi lo mancherá; non è il mio sistema". (Regulamento do Oratório Festivo: Dei Pacificatori, art. 1 e 2; *Il Sistema Preventivo*; *MB* VII, 508; VI, 890; XIV, 357-358; XI, 346; XI, 17). No Brasil era conhecido o opúsculo em italiano *Regolamento dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*, 1891, prefaciado pelo Beato Pe. Miguel Rua, 1.º Reitor-Mor, pós-Dom Bosco.

[44] Somente aplicá-los após a exaustão de todos os meios (Il Sistema Preventivo, *MB* XVI 441). A Carta de Pe. Rua sobre os castigos (*MB* XVI, 439 e 440-441; XVI, 441; VI, 391) recomenda Pe. Rua dada a pouca maliciosidade das faltas juvenis (VI, 391), que nunca se usem castigos violentos e físicos (Il Sistema Preventivo: *MB* XIV, 850; XVI, 445-447), chicotes, tapas, etc. Dom Bosco se agarrava a castigos naturais e de natureza psicológica. Lembra o aluno que chorava porque Dom Bosco o olhou de certo modo (*MB* IV, 559). Famosa foi a sua expressão na Boa-Noite: "Não estou contente com vocês" (*MB* VI 303; IV 559-561). Tirar a comida, por exemplo, é a última coisa a fazer e raramente (*MB* IV, 561). Em vez de castigos, assistência e jogos. As faltas derivam em grande parte da falta de vigilância; vigiando se previne suficientemente o mal e não há necessidade de punir-se (*MB* XVI, 168).

imediato, mas a execução pertencia ao prefeito, o segundo na hierarquia da casa, para que a paternidade do Diretor não sofresse arranhões.[45]

Até a expulsão devia ser tratada dentro da pedagogia da razão, da religião e da "amorevolezza" para salvaguardar os jovens prejudicados, escandalizados, feridos, educadores maltratados e malcorrespondidos e, também, os próprios "faltosos".[46]

Recomendava o amor no modo de punir, pois seria normal e mais racional o retirar-se. Não tolerava a imoralidade, a blasfêmia e o furto, os insolentes incorrigíveis, a rebelião, a desobediência formal, sistemática e escandalosa. Esses eram, discretamente, afastados e devolvidos à família.[47]

Para estimular os jovens, havia, ainda, o sistema de prêmio, que, em Dom Bosco, era simples e familiar por demonstrar a alegria e o amável reconhecimento do pai da família. A caridade sempre predominava. O sistema de premiação era anual e se desenvolvia atingindo a conduta, o ensino religioso, o aproveitamento escolar, etc. Os alunos, muitas vezes, eram convocados para eleger os melhores em procedimento. O Regulamento demonstrava preocupações para que o louvor e o prêmio não fossem contraproducentes.[48]

---

[45] Aborreço os castigos (*MB* XI, 346); assistência (*MB* VIII 77; XVI, 437-447); exclusão de castigos violentos (*MB* XVII, 112).; desordem pública (*MB* X 1095; XVI, 417-418 e 447); sem demonstrações intempestivas (MB XVI, 442-444; XIV, 849-850); salva a paternidade do Diretor (*Ricordi confidenziali MB* X 1095, 1121).

[46] Da exclusão: *MB* V, 506-507.

[47] *Regolamento dell'Oratorio* e *MB* III, 92. Vide no *Regulamento* os três males: blasfêmia e nomear o nome de Deus em vão, desonestidade (sob a forma de escândalo), furto e desobediência formal, escandalosa e sistemática. O amor às almas prevalece (*MB* V, 506-507; IV, 568-570, 755; VIII, 40-41; IV, 568; V, 835-836; XIV, 111-112; VI, 307-309): escândalo de costumes (VI, 118-119); escândalo da indisciplina (X, 1034-1035); furto (VIII, 43); furto e desonestidade (XI, 458-460; XIII, 420-42); escândalos (VIII, 949-950); escândalos: juízo universal de 16/9/1867 (XVI, 425, etc.). Na prática, há muitos exemplos de perdão, quando há arrependimento (*MB*, VIII 951; VII, 119; XII, 80-581; XIII 420-421). Mas, em geral vigora o princípio da caridade para com os outros (*MB* XII, 150), mas age só quando obrigado (*MB* XIII, 420-421), para que o colégio esteja seguro (*MB* XIII, 398), para não corromper a massa (*MB* XI, 548), mesmo em casos mais graves se tenta um arrependimento convicto e sincero (*MB* X,1044), mas quando não o há, rompida a relação educativa entre pai e filho, devolve-se à família (*MB* XVI 477; X, 1044), salva por quanto possível sua honra, sendo melhor a pedido do interessado (XVI, 447; IV, 569-570; XIV, 111).

[48] Os prêmios eram distribuídos em várias festas durante o ano, para que não caísse o interesse dos alunos e houvesse estímulo constante: Festa de S. F. de Sales por conduta (*MB* V, 11-13; VIII 19); por eleição (*MB* III, 357-358); fim do ano escolar para o Oratório Festivo (*MB* III, 428); metade de junho para os externos (*MB* V, 279-280, ou IX, 338-339; X, 373; X, 1230; X, 187); jantar com os melhores (*MB* III, 440-441; VI, 437; XI 111); demonstração do apreço do pai de família (*MB* X,1024); para que não seja contraproducente (*MB*, XIV 847 e III, 357; V, 755).

## 4.2. Religião

A educação deve realizar a "maturidade humana e cristã do jovem", ou seja, torná-lo capaz de assumir séria e responsavelmente a vida de "honesto cidadão e bom cristão" – que se tornou o "slogan" favorito de Dom Bosco – e, ao mesmo tempo, equivalente ao trinômio por ele, muitas vezes, recordado e recomendado aos jovens, como programa de vida: "saúde, sabedoria e santidade".

### 4.2.1. Religião e santidade

"O encaminhamento" à santidade é o refrão de sua vida, o motor e o ápice de seu programa educativo.[49] A fórmula dos **3 S** – "saúde", "sabedoria" ou estudo (em italiano: "studio"), "santidade" ("moralidade") – realmente constitui-se num monômio, não três fins educativos, mas um único, supremo, religioso-moral, sobrenatural, que inclui todos os condicionantes terrenos, individuais e sociais.[50] Aos Diretores Salesianos (12/01/1873), dizia: "Sempre tenham presente o escopo desta Congregação, de instruir a juventude e, em geral, o nosso próximo, nas artes, nas ciências e mais na religião, i.e., numa palavra, a salvação das almas".[51] Santidade e salvação da alma constituíam um UNUM, porque ninguém se salva se não for santo, ou seja aprovado por Deus. Em conclusão, o encaminhamento à virtude ou santidade e a habilitação a ganhar o pão honestamente, não constituíam objetivos indissociáveis, como também o binômio equivalente "honesto cidadão e bom cristão".[52]

---

[49] Em italiano: "Fare tutti buoni cristiani ed onesti cittadini" (*MB* X, 324). Sobre o trinômio - Saúde, sabedoria, santidade (*MB* XI, 124; XII, 34, 285; XIV, 662; XV, 149-160; XVI, 290, 245; XVI, 463-465; VII, 460; X, 324 e 1320; IV, 409; X, 437, 648, 781). Este trinômio é expresso também sob a forma seguinte: "Alegria, estudo, piedade". (Giovanni BOSCO, *Il pastorello delle Alpi*, p. 35), ou ainda "saúde, estudo, moralidade" (*MB* XI, 15). Moral e religião estão essencialmente unidas. O aviamento à santidade: (*MB* XI, 460-461, 462).

[50] A idéia está expressa pelo jornal *Unità Cattolica*, em alguns números de setembro de 1872, que relata, em croquis, a finalidade e a estrutura de alguns colégios salesianos. Ao ser apresentado, em 7 de setembro, o Colégio-Internato Municipal de Alassio, diz-se ali que, ao mesmo tempo com "a instrução científica e literária", cultivava-se "de modo especial a moralidade e a religião (MB X, 377). Salvar almas é glorificar a Deus (*MB* XII, 15).

[51] A santidade que, na escola, está ligada à alegria, ao estudo (trabalho, prática do dever) e à piedade, e como corolário à pureza (*MB* X, 1073; V, 638; VIII, 114-115; XII, 575-576; VII, 504; X, 1009).

[52] *MB* XIII, 609. A formação individual e a formação social dão-se, simultaneamente: "L'opera dei Salesiani e dei loro Cooperatori tende a giovare al buon costume, diminuendo il numero dei discoli che abbandonati a se stessi corrono rischio di andar a popolare le prigioni. Istruire costoro, avviarli al lavoro, provvedere i mezzi e, dove sia necessità, anche ricoverarli, nulla risparmiare

Toda essa práxis educativa aparece codificada lapidarmente nos Regulamentos: "a finalidade das Casas da Congregação é socorrer, beneficiar o próximo, especialmente com a educação da juventude, sustentando-a nos anos mais perigosos, instruindo-a nas ciências e nas artes, e encaminhando-a à prática da Religião e da virtude". No *Regulamento* do Colégio-Internato de S. Carlos de Mirabello (1863), que deveria ser o modelo de todos os colégios, posteriormente, abertos, encontra-se, resumidamente, o seguinte objetivo: "Finalidade deste colégio é a educação moral, literária e civil da juventude que aspira a carreira dos estudos. A educação será ministrada com o ensinamento dos princípios e das máximas da nossa Santa Religião Católica".[53]

### 4.2.2. Religião encarnada

Trata-se de uma religião encarnada, não separada da moral nem esta daquela. A vida religiosa inspira e alenta a vida intelectual. A religião, além de sustentáculo, é requisito para a honestidade, para uma vida profissional realmente sadia e competente, para a auto-realização e a paz social. A pedagogia, realmente, vivida e praticada por Dom Bosco é uma pedagogia centrada em Deus. As vidas de Domingos Sávio e de Miguel Magone, por ele escritas, comprovam esta tese: (...) se todos (os jovens) tivésseis "no pensamento esta verdade, se trabalhasseis para salvar a vossa alma, então já não seria necessário nem regulamentos, nem admoestações, nem exercícios da boa morte". Dom Bosco era bem aceito quando falava, claramente, da alma e da salvação eterna aos seus jovens, graças a seus modos paternos, amáveis e ao seu habitual sorriso.[54]

A concepção pedagógica de Dom Bosco está impregnada do pensamento dos Novíssimos, ou seja, das últimas máximas relativas aos destinos finais do homem (morte, juízo, inferno e paraíso), que mais favorecem o

---

per impedirne la rovina, anzi farne buoni cristiani ed onesti cittadini..." (*MB* XIII, 618). "Bisogna provvedere alla gioventú pericolante, se si vuole salvare la società" (*MB* XIII, 626). Para maiores detalhes, confronta Pietro. BRAIDO, Bom cristão e honesto cidadão: Uma fórmula do humanismo educativo de Dom Bosco, extrato de *Ricerche storiche salesiane*, 13 (1:24): gen.giug. 1894.

[53] Finalidade das casas (*MB* IV 735); já expresso no plano de Regulamento de 1852-1854; "scopo de questo collegio..." (*MB* VII, 519-520; 863).

[54] Se todos os jovens (*MB* VIII, 114-115); Dom Bosco era bem aceito (*MB*, II 216, 214; VI, 385-386, 68; X 32; 10, 103). Paolo ALBERA, *Lettera circolari... ai Salesiani...* p. 330, 341. A respeito de seu sorriso, confronta Luís Chiavarino, *Os sorrisos de Dom Bosco*, São Paulo, Paulinas, 1959, hoje esgotado, que foi um best-seller.

amadurecimento de fortes propósitos sobre a salvação da alma.[55] Predomina, porém, a idéia do Paraíso, como fim supremo de toda aspiração humana. Freqüente, também, é o pensamento da morte.[56]

### 4.2.3. Religião e temor de Deus

Sua pedagogia resume-se na caridade (amor a Deus e amor ao próximo) e no temor de Deus. Este aparece como início da sabedoria e princípio de seu sistema educativo: Define-se como um dom do Espírito Santo e inspirador da reverência filial a Deus, suprema majestade, de modo a levar à fuga do pecado por ser-lhe uma ofensa, não por temor dos castigos (temor servil), mas por um misto de respeito e de amor a Ele.[57] O próprio Sistema Preventivo resume-se em infundir nos corações o santo temor de Deus. Todos os cuidados de Dom Bosco estavam endereçados em impedir a ofensa a Deus e viver na sua presença, como se estivesse realmente vendo-o:

Deus te vê! era a palavra misteriosa que sussurrava, freqüentemente, aos ouvidos de muitos. Deus te vê! era a única palavra, podemos dizer, o único meio coercitivo de seu sistema para obter disciplina, a ordem, a aplicação ao estudo, o amor ao trabalho, a fuga dos perigos e das más companhias, o recolhimento na oração, a freqüência aos Sacramentos, a alegria expansiva e clamorosa nos recreios e diversões.[58]

O ideal ultraterreno não pode ser considerado como alienação. Exige vivência compromissada das verdades cristãs, um cristianismo total (católico) e envolve a integração contínua (dos três S e da fórmula "honestos cidadãos e bons cristãos") do religioso e do sobrenatural no profano, no

---

[55] O livro *O Jovem Instruído* é o mais aconselhado por ele antes de qualquer outro. O fascículo IX, 10, nov. 1862, traz uma espécie de romance religioso, chamada *Germano l'ebanista o gli effetti di um buon consiglio* com um apêndice sobre o assunto. Nas *Memorie Biografiche* encontram-se listas de bilhetes de *estréias* individuais, máximas (*MB* IV, 749; III, 618; X, 9; III, 617-618; VI, 675), cartazes nos pórticos do Oratório (*MB* V, 542-547; VI, 948-949; VII, 425-426), seus escritos, boas-noites, cartas (*MB* IX, 333; VI, 318; VII, 676; VIII, 751-752...).

[56] Domingos Sávio, Miguel Magone, Francisco Besucco, seus santos alunos, falam tranqüilamente dele no leito de morte e recebem recados e comissões. O pensamento da morte também é freqüente no falar de Dom Bosco (*MB* XI, 255-256, 322; III, 356; VI, 75; VII, 829; VIII, 7, 30; 9, 393-394; XI, 255, 322; XIII, 438; VI, 885; XII, 41-48; VII, 676).

[57] *Eclo*, 1, 14. Aparece até no *Regulamento* (4, 747: Cap. III, a. 1) e no programa de vida de Graça e objetivo mais alto de sua educação (*MB* VI, 835; XII, 427-428); Temor de Deus (*MB* VI 381).

[58] Paolo Albera, *Lettere circolari...*, p. 342-343.

natural (dever, estudo, trabalho, jogo, etc.). Inclui, ainda, a ação apostólica.[59] Todo o momento de tempo é um tesouro (cartaz do escritório de Dom Bosco).

### 4.2.4. Religião e "boa educação"

Entre os deveres, está incluída a "boa educação", porquanto tudo o que é humano está compreendido na visão cristã, como o bom, o belo e o verdadeiro. A boa educação revela-se na consciência tranqüila, mesa frugal, vida ativa, boas companhias ou a fuga dos viciados e as boas maneiras. O Regulamento prescrevia aulas a respeito dessas boas maneiras, além da fuga aos palavrões. Foi escrito um esboço de comédia para ensinar bons modos ("galateo") aos alunos. A saúde, dom de Deus, deve ser usada a seu serviço e para sua glória.[60]

Dom Bosco, vivendo em tempo de liberalismo e de conservadorismo contrastantes, pouco sensíveis ao social, e sendo ele avesso à politicagem e a patriotadas, cuidou de prover a formação do espírito comunitário,

---

[59] Desde o Regulamento da Sociedade da Alegria, criada quando ainda estudante, aparece a preocupação com o cumprimento dos deveres e aparece continuamente em suas palestras aos jovens: cumprimento do dever e a luta contra a preguiça – *poltroneria* (*MO* 52, 90; *MB*, III, 166; V, 515; VI, 363, 1071; XII, 605, 61). Ao invés de penitência e jejuns, recomendava trabalho, trabalho, trabalho (*MB*, IV, 216). No projeto de Regulamento (1854: *MB* IV, 748-749) e no Regulamento (1877: Parte II, cap. V, *Del lavoro)*, está consagrado o dever do trabalho. Trabalho quer dizer "cumprimento dos deveres do próprio estado". A "boa-noite" de 10/09/1867 é uma obra-prima de pedagogia do trabalho-alegria. Dever é questão de consciência e está ligado às dimensões temporal e eterna da vida do homem. O dever, o estudo, o trabalho é sagrado e solene, quase um ato de culto (Cf. *MB* VI, 353, flor de Natal).

[60] Consciência tranqüila, mesa frugal, etc. (*MB* VI, 301-302); boas maneiras (*MB* X, 1022, 1081, 210; VI, 355; XII 67-68; 8, 37); punições aos transgressores (*MB* VIII, 85-86); *galateo* (MB, 218). Posteriormente, foi escrito para implementar e operacionalizar o Regulamento, o *Compêndio de Civilidade para uso das famílias e colégios* (São Paulo, Livraria Editora Salesiana Ltda.), usado nas aulas semanais, normalmente, às quintas-feiras. A 14.ª edição de 1960 foi de 125.000 exemplares. A anterior, em seu prefácio, afirmava que "civilidade nada mais é do que uma parte da caridade - virtude basilar na doutrina católica e que um católico convicto e praticante, que seja, ao mesmo tempo, o tipo do cavalheiro, é destinado a tornar-se o ídolo da sociedade. Eis o ideal que, com todas as veras, desejamos possam atingir os nossos alunos". Tratava dos deveres para com Deus, para com os pais, para com os superiores, para com todos e consigo mesmo, na igreja, nas aulas, no estudo; à mesa; da conversação, dos recreios; do procedimento fora de casa; das visitas, das reuniões, dos teatros, das sessões acadêmicas, etc.; do asseio, do vestuário, do porte e dos hábitos pessoais; da saudação, do procedimento nas viagens, com os hóspedes; dos preceitos gerais, das relações com os meninos e com as meninas (...): Os cuidados com o corpo (*MB* XII, 28, 218) com a saúde (*MB* VIII, 830; X, 1016; XII, 28; XIII, 89) e com a boa educação (*MB* IV, 275, 276, 354,750 e VII, 834; saúde: É uma fórmula conclusiva e perfeita de humanismo integral e de teologia pedagógica das realidades terrestres (*MB* VII, 834).

de solidariedade e compromisso social de seus moleques, outrora abandonados e procurando "devolvê-los à família e à sociedade como bons filhos e cidadãos instruídos". A união entre piedade e sociabilidade, entre eternidade e tempo, acompanha sua teologia pedagógica, nos discursos dos dez anos finais de sua vida.[61]

### 4.3. "Amorevolezza"

A caridade, de que se trata, é motivada por ideais sobrenaturais, não de filantropia, e se origina do autêntico amor de Deus.[62]

Numa de suas "boas-noites", mostrava Dom Bosco que a confiança, o amor e a colaboração efetiva do educando são condições indispensáveis de toda relação educativa: "Tenho necessidade de que cheguemos a um acordo e que entre mim e vocês reine verdadeira amizade e confiança".[63] Por "amorevolezza" entende-se o amor sobrenatural, misto de racionalidade e de compreensão humana, paterna e fraterna e que transforma o ambiente de educação (Oratório, internato, etc.) em uma família. É a alma do sistema preventivo e reveste todo ato educativo (disciplina, correção e, até mesmo, o ato de exclusão do aluno).

Fundamentava, metodologicamente, a "amorevolezza" na prática da caridade, que é a lei de seu sistema educativo. Expressa-se nas palavras, nos atos e até na expressão dos olhos e do rosto. Já aos padres, com quem mantinha relacionamento quando seminarista, não faltava caridade e sim

---

[61] Aversão à politicagem (*MB* III, 293-294, 410-412, 294); piedade e sociabilidade (*MB* III, 524-525 e XVI, 524-525). Seu acatamento à Igreja e ao Papa era demonstrado em sua pregação dominical e, tão convincente, que seu aluno S. Domingos Sávio se preocupava com a conversão da Inglaterra. A caridade implica e marca o ideal apostólico de seus jovens. Escrevia, freqüentemente, cartas sobre o assunto e preocupava-se em aviar os jovens, mesmo internos, ao apostolado em suas obras (nos Oratórios Festivos e no ensino do catecismo) e a manifestações públicas de fé e oração para ajudá-los a vencer o respeito humano. Acatamento ao Papa e à Igreja: (*MB* V, cap. 46; VIII, 863; III, 522-523; IV, 82-93; VI,76 e 533-534, IX ,299-300; X ,418; V, 924; IV, 150-160, 200). O Papa é, sempre, o Vigário de Cristo (*MB* VIII, 720, VI, 699-700). Ideal apostólico dos jovens (*MB* XIII 29, V, cap. 9, 10, 11, 12; *MB* VII, 681; IV, 750; Regulamento de 1877 - parte II, cap IX ; *MB* VII, 233; IX, 736); *Diligite alterutrum* (*MB* VII, 601-602; XI, 407), Boa-Noite de 6/12/19\1875 (*MB* XIII, 457. *MO* 187-188).

[62] *MB* X, 1082. Assim aparece, em algumas cartas, dirigidas a alguns de seus jovens (*MB* VI, 697-698; X. 769; VIII, 437) e educadores, como na carta *Ricordi confidenziali ai Direttori* (*MB* X, 1041). Faltava aos padres de seu tempo de seminarista (*MO* 44; 91).

[63] *MB* VII, 50.

"amorevolezza".[64] Esta tem por requisitos a "caridade sobrenatural" (virtude teologal de amor a Deus e ao próximo), a "racionalidade" (o amor humano é feito de adaptação e de compreensão inteligente) e a "afetividade" (a expressão externa e visível do coração).

A Circular inédita sobre os castigos, a doutrina de Dom Bosco sobre o assunto reza:

*Lembrai-vos de que a educação é coisa de coração, do qual só Deus é o dono, e não podemos ter poder algum sobre ele, se Deus não for o nosso mestre e não puser ao nosso dispor as chaves de acesso. Procuremos, pois, de todos os modos, incluindo a humilde e inteira dependência a que podemos aludir, assenhorear-nos dessa cidade cujas portas jamais se abrem à força do rigor e aspereza. Tornemo-nos amáveis, insinuemos o sentimento do dever e da intimidade de Deus, e veremos como por encanto franquearem-se as portas de tantos corações para cantar os louvores daquele que quis tornar-se nosso modelo, nossa vida, nosso exemplo em tudo, mas, especialmente, na educação da juventude.*[65]

### 4.3.1. O coração do sistema educativo

A "amorevolezza" é o coração do sistema educativo. Seus pontos cardeais consistem em "fazer-se amar e não em fazer-se temer. Se queres ser amado, sê amável" ("Si vis amari, esto amabilis"), dizia a um assistente. Ela se transforma em presença afetuosa e contínua do educador entre seus alunos. Testemunhavam a "amorevolezza" as cartas de Dom Bosco aos jovens: "É preciso que os jovens saibam que são amados".[66]

---

[64] Segundo S. Paulo, "a caridade é paciente. Tudo sofre, tudo espera, tudo suporta" (I Co 13, 4,7). Lei do sistema educativo. Cfr. Seu opúsculo *Il sistema preventivo nell'educazione della gioventù* e os *Regulamentos*. (*MO* 40. 84-85. Veja ainda p. 136 deste trabalho.

[65] Giovanni BOSCO, Dei castighi a infligersi nelle case salesiane, in: P. BRAIDO (Ed.), *Dom Bosco educatore: scritti e testemonianze*, p. 340-341 Trad. Brasileira: *A pedagogia de Dom Bosco através de seus escritos*, São Paulo, Editora Salesiana, 1983, p. 50. Ainda: *MB* 14, 447. Tratemos os jovens (*MB* 14, 846-847.) Os grifos são nossos.

[66] A um Assistente (*MB* X, 1022, 1039, 1022; XIV, 514; VIII 490-491); Cartas aos jovens (*MB* XIV, 27; XII, 33; XVII, 271; XVIII, 369; XVII, 107-114). "Quem quer ser amado, é preciso que faça ver que ama (*MB* XVII, 111). Por que se quer substituir a caridade pela frieza do regulamento?" (Ib.). Na carta de 1884, "sobre o estado do Oratório:", incluso em *A pedagogia de Dom Bosco através de seis escritos* e no livro de BRAIDO, citado nesta nota, observava Dom Bosco que, para a subsistência da relação educativa, era preciso vibração do coração, da gratidão e da confiança. A causa ou efeito da decadência sucessiva do Oratório de S. Francisco de Sales estava na falta de confiança (*MB* V, 917). Dom Bosco trabalhava para obter a confiança, obstinava-se pela confiança

Trata-se de um amor exigente, vigoroso, forte (Forte como a morte é o amor: Fortis ut mors dilectio: Ct. 8, 6), ordenado; disciplina que não dispensa o respeito e a obediência e respeita as posições e funções de cada um.

### 4.3.2. Primeiro postulado da "amorevolezza": o clima de família

Este elemento do trinômio educativo não funcionaria nem se desenvolveria se não encontrasse um ambiente propício, ou seja, o "clima de família", a educadora por excelência, o lugar da alegria, da espontaneidade, do aconchego, do calor humano, da confiança cordial e afetuosa, sem a qual a educação não se realiza. Esse ambiente é inimigo do "colegialismo", do "catedraticismo" e do "oficialismo", de todo o tipo de formalismo. Dom Bosco, na carta de 1884, revelava que, para romper a barreira da desconfiança entre jovens e educadores, era necessário restaurar a familiaridade com os jovens, especialmente nos recreios. Razões psicológicas, históricas e religiosas levaram Dom Bosco a adotar o princípio de que a educação é obra de ambiente e de exemplaridade, o que dificilmente se encontra fora da família. Para ser melhor entendido, invocava o exemplo das abelhas (que têm uma rainha e são solidárias) e do mel. O estar juntos serve para fazer este mel de alegria, piedade e estudo, afugenta a tristeza, reanima para as fadigas do estudo e estimula o aproveitamento dos outros. Na família residem, essencialmente, o direito e o dever de educar.[67]

E era esse o clima vivido no Oratório de Valdocco. Chamava-se **casa** e não colégio. Certa vez, um clérigo (seminarista) batera em alguns jovens insubordinados e despertara as iras gerais. Dom Bosco interveio dizendo: "De um lado não haja insultos, e do outro nada de violências". E acrescentou sorrindo: "Queria, pelo afeto que tenho a todos, fazer o impossível: sinto pelas pancadas que levaram, mas não as posso tirar". Todos riram e o mau humor se dissipou.[68]

---

(*MB* VI, 320-321). Os jovens não tendo o que oferecer, ofereciam o coração (*MB* VII, 486, 503, 720; VIII, 263, 750, 842, 875; IX, 736, 910-911; X, 1038). A obediência *regulamentar* faz-se através da confiança (parte II, cap. VII).

[67] Ser muitos em fazer o bem anima-nos sem percebermos (*MB* VII, 602, uma Boa-Noite de jan. 1864). A constatação da influência negativa no ambiente, na *deformação* e na deseducação do jovem viveu-a Dom Bosco desde seus primeiros anos de padre, ao visitar os cárceres e andando nas praças (*MB* II, 57-59, 64-67; II, 93; IV, 7, 21, 335; V, 745); direito de educar (*MB* XVI, 168-169; VI, 592).

[68] Filhos (*MB* VII, 94-95, 601-603). A regulamentação era reduzida ao mínimo necessário (*MB* VII, 408-409); seminarista bate (*MB* VII, 408-409).

Falar com o Diretor deve ser conversa aberta, de coração a coração, com lealdade, com sinceridade. Torna-se um clima natural. O ar de doçura e de alegria nos rostos é surpreendente. Todos apresentam-se desvestidos de títulos de autoridade ou acadêmicos. Como prova desse ambiente de familiaridade, foi criada a festa da gratidão para Dom Bosco, por dois ex-alunos, e que se repetia anualmente na festa de S. João Batista. Convém lembrar que Dom Bosco atuava com os humildes e pobres, e não com membros de uma elite e estes precisavam de um ambiente de família.[69]

### 4.3.3. Segundo postulado da "amorevolezza": a alegria

O segundo postulado faz parte do conteúdo programático (alegria, estudo e piedade) e é a expressão da "amorevolezza", resultado do regime de razão e religião. Para Dom Bosco, a alegria representa uma necessidade natural do menino, como o jogo, a liberdade e o companheirismo. Ele mesmo fundara a "Sociedade da Alegria", quando moço. Toda ação pedagógica, para ser eficaz, tem de respeitar esse aspecto. Mas, para Dom Bosco, alegria é o resultado de uma avaliação cristã da vida, sem jansenismos ou rigorismos. O Evangelho deve ser olhado por esse aspecto e, na família cristã, deve reinar a alegria, considerada necessidade fundamental da vida, em especial da adolescência, devendo corresponder às finalidades educativas sobrenaturais e tornar-se meio diagnóstico e pedagógico de primeira ordem.[70]

Na família educadora de Dom Bosco, essa alegria expressa-se através:[71]

---

[69] Conversa aberta, natural (*MB* VII 505-506); desvestidos de títulos (*MB* XV, 562-563: II, 491; III, 534-536; VI, 243-244; IX, 886). Dom Bosco com os humildes (*MB* XVII, 835; X, 396; V, 372-374; XIII, 764-765), que precisavam de clima familiar: "O nosso fim é dedicar-nos à classe média e não à nobreza" (*MB* X, 343, 342).

[70] Alegria, necessidade do jovem (Miguel Magone, cap. II, p. 15; *MB* VII, 159: "Quando é tempo, correi, saltai, diverti-vos, contanto que não cometais pecados", de S. Felipe Neri): brincadeiras em quarenta e oito de manobras militares e jogos e ginástica (*MB* III, 320-321 e VIII, 103; III, 438-439); nada de bancos para se sentar (VI, 400-402 e cap. 30 e 31; VII, 50). Reflexo da alegria sobrenatural (Carta de 1884: *MB* XVII, 110). Os Superiores não eram mais a alma do recreio (*MB* XI 231). Na prática e na sua teoria pedagógica, assume significado plenamente religioso: "Servite Domino in laetizia" (*MB* VI 4, 400-401, 358; IV, 256-257; VII, 616-617; IX, 87; Carta de 1984; *MB* II, 435-436). No pátio, mais que na igreja e na sala de aula, Dom Bosco e seus educadores conhecem os jovens e realizam melhor sua tarefa educativa (*MB* IV, 640).

[71] Pietro BRAIDO, *op. cit.*, p. 221-224.

a) do teatro, ou mais exatamente, do *teatrinho* que se realiza ao integrar o ambiente de alegria, com função educativo-didática: "divertir e educar".[72] Para Dom Bosco, o teatro, se as peças forem bem escolhidas, é escola de moralidade e de sociabilidade e, algumas vezes, de santidade; desenvolve a inteligência, traz alegria esfuziante, afastando, também, maus pensamentos e conversas más, atrai muitos jovens a nossos colégios.

b) da música e do canto que cria uma atmosfera de serenidade (afirmava que "um Oratório sem música é um corpo sem alma").[73]

c) de passeios, uma das coisas de que mais gostam os jovens. Ora amar o que o jovem ama, para que ele ame o que ama o educador. Floresceram desde o início no Oratório de Valdocco.[74]

## 5. INSTRUMENTOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA EDUCATIVO SALESIANO

Dom Bosco, certamente, professava valores absolutos e imutáveis, mas, trabalhando no concreto, não era um absolutizador, agia de acordo com as circunstâncias. Observava, buscava informações, consultava pessoas as mais diversas e organizações. Dom Bosco foi aprendendo, em sua "missão" juvenil e popular, com a própria realidade, que vivenciava no dia-a-dia, de modo que, ao escrever, expressava o que de fato experimentava.

Já nos inícios de suas obras, percebem-se as linhas de sua caminhada pedagógica que, à medida do tempo, se delineava mais claramente, mas nunca se dava por acabado seu projeto. Foge a este trabalho apresentar

---

[72] (*MB* X, 1057-1058), *educar* (*MB* VII, 106-108); X, 1059-1061). Sejam banidas as coisas trágicas, duelos e palavras sacras, os dramalhões sentimentais e violentos, fatos atrozes, as palavras incivis e demasiado teatrais (*MB* XIII, 30, 33; X, 1060). Dom Bosco mesmo compôs o *Sistema Métrico* (1849) e *La casa della fortuna* (1864 e publicada nas *Leituras Católicas* em jan. 1885; *MB* VII, 816, 615; VIII, 96, 322). (*MB* XII 135-136)

[73] (*MB* V, 347 e XV 57); *MO* 128; *MB* V, 345-346; II, 561; III, 26, 149. *Ne impedias musicam* à porta da sala de música (*MB* V, 540). Começou com intenção de atrair os jovens (*MB* III, 150, 321-322), também com fim religioso (*MB* II, 152), para ocupá-los (*MB* V, 346), resultando num ambiente de alegria e, principalmente, com o fim de torná-los gentis, elevá-los e melhorá-los (CERIA, E., *Annali, I*, p. 691; *MB* XII, 149-150).

[74] (*MB* III, 322-322; IV, 150-151). Foram clássicas e precursoras do turismo juvenil contemporâneo, os de outono (*MB* III, 251-252; III 44-46; IV, 639; V, 348-350; VI, 747-749, 1611-1213; VII. 282-284, 531-533, 752-754), para os cantores e premiados (*MB* VII 779), edificavam os lugares onde passavam (*MB* 6, 267-269); de preservação dos jovens nas férias (*MB* 2, 384), para conservá-los alegres (*MB* V, 729-750-751) e descansar a mente das fadigas do ano (*MB* XII, 143).

o longo itinerário percorrido por ele na composição de seu sistema e de sua regulamentação.[75]

Serão apresentados aqui os principais instrumentos que Dom Bosco julgou, na época, mais adequados para a execução ou implementação de seu sistema educativo, ou seja, entre outros, os Regulamentos e o Quadro de Pessoal, que servirão de quadro teórico para a análise de sua implantação em terras brasileiras. São documentos escritos em diversas ocasiões, frutos de suas experiências e reflexões de sua carreira de educador.

Os Salesianos já traziam alguns escritos como a *Storia Sacra*, a *Storia Ecclesiastica* (logo traduzidas), *O Jovem Instruído*, as *Lembranças Confidenciais aos Diretores (1863)*, os *Regulamentos para as Casas da Sociedade de S. Francisco de Sales* (1877), etc., que foram imediatamente utilizados no plano interno, além das biografias de Miguel Magone, de Domingos Sávio (1859), de Francisco Besucco (1864).

Integravam, ainda, alguns opúsculos, mais ou menos romanciados, como *A força da boa educação* (1866) ou *Valentim ou a vocação contrariada* (1866)[76] e *Severino ou aventuras de um jovem dos Alpes (1868)*, para citar as mais importantes, logo traduzidos e publicados nas *Leituras Católicas*, versão brasileira das *Letture Cattoliche* e postos à disposição das pequenas bibliotecas dos internatos. O assunto neles tratado está ligado à vida de colégio-internato, quase um *pequeno seminário*, pois se referem a jovens mais ou menos vocacionáveis ao estado eclesiástico. De fato, nos

---

[75] O próprio Pe. José Cafasso (hoje santo), diretor espiritual de Dom Bosco, confessava, em 1853, que, para ele, Dom Bosco era um mistério. Nesse ano, já expressava em suas várias publicações orientações precisas, em nível popular e escolar, sobre temas de história eclesiástica, de uma proposta de *piedade* juvenil, da apologética católica e da catequese; já possuía um projeto organizativo e educativo para o oratório e internato, como se depreende dos jornais da época. Os fins, meios e métodos são divulgados nos encontros, nas cartas, nas circulares, para atrair consensos e beneficência, interessados no ampliamento dos edifícios e na construção da Igreja de S. Francisco de Sales. Os próprios Regulamentos, de 1877, já vêm sendo redigidos, nessa época e, já em 1850, aparecia o opúsculo *Società de mutuo soccorso di alcuni individui della Compagnia de San Luigi eretta nell'Oratório de san Francesco di Sales*. Cfr. P. BRAIDO (a cura) *Dom Bosco Educatore: scritti e testemonianze*, p. 5-6.

[76] Para Dom Bosco, o Sistema Preventivo só pode ser aplicado dentro da religião cristã, entendida como vida de Fé, de Esperança e de Caridade sobrenaturais, comandando os fins da educação. Nesse romance, existe a confissão clara de Dom Bosco sobre o assunto: "Sem religião é impossível educar a juventude". Em *MB* XI 221, diz: "O que os torna bons e estudiosos não é o temor do castigo, mas o temor de Deus e a freqüência dos Santos Sacramentos. Se não se usam estes elementos de religião, é necessário recorrer às ameaças e ao bastão". Todo o seu sistema está imbuído de religiosidade.

internatos salesianos, inicialmente, houve a preocupação de abrigar meninos que mostravam inclinação ao estado religioso e/ou sacerdotal.

### 5.1. Lembranças confidenciais aos Diretores

Como Dom Bosco, em suas contínuas viagens, não podia estar presente na vida dos seus primeiros diretores de colégios e era obrigado a escrever centenas de cartas aos Salesianos e a outras pessoas, julgou oportuno sintetizar o seu pensamento sobre o governo de suas casas e instituições educacionais em forma de conselhos práticos. O ponto de partida foi uma carta endereçada ao Pe. Miguel Rua (1863), quando nomeado Diretor da casa de Mirabello. Depois vieram outras edições sucessivamente ampliadas (1871, 1875, 1876, 1886).

O conteúdo dessa carta, intitulada *Lembranças Confidenciais aos Diretores de...*,[77] estava dividido em pequenos capítulos, onde eram tratados os diversos tipos de relacionamento: "contigo mesmo - com os professores - com os assistentes e chefes de dormitório - com os coadjutores e com as pessoas de serviço - com os alunos - com os da sociedade - no dirigir". Substancialmente, são normas para a aplicação do Sistema Preventivo em todas essas situações.[78]

### 5.2. Circular sobre os castigos (1883)

Publicada inexplicavelmente só em 1935, Dom Bosco nela reprova as medidas coercitivas externas, dando sempre preferência aos meios de persuasão e de caridade. Recomenda que, para serem verdadeiros pais dos alunos, o coração deve ser paterno "e evitar o uso irracional e injusto da repreensão ou do castigo". Assim mesmo, os castigos nunca sejam aplicados senão depois de esgotados todos os outros meios.

Diz que "é mais fácil ceder à ira do que exercitar a paciência: ameaçar uma criança, do que persuadi-la. É mais cômodo para a nossa impaciência e para nossa soberba castigar os que nos resistem do que corrigi-los, suportando-os com benigna firmeza". Recomenda a caridade usada por S. Paulo para com

---

[77] *MB* VII, 514-526 (1863), dirigida pessoalmente ao Pe. Miguel Rua, diretor do Colégio de Mirabello, e a segunda edição em 1871, *MB* X, 1045-1047, aos quais se acrescentam outras normas complementares, conselhos e admoestações (p. 1047-1053). Ver Anexo II.

[78] Vide Anexo II o texto completo.

os fiéis que, muitas vezes, o faziam chorar, que a correção se fizesse em particular, "in camera charitatis" (= em particular). Em público, ninguém deveria ser repreendido, a não ser "para impedir ou reparar um escândalo". Quer que o salesiano tivesse o comportamento de Moisés. O meio para render um coração era o afeto e a doçura, unidos à mansidão e à prudência.

Sabia que essa perfeição não se encontrava facilmente nos mestres e nos assistentes, especialmente novatos, que preferiam castigos físicos que nada resolvem ou adotam uma atitude de indiferença frente à indisciplina, o que provoca o alastramento do mal e do descontentamento. Dom Bosco dizia que, pela caridade, tinha conseguido render os mais renitentes e refratários à correção. Percebera ele que, muitas vezes, o jovem cometia falta mais por irreflexão do que por maldade e que os indóceis o são por se considerarem perseguidos por este ou aquele superior: "Os professores mais intransigentes com os alunos são os menos severos consigo mesmos". Para saber mandar é preciso, primeiro, saber obedecer e procurar mais impor pelo amor que pelo temor.

Lembra um princípio: "Nada mais perigoso que um remédio mal aplicado ou aplicado fora do tempo". O que equivale a dizer: "Procurai escolher para a correção o momento mais oportuno, pois cada coisa tem o seu tempo". Um outro princípio recomendado é o de nunca castigar no momento do cometimento da falta ou infração, para que o infrator tenha tempo de refletir sobre o que fez, de perceber o alcance de seu erro e sentir que merece o castigo. Impressionava a Dom Bosco a atitude do Senhor para com S. Paulo, que esperou até derrubá-lo em Damasco, onde percebeu o próprio erro.

Admite a dificuldade de manter a calma ao castigar, mas julga necessário afastar qualquer indício de paixão (como agitação no espírito, desprezo nos olhos, injúria nos lábios) ou demonstração de prepotência no mandar. Exorta a considerar sempre como filhos aqueles sobre os quais se tenha de exercer a autoridade. Nos casos verdadeiramente graves, julgava proveitoso o recurso a Deus, pela oração e, até, praticar um ato de humildade diante deles. Cita exemplos e palavras da Sagrada Escritura, como: "Iraivos e não pequeis, Deus não está na agitação". Estas últimas traduzidas por Santa Teresa por "nada te perturbe". Recomenda que não exponha "ninguém a ser envergonhado publicamente, a não ser em caso de remédios extremos" e deixar esperança de perdão e a confiança na possibilidade de apagar com um bom comportamento a nódoa contraída pela(s) falta(s).[79]

---

[79] "Irascimini et nolite peccare. Non in commotione Dominus" (3Rs 19,21).

Os únicos castigos a serem usados eram o olhar descontente, severo e triste do superior ao culpado, a correção privada e paterna; em vez de recriminações, a privação do recreio (nunca porém ao sol ou às intempéries), deixar de interrogar o aluno por um dia. Quanto a cópias de trechos, mostra que seus resultados não eram positivos, a não ser excepcionalmente. Condena o quarto de isolamento (ou cafua, como era chamado), por fazer o aluno sofrer profundamente de raiva e vexame. No caso de grave escândalo, o culpado era levado imediatamente ao superior para as medidas cabíveis. Se reincidente, era excluído, salvando, porém, sua honra. O diretor deveria agir discretamente, sem ser percebido.

### 5.3. Carta de Roma de Dom Bosco sobre o estado do Oratório (1884)

Os Salesianos já estavam no Brasil, quando foi escrito este documento, um dos mais divulgados entre eles, e que caracteriza sua utopia educativa. Nele se apresentavam (como em um sonho) as duas situações do Oratório.

Na primeira situação, a antiga, a Dom Bosco era mostrada, à hora do recreio, "uma cena cheia de vida, de movimento, de alegria", onde todos brincavam, cada um a sua maneira, praticando os mais diversos tipos de jogo. "Cantava-se, ria-se por todos os cantos e em toda a parte encontravam-se padres e clérigos, e, ao redor deles, jovens divertindo-se alegremente. Via-se que entre jovens e superiores reinavam a maior confiança e o afeto", o que encantou Dom Bosco.

A segunda cena desenhava um espetáculo totalmente diferente. Nos recreios não mais gritos de alegria e de cantos, nem o mesmo movimento acima. Nos rostos e nos gestos dos jovens, enfado, desgosto, desconfiança, que faziam doer o coração. Mas entre os que corriam, brincavam e se agitavam despreocudamente, havia não poucos sozinhos, encostados às colunas, desanimados; outros, pelas escadas, pelos corredores ou pela varanda, perto do jardim, evitavam o recreio comum; "outros, a passear lentamente falando baixinho entre si, lançando olhares ao redor, desconfiados e maldosos, sorrindo às vezes, mas suspeitamente...; mesmo entre os que brincavam, alguns havia tão enfarados que mostravam claramente não gostar dos divertimentos".

Dom Bosco suspirou, com profunda tristeza, ao ver tal cena. O personagem explicou que a razão dessa mudança estava na frieza de muitos

meninos na freqüência aos Santos Sacramentos, no desleixo das práticas de piedade na Igreja e fora. Daí esse mal-estar e desânimo generalizados.

À pergunta de Dom Bosco de como conseguir reanimar e retornar à cena antiga respondeu o acompanhante que não bastava a dedicação sacrificada dos superiores, dos mestres e dos assistentes ao trabalho pelos jovens. Era preciso que esses se sentissem amados nas coisas que lhes agradavam, participando de suas inclinações infantis, para que aprendessem a ver o amor nas coisas que naturalmente não lhes agradavam, como a disciplina, o estudo, a mortificação de si mesmos e a fazer essas coisas com entusiasmo e amor.

Fez o personagem ver a Dom Bosco que bem poucos padres e clérigos (seminaristas) participavam dos divertimentos; não eram mais a alma dos recreios e a maior parte deles ficava à parte, conversando entre si, desligados da vida dos jovens, enquanto outros vigiavam de longe para ver se os jovens cometiam alguma falta, ou avisavam ameaçadoramente, mas o faziam raramente. Viu que algum salesiano procurava aproximar-se de um grupo de jovens, mas esses se afastavam rapidamente dele.

Para restaurar o antigo clima de familiaridade no Oratório, especialmente nos recreios, recomendava o personagem que o superior fosse "tudo para todos, sempre disposto a ouvir qualquer dúvida ou queixa dos jovens, todo olhos para vigiar-lhes paternalmente a conduta, todo coração" para atender seu bem espiritual e temporal".[80]

## 6. OS AGENTES DO SISTEMA EDUCATIVO SALESIANO E OS MEIOS POR ELES USADOS

O **Diretor** e os **Assistentes** ocupam uma posição privilegiada no Sistema Preventivo de Dom Bosco, como de "guardas" da vida da família educativa, pessoas ativas, de eficácia positiva e consciente, não apenas como algo de preservativo. Todos os educadores são "atores", são "assistentes". E assistência quer dizer contínua presença educativa, diretiva, orientadora.[81]

Dom Bosco não se mostra otimista exagerado quanto aos jovens, especialmente quando se trata de responsabilidade: é obrigação de todos os

---

[80] Dom Bosco, *Carta... sobre o estado do Oratório* (1864). *A pedagogia de Dom Bosco através de seus escritos*, p. 21-33.

[81] *MB* X,1022-1023; IX, 576.

clérigos e padres fazer recreio em meio aos alunos... animar os jogos, estar em suas rodinhas ou grupinhos" (*Avisos Inéditos* de Dom Bosco).[82]

Um dos seus fins é "conhecer os alunos passando todo o tempo possível com eles, dizendo algo ao ouvido", o que exige participação, paciência, esperança e presença fraterna plena, diuturna e positiva.[83]

O diretor é o pai (e mãe) da família educativa, o jardineiro, enquanto os demais são os cultivadores e os alunos as plantas. Quanto mais presente, mais ganha e a recíproca é verdadeira. Sua atividade educativa persiste em todo o dia na forma de palavra ao ouvido, de "boas-noites" e colóquios, do Sacramento da Confissão e da direção espiritual porque representa a consagração total ao bem de seus alunos. A sua ausência deve obedecer a graves motivos, pois é o responsável pela criação do ambiente e clima geral. É a alma, o espírito do núcleo pedagógico, mais educador que administrador e dirigente. É o educador por excelência, princípio de união e coesão, de referência e de potencialização do trabalho educativo. Seu papel fundamental está em saber repartir funções, encargos e atividades e depois insistir que sejam realizados. Tudo o que for contencioso, antipático ou odioso deve ser confiado a outrem que não ele, por ser estranho à sua missão.[84]

A Boa-Noite é uma de suas criações originais, a mola-mestra da estabilidade e esplendor do Oratório. Não cedia a ninguém, a não ser por graves motivos. Devia ser breve e incisiva. Servia para intensificar o clímax da comunhão da vida familiar da instituição.[85]

---

[82] Suspeitoso (*MB* VI, 70-71; IV, 56); fraquezas dos jovens (*MB* IV, 566; 8, 54); desordens morais (*MB* VIII, 41); vivacidade juvenil (*MB* IV 553); recurso à assistência; nas conferências e discursos (*MB* VI 390; IV 304; VI 773, 1004; VII, 508, 795; IX, 480; XII, 17, 146; XIII, 801), recomendações (*MB* XIII, 421; 4, 744; Regul.). Serve de "imunização" (*MB* XIV, 840; Regulamento: Introdução).

[83] Função positiva (*MB* X, 316-317, 1018-1021; XIV, 839; XII, 197); participante, diretiva. (*Il Sistema Preventivo*; *MB* IV, 566-567); palavrinha ao ouvido (*Ricordi Confidenziali*, n. 2, em *MB* XVI, 1043); participação (*MB* XII, 456-457).

[84] Quanto mais presente mais rende o Diretor (MB VII, 47-48; VI, 362; VI, 889); a alma (*MB* X, 1102: Circ. da disciplina); pai (*MB* XIII, 716, 723); mais educador que... (*MB* IV 736; Regul. 77; 3, 83, nota 1); educador e chefe dos educadores (*MB* X, 1022); tem o primado da confiança, de autoridade amorosa, de paternidade (*MB* XIV, 845-846; XVII, 191); princípio de coesão (*MB* X, 1019); saber repartir funções (*MB* XIII, 118; X, 52: CG1 de 1977: *MB* XII, 81-82-83; XVII 189-190); unidade de comando (*MB* X, 1043, 1044, *Il Sistema Preventivo*); evitar o antipático (*MB* X, 1069, 1095; *Ricordi Conf.* 1876; *MB* 10, 1048, 1041, 1046, 1044; *MB* XI, 236; Ceria. E., *Annali*, III, p. 170-194).

[85] *Boas-Noites:* Mola-mestra (*MB* XVII, 190); breve e incisiva (*MB* III, 353 – 1848; IV,12; *MO* 205; *MB* VI, 94, 105; XVII, 190); clímax (*MB* X, 1033; VIII, 33). "A morte para um que tem a consciência tranqüila é um conforto, uma alegria, uma passagem que o conduz à perfeita felicidade. Ao contrário, para um que tem o pecado na alma, é o maior espantalho de erros que pode existir, é um tormento, é um desespero..." (*MB* XIII, 87-88).

Outro elemento que exige suma discrição, habilidade e delicadeza é a palavra ao ouvido. imprescindível no exercício da paternidade e filiação espirituais. Representa uma chamada firme e repreensão, ou pré-aviso, ou ajuda prometida e oportuna, muitas vezes substituída por bilhetes e estréias individuais.[86]

A direção espiritual e os colóquios consistem no atendimento educativo de um por um. Requer abertura sincera e total da consciência da parte do educando e correspondente recepção de diretrizes, conselhos e animação da parte do educador. Dom Bosco teve experiências das suas vantagens quando criança (onze anos) com seu inesquecível amigo Pe. Calosso e com Pe. José Cafasso, canonizado posteriormente, no seminário e no "Convitto Ecclesiastico". Seu romance pedagógico *Valentino ou a vocação contrariada* (1886) mostra claramente a sua necessidade.[87]

Dom Bosco fala bastante da Confissão, que era a forma mais comum e ordinária de direção espiritual realizada pelo diretor, até sua proibição pela Santa Sé. Mas não estava, porém, essencialmente unida à direção espiritual, a não ser quando se tratava da tomada de decisão vocacional. Insistia para que houvesse confessor estável, facilitando os encontros e os colóquios. Os sacerdotes não deviam ser simplesmente "absolvidores", mas plenamente "educadores" dos jovens, pois considerava a confissão como a base, o apoio da instituição educativa. Por isso, requeria do confessor do jovem: preparação e estudo particular da teologia, da psicologia e da mentalidade juvenil.

Ele mesmo se considerava sempre discípulo pobre e humilde da arte de confessar.[88] Com a proibição de o diretor ser confessor de seus

---

[86] Palavrinha ao ouvido: chamada (*MB* X, 401); pré-aviso (*MB* VII, 442-449).

[87] Com Pe. Calosso (*MO* 36); no "Convitto..." (*MO* 123).

[88] Confissão (*MB* XIII, 421, 433); com o Diretor... (*MB* XII, 55, Ricordi Confidenziali, *MB* X, 1044, 10, 1077, 1094, etc.). Decisão; vocacional (*MB* IX, 437); estável (MB IX,145: *MB* VIII, 397); com os novos (*MB* VI, 382; VI, 492-495; VIII, 263...); fora da Confissão (*MB* XII, 151-152); preparação do confessor (*MB* VI, 885-886; VII, 193, 192-193; XII 579-580; VII, 404). "Per i giovani il catechismo piccolo deve essere come la Bibbia o S. Tommaso per i teologi" (*MB* XIV 838). Os jovens não têm capacidade de decidir sobre pecados duvidosos ((*MB* XI, 838-839). E apela ao fundamentum metodológico de todo o sistema, a "amorevolezza" (*MB* XIII, 405-406). Fazia uma comparação da situação religiosa da França com a da Itália: "Questo grave inconveniente proviente da ciò che in Francia i giovani non vengono abbastanza a contatto col prete e quindi non si confessano abbastanza di frequente. Le anime giovenili nel periodo della loro formazione han bisogno di sperimentare i benefici effetti che derivano della dolcezza sacerdotale. Vivendo sotto questo influsso fin dalla tenera età, si rammentano poi più tardi della

educandos, assumiu papel preponderante, apesar de não aparecer como o diretor e os assistentes, o confessor que passou a ser, uma figura permanente na vida diária dos alunos, especialmente na Missa diária.[89]

Considerava a confissão de importância central na sua concepção e práxis educativas e pôde confirmá-lo na experiência.[90] Que o digam as biografias de Sávio, Magone e Besucco. É evidente que, quando Dom Bosco falava de confissão, entende todo o conteúdo espiritual, de ação sobrenatural e natural que ela pode oferecer. Daí a insistência aos jovens para escolherem um confessor estável e dos motivos que o justificam.

A confissão geral, à entrada do colégio, ao início do ano escolar ou por ocasião dos exercícios espirituais, tem, para Dom Bosco, um significado terapêutico, não certamente indiferente ao desenvolvimento moral da obra de educação cristã. Trata-se de criar as condições normais para uma vida normal de graça, requisito básico para a construção de qualquer vida cristã. Mesmo sob o ponto de vista psicológico, o aluno está moralmente doente e, muitas vezes, é um anormal psíquico, sem tranqüilidade, sem segurança. Recomendava, insistentemente, a seus alunos a sinceridade na Confissão, pois além de necessária para a validade e eficácia do Sacramento, era-o ainda para uma leal e aberta direção espiritual.[91]

Insistia muito na bondade da confissão, garantida pela sinceridade e seriedade da dor, da firmeza dos propósitos, demonstrada por uma reforma gradual prática da vida, com a freqüência, no máximo, semanal (para jovens desejosos de uma vida espiritual regular) a, um mínimo, mensal, até anual aos mais fracos: "Não basta a aproximação freqüente, mas é preciso

---

pace goduta dopo le sacramentali assoluzioni e qualora si abbandonino agli traviamenti, sanno sempre ricorrer per aiuto agli amici della loro infanzia. Ecco perchè in Italia i figli del popolo perdevano generalmente di più che non in Francia" (*MB* XVI, 169).

[89] A fila do confessionário era um refúgio até mesmo dos alunos internos que não estavam dispostos a rezar, pelo menos na prática diária nos internatos salesianos brasileiros, conforme testemunho dos assistentes que trabalharam nos internatos e dos próprios ex-alunos. O confessor não participava na hierarquia de exercício de poder nem de reuniões onde se discutiam problemas disciplinares de alunos, nem jamais era consultado para deliberar ou opinar sobre tais assuntos. Daí a confiança dos alunos em sua pessoa.

[90] Giovanni BOSCO, *Vita di D. Savio,* c. XIV.

[91] *MB* XII 81 e XI 234; 17-19; XI, 457-458. A confissão freqüente assegurava direção espiritual cuidadosa e profunda: "Prima cosa que Dom Bosco mira da un giovanetto nel suo entrare nel Collegio era la riforma morale, il cui principio sta in una buona confessiore" (*MB* VI, 387-388; *Il pastorello delle Alpi*, p. 59; *MB*, VII, 720, 721). Daí suas recomendações: (*MB* VI, 886; VII, 193; *Cenno biografico*, p. 23-24, 59; *MB* VIII, 8, 824-825; *MB*, XIV 16).

esforçar-se para não cometer pecados. O remédio não será certamente a confissão freqüente, mas a sua regularidade, unida a obediência ilimitada ao confessor".[92]

Se na confissão ocorre a direção espiritual, guia educativa das almas juvenis, julgava-a necessária para a decisão final sobre a vocação, por isso recomendava que fosse o confessor estável.[93]

BRAIDO, pesquisador do Sistema Preventivo de Dom Bosco, ao encerrar capítulo relativo ao ambiente educativo, advertia sobre a "extrema seriedade educativa":

*Para Dom Bosco não há amor sem verdade, religião sem razão, paternidade ou família sem relações precisas e objetivas de obediência, respeito e submissão. E, sobretudo, não existe familiaridade e paternidade educativa autêntica que não se inspire e não se nutra de uma profunda e dogmática religiosidade cristã, cujo primum ontologicum é Deus, o Pai que está nos céus, Deus que é Caridade.*[94]

# 7. IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA EDUCATIVO SALESIANO

## 7.1. O programa de vida

Para Dom Bosco, a vida é uma *missão*, um dever, um talento a negociar, um compromisso e portanto deve ser planejada, ordenada e regulada por normas objetivas e verdadeiras, segundo o plano de Deus. Por isso indicou aos jovens um "programa de vida" completo, objetivo e a educação ao sentido do dever. Fazer um programa de vida era um ato de responsabilidade. Traçou normas claras sobre o assunto na introdução ao *Jovem Instruído* e no livrinho *Avvisi ai Cattolici (1850)*.[95]

---

[92] *MB* XIV, 16; XII, 31; XII, 567-568; *non basta* (*MB* VI, 32-33); la medicina (*Cenno biografico...*, p. 22).

[93] Precisa ser o confessor estável para a decisão (*MB* IV, 746; VII, 832; VIII, 835; XII, 179; XIV, 444...; XI, 208. Mesmas idéias nas vidas de Comollo, Sávio, Besucco, e *Regulamento 1877*). Da estabilidade, vêm os progressos e ou as variações da vida interior e do seu controle, a possibilidade e justeza dos conselhos.

[94] Pietro BRAIDO, *op. cit.*, p. 148.

[95] *O Jovem Instruído* e *Avvisi ai Cattolici*; *MB* III, 328; VII, 828; VIII, 55, 835; XII, 32; XI, 234, 238, 252; XIV, 125-126; XIII, 399-400).

No apêndice do romancezinho pedagógico *Germano, o ebanista ou os efeitos de um bom conselho*, propôs com clareza seu programa de educação (santidade), do qual destacamos alguns itens:

3) ... sempre pensar e estudar, os jovenzinhos, a escolha do estado; 4) vitória sobre as tendências más e o respeito humano; 5) uso justo do divertimento; 6) confissão e comunhão, livros devotos e companheiros devotos; 7) caridade e perdão; 8) todo veneno é menos fatal à juventude que livros maus; 9 e 10) as companhias; 11) a constância; 12) uma das maiores loucuras do cristão é esperar sempre para colocar-se no caminho bom, dizendo depois como se estivesse certo do futuro e como se pouco importasse colocar-se logo em seguro. Confessar-se cada 15 dias pelo mais tarde; um pouco de meditação e de leitura espiritual todos os dias; o exame de consciência todas as noites; a visita ao Santíssimo e à N. Senhora; a congregação; o protesto de uma boa morte; e sobretudo uma grande, terna, veraz e constante devoção a Maria Santíssima.[96]

Na pedagogia de Dom Bosco, ocupa um lugar importante a mortificação, que, para ele, significava diligência no cumprimento dos deveres no estudo, atenção na escola, obediência aos pais e Superiores, paciência em suportar os incômodos da vida (frio, fome, sede, etc.) por amor de Deus...[97]

No que se refere à educação moral, atém-se às normas tradicionais de ascética e da pedagogia cristã. Usa das "boas-noites" para convidar os alunos à pureza e à retidão das intenções na conduta, afastando toda forma de oportunismo desleal e insincero: "Eu não quero que vos abstenhais do

---

[96] Numerosas lembranças aos jovens (Ver ainda *MB* III, 607; IV, 117, 439; VI, 513; VII, 292, 507, 583; VIII, 436, 445; X, 1333; XII, 454; XIII, 425; XV, 418) e no bilhete para as férias (*MB* X, 1032) em cartas particulares aos jovens (*MB* VIII, 397; VII, 531; VIII, 1041; VII, 424) em que são relembradas as virtudes fundamentais morais, que estão sintetizadas no Regulamento (p. II, c. III, art. 7): "As virtudes que formam o mais belo ornamento de um jovem cristão são: a modéstia, a humildade, a obediência e a caridade" (*MB* VII, 601-602; VII, 251-252).

[97] Dom Bosco, *Il Pastorello delle Alpi...*, p. 70. Acautelar-se dos maus companheiros (*MB* VII, 696-697), evitar satisfazer às paixões (*MB*, VII, 682-683). Unida diretamente à doutrina e à prática da educação à mortificação e à penitência está a do dever e da vida de obediência e de trabalho. A mortificação deve provir da própria vida, "abneget temetipsum e tollat crucem suam cotidie" (*MB* IV, 216; *O Jovem Instruído*, art. 4; Regul., parte II, cap. VI, art. 22: "Initium omnis peccati superbia scribitur", diz S. Agostinho).

mal só por medo de ser vistos e descobertos por Dom Bosco, mas por serem visto por Deus..."[98]

A piedade apresenta um aspecto interno, piedade interior, fundada na fé e no amor a Deus, e expressa-se externamente através das práticas religiosas, chamadas "práticas de piedade", como Missa cotidiana obrigatória, orações da manhã, terço e leitura espiritual, orações da noite, funções religiosas dominicais e retiros mensais e anuais. Nada de pietismo ou exaltação do aspecto instrumental e moralista da piedade. Tudo isso era aprofundado por uma forte instrução catequética. Dom Bosco preocupava-se com a instrução religiosa, daí suas publicações como o *Jovem Instruído* e as *Leituras Católicas* e as próprias disposições regulamentares para o Oratório e para os Internos, sem pressão moral para freqüentar os Sacramentos e sem excesso de práticas devotas, pois muitos deles vinham de famílias pouco religiosas e até sem prática religiosa quotidiana. A piedade não era separada da vida, mas a inspirador do dever e da conduta, a vida da alma.[99]

Sabia que muitos jovens comungavam muitas vezes e não tinham bom comportamento. Temia a superficialidade, a leviandade e o hábito mecânico. Insistia na comunhão precoce e freqüente, mas agia gradualmente e com sabedoria. Característica era a liberdade absoluta à freqüência à Comunhão Eucarística, apesar de parecer desordenada a movimentação dos jovens. Outra prática recomendada era a visita ao Santíssimo Sacramento. Esta a *pietas* ensinada por Dom Bosco, fundamentada na amizade pessoal a Jesus Cristo.[100]

---

[98] *MB* VI, 353-354. Os ladrões não possuirão o Reino de Deus (*MB* VIII, 353-354; VII, 842). Para motivar os alunos, usava os NOVÍSSIMOS, que manejava com seriedade (*MB* XII, 610), também através do exercício ascético e aquisição de hábitos bons (Dom Bosco, *O peruqueiro dos jovens*; *MB* VII, 600); fumar, beber e comer desregradamente, o respeito humano, a desobedecer (*MB* VII, 600-601); quem semeia vento recolhe tempestade (*MB* XI, 252); o Oratório, uma colméia (*MB* VII, 602-603); como avezinhas que ensaiam o vôo (*MB* VII, 680).

[99] Trata desse tema no cap. XXII, de *Il Pastorello delle Alpi e no Regulamento* (p. II, c. III, a. 3). e na biografia de Magone (*Cenno biografico...*, v. VII, p.27-30). Práticas externas (*MB* XIII, 66, 439-440, 18-19; IV, 339; III, 221-224, 537-538, 603-606; IV, 112-414, 117-122 e 474-475-476; V, 215, 925-926, etc., ainda VII, 648 e 419-420); instrução catequética (*MB* I, 148; III, 454; X, 64, 523; XIV, 580, etc.); para os internos (*MB* VI, 504-505) contradistinguindo (*MB* VII, 677); sem pressão moral (*MB* XI, 224; *Regulam.*, p. II, c. I, a. 4; p. II, c. III, a. 4). Há ainda pais até irreligiosos (*MB* XIII, 282-285; o ambiente impressionava os estranhos (*MB* IV, 287-288).

[100] Devoção a Eucaristia e Nossa Senhora (*MB* VII, 680-681, 583; IV, 554-555); comungar sem bom comportamento: (*MB* XI, 278); consciência tranqüila (*MB* XII, 30); com hábito mecânico (*MB* IX, 139; VIII, 56-57); comunhão precoce freqüente (Giovanni BOSCO, *La forza della buona educazione*, p. 20); agir gradualmente (*MB* VII 689; XII 566-567); movimentação livre (*MB* XIII, 827); Missa diária (*MB* VII, 821; VIII, 45-46); visitas ao SS. Sacramento (*Jovem Instruído*

Preocupava-se em ajudar os jovens a solucionarem o problema mais obsessivo e angustiante, a cruz que os aflige, ou seja, a pureza. Sua solução facilita a obra educativa e será procurada na totalidade da educação moral e religiosa. Aqui, *sistema preventivo* significa vontade de preparar para as lutas pela pureza com uma potencialização espiritual geral, sem provocações e antecipações, sem ignorar contudo uma preparação específica.[101]

O primeiro cuidado para a conservação e crescimento da castidade é social, é a criação de um ambiente sadio e profilático, que é ligado, antes de tudo, ao exemplo dos educadores. No saneamento deste ambiente, entra a inexorável decisão da expulsão daqueles que prejudicam.[102] Além disso, era preciso a educação individual, assimilação de convicções pessoais que se adquirem através de meios interiores, como a confissão, a comunhão, a direção espiritual, oração, etc. Aconselhava, como meios negativos, a precaução e a fuga do ócio, das más leituras, dos maus pensamentos, do turpilóquio e das más companhias: "O que o homem semear, isso o colherá". Advertia contra o perigo de cartinhas, familiaridades, amizadezinhas, sensibilidades e semelhantes. Propôs instrumentos positivos de defesa, como a obediência, piedade e força de vontade, e uma ascese das *pequenas coisas* (modéstia nos olhares, nos relacionamentos, nas palavras e, em tudo, a devoção à Virgem Santíssima).[103]

Recomendava ainda a temperança e a mortificação, pois é da mor-

---

*e Regulamento: MB* VIII, 49); *pietas* cristã (*MB* VI, 351-352). Enfatiza a devoção a Nossa Senhora (Giovanni BOSCO, *Michele Magone*, cap. VIII, p. 36; *MB* XVI, 284); orientação a devoção mariana (*MB* VII, 676-677).

[101] Crise e tentação, cruz e paixão dos jovens (*MB* XII, 152-153); sonhos... (*MB* VI, 927, 971; VIII, 16, 34, 279, 842, 857; IX, 177; XII, 590; XIV, 123-125; XV, 183; XVII, 193-194, 722-730 etc.). Em vez de castidade, preferia chamar "modéstia", "bela virtude"... (*MB* VII, 554); combater e principalmente prevenir o perigo (*MB* XII, 470).

[102] Criação de um ambiente sadio (*MB* XI, 353-354); exemplo dos educadores (*MB* XIX, 962: a. 5º das Constituições da Congregação Salesiana), o que exige renúncia, desinteresse, devoção sobrenatural à tarefa educativa, caridade religiosa (*MB* IX, 403), delicadeza e fineza (*MB* XI, 356; IX, 707 e XVI, 416-417). "Quem não tem não pode dar" (*MB* X, 1104-1105; XIII, 247). Dom Bosco usa o mesmo termo também para amizades sadias (Vide *Vida de Domingos Sávio*, c. 18 e 19; *MB* XI, 583; XII, 22; Ricordi Confidenziali, *MB* X, 1042, 1118-1119; XIII, 84-85). Assistência... (*MB* XII, 242, 86; X, 1043, 1019). A "prevenção" se dá excepcionalmente vigorosa e minuciosa: horário, estudo (*MB* XIII, 248, 86; X, 1043; 1010-1011). Andar em fila, comprar comestíveis, ter dinheiro consigo, nunca sozinho, sem necessidade (*MB* X, 1020). Exclusão do aluno (*MB* XIII, 273. Há ainda a obrigação moral da "denúncia" da parte dos jovens (*MB* XI, 246, 247; X, 1035) para a casa tornar-se um ambiente sadio como Valdocco em 1978 (*MB* XII, 888).

[103] *Cenno biografico sul giovane Magone Michele*, cap. IX, p. 39-42., p. 39-42; *MB* XI, 251-252, 242.

te que surge a vida: jejum do coração, dos sentidos, dos olhos, da língua, da gula, da soberba, paciência na adversidade e prontidão na observância do horário.[104] Procedia a terapia dos maus pensamentos também através do trabalho, da alegria, do ambiente. Apelava ainda para a prática das representações positivas e negativas, como a beleza da virtude, a fealdade do vício, a evocação dos últimos acontecimentos da vida humana (morte, juízo, inferno e paraíso). Em suma, Dom Bosco procurou realizar um trabalho de *iluminação* educativa ao perceber o aumento da malícia entre os jovens.[105]

## 7.2. O ambiente educativo[106]

Toda a operacionalização e concretização desse sistema dependeu da institucionalização de um ambiente de religiosidade, racional "amorevolezza", de alegria e expansão moralmente sadia. Foi a primeira síntese vivida de sua pedagogia, um ambiente que apanhasse o jovem na sua totalidade para orientá-lo a ser "bom cristão e honesto cidadão".[107] Criou Dom Bosco, então, dois tipos de instituição: o Oratório Festivo e o colégio.

O Oratório Festivo, para atender a classe juvenil mais pobre e abandonada, é uma escola de instrução religiosa-cristã e de prática religiosa,

---

[104] *MB* XII, 143-146, 20-21; XIII, 275; "Abstrahe ligna foco si vis extinguere flammam; si carnis motus: otia, vitia, dapes" (*MB* VI 82). Todo orgulhoso é desonesto. (*MB* IX 436). Fuga do "daemonium meridianum" (*MB* XIII, 432-433-434; IX, 436). Fuga do ócio (*MB* XI, 16; VIII, 896; IX, 456-457). Fuga das más conversas e más companhias (*MB* X, 1038; IX, 458-460; X, 740, 742; IX, 880, 662; XI, 308; X, 43; XI, 246; XI, 246; Valentino o la vocazione impedita, p. 50), más leituras (*MB* IX, 17, 196-197); familiaridades indevidas entre os jovens e deles com as meninas (*MB* VII, 721-722; VI, 703-704 e 753). Implicitamente é contrário, em absoluto, a qualquer tipo de coeducação (*MB* IX 707; Ricordi Confidenziali: *MB* X, 1043; VIII, 883; XI, 580-581). Aconselhava a descansar a cabeça em um assento (*MB* IX, 432-433; IX, 436). Terapia dos maus pensamentos (*MB* VII, 556 e *Il pastorelli degli alpi*, p. 66).

[105] A beleza da virtude (*MB* V, 157-158; IX, 387; 62; VII,168; VIII, 844; XII, 15; XI, 241; 12, 564, 241-242; VII, 823-824); fealdade do vício (*MB*, VIII, 835-836); a bela virtude da modéstia torna-se saudade do Céu e da visão de Deus e dos Santos (*MB*, XI, 241-242, VII, 765; VII, 84, 825; XI, 241-242; XIII, 507; VII, 83 -84, 958-959; IX, 436; II, 359, 362-363; III, 16-18). Meios sobrenaturais: jaculatórias, orações, devoção e invocação a Nossa Senhora Imaculada. Entre os meios naturais, a "modéstia", ou seja, a decência e regrada maneira de falar, de tratar e caminhar, de olhar, de comportar-se à mesa (Regulam. p. I, c. II e XI; *MB* IV, 750-751). Iluminação educativa (*MB* XIII, 407; III, 81. IX 440; VII, 192).

[106] Para maiores detalhes: Cf. Pietro BRAIDO, *Il sistema preventivo di Dom Bosco,* p.355-369.

[107] Sobre este tema, consulte Pietro Braido, bom cidadão e honesto cristão, uma fórmula do "humanismo educativo" de Dom Bosco, extrato de *Ricerche Pedagogiche Salesiane,* 13 (24, 1): gen-giug. 1994.

onicompreensiva, ambiente de alegria e de liberdade, cujo principal vínculo é a "amorevolezza".[108]

O colégio nasceu por uma necessidade decorrente do Oratório Festivo para amparar os que não tinham lar ou lugar onde hospedar-se. O desenvolvimento de seu conteúdo pedagógico lhe deu um estilo particular em harmonia com as grandes linhas da pedagogia de Dom Bosco, na sua concepção, atuação na relação educativa e na solução de alguns problemas especiais dos jovens internos como o da disciplina (autoridade e liberdade), da vida religiosa e do isolamento.

A fórmula internato liga-se assim à inspiração básica da obra de Dom Bosco, que é a preventiva, entendida especialmente no sentido negativo-protetor (que implica o essencial aspecto positivo construtivo). Parece ser esse aspecto, precisamente o "próprio" do Internato:[109]

*Muitos jovens (estavam) cheios de boa vontade para entregar-se a uma vida moral e laboriosa, mas convidados a começá-la continuavam a responder que não tinham pão, nem roupa, nem alojamento sequer para se recolher por algum tempo. Percebendo que para muitos meninos seria inútil qualquer esforço se não lhes desse hospedagem, apressei-me em alugar alguns quartos. Isso no ano de 1847.*

Mais tarde, motivos de franca prevenção pedagógica aconselharam a adoção da rígida forma colegial para estudantes e aprendizes. Não existindo ainda oficinas na instituição, os alunos "iam trabalhar e traziam à

---

[108] *MB* III, 86-92; *MO* 123-124; *MB* XVI, 290-291; *MO* 128; *MB* XV, 160; XI, 351, XVIII, 191, 702-703; Regulamento do Oratório Festivo, art. 1; *MB* III, 91). Dom Bosco concebeu-o como forma integral e profunda de educação (*MB* III, 329-330; *MO* 127) e de vida (*MB* VII, 872-874; V, 873-874; XVIII, 380; VI, 55-157). É uma escola de instrução religiosa-cristã (*MB* III, 328-329,92, 102, 200-201) e prática religiosa (*MO* 128-129, 142; *MB* II, 254-256, 336-341; *MO* 154-155; *MB* III, 109-113, 118-125; *MO* 174, 176-178; *MB* III, 98-99; Regulam, p. II, c. 6; p. 1, c. 3 e c. 7; p. 2, c. 2, a 6). *Onicompreensivo*: não tem horário, nem é escola, com períodos fixos, para operários e estudantes, para preencher os *vazios* de trabalho e de ocupação, as horas mortas, a terra de ninguém da vida de uma jovem (*MO* 130; *MB* III, 168-168, 173-174, 356-357), aberto a todos (*MB* V, 39-40), todos com quase-direito por ter necessidade (*MB* V, 39-40, 91, nota 1; *MO* 142; *MB* XIX, 702-704; IV, 329330; III, 91-92). Ambiente de alegria e de liberdade (*MB* IV, 330, 321-333; XVIII, 704; III, 38-41, 44-46, 52-54, 183-186). Órgão de integral formação também humana (*MO* 208-209; *MB* II, 347-348, 555-557; *MO* 182-183; *MB* II, 347-348, 560, 561; *MO* 186-187 e 194-195; *MB* XI, 27; Regulamentos, p. 2, c. 1; c. 3: também escola noturna e diurna). O principal vínculo: a "amorevolezza" (*MB* XVIII, 794).

[109] *MO* 156-158.

escola com grande prejuízo da moralidade já que os companheiros que encontravam, as conversas que ouviam e o que viam, tornavam frustrado tudo quanto se fazia e se falava no Oratório". O mesmo acontecia com os estudantes. "O ano de 1856 marca definitivamente a instalação da escola e das oficinas da casa do Oratório".[110]

Dom Bosco não patrocina uma pedagogia da liberdade, no sentido de pedagogia da prova e da tentação, mas da preservação e da imunização que passou a ser a condição ideal para uma construção educativa normal. Prefere que se construa o colégio sobre um terreno virgem a um terreno em que se deva realizar trabalho de saneamento e de limpeza de entulhos, apesar de não recusar esta hipótese. Insistente sobre necessidade de retirar os jovens, para não perderem a alma, aduzindo as causas costumeiras como a falta de educação e de religião, o escândalo, a corrupção, a maldade.[111] Num romancezinho pedagógico, demonstra a eficácia do colégio cristão em que o isolamento, a perfeita organização e a assistência em função da preservação e da proteção obtêm resultados educativos rápidos e eficazes: separados dos companheiros, desligado das más leituras, com a freqüência dos bons companheiros, com a emulação em classe, com a música, com a declamação, algumas representações dramáticas num "teatrinho", fizeram esquecer a vida dissipada que há um ano levaram. A lembrança da mãe que lhe dizia "foge do vício e dos maus companheiros", voltava-lhe continuamente à lembrança. Até com facilidade retomaram o hábito antigo das práticas de piedade.[112]

A função protetora do colégio exige notável rigor na atuação de clara separação do mundo externo. A severidade exigida é, assim, diretamente proporcional à recebida no sentido de liberalidade que inspira o regime de internato.[113]

---

[110] *MO* 156-158, p.162-163. Todo o ginásio será em regime de internato (*MB* VI, 296-297): 1859. Em 1962: as oficinas também. Assim a casa do Oratório se transformou em verdadeiro Colégio (*MB* VII, 309). O modelo-internato, inicialmente, era destinado preferencialmente aos candidatos ao estado sacerdotal. Mas foi logo se estendendo a outros candidatos, sem renuncia aos potenciais seminaristas. Depois abriu-se para todo e qualquer jovem, sempre com a intenção de dar-lhe formação cristã, apesar de a Congregação manter a preferência por aqueles necessitados de assistência e de ajuda. Cfr. Bruno BELLERATE, Dom Bosco e scuola umanistica, em: Mario MIDALI (a cura), *Don Bosco nella storia*, Atti del Congresso Internazionale di Studi su Don Bosco, Università Pontificia Salesiana, Roma, 16-20 genn. 1989, p. 315-329.

[111] *MB* XVI, 49 e XVII, 88; VII, 54, 578.

[112] Giovanni BOSCO, *Valentino...*, p. 19-25.

[113] Ver Regulamento do Parlatório, 1, 2, 3, 6-7; *MB* VI, 597-598.

O conceito de defesa e da imunização inspira também as normas e as diretrizes de Dom Bosco e regulamentos de aceitação dos alunos. Tal rigor se manifesta também ao se abolirem as manifestações tradicionais de alguns colégios, na festa do titular ou de Maria Auxiliadora, quando se misturavam externos e internos. Diante dos meninos, procura justificar e tornar racional esta severa prevenção:

*Felizes vós, se tornados hábeis pela minha experiência, estiverdes afastados o mais possível... Afastareis imensos perigos. Com essa medida, colocar-vos-eis no bom caminho, antes de experimentar o mal, e crereis também que é uma felicidade aprender da experiência alheia. Aprender a próprias expensas é uma das maiores desgraças.*[114]

*Desde os primeiros tempos, surgiu a organização do colégio, de qualquer tipo, em instituição educativa integral, até dos hospícios, para meninos órfãos e privados de assistência, porque, necessitados de uma educação básica, exigia-se que fossem conhecidos pelo educador e que considerassem o colégio como um ambiente familiar.*[115]

"A fortiori", a forma educativa do colégio é essencial, onde não há outra indigência que a educativa. Dom Bosco mostra-se intransigente em não admitir interferências e intromissões de estranhos em seus colégios. O colégio não deve renunciar, em absoluto, à sua plena eficácia pedagógica: "Temos um sistema especial de educação, chamado preventivo que, na prática, se torna impossível se os alunos não estão em nossa inteira disposição e independentes".[116]

Também do todo orgânico dos Dirigentes resulta que tudo é endereçado a fazer do colégio uma instituição positivamente educativa, que implica forte "*unidade*" operante, representada pelo Conselho da Casa,

---

[114] Conceito de imunização... (*Ricordi Confidenziali: MB* X, 1043 e *Regolamenti per le Case*, p. 2, c. 3, a. 3; *MB* XIII, 271-272); separação de alunos internos e externos (*MB* XIII, 271-272); justificação desta medida preventiva (*MB* XI, 365). Este conceito de prevenção se traduz, na primeira tradição salesiana (superada pelos fatos), numa desconfiança acentuada dos Externatos e as hospedarias (de estudantes ou operários), sem escolas e oficinas internas. Mas Dom Bosco se referia, praticamente, aos estudantes aspirantes ao sacerdócio (Cfr. Norme per l'aperture dei convitti-pensionati: Pe. Albera, Lett. Circ., p. 43).

[115] *Regulamenti...*, p. 2, c. 2, a . 5.

[116] "Noi abbiamo un sistema speciale di educazione, detto preventivo che en la pratica riesce impossibile se gli allievi non sono a totale nostra disposizione e indipendenti" (*MB* XIV, 21).

composto do Diretor, do Prefeito, do Catequista e do Conselheiro que exprime no complexo, com enfoques diferentes, a voz do trinômio pedagógico (razão, religião e "amorevolezza"), agindo, a seu lado, os Assistentes e Professores com funções primárias e predominantemente educativas. De todos requer-se plena influência nos jovens como a assistência integral. Assistir, para D. Bosco, não é vigiar principalmente, mas formar, ensinar, iluminar, construir, num clima de religiosidade, de racionalidade e de amor.[117]

As normas disciplinares do *Regulamento das Casas Salesianas* foram nascendo da necessidade de restringir a liberdade, ou seja, sanar alguma desordem.[118] D. Bosco não considerava o problema da liberdade e da disciplina, em termos de antigoverno e de cidade de meninos, mas do ambiente educativo-familiar. O princípio básico em que se resolve a antinomia autoridade-liberdade deriva do mandamento: "Honrar pai e mãe", que significa respeito, obediência, amor filial e doação, dedicação, amor materno e paterno. Mais do que hospedaria ou colégio, vivemos como uma família sob a direção de um pai amorosíssimo e totalmente prestimoso pelo bem espiritual de seus alunos.[119] O Diretor é o "pai", os alunos "filhos" e o colégio "casa" (sinal de convivência familiar). Uma grande família ordenada era sua utopia de colégio.

Havia Regulamento, mas o tom paterno e exortativo das próprias normas, sua praticidade e racionalidade afastam toda idéia de coerção ou império. Esse amoroso código seria observado não por sanção, mas por consciência e o texto desta lei era a fórmula dos avisos do quotidiano, que se davam a viva voz em forma de conselhos e exortações pelo bom "Pai". O mote era *Deus te vê* escrito em cartazes um pouco em toda a parte e isso bastava. O ar de família é toda a casa.[120]

À luz dessa concepção de internato (robusta unidade educativa, protetora e construtiva) é que se compreende bem o posicionamento severo e quase intransigente de Dom Bosco em relação às férias. Dom Bosco aboliu (1868) as férias de Páscoa e procurou abreviar as de outono, inter-

---

[117] Pietro BRAIDO, *op. cit.*, p. 360-361. Assistentes (*MB* XVI, 420; 17, 504; Regolamenti, p. 1, c. 2, a. 1, 10, 18; p. 1, c. 3, a. 1; c. 3 e 4), que têm também funções primárias (Regulamenti..., p. 1, c. 5, a. 10; *MB* VI, 302).

[118] *MB* IV, 339.

[119] *MB* IV, 292 e 298. Não queria filas, que entraram só em 1885, pelo Pe. Stefano Trione (catequista dos estudantes: *MB* XVII, 504).

[120] *MB* IX, 122 -123; VII, 639-640; V, 278-279.

calando um mês de retorno e de aula, mas nunca pensou em aboli-las de todo para a massa dos alunos.

Desde o início da criação deste ambiente educativo e deste é que surgiram "as companhias", ou associações juvenis, como unidades menores associadas e unidas pela amizade, pelo entendimento no bem e nos ideais, pelo ativismo apostólico e religioso, e inspiradas pela *pietas* cristã. Foram instituídas nos anos de amadurecimento do pensamento e da atividade educadora de Dom Bosco, que as prestigiava ao máximo perante os educadores e alunos e quis introduzi-las nos colégios. À medida que as organizações se tornavam mais complexas e articuladas, Dom Bosco acentuava seu escopo educativo e chegou a chamá-las "chave da piedade, conservatório da moral, sustentáculo das vocações eclesiásticas e da Religião". A do Pequeno Clero se revelava, para ele, de grande significado psicopedagógico para a cultura, para o desenvolvimento e a formação eclesiástica.[121]

Cada uma delas operava na linha da seguimento do próprio Protetor, da devoção dirigida a obter uma especial proteção, sendo que incluía elementos formativos (prática sacramental e de oração, cumprimento do dever, acentuando-se a caridade recíproca, a educação para a solidariedade e sociabilidade cristãs, o bom exemplo e o exercício do apostolado) e elementos organizativos (livre participação e atividades).[122]

As Companhias representavam, no Sistema Preventivo, a exaltação do "primado da caridade" (teológico e metodológico) na educação juvenil e a viva acentuação da função apostólica juvenil na construção de enérgicos e íntegros caracteres cristãos.

---

[121] *MO* 58-60; fundação das Companhias em 1847 (*MB* III, 216-219, de S. Luís; V, 479-482, Companhia da Imaculada 1856: *MB* V, 759-761; do SS. Sacramento, 1857; V, 190-198, de S. José, 1959); prestigiadas por Dom Bosco (*MO* 183-184; *MB* IX, 455); introduzidas nos colégios (*MB* IX, 66-77; X, 1018); com fim educativo e moral (*MB* XII, 26; X, 1103; XII, 184, etc.); *MB* XII, 89, Pequeno Clero. Dom Bosco fundou somente a Companhia de S. Luís. As demais nasceram de iniciativas dos próprios alunos.

[122] Imitação (*Regolam. dell'Oratório*, c. 11, a. 1; *MB* III, 214-215; VI, 194-194); prática sacramental e... (*MB* III, 216-217; V, 759-760, 788-793; VI, 195-196); cumprimento do dever (*MB* III, 216-217; VII, 415-416; VI, 195; V, 469-473; X, 1337-1338; V, 475-477; VII, 23-24; V, 927-928, 871; VI, 516 e 521); livre participação (MB IV, 299-300-310; VI, 190; MB 5, 760, 788); liberdade de... (*MB* III, 220; V, 760; VI, 196 -197); diretor espiritual (*MB* X, 1044); *guarda imperial* (*MB* VII, 415-416 e *Vita di Dom. Savio*, p. 47).

## 8. RESULTADOS ALCANÇADOS POR DOM BOSCO

O resultado é o próprio sistema educativo, criado e posto em execução por Dom Bosco. Por ele foram educados santos como ele mesmo: Domingos Sávio (primeiro adolescente não mártir canonizado), Miguel Magone, Francisco Besucco, Bem-aventurados Miguel Rua e Felipe Rinaldi, respectivamente, primeiro e terceiro Superiores Gerais dos Salesianos e outros. Com seus alunos fundou a Congregação Salesiana. Formou mais de 1.000 padres diocesanos, uma plêiade de missionários, fundadores de casas salesianas, bispos, um cardeal (João Cagliero), escritores, latinistas, poetas, músicos, arquitetos, artistas, educadores, etc.

A Associações de Ex-Alunos, origem de outras, inclusive de Congregações Religiosas, criada por eles próprios, constituiu um atestado significativo da validade de seu trabalho de educador. Ainda deles provém a grande parte dos alunos dos colégios salesianos da atualidade, inclusive no Brasil.

Seria impossível, dados os limites deste trabalho, apresentar os resultados só da gestão de Dom Bosco. Não deixou ele um sistema acabado, nem o pretendia, nem teria tempo útil dadas as suas inúmeras e variadas ocupações. Recusou propositadamente deixar por escrito um sistema educativo, para que fosse desenvolvida a criatividade da parte dos seus sucessores salesianos em seu aperfeiçoamento conforme os tempos, os lugares e os diversos tipos de sociedade. Ele mesmo afirmou que não morria contente por se considerar incompreendido...

Sua visão educativa demonstra não-completude efetiva e deixa inexplorados vários setores, como a educação feminina, a própria educação masculina no que se refere à infância, à meninice, à juventude madura, à educação estética, político-social, ao amplo setor da didática. Queria ter campo aberto e liberdade de movimento no setor educacional, sem ser prisioneiro de sistemas educativos herméticos e rígidos. Essa liberdade de movimento de Dom Bosco parece contrastar com a posição de CHARLOT, para o qual a clausura escolar, protegendo a criança, mascara o fato de que a escola funciona segundo os ideais da sociedade burguesa, ignorando as realidades sociais e as lutas sociais reais.[123] Dom Bosco pretendia que, em

---

[123] Bernard Charlot, *A mistificação pedagógica; realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação.* Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 203-209.

suas escolas, se formasse o bom cristão e o honesto cidadão. Um e outro objetivo não estavam separados: as duas cidades, ou seja, a cidade de Deus e a cidade dos homens, deveriam marchar unidas. Dom Bosco não concebia o exercício da cidadania separado dos deveres de um bom cristão: o honesto cidadão devia ser um bom cristão e vice-versa.[124]

Na terceira parte deste trabalho trataremos da história da execução, ou seja, da prática dos principais instrumentos deste sistema educativo, cuja síntese acabamos de apresentar, nos internatos escolhidos e considerados modelares na época enfocada por este estudo.

---

[124] Vide Pietro BRAIDO, Buon cristiano e onesto cittadino; una formula del'umanesimo educativo di Don Bosco, *Ricerche storiche salesiane, a. XIII, n. 1 (24): gen-giug. 1994.*

# TERCEIRA PARTE

## O SISTEMA SALESIANO DE EDUCAÇÃO NO BRASIL

O Brasil não deve pouco aos estabelecimentos salesianos. Deus multiplique por nossa terra estes viveiros de trabalho e moralidade, ensinando os nossos conterrâneos a lhes agradecer os benefícios, a fazer justiça ao generoso apostolado, que os distribui ao nosso povo (Livro de Visitas).

*Campinas, 4 de dezembro de 1911.*

*Ruy Barbosa*

CAPÍTULO VII

# A TRANSPLANTAÇÃO DO PROJETO EDUCATIVO: O INTERNATO

No início do primeiro capítulo deste trabalho, fez-se referência à viagem de exploração do Rio de Janeiro a Belém do Pará por Dom Luís Lasagna,[1] que fora nomeado, em 1881, dirigente da nova Província Salesiana do Uruguai e do Brasil, recém-criada, separando-a da Argentina. No Uruguai, os Salesianos conseguiram inserir-se na sociedade, graças ao pres-

[1] Luís Lasagna (1850-1895), nascido em Alessandria, freqüentou o curso secundário no Oratório de Valdocco e obteve o título de professor de Ginásio Superior, na Universidade de Turim. Ordenou-se sacerdote antes mesmo da idade legal. Brilhante professor, aceitou o convite de Dom Bosco e embarcou para o Uruguai, onde abriu o primeiro colégio salesiano, em Villa Colón, perto de Montevidéu. Desenvolveu intensa atividade nos mais diversos setores, entre eles três escolas para crianças desamparadas, uma sociedade para operários (quase um escândalo na época), o observatório meteorológico (1881); conquistou o respeito, a admiração e a simpatia de todos. Dominava com facilidade, além do latim, o grego antigo, o italiano, o espanhol, o português, o francês e o inglês. Em 1881, foi nomeado superior (Inspetor) da nova Província Uruguaio-Brasileira e em 1893, bispo titular de Trípoli. Sua morte, em acidente ferroviário perto de Juiz de Fora, traumatizou os Salesianos, freando um pouco o desenvolvimento da obra salesiana no Brasil e no Paraguai, países confiados aos seus cuidados.

tígio alcançado por suas escolas e no contexto geral desse país. O colégio de Villa Colón alcançara uma posição de destaque como símbolo de renovação escolar, especialmente católica. Seu observatório meteorológico assumira importância nacional e a paróquia de Paisandu demonstrava um campo fértil de renovação pastoral.

O sucesso do trabalho dos Salesianos chegara ao Brasil, de onde começavam a chegar pedidos de Bispos ao novo Provincial no sentido de abrir instituições semelhantes em suas dioceses. Dom Bosco tinha se tornado conhecido no Brasil, graças à imprensa francesa, que falava de suas viagens e de suas realizações. Deve-se, entretanto, a D. Pedro Maria de Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro, o início das negociações com ele. Por ocasião do Concílio Vaticano I, houve a visita do Bispo, pessoalmente, ao Oratório de Valdocco, onde passou uma semana e tomou contato com sua experiência educativa. Ficou vivamente impressionado com o ambiente ali reinante. Daí para a frente, não descansou enquanto não trouxe os Salesianos para sua diocese. Sua atitude contagiaria os demais Bispos brasileiros.

O Império do Brasil constituía um mistério para os Salesianos. Por essa razão, Pe. Luís Lasagna resolveu realizar uma viagem exploratória pelas costas do Brasil, a partir do Rio de Janeiro até Belém do Pará, em companhia do seminarista Teodoro Massano. Uma parte dela fê-la em companhia do novo internúncio da Santa Sé junto ao governo brasileiro, Dom Mario Mocenni, que o ajudou a planejar algumas obras nas cidades e uma missão entre os índios. Ao retornar ao Rio de Janeiro, Pe. Luís Lasagna propôs ao governo imperial criar um vicariato apostólico na Amazônia e uma nova diocese em Alagoas. Pretendia estabelecer a sede da futura Província Salesiana Brasileira, no Rio de Janeiro, que seria o centro de apoio a outros dois, Cuiabá e Belém e, desse modo, atenderia à evangelização da Amazônia e do Planalto Brasileiro.

Mato Grosso apresentava as condições ideais para o estabelecimento deste plano pelo clima favorável, pela ausência da febre amarela, pela fertilidade do solo, pela suficiência de meios (aliás, incomparavelmente mais abundantes que na Patagônia) e pela situação geográfica, no centro da América do Sul, sendo, pois, considerado um ponto estratégico para atendimento missionário às regiões norte do país e aos países andinos limítrofes. No Brasil, o projeto missionário salesiano gozava do beneplácito do Imperador Pedro II, dos favores do Internúncio Apostólico, de numerosos pedidos dos Bispos, além do apoio do Papa. O projeto de Pe. Luís

Lasagna, em relação ao Brasil, assemelhava-se ao de Dom Bosco para a Patagônia.[2]

## 1. NEGOCIAÇÕES E DIFICULDADES

Os primeiros contatos com os Salesianos deram-se em 1876, com D. Pedro Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro, em Turim, e prolongaram-se até 1882, primeiro por falta de pessoal, segundo porque Dom Bosco desejava conhecer uma proposta concreta bem clara sobre o que ele desejava dos Salesianos e que fosse condizente com os objetivos da Congregação, além do apoio imprescindível das autoridades governamentais, o que só foi concretizado neste ano, quando da primeira grande viagem pelas costas do Brasil até Belém do Pará.

Os Salesianos iniciaram objetivamente seu projeto educativo, atendendo ao apelo dos Bispos, ou seja, com o ensino primário, das artes, dos ofícios e da música aos filhos do povo. Em seguida, instalaram, paulatinamente, o ensino secundário, sem nunca abandonar o ensino elementar, aliás, requisito fundamental para a aprendizagem das artes, dos ofícios e do comércio.[3] O ensino secundário, porém, fazia parte do projeto de Dom Pedro Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro.

Numa de suas cartas, dizia:

*A grande obra, que temos em vista, é um estabelecimento, onde se ensinem alguns ofícios e artes, que possam garantir o futuro de rapazes menos favorecidos da fortuna, proporcionando a muitos deles os meios de também cultivarem as letras. preparando-se para alhures receberam instrução mais elevada, se não se contentassem com a condição de artistas e operários.*[4]

O Bispo queria que também se ministrasse o ensino secundário aos menos desfavorecidos de meios. Reconhecia entretanto que, no Brasil, encontrariam dificuldades futuras provenientes dos homens não inferiores às encontradas na Argentina, na provínvia da Patagônia.[5]

---

[2] Mons. Luigi LASAGNA, *Epistolario*, v. 2 (1888-1892), p. 46-47. Vide ainda p. 47-52 deste trabalho a descrição da viagesm exploratória.

[3] *Arquivo Central Salesiano*, Roma, Carta de 23 de novembro de 1877.

[4] *Projecções Epistolares*; preciosas recordações dos 25 annos, p. 172. Grifo nosso.

[5] *Arquivo Central Salesiano*, Roma, Carta Lacerda - Bosco 07.01.1878.

Em 14 de maio de 1878, Pe. Luís Lasagna foi ao Rio. Visitou Dom Pedro Lacerda e diversas instituições de caridade e de ensino. Presenciou multidões de meninos nas ruas, sem higiene e o estrago da malária que fabricava órfãos e abandonados. A Lei do Ventre Livre não conseguira segurar os filhos dos escravos menores de 18 anos nas fazendas. Muitos fugiam para as cidades, indo os pequenos infratores ou para a cadeia ou para o cemitério, vítimas da vida errante, fato que afligia o Bispo e comovia Pe. Luís Lasagna, que prometeu fazer o possível para trazer os Salesianos. A situação parecia ser pior que aquela em que se encontrava Dom Bosco ao iniciar a sua obra.

Teve audiência particular com o Imperador Pedro II, em Petrópolis. Este tomou informações pormenorizadas sobre os Salesianos, os seus objetivos e seu papel na Igreja, seus métodos de ensino e de educação da juventude, sobre os meios para sustentar as obras de beneficência que empreendiam e os resultados alcançados. Ao ouvir falar de oratórios, de internatos, de escolas profissionais, de colônias agrícolas, manifestou o desejo de se transplantasse para o Brasil a instituição de Dom Bosco.

No dia 26 de julho de 1882, foi comprada uma "modesta casa", em Niterói, no bairro Santa Rosa, juntamente com o terreno anexo, planejada para ser "grande asilo de meninos pobres e abandonados e talvez um viveiro de novos missionários", à imitação do Oratório de Valdocco, para levar a cruz e a civilização cristã ao centro da América Meridional.[6] Sonhava Pe. Luís Lasagna daí partir para o Pará, Cuiabá, esta "na terra mais desconhecida da América..." mencionando uma expedição infeliz de um explorador francês, escrevia, referindo-se à metodologia de evangelização dos indígenas da região amazônica: "A espada não serve; é necessária a cruz".[7]

As dificuldades acima mencionadas logo apareceram, mas não desanimaram o Bispo que, em 22 de junho de 1882, publicara uma longa carta pastoral conclamando seus diocesanos a prestarem apoio e ajuda aos Salesianos e o fazia em favor da infância e da juventude brasileira, especialmente a da Província e Diocese do Rio de Janeiro.

---

[6] Juan E. BELZA, Lasagna el obispo misionero; introduccón a la historia del Uruguay, del Brasil y del Paraguay, p. 247-248.

[7] Carta de Pe. Luís Lasagna a Dom Bosco, Projeções Epistolares; preciosas recordações dos 25 anos, p. 14-24.

Mostrava Dom Lacerda uma visão aberta para com a instrução das classes simples, conhecendo muito bem a tendência bacharelesca do brasileiro. Não lhes limitava a simples instrução primária e técnica de nível inferior. Falou dos seus contatos com Dom Bosco, com os seus discípulos e com sua experiência educativa na Itália, na França, na Argentina e no Uruguai e dos ótimos resultados obtidos. Graças ao Governo Imperial, já obtivera boa quantia de dinheiro para pagar a passagem de Turim ao Rio de Janeiro.

Ainda insistindo sobre o objetivo do projeto, dizia que se tratava do ensino de ofícios, de artes e dos fundamentos de letras a "rapazes pobres ou menos favorecidos da fortuna", sem deles receber "pensão elevada ou onerosa", mas antes aceitar gratuitamente o maior número possível de jovens, sempre em proporção com os meios de que o estabelecimento poderia dispor.

Mas acrescentava que, sem o óbolo, sem a ajuda dos concidadãos e dos diocesanos, seria inexeqüível a obra. E solicitava a colaboração dos vigários e curas da Diocese. Pedia, ainda, o apoio da imprensa.

Interessante é que os Salesianos iniciaram objetivamente seu projeto educativo, atendendo o apelo dos bispos, ou seja, instituindo o ensino primário e o das artes e ofícios aos filhos do povo e, paralelamente, o ensino secundário, que fazia parte do projeto de Dom Pedro Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro. De início, todavia, o ensino profissional foi mais enfatizado. Os alunos secundaristas eram um apêndice, pelo menos no Liceu Coração de Jesus e no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora. E o regime adotado, o de internato, passou a vigorar em quase todas as escolas salesianas mais importantes, pelo menos até a sétima década do século XIX.

Que significou o internato para os Salesianos?

## 2. O INTERNATO SALESIANO

"A instituição ideal do século XIX", escreve ARIÈS, "seria o internato, que fosse o liceu, ou um pequeno seminário, ou um colégio religioso ou uma escola normal".[8] Os ingleses tinham-no como essencial no sistema educativo, além de acessoriamente fonte não desprezível de rendi-

[8] Philippe ARIÈS, *História social da criança e da família*, p. 191.

mentos. Segundo FOUCAULD, o internato, inspirado no modelo conventual, aparece como o regime de educação senão o mais freqüente, pelo menos o mais perfeito, e tornou-se obrigatório com Luís XIV depois da saída dos jesuítas, transformando-se em colégio-modelo.[9]

Um artigo publicado, sem autor, no Boletim Salesiano revelava a preocupação dos pais na escolha da melhor escola para seus filhos. Na França, em 1903, o governo francês fechava 2.500 escolas católicas, estatizando todo o ensino, provocando protestos generalizados em todo o país. Nesse artigo, discutiam-se as diferenças entre as escolas governamentais e a escola religiosa, invocando em defesa desta, além dos antigos como Juvenal e Quintiliano (que defendiam o respeito à criança e o valor da disciplina no corpo discente e da virtude dos mestres). Um deputado anticlerical francês colocara os filhos numa escola religiosa, e outros, como Lamartine e o inglês Lord Byron. Para o articulista, o colégio era "lugar de recolhimento e de estudo, como que uma oficina cheia de atividade e de vida onde se preparam em silêncio os tesouros do futuro..."[10]

Os Salesianos, por sua vez, o consideraram como o modelo mais completo de educação por mais de 100 anos. Era um regime em que os alunos ficavam reclusos, separados dos pais, para receber instrução e educação da parte de pessoas que a eles se dedicavam em tempo integral, dia e noite, num espaço exclusivamente reservado.[11] Formava uma comunidade com vida própria de grande significatividade.[12]

Caracterizava-se esta comunidade por ser:

a) isolada do mundo porque o ambiente externo em nada, ou dificilmente, influía, o que se conseguia pelo controle das saídas, do tempo de férias,

---

[9] Michel FOUCAULD, *Vigiar e punir*, p. 130.

[10] Lamartine fugira da escola governamental e sua mãe o colocou numa escola religiosa onde se deu muito bem, especialmente pelo ambiente impregnado de religiosidade e de espírito de família. Byron, protestante, colocou sua filha num mosteiro católico, por considerar a religião indispensável. Cfr. Escolas e collegios catholicos, Boletim Salesiano, 2 (1); verso da primeira contracapa, jan. 1903. O Boletim Salesiano normalmente revelava, pelo menos, o pensamento oficioso da Congregação Salesiana.

[11] CARON chama-o de reclusão do corpo e do espírito. Cfr. Jean-Claude CARON, Os jovens na escola: alunos de colégios e liceus na França e na Europa, (fim do séc. XVIII-Fim do séc. XIX), in Giovanni LEVI e Jean-Claude SCHMIDT, A História dos Jovens: a época contemporânea, p. 155.

[12] Cfr. *36º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus*, 1921, p. XIV.

entrada de jornais, correspondência, controle dos livros e revistas, do cinema (censurado) e da intervenção de pessoas estranhas.[13]

b) significativa, porque os regulamentos só a ela se referiam e porque a Congregação Salesiana nela empenhou a maior parte de seu pessoal religioso. O pessoal externo (professores, funcionários e auxiliares) entrou apenas para suprir a sua carência, mas era considerado uma anomalia, uma excrescência que deveria ser eliminada, porquanto a educação salesiana, assim se pensava, só poderia ser ministrada por religiosos salesianos. O externato era apenas um anexo.

c) dedicada à formação integral dos alunos pela utilização de: 1) uma organização temporal: horário, calendário escolar, férias e tempos especiais de formação (companhias religiosas) e 2) organização espacial: todo o ambiente espacial era de uso exclusivo seu. Os externos não tinham acesso a ele. Os alunos internos eram separados em grupos, chamados Divisões, por idade, tamanho, seriação, etc. Cada divisão ou turma possuía espaços próprios exclusivos. Os ambientes de uso comum eram a igreja, o refeitório e as salas de aulas.[14]

d) Pelas suas práticas próprias, como desportos, festas, desfiles, passeios, coral, teatro, cinema, etc.

As reuniões da direção, em seus diversos níveis, sempre velaram para que essas características fossem conservadas; como testemunham os livros de atas, circulares dos Inspetores, as admoestações contínuas e insistentes, faladas e escritas, dos dirigentes máximos da Congregação, inclusive em suas visitas extraordinárias. Seria longo, para não dizer enfadonho, pretender transcrever aqui toda a documentação relativa à matéria que, todavia, se encontra nos arquivos de suas instituições. Aqui, analisaremos o item c demoradamente e os demais, nos capítulos seguintes.

---

[13] *Regolamento* - 1906: Jornais: proibida leitura, arts. 270, 356, 397, 1236; relacionamento com externos, 320, controle de livros, impressos e ingressos de pacotes e envelopes, 322; lista de livros pessoais; saídas com os pais ou amigos, 14, 315, 838; proibidas as mulheres à mesa comum, nos dormitórios, na enfermaria e cozinha, 55.

[14] Vide nota 7.

## 2.1. Organização temporal do internato

Uma das dificuldades da instalação do modelo de internato foi o horário, o "controle da atividade", segundo FOUCAULD, uma velha herança dos monges, "especialistas do tempo, grandes mestres do ritmo e das atividades regulares".[15] Os Salesianos consideravam o modelo da escola de Valdocco (Turim - Piemonte - Itália), criado pelo próprio Dom Bosco, como o protótipo educativo a ser utilizado em qualquer parte e no todo. Logo de início, o horário tornou-se um tema de discussão: não podiam conceber outro. As cartas dos primeiros Salesianos dele falavam com emoção e saudades.[16]

Dom João Cagliero, ao visitar os três colégios salesianos do Brasil (Niterói, Lorena e São Paulo), verificou que adotaram o brasileiro e determinou que utilizassem o italiano, seguido pela Casa Geral de Turim (Valdocco)[17]. No Brasil, devido ao calor excessivo, à prostração das condições físicas dos Salesianos, fazia-se, além do café da manhã cedinho, uma refeição às 9h30 (dejeuné) e o jantar às 16h30. As oficinas dos jovens funcionavam das 10h às 16h30.[18] Pe. Luís Lasagna achava, de fato, pouco porque o resto do tempo era dedicado aos estudos e às aulas. Niterói havia adotado o horário italiano e as doenças atingiram os membros desta instituição.

Para resolver o problema, recomendou Pe. Luís Lasagna que se retornasse ao horário antigo se esta disposição fosse aprovada pelos médicos.[19] Consultados os médicos, houve unanimidade em concluir que as grandes doenças do Colégio derivavam da vigência do horário italiano. Triunfou, pois, o horário brasileiro.[20]

O horário, normalmente, era distribuído em tempos, não mais de hora e meia, para que os alunos não sofressem tédio, aborrecimento ou cansaço e, assim, pudessem aproveitar, eficientemente, o desenvolvimento de suas atividades. Colhemos, à guisa de exemplo, o horário do internato do Liceu Coração de Jesus, mais ou menos sem diferenças relevantes das demais escolas salesianas.

---

[15] Michel FOUCAULT, *Vigiar e punir*, p. 136-137.

[16] Ver Luigi LASAGNA, *Epistolario, passim.*

[17] Luigi LASAGNA, A Dom Michele Rua, 30.08.1890, *Epistolario*, v. 2, p. 423.

[18] No Ginásio São Joaquim de Lorena, o horário do almoço era às 9h30. Pe. Pedro ROTA, *Relazione della visita straordinaria fatta nel 1908*, p. 42.

[19] Luigi LASAGNA, *Epistolario, ASC* 717, Ao Pe. Peretto, (agosto 1891), p. 477.

[20] Luigi LASAGNA, *Epistolario, ASC* A 441 05 39, A Dom Michele Rua, 19.09.1991, p. 482-483.

| Mapa 2<br>HORÁRIO BÁSICO DO INTERNATO DO LICEU CORAÇÃO DE JESUS | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | DIAS COMUNS | DOMINGOS PEQUENOS | DOMINGOS NO INVERNO | QUINTAS-FEIRAS |
| 5:30 | (sino às 5,25 e ??? | | (para todos) | Levantar |
| 6:00 | Missa-Café recreio | Levantar | 1ª Missa café - recreio | Missa - Café |
| 6:30 | | | | |
| 6:45 | | Missa | | |
| 7:15 | | | | Passeio |
| 7:45 | 1º Estudo (aulas de música, datilografia, etc.) | | | |
| 7:55 | | | Estudo | |
| 8:00 | | Estudo | | |
| 8:15 | | | | |
| 9:00 | | Recreio | 2ª Missa recreio | |
| 9:15 | Aula da manhã | Estudo | | |
| 10:15 | Recreio | | | |
| 10:30 | Almoço recreio | | Almoço | Almoço e recreio |
| 11:45 | 2º estudo | | | |
| 12:00 | 1ª aula | | 2º Estudo | 2º Estudo |
| 12:50 | 2ª aula | | | |
| 13:00 | | | | Café recreio |
| 13:30 | | | Café recreio | |
| 13:40 | Café | | | |
| 14:30 | 3º Estudo | | | |
| 14:45 | 3ª aula | | | |
| 15:15 | | | | 3º Estudo |

| | DIAS COMUNS | DOMINGOS PEQUENOS | DOMINGOS NO INVERNO | QUINTAS-FEIRAS |
|---|---|---|---|---|
| 15:35 | 4ª aula | | | |
| 16:15 | | | | Asseio |
| 16:20 | Asseio | | | |
| 16:30 | | | Recreio - Jantar | |
| 17:00 | Jantar recreio | | | Jantar recreio |
| 18:15 | | | Bênção | |
| 18:30 | 4º estudo (aula de civilidade na 4ª feira) | | | 4º Estudo |
| 19:00 | | | 4º Estudo | |
| 20:00 | Oracões - Descanso | | | Orações Descando |
| 20:15 | | | Orações Descanso | |

Nos anos 60, no Liceu N. S. Auxiliadora e, nos anos 50, no Ginásio S. Joaquim, o horário de almoço e dos alunos internos era às 11h e no jantar, respectivamente, 17h50 e 18h, havendo aulas pela manhã (duas) e pela tarde (duas), precedidas por uma hora de estudo.

## 2.2. Estrutura espacial e predial do internato e da formação do ambiente educativo

CARON escreve que o tamanho das escolas variava muito na França e na Europa, como também em relação ao número de alunos. "As construções freqüentemente vetustas, dormitórios mal aquecidos e mal arejados, pátios estreitos e desnudos: tonalidade dominante, inclusive nos grandes liceus: o cinza-muralha". Uns se assemelhavam a um hospital ou prisão, outros encontravam-se em estado de grande deterioração. Havia exceções "tardias", que constituíam verdadeiros parques esportivos, como os pertencentes a congregações docentes alojadas em antigos conventos, cercados quase sempre por jardins, do mesmo modo que as "public schools" inglesas rodeadas por gramados "densos e verdes". Observava ainda que o

quadro da vida dos alunos dos colégios e dos liceus não correspondia aos ideais pedagógicos professados.[21]

O edifício do *Ateneu* descrito por POMPÉIA possuía quarenta janelas, que, iluminadas, dava ares de encantamento à noite.[22] RANGEL, em sua sátira sobre um colégio feito para satisfazer a vaidade e o lucro, assim escreve sobre seu proprietário:

*Obteve uma esplêndida chácara para a escola normal e grandes prédios para o ginásio. Sem discutir preços nem condições. Depois disso, seu primeiro cuidado foi reformar tudo, demolindo, reconstruindo, pintando e aprimorando...*

*No prédio principal, de enormes dimensões, havia outras salas de aulas, e eram ainda nele a secretaria, o refeitório, os dormitórios e demais anexos do internato...*[23]

Elementos importantes no Sistema Preventivo de Dom Bosco, além da construção de um ambiente sadio e do protagonismo juvenil, são também os grandes espaços. No tratamento deste item, seguimos a doutrina do Pe. Felipe Rinaldi, que posteriormente foi o terceiro sucessor de Dom Bosco no governo da Congregação Salesiana. Assim, os internatos não podiam ter aparência de ambientes fechados como se fossem casas correcionais, inaceitáveis para os jovens, por os envergonharem. As casas salesianas deveriam ser construídas para elevar os jovens, jamais para rebaixá-los, e respeitar-lhes a liberdade de sair e entrar.[24]

Nos prospectos, recomendados pelo Regulamento dos Salesianos, são sempre exaltadas as qualidades geofísicas da localidade em que está localizada a escola, como aliás o mesmo fazia o *Prospecto* do Colégio São Pedro e São Paulo de Avaré, uma escola de um professor leigo: "A cidade mais salubre do Estado de São Paulo (...)... acha-se instalado e funcionando no espaçoso e elegante palacete (...), prédio este dotado de todas as

---

[21] Jean-Claude CARON, Os jovens na escola; Os alunos dos colégios e liceus na França e na Europa (fim do séc. XVIII - fim do séc. XIX), in: *História dos Jovens*, organização de Giovanni Levi e Jean-Claude SCHMIDT; trad. de Paul Novais, Nilson Moulin, Maria Lúcia Machado, p. 155-157.

[22] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p.18-19.

[23] Godofredo RANGEL, *Falange Gloriosa*, p. 49.

[24] Filippo RINALDI, *Conferenze pedagogiche*. Dois volumes manuscritos, em italiano, de Carlos Leôncio da Silva, Arquivo da Inspetoria Salesiana de S. Paulo. Felipe Rinaldi, beato, tinha sido o 3° Superior Geral dos Salesianos.

condições higiênicas e pedagógicas".[25] Na época, as escolas públicas também esmeravam-se por seus belos e artísticos prédios escolares, sempre em estilo romano.

Um colégio bonito, imponente por si, favorece a elevação do ânimo do jovem... Em se tratando de internato, pode até facilitar a sua regeneração, caso seus pais tivessem intenção de considerar "casa correcional", se, além do espaço físico atraente, o jovem encontrasse um ambiente de relacionamento familiar, fácil e aberto com seus superiores, longe de todo formalismo ou convencionalismo. Pe. Felipe Rinaldi dizia que, para Dom Bosco, "os grandes locais, além de abrigar a todos, facilitam a estarem juntos. Se por vezes aceitou pequenos, foi por necessidade. É seu modo de desenvolver o Sistema Preventivo, de ter a colaboração dos jovens".[26]

Os lugares pequenos exigem mais assistentes para todos com aumento de despesas e menor rendimento. Um assistente pode tomar conta de duzentos jovens, mas exige a colaboração dos demais superiores, pátios grandes, pórticos grandes, tudo grande. Dom Bosco já havia planejado o desaparecimento das pequenas salas ("camerette"), do prédio de Valdocco.[27] De fato, o Oratório de Dom Bosco cresceu extraordinariamente e tornou-se uma das obras mais grandiosas e suntuosas da Congregação Salesiana, visto que, para os jovens, tudo deveria ser bem feito e bonito. E foi considerado o protótipo de toda instituição dirigida pelos seus membros.

Por quê? Era preciso que atendesse à construção de uma igreja, das salas de aulas, de um grande salão de atos (teatro) e pátio. Em linguagem simbólica, devia atender a necessidades religiosas, acadêmicas, técnicas, culturais e de lazer, ou seja, aquilo que de imediato precisa um menino. Um dos personagens de *Doidinho* de José Lins do REGO afirmava: "Do que vocês precisam é o de correr. Não se cria menino em quatro paredes".[28]

---

[25] Esta escola fazia questão, no artigo 11 de seu prospecto, de afirmar que "todos os alunos serão instruídos teórica e praticamente nas verdades fundamentais da religião católica". Crônicas do Liceu Coração de Jesus, Recortes... AISSP.

[26] Carlos Leôncio da SILVA, *Conferenze di D. Filippo Rinaldi*, p. 171-176. Dizia Pe. Rinaldi: "Os jovens corrompidos e que são nocivos aos colegas deverão ser afastados". Manuscritos.

[27] Ibid.

[28] José Lins do REGO, *Doidinho*; estudo de José Carlos Vilaça, 35ª ed., p. 25.

Os Salesianos, no Brasil, receberam ou adquiriram grandes espaços, com terrenos extensos, quase sempre superiores a um hectare e meio. Nota-se a preferência total dos Salesianos por grandes áreas territoriais, quase sempre bem localizadas. Aqui citamos apenas os colégios mais antigos, mas os novos não deixam a desejar quanto a este aspecto.

Na introdução dos prospectos, fazia-se o "marketing" da instituição,[29] descrevendo-se os aspectos físicos relevantes, sempre otimistas, de clima, da geografia e das instalações dos edifícios, embora na correspondência individual se expressassem queixas contra os mosquitos, o calor (como a dos Salesianos do Colégio Salesiano de Niterói).

Da Inspetoria Salesiana de São Paulo podem ser destacados:

1) **Liceu Coração de Jesus** (1885), no centro velho de São Paulo, com 15.178,87 m² e 20.100,27 m²[30] de área construída. Hoje, a decadência do velho centro tem prejudicado o ar aprazível e o ambiente humano dos Campos Elísios onde estava, como vizinho da escola, o belo palácio dos governadores do estado, que artística e arquitetonicamente faz parte hoje do parque histórico e turístico da Cidade.

2) **Colégio São Joaquim** (1890), inicialmente com 18.108,21 m², depois 21.437,71 m², em Lorena, "reconhecida geralmente por uma das mais saudáveis e amenas de São Paulo, e com a comodidade da Estrada de Ferro Central do Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro, de cujas capitais se contam apenas seis horas de viagem".[31] Tinha três campos de futebol.

3) **O Liceu Nossa Senhora Auxiliadora** (1897), com 140.000 m², de terreno próprio, de 815.000 m², incluindo a Escola Agrícola Campineira (setenta e cinco alqueires), hoje com 79,874 m² e área construída de 20.088 m². Dele

---

[29] A importância do marketing aparece nos colégios da época. Os três romances clássicos mostram a grande preocupação e verdadeira obsessão pelo bom nome das escolas de suas propriedades, das quais faziam intensa propaganda e o diretor-proprietário do colégio sul-mineiro, centro do episódio narrado por Godofredo Rangel, não tinha escrúpulo algum em corromper as autoridades fiscalizadoras do ensino.

[30] Atualmente, após a grande reforma sofrida, deve ter aproximadamente 22.000 m².

[31] *Crônicas do Liceu Coração de Jesus, III*, Programma do Collegio S. Joaquim, Arquivo da Inspetoria Salesiana de S. Paulo. O trem passa ao lado do seu terreno e a estação ferroviária, talvez uns duzentos metros. O Programa do Colégio São Pedro e São Paulo de Avaré, é largo também em elogios à salubridade desta cidade, como as condições higiênicas e pedagógicas da escola. Parece comum este tipo de propaganda, inserido logo no início do programa, como a servir de introdução.

rezava o prospecto: "O Liceu está magnificamente situado no planalto da colina Guanabara, lugar pitoresco e salubérrimo, o que se pode desejar para um estabelecimento de estudos. Tem belas avenidas, vasta chácara, aprazível parque para diversão dos alunos (...). O edifício é de plano colossal (...). O corpo central é de estilo romano".[32]

No que diz respeito a localização e instalações, o prospecto do ano de 1917 do Liceu de Nossa Senhora Auxiliadora é pródigo em tecer elogios à suntuosidade do edifício, à amplidão dos salões e à profusão de ar, à vastidão dos pátios para atender a toda espécie de esportes, ginásticas e evoluções militares e até piscina para natação, tudo isso na confluência de oito avenidas entre 10.000 árvores frutíferas (onde os internos, às vezes, iam roubar frutas), gigantescos eucaliptos e pinheirais a boiar num oceano de verdura.[33] Hoje possui quatro campos de futebol, além de meia dúzia de quadras polivalentes, entre outros.

---

[32] *Anuário do Liceu de Nossa Senhora Auxiliadora, ano 1913*, p. 49. O prédio parece com o Palácio de Versailles.

[33] *Prospectos do Lyceu N. S. Auxiliadora*, Nictheroy, Esc. Typ. Salesiana, 1917. ASC, Roma. Na Inspetoria de São Bosco, com sede em Belo Horizonte, podem ser citados:
1) O Colégio Salesiano Santa Rosa 1883), Niterói, com 98.000 metros quadrados e 22.295 de área construída (dezesseis quadras esportivas). Afirmava-se no Prospecto:
"Acha-se situado em uma das mais amenas e saudáveis localidades do Estado do Rio de Janeiro, suficientemente afastado da cidade de Niterói, para que os alunos possam gozar de toda a tranqüilidade e de todo o necessário para se aplicarem seriamente aos estudos... O estabelecimento consta de uma série de edifícios de vastos edifícios adaptados a todas as necessidades e conveniências de um colégio, grandes espaços e arejados salões, espaçosos recreios, pátios de ginástica, lindas avenidas para passeios higiênicos, teatro, banheiros e, em fim, tudo que pode garantir os pais de famílias, a par de para o bem estar físico e saúde de seus filhos.
De cima da colina, onde está colocada uma bela imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, o expectador goza de uma visão deslumbrante da Bahia da Guanabara".
2) As Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo, com aproximadamente 250 hectares (1.660 ha, segundo relatório de Pedro TIRONE, de 1931) e o grande quartel quadrado de dois pavimentos, que ocupava uma área de 12.733 m² e 30.000 m² de área aproveitável, dos quais aproximadamente uns 8.000 m² de área construída, incluindo a casa dos antigos governadores das Minas Gerais, na era colonial. A posição da escola oferece uma vista bonita e numa posição estratégica, tanto assim que visava controlar a entrada e saída para a região das minas, situadas em Ouro Preto e Mariana.
Na Missão Salesiana de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, aparecem, entre outros:
1) Liceu Salesiano São Gonçalo (1894), Cuiabá, com 33.832,54 metros quadrados e área construída (atual) de 14.613,2 m², um dos maiores de Cuiabá, a cidade das casas-grandes e sobrados com grandes e verdejantes quintais.
2) Colégio Santa Teresa, Corumbá, com 17.394,54 metros quadrados e área construída (atual) de 14.615,10 m²; o prédio é atualmente a maior área construída no centro da cidade.
3) Colégio Dom Bosco (1930), Campo Grande, com 21.488,21 metros quadrados e área construída (atual) de 18.121,59 m², a maior área construída da cidade e o Centro Desportivo Dom Bosco, com 103.042,94 m² e área construída (atual) de 8.080 m².

Significativo é que o modelo dos grandes e suntuosos colégios de padres aparece também entre os Jesuítas. Gilberto Freyre, ao se referir aos dos jesuítas, afirmava que o colégio de padre, quase sempre um sobradão enorme, marcou a paisagem social no Brasil, como a rivalizar com as casas-grandes da família patriarcal ou os sobrados imponentes das cidades brasileiras, como Salvador.[34]

Os colégios salesianos começaram pequenos, com exceção das Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo, e, em pouco tempo, tornaram-se enormes e suntuosos. Parece que há uma diferença quanto ao fim, ou seja, o grande colégio, segundo Dom Bosco, pretende ser um vasto abrigo para atender todas as necessidades da criança e do jovem, como aliás também o faziam, em parte, a casa-grande e o sobrado. Esses possuíam, nos fundos, uma grande área, chamada quintal, para que os (as) meninos (as) gozassem de um espaço para os seus folguedos e lazer e ficassem longe dos moleques da rua.

Os Salesianos sempre consideraram importantes os grandes espaços para o desenvolvimento das atividades de educação física e desportiva, e para um convívio mais aberto. Esse comportamento não existia na família patriarcal. Perante esta, os meninos deviam falar baixo, sair quando os grandes estivessem conversando e brincar sem fazer barulho, em suma, guardar distância como um ser inferior, subordinado e subserviente.[35]

Por sua vez, a sociedade local pressionava os Salesianos a adequar seus estabelecimentos às exigências legais vigentes, pelo menos quanto aos edifícios e instalações escolares. A Reforma Epitácio Pessoa, em 1901, privilegiando o ensino secundário, influiu no panorama escolar dos Salesianos no Brasil. Estes foram afetados pelo impacto desta lei, tanto que o Conselho Provincial de São Paulo solicitou aos dirigentes superiores da Congregação Salesiana pessoal para atender às mudanças que se operavam rapidamente. Era arriscado ficar sem alunos, se se ativessem apenas ao ensino profissional.

Os Colégios Santa Rosa, São Joaquim e o Liceu Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas procuraram construir seus edifícios para atender ao meio em que estavam situados. Campinas, por exemplo, era uma cidade

---

[34] Gilberto FREYRE, *Sobrados e Mocambos*, p. 218-219.
[35] Gilberto FREYRE, *op. cit.*, 218.

abastada, situada no centro de uma das regiões mais prósperas do Estado de São Paulo, e os seus alunos provinham sempre de um nível social um pouco mais elevado que o de outros colégios salesianos.[36] Mesmo as escolas públicas da época gozavam de belas estruturas arquitetônicas que, entretanto, pecavam por deficiência quanto à área para esportes e lazer.

O Liceu Coração de Jesus, pressionado pelos barões do café, seus vizinhos no bairro, encontrou dificuldades para acompanhar às exigências arquitetônicas, por carecer de meios econômicos, já que, em seus trinta primeiros anos, era uma escola tipicamente de ensino profissionalizante de renda insuficiente para realizá-las. Mas a partir de 1910, aos poucos, através de grandes festivais, completou as duas alas da fachada principal, e, entre 1917 e 1919, construiu, em tempo recorde, uma enorme ala em forma de L de aproximadamente cento e cinqüenta metros, com dois pavimentos, tornando-se um dos mais suntuosos e belos edifícios de São Paulo da época. Era dotado de uma "enfermaria modelo, visita média diária, farmacêutico residente no estabelecimento, gabinete dentário de primeira ordem, magnífico teatro", etc. Dispunha ainda de 10.220 $m^2$ de pátio.[37]

O Liceu de Campinas mostra organização semelhante: "O edifício é majestoso, em que o conforto disputa com a estética".[38] O Colégio São Joaquim, no centro de Lorena, bem próximo à estação ferroviária, apresentava a forma de um retângulo, menos o lado oposto à imponente fachada.

Na segunda metade dos anos 10, com o aumento do número dos internos, dá-se uma sofisticação dos prospectos, que apresentavam ilustrações. Já se traçavam os objetivos da escola, com maior objetividade (como os três escolhidos para este trabalho).

---

[36] Antonio da Silva FERREIRA, Domenico Cerrato, Ispettore a S. Paolo (1925-1932); Case di formazione e collegi in un Brasile che cambia. Ricerche Storiche Salesiane, ano XII, n. 2 (23): 226, luglio-dicembre 1893.

[37] *Annuario do 38° anno lectivo do Lyceu Salesiano Sagrado Coração*, S. Paulo, 1917. Appendice "A" Foi obrigado a transferir as oficinas, chamadas "sujas", ou seja, marmoraria, marcenaria e ferraria para o Bom Retiro, sendo criado para isso o Instituto Dom Bosco, cuja planta original também era de proporções monumentais e suntuosas.

[38] *Prospectos do Lyceu N. S. Auxiliadora...* AISSP.

## 3. O PRIMEIRO PESSOAL SALESIANO E PRIMEIRAS ATIVIDADES

Pe. Luís Lasagna enfrentava dificuldades operacionais para atender o pedido do Bispo do Rio de Janeiro, bem como outros pedidos que, continuamente, chegavam de outros Bispos brasileiros.[39]

Não era empresa fácil adequar as pessoas necessárias às exigências educativas e religiosas que deveriam cumprir o quadro dirigente das novas fundações, em regiões tão diferentes do ambiente piemontês e entre si. Sua experiência organizativa e espírito de liderança foi útil ao desempenho do empreendimento. Nem todos apresentavam os requisitos necessários de formação e de experiência, com exceção dos chefes. Grande parte do pessoal era ainda seminarista (chamados "clérigos" no meio salesiano e, na época, "padres" pelos meninos e pelo povo, porque usavam batina e exerciam funções de governo). Melhor dizendo eram, em sua maioria, jovens religiosos, de votos temporários, ainda em fase de experiência na Congregação Salesiana, os "tirocinantes", hoje os chamados estagiários.

A condição necessária para a execução do Projeto Educativo Salesiano ou do Sistema Preventivo é a qualidade do pessoal. Por isso, no Regulamento, logo depois do documento oficial sobre o Sistema Preventivo, seguia o quadro de pessoal com a indicação de suas funções. A espiritualidade salesiana está toda ela enquadrada pela preventividade. Era condição essencial e primeira para o êxito de todo o trabalho educativo. Uma das características distintivas da estrutura salesiana é a de servir-se dos jovens colaboradores na educação, o que se depreende logo abaixo nos primeiros quadros de pessoal.

Os Salesianos eram instruídos e formados no Sistema Preventivo desde as fases iniciais de sua carreira seminarística, especialmente durante o noviciado, primeiro em Las Piedras (Uruguai), depois em Lorena (Brasil:

---

[39] Pe. Lasagna reclamava, em suas cartas (cfr. Mons Luigi LASAGNA, *Epistolario*), das dificuldades que encontrava para serem atendidos alguns dos seus projetos por não serem entendidos pelos membros superiores do Governo da Congregação. Gostaria de falar pessoalmente em favor da aceitação (*op. cit.*, p. 206), como por exemplo, a aceitação da casa de S. Paulo (p. 176, carta a Dom Bosco de 24/11/1883), para apoiar a de Niterói (p. 226, carta a Dom Bosco, de 23/04/1885. Em relação a de S. Paulo, não agiu por própria conta (p. 250, carta a Dom João Cagliero, de agosto de 1885), etc.

Colégio S. Joaquim).[40] O opúsculo de Dom Bosco, O *Sistema Preventivo,* que foi incorporado ao Regulamento da Sociedade Salesiana, tornou-se o documento básico da formação pedagógica dos seminaristas salesianos. Outro texto usado, nos inícios do século XX, eram o de Pe. Giulio Barberis,[41] mestre oficial de noviços da Congregação, intitulado *Appunti de Pedagogia Sacra* (172 páginas), que foi traduzida para o espanhol, a primeira parte e utilizada em Las Piedras (Uruguai). Este texto foi também usado pelos noviços no Brasil.[42]

Ver-se-á, a seguir, uma breve exposição sobre o currículo do primeiro pessoal destinado às primeiras fundações. De início, detemo-nos sobre o do primeiro colégio, o Colégio Salesiano Santa Rosa, por ter sido a experiência que ajudou, política e pedagogicamente, a fundação das outras obras salesianas, pois seus três primeiros anos foram bastante tumultuados pela imprensa liberal, que desconfiava da educação ministrada por estes novos religiosos.[43]

Efetivamente, no dia 14 de julho de 1883, chegavam, a Niterói, os primeiros sete Salesianos para fundar a primeira casa (colégio):

---

[40] Durante o noviciado, os noviços estudavam também filosofia. Usavam-se os textos de Augusto CONTI, *Storia della Filosofia*; de Salvatore TONGIORGI, *Institutiones Philosophiae* e de P. VALLET, *Praelectiones philosophiae ad mentem Sancti Thomae Aquinatis.* Alguns salesianos brasileiros, que depois se destacaram, foram José Joaquim Santana, Helvécio Gomes de Oliveira (futuro arcebispo de Mariana), Manoel Gomes de Oliveira (futuro arcebispo de Goiás), Henrique Fernandes Mourão (Bispo de Campos, depois de Lins) foram mandados estudar na Europa. Cfr. Antonio da Silva FERREIRA, Vent'anni di formazione del personale salesiano nell'Ispettoria dell' Uruguay e del Brasile (1876-1895), anno IX, B, 2 (17): Luglio-Dicembre 1990.

[41] Em 1873, ordenado sacerdote, defendeu tese de doutorado em Teologia, na Regia Universidade de Turim, último ano em que se conferiam defesas de teses em Teologia. Com supressão do curso, aquela cadeira foi transferida para a Faculdade de Teologia do Seminário Arquiepiscopal.

[42] Esses Appunti, usados nos primeiros noviciados salesianos, constavam de uma introdução sobre algumas idéias gerais da pedagogia ciência e arte, da possibilidade e necessidade da educação. A parte central estava dividida em cinco partes: educação física, educação intelectual (em quatro seções: educação intelectual em geral, o mestre, didática geral, educação da memória), educação estética, pedagogia moral e religiosa (método geral de educação, Sistema Preventivo, educação moral, meios disciplinares) e dotes de um bom educador. Trata-se de um coleta de textos de autores da época, como Allievo, Rayneri, Micheletti, Dupanloup, Monfat. Cfr. José Manuel PRELEZZO, Studio e riflessione pedagogica nella Congregazione Salesiana 1874-1941; Note per la storia, Ricerche Storiche Salesiane, Roma, anno VII - N. 1 (22): Gennaio-Giugno 1988, p. 52-54.

[43] Riolando AZZI, em seus primeiros dois volumes, de *Os Salesianos no Rio de Janeiro*, trata das escaramuças entre os Salesianos e Liberais nos primeiros anos da implantação da obra salesiana em Niterói, no Colégio Santa Rosa.

- *Pe. Miguel Borghino* (1855-1929): diretor, bom, ativo, de grande piedade, um pouco inseguro, acanhado, com dificuldades de comunicação na nova língua, com receio do trabalho que iria começar; professor de História Romana e da Idade Média, era diretor do Colégio São Vicente de Montevidéu, onde havia ordem, disciplina e a observância religiosa era edificante.[44]
- *Pe. Carlos Peretto* (1860-1923), recém-ordenado: vice-diretor e prefeito, encarregado da administração econômica e financeira; bom pregador popular; a fé e a simplicidade no relacionamento com as pessoas eram suas características.[45]
- *Miguel Foligno* (1858-1938), seminarista, ordenado sacerdote pouco depois: conselheiro escolar, ou seja, com a função de organizar os estudos, o ensino profissional e a disciplina geral; ajudaria muito na orientação das aulas de canto e de música.[46]
- *Bernardino Monti*, seminarista (e padre em seguida): assistente, devendo colaborar na manutenção da disciplina dos alunos; deixou posteriormente a Congregação.[47]
- *Irmão Domingos Delpiano* (1844-1920), com bastantes conhecimentos em arquitetura, deixou fama pelos belos projetos arquitetônicos por ele executados no Brasil e no Uruguai, de bela voz, que abrilhantaria as festas religiosas e cívicas; seria o dirigente técnico da maior escola profissional salesiana, a do Liceu Coração de Jesus.
- *Irmão José Daneri* (1849-1907), americano, encarregado da cozinha, depois foi chacareiro: "homem da humildade, do trabalho e do bom espírito".[48]
- *Irmão João Batista Cornélio* (1852-1921), auxiliar de serviços gerais; ordenado em seu trabalho, piedoso e paciente com a meninada que sempre reclamava alguma coisa a mais.[49]

---

[44] Mons. Luigi LASAGNA, *Epistolario*, v. 1, p. 230 ou Archivio Salesiano Centrale, Roma, B 717. Pe. Michele Borghino, em 1890, fundou a obra de Bahia Blanca (Argentina). Foi Provincial nos EE.UU., em 1904, e na Venezuela, em 1908.

[45] Mons. Luigi LASAGNA, *Epistolario*, p. 248.

[46] Em sua carreira de seminarista, encontrou dificuldades, superando-as. Foi Diretor em Paisandu (Uruguai) e no Brasil, Liceu Coração de Jesus; Provincial na Venezuela, México e nos Estados Unidos.

[47] Seria ordenado sacerdote posteriormente em São Paulo, onde ocupou o cargo de ecônomo do Liceu Coração de Jesus, até 1894, quando se retirou para a Europa.

[48] Luiz MARCIGAGLIA, *Os Salesianos no Brasil*, v. 1, p 266.

[49] Id., *op. cit.*, p. 278.

A esse quadro faltava o Catequista, o encarregado da formação e orientação religiosa e da saúde dos alunos. Não eram pessoas de grande cultura e formação pedagógica especializada. Os padres possuíam formação secundária e de seminário, mas para iniciar já era suficiente, ao menos, para cobrir uma parte das exigências do Bispo, ou seja, o cultivo da música, um dos itens fundamentais do Sistema Preventivo.

A casa era pequena para abrigar também a tipografia, que seria adquirido com o apoio da Conferência Vicentina, enquanto o Inspetor (Provincial), Pe. Luís Lasagna, já bastante conhecido, realizava um ardoroso trabalho de relações públicas. Os diários católicos abriram uma ofensiva promocional, provocando a reação da imprensa liberal e anticlerical. Até o momento, nem o Bispo nem Pe. Luís Lasagna falara da finalidade religiosa do seu projeto pedagógico para não despertar oposição, mas em vão. Para os liberais e anticlericais, Jesuítas, Franciscanos, Lazaristas, Salesianos, todos eram a mesma coisa.[50]

O jornal católico *O Apóstolo* somente em 5 de agosto anunciava a notícia da chegada dos Salesianos e fazia referência da semelhança entre o projeto salesiano e os ideais da Revolução Francesa proclamados, em alto e em bom som, pela imprensa da Capital do Império: "Se entre nós se grita todos os dias para instrução popular, tolerância e liberdade de consciência e ensino, pela liberdade, igualdade e fraternidade, e isso só em teoria e palavras, deixe-se, consinta-se que os salesianos ponham em prática o que em teoria se apregoe".[51]

A reação da imprensa de tendência liberal foi imediata, considerando os salesianos jesuítas camuflados. O Bispo D. Pedro Lacerda foi obrigado a tomar, sob sua defesa e proteção, os Salesianos, que, além do mais, eram estrangeiros e mantinham-se em silêncio, seguindo as suas orientações e as de seu Pe. Provincial. O jornal *O Apóstolo,* de 14 de novembro, escrevia que não havia razão para medo, porque os Salesianos

---

[50] Eram os jornais *A Folha Nova, Gazeta de Notícias, O Fluminense, Gazeta da Tarde*. Riolando AZZI trata longamente de sua reação contra os Salesianos e das terríveis dificuldades que enfrentaram de 1883 a 1884. Cfr. *Salesianos no Brasil*, v. 1, p. 216-388.

[51] No mesmo jornal, alguém escrevia, três dias depois, animando os Salesianos a não temerem, já que eles vinham prestar serviços, ou seja, educar e profissionalizar "os meninos pobres, sem recursos e ingênuos". Os "ingênuos" eram os libertos, filhos de escravos. *O Apóstolo*, ano XVIII, n.º 89, 8 de agosto de 1883, p. 1.

tinham por missão "ensinar aos pobres artes e ofícios, formando-lhes o coração segundo os preceitos do Evangelho".[52]

A polêmica alongar-se-ia pelo ano de 1883. Contudo, a visita de Dom Bosco, nos meses de maio e junho, à França, tornara-se notícia e repercutiu favoravelmente no Brasil, ajudando a superar as desconfianças e hostilidades provocadas pela imprensa não-católica do Rio de Janeiro, que criara dificuldades e transtornos para os Salesianos em seu primeiro ano, à frente do Colégio Santa Rosa.

Em janeiro, começaram as aulas com a presença de apenas dez alunos internos. Espalhou-se, todavia, a notícia de que os alunos internos recebiam má alimentação, de modo que os pais retiraram imediatamente sete alunos. No final de 1884, já estavam instaladas as escolas de tipografia, encadernação, alfaiataria, sapataria e carpintaria e a matrícula dos quarenta e cinco internos e uma dezena de externos. As autoridades civis e escolares, incomodadas pelos boatos, surpreendiam a escola, nos mais diversos horários, para inspecionar as atividades nela desenvolvidas.

Aos poucos, a tempestade foi-se abrandando, porque os liberais perceberam que os objetivos dos novos educadores não se opunham aos deles, ou seja, de formar honestos cidadãos e atender aos mais necessitados, dedicando-se à educação de meninos pobres e, especialmente, quando um projeto de subvenção, que equivalia a um reconhecimento do sistema salesiano de educação, ao colégio foi aprovado.[53] Os meninos foram enviados imediatamente ao Colégio Santa Rosa, mas a verba aprovada demorou a chegar![54]

Como fazer para enfrentar os problemas de construção e de manutenção da Casa? O diretor era pouco comunicativo, a casa ia mal, os pessi-

---

[52] A polêmica alongar-se-ia por todo o ano de 1883. Cfr. Riolando AZZI, *Os Salesianos no Brasil; Os primórdios da obra salesiana* (1875-1884), v. 1, p. 215-344.

[53] Três deputados provinciais, impressionados com a organização escolar, entraram, em 17 de setembro de 1885, com um pedido, na Assembléia Provincial, de subvenção de 12:000$000 ao Colégio, com a condição de que fosse ministrado ensino profissional a sessenta meninos pobres. O projeto, contudo, sofreu forte oposição da imprensa liberal que confessava a incompatibilidade entre fé e razão, ou, em outras palavras, a formação de honestos patriotas e bons cristãos, que, para Dom Bosco, embora paralelas, eram convergentes entre si. O projeto foi aprovado no ano seguinte e assinado o decreto n.º 2.888, de 27/11/1886 que outorgava 6:000$000 (seis contos de réis) para a manutenção de 20 meninos pobres.

[54] Vide todo o debate na imprensa em Riolando AZZI, *op. cit.*, v.2, p. 55-61.

mistas já previam seu fechamento e, conseqüentemente, o fracasso do projeto salesiano.

Reagiu, imediatamente, o prefeito (vice-diretor), Pe. Carlos Peretto, moço de vinte e três anos, demonstrando operosidade e energia. Como as esmolas eram poucas, atreveu-se a embrenhar-se pelo interior fluminense, viajando a cavalo, com uma carta de recomendação, fazendo pregações e ajudando aos párocos, chegando até as pequenas localidades do Sul de Minas.[55] Apesar de já ser uma região empobrecida, devido à decadência do café, era sempre bem recebido e, pondo o pudor de lado, angariava esmolas, de porta em porta, até de pessoas simples e pobres. Entre seus contribuintes estavam os barões (hoje os "coronéis") do café fluminense.[56]

Esse contato e relacionamento com as elites muito contribuiu para o aviamento de alunos dessa faixa social para os Colégios Santa Rosa, São Joaquim, entre outros, e a instalação do ensino secundário, que era o procurado e o preferido e, ao mesmo tempo, ajudava a custear o investimento no ensino profissional, já que o auxílio governamental era precário e inseguro, como testemunhou esta primeira experiência, que, entretanto, veio facilitar a abertura da segunda instituição salesiana, com apoio do ambiente político e econômico.

### 3.1. O pessoal e inícios do Liceu Coração de Jesus

Antes da chegada dos Salesianos ao Rio de Janeiro, haviam sido iniciadas as negociações para a abertura de uma segunda casa em São Paulo. A Conferência Vicentina do Sagrado Coração de Jesus projetara um Liceu de Comércio, Artes e Ofícios, anexo à Capela dedicada ao seu orago,

---

[55] Eram Dores do Piraí, Barra do Turvo, Turvo do Piraí, Amparo, Ibiapaba, Resende, Barra Mansa, São Joaquim, Santana, Conservatório, Santa Isabel do Rio Preto, Valença, Santa Teresa de Valença, Cebolas, Vassouras, Encruzilhada, Paraibuna, Serraria, Barbacena, Três Ilhas, etc.

[56] Conseguiu o apoio de nomes como o Marquês Pedro Cunha, Visconde da Piedade, Visconde de Várgea Alegre, Visconde de Barra Mansa, Barão Monteiro de Barros, Viscondessa de Ibiapaba, Conde de Baependy, Baronesa de Santa Justa, Visconde de Entre Rios e praticamente todos os párocos. A própria Princesa Isabel contribuiu com duzentos mil réis. Seu companheiro de viagem era o Irmão José Moreira, baixinho, sotaque lusitano, paletó preto, gravata e colete de brim, corrente de relógio atravessando de bolso a bolso, porte marcial, o que impressionava os alunos novatos. Cfr. José Geraldo EVANGELISTA, *História do Colégio São Joaquim* (1890-1940), p. 54-55.

à imitação de iniciativa semelhante realizada na própria capital paulista pelo conselheiro Leôncio de Carvalho.

A viabilidade do projeto pareceu-lhe evidente e aceitável pelas seguintes razões: 1) a posição estratégica de São Paulo, cidade emergente na época, de clima mais ameno e mais agradável que o do Rio de Janeiro; 2) a proximidade da primeira casa salesiana do Rio de Janeiro, quebrando-lhe o isolamento e o assédio da imprensa liberal; 3) o apoio unânime encontrado em São Paulo à obra nascente. Pe. Luís Lasagna aceitou, imediatamente, na expectativa de que Dom Bosco não lhe recusasse o aval.

Como foi combinado, em 6 de junho de 1885, chegavam a São Paulo Pe. Lourenço Giordano[57] e o Irmão João Bologna, para preparar a casa e o ambiente, morando nos primeiros meses, em uma casa alugada vizinha, uma vez que o prédio carecia de condições habitáveis. Logo iniciaram o trabalho. O padre Giordano, substituindo o capelão da Santa Casa de Misericórdia, conseguiu, através de seus serviços religiosos, angariar preciosas amizades. Os dois abriram o Oratório Festivo acolhendo as crianças, os moços, filhos de italianos, e os filhos livres de pais escravos, que ali vinham, provenientes das numerosas chácaras existentes na periferia da cidade. Recebiam instrução catequética aos domingos, dias santos e quintas-feiras. Aprendiam cantos sacros e profanos que lhes eram ministrados

[57] Pe. Lourenço Giordano, o primeiro diretor (1856-1919), era natural de Turim (Ciriè). Entrou cedo no Oratório de Valdocco, onde se fez salesiano. Trabalhou na França, ainda jovem seminarista, onde foi ordenado. Partiu para o Uruguai, em 1881, trabalhando no Colégio Pio de Villa Colón. Foi mestre de noviços. Sabia falar, além do piemontês, seu dialeto materno, italiano, francês, inglês e espanhol. Todos que o conheceram são unânimes em elogiá-lo, a tal ponto de afirmar que foi a pessoa certa, escolhida por Dom Bosco, através de Pe. Luís Lasagna e a pedra fundamental da obra salesiana em São Paulo.

com o auxílio de um pequeno harmônio, ainda hoje existente no Conservatório Musical do Liceu Coração de Jesus.

O pátio, onde se reuniam os meninos, cheio de buracos e de formigueiros, era meio devassado. Muitos curiosos passavam pelas ruas laterais, mal esboçadas, e olhavam com estranheza aquela novidade: padres a brincar com moleques.[58] Pe. Giordano ainda achava tempo para atender aos numerosos imigrantes italianos que freqüentavam a pequena Capela do Sagrado Coração e aos membros da Conferência Vicentina. No mesmo semestre chegaram mais dois padres e três seminaristas ("clérigos", como eram chamados).[59]

Seu trabalho despertou a atenção da Família Imperial, que o visitou no segundo semestre de 1886. Além de outras iniciativas no período em que foi diretor do Liceu, manifestou-se o "aumento ininterrupto de internos (250), entre os quais o pessoal fazia vibrar a nota simpática da religião, a perspectiva de grande futuro, entusiasmando a todos e induzindo a suportar também duros sacrifícios".[60]

Pe. Giordano e seus companheiros, como os padres Miguel Foligno, Domingos Molfino e José Zeppa, instalaram a maior escola profissional paulista para atender aos meninos pobres e à necessidade de pessoal para a industrialização nascente. Ao lado desse ensino profissional, confiado a profissionais leigos, em sua maior parte externos, estavam os alunos "latinistas",[61] ou seja, secundaristas, quase sempre seminaristas. Em 1894, fundava-se o ensino comercial, o mais antigo da Capital Paulista, que, em 1902, começou a tomar força, em virtude também da criação, no Rio de Janeiro, da Academia de Comércio. Os alunos do curso comercial separaram-se dos "artistas" (aprendizes) e passaram para a categoria de estudantes, ou seja, um tipo especial de alunos secundaristas, pela semelhança de sua grade curricular que continha muitas disciplinas do curso secundário.

---

[58] Luiz MARCIGAGLIA, *Os Salesianos no Brasil*, v. 1, p. 47.

[59] Pe. Angelo Cavatorta, para Prefeito, Pe. Bernardino Monti, seminaristas Pedro Cogliolo, Luiz Zanchetta, Alexandre Fia Musso, estes dois estudantes de teologia.

[60] Ver também Carlos Leôncio da SILVA, *Sete lustros da Inspetoria Salesiana do Norte do Brasil* (1895-1930), p. 102.

[61] O latim era indispensável na carreira acadêmica do vocacionado ao sacerdócio católico.

## 3.2. O pessoal e os inícios do Colégio São Joaquim

Pe. Luís Lasagna havia recebido de todas as partes inúmeros pedidos, o que facilitava o seu plano de desdobramento da Inspetoria, já que a sede ficava muito distante, no Uruguai, e da consolidação das duas existentes.

Eis senão quando o Conde Moreira Lima, figura importante da cidade de Lorena, entrou em entendimentos, visando abrir uma casa salesiana em sua cidade. Pe. Luís Lasagna visitou a cidade em setembro de 1887 e demonstrou-se favorável à iniciativa, porquanto a cidade facilitava o intercâmbio com três importantes estados (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e estava a meio caminho das cidades de São Paulo e do Rio.

O Conde, com a anuência do Bispo de São Paulo, cedeu, em perpétuo, à Congregação Salesiana, o uso da Igreja de São Benedito e a propriedade do chalé anexo. Foi comprado, de um major, um grande terreno vizinho. Pretendia-se fundar um Colégio de Artes e Ofícios, que foi imediatamente aceito. Para a nova casa foi escalado o pessoal, cujo diretor, apesar de ser novo, gozava de experiência comprovada.[62]

A casa começou com vinte internos e setenta externos e reunia seminaristas e estudantes leigos. Logo veio à tona a questão do estabelecimento de um horário das refeições, recomendado pelo uso, pelo calor excessivo e pela fraqueza da constituição dos jovens. As dificuldades de

---

[62] O novo diretor era Pe. Carlos Peretto, auxiliado por Pe. Domingos Albanello (1861-1910), prefeito, com curso técnico, orador sacro apreciado, sucedeu ao Pe. Luís Lasagna em 1896 como Provincial, até 1908; diretor do Liceu N. S. Auxiliadora de Campinas em 1909 e, depois, das Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo. Pe. Nicolau Badariotti, os clérigos José Fausone (mais tarde diretor desta casa, onde morreu vitimado pela peste em 1903), João Solari, Paulo Torti, Bernardo Villaamil (1872-1995), que morreu no desastre ferroviário de Juiz de Fora com D. Luís Lasagna, Pedro Lusso, Emanuel Gomes de Oliveira (depois Bispo) e João Nogueira. Logo depois vieram também o Pe. Sebastião Gastaldi com os clérigos José Dell'Acqua e Evasio Rivera.

manutenção da nova obra afloraram logo, uma vez que as rendas da Inspetoria (província) eram problemáticas. Sendo o chalé pequeno, eram necessárias obras para abrigar noventa alunos internos.

O ensino profissional, aqui, não teve sucesso, não encontrando ambiente. Além disso, o Colégio São Joaquim abrigava seminaristas, aos quais interessava o ensino secundário, que foi reconhecido em 1906. Aliás, o secundário existia nos colégios salesianos desde seu início, já que a legislação de acesso ao ensino superior não era rígida, uma vez que facultava o candidato a eliminar as matérias perante o regime de bancas do Estado.

### **3.3.** O pessoal e os inícios do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora de Campinas

Em Campinas, graças ao apoio de D. Maria Umbelina Alves Couto e do Cônego (depois Bispo) João Batista Corrêa Nery, com a finalidade de socorrer os órfãos da longa epidemia de febre amarela que assolou a cidade, foi inaugurado, em 25 de julho de 1897, o Liceu de Artes e Ofícios de N. S. Auxiliadora, tendo à frente apenas dois salesianos.[63]

O internato começou em 1898, com sessenta quatro alunos internos, atingindo logo, em 1899, cento e cinqüenta. As artes e ofícios foram instalados e, depois, o curso comercial, com uma grade curricular semelhante à do Liceu Coração de Jesus e, mais tarde, as atividades agrícolas (1909). Nesse ano, o diretor começou a receber críticas, seja pela demora da construção do prédio, seja por parte dos pais dos alunos que questionavam a rigidez das normas disciplinares e exigiam respeito aos seus direitos.[64]

---

[63] Pe. Alexandre Musso Fia, recém-ordenado, e o clérigo Hortêncio Germano, acrescidos de mais três no ano seguinte: Francisco Mainini e José Fagundes e Angelo Terzi.

[64] O problema foi desencadeado devido à proibição, por parte do Diretor, da saída de alunos no sábado de Aleluia, praxe então comum adotada em todos os Colégios Salesianos, segundo a qual os alunos não podiam sair para a casa de seus pais durante a Semana Santa. O debate está publicado no Diário de Campinas, de 6 de abril de 1898 (uma das cartas dos pais) e de 7 de abril de 1898 (resposta do Pe. Alexandre Fia).

O debate continuou em torno do assunto envenenando as relações entre os pais, que não aceitavam a desvinculação da instituição com o ambiente, e os Salesianos, que diziam obedecer às normas regulamentares da Congregação. Parece que este foi o primeiro choque público entre o regime regulamentar, que implementava o projeto educativo salesiano, e a sociedade brasileira.

## 4. DESENVOLVIMENTO DOS INTERNATOS

O Regulamento oficializava, como veremos no capítulo seguinte, o tipo de aluno interno a ser aceito.

Além das disposições regulamentares, existia ainda o prospecto de cada instituição que regularizava as condições de aceitação de acordo com a classe das pessoas a ser destinado e determinava os requisitos, entre os quais a certidão de idade, o atestado de vacina e de não ter tido varíola. Exigia cautela para não aceitar senão meninos sadios e de boa constituição, evitando-se os que tinham doenças repugnantes e contagiosas, ou defeitos físicos que os inibissem ao trabalho e ao cumprimento das normas regulamentares; ou ainda os de mau comportamento e máximas perversas, que viessem a prejudicar os colegas, necessitando, para ser aceito, atestado de boa conduta expedido pelo respectivo pároco; não se admitiam, ainda, os alunos já expulsos de outros colégios.

Para aceitação gratuita, exigia-se atestado de orfandade de pai e mãe, de pobreza e de abandono. Os admitidos deveriam considerar os colegas como irmãos e os superiores como fazendo as vezes dos pais e exigia-se sujeitarem-se aos regulamentos e às ordens dos Superiores. De regra geral, procurava-se que os meninos fossem de pouca idade (entre dez e doze anos).

Geralmente, os meninos admitidos, gratuitamente, eram destinados aos ofícios. Os estudantes deveriam ser modelos de bom exemplo aos colegas, especialmente nas práticas de piedade. Os artigos seguintes eram ainda mais explícitos:

9º - Nenhum será admitido para estudar no caso acima; 1º) se não tiver completado o curso elementar; 2º) se não for de eminente piedade, que de regra geral será provada pelo bom comportamento tido por algum tempo em nossas casas; 3º) o estudo do curso clássico ou ginasial, que vai desde os elementos da língua latina até a filosofia exclusivamente.

10º - Os estudantes são obrigados a qualquer serviço de casa, como servir à mesa, explicar a doutrina e cousas semelhantes.

As estatísticas das matrículas de alunos que conseguimos colher, apesar de incompletas, com exceção das do Liceu Coração de Jesus, mostram um quadro significativo para comprovar a sua aceitação pela sociedade paulista. As variações parecem refletir o quadro econômico-social e escolar do Estado de São Paulo que sofreu modificações no intervalo temporal em que vigorou o regime de internato. A documentação encontrada acusa carência de recursos para a manutenção dos seus alunos, além da insuficiência da estrutura dos edifícios ainda em construção.

O Liceu Coração de Jesus apresentou um crescimento mais ou menos contínuo até 1909, especialmente com a criação do curso comercial em 1894. Na primeira década do século XX, mostrava instabilidade, porquanto sempre lutava para manter o grande número de alunos gratuitos, com pensões reduzidas.

Já no Colégio São Joaquim, em que o ensino profissionalizante não conseguiu sobreviver, houve um crescimento nos primeiros sete anos. Convém observar que funcionava, simultaneamente, o seminário salesiano que, posteriormente acusou instabilidade e se separou, em 1906, dos alunos internos "leigos". Com o reconhecimento, ou seja, com a equiparação do ginásio ao Colégio Pedro II, inicia-se a recuperação das matrículas, em descenso. Pe. Pedro Rota, em seu relatório, fazia esta observação comparando com o modelo italiano e aludindo às vicissitudes que passara:

*O Ginásio, no Brasil, se faz em 5 anos e corresponde, mais ou menos (enquanto às matérias) ao Ginásio e Liceu na Itália. O Ginásio de Lorena é um curso equiparado, o que ocorrerá definitivamente em Dezembro, quando terminarão os dois anos de observação impostos pelo Governo, sob vigilância de um delegado fiscal, nomeado pelo Ministro do Interior e pago pelo colégio com 500 liras mensais.*

*O nome foi sempre Colégio São Joaquim: de início foi simples colégio-pensionato, depois lhe foi acrescentado o Noviciado, mais tarde o Colégio decaiu bastante, quando foi separado do Noviciado e formado o atual Ginásio, circunstância que elevou o estabelecimento.*[65]

---

[65] Pietro ROTA, *Relazione della visita straordinaria fatta nel 1908*, p. 29.

Quanto ao Liceu N. Senhora Auxiliadora, então denominado Liceu de Artes e Ofícios, os poucos dados coletados não permitem fazer uma avaliação. Em 1908, havia curso primário e comercial, este com onze alunos. Pe. Pedro Rota, notando a quase ausência do ensino profissionalizante, apesar de ter cinco oficinas (tipografia, encadernação, alfaiataria, sapataria e marcenaria) com doze alunos, que geralmente nada ou muito pouco aprendiam, fazia uma avaliação até 1908:

*Seu primeiro objetivo foi reunir e instruir nas artes e ofícios jovens pobres, especialmente provenientes de pais mortos de febre amarela, mas até agora, como se verá mais longamente, já não há quase aulas de artes e ofícios, e, mais de uma vez, se pensou que direção tomaria este Colégio, pois não presta muito (por várias circunstâncias e especialmente por estar fora de mão) para escolas profissionalizantes nem para externato. Agora espera-se o retorno do Bispo (antigo fundador desta Casa) para ver se encontra outro meio de melhorar a sorte deste Colégio, que possui o mais belo edifício da Inspetoria e o único sem dívidas.*[66]

O ensino profissional, para o qual estava orientada a atividade educativa salesiana desde sua chegada ao Brasil, por ser um serviço prestado à juventude pobre e abandonada, encontrava-se em ruínas e não conseguiu sobreviver na maioria dos colégios salesianos.

Os Salesianos foram obrigados a mudar de rumo apesar de, em seus colégios, haver desde o início alunos secundaristas. Aliás, o Ginásio São Joaquim, a terceira escola, já assinalava uma mudança de rota, sendo destinado aos jovens de classe média e entre seus alunos contavam-se muitos filhos de pequenos e médios proprietários agrícolas do Vale do Paraíba e Sul de Minas Gerais.

A reforma Epitácio Pessoa, em 1901, transformou a ambiente escolar dos Salesianos, especialmente com a chegada de novas congregações religiosas expulsas da França em 1903, que optaram pelo ensino secundário. Assim, o Conselho Inspetorial dos Salesianos de São Paulo dirigiu-se ao Conselho Superior, em Turim, solicitando pessoal para atender às mudanças futuras, sendo deixado o ensino profissional em plano inferior.[67]

---

[66] Id., *op. cit.*, p. 109 e 94.

[67] Antonio FERREIRA, Domenico Cerrato Ispettore a S. Paolo (1925-1932); Case di formazione; I Collegi in un Brasile che cambia, Ricerche Storiche Salesiane, 1993, p. 218-219.

O quadro abaixo mostra a instabilidade das matrículas no Colégio São Joaquim, que começou a subir em 1908, dois anos depois da equiparação definitiva do curso secundário. Já os alunos de Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora eram, em sua maioria, pertencentes ao curso primário e alguns, não muito numerosos, do curso comercial. Os alunos do Liceu Coração de Jesus freqüentavam curso primário, os cursos profissionais e o curso comercial. Este, organizado em 1902, foi separado, definitivamente, dos cursos profissionais e seus alunos eram bem aceitos no mercado comercial da Capital Paulista. Mas, apesar de alta a matrícula, denotava instabilidade, variando em torno dos trezentos.[68]

**Tabela 1**
**QUADRO ESTATÍSTICO DOS ALUNOS INTERNOS DO LICEU CORAÇÃO DE JESUS, GINÁSIO SÃO JOAQUIM E LICEU SALESIANO N. S. AUXILIADORA (1886-1909)[69]**

| ANO | LICEU CORAÇÃO DE JESUS | GINÁSIO SÃO JOAQUIM | LICEU N. S. AUXILIADORA |
|---|---|---|---|
| 1886 | 24 | | |
| 1887 | | | |
| 1888 | 112 | | |
| 1889 | 172 | | |
| 1890 | 200 | 38 | |
| 1891 | 240 | 161 | |
| 1892 | 319 | 156 | |
| 1893 | 344 | 115 | |
| 1894 | 369 | 118 | |
| 1895 | 295 | 105 | |
| 1896 | 291 | 100 | |
| 1897 | 304 | 79 | 70 |
| 1898 | 260 | 66 | 83 |

[68] Em 1893, dois padres salesianos peregrinavam pelo interior paulista pedindo auxílios para a construção do Santuário do Coração de Jesus e, ao mesmo tempo, divulgavam o internato, tornando-o conhecido. Cfr. Une excursion dans l'interieur de l'État de Saint-Paul, Bulletin Salésien, Nice, 16 (1): 204, oct. 1893

[69] Estes dados estatísticos foram levantados, pelo autor deste trabalho, nos livros da secretaria dos estabelecimentos em tela. Infelizmente, as lacunas existentes prejudicaram bastante, impedindo uma análise mais completa da progressão estatística.

| ANO | LICEU CORAÇÃO DE JESUS | GINÁSIO SÃO JOAQUIM | LICEU N. S. AUXILIADORA |
|---|---|---|---|
| 1899 | 374 | 77 | 150[70] |
| 1900 | 340 | 68 | 80 |
| 1901 | 368 | 58 | 90 |
| 1902 | 330 | 65 | 81 |
| 1903 | 354 | 78 | 93 |
| 1904 | 300 | 44 | 115 |
| 1905 | 309 | 52[71] | 108 |
| 1906 | 286 | 68 | 105 |
| 1907 | 303 | 91 | 109 |
| 1908 | 300 | 109 | 120 |
| 1909 | 268 | 111 | 157 |

Nos quinze anos seguintes, evidenciava-se a ascensão numérica das matrículas das três escolas. Ao que parece, as circunstâncias anteriores, durante e depois da Primeira Guerra Mundial, em nada afetaram negativamente o seu desenvolvimento. Em 1909, o Colégio São Joaquim, que atendia a uma clientela procedente de três estados (Rio de Janeiro, inclusive a Capital Federal, Sul de Minas Gerais e de São Paulo, principalmente), adotara o ensino militar. Os outros dois estabelecimentos acusavam também aumento de matrículas em seus internatos, especialmente no Liceu Coração de Jesus, que começou a modernizar-se e dobrou seu edifício, depois de 1909. Convém lembrar que este foi o último a mudar de rumo, a partir de 1915, com a introdução do curso secundário e do ensino militar Após o desfile dos três colégios, em 1917, na Capital Federal, notou-se aumento significativo de matrículas.

Acresce ainda que, em 1914, no segundo Congresso da Confederação Católica, para incentivar a participação dos católicos na solução dos problemas sociais do país, foi decidido mobilizar uma cruzada de militantes

[70] Luiz MARCIGAGLIA, *Os Salesianos no Brasil*, v. 1, p. 101. Pela secretaria da escola, seriam oitenta e cinco.

[71] Pietro ROTA, em seu relatório, observava: "Il titolo fu sempre Collegio São Joaquim; al principio fu semplice collegio convitto, poi gli fu aggiunto il Noviziato; più tarde il Collegio decadde assai; allora fu separato dal Noviziato e costituito Ginnasio, circostanza che rialzò lo Stabilimento". Cfr. Pietro ROTA. Relazione della visita straordinaria fatta nel 1908, p. 29.

católicos a fim de reeducar a nação através de seus ensinamentos e assegurar o reconhecimento que a Igreja exigia na época dentro do contexto nacional.

O Estado discriminava as escolas religiosas, dificultando a sua equiparação ao Colégio Pedro II, escola padrão na época, por ser leigo o ensino, segundo a Constituição Federal. Apesar disso, as escolas religiosas eram reconhecidas porque, mesmo "presas pela disciplina e pela moral cristã, ensinavam bem a mocidade brasileira". Tal estado de coisas levou D. Sebastião Leme, arcebispo de Recife, amigo dos Salesianos, a lançar a Carta Pastoral de 1916, conclamando os católicos a abandonar o ostracismo em busca de um reconhecimento de sua posição de maioria no país. A primeira preocupação do arcebispo era a cristianização da inteligência brasileira, visando, principalmente, prepará-la para combater o ateísmo. Os Salesianos já mantinham aproximação com as autoridades governamentais, o que facilitava seu trabalho educativo, e a mensagem de Dom Leme e a ação desenvolvida por D. João Nery em Campinas chegaram em boa hora.

No mesmo ano, Pe. Henrique Mourão e Pe. Manoel Gomes de Oliveira, respectivamente diretores do Liceu Coração de Jesus e do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora,[72] realizaram a reestruturação didática nos estabelecimentos que dirigiam, reformulação esta que antecipava em mais de cinqüenta anos as reformas educacionais de 1971, com a criação de núcleo comum para os cursos ginasial e comercial. O reconhecimento oficial do ensino comercial, nos anos 1921 e 1923, viriam estimular o processo. O quadro seguinte mostra a repercussão das medidas tomadas nas três escolas consideradas neste trabalho.[73]

---

[72] Ambos trabalharam a equiparação ao Ginásio Pedro II, respectivamente, do Colégio S. Joaquim (1906) e Cuiabá (1902).

[73] Em 1915, acorriam ao Liceu Coração de Jesus alunos de 99 cidades e/ou localidades do Estado de São Paulo. Em 1920 já eram 151. Quase 20 cidades mineiras mandavam alunos para o internato, especialmente do Triângulo Mineiro. Havia ainda alunos de outros estados, como Paraná, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e alunos estrangeiros. Desde 1921, freqüentavam o internato do Colégio São Joaquim alunos procedentes de 32 cidade do Estado de São Paulo, 31 cidades de Minas Gerais, de 7 cidades do Estado do Rio de Janeiro, incluindo a então Capital Federal (a cidade do Rio de Janeiro), de Cuiabá e de Acaraú (Ceará). Não temos dados do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora, mas a situação não era diferente.

**Tabela 2**
**QUADRO ESTATÍSTICO DOS ALUNOS INTERNOS DO LICEU CORAÇÃO DE JESUS, GINÁSIO SÃO JOAQUIM E LICEU SALESIANO N. S. AUXILIADORA (1909-1924)**

| ANO | LICEU CORAÇÃO DE JESUS | GINÁSIO SÃO JOAQUIM | LICEU N. S. AUXILIADORA |
|---|---|---|---|
| 1909 | 268 | 111 | 157 |
| 1910 | 309 | 158 | 170 |
| 1911 | 327 | 129 | 182 |
| 1912 | 301 | 105 | 216 |
| 1913 | 447 | 97 | 290(270) |
| 1914 | 447 | 123 | 280(276) |
| 1915 | 358 | 129 | 270(267) |
| 1916 | 419 | 153 | 283(312) |
| 1917 | 621 | 196 | 345(340) |
| 1918 | 625 | 231 | 379 |
| 1919 | 650 | 291 | 340 |
| 1920 | 675 | 291 | 318 |
| 1921 | 704 | 213 | 276 |
| 1922 | 726 | 307 | 308 |
| 1923 | 765 | 349 | 390 |
| 1924 | 813 | 414 | 412 |

Um fato novo ocorreu dentro das escolas salesianas: a elevação numérica de destinatários da classe média formada, geralmente, por pequenos e médios proprietários, pequenos e médios profissionais liberais, em grande parte, filhos de ex-alunos salesianos, aos quais a formação salesiana abrira o caminho para a ascensão na vida social. Os filhos das famílias abastadas, porém, em sua quase totalidade, freqüentavam os colégios dos Jesuítas, dos Beneditinos, quando não o Colégio Mackenzie e Gammon – boas escolas protestantes –, ou, ainda, escolas leigas como o Colégio Rio Branco. As informações, contudo, chegavam a Turim, sede da Congregação Salesiana, sob formas diversas, talvez pela polêmica desencadeada pelas práticas utilizadas pelos padres Henrique Mourão e Luís Marcigaglia.[74]

Os Superiores Gerais estavam preocupados com a qualidade do ensino dos colégios salesianos e com a modicidade das pensões a tal ponto

[74] Cfr. Manoel ISAÚ, *Liceu Coração de Jesus*, p. 221-294. Antônio da Silva FERREIRA comenta esta hipótese, (Domenico Cerrato, Ispettore a S. Paolo (1925-1932); Case de formazione e collegi in un Brasile che cambia, p. 228)

que a quantidade dos jovens matriculados superasse, de muito, a escassez de pessoal neles empregado. Por isso, recorriam à ajuda do pessoal externo, passando as tarefas de ensino a depender desse, o que contrariava o princípio de que a escola devia ser entregue exclusivamente ao pessoal religioso salesiano. Justificava-se tal praxe com adoção da tese da educação extensiva; a educação salesiana deveria estender-se ao mais elevado número de jovens possível, para subtraí-los dos colégios protestantes ou leigos, então numerosos no Brasil.

Nesse sentido, havia queixas de Salesianos. Um deles escrevera ao Superior Geral, afirmando que os colégios estavam assumindo, paulatinamente, a fisionomia leiga, como o Liceu Coração de Jesus, onde havia setenta e dois professores leigos para oito ou dez Salesianos e, mais ainda, para cento e oitenta aulas de religião, os Salesianos podiam somente assumir cem e nada faziam a mais além delas. Não acreditava esse Salesiano que o Visitador Extraordinário, membro do Conselho Superior da Congregação Salesiana, pudesse resolver tal situação, o que exigiria muito tempo, nem fornecer alguma orientação para salvar a vida religiosa dos jovens e dos Salesianos.[75]

Este Visitador, Pe. Giuseppe Vespignani, constatou que os professores externos, isto é, não religiosos salesianos, participavam de reuniões com o conselheiro e, algumas vezes, com o Diretor. Pe. Henrique Mourão até escreveu um opúsculo sobre o conteúdo dessas reuniões, que começava com uma página onde recomendava a seus professores a "observância rigorosa (...) do Sistema Preventivo".[76] Pe. Vespignani opunha à tese da "educação extensiva" à tese chamada "educação intensiva", ou seja, a que realmente praticava as idéias de Dom Bosco sobre a escola e insistia na prática do Sistema Preventivo, segundo a perspectiva da Carta de Roma de 1884 e a de 1885, em que se exigia a presença dos Salesianos, inclusive dos dirigentes, na própria vida dos alunos, vida de alegria expansiva, de familiaridade, de franqueza, de confiança na convicção de não procurar outra coisa senão o bem-estar dos jovens no contexto da vida temporal e eterna. Con-

---

[75] Discutia-se muito na época sobre a possível influência negativa dos professores e funcionários leigos sobre os jovens seminaristas salesianos e sobre o empenho em fomentar, conservar e aperfeiçoar as vocações religiosas salesianas. O Provincial. Domenico CERRATO contestava aduzindo que, na Província Salesiana do Uruguai, o pessoal era quase todo religioso salesiano, mas faltava o trabalho vocacional desse pessoal (Carta a VESPIGNANI, ASC F 096 1928).

[76] Henrique MOURÃO, *Breve resenha das principais resoluções, avisos e conselhos pedagógicos extraídos das actas das reuniões do Corpo Docente Externo do Lyceu Salesiano S. Coração de Jesus de S. Paulo nos annos de 1916 a 1921, para uso dos professores,* 1921.

siderava-se fundamental um Conselho completo com todos os cargos em ação, buscando aplicar o Sistema Preventivo integralmente. À falta deste compromisso, atribuía-se o fato de tantos salesianos desanimarem e não muito poucos abandonarem a Congregação.[77]

A discussão sobre o problema da educação extensiva ocupava as preocupações do Provincial. Pe. José Vespignani insistia para que se reduzissem "estes tipos grandiosos de Colégios ao nosso genuíno em que Superiores e Irmãos tivessem mais contato com os jovens". Chegou a propor uma escola de aplicação de pedagogia salesiana aos seminaristas em formação. Vendo que o ensino estava todo entregue aos leigos, os Salesianos apenas se dedicavam ao ensino religioso, de pouco prestígio no contexto escolar, insistiu na formação de professores salesianos em Letras e Ciências para que o ensino religioso fosse bem considerado entre os alunos e professores. No Brasil, uma nova reforma já estava em andamento e o Provincial não conseguia uma resposta adequada aos problemas escolares dos Salesianos do Brasil.[78]

De fato, ocorrera a *Semana de Arte Moderna* (maio de 1922), que provocou uma renovação cultural, no país, e, seguidamente, o Congresso Brasileiro de Instrução Secundária e Superior. Em 1924, foi fundada a Associação Brasileira de Educação, em que começou a emergir o movimento dos Pioneiros da Escola Nova em defesa da escola pública, de inspiração deweyana. Em Minas Gerais, um grupo entre os quais se destacava Mário Casasanta, ex-aluno salesiano, tentava conciliar as teorias de Claparède, trazidas por Helena Antipoff, componente da missão suíça, com o sistema pedagógico de Dom Bosco. Já no Rio de Janeiro, os católicos do Círculo D. Vital opunham o sistema salesiano de educação à teoria e à praxe de Dewey. Em Cruzeiro (SP), Álvaro Neiva procurava iniciar a experiência brasileira de escola nova, no Instituto Cruzeiro, em que esteve presente a pedagogia de Dom Bosco.

Ao burburinho dessas correntes, não podia ficar alheio Pe. Luís Marcigaglia, então diretor do Liceu Coração de Jesus, que, apesar de possuir grande espaço físico e com pouco pessoal salesiano, era bem organizado, e, segundo o testemunho de Pe. José Vespignani, "as coisas estavam

---

[77] Cfr. Antonio da Silva FERREIRA, Domenico Cerrato, p. 228-230.
[78] Id., *op. cit.*, p. 235.

muito bem". O curso comercial, funcionando deste 1994, foi reconhecido em 1923, tendo sido a base para a reforma de 1926.[79]

No entanto, as altas despesas provocadas por suas numerosas atividades levaram a economia do Liceu Coração de Jesus a uma situação precária. O brilho de suas funções e atividades externas fizeram com que o Colégio fosse considerado escola de ricos e, conseqüentemente, perdesse o apoio da beneficência. Dos Superiores Gerais chegavam notícias nada confortadoras, como a de que os Salesianos do Brasil faziam coisas grandiosas à imitação dos Jesuítas, Beneditinos, etc. e abandonavam os pobres. Por isso, no Natal de 1925, Pe. Luís Marcigaglia publicou o opúsculo *Aos amigos e benfeitores do Liceu Salesiano,* em que se declarava a beneficência feita pela instituição aos pobres da cidade: jovens do Oratório Festivo, aprendizes (todos gratuitos), escolas noturnas e mesmo estudantes gratuitos ou de pensão reduzida, ou seja, quase 10% de gratuidade.[80]

Já se notava queda paulatina nas matrículas dos três colégios, que se acentuou com a crise econômica de 1929 (também mundial), seguida das Revoluções de 30, 32 e 37 (Estado Novo), das reformas educacionais de 1931 e 1937. Foi uma época de instabilidade política, econômica e também educacional.[81] Só o Liceu N. S. Auxiliadora revelaria um aumento no quinto final da década de trinta. Pelos dados do Tabela 2, nota-se decadência das matrículas, só aparecendo recuperação de 1934 em diante.

---

[79] Em 24.05.1925, Pe. Luís Marcigaglia, diretor do Liceu Coração de Jesus, encaminhava "Sugestões para as bases do ensino comercial" à Assembléia dos Delegados do Ensino Comercial, convocado pelo Ministro da Agricultura para reorganizar o ensino comercial. O Decreto N° 17.329, de 26.06.1926, demonstra que seu projeto foi acolhido, tantas as semelhanças encontradas nos seus artigos! Cfr. Manoel ISAÚ, *Liceu Coração de Jesus*, p. 287-290.

[80] No ano seguinte, o Liceu obtivera do Provincial a permissão para um pequeno aumento na pensão dos alunos com a condição que fosse menor que os demais estabelecimentos de ensino de São Paulo. (Atas do Capítulo do Lyceu Coração de Jesus, de 1919 a 1933, reunião de 27.09.1924). Luiz MARCIGAGLIA, *Aos amigos e bemfeitores do Lyceu* - Natal de 1925. S.Paulo, Escolas Profissionaes do Lyceu Coração de Jesus, 1925.

[81] Numa carta circular dirigida aos pais, o diretor falava das dificuldades econômicas por que passava o estabelecimento impossibilitando a aceitação gratuita de alunos internos, referindo-se a dúvida de a Prefeitura Municipal subvencionar alunos de escolas particulares. Cfr. *Annuario do Lyceu Coração de Jesus*, 1930, p. 98; Atas do Capítulo do Lyceu Coração de Jesus, p. 58-59. Ainda: Antonio da Silva FERREIRA, Domenico Cerrato Ispettore a S. Paulo, p. 23.

**Tabela 3**
**QUADRO ESTATÍSTICO DOS ALUNOS INTERNOS DO LICEU CORAÇÃO DE JESUS, GINÁSIO SÃO JOAQUIM E LICEU N. S. AUXILIADORA (1925-1940)**

| ANO | LICEU CORAÇÃO DE JESUS | GINÁSIO SÃO JOAQUIM | LICEU N. S. AUXILIADORA |
|---|---|---|---|
| 1925 | 795 | 405 | 420 |
| 1926 | 807 | 385 | 374 (384) |
| 1927 | 727 | 377 | 342 |
| 1928 | 736 | 382 | 373 |
| 1929 | 729 | 372 | 370 (332) |
| 1930 | 592 | 340 | 274 (229) |
| 1931 | 463 | 171[82] | 235 (208) |
| 1932 | 421 | 177 | 194 |
| 1933 | 381 | 177 | 236 (134) |
| 1934 | 408 | 204 | 162 (127?) |
| 1935 | 314 (?) | 135 | 179 (400) |
| 1936 | 323 (?) | 193 | 196 (553) |
| 1937 | 416 | 142 | 317 (544) |
| 1938 | 470 | 156 | 330 |
| 1939 | 474 | 142 | 396 |
| 1940 | 474 | 135[83] | 401 |

O mundo entrou em guerra em 1939. O Liceu iniciava a década seguinte com perdas de alunos. O Colégio São Joaquim foi transformado em seminário e o Liceu Nossa Senhora Auxiliadora foi se aproximando do primeiro, até superá-lo. Neste período de guerra, os diretores são todos brasileiros. Foram realizadas as reformas educacionais de 1942 e 1961. O Brasil, depois de 1945, democratizava-se.

Em 1945, foram eliminados os dois primeiros anos do curso primário por sua clientela não estar enquadrada entre os adolescentes,[84] o que provocou forte queda no número de alunos internos, já que a divisão dos menores era constituída de alunos desta faixa etária. Daí em diante, a dimi-

[82] Este era o número de alunos internos ginasianos, aliás até 1938.
[83] Número contabilizado de fotografias de O Grêmio, de 1940, p. 45 e 53.
[84] *Atas do Liceu Capítulo da Casa*, 15.10.1945 e *Livro das Visitas Domésticas*, 30.10.1945.

nuição se tornou uma constante, com alterações não significativas e efêmeras. Convém notar que foram abertos internatos no interior, inclusive salesianos (Lins, Araçatuba, Lucélia, Araxá, Uberlândia e Ponte Nova – estes três em Minas Gerais). Em Mato Grosso, foi fundado o grande internato salesiano em Campo Grande (MS), ou seja, o Colégio Dom Bosco.

Nesta fase, o internato do Liceu Coração de Jesus foi o primeiro a ser fechado (1962). O do Colégio São Joaquim foi restaurado em 1949 e alternava-se em fases de crescimento e decréscimos. Já o Liceu N. S. Auxiliadora, depois de 1946, aparecia como o mais numeroso internato salesiano do Estado de São Paulo, apesar de lacunas inexplicáveis de dados estatísticos,[85] tendo recebido mais alunos à medida que os dois primeiros fechavam, sendo o último a desaparecer (1975).

A sociedade brasileira mudara bastante. Surgiram fenômenos como a instabilidade familiar (famílias desajustadas ou desagregadas), a inflação, dificuldade de manter internatos nos centros de grandes cidades, aumento do número de escolas no interior do estado, oposição dentro da Congregação, no Brasil, aos internatos (como problemas regulamentares, disciplinares), especialmente depois do Concílio Vaticano II. A dança das estatísticas reflete esta instabilidade.

[85] Digo inexplicáveis, porque recentes enquanto foi possível conseguir dados mais antigos!...

**Tabela 4**
**QUADRO ESTATÍSTICO DOS ALUNOS INTERNOS DO LICEU CORAÇÃO DE JESUS, GINÁSIO SÃO JOAQUIM E LICEU N. S. AUXILIADORA (1941-1975)**

| ANO | LICEU CORAÇÃO DE JESUS | GINÁSIO SÃO JOAQUIM | LICEU N. S. AUXILIADORA |
|---|---|---|---|
| 1941 | 463 | — [86] | 462 |
| 1942 | 380 | 191 | 426 |
| 1943 | 428 | 188 | 359 |
| 1944 | 531 | 197 | |
| 1945 | 485 | 171 | 410 |
| 1946 | 410 | 206 | 405 |
| 1947 | 423 | 252 | |
| 1948 | 281 | ? | |
| 1949 | 373 | 143 | 370 |
| 1950 | 394 | 129 | 380 |
| 1951 | 353 | 253[87] | 380 |
| 1952 | 367 | 289 | 361 (?) |
| 1953 | 344 | 282 | 410 |
| 1954 | 322 | 276 | 370 |
| 1955 | 341 | 260 | 401 |
| 1956 | 313 | 316 | |
| 1957 | 313 | 390 | |
| 1958 | 333 | 384 | |
| 1959 | 293 | 331 | |
| 1960 | 211 | 246 | |
| 1961 | 192 | 330 | |
| 1962 | 219 | 310 | 406 |
| 1963 | (fechado) | 252 | 400 |
| 1964 | | 222 | |
| 1965 | | 260 | |
| 1966 | | 292 | 420 |
| 1967 | | 206 | 380 |
| 1968 | | 234 | 350 |
| 1969 | | 220 | 320 |
| 1970 | | 206 | 240 (230) |
| 1971 | | (fechado) | 320 |
| 1972 | | | 283 (240) |
| 1973 | | | 260 (240) |
| 1974 | | | 210 |
| 1975 | | | 158 (188)[88] |

[86] De 1941 a 1948 o Ginásio (Colégio) São Joaquim passou a ser seminário.

[87] Os dados de 1951, com exceção do ano de 1959 em diante, são extraídos dos Anuários, Crônicas e Atas das Visitas Inspetoriais, já que os dados da Secretaria não distinguem claramente quem é interno e quem é externo.

[88] Inclusive semi-internos.

Em 1959, o Provincial abordava o problema do internato do Liceu Coração de Jesus, propondo realizar a idéia já ventilada há algum tempo de reduzir, progressivamente, o número de alunos e, ao mesmo tempo, de aumentar o número dos semi-internos. "Graves dificuldades" foram consideradas, como as citadas, "ipsis verbis": 1) "Falta de ambiente material"; 2) "Os alunos internos em sua maioria estão no colégio de má vontade; portanto não aproveitam do colégio; Os alunos que vêm para o internato na maioria ou são problema ou tem problemas em casas".

Acrescenta a ata que "com a permissão e o aplauso do Pe. Inspetor foi resolvido eliminar o internato paulatinamente", o que de fato ocorreu como comprova o quadro estatístico supra.[89]

De fato, uma delas, não ventilada nesta reunião dos membros do Conselho do Liceu Coração de Jesus (implícita, provavelmente, no primeiro item) era a Estação Rodoviária, a cento e cinqüenta metros da rodoviária central (em frente à Estação Júlio Prestes), cujo movimento infernizava as ruas vizinhas, tornava o ar irrespirável, fazia arder os olhos, e dificultava não só as saídas e entradas dos alunos, como também impedia os passeios semanais às quintas-feiras. A antiga Chácara Santa Teresinha tinha-se transformado em escola, independente do Liceu Coração de Jesus e, portanto, não estava à disposição para tal atividade. Para substituí-la, o Liceu comprou, em Jandira, um terreno para passeios,[90] mas a distância era grande e o acesso era apenas por trem (hoje Estação Sagrado Coração, nome derivado da chácara supramencionada).

Todavia, o Pe. Arquimede PIANAZZI, membro do Conselho Superior da Congregação, em visita extraordinária à Inspetoria de N. S. Auxiliadora (São Paulo), dirigindo-se ao Conselho do Liceu Coração de Jesus, congratulava-se, como consta das Atas desse estabelecimento:

*porque, apesar de a casa ser muito complexa, em condições difíceis (barulho etc.), com trabalho não fácil, ainda não se enlouqueceu...*

*Complexidade que deriva tb. do número dos irmãos, e da crise que invade tb. ? / graça* (sic!) *no meio dos religiosos, crise que se deve corrigir com a santidade, e com o combate às comodidades. Que apesar do núm., da*

---

[89] Atas da reunião do Conselho do Liceu Coração de Jesus, 1954-1970, reuniões de 25.10.1959 e 22.02.1960.

[90] Os passeios semanais regulamentares tornavam-se inviáveis no centro de São Paulo, pelo que a direção do Liceu resolvera comprar esta chácara.

*complexidade e do trab. se realize o ideal de DB. A casa é complexa. É portanto necessário simplificar. A razão, diz que não o externato, não o semi-internato, mas o internato aqui deve ser o mais atingido. É claro que o Externato deverá receber mais influência formativa espiritual! "A fortiori" o S.-Int.! A fim de que ambos forneça "laicato católico"! (V. Atti, Ag. 59). Quanto ao internato, em particular, os meninos não são pobres, os pais, em sua maioria, não os "querem" em casa, o barulho ambiente, dada a situação, do Liceu, cada vez mais central e rumorosa, e que obriga a concederem-se saídas (e 'com saídas, internato não é salesiano') tudo isto, mais a consideração de que sua supressão não traz dificuldades econômicas e de que 20 por cento de alunos bons, acabam, às vezes, se corrompendo dentro da massa 'burguesa' dos outros 80 por cento, dadas estas razões ou considerações o Pe. Pianazzi achou perfeitamente razoável e conveniente que se suprima o Internato! O Capítulo achou muito justas e ponderadas tais considerações; que, de fato, correspondiam 'in totum', à realidade, e concordou na extinção da secção internos. A resolução seria ainda levada, pelo Visitador, ao Conselho Inspetorial para considerações.*[91]

O próximo a ser fechado foi o Colégio São Joaquim, cujo número de alunos vinha em descenso. A decisão veio de ato do Conselho Provincial, de 9 de setembro de 1970, que indicou, como alternativa, o Liceu N. S. Auxiliadora para acolher os alunos dispensados. Muitos alunos do Colégio São Joaquim procediam do Sul de Minas Gerais, próximos, portanto, da cidade de Campinas. De fato, o Liceu N. S. Auxiliadora absorveria seus alunos, como de fato aconteceu, o que se pode depreender do aumento da matrícula deste estabelecimento, também em queda, que acusou um aumento significativo, cento e sessenta e três alunos internos a mais. O fechamento pouparia "mais pessoal para o externato", que poderia ser melhor alternativa, considerada "apostolicamente mais válida".[92]

Discutia, ainda, o Conselho do Liceu N. S. Auxiliadora, em 1969, o problema (crônico) das saídas em fins de semana.[93] Mas os argumentos

---

[91] Atas do Capítulo desta Casa Salesiana, o Liceu Coração de Jesus, reunião de 15.08.1962. Na reunião seguinte, de 23.08, foi aprovado o fechamento do Internato, e a ampliação do semi-internato. O "sic!" é nosso.

[92] Extrato da Reunião do Conselho Inspetorial de 9 de novembro de 1970. Revisão do redimensionamento das duas casas salesianas de Lorena, AISSP, Caixa do Colégio São Joaquim. Em conversa com Hugo Guarnieri, diretor na época, os motivos aduzidos eram semelhantes aos acima citados, ou seja, os do Liceu Coração de Jesus, para a tomada de igual deliberação.

[93] Vide capítulo 8° - As saídas.

empregados na discussão faziam entrever a intenção de extinguir o internato. O aumento de matrículas de 1971 não despertou otimismo, pois a queda continuou. O Conselho do estabelecimento solicitou, uma vez mais, o fechamento do Internato, em 1975, afirmando não haver condições de continuá-lo, pelos seguintes motivos:

**a.** o número é muito pequeno;

**b.** os alunos são muito problemáticos, pois grande número têm pais separados;

**c.** levamos grande parte do tempo para trabalhá-los; nos consumimos com 122. Tal esforço em outro setor daria maiores resultados;

**d.** Não temos condições educativas para formá-los quer na orientação religiosa, que na orientação psicológica, quer no estudo dirigido (seria necessário ministrar por nossa conta aulas particulares para quase todos);

**e.** os alunos não suportam mais o internato e se consideram presos (quase a totalidade);

**f.** há muita falta de continuidade; cada ano é uma nova geração; apenas melhora um pouco, os pais dão para o filho um prêmio: tirar do internato.[94]

NEGRÃO, historiadora da Casa, ao se referir ao fechamento deste internato, escreve:[95]

*Tornava-se cada vez mais difícil a captação de recursos financeiros para manter o regime de internato. A situação do país refletia a crise mundial do petróleo, catastrófica para a indústria automobilística. Cresciam a inflação, o arrocho salarial, a concentração de renda e a desigualdade social. Era o fim do "milagre brasileiro", aumentando o desemprego e as greves.*

*Por outro lado, do ponto de vista familiar, cresciam os movimentos de casais e as escolas de pais, o que dava novo enfoque à educação. Caberia aos pais, e não ao internato, a missão de educar. Não mais se aceitava a idéia de manter a criança ou o jovem em lugar isolado, para protegê-lo das ameaças do mundo.*

---

[94] Ofício do Diretor ao Provincial, solicitando o fechamento do internato, de 10.04.1975. AISSP, Caixas do Liceu N. S. Auxiliadora.

[95] Ana Maria Melo NEGRÃO, *Arcadas do Tempo; O Liceu tece 100 anos de história*, p. 155.

Seria oportuno recordar que, após o Vaticano II, discutia-se a opção preferencial pelos jovens pobres. Os alunos dos internatos não eram pobres e, além disso, apresentavam dificuldades em assimilar a formação religiosa a eles ministrada, além dos graves problemas disciplinares, que atormentavam o pessoal salesiano que neles trabalhavam e, por isso, resistiam a trabalhar nos internatos. Apesar disso, os internatos eram sempre procurados, como comprovavam os pais que reagiram pelo seu fechamento como no caso do fechamento do internato do Colégio São Joaquim, sendo avisados apenas no último mês.

Tão elevado número de alunos que procuraram os internatos pode ser explicado pelas práticas educativas utilizadas neles, em outras palavras, pelos meios utilizados por Dom Bosco e pelos seus Salesianos que souberam operacionalizá-los dentro do sistema educativo salesiano. Além dos meios chamados religiosos, da bondade e vigilância paternas, da prevenção e da convivência (em suma, "desvelo supremo")[96] com os rapazes, procuraram ainda cristianizar o canto, a música, o teatro, os desportos, a ginástica, as festas, os passeios, etc. Com a prática, muitos dos elementos, considerados importantes no sistema, foram discutidos e experimentados, desaparecendo alguns deles, ou pelo menos transformando-se e adaptando-se às novas conjunturas da sociedade brasileira. É o que iremos examinar a seguir.

---

[96] Arquimede Pianazzi, do Conselho Superior da Congregação, assim chamava, em 1962, os assistentes, um dos pilares da assistência salesiana: os Assistentes são os cirineus do colégio. Testemunho do Pe. Essetino Andreazza, assistente nos inícios da década de cinqüenta do Liceu Coração de Jesus.

CAPÍTULO VIII

# A ORGANIZAÇÃO ESTATUTÁRIA DA CONGREGAÇÃO SALESIANA NO BRASIL, REGULAMENTAÇÃO INTERNA DE SUAS INSTITUIÇÕES E DE SEU FUNCIONAMENTO

A Congregação Salesiana, aprovada pela Santa Sé, dispunha, em 3 de abril de 1874, de um estatuto geral ("Constituições"), que descrevia os objetivos e o regime de vida de seus associados e de suas atividades. No Brasil, ao reconhecer e aceitar as leis do país, adotou um estatuto, baseado na Lei nº 173, de 10 de setembro de 1893, em que eram traçados a composição de seus membros, seus objetivos, atividades e administração interna. Este estatuto foi enviado, em 12 de julho de 1898, ao Núncio Apostólico, Dom Macchi.

Em seus objetivos, declarava dedicar-se à "educação moral" e à "instrução primária, secundária, artística e profissional da mocidade, especialmente da classe média e mais necessitada, e da infância desvalida".

Para realizar esses objetivos, abria "colégios, asilos, internatos e externatos, escolas profissionais e agrícolas, e procurava obter por meio de missões a catequese e nacionalização dos selvagens".[1]

Este Estatuto trazia um resumo das Constituições da Congregação, aprovadas pela Santa Sé, e mencionava, implicitamente, a existência de um regulamento. Tratava-se dos REGULAMENTO PARA AS CASAS DA CONGREGAÇÃO DE S. FRANCISCO DE SALES,[2] cuja redação realizara Dom Bosco entre os anos de 1852 e 1854, quando o crescimento do Oratório de Valdocco já exigia a adoção de estruturas colegiais mais complexas, ou seja, a redação de um código educativo, a regulamentação das relações administrativas, comunitárias, sociais, religiosas, escolares, esportivas, sanitárias e higiênicas, pessoais e grupais e culturais. Sua edição definitiva, porém, foi feita em 1877. Essa necessidade atingiu também o Oratório Festivo e os alunos externos, que tiveram também seu regulamento (01.11.1877).

Este "Regulamento" equivale a uma síntese codificada de todo o pensamento de Dom Bosco, em forma de lei ou regimento.

Aquele *Regulamento* era precedido por uma introdução denominada *Il Sistema Preventivo nella Educazione della Gioventù* como que a marcar o enfoque teórico e espiritual às partes seguintes, a saber:

- *Articoli Generali*, com dez artigos oferecendo orientações e algumas práticas gerais aos educadores;
- *Parte Prima,* ou *Regolamento Particulare,* com 195 artigos que descrevem as práticas de governo e administração para os diversos cargos e funções, e normas para o teatro e enfermaria;
- *Parte seconda*, ou *Regolamento per le Case de Congregazione di S. Francesco di Sales,* com 157 artigos, seguido por um Apêndice (33 artigos), sobre a maneira de escrever cartas.

---

[1] Archivio Salesiano Centrale, Roma, 3122 –12. *Documento de D. Carlos Peretto a Mons. Macchi, Internunzio Apostolico.*

[2] *Regolamento per le case della Società de S. Francesco di Sales,* Torino, Tipografia Salesiana, 1877.

Em 1888, no Brasil, corria uma edição, talvez a primeira, intitulada *Regulamento para as Cazas da Congregação de S. Francisco de Sales,* publicada pela "Tipographia – SALESIANA – Colégio de Artes e Officios (Santa Rosa)". A segunda parte desta edição estava traduzida em português, certamente para uso, no Brasil, dos alunos e dos salesianos brasileiros, nesta ordem: "Sistema Preventivo nella educazione della gioventù", "Articoli Generali" e "Regolamento Particolare".

Talvez seja este o único exemplar conhecido daquela edição, existente no Arquivo da Inspetoria Salesiana de S. Paulo (Sede no Liceu Coração de Jesus). Este livrinho (11 x 17 cm) de 62 páginas. Foi muito manuseado, como se percebe pela mancha de dedos nas orelhas das páginas e marcas a lápis no texto.[3]

O X Capítulo Geral,[4] de 1904, encarregou uma comissão de elaborar as "deliberações preceptivas de caráter geral e permanentes", que diziam respeito a explicação de algumas aplicações práticas coordenadas aos regulamentos. O volume dessas deliberações, concluído em setembro de 1906, compreendiam 1.206 artigos, divididos em tantas seções quantos eram os regulamentos, a saber: 1) das Casas - 2) de Noviciado - 3) dos Inspetores (Provinciais) - 4) das Paróquias - 5) dos Oratórios Festivos - e 6) da Pia União dos Cooperadores Salesianos. Segundo essa comissão, eram consideradas autênticas as deliberações dos Capítulos Gerais anteriores, como os preceitos expressos nas cartas de Dom Bosco, de Pe. Miguel Rua, seu sucessor e nas Circulares dos Superiores Gerais.[5]

O objetivo deste volumoso "Regolamento" era facilitar a consulta de cada Salesiano e servir de guia autorizado para viver segundo o espírito de Dom Bosco. Neste documento estavam regulamentadas toda a prática da vida religiosa dos salesianos e toda prática educativa, dentro dos itens discriminados no parágrafo anterior. Assemelha-se ao que hoje se chama

---

[3] Outra edição antiga dos Regulamentos encontrada no Centro de Documentação e Pesquisa de Barbacena, de 1899, não diferia muito do anterior, discriminava o conteúdo em duas partes, ou seja: "1ª Parte: Sistema Preventivo ed Uffizi particolari; 2ª Parte: Regolamento Generale e Appendice al Regolamento delle Case sul modo di scrivere lettere".

[4] Capítulo Geral é uma reunião de todos os provinciais salesianos do mundo e de um delegado de cada província, com os Superiores do Conselho Geral, presidida pelo Reitor-Mor.

[5] É o *Regolamento per le Case della Pia Società di S. Francesco di Sales,* Torino, Tipografia Salesiana (B.S.), 1906. A primeira parte com 196 págs., a segunda com 22, a terceira com 24, a quarta com 11, a quinta com 57, a sexta com 13 e o índice alfabético geral com XXXIV.

projeto pastoral educativo dos Salesianos, faltando apenas o diagnóstico e o formato de projeto.

Logo a seguir, será apresentada a estrutura administrativa, com as funções principais dos dirigentes segundo o "Regolamento delle Case", edição de 1888, que praticamente permaneceu intacta até os inícios de 1980.

## 1. A ESTRUTURA ADMINISTRATIVA E FUNÇÕES DOS TITULARES DOS CARGOS

Dom Bosco estabeleceu uma hierarquia e uma estrutura ambiental cujo objetivo dominante era colocar os jovens na impossibilidade de cometerem faltas. Inicialmente, responsabiliza todos os ocupantes de cargos pelo cuidado dos jovens, de sua vantagem temporal e espiritual. Devem procurar ser amados se quiserem ser temidos. Na assistência, poucas palavras, muitos fatos e liberdade aos jovens de expressar-se livremente, para que possam ser conhecidos e tratados segundo sua índole.

Trata-se, porém, de um sistema familiar onde todos trabalham juntos, vivem juntos, saem juntos, fazem recreios juntos.

O Diretor é responsável por todo o andamento espiritual, escolar e material da Casa. Diretor e não Reitor, como então era chamado. Os Reitores estavam bem distantes dos seus dirigidos. O Diretor está junto. Mais que Superior, é Pai. Representa na educação a parte do coração: é o chefe, o responsável, o pai da casa.

Seu imediato na gestão geral e material, isto é, administrativa, econômica e também nos casos disciplinares mais graves, era o Prefeito, que poderia ser ajudado por outras pessoas. A este cabia a parte odiosa.

Para cuidar das necessidades espirituais e sanitárias dos jovens da Casa estava o Catequista, que se devia distinguir pelos modos gentis e caridosos. Era incumbido de toda a educação religiosa dos jovens e dos Salesianos jovens. Dirigia e organizava o ensino religioso, as festas, as celebrações, os eventos religiosos, e prestava assistência às "Companhias".

Estes eram os cargos fundamentais nos colégios e, se bem entendidos e executados, muitos inconvenientes seriam evitados nas casas. Os

demais cargos dependiam deles. Sua característica principal era "viver juntos dos jovens em todas as partes". Os meninos eram bem assistidos e, ao mesmo tempo, assistiam os Superiores.[6]

Ao Conselheiro Escolar cabia a organização e o acompanhamento dos estudos, da disciplina normal dos alunos e da coordenação do trabalho docente, sempre de acordo com o Diretor.

Existem nos diversos capítulos do "Regulamento" citado marcas ou destaques a lápis, por exemplo:

**Capítulo II** ("Do Prefeito"):

Art. 14: Cuidado da limpeza e da roupa e da revista a fazer-se semanalmente por ele para certificar-se da limpeza das roupas, da cabeça e dos cabelos.

Art. 18: Vigilância da pontualidade dos professores, mestres-de-arte e dos assistentes nos diversos lugares da casa para impedir desordens.

**Capítulo III** ("Do Catequista"):

Art. 5º: Cuidar que os alunos se aproximem dos Sacramentos.

Art. 6º: Zelar para que os chefes de dormitório estejam pontualmente em seus lugares e sejam todos pontuais nas funções sagradas.

Art. 10: Solicitar dos assistentes as informações sobre os alunos para as devidas correções merecidas.

Art. 12: Cuidar dos Clérigos, que aprendam as cerimônias sacras, estudem teologia e decorem um trecho do Novo Testamento.

Art.16: Que estes Clérigos ajudem o celebrante a se paramentar e tirar os paramentos, a preparar o altar...

Art.18: Uso moderado da cera a não ser para o culto.

**Capítulo V** ("Do Conselheiro Escolar"):

Art. 1º: Encarregado de regular e providenciar o que se refere aos alunos, professores nas aulas e no estudo.

---

[6] Felipe RINALDI, *Conferenze*, Foglizzo, vol. 1, 1912, p. 163-170. São manuscritos das conferências do Beato Pe. Felipe Rinaldi, então Prefeito Geral da Congregação Salesiana em dois volumes feitos pelo Pe. Carlos Leôncio da Silva, quando estudante de Teologia em Turim.

Art. 4º: A quem estiver desocupado, determinar alguma coisa a fazer, como estudar, ler, escrever ou semelhantes, para que ninguém fique inoperante.

Art. 8º: Providenciar professores, suplentes, assistentes, decuriões do estudo, chefes de passeio.

Art. 10: Lembrar freqüentemente aos professores que trabalham para a glória de Deus...

**Capítulo VI** ("Dos mestres-escola"):

Art. 1º: Seu primeiro dever: encontrar-se pontualmente em classe e impedir as desordens que soem acontecer antes e depois da aula. Percebendo ausência de aluno, seja avisado o Conselheiro Escolar ou Prefeito.

Art. 2º: Seja bem preparada a matéria a lecionar.

Os artigos 5.º até o 14 estão marcados e os 6.º, 8.º, 9.º, 10 e 13 precedidos de {:

Art. 5º: Interrogar a todos, com grande afeição, especialmente aos de inteligência mais tarda.

Art. 6º: Se precisar castigar, que se faça na aula, sem jamais afastá-lo da aula. Nos casos graves, chamar o Conselheiro Escolar ou fazer levar o culpado a ele. {Severamente proibido bater e aplicar castigos ignominiosos e prejudiciais à saúde.

Art. 8º: Constante asseio nos cadernos, regularidade e perfeição na caligrafia, limpeza nos livros e páginas a apresentar ao professor.

Art. 9º: Pelo menos uma vez por mês, um trabalho de avaliação e, após sua correção, apresentá-lo ao Diretor ou ao menos ao Conselheiro escolar.

Art. 10: Ter diariamente em ordem a decúria para que se possa apresentar a qualquer autoridade, sendo competência do Diretor e do Prefeito dar notícia dos alunos.

Art. 11: Velar pela leitura de livros maus, recomendar e indicar os autores que se podem ler e reter, sem prejuízo da moralidade e da religião e dos bons costumes. Nem sequer nomear o título dos livros maus.

Art. 12: Dos clássicos sacros e profanos, cuidar deles, tirar as conseqüências morais oportunas, com poucas palavras.

Art. 13: Ocorrendo Novena ou Solenidade, dizer alguma palavra animadora, breve e, se puder, com algum exemplo.

Art. 14: Uma vez por semana, apresentar um texto de autor cristão.

**O Capítulo VII** ("Dos mestres-oficina") regula as práticas de aprendizagem nos trabalho na oficina.

O **Capítulo VIII** normatiza as relações e as práticas dos Assistentes de aula e de estudo (assinalado todo ele com um sinal compreensivo). Os Assistentes, religiosos estagiários, viviam juntos com os alunos na igreja, nos estudos, nos dormitórios, nos recreios. Com eles estudavam, com eles passeavam. Organizavam as festinhas, os esportes e outras atividades mais diretas da vida dos alunos. Onde houvesse alunos, deviam estar os Assistentes.

São eles os encarregados de vigiar a disciplina e a boa ordem no tempo e na aula a eles confiada e em casos de necessidade nas outras aulas. Deverão tomar conta dos alunos na igreja, no recreio e nos passeios, acompanhando seus movimentos de um lugar para outro, procurando que andem em ordem e em silêncio (Art. 1° - 3°).

Nos recreios vigiarão o pátio a cada um deles confiado, impedirão as brigas, as conversas não boas, as palavras grosseiras, os atos inconvenientes como brincadeiras de mãos. Toda semana e mais vezes se for necessário, o Conselheiro Escolar dará notas de comportamento a cada jovem, mas nos casos graves fará logo um relatório (Art. 4°).

Tendo-se de ausentar o Assistente, deverá ser avisado o Conselheiro para sua imediata substituição (Art. 5°). Na igreja, velem os Assistentes para que tenha o aluno o livro de práticas de piedade e não outro, e se empenhe para sustentar o canto religioso, impedindo nos jovens gritos imoderados que mais perturbam que conciliam a devoção. Percebendo a ausência de algum jovem de sua classe, avise logo o catequista ou Conselheiro, apenas terminadas as funções (Art.7°).

Para que o relatório semanal seja exato, tome-se nota das faltas cometidas e das observações oportunas (Art. 8°).[7] Em qualquer caso, na ausência do Conselheiro Escolar, comunicará suas reflexões ao Prefeito.

---

[7] Este artigo termina recomendando constantemente que todos falem o italiano. Convém lembrar que, na Itália, os alunos falavam cada qual seu dialeto. Daí esta observação.

No **Capítulo IX**: ("Do Assistente das oficinas"), estão assinalados, com {, os artigos 2º e 4º).

Naquele se prescreve que o Assistente esteja em tempo na entrada e na saída dos jovens das oficinas para impedir desordens possíveis e para evitar atrasos. No caso de ausência de algum, seja avisado o Prefeito ou o Catequista dos aprendizes para as providências oportunas (Art. 2º). O Assistente está estritamente obrigado a impedir toda espécie de conversas más e, conhecido algum culpado, deverá comunicar imediatamente ao Superior (aqui foi posta a }).

O **Capítulo X** ("Dos Assistentes e Chefes de Dormitório") apresenta, logo de início, um grande *X*, em seu cabeçalho e um traço compreendendo todos os artigos.

Em cada dormitório, haverá um chefe e vice-chefe, os quais são obrigados a tomar conta de tudo o que ocorre contra a moralidade e contra a disciplina no dormitório (Art. 1º), devendo eles precederem a todos com seu bom exemplo e mostrar-se justo, exato e cheio de caridade de temor de Deus (Art. 2º).

O Assistente é obrigado a corrigir as faltas de seus alunos, pode ameaçar com castigos, mas a sua aplicação é reservada ao Prefeito e ao Diretor. Antes de dormir, visite o dormitório e percebendo a ausência de algum aluno, avise o Prefeito (Art. 4º). Insista que à noite, no dormitório, seja observado rigoroso silêncio até depois da Missa da manhã (Art. 4º).

Vele o Assistente para impedir toda espécie de conversa má, toda palavra, gesto ou sinal e também piada contrária à virtude da modéstia, lembrando que S. Paulo dizia que tais coisas não sejam nomeadas entre os cristãos. Descobrindo-se algumas destas faltas, é obrigado gravemente a levar imediatamente ao conhecimento do Diretor (Art. 5º). Também está encarregado de zelar pelo asseio pessoal, da cama e da roupa dos jovens a ele confiados (Art. 6º).

Todas as vezes que os jovens devam dirigir-se ao dormitório, o Assistente deve ser o primeiro a intervir, o último a sair e mostrar-se a todos modelo de bom exemplo ("Praebe te ipsum bonorum operum", diz S. Paulo). No caso de doença de algum aluno, o assistente o leve a enfermaria, dando ciência da ocorrência ao Prefeito e ao Catequista. Por quanto se pode, nenhum aluno fique só no dormitório (Art. 7º).

A seguir, o Regulamento descreve os deveres e as práticas de outros ofícios como o dispenseiro (Cap. XI), os compradores (Cap. XI), os coadjutores (religiosos leigos: Cap. XII), cozinheiro e seus ajudantes (Cap. XIII), camareiros (Cap. XIV) e porteiro (Cap. XV). Termina regulamentando o teatro, que deve estar norteado pelas normas cristãs e destinado a alegrar, educar e instruir os jovens, o mais possível moralmente, e a enfermaria.

Nota-se que, para haver a comunicação rápida entre os Assistentes, parecia exigir proximidade com o Conselheiro, o Catequista, o Prefeito. De fato, nos internatos antigos dos Salesianos, os Superiores, como eram assim chamados, tinham seus quartos bem próximos dos dormitórios dos alunos e os Assistentes tinham sua cela em um dos cantos do dormitório comum destes. A estrutura aparentava uma grande família, pela vizinhança de suas instalações.

## 2. AS RELAÇÕES, OS COMPORTAMENTOS E AS PRÁTICAS DOS ALUNOS SEGUNDO O "REGOLAMENTO"

Os regulamentos procuravam definir o padrão ou os paradigmas práticos de aluno, de comportamento moral, de cortesia, de aplicação nos estudos e nas aulas, de práticas de higiene e asseio e de procedimentos ou atitudes a serem vividas nos diversos setores da vida de internato (ou de externato e do Oratório Festivo).

Na introdução (Capítulo I) descreve o objetivo da Congregação, a clientela e os tipos de serviços oferecidos a esta clientela:

O fim geral das casas da Congregação é socorrer, beneficiar o próximo, especialmente educando a mocidade nos anos mais perigosos, instruindo-a nas ciências e nas artes, e encaminhando-a para a prática da Religião e da virtude.

A Congregação não faz distinção de classes de pessoas, contudo prefere dedicar-se à classe média e à última por serem as que mais carecem de socorro e assistência.

Entre os meninos da cidade e aldeias, existem não poucos em tal condição, que é inútil qualquer meio moral sem o socorro material. Alguns já adiantados em anos, órfãos ou privados de assistência, por não poderem ou não quererem cuidar deles os respectivos pais, sem profissão, sem ins-

trução, vivem expostos aos perigos de um infeliz futuro se não acharem quem os acolha e os encaminhe para o trabalho, ordem e Religião. Para tais meninos a Congregação de S. Francisco de Sales abre hospícios, oratórios e escolas, especialmente nos centros de população, onde costuma ser maior a necessidade. Acontecendo, porém, não se poder receber todos os que se apresentam, é mister estabelecer normas que sirvam para limitar a aceitação àqueles que pelas circunstâncias devam ser preferidos.[8]

O Capítulo II estabelece as condições e requisitos de aceitação, como entre outros, a considerar os colegas como irmãos e os superiores como pais. No caso de meninos gratuitos, exige-se que possam "ser úteis a si mesmos e ao próximo, sejam modelos no bom exemplo e nos exercícios de piedade". Prescrevia que os estudantes fossem "obrigados a qualquer serviço da casa".

O Capítulo III ("Da piedade") trata do temor de Deus e dos meios para conservá-lo como a oração, os SS. Sacramentos e a palavra de Deus.

No IV, descreve o comportamento a ser praticado na Igreja, "casa de Deus e lugar de oração". A doutrina do trabalho é descrita no Capítulo V, sua fundamentação bíblica, sua definição (= deveres do estado: estudo, arte ou ofícios), méritos, preferências, obrigações, santificação do trabalho.

O Capítulo VI ("Comportamento na escola e no estudo") apresenta, até com pormenores, as práticas escolares, condutas, respeito e cortesia, notas de procedimento e aproveitamento, temor de Deus e da humildade. Este capítulo parece ter sido muito comentado por apresentar marcas (-, +, ou ambas, ou = , L, L+, II, > e - em baixo deste sinal, ainda palavras sublinhadas), à frente, a lápis, de diversos artigos:

11 - atenção e asseio nas páginas que devem ser bem escritas, com um pouco de margem;

12 - respeito aos mestres e gratidão;

13 - conformidade ao horário do estudo;

15 - não permissão de falar, ou pedir ou dar algo sem necessidade, de fazer rumor no estudo;

---

[8] Esta era a grafia original.

17 - do Assistente responsável pela freqüência e aplicação de cada aluno; o dono do livro cancela a lápis a parte relativa às funções de um decurião e um vice-decurião, ou seja, auxiliares do Assistente, que deveriam existir em cada banco;

18 - conferência à noite para os estudantes, leitura dos "votos" (notas) de comportamento, seguida de "alguma reflexão paternal" para estimular ao progresso nos estudos e na piedade.

19 - admoestação aos não assíduos ao estudo e provocadores de estudo e no caso de não-correção, devolução aos seus parentes.

20 - rigoroso silêncio no estudo para a tranqüilidade dos trabalhos.

O Capítulo VII mostra o comportamento e práticas a serem cobrados na oficina.

O VIII ("Comportamento para com os Superiores") também parece ter sido muito comentado, pela presença de sinais marcando os artigos:

1 - Do fundamento e das vantagens da obediência.

3 - Da persuasão que os alunos devem ter para com os Superiores cuja obrigação é velar pelo bem deles mesmo quando mandam ou repreendem.

4 - Adverte contra os que fogem dos Superiores, se escondem ou se retiram deles...

6 - Obediência pronta, respeitosa e alegre a qualquer ordem...

8 - Escutar com gratidão as repreensões e receber com humildade o castigo das faltas, sem demonstrações de ódio ou desprezo.

Um grande *X* assinala o começo e o termino do Capítulo IX sobre o "modo de portar-se com os colegas".

A modéstia e o asseio estão regulamentados respectivamente nos capítulos X e XI.

No Capítulo XII ("Conduta no regime da casa"), estão marcados com *X* os artigos 5° (que proíbe espiar e mexer as caixas dos outros e ir ao dormitório sem permissão especial) e o 8° (rigorosa proibição de ter dinheiro consigo, de vender, comprar, trocar, sem a devida licença).

O passeio aparece regulamentado pelo Capítulo XIII, que anexa alguns avisos.

Os capítulos XV e XVII normatizam, respectivamente, o comportamento nas representações teatrais e a proibição de qualquer "jogo por interesse", de brinquedos que possam ofender a modéstia, do fumo e de saída para jantar ou comprar roupas fora. Prescrevendo (marcado com um grande *X*) ainda que sejam absolutamente evitados a blasfêmia e o juramento vão, a desonestidade e o furto, como males que provocam as maldições de Deus e com a recomendação da observância dessas regras para ter as bênçãos de Deus.

Como fechamento, determina que, semanalmente, sejam lidos pelo Prefeito ou quem por ele acrescendo algum breve comentário.

Os alunos deviam ser instruídos no conhecimento dessas normas para podê-las cumprir. Semanalmente, aos sábados, à noite, havia uma palestra ou conferência onde sempre eram lidos e explicados alguns artigos com todos os pormenores, para depois serem executados e cobrados no dia-a-dia da vida de internato. No fim da semana, havia ainda, em horário determinado, a leitura das notas ou "voto" de procedimento em seus aspectos, moral, de aplicação aos estudos, às aulas e aos trabalhos e de urbanidade ou cortesia.

Interessante era a regra geral de que as pessoas de serviço, além dos devidos atestados de idoneidade, deviam ser pessoas de não pouca idade (Art. 6°). Os estudantes, devendo ser modelos para seus colegas, eram obrigados a qualquer serviço de casa, como servir à mesa e dar catecismo ou semelhantes.

O temor de Deus é necessário e a base de toda a sabedoria e da ciência e dele depende todo o bem temporal e eterno. Para conservá-lo, são de utilidade a oração, os sacramentos e a palavra de Deus que são princípios de todo o bom comportamento e do bom relacionamento com o próximo. O fundamento da obediência em um menino é a obediência aos superiores, conforme as palavras de S. Paulo: "Obedecei àqueles que vos foram propostos por vossa guia, e direção, e sujeitai-vos a eles, porque deverão prestar contas a Deus de vossas almas" (Cap. VIII, Art. 2°).

Define a modéstia como "um correto e decente modo de falar, de tratar com outros e de andar, devendo transpirar em todos os seus atos e

conversas" (Cap. X, Art. 1°), sendo o melhor dos sermões o bom comportamento (Cap. XIII, Art. 1°).

Fecha o Regulamento a proibição rigorosa de qualquer jogo de azar, de fumar ou mascar fumo (também para os Salesianos), de qualquer brinquedo que venha a ferir a modéstia e sair com parentes e amigos para jantar ou fazer compras fora de casa. Três males que se devem absolutamente evitar porque, "mormente funestos à mocidade", são: a blasfêmia e jurar em vão, a desonestidade e o furto e provocam as maldições de Deus sobre a instituição. E encerrava com as palavras: "Quem observar estas regras, seja por Nosso Senhor abençoado".

## 3. ESTUDO E LEITURAS PEDAGÓGICO-DIDÁTICAS DOS SALESIANOS NO BRASIL

O "Regolamento", edição 1906, ao tratar do ensino-aprendizagem das práticas pedagógicas e administrativas dos jovens Salesianos, entre outros dispositivos, determinava que estudassem pedagogia sacra. Durante o noviciado e, no período dos estudos filosóficos (hoje chamado de Pós-noviciado), era dever do Diretor e do professor de pedagogia preparar esses novos irmãos nas práticas dos vários cargos da Congregação, instruindo-os oportunamente através de numerosos casos que poderiam ocorrer, relevando sobretudo a importância do Sistema Preventivo, a necessidade de informar-se sobre a unidade de Método, por ser precisamente o método querido por D. Bosco e pelos Superiores.[9]

Os dois mestres mais importantes em assuntos pedagógicos, na Congregação Salesiana, nos seus primeiros tempos, foram os padres Francesco Cerruti e Júlio Barberis. Ambos estudaram pedagogia na Universidade de Turim, a melhor, quiçá, na época, da Itália e da Europa, sendo alunos dos famosos RAYNERI e José ALLIEVO, já mencionados neste trabalho.

Havia a preocupação com o problema da aplicação da disciplina e dos castigos e de como conseguir orientações para enfrentá-los. Na reunião de 8 de março de 1883, com a presença de Dom Bosco, foi lido um capítulo do barnabita Alessandro Teppa (1806-1871), *Avvertimenti per gli*

---

[9] *Regolamento per le Case della Pia Società di S. Francesco di Sales*, Torino, Tipografia Salesiana, 1906, n.os 906 e 927.

*educatori ecclesiastici.* Tratava-se de um opúsculo, recomendado por Dom Bosco que fosse lido, aos domingos, aos clérigos e padres. Pe. Teppa trata de temas como a centralidade do amor na educação, do carinho ("amorevolezza") no relacionamento com os jovens.

Os primeiros Salesianos procuravam executar, no Brasil, fielmente, o Sistema Preventivo de Dom Bosco e admitiam certa abertura às doutrinas pedagógicas católicas tradicionais. Recomendava-se a leitura de livros de pedagogia que respondessem a situações concretas, privilegiando aquelas que estivessem mais consonantes com as idéias de Dom Bosco e por ele abonadas no opúsculo de 1887. Os *Appunti de Pedagogia Sacra: Dell' Educazione Morale* de Pe. Júlio Barberis não são mais do que as normas de aplicação do modelo pedagógico que ele (Dom Bosco) legou e que ele mesmo ensinou a praticar.[10] Pe. Júlio BARBERIS era considerado o mestre de noviços por excelência e seus escritos, especialmente o *Vademecum,* eram usados em todos os noviciados salesianos.

Os responsáveis pela formação do pessoal preocupavam-se com o legado regulamentar e pedagógico e com a unificação dos critérios de sua aplicação, tendo presentes, também, os novos contextos culturais em que os Salesianos estavam inseridos. Nos *Atos do Primeiro Capítulo Americano da Sociedade Salesiana*, presentes todos os Provinciais e Diretores da América Latina, um amplo capítulo foi dedicado à prática do Sistema Preventivo entre os Salesianos e, ao mesmo tempo, dada atenção à formação do quadro de pessoal recomendando-se que, nos seminários de estudos filosóficos, além das noções teóricas de pedagogia salesiana, se insistisse na didática prática.

Ao Brasil, chegaram também os *Appunti* no noviciado de Jaboatão (PE), onde Carlos Leôncio da Silva, além de MONFAT e outros, usava, quando era ainda jovem assistente, para lecionar pedagogia.[11] Este fato parece mostrar que, no Brasil, eram conhecidos e utilizados, como texto, nas casas de formação e norteavam a práxis educativa salesiana.

---

[10] José Manuel PRELLEZO, Studio e riflessione pedagogica nella Congregazione Salesiana 1874-1941: Note per la storia, in: *Ricerche Storiche Salesiana,* ano VII, n. 1 (2): 44-47, Gen-Giugn. 1988 e Giulio BARBERIS, *Appunti di pedagogia sacra,* parte terza, p. 277.

[11] Pe. Carlos Leôncio da SILVA ocupou posições de relevo na Congregação, distinguindo-se internacionalmente como pedagogo e como um dos fundadores da Faculdade de Pedagogia, a primeira como tal a ter estatuto de ciência reconhecido pela Santa Sé em Turim, e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena. José Manuel PRELLEZZO, *op. cit.,* p.47-58.

## 3.1. Conteúdo dos *Appunti*

De que tratavam estes *Appunti?* Conhecer o conteúdo dos *Appunti* é conhecer a teoria e também as práticas educativas usadas pelos Salesianos. Aqui, apresentaremos uma síntese.

A seção primeira procura levantar e definir os princípios gerais da educação moral. Quando se refere aos meios gerais da educação religiosa e moral, reduz os meios negativos a dois, a saber: não violentar ou abafar a liberdade nem pretender mais do que se pode, não deixar que a vontade se entorpeça e se torne fraca, enervada, indiferente, indecisa. Entre os meios positivos, releva a importância do ato de deliberar.

Para que a educação tenha êxito, sugere a eliminação dos meios negativos, tais como as más companhias,[12] a má imprensa, as más escolas, as figuras e as estátuas obscenas, as seduções dos bailes, os teatros e as diversões públicas; o incitamento promovido, às vezes, pelas próprias autoridades, à impiedade, ao espiritismo e à perseguição aos sacerdotes. Refere-se, ainda, às amizades particulares, não permitidas pelo Regulamento, e aos atos como beijos, carícias etc. Nos colégios está proibida a leitura de romances, havendo vigilância sobre livros e imprensa clandestina. Um obstáculo a evitar são os casos de saída, sem licença. É conveniente que haja teatrinho em domingos alternados. Toda vez que um jovem não mostre boa vontade, nenhum educador deve constrangê-lo.

Como meios sobrenaturais são propostas a oração da manhã e da noite e em todos os atos do dia, assistência cotidiana à Missa e a freqüência aos Santos Sacramentos. Propõe três meios positivos de educação: o ensinamento moral, o exemplo e a autoridade. O primeiro deve ser dado pelos pais e mestres. O segundo, fundamental, por todos e pode provir de quatro fontes universais: Jesus Cristo, a História Sagrada, a História Eclesiástica e a História profana. É preciso imitar os exemplos de modo ativo, reflexivo e livre, isto é, de modo adaptado a nós.

A autoridade é a causa eficiente, a que cria, produz, inventa, enfim, funda algo. Deriva do sentimento e da persuasão de que os outros concebem da superioridade ou supremacia de um homem, da sua inferiori-

---

[12] Apoiava-se na asserção do Apóstolo Paulo: "Não vos enganeis: as más companhias corrompem os bons costumes"! Cor. 15, 33.

dade ou dependência. Se falta a um educador, falta-lhe o respeito. Por isso, é considerada para o educando o meio mais importante e necessário que os outros. A docilidade da parte dos alunos está na razão do prestígio da autoridade que o educador soube conquistar para si. A autoridade real, e de fato, é aquela que uma pessoa souber adquirir pelos seus méritos, seus dotes, seu modo de agir adequado, sua prudência, sua santidade, etc.

O ser humano, num primeiro estágio, obedece se for firme e absoluta a vontade de quem lhe é superior, dedicando respeito e amor e, em segundo estágio, se conhecer a racionalidade do preceito. A verdadeira liberdade do homem está na virtude e é respeitada quando o uso do direito de mandar for necessário.

A seção segunda trata da necessidade de seguir um bom sistema para se conseguir a educação, o que sucede com o Sistema Preventivo de Dom Bosco (vejam-se as Constituições e Regulamentos).

Na terceira seção, são analisados os fatores da educação moral, ou seja, a Religião, os pais e os Superiores de colégio e o Assistente com sua vigilância contínua. O primeiro consiste na piedade, nas suas práticas (na Missa e nos Sacramentos). Em falando dos Superiores (e educadores em geral), define magistério educativo como uma paternidade, uma magistratura e um sacerdócio, em suma, um apostolado, que manda amar o menino para conseguir seu objetivo.

Define a disciplina (seção quarta) como "a constante observância daquelas regras que produzam a ordenada correção dos costumes dos jovens".[13] Citando Platão, acrescenta: "Toda a força de uma boa disciplina consiste uma bem entendida disciplina". As regras disciplinares de uma casa de educação, em parte, são escritas e tradicionais. Estas consistem em disposições ordenadoras do cotidiano e nos costumes ou nas tradições que guiam a ação disciplinar do instituto e que complementam o regulamento escrito. O colégio é o melhor tirocínio da disciplina. Aí, o jovenzinho aprende oportunamente a respeitar a lei, o que é uma imensa vantagem para a vida social.[14]

---

[13] Júlio BARBERIS, *Appunti*, p. 54.
[14] Id., *op. cit.*, p. 55.

A prosperidade de um colégio depende muito da ordem e da paz, que não é outra coisa que a ordem legítima estável. Mas, para manter a disciplina entre os meninos, é necessário espírito de sacrifício por parte dos educadores.[15] A disciplina cristã exige unidade entre os educadores, exige saber dissimular e fechar um olho, ser parco nos avisos e admoestações e mais ainda nas advertências e castigos.

O melhor método educativo é, certamente, o que mais se aproxima daquele usado pela Divina Providência para governar os homens em geral (Eclo 2). Criou Deus o homem e o deixou livre, dizendo, porém: "Diante de ti estão o bem e o mal, a vida e a morte; escolhe-o o que queres. Mas vê o prejuízo de andar no caminho do mal". Dentro desta doutrina, procure-se modelar a educação, sem violentar a vontade do jovem, de modo que não o desvie do bom caminho.

Pitágoras dizia que "livre é somente aquele que sabe mandar sobre si mesmo". A liberdade constitui o eixo educativo cristão. Mas essa liberdade não se encontra fora do Sistema Preventivo, baseado na caridade, sob a união compacta de todos os educadores.

A disciplina seja bem iluminada pela espontaneidade; que os súditos percebam que gozam de confiança e que a prática da disciplina cristã seja verdadeira e não fictícia, já que todos são filhos de Deus e não escravos.

A lealdade jamais esteja separada da prudência. Contrário à lealdade é aquele singular espírito de inquisição, que usa subterfúgios. Não separada da educação, a disciplina é aquela magnanimidade e generosidade que se contrapõe, entretanto, à mesquinhez e à minuciosidade, sem esquecer que o ótimo é inimigo do bem.

Não pode haver boa ordem e boa disciplina em uma casa se os superiores não forem previdentes (em que se baseia o nosso Sistema, chamado Preventivo), ou seja, nunca deixem ocasião de fazer o bem ao jovem. O pessoal da mesma casa deve concordar em tudo com esta previdência. Antes de tudo, que os mestres e assistentes tenham cuidado de cumprir, com muito critério, os avisos e as ordens dadas, pelos superiores, para o bom andamento da casa.

---

[15] Id., *op. cit.*, p. 56.

"Dai-me bons assistentes", dizia um glorioso veterano da educação, e "eu te darei um colégio modelo".[16] Eles estão continuamente juntos dos jovens, em todos os lugares. Sem eles, sem seu zelo e boa vontade, todo o trabalho dos demais Superiores seriam em boa parte estéril. Devem eles ser animados de espírito de fé e de sacrifício.

Como meios para estimular a boa observância disciplinar são indicados o bom exemplo, o mandamento, a exortação, unida a uma oportuna repreensão para fugir da desordem; a vigilância e a direção; a ocupação e o trabalho; o exercício contínuo de alguma atividade até adquirir o hábito, a emulação e a moralidade, as notas (*voti*) de comportamento, os prêmios. A emulação e o sentimento de honra sempre foram recomendados por todos os grandes educadores. Não confundir emulação com inveja, apesar de vizinhas. Aquela excita o homem a trabalhar para conseguir os bens vistos nos outros, esta, a despojá-los naqueles que os possui.[17]

A vigilância deve ser previdente, assídua, discreta e leal. Ao Assistente, às vezes, convirá informar-se dos interesses de seus assistidos, para poder melhor satisfazê-los e prestar-lhes algum serviço. Ou ainda, em caso de dever castigar, servir-se de outra pessoa, mesmo um jovem, para conseguir fazer retornar o assistido.

A cruz dos educadores tem sido o problema dos castigos.

Após prevenir para que os castigos não sejam aplicados por paixão, por amor próprio ofendido, classifica-os em naturais e artificiais. Os primeiros consistem em fazer ver as conseqüências provenientes de uma má ação, como perda do crédito por ser preguiçoso. Os segundos variam. O educador pode castigar exprimindo o seu desagrado com a conduta do aluno; ao repreendê-lo com palavras, mediante o gesto, o olhar, o silêncio; mostrando-lhe desatenção; deixando-o de lado; concedendo-lhe um lugar separado dos outros; negando-lhe a participar de diversão com os colegas; ou privando-o, por algumas horas, da liberdade pondo-o junto a uma coluna do pórtico; impondo-lhe privação de alguma coisa, dando-lhe más notas (*voti*) de procedimento; comunicando aos pais ou responsáveis sua má conduta.

---

[16] Júlio BARBERIS, *op. cit.*, p. 72.
[17] Id., *op. cit.*, p. 82-86.

Os castigos naturais são sempre os melhores, porque, além de serem produtos de uma ação má, levam o aluno a punir a si mesmo; porém, nem sempre são suficientes. Devem sempre ser destinados a corrigir e sempre ser o último recurso a utilizar, após terem sido exauridos todos os outros meios e no momento oportuno. Jamais sejam humilhantes. Para que um castigo consiga efeito, o educador deve estar consciente de que a pena a infligir é justa, moderada e proporcionada à falta cometida.[18]

Alguns dos castigos, citados na *Circular de Dom Bosco sobre os castigos* (1883), foram incluídos nos *Appunti* supracitados. Várias disposições, porém, dessa Circular, não eram observadas, normalmente, nos colégios-internatos (e também externatos, como o caso das cópias e ficar em pé frente a uma coluna, por exemplo).

### 3.2. Autoridade e individualidade dentro da estrutura do projeto salesiano

Gilberto FREYRE afirma que havia o empenho da educação jesuíta em quebrar a individualidade da criança, visando torná-la adulto passivo e subserviente, passivo perante Deus e passivo perante a Mãe Igreja em prejuízo da autoridade paterna. Dom Bosco, segundo o Regulamento acima, não parece ver contradição entre a obediência à Igreja e aos pais. Aliás, recomenda e prega a obediência segundo o preceito do quarto mandamento de Deus. Não prega obediência servil, mas amorosa e filial. Julga compossível obedecer a Deus, que vê como Senhor e Pai bondoso, aos Superiores e aos pais, contanto que, no seu comportamento e atitudes, reflitam a bondade e o amor divinos.

Do bom educador exigem-se aptidão e inclinação a esta condição, além de ciência, prudência e urbanidade. A docilidade da parte dos alunos e o bom êxito da sua educação estão na razão de prestígio de autoridade que soube conquistar, autoridade esta que provém da santidade de vida e do empenho (piedade, espírito de fé e de sacrifício, caridade e amor aos meninos, paciência, zelo e imparcialidade).[19]

---

[18] Id., *Appunti*, p. 95-100.

[19] Termina BARBERIS recomendando a leitura de FENELON (*Dell'educazione delle figlie*). ROLLIN (*Trattato degli studi*), ANTONIANO (*Dell'educazione cristiana*), TOMMASEO (*Pensieri ed exempi sull'educazione*), LAMBRUSCHINI (*Dell'educazione, virtù e vizi*), MONFAT (*I veri principi dell'educazione; la pratica dell'educazione cristiana*), Ab. BEAUTAIN (*Le chrétien de nos jours*), Ab. DANPHIN (De *l'éducacion*), De Damas (*Le surveillant dans un collége catholique*), Ab. LALLANE (*Discorsi e conferenze sull' educazione*), LAURENTIE → → (*l'esprit*

## 4. OS PROSPECTOS

O *Regolamento* de 1888, confirmado na edição de 1906, determinava que cada entidade elaborasse um "programa ou prospecto" em que fossem declaradas as condições de aceitação dos alunos. Em se tratando de internatos, as exigências eram rigorosas quanto à saúde física e moral, para que não fossem eles inibidos no trabalho e no cumprimento das regras e costumes do colégio; nem o mau comportamento e modo de pensar causassem prejuízos aos colegas. Os prospectos dos colégios salesianos brasileiros tinham poucas diferenças entre si, mesmo assim não significativas. Em edições sucessivas, foram tomando vulto e deram origem aos projetos educativos, cujo desenvolvimento se acentuou, de maneira cada vez mais aprimorada, a partir dos anos setenta, já em nova realidade de estrutura escolar.

Os pontos fundamentais contemplados nos prospectos eram os seguintes:

- Admitiam-se, gratuitamente, meninos órfãos de pai e mãe, que não tivessem parentes ou outras pessoas que deles cuidassem; no entanto, determinava que o número de gratuitos era proporcional aos recursos fornecidos pela "caridade pública" e pela "Providência Divina".
- Não eram aceitos os que padecessem de moléstias contagiosas ou repugnantes, ou que tivessem grave defeito físico notável e os expulsos de outras escolas.
- Eram ainda recusados os que, sob qualquer pretexto, não quisessem conformar-se com o regimento interno disciplinar ou acadêmico.[20]

Advertia-se, logo, que a insubordinação incorrigível e, principalmente, as faltas contra a moralidade conduziam à eliminação de alunos. Em 1914, acresciam a essas medidas a preguiça habitual e a injustificável morosidade no pagamento das mensalidades.[21]

---

*chrétien dans l'enseignement*), Ab. POULET (*Discours a la distribution des prix*), RIAUT (*L'education des l'internats*), GUIBERT (*L'educateur Apotre*), BRESCIANI (*Il Trionide o avvertimenti ad un giovane che esce di collegio*), RAINERI (*Pedagogia*), BOBBA (*Dell'educazione nei suoi principi e rapporti coll' istruzione seconda classica*). ALLIEVO (*Lezioni di antropologia e pedagogia all'Università di Torino*), Ausonio FRANCHI (*Lezioni di pedagogia*), SPALDING (*l'educazione,mezzi e fine*), MASSA (*Manuale educativo ed istruttivo*), MICHELETTI (*Educazione cristiana*), MACCONO (*Un aiuto all'educatore*, Il Don Bosco (*Periodico che esce dalla nostra tipografia di Milano*). Deste último autor encontramos vários exemplares.

[20] O regimento interno era o próprio *Regolamento*. Vide mais pormenores no Apêndice III, cap. II.

[21] Anuário do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, 1914, p. 56.

Aos alunos, que se distinguiam por bom procedimento e aplicação aos estudos, era permitida a saída no dia de aniversário dos próprios pais com a condição de retornarem à hora marcada pelo Diretor. Esta medida era mais rigorosa que a do Seminário Episcopal de São Paulo que permitia a saída numa última quinta-feira do mês, com autorização escrita do Reitor, com retorno às 17h30.

Dos alunos estudantes admitidos gratuitamente exigia-se, no *Regolamento,* comportamento exemplar e religioso, e a obrigação de servir a casa, como servir à mesa e explicar a doutrina e cousas semelhantes.

## 5. PRAXES, TRADIÇÕES OU COSTUMES

Nascidas dentro da realidade européia, italiano-piemontesa principalmente, tais praxes e tradições encontraram dificuldades para serem implementados na América Latina e no Brasil. Pe. Luís Lasagna, por várias vezes, expressava seu desagrado frente a ordens vindas do centro superior de decisão da Congregação Salesiana, estranhas à realidade sul-americana e eram, para ele, fontes de dissabores, já que os Salesianos eram estrangeiros e todos eram só olhos para eles.[22] As principais dificuldades, no Brasil, diziam respeito a algumas praxes, como os "dias de visita, aos dias de saída e das férias, ao horário, aos professores externos, à Missa diária e à segunda Missa aos domingos".

O AURÉLIO define *praxe* como aquilo que se pratica habitualmente, rotina, uso... Esta palavra aparece na réplica publicada pelo Pe. Alexandre Fia, em 7 de abril de 1899, Sábado de Aleluia, no *Diário de Campinas*, a Antônio Sarmento que protestara também pelo mesmo jornal contra a negativa de permitir seu filho passar o dia em casa. Dizia esse pai que só era permitido ao aluno passar o dia, fora do colégio, três vezes por ano e ainda se gozasse de bom procedimento. Escrevia o padre:

*O regulamento deste Liceu não é formulado pelo diretor, mas é igual àqueles de todas as outras casas que a Ordem possui. É* ***praxe*** *(realce nosso) de todos os nossos colégios que os alunos não podem sair na Semana Santa. Em todos os colégios salesianos é o diretor que determina*

---

[22] Luigi LASAGNA, *Epistolario,* v. 1: cartas n.os 16, 29, 31, 32, 33, 35, 39, 41, 68, 74, 79, 89, 100, 103, etc.

*os dias para a saída dos alunos e isto para nós não transtornarmos as funções e festas do colégio. Digo mais que sou respeitador das leis e justos princípios e me parece que no meu proceder não tenho vexames a pessoa alguma e nem usado de prepotência com ninguém.*

Este fato denota que, além do Regulamento, havia algumas praxes com valor de regulamento.

**5.1.** As saídas (contrárias a um princípio do internato: separação do mundo)

CARON apresenta as opiniões de vários pedagogos sobre as relações entre escola e família. Pestalozzi, Fellenberg e Fröebel buscaram conciliar exigência moral, ensino religioso e instrução de qualidade. Michelez vai mais adiante ao comparar a mãe de sangue individual com a mãe educativa, coletiva, que seria a verdadeira mãe, a escola nutriz, da qual espera propaganda cívica, promoção social e unidade moral.[23]

No século XIX, triunfou o tipo de escola que se encarregou da educação total da infância e da adolescência, sob a vigilância, às vezes pesada, mas às vezes também distante da família. Cita o autor como exemplos Balzac, Flubert, Vallès, entre outros que sofriam com o afastamento e com a ruptura da família, o que suscitava rejeição ou desejo de fuga (Jules Isaac). Mais que sensibilidade exacerbada, trata-se de um antagonismo possivelmente existente entre moral familiar individualista e forma de disciplina coletiva representada pelo internato. O modelo de internato contra a família predominou. Lacordaire, quando diretor do colégio de Sorèse, combatia "a sombra enervante do núcleo doméstico" e preconizava passar a criança, desde os sete anos, para a responsabilidade dos professores. CARON, em conclusão, considerava anacronismo opor escola à família, uma vez que os jesuítas já pretendiam suprir as deficiências da educação familiar no campo moral e religioso.[24]

O sistema salesiano estava baseado no princípio "Dai-me almas e ficai com o resto" (*"Da mihi animas coetera tolle"*). Tal sistema implicava a mon-

---

[23] Jean-Claude CARON, Os jovens na escola: alunos de colégios e liceus na França e na Europa (fim do séc. XVIII-fim do séc. XIX), in: Giovanni LEVI e Jean-Claude SCHMIDT (org.), *História dos Jovens; A época contemporânea,* p. 144-146.

[24] Jean-Claude CARON, loc. cit.

tagem de uma estrutura física tão completa e de um quadro de pessoal em regime de dedicação total e exclusiva que conseguissem dar uma educação em tempo integral, sem interferência alguma do exterior,[25] inclusive da família, considerada então incapacitada de conservar a inocência de seus filhos e torná-los imunes das influências maléficas da sociedade. Uma das interferências indevidas eram as saídas e as férias. Na França, os alunos internos viviam também em regime de reclusão, interrompido apenas por seis semanas de férias de verão e pequenas férias passadas no próprio colégio para aqueles cujas famílias eram muito pobres ou moravam muito distantes.[26]

As saídas, apesar de serem norma regulamentar, sempre se constituíram uma *cruz,* para os Salesianos no Brasil e sempre foram contestadas durante toda a vigência do regime de internato no Brasil. De fato, o Regulamento afirmava que jamais era permitido sair com os pais e com os amigos para jantares, ou para aquisição de roupas. Logo de início, em Campinas, houve a celeuma entre o primeiro diretor e os pais de alunos, por ter aquele negado a permissão a um menino de sair, no Sábado de Aleluia, para passar o dia de Páscoa, em casa. Só era permitido o aluno passar o dia, fora do colégio, três vezes por ano e, ainda assim, se gozasse de bom procedimento. Neste Regulamento, nada existia de determinado quanto às férias.[27]

A discussão prosseguiu, gerando mal-estar na sociedade campineira, que não se conformava com o fato de o diretor considerar a instituição que governava desvinculada da cidade que a mantinha. O padre ganhou alguns inimigos e teve depois de ser substituído.[28] Possivelmente, o fato pode ter deixado traumas nos primeiros Salesianos.

Mas o estatuto das saídas continuou e foi incluído nos prospectos do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, como se pode depreender nos de 1937, quarenta anos depois, onde se declarava:

---

[25] A preocupação de evitar contato com o ambiente exterior revela-se no relatório da visita que fez Pe. Rota ao Ginásio São Joaquim, quando escreveu: "Os alunos estão na aula em bancos diferentes e saem alguns momentos antes dos outros; mas procuram relacionar-se com os internos, e por isso alguma comunicação há". (Pietro ROTA, *Relazione della Visita strarodinária fatta nel 1908*, p. 40, nº 10.

[26] Jean-Claude CARON, *op.cit.*, p. 158.

[27] Cfr. Anexo III: Regulamento para as Casas..., cap. XV, art. 4º. Ana Maria de Melo NEGRÃO, Arcadas do Tempo..., p. 65. Appendice "A"- Prospecto do Lyceu Salesiano "Sagrado Coração de Jesus". Annuario do 32º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do "Sagrado Coração de Jesus", 1917, p. 143.

[28] Ana Maria de Melo NEGRÃO, *Arcadas do Tempo: O Liceu tece 100 anos de história,* p. 65.

*É incontestável que a educação dada ao aluno interno é uma educação mais completa e portanto mais eficaz.*

*O internato salesiano é de acordo com o seu fundador D. Bosco o prolongamento da vida de família. Procura-se educar por meios suaves, pela persuasão e pelo apelo aos bons sentimentos do aluno. Tem-se em vista não reprimir e castigar, mas corrigir, estimular e melhorar. Cumpre, porém, poder contar sempre com o apoio e coadjuvação dos senhores pais e tutores.*

*Que este sistema tenha dado ótimos resultados demonstram-no a extraordinária freqüência dos colégios salesianos espalhados por todas as partes do mundo e a grande confiança que lhe tem dado sempre manifestado os senhores pais de família, bem como a dedicação que consagram aos seus mestres os ex-alunos saídos dos colégios salesianos.*[29]

Este modelo de internato durou, quase intocável, mas com dificuldades e arranhões, até 1964, quando começou a se tratar de um novo Regulamento. Entretanto, o fato de estar incluído nos prospectos não eliminou, de imediato, a discussão, que continuou tensa até o fim do regime de internato, como veremos nos itens a seguir.

No Brasil, a intervenção de pessoas estranhas, ou seja, não salesianos religiosos, não pôde ser afastada nos três colégios em questão (sem falar dos demais), pela falta crônica de pessoal salesiano interno. O pessoal externo sempre esteve presente desde os inícios da obra salesiana no Brasil, o que era considerado como uma grave falha contra o espírito salesiano.[30] Ainda em 1942, o Visitador, Pe. Giuseppe Reyneri, recomendava a separação dos alunos internos dos externos.[31]

---

[29] *Prospectos do Lyceu Salesiano N. S. Auxiliadora,* Campinas. Est. De S. Paulo. Estabelecimento Livre de Ensino Secundário: Internto - Semi-Internato - Externato - Cursos: Primário - Admissão-Gymnasial, Commercial, Agronomico, 1937, p. 12.

[30] A Visita Extraordinária, feita pelo Pe. Pedro Rota, constata a sua presença nos três colégios. Diz que o pessoal externo é difícil de vigiar-se para que se cumpra o Regulamento (*op. cit.*, p. 76). Em 1926, o problema da salesianidade dos colégios estava ainda em alta, devido, também, ao grande número de pessoal externo neles trabalhando (*Lettera Domenico CERRATO - Don Filippo RINALDI*, Lavrinhas, 26.06.1926). Pe. Filipe Rinaldi era então Superior Geral. Em 1931, escrevia Pe. Pedro TIRONE, Catequista Geral: "Mi convinco anch'io sempre più della necessità di continuare ad inviare in America Confratelli italiani, perchè, per questa regione è forse ancor troppo presto abbandonarle al solo elemento indigeno. E poi... il nostro spirito solo com molta difficoltà viene perfettamente assimilato da altri popoli. Questo non si può dire forte che altri sentono, ma bem ci'è lecito pensarlo e secondo esso regolarci" (*Carta a Calogero GUSMANO*, 21-V-1931). A italianidade, nesta época, era considerada elemento importante do espírito salesiano.

[31] *Atas das Visitas Domésticas do Liceu Coração de Jesus, 1931 a 1966*, 08.12.1944, p. 17.

Em 1908, Pe. Pedro Rota notificava em seu relatório que havia saídas com os pais, no Liceu Coração de Jesus, três vezes ao ano, de manhã até a tarde, mas não fez crítica a este fato.[32] As maiores dificuldades surgiram na aplicação do artigo relativo aos dias de saída, no Liceu de Nossa Senhora Auxiliadora, cujo prospecto de 1913 nem sequer admitia saídas na Semana Santa nem nas festas de São João.

As pressões externas continuaram e houve sempre concessão de saídas. Em 1926, o Inspetor (Provincial) enviou uma circular pedindo observância do regulamento que proibia saídas durante o ano letivo, já que o Colégio S. Joaquim permitia mais saídas do que o permitido. O Conselho do Liceu Coração de Jesus respondeu dizendo ser

*impossível a execução de tal ordem por diversos motivos entre eles o de ser a saída um prêmio que facilita grandemente a disciplina interna e por ser costume aqui no Brasil de dar em todos os internatos saídas semanais aos seus alunos e os mesmos colégios religiosos que usam mais rigor concedem no mínimo uma saída... cada quinze dias.*[33]

Foi dirigido um pedido de concessão ao Pe. Inspetor, que respondeu estar autorizado a fazer exceções, mas o enviou ao Conselho Superior da Congregação para ulterior deliberação. Em carta ao Superior Geral, mencionava o Diretor do Ginásio São Joaquim, ex-Provincial em Mato Grosso, que mais resistia em eliminar as saídas numerosas durante o ano escolar[34] Pe. Pedro Tirone, do Conselho Superior, determinou, em 1931, que não se concedessem saídas particulares contra as prescrições regulamentares.[35] Em Lorena, no Ginásio São Joaquim, havia o costume de permitir saídas mais ou menos gerais por ocasião da Páscoa, em agosto e princípios de novembro (por ocasião de Finados). Mas o cronista observava: "Não se sabe em que se baseavam para tais concessões que se contradizem com o nosso sistema pedagógico. Manter-se-á a tradição com certa restrição e severo controle a fim de preparar o ânimo dos alunos a receber a palavra negativa nos anos consecutivos".[36]

---

[32] Pietro ROTA, *Relazione della Visita straordinaria fatta nel 1908*, p. 81.

[33] Grifos nossos.

[34] *Actas do Capítulo do Lyceu Coração de Jesus, de 1919 a 1933*, reunião de 18.12.1926; 12.12.1926; 26.06.1926. Nesta última sugeria até que não houvesse a recondução deste ao cargo, já que estava terminando seu sexênio, o que não ocorreu.

[35] *Atas das Visitas Inspetoriais do Colégio S. Joaquim*, de 1909 a 1990.

[36] Colégio São Joaquim, *Cronica 1939*, p. 52.

As recomendações para a eliminação dessas saídas e para convencer os alunos a aceitá-las tornaram-se cada vez mais insistentes nos anos quarenta, quando houve maior endurecimento.[37] Esta posição proibitiva tornara-se insustentável a ponto de, na ata da reunião do Conselho do Liceu Coração de Jesus (06.12.1956), estar registrado o seguinte: "... o cedermos saídas para os alunos internos é uma questão gravíssima e urgente, que os Superiores do Liceu façam um relatório para enviarmos a Turim". E acrescentou-se: "Comentou-se uma observação feita por D. Antônio M. Siqueira, DD. Bispo auxiliar de S. Paulo, ao ver que os alunos internos passavam o dia conosco: 'não deixemos os alunos perderem o contato com a família'".[38]

Dois anos depois, o Conselho do Liceu Coração de Jesus chegou a esta conclusão: "O cumprimento integral do Regulamento é reconhecidamente impossível: impõe-se a necessidade das saídas, de mudanças nas práticas de piedade, etc". Discutiram-se várias propostas quanto ao assunto: cada divisão teria uma semana? Saídas prêmio? Sistema misto? Os Maristas davam uma saída geral por mês e outras como prêmio. O problema dizia respeito aos alunos internos provenientes do interior. No ano seguinte, decidiu-se que os alunos de bom comportamento teriam o quarto domingo; as saídas-prêmio, para os classificados em notas nas aulas, teriam o segundo domingo. A saída seria no sábado após as aulas e o retorno no domingo às dezenove horas.

Em 1969, uma solução semelhante foi adotada pelo Liceu N. S. Auxiliadora, cujo Conselho decidiu dar saídas duas vezes por mês. Foram considerados positivos alguns aspectos, como:

1) fazer as famílias sentir maior responsabilidade pelos seus filhos (pois acham que umas tantas famílias põem os filhos no internato e que os padres se arrumem; 2) insistem os pais, especialmente dos bons e bem constituídos e formados (...), pois desejariam passar o fim de semana com os próprios filhos; 3) impossibilidade dos salesianos (sic) terem um descanso ao menos quinzenal pois o trabalho no internato é esgotante; 4) impossibilidade do passeio semanal, aqui em Campinas, cidade muito grande

---

[37] Pe. Orlando CHAVES, deixou em ata de sua visita, que possivelmente se eliminasse a saída de Páscoa, *Atas das Visitas Domésticas, 1931-1966*, 01.09.1942, p. 13.

[38] *Atas do Capítulo do Liceu Coração de Jesus*, de 1954 a 1970. *Id.*, reuniões de 18.11.1958, de 07.02.1959 e 18.04.1959.

e muito movimentada e é quase moralmente inseguro deixar sair um Assistente com 80 ou 90 alunos pela cidade a passeio; 5) concordância da maioria dos pais.

Como aspectos negativos, foram apresentados os seguintes: "1) talvez um menor rendimento nos estudos, o que seria sanado com o privar da saída os que saem mal no estudos; 2) evitar a saída do domingos das 9h30 até as 16h". Foi feita uma observação final especialmente quanto aos "alunos maiores e médios que toleram e até gostam de ficar no internato durante a semana, pois encontram[39] ambiente para estudar, mas não toleram ficar aos sábados e domingos".

Este debate atravessou toda a história do internato da instituição, conforme ofício dirigido ao seu Diretor, pelo Vice-Provincial em 1969, seis anos antes da extinção do internato, negando a ampliação da saída dominical dos alunos internos, abrangendo a tarde do sábado, todo o domingo e a manhã da segunda-feira, e isto de 15 em 15 dias, considerando os inconvenientes (sem explicitá-los) que poderiam surgir.[40]

## 5.2. As férias

Ligada às saídas estava a concessão das férias, também consideradas nocivas à aplicação do Sistema Preventivo, segundo interpretação oficial de então, por interromper o processo educativo. Eram e foram sempre toleradas.[41]

Dom Bosco falando das férias com os pais ou amigos assim dizia: "Procurem os Superiores que se fecha de uma vez a oficina de todos os males, ou seja, o tempo de férias com os pais ou amigos".[42] Verdade que estas palavras se referiam direta e expressamente aos religiosos salesianos,

---

[39] Carta dirigida ao Provincial, de 31 de outubro de 1960, AISSP, *Caixa 2: Documentos, cartas e documentos antigos.*

[40] AISSP, *Caixa 2,* citada.

[41] Pe. FREDIGOTTI, prefeito geral da Congregação, advertia, em 1957: "Non vorremmo certo che fossero **vendemmia del diavolo**, mentre invece son destinate a rifarci nello spirito per mezzo degli Esercizi Spirituali e di buone letture; e anche nel fisico, com necessario riposo". Pe. Antonio BARBOSA, *Circular nº 13 do Pe. Inspetor*, 15.11.1957. *Padre Inspetor 1936 a 1965.*

[42] "Satagant Superiores ut omnino claudatur omnium malorum officina, qualis est feriarum tempus apud parentes aut amicos".

mas o próprio Dom Bosco preocupava-se com as férias dos alunos e dava a entender que teria prazer de que eles passassem as férias no Oratório e prometia compensar-lhes o sacrifício proporcionando-lhes recreios, lanches, teatrinhos e passeios deliciosos.[43] Dele, todavia, não partiu norma especial proibindo as férias.

Aos que partiam para as férias não deixava de dar-lhes conselhos para se precaver dos perigos a que estavam mais expostos como más leituras, maus companheiros e outros inconvenientes que escapavam da vigilância dos pais, e esta praxe continuou no Brasil. Significativo é que não aparece explicitamente esta preocupação em relação aos alunos externos, pelo menos da forma como ocorreu com os alunos internos!

Pe. (Beato) Miguel Rua, "consciente das desordens que soem acontecer nas saídas dos alunos", escrevendo aos Provinciais em 1902, por ocasião do Natal, aconselhava a "persuadir os Diretores de que um dos meios para conservar a moralidade entre os alunos era não deixar ir às férias de Natal, Carnaval e Páscoa e de não permitir sair durante o ano com os pais ou amigos por prêmio, nem por outros motivos, senão em caso de necessidade".[44]

Em 1907, Pe. Miguel Rua lamentava a não-observância dessa norma e, em 1908, louvava os Diretores que suprimiram as férias em casa dos pais, mesmo as férias-prêmio e seus colégios cresceram em número de alunos. No ano anterior, os Provinciais da Itália já haviam decidido eliminar o Art. 315 do Regulamento, que permitia as férias.

No Brasil, contudo, em 1908, o Visitador Pe. Pedro Rota, depois Inspetor da Inspetoria de São Paulo, constatava, em seu relatório: "Nos outros colégios, também dirigidos por Religiosos, há o costume de conceder férias por ocasião de São João, dez dias de férias; em nosso colégio somente um dia aos internos e dez para o estudantes externos, ao contrário, estes não viriam às aulas".[45] Pelo exposto, já havia dificuldades, pelo menos, para os alunos externos.

---

[43] *MB*, 5, 278-279.

[44] Carta Circular do Pe. Rua, p. 298.

[45] Pe. Pedro Rota, *Relazione della Visita straordinaria fatta nel 1908*, p. 71.

Na circular de 15 de maio de 1911, o novo Superior Geral, Pe. Paulo Albera, dirigida aos Provinciais, renovava as determinações da reunião dos Inspetores de 1907, que rezava: "As chamadas saídas-prêmio estão proibidas em qualquer casa nossa; b) As férias durante o ano escolar estão proibidas nos internatos simples e nos internatos com Pensionato anexo". E que nesse tempo houvesse aulas de recuperação, estudos especiais e conferências e, especialmente, nas férias de Páscoa, com os Retiros e as funções da Semana Santa.

Nos Internatos-pensionatos, as férias limitavam-se unicamente ao Natal e à Páscoa e mais a dois ou três dias, incluídos os dias de viagem, enquanto se solicitava que os Provinciais entrassem em acordo para as férias de outono. Estas determinações foram confirmadas aos Provinciais da Europa, renovadas na circular de 19 de março de 1915 e, em caso de exceções, escrevessem ao Conselho Geral.

Mas a Primeira Grande Guerra convulsionou a vida normal dos colégios e coonestou certas infrações. Vieram as epidemias que abriram margem para maior amplidão[46] e outras dificuldades, como a escassez de pessoal, os parcos meios econômicos, as provisões alimentares cada vez mais difíceis... Tudo isso favoreceu alargar a aplicação dessas normas referentes às férias. Por isso, o Conselho Superior resolveu repristinar as antigas disposições que disciplinavam as férias dos alunos, já para os anos de 1921-1922.[47]

A instituição de saídas-férias no Brasil era um costume nacional de todas as escolas e a aplicação da norma regulamentar entraria em choque com o sistema educativo salesiano tal como era proposto. O diretor do Liceu Coração de Jesus, para obviar o problema que a proibição de férias e saídas, entre seus alunos internos, poderia repercutir, negativamente, até no ponto de vista disciplinar, comprou uma chácara no alto de Santana, de 85.000 metros quadrados. Nela montou uma estrutura de diversões, incluindo parques de recreio e de jogos, piscina para natação, que se prestava para

---

[46] O Conselho do Liceu Coração de Jesus, p. ex., decidiu esvaziar completamente o Colégio por precaução e porque as autoridades sanitárias ameaçavam fechá-lo, visto terem detectado casos de tifo entre os alunos saídos (*Atas do Conselho do Liceu Coração de Jesus*, 10-VII-1919 e 10-VII-1919). Até o horário sofreu modificações. Na Revolução de 1924, em que o estabelecimento foi bombardeado, ocorreu o mesmo. Igualmente, ocorreu em 1932. Aliás, o estabelecimento, por ser vizinho ao Palácio do Governo, era sensível aos movimentos políticos e pressões diversas.

[47] Bartolomeo FASCIE, Consigliere Scolastico, *Atti del Superiore*, Torino, 2 (5): 24.05.1921, p. 241.

passeios, normalmente quinzenais, estação de saúde inicialmente, e, principalmente, como colégio ideal durante as férias. para os alunos dos Preparatórios. O mesmo fez o Ginásio São Joaquim, comprando uma chácara em Caxambu, estação de águas procurada por cariocas e paulistas.[48] Os anuários das duas instituições são férteis em notícias sobre a utilização desses locais pelos alunos internos.

Os anuários e as crônicas dos colégios em estudo registram, unanimemente, a alegria dos alunos internos ao sair para as férias e a tristeza de muitos nos primeiros dias de retorno à vida do internato. Entretanto, férias sempre houve, no Brasil, pelo menos, as de fim de ano. Os alunos, ao retornar, sentiam muito a ausência de seus pais. Nos primeiros três dias iniciais de aulas, eram oferecidas, à noite, sessões de cinema e outras diversões para ajudá-los a esquecer ou, pelo menos, diminuir a saudade dos seus queridos.[49]

Os alunos dos internatos salesianos brasileiros entravam em férias nos inícios de dezembro, precisamente no dia 30 de novembro, até inícios de fevereiro (os aprendizes internos) ou de março (os alunos internos ginasianos) do ano seguinte. Havia, ainda, as férias de São João entre os dias 15 de junho, aproximadamente, até o dia 1° de julho.

Antes de sair para as férias, recebiam os alunos um "santinho", tendo, no verso, algumas recomendações para a sua prática religiosa, como: a observância do preceito dominical da Missa e dias santos de guarda, a freqüência aos Sacramentos da Confissão e da Comunhão (considerados o melhor antídoto para se guardar dos perigos e das tentações), a fuga das más companhias, das más leituras e dos maus espetáculos; ou ainda, alegria em viver em amizade com Deus, repouso físico sem ócio moral, operosidade cristã, obediência aos pais.[50]

Numa circular sobre as vocações, após ter tratado da mentalidade militarista, considerada uma das causas da diminuição das vocações, um

---

[48] Luis MARCIGAGLIA, *Aos amigos e benfeitores do Lyceu Salesiano*, p. 24.

[49] O redator, ao relatar as preocupações dos dirigentes salesianos e dos professores, perguntava: "Com o término das férias, voltam os alunos. Será que todo esse povinho veio mesmo com vontade de estudar? Essa pergunta muda, solene e angustiosa, estava escrita nas rugas que sombreavam o rosto dos srs. Professores". Cfr. *Dom Bosco*, 1938, p. 485.

[50] Cfr. *Annuario do 33.° Anno Lectivo do Lyceu Coração de Jesus 1917*, p. 92-93. *O Lyceu*, 1929, p. 370. Colégio São Joaquim, *Crônica*, 1939, p. 37.

membro do Superior Geral expunha seu pensamento sobre as férias, também com efeitos semelhantes.[51]

Outro abuso a excluir-se, acrescentava o documento, inadmissível em nosso sistema educativo, é o das "férias-prêmio", durante o ano escolar, que não deveriam ser concedidas sob nenhum pretexto: "Nem por temor de diminuição de alunos, nem para descanso dos Salesianos, nem pelo fato de alunos dos cursos mais elevados ou somente pensionistas freqüentarem as escolas públicas, caso que deveria ser aproveitado para sua educação religiosa, através de exercícios espirituais e conferências, para não reduzirmos a donos de albergues..."[52]

O Capítulo do Liceu Coração de Jesus julgava, em 1922, de "impossível execução", a prescrição do Regulamento que proibia saídas. A saída-prêmio, por exemplo, "facilitava grandemente a disciplina interna e por ser costume no Brasil de dar em todos os internatos saídas semanais aos seus alunos". Até os mesmos colégios religiosos mais rigorosos concediam "no mínimo uma saída semanal cada quinze dias"(sic!). Esta questão arrastar-se-ia pelos anos seguintes, sem um solução à vista.[53]

Em 1931, houve nova reforma de ensino no país, provocando uma corrida das escolas para obter o instituto da equiparação, sob pena de sobreviverem.[54] Em reunião do Conselho, entre as observações apresentadas aos conselheiros, além das relativas às finanças ("arrebentadas"), da reforma do Estatuto para atender à nova legislação de ensino, o Diretor apontava uma grave dificuldade originária, segundo ele, da situação do País:[55]

*Por várias circunstâncias e a época atual em que nos achamos: esta intranqüilidade e espírito de insubordinação que reina no país, é preciso que também nós concedamos aos alunos as férias de junho. Aliás, de todos os colégios da Capital, nós somos os únicos que não dão férias em*

---

[51] Paolo Albera, Sulle vocazioni, Torino, 15 maggio 1921. *Lettere Circolari di D. Paolo Albera ai Salesiani*, p. 477-478.

[52] *Ibid.*

[53] *Atas das Visitas Inspetoriais do Liceu Coração de Jesus*, 11.03.1921; 19.03.1922; 26.12.1925; 18.09.1926; 14.11.1926; 12.12.1926. O "sic" é nosso.

[54] Em reunião de 01.02.1932, o diretor do Liceu Coração de Jesus afirmava que, sem a equiparação, o estabelecimento morreria. *Actas do Capitulo do Liceu Coração de Jesus*, p. 67b.

[55] *Actas do Capitulo do Liceu Coração de Jesus*, p. 67b, reunião de 02.06.1931. Estava no Brasil o Catequista Geral da Congregação, Pe. Pietro Tirone, em visita extradinária.

*junho. E nas circunstâncias em que nos achamos, se não dermos férias, teremos revoltas e desordens em Casa. E o Pe. Octacilio disse que os Externos já combinaram que, no caso de não haver férias em junho, eles fariam parede. Os Internos estão todos revoltados só em pensar que não vai haver férias. Por isso, com o assentimento unânime de todos os Capitulares, resolveu-se que iria uma Comissão a apresentar ao Pe. Visitador as razões pelas quais solicitamos, que neste ano permitam que se dê férias aos alunos.*

Pe. Domingos Cerrato, então Provincial, fez uma exposição numa reunião do Conselho Superior da Congregação, em 1932, em Turim, dizendo que os nossos colégios do Brasil-Sul estavam equiparados ou em vias de equiparação e acrescentava: "O Governo nas suas escolas distribui os exames em três épocas: Natal, Páscoa e outono, ao todo três meses. Os Salesianos não poderão fazer de outra maneira e por outros motivos". Os Superiores Gerais aceitaram tais disposições mas solicitaram que "se abolissem as saídas-prêmio - dominicais ou semanais. Se o Inspetor encontrar dificuldade, que as exponha em tempo útil ao Conselho Superior por meio do Conselheiro Escolar".[56]

Em 1942, o Provincial (Inspetor) determinou que as férias de junho se restringissem àquela semana prescrita pelo governo. "Para salvaguardar a disciplina do internatos e a pureza dos alunos", dizia no início de uma circular sobre as saídas e as férias, e ordenava que se repristinassem as determinações de FASCIE, a saber:[57]

1 - Não se permita aos alunos sair, durante o ano letivo, com os pais ou amigos, nem por prêmio, nem por outro motivo, senão em casos de verdadeira necessidade (Carta Circ. de Dom Rua, p. 298.).
2 - Eliminem-se, portanto, as saídas de Páscoa, de Finados, da Semana da Pátria ou outras que se tenham introduzido.

---

[56] *ASC D 873.* Verbali, V, 15.06.1932, p. 452.

[57] *Atas das Visitas Domésticas do Liceu Coração de Jesus*, 01.09.1942, p. 13. Eram as férias previstas pela Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942 (Dom Bosco, 1942, p. 291). Essas férias passaram para 15 dias para os alunos internos, em 1946. As aulas recomeçavam em 1° de julho. (Cfr. *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1946, p. 14). Em 1947, julho inteiro era mês de férias e as aulas iniciavam a 1° de agosto.

3 - Estas duas recomendações devem figurar nos Estatutos de todos os internatos e na folha de aceitação dos alunos, assinada pelos pais. Sugiro a seguinte forma:

Não se permitam aos alunos, para maior vantagem nos estudos e na disciplina, saídas durante o ano letivo, nem na Páscoa, nem no dia de Finados, nem em outra qualquer se não em casos de verdadeira e grande necessidade.

Muito podem fazer os Salesianos, principalmente os Capitulares, convencendo os meninos da utilidade para seu bem estas normas.

*Façam-se o possível para conservar os alunos no colégio durante a última semana de junho (férias de junho) (Conf. Carta Circ. de D. Albera, de 15 de maio de 1911).*

6 - As férias do fim do ano sejam abreviadas quanto mais se puder: segundo o desejo de D. Bosco não devem passar de dois meses; ou melhor "lhe sejam demasiadamente longas as férias de dois meses" (art. Circ. de Dom Rua, 1907).

Exortava a manter os alunos no internato para participar da Festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição (8 de dezembro), de "cunho genuinamente salesiano". Prevenindo resistência da parte dos Salesianos, acrescentava:

7 - Dir-me-eis que estas normas são um ideal irrealizável. Pois abençoados sejam os que fizerem todo o possível por realizá-las", porquanto amadurecerão os melhores frutos de disciplina, estudo, piedade, pureza, vida cristã sólida" e "numerosas e escolhidas vocações para perpetuar e ampliar as Obras de Redenção".[58]

As praxes foram incluídas no "Regolamento", edição 1906, do qual se tratou supra, e se transformaram em práticas normais na vida dos escolas salesianas. Além das examinadas acima, destacava-se a Missa diária de que trataremos no próximo capítulo.

---

[58] Pe. Orlando CHAVES, *Circular nº 48 do Pe. Inspetor*, São Paulo, 24.05.1845. AISSP.

CAPÍTULO IX

# AS PRÁTICAS RELIGIOSAS, ASSOCIATIVAS E FESTIVAS

A Religião, um dos elementos da tríade do Sistema Preventivo, permeava toda a vida e práticas educativas dos Salesianos. Todo o regimento ou estatuto, como pode ser visto, estava embebido da idéia religiosa. Não era para permanecer nas simples palavras estatutárias ou regulamentares, era para valer na vida real do internato como em toda atividade dos Salesianos em favor dos jovens. É o "leit-motiv" do sistema educativo salesiano.

O modelo de práticas religiosas foi construído por Dom Bosco segundo os costumes vigentes no Piemonte e na Lombardia e parecem bem distantes do paradigma religioso brasileiro, muito afeito a numerosas orações, devoções, novenas, trezenas, quinzenas, superstições, promessas e crendices.[1]

[1] Vide capítulo II, p, 47-49. A Editora ECO publicou *O livro da sagrada cruz de caravaca* contendo centenas de orações, ladainhas, preces, exorcismos e orações para diversos males, Rio de Janeiro,→

O sistema educativo salesiano baseia-se num exercício intenso de práticas religiosas (orações, confissão e comunhão freqüentes), de catequese, de pregação intensa, de retiros espirituais, de festas religiosas, enfim de um ambiente imbuído de viva religiosidade cristã.[2] Além dessas mediações, utilizavam-se outros instrumentos, como as Boas-Noites, os conselhos, a palavrinha ao pé do ouvido, a direção espiritual que serviam, fundamentalmente, para orientar e ajudar o educando não só a formar a própria personalidade como também a fornecer os meios para se libertar dos males da luxúria, da sodomia e masturbação, descritas com vivacidade mais acima, por Gilberto Freyre, além de uma assistência contínua, onipresente, ativa, participativa e amável. Toda cena de nudez era repelida e desestimulada, até no vestuário, nos esportes e no banho.[3]

## 1. A RELIGIÃO NOS INTERNATOS SEGUNDO A LITERATURA BRASILEIRA

Nos romances sociais, como os de José Lins do REGO,[4] estudados na primeira parte deste trabalho, nota-se deficiência não só da vida religiosa dos alunos internos, mas também a ausência, quase absoluta, da assistência religiosa. *Doidinho*, por exemplo, recebia aulas de catecismo na sacristia da igreja, segundo acordo lavrado entre o padre e o diretor do colégio. A catequista, mestra de Religião no colégio das meninas, "falava com mansidão de mãe boa, sem um grito" e fazia as perguntas cujas respostas eram dadas por ela mesma. Tratava-se do Primeiro Catecismo.

Dizia REGO que o catecismo era dado do mesmo modo como nos engenhos se ensinava aos papagaios. Iam os alunos internos "para os exercícios espirituais com a alegria do passeio até a igreja". *Doidinho* considerava Eucaristia "uma palavra bonita". A preparação imediata à Primeira

---

→ s.d. Este livro já está na 13.ª edição. Na contracapa apresenta a listagem de outros, incluindo de umbanda, espiritismo, catimbó, feitiço, tarô, etc. O fenômeno demonstra bem o que Gilberto Freyre descreve em seus livros, *Casa-Grande e Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. Esta era a realidade que os Salesianos encontraram. *A Gazeta da Zona Norte*, de 4 de outubro de 1997, na página 17, publicava treze orações, sem contarmos as repetidas.

[2] Letreiros com frases do tipo *Deus me vê* e/ou sentenças eram colocados em lugares-chaves e muito freqüentados, geralmente em mostruários.

[3] Os alunos usavam geralmente um calção que descia abaixo dos joelhos e era chamado, jocosamente, de "calção-dom-bosco". Nos dormitórios, os internos enrolavam-se na toalha de banho para trocar de roupa. Provincial houve que chegou a proibir o uso de bolso nas calças. Na ânsia de combater os males da luxúria, houve evidentemente exageros, tudo, porém, com a intenção de prolongar, o mais possível, o estado de inocência das crianças e dos jovens.

[4] José Lins do REGO, *Doidinho*, cap. 8° ao 10°, especialmente, p. 35-43.

Comunhão o contagiou, especialmente fê-lo mergulhar no pensamento de seus pecados, os pecados "feios" contra a castidade, cometidos lá no engenho. A obrigação de contar tudo ao padre na Confissão, sobre a qual recebera "uma série de conferências" de um frade, que, na segunda palestra, falara "das penas do inferno, da desgraça daqueles que morriam em pecado mortal". Voltara, dizia *Doidinho*, para o colégio "sentindo o bafo quente" das chamas infernais.

*Doidinho* observava o comportamento e as práticas das "beatas" que rezavam e do "povão" que ia confessar-se, pensando na sua hora de confessar-se. O padre recebeu-o com uma voz cheia de "uma doçura paternal" nos conselhos que deu. À absolvição, todo o seu corpo parecia tocado da bondade de Deus. Voltou da Confissão: "Dormi com a consciência limpa, com a ansiedade de receber do meu corpo lavado de novo o filho de Deus do meu catecismo".

Em **O Ateneu,** também, não se dava muita importância à informação e às práticas religiosas, apesar de algumas delas serem celebradas com alguma solenidade. Entretanto, o romancista mostra a alma religiosa da criança, que teve "a idéia de armar em capela o compartimento do 'seu' número", em que "alojaria Santa Eulália", a sua padroeira, projeto este que gorou pela dificuldade de conseguir flores. Ao surgir o mês de maio, iniciavam-se "os hinos pela manhã no oratório do Ateneu", que para Sérgio eram momentos abençoados em que podia viver "um pouco de recolhimento da poesia cristã". Na capela, "ajoelhados, ressentidos da influência moral do cenário, oravam sinceramente", como que repousando "na trégua da oração das miseriazinhas da hora comum".[5]

A passagem em que Raul POMPÉIA descreve os momentos de êxtase de Sérgio, diante da imagem da Imaculada é uma das páginas mais belas de seu romance. Limitava "as suas preocupações do espírito à sua humilhação diante de Deus", anulando-se "na angústia do pensamento religioso", como se fosse um membro da procissão da Penitência: "triste e feliz". Já no canto do anjo da guarda, ao meio-dia, "a dureza dos vigilantes... os constrangia", apesar de cantar, com seu colega, "com um esforço de adoração", que compensava a leviandade dos demais colegas. Aborrecia-se, entretanto, com "a hora de oração", que se fazia à noite, antes de recolher, já carregados das fadigas do dia e do sono. Sérgio,

---

[5] Raul POMPÉIA, *O Ateneu,* p. 47.

porém, "gozava do prazer da mortificação, sustendo-se fervoroso durante a reza noturna".[6]

Os alunos do Ateneu iam à Missa, aos domingos, e "todos abriam seus livrinhos de orações, para que o diretor os visse atentos". Nos dias solenes, cantavam em coro. Concorriam ainda para abrilhantar as procissões de que o protagonista do romance afirmava gostar. Mas a volta para o colégio era tristemente dolorosa. Daí para a frente, sua religião se foi "escurecendo".

Em contato com dois de seus companheiros, a situação inverteu-se completamente, um dos quais "andara num seminário rigoroso, regime de nitro, para congelar as ardências da idade", que o encheu dos pavores da fé, instilando-lhe as informações mais negras sobre os castigos da Providência, aprofundados ainda com a leitura de *Nova Floresta* de Bernardes. Começou Sérgio "achar a religião de insuportável melancolia...: morte certa, hora incerta, inferno para sempre, juízo rigoroso, nada mais negro". Ele, que já encontrava dificuldades em rezar as orações do catecismo, esbarrou no cumprimento fastidioso do preceito: "Ir à Missa, muito bem; mas o resto e ainda mais a dependência dos senhores ministros do altar...; (...) a sacristia e o inferno, prováveis escândalos e horrores inevitáveis, desgostaram-me de tudo". Havia até feito uma experiência, "estudando um pouco, rezando muitíssimo, com um pequeno jejum". Mas no "dia seguinte, nota má", pusera-lhe descrédito em Deus. Entrou em crise, arrastando-se à margem da fé cristã. Subiu ao dormitório, tirou da gaveta de seu armariozinho Santa Rosália, guardando apenas a flor de sua última oferta, deitou-lhe o último ósculo, e transferiu-a para nova missão de marcar as páginas de um livro.[7]

A situação religiosa não parece melhor no "Ginásio Deus, Pátria e Família", palco onde se desenrolou a *Falange Gloriosa* de RANGEL, quase nada expressa do que indica o belo título que encabeça sua fachada. O professor de "Latinidade e Religião", o pároco, mantinha vida irregular. Sua figura, como a do próprio Bispo diocesano e dos demais padres da diocese, era pintada em formas caricaturais. O Diretor da escola aproveitava-se das situações para ridicularizar o pároco, que também o odiava. Os colegiais iam, aos domingos, à Missa uniformizados, sob a vigilância de uma Assis-

---

[6] Raul POMPÉIA, *loc. cit.*

[7] Id., *op. cit.*, p. 57-59.

tente, separada à força de seu esposo, pelo Diretor, para servir exclusivamente à sua escola. Afora esta prática dominical, nada mais se notava.[8]

Nesses internatos faltavam a continuidade, a assistência intensiva e orientadora no setor da formação religiosa, de modo que tudo voltava como antes.

Na escola salesiana, por sua vez, a assistência, a instrução e a vivência religiosa integravam toda a realidade da vida do internato. O aluno era estimulado à prática religiosa integral. Todas as atividades giravam em torno da fé cristã, mas uma fé alegre. Imperava a norma do "servir ao Senhor com alegria"[9] e de que "um santo triste é um triste santo". Havia a preocupação constante de que os alunos vivessem alegres e de que a fonte da alegria fosse o sentimento de estar em amizade com Deus (estado de graça), o que era julgado imprescindível para a execução de todas as atividades diárias com satisfação, segurança e eficiência.

Neste capítulo, serão apresentados a estrutura religiosa dos colégios salesianos, o calendário básico, um dia no internato, as companhias religiosas, além do exercício da boa morte, das Boas-Noites e dos retiros espirituais, os principais, não exclusivos instrumentos de cultivo da vida religiosa.

## 2. A ESTRUTURA ORACIONAL DO INTERNATO SALESIANO: *O JOVEM INSTRUÍDO*

*O Jovem Instruído,* escrito por Dom Bosco, o devocionário oficial dos Salesianos, de grande simplicidade, teve centenas de edições em todos os países em que estes trabalharam. Foi um verdadeiro "best-seller". Era de uso obrigatório em todas as instituições salesianas e sua estrutura não podia ser modificada sem o consenso do Conselho Superior da Congregação Salesiana.

Era também aceito pelo povo que desejava usá-lo como devocionário, mas seu preço era muito alto por causa da parte latina do Ofício de Nossa Senhora que, no Brasil, não era usado nem nos colégios salesia-

---

[8] Godofredo RANGEL, *op. cit., passim.*

[9] No alto do frontal do palco do Liceu Coração de Jesus, está o letreiro em latim: "Servite Domino in laetitia", o original da sentença citada.

nos. Um Provincial tentou, em vão, que se eliminasse esta e se fizesse uma edição menor, para facilitar sua aquisição por todos.[10]

É muito comum encontrar ex-alunos que se lembram, ainda, com saudades, deste livrinho que os encaminhou nos primeiros passos da vida de aluno salesiano e lhes forneceu ensinamentos por eles considerados úteis para a sua vida posterior. Hoje, este livro só existe nos arquivos e bibliotecas especializadas da Congregação.

Era constituído de três partes. A primeira tratava da formação, ou seja, do que o jovem necessitava para ser virtuoso e dos meios de perseverança. A segunda apresentava as práticas particulares de piedade: orações e devoções. A terceira, do ofício de Nossa Senhora, santos principais do ano, Ofício de Vésperas. Finalmente, uma pequena catequese sobre os fundamentos da Igreja Católica, e um hinário, em latim e em português, encerrava o livro.

Entre as práticas recomendadas, destacavam-se as devoções a Nosso Senhor Jesus Cristo, com as seguintes práticas: Coroinha do Sagrado Coração de Jesus, ladainha do Sagrado Coração, ato de desagravo, fórmula de consagração ao Sacratíssimo Coração de Jesus e exercício da Via Sacra.

Aparecia, em seguida, Nossa Senhora, contendo: terço, novena da Imaculada Conceição, oração para conhecer a própria vocação, ato de desagravo e de consagração a Maria Santíssima, novena a Nossa Senhora Auxiliadora e oração relativa à Coroa das Sete Dores, as Sete Alegrias de Nossa Senhora com a oração correspondente.

Poucos santos eram apresentados; além de Nossa Senhora, sob o título de Auxiliadora, de Imaculada e de Aparecida (estamos no Brasil), os santos Anjos da Guarda; São José, com a prática das orações em honra das sete Dores e das sete Alegrias de São José (para obter a virtude da pureza, o seu patrocínio e uma boa morte) e orações dirigidas a ele durante o mês de outubro.

A São Luís de Gonzaga, recomendado como modelo aos jovens, são dedicados seis domingos e uma novena. Em honra de São Francisco de

---

[10] *ASC F* 096, *Carta do Pe. André Dell'Oca ao Pe. Pietro Ricaldone de 16.10.1933.* Reclamações semelhantes já vinha desde o primeiro Provincial Dom Luís Lasagna, como aparecem no *Epistolario.*

Sales, padroeiro e orago da Congregação Salesiana, havia uma prática cotidiana, uma prática mensal e para cada dia da novena. Apareciam a bênção dos campos e a devoção às almas do Purgatório.

O dia-a-dia da vida do internato e no calendário, até mesmo nos esportes, não dispensava a manifestação religiosa. Se se examinam as crônicas, as revistas escolares, ou as publicações tanto sobre a vida escolar do internato como do externato, pode-se averiguar a realidade dessa vitalidade religiosa que não se contentava com uma simples aula semanal de Religião ou de uma Missa esporádica.

Para se ter uma idéia da veracidade dessas afirmações, será apresentado um dia vivido no internato, com as práticas religiosas executadas, e o calendário escolar.

## 3. UM DIA DO ALUNO INTERNO

Para verificar como ocorriam toda essa regulamentação e aplicação prática do sistema educativo salesiano, é conveniente saber como funcionava a vida dos alunos internos. O horário de funcionamento era, praticamente, o mesmo em todos os internatos.

Os alunos despertavam com o convite a uma prece. O Assistente, que já estava em pé, acordava os alunos batendo palmas ou tocando um sininho e gritava em voz alta: "Benedicamos Domino" (Bendigamos ao Senhor). Os alunos, ainda sonolentos, respondiam: "Deo gratias" (Graças a Deus). E levantavam-se da cama. O Assistente passava e ajudava a despertar os poucos que estavam meio dormindo.

Em silêncio faziam o asseio, trocavam de roupa e arrumavam a própria cama, dentro de meia-hora. Em seguida, em fila, dirigiam-se para a igreja, para rezar as orações da manhã (em latim), que constavam do "Angelus", com as três Ave-Marias – "Oremus" – "Gloria Patri" – Eu vos adoro – Ave-Maria – "Credo" – "Salve Regina" – "Angele Dei". Depois recitavam os Mandamentos de Deus e da Igreja, os Sete Sacramentos (uma espécie de catequese resumida), os Atos de Fé, de Esperança, de Caridade, de Contrição, a oração a São Luiz de Gonzaga com "Pater Noster" – Ave-Maria – "Gloria Patri" e "Oremus" respectivo. Sempre dirigidos por um dos alunos, rezavam ainda o terço, seguido da Ladainha de Nossa Senhora,

uma Ave-Maria para a paz em casa, um "Pater Noster", Ave-Maria e "Gloria Patri" pelos pais, parentes e benfeitores; um "De Profundis" pelas almas do Purgatório. Terminava tudo com uma invocação ao Espírito Santo e uma breve leitura espiritual.[11]

Ao mesmo tempo, o Pe. Conselheiro, ordinariamente, celebrava a Missa para os alunos internos, para que, em sua figura, fosse visto o padre e não um temível disciplinador, enquanto os confessores atendiam os alunos nos confessionários. Quase sempre havia filas de penitentes, alguns dos quais procuravam fugir um pouco do meio dos companheiros de banco para ficar mais à vontade. As orações eram interrompidas, durante o momento da Consagração na Missa, quando se fazia silêncio absoluto e, durante a Comunhão, para os cantos. A leitura final era encerrada com uma Ave-Maria, com a jaculatória "Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis" e o sinal da Cruz. Saíam em silêncio, da igreja ou capela, e dirigiam-se para o refeitório para o café da manhã.

No Regulamento, a Missa diária não aparece como obrigatória, mas, de fato, era. Os alunos deviam participar da vida religiosa de seus dirigentes que, com eles, levavam vida comum. Entretanto, como veremos abaixo, constituiu uma dificuldade, especialmente a segunda Missa aos domingos.

Antes de sentarem-se à mesa, os alunos faziam o sinal da Cruz, recitavam a Ave-Maria com a invocação "Maria Auxilium Christianorum..." Ao sinal da sineta, podiam conversar à vontade. Um pequeno recreio seguia-se e os estudantes iam para o salão de estudo e os aprendizes, para as oficinas.

Iniciava-se o estudo ou o trabalho com as orações: "In nomine Patris" (sinal da cruz) – *"Actiones nostras"* – Ave-Maria – "Maria Auxilium Christianorum..." – "In nomine Patris" e terminava com "In nomine Patris" – "Agimus tibi gratia" – "Maria Auxiliam Christianorum" – "In nomine Patris".[12] Os alunos deviam guardar silêncio absoluto e, sob a vigilância do Assistente, preparavam as lições e faziam as tarefas de aula.

---

[11] Essas e as demais orações, usadas durante o dia, estavam em *O Jovem Instruído.*

[12] A oração inicial completa era: "Actiones nostras, quaesumus, Domine, aspirando praeveni, et adiuvando prosequere, ut cuncta nostra oratio et operatio a te semper incipiat, et per caepta finiatur. Per Christum Dominum nostrum. R. Amen". E a final: "Agimus tibi gratias omnipotens Deus, pro universis beneficiis tuis, qui vivis et regna in saecula saeculorum. R. Amen",

No meio da manhã, havia um recreio de meia hora, com merenda, seguido de mais estudo até o fim da manhã. Antes do almoço, recitava-se o "Angelus Domini" (Anjo do Senhor). Durante parte da refeição, um aluno fazia a leitura de um livro "edificante", leve, possivelmente um livro de história, um conto ou semelhante. Quando o Prefeito ou quem por ele (normalmente o encarregado de tomar conta do refeitório) tocava a campainha, respondiam os internos com um "Deo Gratias" e começavam a conversar.[13] À saída do refeitório, eram estimulados a fazer uma visita rápida à capela ou igreja. Normalmente, grande parte dos alunos fazia alguma oração diante do Altar-Mor ou de Nossa Senhora. A freqüência à igreja era maior na época das provas e dos exames.

E vinha o animado e movimentado recreio, aproximadamente de uma hora. No período da tarde, havia duas aulas, pequeno recreio e mais outras duas. Um pequeno intervalo antecedia o jantar, durante o qual se repetia o mesmo rito do almoço. Outro recreio de uma hora precedia a volta ao salão de estudos. Por volta das 20h, tocava-se o sino para as orações da noite, quase sempre rezadas no próprio salão de estudo ou no pórtico.

Esta era a ordem das orações da noite: sinal da Cruz, Eu vos adoro, Ave-Maria, Creio em Deus, Salve Rainha, Anjo de Deus (em português). Por três vezes se repetia "Querida Mãe, Virgem Maria, fazei que seu salve a minha a alma", seguida cada vez de uma Ave-Maria, seguida do "Glória ao Pai...". Recitava-se uma Ave-Maria pelos Superiores e Missionários. Glória pelo descanso eterno de Dom Bosco, substituído posteriormente por "Pater", Ave-Maria e Glória... e a jaculatória "Sancte Ioannes, ora pro nobis" e depois por uma oração ao mesmo santo e uma Ave-Maria pelos ex-alunos. Fazia-se uma pausa para um breve exame de consciência, seguido do Ato de Contrição, as jaculatórias Jesus, José e Maria... e, encerrando tudo, o sinal da Cruz.

---

[13] Enquanto os alunos ouviam silenciosamente a leitura, a comunicação, entre eles e entre os serventes, era feita através de um código de sinais com os dedos das mãos: 0 = mistura (carne, ovo); polegar levantado = sopa; dois dedos (polegar e médio) = feijão: os três dedos centrais = arroz; quatro dedos (com o polegar voltado para dentro da mão) = água; *cinco dedos* = farinha; o dedo mínimo ou o mindinho levantado = palito. Esse código era usado em todos os internatos salesianos do país. Depoimento oral dos padres Olívio Poffo, Essetino Andreazza e Fausto Santa Catarina.

Encerravam-se estas orações com a clássica Boa-Noite, da qual já falamos acima, terminada sempre com as palavras "boa-noite". Era um costume *sagrado* que muitos alunos levavam para suas famílias.

Finalmente, os alunos, em fila, retiravam-se para seus dormitórios. Enquanto se preparavam para dormir, um aluno lia, em voz alta, algum trecho de um livro edificante, de assunto religioso, encerrado pelo próprio leitor, com a frase latina: "Tu autem, Domine, miserere nobis" (Senhor, tem piedade de nós). Todos respondiam mais ou menos sonolentamente com as mesmas palavras com que iniciaram o dia: "Deo gratias".

Era tradição que o aluno, antes de deitar-se, rezasse de joelhos ao pé da cama três Ave-Marias, costume esse levado pelos alunos pela vida afora, inclusive nos quartéis. Um jornalista de Recife, chamado Mário Melo, criticado pelos companheiros de não pautar sua vida pelos ensinamentos recebidos dos Salesianos, respondeu em alto e bom som: "Outros podem querer se apresentar como modelos de virtude... Mas, desde os meus tempos de colégio, nunca fui dormir sem rezar as três Ave-Marias ao pé da cama".[14]

Apagavam-se as luzes. O Assistente esperava os alunos dormirem, passeando entre as camas, rezando o terço. O Pe. Catequista fazia o mesmo aos domingos. Após as orações da noite, seguia-se silêncio absoluto, chamado *silêncio sagrado,* para todos, Superiores e alunos, que se estendia até o café da manhã.

Aos domingos e festas de guarda, os alunos internos dormiam uma hora a mais e assistiam a duas Missas. Na primeira, rezavam-se as orações costumeiras, sem o terço que era substituído pelos Atos (orações especiais) antes e depois da Comunhão. Após o café e um pequeno recreio, vinha a segunda Missa, festiva, cantada ou solene. A Missa festiva constava de cantos, sermão e récita do terço. A Missa cantada era celebrada com um só padre e o canto das partes, chamadas variáveis, como "Kyrie, Glória, Credo, Sanctus, Agnus Dei". A *solene,* celebrada com dois ou três padres, ou seja, o celebrante, o diácono e o subdiácono (que podia ser um clérigo não ordenado) e os cantos acima mencionados. Os grandes internatos dispunham de grandes "Scholae Cantorum" que exibiam Missas a duas, três e até quatro vozes. A Missa, em canto gregoriano, chamada "De Angelis" era a mais conhecida dos alunos, em geral.

---

[14] Luís de OLIVEIRA, *Centenário da presença salesiana no Norte e Nordeste do Brasil; Dos primórdios até 1932*, vol. 1, p. 97-100.

Após essa Missa, havia recreios com campeonatos muito animados. À tarde, os alunos cantavam na igreja ou na capela, ainda as Vésperas (isso, pelo menos nos anos 40 no Liceu Coração de Jesus), seguido de uma pregação catequética, canto das Ladainhas (quando não rezadas pela manhã), encerrando-se com a Bênção do Santíssimo Sacramento. Antes ou depois, tudo era entremeado por jogos. À noite, terminava a jornada dominical com uma sessão de teatro, uma academia lítero-musical ou uma sessão cinematográfica.

A vida de aluno interno era, praticamente, a mesma de um seminarista. Um colégio para Dom Bosco deveria assemelhar-se a uma casa de Deus, um Oratório.

## 4. O CALENDÁRIO BÁSICO E DIAS FESTIVOS (SANTOS OU CÍVICOS)

O calendário geral era o mesmo em todos os colégios salesianos, com alguns acréscimos, dependendo do local em que estavam situados. Essas diferenças, contudo, não eram significativas.

### Janeiro

Mês de férias.

### Fevereiro

Início do mês, entrada dos meninos internos do curso primário. Procurava-se, da melhor forma possível, amenizar a dor da separação dos pais e a saudade com atividades recreativas intensas, pequenos passeios, alguma sessão lítero-musical e, na segunda parte da primeira década do século, com sessões de cinema que, apesar das dificuldades técnicas, já era uma atração.

### Março

Entrada dos alunos ginasianos internos nos primeiros dias; tríduo em preparação à festa da "Leitura do Regulamento", normalmente concluído no dia 19, festa de São José; Carnaval.

## Abril

Semana Santa; e, no dia 23, iniciavam-se as comemorações diárias do mês de Nossa Senhora Auxiliadora.

## Maio

*Mês tipicamente mariano*, com a festa solene de Nossa Senhora Auxiliadora, no dia 24, precedida de novena; encerramento do mês mariano, com a queima das cartas a Nossa Senhora e a distribuição de um santinho contendo, no verso, sua "resposta", ou seja, um pensamento edificante, um conselho, uma advertência...; freqüentemente havia desfiles do Batalhão Colegial que comemorava também vitória brasileira na Batalha de Tuiuti.

13 de maio (libertação dos escravos), celebrada anualmente com discursos alusivos à data.

## Junho

Mês do Coração de Jesus:

Festa do Corpo de Deus, com procissão, da qual participavam os alunos uniformizados.

Festa especial do Sagrado Coração de Jesus, especialmente celebrada com muita pompa no Liceu Coração de Jesus, por ser o orago da instituição.

Festas juninas de S. João dia 23.

Festa de S. Pedro e S. Paulo: ou Festa do Papa – ou, às vezes, também do Pe. Inspetor (Provincial), que posteriormente passou para o mês de outubro.

## Julho

Aulas normais, pelo menos até a década de 30, comemoração festiva da chegada dos Salesianos ao Brasil (dia 14).

## Agosto

Festa de Nossa Senhora da Assunção (dia 15).

Festa de Dom Bosco (aniversário de seu nascimento).

Festa do Diretor (nem sempre neste mês).

**Setembro**

Semana da Pátria, com grandes desfiles escolares no dia 7.

**Outubro**

Descoberta da América (dia 12); retiro espiritual dos alunos ou no início de novembro (três dias). Nem sempre este retiro se realizava neste mês.

**Novembro**

Dia da Proclamação da República (15).

Dia da Bandeira (dia 19), exames finais e

Festas de encerramento do ano letivo com distribuição, em sessão solene, de prêmios aos alunos que se distinguiram em diversos setores da vida escolar.

**Dezembro**

Primeira semana: saída dos alunos, nos últimos dias de novembro ou primeiros dias de dezembro, para casa de seus pais.

Os dias de festas chegavam, aproximadamente, a vinte, como se pode depreender do calendário supra.

*O Jovem Instruído*, que foi manual de orações dos alunos, trazia um calendário dos santos mais cultuados, os Apóstolos e Evangelistas, Santo Estêvão e SS. Inocentes, festas de Nossa Senhora, São Lourenço, São Joaquim, Pai de Nossa Senhora. Isso não impedia que houvesse participação nas festas dos santos padroeiros locais, sem ulteriores cultivos de suas devoções.

O calendário escolar não previa aulas às quintas-feiras, ao passo que o sábado era dia comum. Essa determinação favorecia a intensa prática dos esportes e de passeios, entremeados, quase sempre, com aulas de civilidade e de canto. Convém notar que a ausência de aula no meio da semana era comum nas escolas do país, estabelecida, aliás, também no Estatuto dos Cursos Jurídicos do Império, vigente nas faculdades de Direito de São Paulo e de Recife, desde 1853. Como o "fim-de-semana-inglês" quase não exis-

tia e as viagens eram difíceis, julgava-se que, para o ensino-aprendizagem, era melhor perder um dia no meio da semana do que dois dias consecutivas de folga escolar (sábado e domingo).[15]

## 5. AS FESTAS

Para amenizar a dureza da rotina do internato, faziam-se freqüentes festas, quase sempre esperadas pelos alunos com ansiedade, porque se constituíam dias bem diferentes dos comuns e que eram sempre lembradas pelos antigos alunos.[16]

As festas, quaisquer que fossem, apresentavam quase sempre esta estrutura: a) parte religiosa, b) parte esportiva e c) a parte lítero-artístico-musical. O almoço era mais sortido e bem preparado e, por isso, muito esperado pelos alunos que ainda recebiam um refrigerante. Eram sempre suspiradas e, geralmente, mostravam a vida estuante e alegre das casas salesianas. Nem todas as pessoas externas as aplaudiam e diziam, por exemplo, "... no Ginásio São Joaquim, não se há de estudar muito, porque as festas distraem por demais..."

Um aluno da 5ª série ginasial, sócio do Grêmio Joaquim Nabuco, assim respondia a esta acusação:

*... tudo isto é aprender, tudo isto é alimentar a inteligência, abrindo seus horizontes, tudo isto é educar o coração, tudo isto é formar o caráter. Festas que tais, educativas e variadas, científicas e amenas, só não aplaudirão cegos, mudos... e a raposa das uvas verdes.*[17]

O ex-aluno, autor da História do Colégio São Joaquim, comentando este fato, observava aos que "desejavam que os alunos do São Joaquim fossem iguais aos do Colégio São José, do Rio de Janeiro, no começo do séc. XIX", descritos por Deccock, como sem "elasticidade de espírito, sem urbanidade nas maneiras, sem asseio pessoal, mas sem fertilidade científica":

---

[15] José Geraldo EVANGELISTA, *História do Colégio S. Joaquim*, p. 209.
[16] *Annuario do Lyceu Coração de Jesus, 1930*, p. 54.
[17] *O Grêmio*, Lorena, 3 (1): 15, mar. 1913.

*É certo que os colégios brasileiros neste começo do século XX já não preparavam alunos desta forma, mas pouquíssimos trabalhavam como a casa de Lorena, com a mesma abertura, com a mesma profundidade e a mesma alegria.*[18]

Havia ainda um tipo de comemoração, chamada "lectio brevis", que consistia na supressão da metade das aulas do dia. Isso acontecia, por exemplo, com a chegada do Pe. Provincial, de um Bispo ou pessoa considerada importante. Naturalmente, para alegria dos alunos.

Reclamações quanto ao "suposto excesso" de festas parecem ter chegado à Direção do Liceu Coração de Jesus. Em nota aos pais dos alunos, foi explicado que esse fenômeno se devia à diversidade de associações externas do próprio Liceu e da cidade, muitas das quais nem os alunos tinham notícia. Mas que as festas não prejudicavam as aulas nem a "boa ordem" interna. "Ao contrário, serviam para suavizar a vida colegial e constituíam um necessário complemento para a educação moral, cívica, intelectual ou artística dos alunos". E concluía: "Todas as nossas festas são recreativas e educativas".[19]

## 5.1. Festa do Regulamento

Como era tradicionalmente chamada, com a presença dos Salesianos, corpo docente e corpo discente, era "a chave de ouro, com que os colégios salesianos abrem a série das suas festas escolares",[20] era o primeiro "ato educativo de caráter coletivo e solene" realizado no início do ano letivo. Era considerada "solenidade necessária e obrigatória para ensinar aos alunos que a vida bem regrada se firma em a boa norma de conduta que cada qual deve trazer em si mesmo (...)." Para os psicólogos da época, "o primeiro sintoma de desequilíbrio moral de um povo" nascia "com o abandono e esquecimento das regras e preceitos dos legisladores e reformadores sociais. Se estas são necessárias à coletividade, ao indivíduo se impõe um regulamento, uma súmula de leis que geram" os hábitos sérios e o caráter.[21] Sem regulamento, sem um código de leis, tudo é desordem.[22]

---

[18] José Geraldo EVANGELISTA, *op. cit.*, p. 134. Cfr. Ainda John Luccock, *Notas sobre o Rio de Janeiro e parte meridionais do Brasil*, 2.ª ed., p. 47.

[19] *Annuario do Lyceu Salesiano do Coração de Jesus, 37º Anno Lectivo*, 1922, p. 9.

[20] *O Liceu*, 1932, p. 25.

[21] *Annuario do Lyceu N. S. Auxiliadora*, Campinas, 1916, p. 84.

[22] *O Liceu*, 14 (2): 52, abr. 1931. Antonio Malan, Provincial (futuro Bispo de Petrolina - PE), escrevia: "(...) o bom andamento da casa será garantido e os frutos abundantes". Cfr. *Memorial das Visitas Inspetoriais da Casa de Cuiabá, 1910-1943.*

Era "uma espécie de *fala do trono* ou, mais democraticamente, uma como *leitura de mensagem* com a diferença de que se lê o mesmo programa, sempre a mesma plataforma".[23] Após a leitura, seguia-se breve exortação e depois músicas e filmes, terminando com a entrega aos alunos de um resumo do Regulamento.

O Regulamento tinha por objetivo e por função organizar as relações entre duas forças aparentemente contrárias: autoridade e liberdade, dirigentes e dirigidos, professores e alunos, alunos antigos e alunos novos, para que se criasse um ambiente agradável de respeito, disciplina, harmonia, amizade e companheirismo. O aspecto festivo dessa praxe era uma prática para afastar qualquer espírito de rejeição, prevenção, oposição ou indisposição contra a lei. A prática da lei deveria ser uma festa, onde os participantes se sentissem à vontade diante dos outros.

Um professor do Liceu Coração de Jesus assim discursava:

*O Regulamento dessa casa é bem um Evangelho de prudência, bondade, respeito e disciplina... O Regulamento foi escrito por Dom Bosco numa época em que as inteligências revolucionavam e em que a tendência humana era para a revolta. Hoje esse despeito à autoridade humana é o sintoma mais banal desse estado doentio em que o espírito mal doutrinado se revolta contra as barreiras, mesmo as da inteligência. E acrescentava: o primeiro sintoma de desequilíbrio moral do povo nasce com o abandono e esquecimento das regras e preceitos dos legisladores e reformadores sociais. Se estas são necessárias à coletividade, ao indivíduo se impõe um regulamento, uma súmula de leis que gerem os hábitos e o caráter.*[24]

O "Regolamento" de 1906, entretanto, em seu Art. 297, prevenia: "A todos, entretanto, são indispensáveis a paciência, a diligência, e muita oração sem o que seria inútil qualquer Regulamento". Numa palavra, o supremo desvelo.

## 5.2. Carnaval

Os alunos faziam festas com jogos especiais, doces, refrigerantes, etc. Durava três dias. Consistia no tradicional "quebra-potes", corridas com

---

[23] *Annuario (...) do Lyceu Salesiano Sagrado Coração*, de 1918, p. 9-10.

[24] Máximo R. NUNES, Festa do Regulamento, *Dom Bosco* (1943), p. 321.

velas acesas, corridas de sacos, batatas, etc. Os pátios eram enfeitados com serpentinas. Aos vencedores eram distribuídos prêmios. A "charanga" dos maiores procurava alegrar o pessoal, salientando-se no seu repertório o tradicional *Zé Pereira*. À noite, costumavam-se passar filmes.

**5.3.** Festa de São João (véspera de 23 de junho)

Consistia normalmente em soltar fogos e outras brincadeiras tradicionais e próprias desta festa no Brasil. Durava até as 21 horas. Os pátios transformavam-se em campo de batalha. As divisões porfiavam em erguer o maior número de balões.[25] Em 1954, os fogos no Liceu Coração de Jesus foram proibidos.[26]

**5.4.** Festa de São Pedro

Era o dia consagrado às homenagens ao Papa. Por muito tempo, realizou-se, neste dia, a festa do Pe. Inspetor (Provincial), especialmente no governo do terceiro Provincial, Pedro Rota, pois, nesse dia, ocorria o seu "onomástico".[27]

**5.5.** Festas às Famílias

Em 1918, já era considerada "uma belíssima tradição" que se firmava no Liceu Coração de Jesus, onde teve origem, e se irradiava "para os demais colégios, celebrar anualmente ou mais festas dedicadas às famílias dos alunos, as quais 'formavam' com a família salesiana dos colégios uma só família trabalhando pelo mesmo ideal: a educação dos seus filhos, que também são filhos espirituais dos seus diretores e mestres".[28]

Um cronista emitia sua opinião sobre o significado desta festa para os alunos:

---

[25] *Anuário 31.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus*, 1917.

[26] *Atas do Capítulo do Liceu Coração de Jesus*, 1954-1970, reunião de 09.06.1954.

[27] Era costume dos Salesianos celebrar o dia onomástico (o dia do santo do mesmo nome) e não o dia do aniversário, que foi aos poucos desaparecendo em força do costume brasileiro de celebrar o dia do aniversário.

[28] *O Liceu, 14. 1931*, p. 313.

*É a festa que mais cala aos corações dos jovens. Fazer ver aos queridos progenitores como ao par duma educação esmerada que recebem dos seus mestres e professores, congloba-se uma instrução sólida e bem fundada. Não são todos que representam; mas pelos poucos que isso fazem, podem bem aquilatar o que são os filhos no colégio.*[29]

Em 1932, o governo do estado instituiu a festa das mães, para ser celebrada em todas as escolas públicas e particulares. O Liceu celebrou-a no dia 26 de maio.[30] A instituição desta festa não eliminou a das Famílias, que continuou sendo comemorada por considerar a educação salesiana "como continuação feita em família".[31]

## 5.6. Festas sociais das Divisões[32]

Para tornar ainda mais suave a vida de internato, foram instituídas no Liceu Coração de Jesus, em 1919 e que perduraram mais de uma década, logo imitadas pelos demais colégios salesianos. Essa festa substituiu a festa dos clubes esportivos.[33] Neste mesmo ano, aparecem os hinos das Divisões.

Despertava-se com o toque da banda e salva de vinte e um tiros - Missa e comunhão geral segundo a intenção da família dos alunos (turma de primeiras comunhões); segunda Missa Solene, cantada pelos próprios alunos da Divisão.

Ao meio-dia, havia um almoço especial, em que eram convidados os membros da Direção e representantes das outras divisões. Tudo era programado e realizado com esmero pelos próprios alunos. Celebrava-se um "banquete", às custas da Divisão, que via assim esgotadas suas últimas "entranhas" (ou seja divisas monetárias): cerveja, gasosa, presunto, doces finos, biscoitos, queijo de Palmira, frutas, etc., tudo caprichosamente ornamentado. Estas festas serviam para confraternização dos componentes das respectivas Divisões.

---

[29] *O Liceu, 14. 1931*, p. 313.

[30] *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1932, p. 30.

[31] Id., p. 52.

[32] *Annuario 34.° Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus,1919*, p. 58-65. Os alunos eram divididos, conforme a faixa etária, tamanho e adiantamento escolar em várias seções, chamadas *divisões*. Comumente, eram três, Maiores, Médios e Menores. No Liceu Coração de Jesus, dado o elevado número de alunos, havia ainda a dos Submédios.

[33] *Annuario do 30.° Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Coração de Jesus*, 1915, p. 20-21.

À tarde, realizava-se a parte recreativa, consistindo em jogos, ginástica, corridas, saltos, etc., sendo freqüentemente a parte central uma partida de futebol, assistida pelo público em arquibancadas montadas para a ocasião.

À noite, tudo era encerrado com a representação de peças teatrais (um drama e uma comédia), entremeadas com cantos e peças musicais da banda.

**5.7.** Festa de Nossa Senhora Auxiliadora, Padroeira dos Salesianos

Realmente o mês mariano iniciava-se em 23 de abril e terminava no dia 24 de maio, podendo chegar até 31.

Nos dormitórios, cada divisão esmerava-se em erguer um altarzinho,[34] à frente do qual se faziam orações, cânticos, alocuções de homenagem à padroeira. Diariamente, após as orações da noite, o diretor ou quem designado por ele, ao dar a Boa-Noite, lia e explicava um "pensamento", um "dito, uma sentença", uma virtude ou uma proposta sobre algum artigo do Regulamento, denominada "flor", que devia ser praticada no dia seguinte: Essa "flor" normalmente ficava exposta num quadro para que os alunos pudessem lembrar. Esses altares chegaram a despertar o estro poético de um dos alunos, como se depreende deste soneto:

Teu altarzinho[35]

Teu altarzinho, Mãe, não estreleja
Em meio de outros tantos, não Senhora.
Apenas o que nele lhe sobeja
É o nosso afeto que o amor implora.

Não tem flores garridas - mas broteja
De cada uma florzinha noctiflora.
A nossa vida que por ti lateja
Das noites tredas à risonha Aurora.

---

[34] *Annuario 30.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus*, 1930, p. 8.
[35] *O Lyceu*, 13 (4): 22, junho 1930.

Modesto teu altar, Virgem divina:
Não tem essa beleza que fascina,
Não tem o encanto mil das loiras messes...

Mas tem, nessa humildade de crisálida,
Em cada uma florzinha uma Castálida
A jorrar, junto a ti, as nossas preces.

*Julho de 1930*
*Márcio Claros*

No dia 24, festa de Nossa Senhora Auxiliadora, os alunos, acordados ao som da banda de música e toque de sinos, vestiam o uniforme de gala e desciam para as celebrações religiosas da manhã. Quase sempre, durante o dia, havia desfile pelas ruas da cidade.

No dia do encerramento (24, ou melhor, 31 de maio), ocorria uma cerimônia em que se queimavam as "cartinhas" escritas pelos alunos, dirigidas a Nossa Senhora com os seus pedidos, e logo, de imediato, com a chegada das respostas no verso de uma pequena estampa, um santinho. Quase sempre as respostas consistiam num conselho, numa admoestação, num aviso, numa virtude, cuja prática era mais recomendada.

Naturalmente, havia sessões lítero-músico-teatral, para festejar, celebrar e aprofundar o conhecimento e fomentar a vivência da devoção a Nossa Senhora. Neste mês, muitos alunos faziam a primeira comunhão, o que tornava todo o ambiente mais festivo, mais animado e mais alegre. Até o comportamento dos alunos melhorava.

Em todas as festividades, por exemplo, no Colégio São Joaquim, estava presente o Batalhão Escolar. As festas cívicas eram comemoradas com formatura do Batalhão Escolar, hasteamento da Bandeira Nacional, com alocuções ou discursos cívicos, com cantos e hinos patrióticos que se concluíam, freqüentemente, com desfile pelas ruas da cidade.

**5.8.** Festa do Diretor (do Inspetor)

A festa do Diretor (e no Liceu Coração de Jesus, por ser casa Provincial, a do Inspetor), grandiosa, comemorada com hino próprio, visava,

além de estimular nos alunos a prática da gratidão para com seus superiores, aproximar as pessoas que exerciam autoridade perante os alunos e torná-las simpáticas e acatadas por eles. Era considerada a festa da unidade, ou seja, o símbolo da unidade espiritual de todos os Salesianos: alunos, mestres, cooperadores; uma das maiores festividades do ano letivo.

As demais festas seguiam o mesmo padrão. Eram elas sempre desejadas por características especiais, como, por exemplo, maior fartura e variedade alimentar à mesa. Às vezes, até o número de alunos servia de pretexto para comemorações com "comes e bebes, corridas, discursos, instantâneas pantomimas e muitos vivas".[36]

### 5.9. Festa de Encerramento do Ano

Era realizado na última semana de novembro e, às vezes, na primeira semana de dezembro. Nela, desenrolavam-se, também, a premiação dos alunos e a diplomação dos concluintes de curso.

## 6. COMPANHIAS (ASSOCIAÇÕES) RELIGIOSAS JUVENIS E OUTRAS

Participar destas associações era considerado uma distinção, uma honra, um prêmio, pois abria espaço para o exercício de funções de liderança e confiança no internato. Tinham por objetivos "reunir os mais virtuosos, despertar-lhes santa emulação e, sendo muitos, fortificá-los contra o respeito humano".[37]

Outro elemento que distingue o sistema de Dom Bosco é o de servir-se dos próprios jovens como colaboradores na educação. Colocava-os como chefes ou vice-chefes, os chamados decuriões e vice-decuriões, na cabeceira da mesa, no estudo e no refeitório, para assistir os companheiros e até pedir-lhes o parecer sobre as notas semanais de procedimento. Os jovens, assim chamados, refletiam, industriavam-se e tornavam-se sérios, o que significa: elevar o moral do jovem é educá-lo, fazer-lhe sentir que goza de confiança, é fazê-lo "governar" primeiro a si

---

[36] José Geraldo EVANGELISTA, *História do Colégio S. Joaquim*, p. 139, 185-186, 214. Um cronista encerra a descrição de uma destas festas: "Incontestável simpática estas festas!...- alegre desfecho das lides escolares". Cfr. *Annuario do 30.º Anno Lectivo do Lyceu Coração de Jesus*, 1915, p. 21.

[37] *MB* III, 215-219.

mesmo e aprender também a governar os outros. Eram esses os objetivos das Companhias.[38]

Para que não agissem isolados e tivessem atuação mais eficiente, fundou e organizou-os Dom Bosco em associações, a que deu o nome de "Companhias" com ressaibos militares, "para dar mais relevo na fantasia das crianças, um espírito de união e solidariedade, que é a base destes núcleos",[39] e depositou nelas melhores esperanças e muito se esforçou para que florescessem. O jovem associado devia distinguir-se, sobretudo, na missão do bom exemplo. O sistema educativo de Dom Bosco jamais pôde prescindir do trabalho do jovem.

O "Regolamento" de 1906 recomendava as associações religiosas e indicava os seus nomes: Companhias de São Luís Gonzaga, do Santíssimo Sacramento, do Pequeno Clero, da Imaculada Conceição e de São José, que passaram a ser "clássicas", por serem as mais cultivadas nos colégios salesianos.[40]

- A *Companhia de São Luís,* fundada por Dom Bosco, tinha por fim fugir dos maus companheiros, evitar as más conversas, usar de caridade para com os companheiros, zelar pela ordem na igreja, diligência no trabalho e no cumprimento dos deveres, prestando exata obediência aos pais e superiores. Esta associação existia em todos os colégios entre os alunos internos e também externos, sendo a mais numerosa e mais ativa. A ela pertenceu Fernando Costa, que foi governador do Estado de São Paulo, no início dos anos 40.[41]
- *A Companhia de Nossa Senhora Imaculada Conceição*, destinada às lideranças juvenis principais, fundada por São Domingos Sávio; era considerada por Dom Bosco a mais importante.

---

[38] Carlos Leôncio da SILVA, *Conferenze di Pe. Felipe Rinaldi.* Apontamentos manuscritos, AISSP, p. 173-175.

[39] *Annuario do 30.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração,* 1915, p. 22.

[40] Art. 334, 420, 449, 469. Os artigos 1.283 a 1.289 regulamentava a Companhia de S. Luís.

[41] Fernando Costa secretariou as reuniões em 1901, sendo elogiado pelo padre assistente pelo seu entusiasmo e dedicação. Cfr. Actas da Associação de S. José e da Associação de S. Luiz Gonzaga - 1901 - Lyceu Coração de Jesus, VIII Conferência - 11.10.1901. Anuário do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas, ano 1913, p. 25. Em 1913, a Companhia de S. Luís tinha 120 membros e compreendia internos das três Divisões.

- Na *Companhia de São José*, modelo do operário laborioso, inscreviam-se os Aprendizes;[42] no Liceu Coração de Jesus, procuravam combater os indiferentes, os desleixados, os desmazelados, os desobedientes às normas regulamentares, os exagerados nas práticas de piedade, os omissos, etc.[43]
- A *Companhia do Santíssimo Sacramento* era destinada à Divisão dos Maiores, com o fim de estimular à freqüência aos Sacramentos e o culto à Eucaristia.[44] A ela associava-se, muitas vezes, o *Pequeno Clero,* que reunia alunos de outras associações e colaboravam no brilho das funções sagradas, ajudando na celebração das Missas.

Os de virtude mais sólida eram convidados para a *Companhia de Nossa Senhora Imaculada Conceição*, cujo objetivo era assegurar a proteção de Maria na vida e na morte, promover as práticas de oração, a comunhão freqüente, melhorar os alunos mais disciplinados no cumprimento do dever, cuidar dos novatos e centralizar as atenções dos grupos de pátio sem serem percebidos.[45] Esta associação desenvolveu-se especialmente depois de 1939, muitas vezes, conjugada com a Juventude Estandantina Católica (JEC), da Ação Católica.

O Padre Catequista escolhia os jovens entre os mais inclinados para o bem, procurando associá-los às Companhias, e deles cuidava. Prescrevia-se que de vez em quando, o diretor presidisse as reuniões.[46]

Exigiam-se dos sócios das Companhias boa vontade e bom exemplo. E isto era fundamental. Os sócios deveriam receber a nota ÓTIMO ou pelo menos BOM para assegurar sua permanência no seio da Companhia. Esta exigência é freqüente nas discussões e nas práticas dos sócios, sob pena de serem cortados do quadro da associação.[47]

Não é possível fazer aqui, e nem é o caso, um levantamento completo de todas as atividades por elas realizadas na vida colegial salesiana e

---

[42] *MB* VI, 189-190; V, 525.
[43] *Vide Atas da Associação de S. José de 1899.* AISSP. Ainda: *MB* V, 596; VI, 183-194,198; IX, 79.
[44] *MB* V, 185, 579.
[45] *MB* V, 185, 579.
[46] *Regolamento*, art. 334.
[47] Vide, por exemplo, *Actas da Associação de S. Luiz Gonzaga* - 1907, do Lyceu Coração de Jesus, Acta XII. Até esse ano, a reunião chamava-se "conferência", porque de fato esta ocupava grande parte dos atos da reunião. Desta data em diante, passou a chamar-se "reunião".

de seus êxitos. Em primeiro lugar, inicialmente, pode-se afirmar que existiram em todas as casas salesianas, acima citadas, e pode-se afirmar, sem temor de erro, que existiram em todas as escolas salesianas do País. Os questionários enviados pelo Centro da Congregação perguntavam quais as Companhias existentes, quantos sócios e quantas vocações delas saíram. A avaliação da eficiência de seu trabalho estava no número de vocações sacerdotais e religiosas suscitadas.

Anualmente, eram angariados os novos sócios e seu ingresso era feito de maneira festiva. Em seguida, realizavam-se as eleições da Diretoria que constava de um presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, de dois conselheiros por Divisão (Maiores, Médios e Submédios, no Liceu Coração de Jesus, e Menores). As Atas mostram que nem sempre o preenchimento dos cargos de Direção se realizava via eleições diretas. O Assistente Eclesiástico, ou seja, o Padre Catequista, não raras vezes nomeava o Presidente e o Secretário e, até mesmo, toda a Diretoria. Isso ocorreu, algumas vezes, nos anos 40, quando o regime democrático estava em baixa e reinavam no mundo as ditaduras.

Faziam-se reuniões periódicas, programadas para serem semanais, o que nem sempre ocorria. Em alguns anos, o funcionamento das Companhias começou no segundo semestre. As Atas eram lavradas (por um dos sócios, o Secretário), o que se pode perceber pela letra e pelos erros de construção, e, não poucas vezes, de ortografia. Nota-se decréscimo na qualidade da elaboração das atas na década dos 50 em diante. Além das reuniões, promoviam-se eventos.

Podem as Companhias ser consideradas como uma instituição auxiliar básica da Direção para promover a perfeita realização das práticas de piedade e, ao mesmo tempo, da organização disciplinar do ambiente estudantil, além da boa convivência e cooperação entre alunos, professores e religiosos salesianos. Toda a documentação coligida, especialmente, os livros de Atas atestam, significativamente, a força e influência das Companhias Religiosas na vida do internato (e também do Externato), como se pode depreender do quadro estatístico abaixo. Infelizmente temos pouquíssimos dados relativos ao Colégio São Joaquim e Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, devido ao desaparecimento quase total das Atas de suas associações.

**Tabela 5**
**DADOS ESTATÍSTICOS DOS SÓCIOS DAS COMPANHIAS RELIGIOSAS DO LICEU CORAÇÃO DE JESUS, COLÉGIO SÃO JOAQUIM E LICEU SALESIANO N. S. AUXILIADORA**

| ANO | LCJ | LNA | CSJ | ANO | LCJ | LNA | CSJ |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1886 | | | | 1916 | | | |
| 1887 | 23 ? | | | 1917 | 175 | | |
| 1888 | 83 ? | | | 1918 | 51 ? | | |
| 1889 | 56 | | | 1919 | -189 | | |
| 1890 | 66 | | | 1920 | 264 | | |
| 1891 | 67 | | | 1921 | | | 210[50] |
| 1892 | 39 ? | | | 1922 | 135 (?) | | |
| 1893 | 66 | | | 1923 | | | |
| 1894 | 90 | | | 1924 | 240 | | |
| 1895 | 160 | | | 1925 | 392 | | |
| 1896 | 54 ? | | | 1926 | 307 | | |
| 1897 | 132 | | | 1927 | 345 | | |
| 1898 | 268 | | | 1928 | 504 | | |
| 1899 | 110 | | | 1929 | 311 | | |
| 1900 | 178 | | | 1930 | 108 ? | | |
| 1901 | 142 | | | 1931 | 298 | | |
| 1902 | 61 ? | | | 1932 | 208 | | |
| 1903 | | | | 1933 | | | |
| 1904 | 29 ? | | | 1934 | 134[51] | | |
| 1905 | 107 | | | 1935 | 171 | | |
| 1906 | | | | 1936 | | | |
| 1907 | 77 | | | 1937 | 88 | 798(!)[52] | |
| 1908 | 114 | 58 | 40 (SL) | 1938 | 88 | | |
| 1909 | 146 | | | 1939 | 130 | | |
| 1910 | 56 | | | 1940 | 221 | | |
| 1911 | | | | 1941 | 103 | | |
| 1912 | | | | 1942 | 204 | | |
| 1913 | | | | 1943 | 182 | | |
| 1914 | | | | 1944 | 198 | | |
| 1915 | 188 | | | 1945 | -202[48] | | |

[48] *Estímulo*, Órgão dos Alunos do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora, 4 (1944). ISSP, Caixa 4. Campinas.

[50] Lyceu N.S. Auxiliadora, *Dati statistici dell'Anno Scolastico 1920-1921, per inviarsi al Segretario dell Capitolo Superiore.* AISSP. Campinas.

[51] Neste número estão excluídos os 36 do Pequeno Clero, que estão incluídos nas outras Companhias. *Juventude*, 2 (1 e 2): 19-21, mar-abr. 1934.

[52] *Anuário do Liceu N. S. Auxiliadora*, 1937, p. 198. As Atas desapareceram.

| ANO | LCJ | LNA | CSJ | ANO | LCJ | LNA | CSJ |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1946 | 47[49] | | | 1961 | | | |
| 1947 | 48 | | | 1962 | 107 | | |
| 1948 | 92 | | | 1963 | | | |
| 1949 | 33 | | | 1964 | | | |
| 1950 | | | | 1965 | | | 16[53] |
| 1951 | 64 | | | 1966 | | | 23 (17) |
| 1952 | | | | 1967 | | | |
| 1953 | | | | 1968 | | | |
| 1954 | | | | 1969 | | | |
| 1955 | | | | 1970 | | | |
| 1956 | | | | 1971 | | | |
| 1957 | | | | 1972 | | | |
| 1958 | 72 (SL) | | | 1973 | | | |
| 1959 | 86 (SL) | | | 1974 | | | |
| 1960 | | | | 1975 | | | |

Os dirigentes das Companhias Religiosas eram, o mais das vezes, os comandantes do Batalhão Colegial, das Ligas e/ou Clubes Esportivos e Literários, os decuriões e vice-decuriões (auxiliares dos Assistentes), controlando quase todas as práticas religiosas, culturais e esportivas existentes no internato (e também no Externato), recebendo ainda as melhores notas de procedimento e tendo seus nomes nos Quadros de Honra, expostos na sala de visita ou publicados nas revistas e anuários colegiais.[54]

Na segunda parte da década de 10, foi criada a Associação Domingos Sávio, cujo programa era estimular as festas, as sessões literárias, as diversões desportivas, as publicações e tudo quanto pudesse tornar conhecido Domingos Sávio e seus imitadores mais insignes. Reunia sócios das demais Companhias, divididos em comissões de propaganda, literária e desportiva. Normalmente, seus dirigentes faziam parte do comando do Regimento Colegial.[55]

---

[49] As estatísticas deste ano e dos seguintes são parciais e incompletas, o que dificulta o cálculo do total de sócios.

[53] Refere-se à Companhia de S. Luís dos Médios como também no ano seguinte.

[54] *O Lyceu*, 6 (3): 36-37 e 52, abr. 1923. Praticamente, as revistas traziam mensalmente os nomes dos alunos, que recebiam as notas ÓTIMO, MUITO BOM e BOM.

[55] *O Lyceu*, 1 (1): 11-12, set. 1918. Ainda *Annuario do 34.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus*, 1920, p. 36.

Em 1923, nascia mais uma associação, a Companhia do Anjo da Guarda, com objetivos semelhantes às existentes para atender aos alunos menores de dez anos.[56] Os sócios das Companhias promoveram Congressos, como o Pequeno Congresso do Sagrado Coração de Jesus, em 1926, e, no ano seguinte, o Congresso Juvenil Missionário.[57] Em 1927, surgiu a Associação Juventude Missionária, reunindo 345 sócios, divididos em trinta e dois grupos,[58] e, em 1928, o Pequeno Congresso Mariano.[59] Os Congressos tornaram-se prática anual das Companhias Religiosas.

Na década de 40, as Companhias seguiam de perto o modelo da Juventude Estandantina Católica (JEC), cuja regra de vida seguia este roteiro:

1) Todos os dias ao acordar oferece tua juventude ao Senhor.
2) Comungar freqüentemente e multiplicar os dias de festas.
3) Invoca a Maria.
4) Sê puro.
5) No decorrer do teu dia, trabalho e alegria.
6) Teu coração ao Papa.
7) Ajuda o pobre, consola o aflito, defende o fraco.
8) Conquista o companheiro, a família, o ambiente do teu trabalho aos ideais de Cristo Rei.
9) Serve a Pátria.
10) Ao findar o dia, ação de graças ao Senhor.[60]

O sócios usavam distintivos. A Companhia tinha galhardete ou bandeira, semelhante a uma organização militar pela ordem e disciplina de seus componentes.

Infelizmente, como foi dito acima, as Atas desapareceram em sua quase totalidade, especialmente nos Colégios São Joaquim e no Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora, e, como seus anuários e revistas são parcos em

---

[56] *O Lyceu*, 6 (8): 233-234, set. 1923., que traz o Regulamento. *O Lyceu*, 1932, p. 108.
[57] *O Lyceu*, 10 (7): 306-311.
[58] *Annuario do Lyceu Coração de Jesus*, 1927, p. 175-177 e *Annuario do Lyceu Coração de Jesus*, de 1927, p. 55.
[59] *Annuario do Lyceu Coração de Jesus*, 1928, p. 38-39.
[60] *Dom Bosco*, 1945, p. 195.

fornecer estatísticas, torna-se difícil uma avaliação mais precisa do número de alunos internos sócios das Companhias. Mas os dados existentes são, pelo menos, suficientes para o conhecimento de seu poder e influência, também nesses estabelecimentos.

Anualmente, gozavam os sócios do privilégio de um passeio especial (somente para eles) no mês de novembro. Indiscutivelmente, eram uma escola de liderança, porquanto de seus quadros saíram pessoas que se destacaram na Igreja, na política e na sociedade.[61] Pode-se afirmar, entretanto, que, sem estas Associações, a organização e a vida interna dos internatos salesianos seria muito difícil para a prática do Sistema Preventivo, ou seja, para o funcionamento do sistema educativo salesiano. É o que afirmava o Catequista Geral da Congregação Salesiana ao escrever: "As Companhias Religiosas são um dos meios mais eficazes para pôr em prática corretamente o nosso Sistema Preventivo". E acrescentava: "Os Diretores se ocupem delas com zelo e como um seu dever todo especial – todos os Irmãos prestem generosamente sua colaboração".[62] Havia a revista *Le Compagnie*, publicado na Casa Generalícia dos Salesianos que fornecia orientações para a sua organização e funcionamento.

No Brasil, publicava-se, na década de 60, *Avante Juventude,* que era o Órgão das Companhias da Juventude Salesiana Inspetorial, publicada em São Paulo.[63] Em 1965, um articulista lamentava: "Eis o ponto nevrálgico: a falta de continuidade no trabalho das Companhias é o maior caruncho destruidor de entusiasmo e aproveitamento".[64] Com fim do regime de internato, encerrou-se esse modelo típico de organização, depois de mais de cem anos de funcionamento.

## 7. A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA

Além das práticas acima mencionadas, havia outras ocasiões informais, como conferências de Salesianos, Bispos e pessoas que visitavam a casa.

---

[61] Infelizmente, dado o intervalo temporal deste trabalho, seria um estudo longo e demorado levantar esses nomes de ex-alunos de destaque. Mas basta afirmar que grande parte dos alunos matriculados nas escolas salesianas são filhos, netos e até bisnetos de sócios destas associações.

[62] João Resende COSTA, Carta Circular do Pe. Inspetor, 20.03.1950. AISSP, *Padre Inspetor - 1948-1952.*

[63] Seu formato era 10 x 8, com 16 páginas.

[64] *Suplemento Especial de "Avante Companhias"*, 1965, p. 1.

Os alunos tinham acesso livre aos escritórios do Pe. Diretor, do Pe. Catequista ou de algum padre ou Salesiano de sua confiança ou amizade. Os escritórios desses Superiores, no antigos colégios, estavam situados ao nível dos pátios e/ou dos pórticos. Como, geralmente, os "superiores" acompanhavam diretamente os alunos nos pátios, detectavam qualquer inconveniente, descontentamento ou mal-estar e procuravam tomar imediatamente as providências cabíveis para evitar a sua propagação no ambiente escolar.

Os padres confessores, por sua vez, estavam sempre à disposição dos alunos durante a Missa diária, sendo comum haver aluno refugiar-se nas filas diante dos confessionários, nem sempre com a intenção de confessar-se. Ocupavam, desse modo, uma função moderadora no ambiente escolar.

De grande importância eram os Retiros Espirituais, geralmente feitos no segundo semestre letivo, duravam três dias. Tinham horário especial e, quase sempre, eram pregados por dois sacerdotes, um dos quais se incumbia das "instruções" e o outro das "meditações". Nas "instruções", tratavam-se temas relativos à observância dos Mandamentos da Lei de Deus e às praticas de piedade, como a oração, a meditação, a confissão bem feita e à comunhão ou vida eucarística, etc. Normalmente, seu conteúdo girava em torno dos três votos religiosos, adaptados à vida do cristão comum, ou seja, especialmente à pobreza e à obediência. Os alunos podiam conversar depois do almoço e jantar – era o chamado "recreio moderado" – e praticar alguns jogos sem movimento (normalmente bolinhas de gude).

No que respeitava à pobreza, falava-se aos meninos sobre a conservação dos bens materiais, evitando todo estrago daquilo que é uso próprio ou da comunidade; respeitar os necessitados, não ter ambições desmedidas, nem orgulhar-se de ter muito, de ser rico, etc. Procurar agradecer a Deus porque não pagam nada; os pais pagam tudo. Ter paciência em suportar a comida do colégio.

Quanto à obediência, citava-se o exemplo do Menino Jesus. A obediência é necessária para existir ordem; se o soldado não obedece, perde-se a guerra. Sem obediência não pode existir disciplina. Pai e mãe obedecem ao serviço de casa. O patrão obedece às necessidades da sua empresa, caso contrário entrará em falência.

Da castidade, falava-se um pouco das conversas indecorosas. Havia a preocupação para não estimular a imaginação dos meninos, falando-se deste assunto. Prolongar uma hora que fosse a inocência de uma criança era considerado uma grande graça. Na época (década de 10), não havia livros e revistas pornográficas. Havia casas salesianas em que se escrevia em alguns ambientes a expressão: *Deus te vê.* Na década de 40, especialmente, fez-se campanha intensa contra o turpilóquio, através das Companhias Religiosas e da Ação Católica, como se depreende das Atas destas Associações. Insistia-se na modéstia, especialmente no vestir e no uso dos calções esportivos. Combatiam-se as amizades particulares. Era comum a utilização do mote: "Raramente um, nunca dois, sempre três" ("Rare unus, nunquam duo, semper tres").

Nas "meditações", o pregador refletia sobre as verdades escatológicas, ou seja, a morte, o juízo, o inferno e o paraíso.

Por último, no encerramento do Retiro, falava-se da devoção à Nossa Senhora e distribuíam-se as lembranças, ou seja, um santinho ou pequena estampa com a imagem de um santo, com sentenças exortativas da prática da vida cristã. Havia ainda exercício mensal da "Boa Morte" para os alunos internos. Consistia num dia de um pequeno retiro espiritual, com uma pequena prédica, confissões e as orações da "Boa Morte".

Existiam as novenas de São José, de Nossa Senhora Auxiliadora e do Sagrado Coração de Jesus; e, nas primeiras sextas-feiras do mês, fazia-se uma oração especial ao Sagrado Coração de Jesus. O Pe. Orlando Chaves, Provincial entre 1939 e 1947, introduziu o canto das Vésperas para os alunos internos, o que não era costume nacional. Este Provincial aumentou as exigências, tornando os internatos semelhantes aos seminários.[65]

---

[65] Depoimento de Pe. Iran CORREIA, Salesiano de 93 anos, formado no Instituto Teológico da Crocetta, secretário particular do Bem-Aventurado Felipe Rinaldi, terceiro sucessor de Dom Bosco, professor de História da Igreja no Instituto Teológico Pio XI e autor de uma *História dos Papas* e, por muitos anos, um dos secretários da Província Salesiana de S. Paulo. Foi aluno do Colégio Santa Rosa na década de 10, Assistente, e Conselheiro Escolar nesta instituição. Foi ainda Diretor e pároco.

## 8. O PROBLEMA DA MISSA DIÁRIA E DA SEGUNDA MISSA AOS DOMINGOS

A Missa diária não aparece como obrigação regulamentar, mas como princípio educativo.[66] Não havia este costume na família e no menino brasileiro e, muito menos ainda, a facilidade para se confessar. Foram vistas, supra, as dificuldades de *Doidinho* para se confessar.

A segunda Missa, aos domingos, não concordava com a prática católica brasileira. Justificava-se esta prática, nos internatos salesianos, dizendo-se que, na primeira Missa, se diziam as orações normais de costume, inclusive o terço, e, na segunda Missa, executava-se rigorosamente a liturgia, ou seja, não se faziam orações paralelas.

Os alunos internos começavam a "assistir", como ainda hoje se diz, a Missa diária, imediatamente. Não existia uma catequese de preparação imediata. Geralmente, a totalidade dos internos não estava habituada à Missa diária.

Os Assistentes Salesianos de 1952 e dos anos seguintes, do Liceu Coração de Jesus, falando dessa praxe, testemunham o mal-estar dos alunos internos porquanto nada sabiam, ou quase nada, sobre a Missa, ainda mais que era rezada em latim. O Liceu Coração de Jesus era mais exigente que o "aspirantado", nome dado ao seminário salesiano.[67]

Este estudo não encontrou uma explicação convincente para a mentalidade católica brasileira quanto à praxe da Missa diária e da segunda Missa aos domingos, tanto que, em reunião do Conselho do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora, foi discutida a questão da Missa dos alunos, baseando-se nos documentos de então (do XIX Capítulo Geral e reunião dos Inspetores Salesianos do Brasil, em Carpina, Pernambuco).[68] O Conselho

---

[66] Dom Bosco estabelecera o princípio: a Comunhão freqüente e a Missa cotidiana são das colunas do edifício educativo. Por isso, antes da Missa não queria jogos. Dava toda a comodidade para o aluno confessar-se. Todo dia havia algumas Comunhões e, aos domingos, quase todos comungavam. MB III, 354-355. Vide p. 159-161 deste trabalho.

[67] Esses *assistentes*, hoje padres, interrogados sobre o assunto, foram significativamente unânimes ao prestar o depoimento acima.

[68] Desde 1940, o Provincial de São Paulo, Pe. Orlando Chaves, depois arcebispo de Cuiabá, vinha insistindo pela introdução da Missa diária para os alunos externos, já que existia para os internos. O problema foi discutido, posteriormente, pelos Conselhos dos Colégios, sem encontrar uma solução possível, pois muitos dos externatos funcionavam à tarde, quando ainda não havia Missa neste período.

enviou ofício assinado por todos, solicitando a aprovação do seguinte programa:

1) Segunda-feira - Terço para todos os alunos com comunhão - 9 horas.
2) Terças quintas-feiras - Missa para os Menores e Submédios às 6h30. Maiores e Médios os que quiserem.
3) Quartas e sextas-feiras - Missa para Maiores e Médios às 6h30. Menores e Submédios os que quiserem.
4) Sábado - Terço em vez de orações da noite para todos. 13h45, explicação e preparação da função de domingo.

O Conselho Inspetorial aprovou o plano acima, com as seguintes ressalvas:

a) Devem-se propiciar todos os dias a possibilidade de os alunos que quiserem assistirem (sic!) Missa num horário razoável;
b) Este plano tem um caráter experimental;
c) Como se diz no nº 20 das Conclusões de Carpina, permanece a necessidade de formar os meninos para compreenderem, participarem, amarem a Missa diária.[69]

O Conselho Inspetorial, porém, não exigiu a segunda Missa para os alunos internos.

---

[69] AISSP, *Caixa do Liceu N.S. Auxiliadora.* Este ofício não foi assinado.

CAPÍTULO X

# AS PRÁTICAS MUSICAIS, TEATRAIS E LITERÁRIAS

Em **O Ateneu,** o canto dos alunos aparece na Missa dominical e em algumas festas religiosas. Sua banda de música tinha alojamento próprio, acompanhava as evoluções de ginástica e era considerada como estimulante durante os passeios.[1] Nas festas, faziam-se exibições de ginástica, cantos, poesias em várias línguas. A manhã era iniciada com cantos e orações na capela de Nossa Senhora Imaculada Conceição. À noite, os alunos se reuniam para as orações, entremeadas com cantos acompanhados ao som do harmônio, antes de se recolher ao dormitório. Cantava-se a oração do meio-dia na casa das recreações. Aos domingos, iam todos à Missa, levando seus livrinhos. Em dias solenes cantavam em coro. Já o Ginásio "Fiat Lux" de *A Falange Gloriosa*, de RANGEL, a música na vida escolar quase não aparece, apesar de ter um professor de música.[2]

---

[1] Raul POMPÉIA, *O Ateneu, op. cit.*, p. 16. 29, 57, 100.

[2] Godofredo RANGEL, *Falange Gloriosa*, p. 64, 132. Parece possuir uma fanfarra.

Dom Bosco passou toda a sua vida entre os jovens e aprendeu com eles a importância da alegria na vida juvenil, que se tornou a característica dos seus alunos e ponto fundamental do seu sistema educativo.[3] Alegria é vida, a respeito da qual escreveu o Pe. Pedro Pereira Pinto, Salesiano brasileiro:

*A verdadeira alegria, que emana de fonte pura e que não é simples alegria dos sentidos, mas alegria é bálsamo da vida e, deste modo, um auxílio incalculável na educação, uma companheira de trabalho sem par e um fator social importantíssimo. Da alegria costumam nascer grandes resoluções e feitos sublimes. Com o auxílio dela se vencem brincando as dificuldades e adversidades.*[4]

Em 1934, alguém, ao comentar o centenário de Carlos Gomes, escrevia: "Música e alegria são duas cousas que, sem ser sinônimos, se completam mutuamente" e acrescentava: "Quem canta está alegre, e se a música não é fruto de alegria, em geral, produz a alegria..."[5]

Dom Bosco quis que seus Oratórios Festivos, seus colégios, etc. fossem "verdadeiros jardins de alegria". Entendeu logo a música como uma fonte de alegria e instrumento de educação. Para que reinasse efetivamente a alegria, foi ele próprio um grande amante, um cultivador e propagandista da música. A tradição musical, nas instituições salesianas, procede do seu fundador, também músico. Por isso, continuava o supracitado, "a música impera soberana em todos os colégios salesianos do mundo. Órgãos ou harmônios, carrilhões ou humildes sinos, orquestras, orfeãos e cantorias não faltam em nenhum colégio salesiano".[6]

Organizou a banda musical que, além de deleite para os jovens, servia para afastá-los da maldade, mantendo-os continuamente ocupados. A música vocal ocupava o primeiro lugar entre as suas práticas. A um sacerdote de Marselha, que pedia sua aprovação para sua escola de música, já que considerava vantajosa para a educação, ocupação e recreação para

---

[3] A alegria era característica dos alunos do Oratório *MB* IV, 556; V, 192, 29, 713; VII, 400, XII 321, 357 e X, 336.

[4] *O Lyceu*, p. 245.

[5] *Juventude*, Órgão dos Alunos do Liceu N. S. Auxiliadora, Campinas, 4 (3 e 4): mai-jun. 1934. AISSP, Caixa 2.

[6] *Ibid.*

os jovens, respondeu: "Um Oratório sem música é um corpo sem alma".[7] A banda de música dos alunos do Oratório de Valdocco se constituiu uma verdadeira atração até para a nobreza da cidade de Turim.[8]

Mandou estampar na porta de sua escola estas palavras: *Ne impedias musicam.*[9] Conseguiu do Papa Pio IX indulgências particulares para quantos, nos seus colégios, cultivassem a música: mestres e alunos. Alegrava-se quando seus jovens executavam o canto gregoriano, que considerava o "non plus ultra" do sublime.

Nesse capítulo, passaremos em revista mais duas práticas utilizadas para facilitar a aplicação do Sistema Preventivo. Não se pretende aqui trazer todo o material disponível para demonstrar a sua presença na história educativa dos Salesianos nas três escolas mencionadas. Só o material existente relativo ao cultivo da música daria para uma longa história da sua prática nestas escolas. O Liceu Coração de Jesus conserva um acervo musical invejavelmente abundante, mais do que suficiente para provar a intensidade do cultivo desta arte. Parte desse material foi recolhida do Externato São João de Campinas e do Liceu N. S. Auxiliadora.

Dom Bosco, para que reinasse alegria em suas instituições, procurou ele próprio cultivar e divulgar a música. Nos Regulamentos da Sociedade Salesiana deixou escrito: "Cultivem-se a música e o canto, no intuito de maior formação dos jovens e mais viva participação nas funções litúrgicas" (Art.135).

No "Regolamento",[10] de 1906, dizia-se:

Art. 75 A música vocal e instrumental seja cultivada como meio para promover a glória de Deus e para educar os jovens, mas ninguém empregue à-toa o tempo para satisfação individual com prejuízo para as ocupações mais importantes.

---

[7] *MB* V, 347-348.

[8] *MB* IX, 533-534; X, 336

[9] Eclo 32, 3; *MB* V, 540.

[10] O original italiano reza:
"Art. 75. A musica vocale ed instrumentale sia coltivata como mezzo per promuovere la gloria di Dio e per educare i giovani, ma nessuno v'impiegui vanamente il tempo per soddisfazione individuale a scapito di occupazioni più importanti.
Art. 366. Per tutti la scuola di musica e di canto gregoriano abbia le sue ore fisse d'insegnamento e di pratica, ma ogni anno si dia la preferenza al gregoriano sicchè i nostri alunni sappiano leggerlo e eseguirlo secondo il desiderio della Santa Chiesa, secondo il Motu proprio di S. S. Pio X. →

Art. 366 Para toda a escola de música e de canto gregoriano, haja horas fixas para ensino e prática, mas cada ano se prefira o canto gregoriano, de modo que os nossos alunos saibam solfejá-lo e executá-lo segundo o desejo da Santa Madre Igreja, conforme o Motu próprio de S. S. Pio X.

Art. 479 É seu (do Conselheiro Escolar) cuidado o canto gregoriano, a música vocal, e, de acordo com o diretor, estabelecer os professores, sobre os Assistentes e velar sobre a disciplina o observar em tais escolas.

Art. 551 Na igreja, velem a fim de que cada aluno tenha o livro das práticas de piedade e, sem mais, se procure manter o canto religioso, impedindo nos jovens os gritos desordenados, que costumam perturbar, ao invés de conciliar a devoção.

## 1. DESENVOLVIMENTO DA MÚSICA NOS COLÉGIOS SALESIANOS

Em obediência aos ensinamentos e prescrições do Fundador, a música sempre tem imperado soberana em todas as casas salesianas. Nos grandes colégios, até há pouco tempo, o órgão com seus acordes convidavam à oração. O carrilhão dos campanários bimbalhava, solenemente, na hora nostálgica do morrer do dia, os sons da Ave-Maria. A banda de música, nas notas de suas marchas e dos hinos ou a fanfarra desfilava garbosa à frente dos batalhões de alunos nos desfiles das festas patrióticas...

As aulas da banda eram gratuitas, o que não ocorria, por estatuto, com as lições de piano, flauta, bandolim, violino, etc., o que de fato acontecia, como se registra nos anuários. O aluno interessado em cada uma destas aulas, chamadas geralmente aulas "de adorno", contribuía mensalmente com uma quantia que podia variar entre dez a quinze mil réis.

Nos colégios de recursos menores, o harmônio substituía o órgão, um único sino fazia as vezes de carrilhão e a fanfarra, a banda de música. Hoje quase todos os colégios salesianos dispõem de guitarras elétricas, teclado, etc.

---

→Art. 479. É per sua cura di promuovere il canto gregoriano, la musica vocale, e d'accordo col Diretore stesso, stabilirne i maestri, gli assistenti e vegliare sulla disciplina da osservarsi in tale scuole.

Art. 551. Nella chiesa veglino affinché ciascum allievo abbia il libro delle pratiche di pietà e non altro, e si adoperi per sostenere il canto religioso, impedendo nei giovani le grida snuodate, che sogliono disturbare invece di conciliare divozioni."

Quanto ao material musical, o Liceu Coração de Jesus goza de uma situação privilegiada pelo seu grande acervo musical, o que não acontece com as outras duas escolas em consideração. O do Liceu N. S. Auxiliadora de Campinas, ao que tudo indica, parece ter sido bastante significativo.[11] Já o Ginásio São Joaquim está prejudicado por dispor de acervo muito pequeno, mas o *Grêmio,* a revista colegial desta instituição, em suas crônicas, mostra, nos programas das festas, muitas peças musicais executadas pelos alunos, em duas ou mais vozes, o que demonstra o cultivo pelos alunos da arte musical na escola. Desse modo, a quase ausência de material musical não significa que a música não tenha sido cultivada intensamente por estas duas instituições. O mapa abaixo mostra como era constituído o curso de música no Liceu Coração de Jesus.

**Mapa 3**
**CURSO DE MÚSICA[12]**
**(ORQUESTRAL, DE PIANO E ÓRGÃO)**
**abrangendo o ensino dos instrumentos de corda e sopro, piano e órgão, estudos teóricos, canto coral figurado e gregoriano**

| **CURSO DE MÚSICA**<br>instrumental abrangendo os instrumentos de corda e metal | | |
|---|---|---|
| **I ANO** | **II ANO** | **III ANO** |
| 6h. Teoria, solfejo e ditado musical<br>18h. Ensino e exercitação instrumental<br>6h. Canto coral figurado | 6h. Teoria, solfejo e ditado musical<br>2h. Piano<br>16h. Ensino e exercitação instrumental<br>6h. Canto coral figurado | 6h. Harmonia e acompanhamento<br>2h. Piano<br>16h. Ensino e exercitação instrumental<br>6h. Canto coral gregoriano |
| **IV ANO** | **V ANO** | **VI ANO** |
| 6h. Harmonia e elementos de acompanhamento<br>22h. Ensino e exercitação instrumental<br>2h. História da arte | 6h. Harmonia e elementos de acompanhamento<br>22h. Ensino e exercitação instrumental<br>2h. História da arte e crítica musical | Contraponto Composição e curso de aperfeiçoamento das matérias anteriores |

[11] Parece ter sido destruído em fins da década de 60.

[12] *Programmas de D'Ensino do Lyceu do Sagrado Coração: Artes, Officios e Commercio.* São Paulo, dezembro 1903. AISSP, *Caixa 12, Pasta Vários II.* Uma nota rezava: "As horas indicadas neste horário são semanais e continuam durante quase onze meses do ano".

**CURSO DE PIANO E ÓRGÃO**

| I ANO | II ANO | III ANO |
|---|---|---|
| 6h. Teoria, solfejo e ditado musical<br>16h. Ensino e exercitação instrumental<br>6h. Canto coral figurado | 6h. Teoria, solfejo e ditado musical<br>18h. Ensino e exercitação instrumental<br>6h. Canto coral figurado | 6h. Harmonia e acompanhamento<br>18h. Ensino e exercitação instrumental<br>6h. Canto coral gregoriano |
| **IV ANO** | **V ANO** | **VI ANO** |
| 6h. Harmonia e acompanhamento<br>20h. Ensino e exercitação instrumental<br>2h. História da arte | 6h. Harmonia e elementos de contraponto<br>20h. Ensino e exercitação instrumental<br>2h. História da arte e crítica musical | Contraponto Composição e curso de aperfeiçoamento das matérias dos anos anteriores |

## 1.1. Música vocal

Um brasileiro, em falando da música vocal nas escolas, acentuava, entre outras, a música vocal como o "agente mais prodigiosamente frutificador na educação e de poder incontestavelmente sugestivo da música vocal coletiva, na formação espiritual das massas, propugnador de animação espiritual e religiosa", além de "seu valor estético sem par, disciplinador e associativo".[13]

A música se desenvolveu tanto no Liceu que alguém exclamou em 1926: "Pouco falta para que o Liceu seja um grande instrumento musical", tão intensa era a vida musical vivida no estabelecimento de março a dezembro, especialmente na proximidade das grandes festas, tantos quantos os meses do ano.[14]

[13] SALESHUMILIS, Folhas que o vento levará: Voz humana e música vocal - A música vocal nas escolas, in: *Dom Bosco,* 1936, p. 142 145.

[14] P.P.P., A música no Lyceu, *O Lyceu*, 9 (8): 245-248. 1926.

Inicialmente, a música no Liceu Coração de Jesus era utilizada para arrebanhar, juntamente com os esportes, as crianças e os moços para a instrução catequética aos domingos, dias santos e feriados. Com um pequeno harmônio portátil, que ainda hoje existe no Conservatório Musical da instituição, o Diretor Lourenço Giordano ensinava, ao ar livre, canto aos primeiros meninos que para ali se dirigiam. Eram cantos sacros e profanos que entretinham a alegria da criançada. No curto programa que redigiu, estabelecia que, para todos os alunos dotados de "aptidões, estivessem abertas as aulas de desenho, música vocal e instrumental e declamação".[15]

Pouco tempo depois, chegava o jovem seminarista Giuseppe Allievi,[16] que assumiu a direção da nascente "Schola Cantorum" e muito contribuiria para o esplendor do culto no Santuário Coração de Jesus, ainda em construção. Veio, ainda, Valentim Barbieri,[17] o primeiro mestre da banda de música. Em novembro de 1887, uma carta do Giuseppe Buzzetti,[18] anunciava o envio de quarenta e três instrumentos musicais. Desde modo, bem cedo, pôde ser cultivada com afinco a música vocal e instrumental. Logo, as grandes massas corais constituiriam a grande novidade e uma verdadeira revelação para a cidade de São Paulo.

Havia aulas diárias de música vocal e instrumental. A todos os alunos eram ministradas noções de música e de canto coral. Na "Schola Cantorum" podiam matricular-se os alunos dos cursos primário e comercial "os que possuíam metal de voz adequada".[19] Um Cooperador Salesiano", num artigo intitulado *Os Salesianos e São Paulo*, publicado em O *Jornal do Commercio,* de 14 de julho de 1891, a respeito da execução da Missa *Santa Cecília,* escrevia: "Não temo errar, afirmando que uma Missa tão grandiosa de cento e quarenta músicos nunca se ouvira antes nesta cidade".[20]

Sob a chefia de José Allievi, que a dirigiu de 1887 a 1914, tornou-se a Escola de Canto famosa na cidade de São Paulo pelo brilhantismo de

---

[15] AISSP, *Programma do Lyceo de Artes e Officios estabelecido nos Campos Elyseos.*

[16] José Allievi, italiano, padre salesiano, de costumes angelicais, distinguiu-se como professor de música, canto e regente de corais estudantis.

[17] Irmão Salesiano e mestre alfaiate.

[18] Era Irmão Salesiano e professor de Música do Oratório de Valdocco (Turim), muito amigo de Dom Bosco.

[19] AISSP, *Estatutos e Programmas do Lyceu Sagrado Coração,* 1908, p. 54-55. Cobravam-se as aulas de piano (10$000).

[20] AISSP, *Recortes de jornais, programas, convites,* p. 24.

suas execuções. Seu repertório era extremamente rico. Maestros de música da cidade acorriam ao Liceu para ver como ensinava o padre aos meninos, pois era novidade para eles. Em junho de 1898, já era cantada a Missa *Santa Cecília*, a quatro e seis vozes de João Cagliero, Bispo salesiano, coadjuvada pelos melhores artistas e professores da capital paulista. Foi José Allievi, em grande parte, responsável pela restauração da verdadeira música sacra em São Paulo, recebendo elogios da imprensa da época, a execução da Missa *Santa Cecília*, de Gounod, em 9 de junho de 1899.[21] Executavam-se Missas de até seis vozes.

No final da primeira década, a "Schola Cantorum" tomou parte em grandes concertos musicais, como veremos logo abaixo. Seu efetivo chegou a 140 cantores de até oito vozes, com acompanhamento de orquestra. Parece ter sido essa a fase de ouro do canto vocal e da "Schola Cantorum", sob a chefia de José Allievi, que, em 1914, partiu para Rio Grande (RS). Efetivamente, um crítico de arte musical escrevia, em 1911, após ter assistido à execução da Missa *Benedicamus Domino,* de Perosino, a quatro vozes desiguais:

> *Dificilmente no Brasil poder-se-ia desejar execução mais perfeita! Reputamos a Schola Cantorum do Liceu uma das melhores especialmente o que achamos fora de toda a concorrência, é o elemento infantil (...). Disciplinados, prontos, possuidores de voz, tão poderosa, mas educada e argentina, mostram os alunos do Liceu terem sido instruídos na consciência da arte; e quiçá qual soma de paciência não deverá possuir o solícito Pe. Allievi.*[22]

Após 1915, acentuou-se ainda mais o cultivo das práticas musicais, especialmente da música instrumental, nas diversas manifestações da vida íntima da escola, especialmente da seção do Internato. Nesse ano, a "Schola Cantorum" executou 120 peças, entre Missas (seis, de Albergoni, Perosi, Polleri, Ravanello, Singenberger), Tantum Ergo (de Dogliani, Zaninetti, Pagella, Winter, Wenz, etc.), Motetes (mais de oito, a duas, três e

---

[21] *Correio Paulistano,* 10.06.1899. Encontram-se nas crônicas do Liceu Coração de Jesus recortes de jornais, programas que anunciavam a execução de largo repertório de música sacra executada pelo "Schola Cantorum". Cfr. *Diário Popular, 06/04/1901,* in: *Recortes de jornais, programas etc. do Liceu Coração de Jesus,* AISSP. *O Commercio de S. Paulo,* in: *Santa Cruz,* 2 (1); 32, out. 1902.

[22] Ecos musicais, in: *Santa Cruz,* 11 (22), p. 553-555, set. 1911. Essa fase continuaria pelo menos mais duas décadas.

quatro vozes de autores como, Melizzi, Foschini, Botazzo, Rota, Ravanello, Casimiri, Cagliero...), sem computar os cantos do livro de orações, *O Jovem Instruído* e de grande número de músicas populares...[23]

A criação do Batalhão Colegial, em 1916, é um marco histórico. Todos os alunos, sem exceção, eram exercitados na prática do canto, executando diariamente cantos sagrados e hinos para o serviço do culto; canções, cantatas, marchas para as grandes festas nacionais e demais festividades no correr do ano letivo. O cronista assim escrevia, em 16 de fevereiro de 1920:

*A segunda-feira de Carnaval - não houve aula - Para aproveitar o tempo, neste dia, se inauguraram as aulas: de canto, de piano, banda, violino, flauta. Este ano são muitíssimos os alunos que quiseram dedicar-se à divina arte de Euterpe. - Teme-se uma invasão artístico-musical; os gênios vão aparecendo, e vai-se difundindo aqui... além... o assombro geral.*

*Que ubertosos sejam os frutos.*

Sendo a música vocal programa ordinário e constante de todos os anos, havia a necessidade de selecionar, dentre os quase setecentos alunos, um grupo (que variava entre 120 e 200 figuras) dos que se distinguiam por sua voz para formar a vulgarmente chamada Escola de Canto ou "Schola Cantorum". Seu objetivo foi sempre abrilhantar as funções religiosas. Nesta fase, a Escola de Canto, dirigida pelo Maestro José Luís Valentim, que sucedera a Stelio Dalison,[24] contava com as seguinte seções:

1) *Cantores antigos*: formada por *sopranos* e *contraltos*, aos quais não eram desconhecidas a nomenclatura musical e o solfejo das notas;
2) *Cantores novos*: composta pelas vozes brancas que entravam no canto coral;
3) *Cantores de vozes viris*: formada por um grupo da Divisão dos Maiores internos.

Na festa de N. S. Auxiliadora, em 24 de maio de 1923, 700 alunos internos cantaram o "Credo", da Missa *Te Deum Laudamus,* a duas vozes

---

[23] Predominavam os músicos italianos.

[24] Era padre salesiano, Stélio Dalison, uruguaio, formado em composição musical, em sua pátria. Foi diretor em vários colégios salesianos da província salesiana de Mato Grosso.

de Perosi. A Missa *De Angelis* costumava ser cantada por todos os alunos internos. Nesse ano, a "Schola Cantorum" chegou a 200 figuras, sendo 180 sopranos e contraltos, vinte tenores e baixos. Desses, 120 alunos prestaram contribuição nas festas. Os outros somente freqüentaram as aulas de solfejo até o meio do ano.[25]

O "Coro Dom Bosco", dirigido por Luís Marcigaglia,[26] composto de vinte e quatro ex-alunos, cantava nas festas do Santuário do Coração de Jesus e recebia convites para se apresentar em outras igrejas de São Paulo, Jundiaí, Santos, Campinas, Santo Amaro. De 1º de outubro de 1937 a 30 de novembro de 1938, reuniram-se 113 vezes, sendo quarenta e três para ensaios e setenta para execuções.

Após o diretorado de Luís Marcigaglia no Liceu Coração de Jesus, o canto coral continuou, mas os anuários e as crônicas são parcos em informações sobre o desenvolvimento da música na fase dos 40 aos 60. Sabe-se, entretanto, que os internos, em 1945, mantinham um grupo de cantores e os externos, outro.[27]

Notabilizaram-se, entre os professores de canto, Fausto Santa Catarina, José Geraldo de Souza,[28] Tobia Perfetti e outros que produziram um filme intitulado *Música do Céu*, lançado em 18/06/1949. Havia exames de canto no internato e no externato. Neste ano, foi inaugurada a nova sala de piano e, no ano seguinte, instalado o Conservatório Musical, existente até os dias de hoje.

O Irmão Salesiano João Ferreira dos Santos,[29] em 1947, fundou um coral infantil, chamado "Canarinhos do Liceu Coração de Jesus", para abrilhantar as festas religiosas e profanas da casa e fazer apresentações, nas mais diversas ocasiões, para entidades as mais diversas, nos canais de

---

[25] O Anuário deste ano elenca a execução de quatro Missas, de duas a três vozes, numerosos *Tantum Ergo* a duas vozes, de autores como Rafy, Perosi, Ausfelser, Cordela, Ligemberger, Baroni, Cordela, e a três vozes de Baroni, Zaninetti, Alessi, Venz, muitos motetes de uma a três vozes, além de trinta e oito cantos corais (p. 176-180).

[26] Padre salesiano, historiador, poeta, músico e compositor. Foi diretor do Colégio São Joaquim (seis anos), do Liceu Coração de Jesus (catorze anos) e do Instituto Dom Bosco (seis anos).

[27] Programa da "Festa de encerramento do ano letivo de 1945" e *Crônica do Liceu Coração de Jesus,* 1944-1945, 6.12.1945. AISSP.

[28] Fausto Santa Catarina é padre salesiano, músico, compositor e escritor. José Geraldo de Sousa é padre, músico, compositor e doutor em música.

[29] Na época era seminarista, hoje é Irmão Salesiano e continua na regência deste coral.

TV, nas escolas, em festas da APAE, do Rotary Clube, Lions, Santa Casa, Shopping-Centers, etc. e em outros estados da Federação, tendo gravado mais de uma centena de discos. Tem produzido ainda comerciais para rádio e TV. Em seus quadros, encontramos, entre outros, o Príncipe Imperial Pedro de Alcântara Orleans e Bragança, Roberto Tibiriçá, José Carlos Mendes Alves, Mario Carezzato e Mario Candiani.

## 1.2. Música instrumental

Desde os inícios, funcionava a banda de música dos alunos internos do Coração de Jesus, que abrilhantava as diversas festas do colégio, recepções, etc., constituindo uma novidade e revelação para a cidade de São Paulo, já que os meninos componentes da banda cursavam o primário. Um ofício, datado de 30 de novembro de 1887, anunciava o envio de quarenta e três instrumentos, acrescentando um futuro despacho das partituras e suas partes, logo que fossem copiadas e, ainda, um conjunto de livrinhos de marchas.[30]

A orquestra era dirigida por "um talentoso sacerdote", à "altura daquele importante estabelecimento".[31] Em 1888, chegavam as partituras e os folhetos de marcha, fato que seria uma constante nos anos seguintes. O primeiro Diretor não media esforços no sentido de conseguir os meios necessários. Em pouco tempo, a banda do Liceu emparelhava com os mais célebres, como as do Corpo de Bombeiros e "Permanentes". Quando algum jornal da cidade falava mal dos Salesianos, o Diretor levava a sua banda para a frente da redação e prestava uma homenagem aos diretores com música, vivas, etc. Bastava isto para acalmar qualquer ataque aos Salesianos.[32]

O jornal *Commercio de S. Paulo,* de 10.08.1902, num longo artigo intitulado "Sport", com o subtítulo "Foot-ball", descrevia o jogo entre "S. Paulo Athletic Club" e "Club Athletic Paulistano", abrilhantado pela banda de música do Liceu Coração de Jesus, que tocava escolhidas músicas de seu repertório, fazendo notar mais de cinqüenta destaques da sociedade

---

[30] Manoel ISAÚ, *Liceu Coração de Jesus,* p. 55-56. As partes chegaram em julho de 1888, e mais 36 folhetos de marcha real.

[31] AISSP, *Recortes de jornais programas,* etc., p. 21.

[32] Id., *Relação do Ver.mo Sr. Pe. Faustino Bellotti sobre os primeiros anos do Liceu Coração de Jesus.* Ainda: *Lyceu do S. C. de Jesus,* in: *Est. de S. Paulo,* 10-VIII-1902, *apud Crônicas do Liceu Coração de Jesus,* livro 2, p. 51, p. 51.

paulistana que assistia ao espetáculo. A renda do jogo estava destinada aos internos deste estabelecimento.[33]

Em 7 de setembro de 1904, o *Diário da Tarde,* num artigo intitulado "7 de Setembro", destacava a "excelente banda de música dos meninos salesianos e os alunos do Liceu do Sagrado Coração de Jesus, em número superior a 700" que iriam percorrer "as ruas centrais da cidade e depois de visitarem, na passagem, as redações dos jornais, e de saudarem o sr. dr. presidente do estado e seus dignos secretários..."[34]

O ensino prático e teórico de Música, segundo o quadro de movimentação das aulas de adorno acima, parecia muito bem organizado e desenvolvido, pois já apresentava um programa detalhado, apesar de estar ainda em experiência. Exigiam-se dos alunos o conhecimento dos primeiros elementos de música e certa aptidão revelada para a arte. Era requerido um curso preliminar de teoria e solfejo de seis horas semanais, durante seis meses.

O curso instrumental era de dez graus. Cada grau durava seis meses e a progressão para o grau seguinte dependia de aprovação em exames Os alunos, por sua vez, recebiam pelo menos três lições de duas horas por semana para cada classe de seis alunos. Não se admitia dupla repetência quer no semestre quer na matéria. Assim, estava organizado o curso de músico, em 1903.[35] A banda instrumental, acessível a todos os alunos aprendizes, tornou-se famosa pela perfeição de seu desempenho, apesar de muitas de suas figuras terem muito mal o curso primário. O *Diário Popular* (18/10/1895) chamava-a de "robusta Banda Marcial". Os bons resultados das práticas musicais não se fizeram esperar. Em 1906, os ex-alunos formaram a Banda da Corporação Musical Santa Cecília e, logo depois, estes criaram a Banda São José, do Oratório Festivo. Valentim Barbieri ainda dirigia a Banda dos alunos internos, em 1908. Os alunos externos não ficaram

---

[33] *Crônicas do Liceu Coração de Jesus; Recortes de Jornais*, livro 2, p. 52-53.

[34] *Diário da Tarde, apud Crônicas do Liceu Coração de Jesus; Recortes de Jornais,* livro 2, p. 58.

[35] *ASC, Programmas d'Ensino do Lyceu do Sagrado Coração: Artes, Officios e Commercio.* São Paulo, 1903. O original deste texto encontra-se no Arquivo Salesiano Central da Casa Generalícia dos Salesianos, em Roma, que foi enviado ao então Superior Geral, Bem-Aventurado Miguel Rua, pelo Pe. Domingos Molfino, então Diretor Técnico do Ensino Profissional do Estabelecimento. Pe. Domingos seria, em 1906, convidado para assumir a assessoria do Ensino Profissional da Congregação Salesiana, de certo modo, como reconhecimento por seu valor pessoal em ter tornado o Liceu Coração de Jesus uma escola de padrão reconhecido em São Paulo. AISSP.

atrás e criaram também a sua banda. Daí para a frente, os grupos musicais e teatrais surgiriam normalmente, mas ligados à vida interna do Liceu Coração de Jesus, funcionando lado a lado com outras corporações semelhantes. Os ex-alunos receberiam, na década seguinte, uma sala atrás do teatro para o exercício de suas atividades e práticas culturais. Na década de 20, construíram sede própria, que continua funcionando até os dias de hoje.

Tanto o Liceu Coração de Jesus como o Liceu N. S. Auxiliadora possuíam orquestras colegiais, formadas exclusivamente por alunos internos, que davam realce às festas cívicas, recreativas, religiosas e tomavam parte em festivais ou, nos cinemas, serviam de fundo musical aos filmes, que eram mudos na época. No centro do pátio do Liceu Coração de Jesus, onde está hoje a pequena gruta de N. S. de Lourdes, primeira década, havia um pequeno coro para as exibições da orquestra.

Reforçaram o desenvolvimento musical, a instalação dos pesados sinos (1900), na torre do Santuário do Coração de Jesus, oferta da Família Prates, e a inauguração do grande órgão, presente da Baronesa de Tatuí. Foi contratado um maestro, João Perosino, para organista, diplomado pelo Liceu Musical de Turim e seu sucessor foi Maestro Caetano Foschini, lente de harmonia e contraponto; o Maestro João Gomes de Araújo era organista do Santuário.[36]

O progresso da música instrumental entre os alunos do Liceu Coração de Jesus serviu de base para a promoção de "grandes" concertos de música vocal e instrumental que caracterizariam o final da primeira década e os anos subseqüentes. Em 1910, foi reformado o órgão do Santuário Coração de Jesus, às expensas do Conde Prates, e instalada uma Organola, que podia substituir o organista, evento que repercutiu nos meios musicais de São Paulo.[37]

---

[36] *O Estado de S. Paulo*, 19.10.1898; *Commercio de S. Paulo*, 26.03.1901; *Santa Cruz*, 1901, p. 55, 161, 189. Órgão notável em São Paulo, in: *Santa Cruz*, 1 (7), p. 189, abr. 1901 e também 1 (6), p. 161, mar. 1901. Alfredo CAMARATE, Orgam liturgico, *Crônicas do Liceu Coração de Jesus: Recortes de jornais de jornais, programas*, etc., p. 62. AISSP.

[37] AISSP, *Crônicas do Liceu Coração de Jesus*; *Recortes de jornais, programas etc.*, p. 37, 85-90, 96-96a: Entre 29 e 31 de outubro de 1911, realizaram-se grandes concertos, sempre precedidos por conferências sobre música sacra, sendo executadas 36 peças de Gounod, Guilmant, Häendel, Haydn, Lemmens, Liszt, Mendelsohon, Mozart, Shubert, etc. (p. 37-96). A Organola era considerada novidade no Brasil. A música para a Organola era composta em forma de buraquinhos, precursora dos computadores, importada da Alemanha e, ainda hoje, conservada em bom estado para uso no Arquivo Musical do Liceu Coração de Jesus.

O ambiente estava preparado para vôos mais altos. Aliás, São Paulo, por ser a capital do estado, oferecia maior campo de oportunidades que Campinas e Lorena onde estão os outros dois colégios em estudo, o que facilitava um maior desenvolvimento da atividade musical. Campinas, porém, gozava do privilégio de ter um músico de projeção internacional, Carlos Gomes.

O Liceu Coração de Jesus gozava, ainda, de uma posição de superioridade, por estar no centro do pólo governamental e cultural da cidade e incrustado no bairro dos barões paulistanos que, aliás, pressionavam para que os Salesianos melhorassem o edifício que contrastava com as suas mansões. Em 1909, em benefício da construção do Liceu Coração de Jesus, iniciaram-se concertos vocais e instrumentais, em que se destacaram os maestros João Gomes de Araújo, os irmãos Belardi (Alfredo, Américo, Armando e Jerônimo), Giovanni Batista D'Arce, Francisco Russo, além de outros como Giuseppe Vanolle, Crescenzio Carlino, Agostinho Canto, Saverio Simoncelli e Castagnoli. A própria Guiomar Novaes iniciou sua carreira musical no Liceu Coração de Jesus, onde freqüentava o catecismo, em 1906. Alfredo Belardi[38] fundou a Escola de Orquestra (reunindo trinta professores) e os ex-alunos, a Orquestra do Grêmio São Paulo. A pressão dos barões foi positiva no sentido de beneficiar as práticas musicais da instituição.[39]

Ministravam-se, ainda, aulas de piano para os alunos dos cursos primário e comercial, mediante prévio ajuste com o vice-diretor, no ato da matrícula, e uma contribuição mensal de dez mil réis. Não há como negar que esta prática musical tão intensa não tenha produzido resultados significativos. O salão do teatro ficava sempre superlotado toda vez que se anunciava um espetáculo musical. Os músicos, em sua maioria, eram italianos ou seus descendentes, inclusive o pessoal dirigente do Liceu Coração de Jesus e parte de seus alunos.

Em 1915, já havia duas bandas, uma do internato, dirigida por José Larrabure e Pedro Danni,[40] e outra do externato, comandada por Benedito

---

[38] Alfredo Belardi foi por muitos anos professor de violino no Liceu Coração de Jesus. Em 1936, ainda aí o encontramos. Armando Belardi chegou a ser regente da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo.

[39] *Ibid.* Seria longo relatar esta fase (de 1909 a 1915) de grande expressão musical do e no Liceu Coração de Jesus.

[40] Irmão Salesiano, mestre-alfaiate e clarinetista.

Marcos.[41] José Luiz Valentim e o prof. José Larrabure, este dos primeiros alunos internos da instituição, atendiam regularmente a mais de vinte alunos de piano, que recebiam duas aulas semanais, segundo o programa do Conservatório Musical de São Paulo. Lecionavam os maestros Francisco Russo, diretor da Orquestra do Liceu Coração de Jesus, compositor fluente e professor de teoria musical no citado Conservatório, e Raphael Rizzo Fausto, diplomado pelo Real Conservatório de Música de Nápoles, do Conservatório Musical de São Paulo, professor de violino a mais de cinqüenta alunos em duas seções (1920). As aulas de flauta estavam confiadas ao prof. Pedro Cunha. Eram as aulas chamadas de "adorno", não se limitando ao ensino do piano e da flauta, mas também de bandolim e violino.

Em 1923, continuavam com toda a regularidade essas aulas, instaladas em ampla e apropriada sala, havendo ainda desenho e pintura, lecionadas pelo prof. Matteo Chiarato, conhecido artista na época. Nesta data, a "Schola Cantorum" contava com duzentos membros: cento e oitenta sopranos e contraltos e vinte tenores e baixos, todos alunos. Desses, cinqüenta já conheciam as principais regras de solfejo e vocalização e eram os que prestavam concurso para as festas.

Já as aulas de banda, de vinte e cinco figuras, nesses anos compunham-se de dezoito veteranos e sete novos já provectos na arte (1920), sob a direção do prof. José Larrabure. O mestre de banda era um cargo ingrato, porquanto quase todos os anos era preciso formar uma nova banda, pois os das séries mais adiantadas completavam seu curso e abandonavam o Liceu. Estimulava-se a prática musical com prêmios anuais.[42]

Para ilustrar o cultivo intenso das práticas musicais no Liceu Coração de Jesus, nos inícios dos anos 20, apresentamos alguns dados estatísticos sobre as chamadas "aulas de adorno".[43]

---

[41] *Annuario do 30.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus*, 1915, p. 23.

[42] Em 1923, a música apresentava notável desenvolvimento. A banda de música chegava a sessenta membros, a fanfarra militar a quarenta, os pianistas eram sessenta e cinco, os alunos de violão dez, os de flauta, sete. As aulas de datilografia atrafam numerosa clientela, contando com 105 alunos. Havia ainda uma orquestra de violão, com oito figuras. A orquestra principal contava com 15 figuras, incluindo professores de música, como Isidoro Marcigaglia (engenheiro), maestros Mignone, Fausto Rizzi e Firimiani, Pedro Danni, Marco, pistoninista, Bastilha, pintor, etc. Cfr. *O Lyceu*, 1923, p. 17 e 179.

[43] Entre as "aulas de adorno", (hoje facultativas) aqui não incluídas, havia ainda as de datilografia, pintura e, em 1924, até árabe.

**Tabela 6**
**MOVIMENTO DE MATRÍCULAS DAS AULAS DE ADORNO NO LICEU CORAÇÃO DE JESUS DE 1922 A 1928.** [44]

| ANO | Canto | Piano | Banda | Violino | Violão e Bandolim | Flauta | Fanfarra |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1922 | 45 | | 74 | 32 | | | |
| 1923 | 57(200)[45] | 28 | 47 | 51 | 11 | 06 | 24 |
| 1924[46] | 120 | 43 | 46 | 56 | 07 | 16 | 40 |
| 1925[47] | 139 | 41 | 52 | 38 | 06 | 20 | |
| 1926[48] | 196 | 36 | 40 | 56 | 23 | 11 | |
| 1927 | 182[49] | 20 | 25 | 26 | — | — | |
| 1928 | 79 | 32 | 47 | 46 | 03 | 06 | 30 |

Dos anos seguintes não encontramos dados, embora tais aulas continuassem a ser lecionadas, como comprovam a presença dos professores e outros que se lhe acrescentaram no quadro da docência e práticas musicais.[50] Dos anos 40 em diante, nota-se a carência de informações sobre as "aulas de adorno".

A crise econômica mundial de 1929 atingiu duramente os colégios salesianos em geral e, sobremaneira, os três considerados neste trabalho, repercutindo significativamente na queda de matrículas de alunos internos, na disciplina da escola e no professorado. O Diretor, em reunião do Conselho, assim se referia: "Fazer restrição em tudo porque a crise é pavorosa e

---

[44] Esses dados foram extraídos dos anuários de cada ano respectivo. Não foi possível levantar estatísticas das "aulas de adorno" dos outros dois colégios.

[45] A "Schola Cantorum" chegou a 200 componentes, dos quais 120 prestaram seu concurso nas festas; outros (talvez os cinqüenta e sete aqui elencados) freqüentaram somente as aulas de solfejo, até o meio do ano. Cfr. *Annuario* de 1932, p. 33.

[46] Neste ano foram executadas cinco Missas; cinqüenta e sete peças sacras latinas, a duas e três vozes na maioria, vinte e quatro peças recreativas, cinqüenta e uma peças corais em português. Cfr. *Annuario*, de 1924, p. 177-178.

[47] Estatística do ano: dez Missas, a maioria a duas e três vozes; sessenta e sete peças sacras latinas, sessenta e sete corais religiosos (todos os alunos); vinte e três peças recreativas, inclusive sete italianas.

[48] Estatística do ano: seis Missas de uma a quatro vozes; vinte peças sacras latinas e oitenta corais (por todos os alunos) e dezessete peças recreativas.

[49] Entre estes 130 eram internos.

[50] Além dos professores citados, aparecem o Maestro Tobia Perfetti e canto orfeônico (piano), José Raab (organista do Santuário), Paulo Alpensen (fanfarra), Amadeu Amatuzzi e Américo Belardi (violino), Pe. Edgar Rocha ("Schola Cantorum"), Décio Valente (flauta). A Livraria Salesiana Editora fornecia peças de música sacra estrangeira.

temos ainda 340.000$000 a receber, e não há possibilidade de reavê-los".[51] No mês seguinte, observava que a banda não estava à altura de sua missão, nem dava resultado prático, sendo necessário pagar e oferecer uniformes a vários músicos estranhos para reforçá-la, despesas estas que o estabelecimento não podia arcar. Sugeriu seu fechamento por um ano. No ano seguinte, a banda passou para os Aprendizes internos, como era de praxe nos colégios salesianos.[52]

Foi afirmado supra que os ex-alunos participavam da vida íntima do Liceu Coração de Jesus, da qual não se podiam separar. Ministravam aulas de canto e de banda e tomavam parte ativa em todas as suas festas, com seu Coro Dom Bosco.[53] Na década de 30, a orquestra era constituída de quinze professores, músicos e ex-alunos, sob direção de Alfredo Lombardi e Elias Machado Neto, realizando seus ensaios às quartas-feiras. Abrilhantavam os festivais de teatros e do salão nobre da Associação dos Ex-Alunos Salesianos, que possuía sua sede no próprio Liceu, praticamente desde 1906, e a nova, construída entre 1921 e 1922.[54]

Entre os anos quarenta e cinqüenta dirigiu a banda, por muitos anos, Rafael Carril,[55] participando de todos os concursos de bandas e fanfarras que se apresentavam em São Paulo e, quase sempre, bem premiada. O próprio Diretor do Liceu Coração de Jesus incentivava os ensaios, que muitas vezes avançavam na noite.[56]

Em 1942, existia a Orquestra Pe. Rota, dirigida pelo maestro Tobia Perfetti, e a Orquestra da Associação dos Ex-Alunos, que se fundiram numa só, sob a direção de Fausto Santa Catarina.[57] Após a morte de Edgar de Aquino Rocha,[58] em 1973, a orquestra, já envelhecida, sem capacidade para renovar-se, sem estímulo, sem patrocínio, a única existente no Liceu, entrava em decadência, vindo a desaparecer no ano de seu centenário, ou seja, em 1988.

---

[51] *Atas do Capítulo do Liceu Coração de Jesus*, de 1910 -1933, janeiro de 1931, p. 58-59.

[52] Id., p. 67.b - 68, reunião de 01.02.1932. Houve nesta reunião resistência do Diretor Técnico dos Aprendizes, que aduzia, entre outros motivos, dificuldades disciplinares, sem a presença dele.

[53] *Dom Bosco*, 1937, p. 100.

[54] Entre os professores, apareciam ainda Alfredo Belardi, Amadeu Amatuzzi, Tobia Perfetti e Luiz Gozzoli Sobrinho. Cfr. *Dom Bosco*, 1938, p. 64.

[55] Era Irmão Salesiano.

[56] Depoimento de P. Geraldo Leite Cintra que foi vice-diretor na época.

[57] Padre salesiano, músico e compositor.

[58] Padre salesiano, ex-aluno do Liceu N. S. Auxiliadora, escritor, músico e compositor. Foi diretor escolar e assessor dos Ex-Alunos.

Um outro grupo de músicos independentes, também ex-alunos, formou-se nos anos 40. Eram os Cadetes do Ritmo, que faziam apresentações e abrilhantavam as representações teatrais do Liceu Coração de Jesus, destacando-se entre eles Antônio Corrêa, o Totó, como era conhecido nos meios artísticos da TV, e Rubens Ribeiro, pianista e jornalista.

Anteriormente, falou-se da criação do Batalhão Colegial e, com ele, a Fanfarra, companheiros inseparáveis nos desfiles, passeios e festas. Por onde passava, arrancava aplausos pela sua garra e vibração.[59] Nos "Festejos do Jaú", sustentou com vibração o canto dos alunos, levando a imensa assistência popular ao delírio, fazendo os aviadores exclamar: "Espetáculo como este, só no céu!"[60] Em 1957 e 1958, conquistou o campeonato (bicampeã na categoria "um só pistão"), tendo sido vice-campeã no sesquicentenário de São Paulo.

A *Gazeta Esportiva*[61] publicou uma fotografia de uma apresentação dos meninos do Liceu Coração de Jesus, com o seguinte título: "Dom Bosco quis que fosse assim. Das mãos de um santo brotou o Liceu Coração de Jesus". Em subtítulo, vinha o seguinte:

*Atirada em solo fértil, a semente frutificou. Milhares de discípulos honram, hoje em dia, as tradições do famoso estabelecimento de ensino. Maturidade moral, espiritual e intelectual, eis os pilares em que se assenta a obra dos sacerdotes salesianos. Um pingo de saudade ao longo de uma comemoração.*

O fechamento do internato, em 1964, causou a diminuição das práticas musicais, já que a banda e a fanfarra eram formadas, em sua maioria, por alunos internos, para os quais constituía um dos mais importantes divertimentos e "uma evasão". As complicações de trânsito no centro de São Paulo, ocasionadas pela proximidade da Estação Rodoviária, levaram as autoridades a proibir desfiles e passeatas na região. Seria muito difícil manter a fanfarra sem apresentações públicas. Nos inícios de 1969, após consulta aos pais dos alunos, a velha e "gloriosa" fanfarra desapareceu!

---

[59] Testemunho de Rubens Ribeiro, supracitado, jornalista e diretor do Museu de Futebol da Federação Paulista de Futebol, que por muitos anos foi pianista do coral infantil "Canarinhos do Liceu Coração de Jesus".

[60] Liceu Coração de Jesus, *Annuario de 1927*, p. 33-38.

[61] *Gazeta Esportiva*, 5 de junho de 1959.

Significativo é o legado histórico-cultural-artístico das três escolas em questão, especialmente do Liceu Coração de Jesus, recebido pelo cultivo das práticas musicais, concretizado na posse de um acervo musical dos mais preciosos da Capital Paulista. Contém seu arquivo numerosas peças musicais de autores italianos (pelo menos 297), alemães, austríacos, espanhóis, ingleses, americanos, húngaros, russos, poloneses, turcos, etc.; músicas sacras e de salão ou recreativas, clássicas e populares, de todos os tipos, como marchas, cantatas, corais, barcarolas, valsas, polcas, quadrilhas, fantasias, "shottishs", sinfonias, romances, "reveries", serenatas, "pizzicatos", duetos, óperas clássicas, mazurcas e muitas outras. Trata-se da história musical da instituição.[62]

## 1.3. A música no Colégio São Joaquim

Não existe documentação tão abundante relativa às práticas musicais nas outras duas instituições. Lorena era muito pequena quando ali chegaram os Salesianos, precedidos pela banda de música e pelo grupo teatral do Liceu Coração de Jesus que ali se exibiu nos primeiros dias de 1890, o que demonstra a ausência de um centro cultural forte como a Capital do Estado.

Em Lorena, em 1901, na recepção feita ao Pe. Paulo Albera, Catequista Geral da Congregação Salesiana, Visitador Extraordinário, houve exibição da banda instrumental e sessão músico-literária.[63] Em 1903, nas festas[64] religiosas, não faltava "a boa música e a infalível academia (...) bons cantos (...), cantos regionais encenados". O Ginásio São Joaquim sofria dificuldades para manter a música vocal, pela carência de professores, apesar de, em 1903, no diretorado de Pe. José Fausone, nunca faltar, nas festas religiosas, "uma boa música" nas academias. Já existiam desfiles

---

[62] Preciosidades, até da terceira e quarta décadas do século XIX, das quais apresentamos alguns exemplos: Gioachino ROSSINI, *I Barbieri di Seviglia* (1823), *Semiramide* (1823), *Mosé* (1827) etc.; Saverio MERCADANTE, *Il Bravo* (1839), *Il Giuramento* (1837); Caetano DONIZZETTI, *Gemma di Vergy* (1834), *L. Elisir d'Amore* (1823), *Lucia di Lammermour* (1835), *La Favorita* (1940), *Linda de Chamounix* (1842), *Pociuto* (1848). O acervo foi acrescido de peças musicais de outros colégios salesianos.

[63] José Geraldo EVANGELISTA, *História do Colégio São Joaquim* (1890-1940), p. 91-92.

[64] As festas, escrevia alguém no *Annuario do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus*, em 1922, servem para suavizar a vida colegial e constituem um necessário complemento para a educação moral, cívica, intelectual ou artística dos alunos. Todas as nossas festas são recreativas e educativas (p. 9).

com banda musical. Estava à frente da "Schola Cantorum" Luís Marcigaglia, então seminarista, ensaiando Missa de até quatro vozes.[65]

Em 1904, havia duas bandas de música: a de São José e a de São Joaquim. Os alunos chegaram a participar das festas de encerramento do ano letivo do Colégio São José de Guaratinguetá.[66] Sua "Schola Cantorum" ensaiava sempre uma Missa nova, de autores consagrados, para as festas. Assim, na festa de São José, em outubro de 1909, executou a grandiosa Missa *Pontificalis*, de Perosi, a cinco vozes, além de outras músicas no fim do dia, após a procissão do Santo, encerrando as festividades com uma sessão lítero-musical.[67]

Em 1927, registra a crônica a presença de "excelente orquestra" no colégio. Com o Ir. José Luiz Valentim, a música no Colégio São Joaquim tomou notável desenvolvimento, chegando a executar Missas a várias vozes (Missa *Te Rogamus*), destacando-se a "Schola Cantorum", com quarenta sopranos. Em 1930, além da orquestra, a "Schola Cantorum" contava com quarenta figuras. O Grupo Orquestral São José era dirigido por um professor chamado Borges, em 1926.[68]

Em 1932, apesar das irregularidades letivas devido à Revolução Constitucionalista ocorrida nesse ano, dirigia a "Schola Cantorum" o Tenente Vicente Antonio Bevilacqua. Encontramo-lo à frente da orquestra, executando até a *Pontificalis*, de Perosi, a quatro vozes (o fato renovou-se em 1934)... Um pequeno artigo relatava as aulas de música funcionando normalmente e desenvolvendo o programa de teoria musical, solfejos e audição fonográfica. Os alunos habituavam-se a ouvir "boa música" (trechos de Verdi, Gounod, Carlos Gomes, Donizetti, etc.). Com tais práticas, os alunos adquiriam "o bom gosto pela verdadeira música". O articulista observava que muitos não apreciavam "as mais célebres óperas, pela falta de hábito de ouvi-las. (...) O bom gosto com o trabalho desenvolve-se, aperfeiçoa-se". Para estimular os alunos a apreciar a arte musical, concluía: "A música é a revelação mais sublime de toda a sabedoria, de toda a filosofia; o eterno, o infinito me são mais acessíveis em minha arte do que em qualquer outra; a música é o pressentimento das coisas celestiais".[69]

---

[65] José Geraldo EVANGELISTA, *História do Colégio São Joaquim*, *op. cit.*, p. 91-92, 96, 146.
[66] Id., *op. cit.*, p. 96-99, 126.
[67] José Geraldo EVANGELISTA, *História do Colégio São Joaquim*, *op. cit.*, p. 126.
[68] *Annuario do Gymnasio Municipal São Joaquim*, 1890-1926, anno lectivo, Lorena.
[69] *Annuario do Gymnasio Municipal São Joaquim*, Lorena, 1932, p. 50.

Em 1940, penúltimo ano do internato dessa primeira fase histórica do Colégio São Joaquim, dirigia a "Schola Cantorum" o Pe. Mário Forgione,[70] que executou a Missa *Te Deum Laudamus*, de Perosi, a duas vozes.[71] Este soube incentivar, além da música, a fanfarra e as práticas teatrais.[72]

Na segunda fase, ou seja, de 1940 a 1970, o Colégio São Joaquim, apresentou o mesmo nível de cultura musical, pelo menos, uma boa fanfarra. Durante a gestão do Pe. Fausto Santa Catarina, houve maior interesse, já que, por sua iniciativa, foi restaurado o órgão da Igreja São Benedito.

### 1.4. A música no Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora[73]

Campinas manifesta-se surpreendente na vida cultural, especialmente no tocante ao cultivo da música, para a qual contribuíram muito os imigrantes estrangeiros como as famílias brasileiras, como a de Manoel José Gomes, que fundou uma banda-orquestra, e seu filho Carlos Gomes. LAPA apresenta um número impressionante de bandas e orquestras, o que dá idéia de quão significativa era a cultura musical na cidade.[74]

Nesse terreno cultural, as práticas musicais encontraram incentivo significativo para se desenvolver, especialmente com o terceiro diretor, na pessoa do Pe. Domingos Albanello (1909-1910), que confiou ao maestro Antonino G. Ferreira a gestão do projeto "Schola Cantorum" e "Orquestra Liceana", que, entre outras peças musicais, encenou a comédia *Educação Moderna*, cujo enredo focalizava a necessidade de cristianização da escola. Dizia o maestro: "A música é ciência e arte: mas é também língua divina. O verdadeiro músico deve haurir as suas inspirações de Deus, se é que pretende ser criador na arte que professa".[75]

---

[70] Era Padre salesiano, posteriormente foi diretor do Colégio Dom Henrique Mourão, de Lins (SP).

[71] *O Grêmio*, Órgão dos Alunos do Ginásio Municipal São Joaquim, 29 (60): out. 1939, p. 17.

[72] *O Grêmio*, 30 (1): abr. 1940, p. 2.

[73] Ana Maria Melo NEGRÃO, *Arcadas do Tempo; o Liceu tece cem anos de história*, p. 70.

[74] José Roberto do Amaral LAPA, *A Cidade; os cantos e os antros: Campinas (1850-1900)*, p. 157-160.

[75] Ana Maria Melo NEGRÃO, *loc. cit.*

À chegada do Pe. Manoel Gomes de Oliveira (1912-1917),[76] Diretor já experimentado em Mato Grosso (Cuiabá), o estabelecimento tomou notável desenvolvimento. A "Schola Cantorum" cresceu, contando em 1913 com oitenta cantores e a orquestra com quinze figuras e a banda, alegrando o despertar dos alunos, nas grandes festas, e participando dos concertos públicos. Em 1916, alcançava cento e dez cantores, sob a regência do maestro Salvador Bove, que lecionou música vocal e instrumental até a década de 30.[77]

Em 23 de novembro de 1917 houve uma apresentação musical, dirigida por Américo Belardi e Salvador Bove, de vinte e cinto peças musicais (piano, violino, flauta, bandolim), por mais de vinte e cinco alunos. A "Schola Cantorum" parecia ser boa, já que foi convidada a cantar na Catedral de Campinas, pelo Bispo diocesano, a Missa *Beati Ambrosii,* de Perosi, com acompanhamento de orquestra.

Todos os alunos sabiam cantar a Missa *De Angelis*, gregoriana, geralmente conhecida pelos internos e, freqüentemente, executada aos domingos e dias de festa. No decorrer dos anos, pelo menos desde 1924, as Missas cantadas eram executadas pela "Schola Cantorum", nas festas principais do ano letivo. À guisa de exemplo, podem ser citadas as Missas: Missa *Brevis*, de S. Stein e *Te Deum Laudamus*, de Perosi (1924); Missa de S. Luiz Gonzaga, de C. Romagnoli (1929); Missa de Pozzetti (1933); Missa S. Jorge de Brugnoli (1934); Missa *Facilis,* de Mattioli (1945); Missa *Janua Coeli* de Nebbia (1948); Missa de Canestrari, a duas vozes (1949); *Sine Labe Originali Concepta* (1949, 1950); Missa *Laus tibi, Christe*, de Caudana (1950); Missa *Sacrum Convivium* de Arnaldi (1951); Missa *Cristo Ressusciti,* de L. Picchi (1952); *Missa pro Prapaganda Fide* (1953).

Sobressaíram os mestres de canto e de banda (orquestra) Antonino G. Ferreira, Pe. Luís Marcigaglia, Ir. José Luiz Valentim, Américo Belardi, Hugo Mariani (1941), Salvador Bove e Virgínio Fistarol. Ao penúltimo, parece ter sucedido, na direção da banda, Ir. Germano Buzzarelli (1951).[78]

---

[76] Manoel Gomes de Oliveira, Padre salesiano, fora Diretor do Liceu São Gonçalo, em Cuiabá, do Liceu N. S. Auxiliadora, em Campinas, secretário de Dom Aquino Correia, quando este exercia a Presidência do Estado de Mato Grosso, diretor do Colégio Salesiano Santa Rosa, em Niterói e finalmente, Arcebispo de Goiânia.

[77] Ana Maria Melo NEGRÃO, *Arcadas do Tempo; o Liceu tece cem anos de história*, p. 78 e *Annuario do Lyceu Salesiano N. S. Auxiliadora*, Campinas, 1916, p. 15.

[78] *Estímulo*, Órgão dos Alunos do Liceu N. S. Auxiliadora, Campinas, 1951, p. 6. Hugo Mariani, Virgínio Fistarol eram Padres salesianos e Hermano Buzzarelli, Irmão Salesiano.

A "Schola Cantorum" continuou nos anos seguintes, pelo menos até 1952, segundo registram os anuários, a revista Liceu Nossa Senhora Auxiliadora e os programas e convites.[79]

Outro grande incentivador das práticas musicais foi o Pe.Virgínio Fistarol, Diretor de 1942 a 1944, também músico e compositor. Era exigente nos ensaios, buscando a maior perfeição possível, irritando-se à menor desafinação e dispensando o adolescente na fase de mudança de voz. Os alunos apresentavam-se eximiamente ao executar peças de piano e da banda colegial com apurada afinação. Nas festas, sobressaía a parte musical, e as Missas cantadas maravilhavam os seus participantes.[80]

A fanfarra destacou-se no final dos anos 60, quando conquistou, em concurso promovido de TV Record, o 3.º lugar (1968), o 2.º no mesmo concurso (1969) em toque rítmico e o 1.º em alegoria. Neste mesmo ano, a Divisão dos Maiores promovia um Festival da Canção.

Em 1970, cinco anos antes do fechamento do internato, encontramos uma nota intitulada *Culto da Música no Liceu*, em que a Redação se parabenizava pelo entusiasmo dos alunos "pela arte divina dos sons". E considerava "coisa admirável" o brilho artístico alcançado pelas festas salesianas com Filarmônica, fundada naquele ano; o conjunto de afinados violões, dirigido pelo mestre Eurípedes Menezes, chamados Rapazes do Ritmo; e a "gloriosa fanfarra que elevava bem alto o nome do Liceu nos dias de glória desfilando com garbo pelas avenidas de Campinas". Parabenizava ainda os canarinhos cantores e os guitarristas que abrilhantavam as sessões literário-musicais.[81]

## 2. O TEATRINHO E O CINEMA

### 2.1. O *teatrinho*

Reflexo da expansão e do enriquecimento da cidade de São Paulo foi a multiplicação, nos últimos trinta anos do século XIX, das casas de

---

[79] AISSP, *Caixa 2, Programas e Convites.*
[80] Ana Maria NEGRÃO, *op. cit.*, p. 109.
[81] *Ecos do Liceu N. S. Auxiliadora*, 5, jun-jul. 1970, p. 5.

espetáculos, como O Teatro Apolo (antes Minerva), O Provisório Paulistano (em 1900, Santana), O Ginásio Paulistano e o das Variedades Paulistanas, todos inferiores ao Teatro São José, incendiado em 1898, além de outros improvisados em barracões de zinco, o Politeama (o maior) e o Eldorado. Em 1905, apenas dois funcionavam: o Politeama e o Santana.[82]

O teatro, segundo o pensamento de Dom Bosco, apresentava finalidades e características específicas bem distintas, para não dizer próprias, da literatura teatral. Por isso, chamava ele de "teatrinho" e assim queria que se chamasse. Apresentava semelhanças com o teatro cultivado pelos jesuítas na era colonial brasileira, sobretudo no aspecto catequético. Sempre deveriam prevalecer a santidade, a pureza e a retidão, enfim, o bem sobre o mal.[83]

Música e teatro, no pensamento de Dom Bosco, correlacionavam-se, sendo por ele considerados como passatempo e agradável divertimento para os jovens. O teatro constituía-se para ele como um "gravíssimo perigo" para quem o representasse e para quem o assistisse se não houvesse "muitíssimo rigor" na escolha das comédias e na vigilância. Queria que as representações teatrais fossem "simples" e não "espetaculares", com utilização "de vestuários caríssimos".[84] Em uma conferência a seus diretores (30.01.1871), mostrava claramente o que entendia por "teatrinho":

*Sempre tolerei e ainda tolero isso: mas pretendo que seja o teatrinho feito unicamente para os jovens e não para os que vêm de fora. Em toda a casa de educação, ou bem ou mal, é preciso que se recite, porque também este é um meio para aprender a declamar, para aprender a ler com sentido e se não há isso parece que não se pode viver. Parece, porém, que entre nós não ocorre como deve ser e como era nos primeiros tempos. Não é mais teatrinho, mas sim verdadeiro teatro. Portanto, eu entendo que os teatrinhos têm por base divertir e instruir; e não haja cenas que venham endurecer o coração dos jovens e produzir-lhes má impressão sobre seus delicados sentidos. Declamem-se trechos de poesia tirados de bom autor; e se houver convidados, sejam os benfeitores. Nada de vestes indecentes.*

---

[82] Ernani Silva BRUNO, *História e Tradições de São Paulo; Metrópole do Café (1872-1918), São Paulo de Agora (1919-1954)*, v. 3, p. 1287-1294.

[83] Cfr. Mário CACCIGAGLIA, *Pequena História do Teatro no Brasil; quatro séculos de teatro no Brasil*, p. 5-15; Sábato Magaldi, *Panorama do teatro brasileiro*, p. 16-24.

[84] *MB* IV,14; III, 394.

*Não pretendo que os nossos teatrinhos tornem-se espetáculos públicos de modo a imitar os que não podem freqüentar ou que haja bilhetes de entrada.*[85]

No Regulamento para as Casas, foi escrito um capítulo especial, determinando o comportamento a ser adotado no teatro.[86] Já no "Regolamento", de 1906, as normas reguladoras apareciam operacionalizadas:

1) O objetivo do *teatrinho*: alegrar, educar e instruir o mais que se pode dentro da moral cristã.
2) Meios:
a) matéria adaptada aos ouvintes, isto é, útil, e à instrução (sendo proporcional à sua inteligência) e recreação dos alunos.
b) exclusão do que pode geral maus hábitos e sentimentos de moleza e crueldade, ou seja: tragédias, dramas, comédias e até farsas que se apresentem com vivacidade um caráter cruel, vingativo, imoral, apesar de visar à sua correção ou emenda, como ainda os duelos, tiros de fuzil ou de pistola, ameaças violentas, atos de crueldade, blasfêmias ou injúrias, palavras incivis ou vulgares, vestes totalmente teatrais. Explica que os hábitos demasiado elegantes excitam o amor próprio dos atores e incitam à freqüentar os teatros públicos por curiosidade. Como fonte de desordens, cita as bebidas, as balas, comestíveis, merendas distribuídas aos atores e aos que trabalham no palco, pois essas exceções geram a vaidade e o orgulho dos seus usuários, e inveja e humilhações aos companheiros que não os usufruem. Os atores devem compartilhar das refeições e recreações comuns, pois eles, os declamadores e músicos, devem considerar-se recompensados e honrados pela participação nestes eventos.

As composições teatrais deviam ser sempre examinadas pelo Provincial, que poderia fazer as devidas correções. Os textos deviam ser amenos, aptos a recrear e divertir, mas sempre instrutivos, breves (para não cansar os ouvintes e respeitar o horário da casa) e dentro da moralidade. Os intervalos eram abreviados e ocupados com a declamação de alguma com-

---

[85] *MB* X, 1057.

[86] Em seu artigo 1º do Cap. XV, dizia-se: "Haverá no colégio representações teatrais para vosso divertimento e instrução deleitável; porém, o teatrinho que é destinado para cultivar coração não seja causa da mais pequena ofensa a Deus".

posição. Que houvesse rigor em adaptar vestes decentes e vigilância nos vestiários dos atores. Eram sempre preferidos para representar no *teatrinho* os alunos melhores em comportamento.[87]

No Brasil, o cultivo das práticas de declamação e de teatro nos colégios salesianos desenrolou-se intensamente desde os inícios da implantação do sistema educativo do qual faziam parte integrante. As sessões teatrais não eram simplesmente a encenação de um drama, de uma comédia, de uma farsa ou semelhantes. Intermediavam os entreatos, recitações de poesias, discursos, cantos, números de piano, orquestra ou banda.

Apesar de serem amadores na arte teatral, normalmente os alunos conseguiam, quase sempre, aplausos e divertiam a assistência arrancando calorosos aplausos. Assim, nos dias finais de 1890 e iniciais de 1891, os alunos internos do Liceu Coração de Jesus já estavam bem treinados na representação teatral e ousavam exibir, até fora da cidade de São Paulo, suas peças, como o fizeram em Lorena, o melodrama *A Oficina do Ferreiro,* do maestro Del Vecchio, músico e compositor do Oratório de Valdocco, e outros números difíceis de seu repertório, conseguindo os aplausos da população. Com esta peripécia, prepararam o ambiente para a fundação do terceiro colégio salesiano do Brasil, ou seja, o Ginásio São Joaquim.

Dificilmente se passava uma festa sem uma academia, como eram chamadas as sessões literário-músico-teatrais, e nessas academias, freqüentemente, encenava-se alguma peça de teatro, mesmo pequena.

O repertório teatral compunha-se de traduções de textos italianos, em sua maioria, como *Duello Fatal, O Relicário de Marfim, As Pistrinas, O Filho Generoso* de Egydio Cattaneo, *O Abelhudo* de Raphael Altavilla, *Rato na Ratoeira* de J. Cantagalli, *Quem Faz Outro Mal, Espere Outro Tal,* etc. O conteúdo ou argumento das peças devia trazer uma mensagem moral, religiosa, educativo e vocacional. Normalmente essas peças procediam das *Leituras Católicas,* publicação iniciada por Dom Bosco e na versão brasileira, em 1890 pelo Pe. Pedro Rota, quando diretor do Colégio Salesiano Santa Rosa.[88]

---

[87] Para maiores detalhes, veja-se Apêndice IV.

[88] O próprio Dom Bosco publicou *La Casa della Fortuna, reppresentazione drammatica..., Torino, Tipografia dell'Oratorio di S. Francesco di Sales, 1865.* Cfr. *Opere Edite,* 16, Roma, LAS, 1976, p.1-72.

Antes de 1906, quando já estava quase terminado o teatro, já havia um clima teatral bem desenvolvido no Liceu Coração de Jesus, agora facilitado com o uso desse novo recurso adequado para as atividades e práticas teatrais.

Nesse ano, já funcionava, mesmo inacabado, talvez o único teatro construído por um estabelecimento escolar, em São Paulo, o que demonstra a existência de uma prática teatral intensa neste estabelecimento. De fato, a Revista *Santa Cruz*, em seu primeiro número, traz uma fotografia do grupo teatral vestido a caráter.[89] No mesmo ano, começava a funcionar o Conservatório Dramático e Musical. Coincidentemente, Antônio Marcigaglia[90] criou, em 29 de setembro, o Centro São Paulo de Ex-Alunos, com a fusão dos seus diversos núcleos e promovendo o ingresso de outros. Com o surgimento desta associação, iniciou-se uma fase de franca prosperidade da atividade teatral e também cinematográfica. A fundação do Centro São Paulo de Ex-Alunos foi uma continuação natural das atividades por eles realizadas dentro do estabelecimento, que continuavam a freqüentar, e da sua participação ativa na vida interna da casa. Este Centro, em seu primeiro ano de funcionamento, não ficou restrito às atividades teatrais ou musicais e partiu para uma nova aventura, como veremos a seguir.

A exibição de peças teatrais caminhava no mesmo ritmo, ou seja, intervalada, uma semana teatro, um filme, não, porém, necessariamente. A estatística das peças teatrais, a seguir levantadas, é um registro histórico de sua exibição, não completa, em absoluto, dados os vazios existentes na documentação, especialmente no Colégio São Joaquim e no Liceu N. S. Auxiliadora. Não há como negar que o Liceu Coração de Jesus gozou de favorecimento, de maneira significativa, desde 1906, pelo funcionamento de um teatro de porte semelhante aos teatros existentes em São Paulo e pelo espaço geográfico teatral ocupado, ou seja, na zona central da cidade de São Paulo. Nos outros dois, a atividade teatral existiu sempre mais em

---

[89] Na Revista *Santa Cruz*, nov. 1900, ano 1, nº 2. Na contracapa interna há uma foto, intitulada "Theatro e Declamação", com vinte atores vestidos a caráter. E mais duas: uma "Aula de Canto" com Pe. José Allievi, sentado ao lado de seu harmônio (ainda hoje existente) transportável e outra "Musica Instrumental". Id., 6 (6): 257, março de 1905: "Grupos de alumnos de aula de declamação". O salão de teatro, mesmo inacabado, recebia o menino prodígio em piano, Miecio Horszowski, outubro de 1906. 7 (4): 84, nov. 1906.

[90] Era, na época, seminarista salesiano Antônio Marcigaglia. Ordenado poucos anos depois, trabalhou no Liceu Coração de Jesus de 1902 a 1910. Vide AISSP, *Pasta Ex-Alunos; Diversos*. Era irmão de Luiz Marcigaglia. Seu irmão Isidoro Marcigaglia, engenheiro da Prefeitura de S. Paulo, era também músico. Suas quatro irmãs eram freiras salesianas.

menor escala, enquanto que as projeções cinematográficas eram ocorrências comuns, como seu sucedâneo ou derivativo mais fácil. Os teatros paulistanos, com exceção do Municipal, não eram superiores ao do Liceu Coração de Jesus.

Os anuários dos três colégios quase sempre se referem às peças teatrais e às projeções cinematográficas (estas a cada quinze dias), em termos elogiosos, devido à grande aceitação pelos alunos: "Foi um regalo para a rapaziada e ao mesmo tempo uma excelente escola de educação moral, cívica e artística que produziu ótimos frutos".[91]

O redator de um deles, ao tratar da música de teatro, afirmava: "Da música de teatro, nem se fale: um repertório colossal. Hinos, cantatas, corais, barcarolas, etc. de autores como: Rossini, Verdi, Carlos Gomes, etc. Referia-se a uma "ninhada de artistas" (... que a expressão é honrosa), que constitui a incomparável "Schola Cantorum". Logo após, menciona a banda do internato e a do externato, responsáveis pela execução de "bellas marchas, dobrados, hymnos, valsas, mazurkas, polkas, quadrilhas, schottishs, Phantasias, Symphonias, longos trechos de operas clássicas, etc. Bandas cheias, afinadas e perfeitamente disciplinadas".

Em 1919, colhemos outro depoimento, acerca da aceitação do teatro:

*Quem quiser promover aclamações e aplausos e provocar uma verdadeira explosão de alegria entre os alunos do Liceu é passar pelo pátio, à hora do recreio, e pronunciar esta frase mágica: "Hoje há teatro..." É o suficiente para produzir uma verdadeira efervescência...*

E exclamava, após ter listado sete dramas e dez comédias naquele ano:

*Simplesmente maravilhoso:*[92]
*Acrescentem-se os espetáculos cinematográficos, os concertos, as conferências, etc. e poder-se-á afirmar que não passava semana em que não houvesse algum espetáculo para os alunos. Que alegria! E que bela escola de*

---

[91] *Annuario do 30.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus*; Ensino preliminar, gymnasial, commercial e profissional - Internato Externato - Aulas Noturnas. 1915, p. 22.

[92] *Annuario do 32.º Anno Lectivo do Lyceu Sagrado Coração de Jesus*, 1915, p. 138

*moral, de civismo, de arte e de patriotismo. O internato, assim, não se sente; o tempo voa de festa em festa e chega-se ao fim do ano sem se perceber.*

*Não se diga que isso prejudica os estudos.*

*Esses espetáculos realizam-se à noite (geralmente às quintas feiras), depois de preparadas as lições e os deveres escolares para o dia seguinte. Ora, quando se intercalam no meio do labutar dos estudos feitos festas como essas, o estudante sente-se mais animado, porque menos fatigado, e com o espírito menos tenso.*

*Uma vez que o regulamento do Liceu não permite aos alunos passarem os domingos em completa folga no seio das suas famílias, o que seria prejudicial aos estudos, procura-se ao menos com estas festas, o mais freqüentes possível, amenizar e suavizar a vida do internato. É doutrina pedagógica.*

*De resto ninguém se queixa e muito menos os alunos...*[93]

A atividade teatral era intensa, no Liceu Coração de Jesus, como mostram as estatísticas abaixo levantadas, o que provavelmente devia ocorrer nos demais colégios salesianos da época.

No Capítulo Inspetorial de 1922, foram editadas as seguintes deliberações referentes ao Teatro Colegial:

105 - Fazem-se votos que sejam freqüentes em nossas casas as declamações e representações teatrais com a cooperação direta dos nossos alunos, repondo na devida honra as representações dramáticas e cômicas, que constituem excelente exercício didático.

107 - Evitem-se, porém, os dramalhões, as representações de tipos baixos e o fraseado grosseiro.

108 - Dê-se toda importância a projeções fixas com conferência análoga, ou, pelo menos, com breves explicações.[94]

Infelizmente, não conseguimos fornecer dados completos sobre o número de apresentação de peças teatrais, mas a amostragem pareceu-nos significativa para provar o quanto se desenvolveram, no Liceu Coração de Jesus, as práticas teatrais como instrumento de lazer e de educação. Nos demais colégios, torna-se difícil conseguir dados que nos permitam fazer uma avaliação adequada.

---

[93] *Op. cit.*, p. 140.

[94] *Dom Bosco* (1938), op. 294.

**Tabela 7**
**AMOSTRA ESTATÍSTICA DE PEÇAS TEATRAIS REPRESENTADAS NO LICEU CORAÇÃO DE JESUS E QUE FORAM ENCONTRADAS NA DOCUMENTAÇÃO EXISTENTE ATUALMENTE NO ARQUIVO DA INSPETORIA SALESIANA DE SÃO PAULO (AISSP)**

| ANO | PEÇAS | ANO | PEÇAS | ANO | PEÇAS |
|---|---|---|---|---|---|
| 1887 | 01 | 1913 | 07 | 1938 | 19 |
| 1888 | | 1914 | 14 | 1939 | 17 |
| 1889 | | 1915 | 21 | 1940 | 20 |
| 1890 | 02 | 1916 | 20 | 1941 | 35 |
| 1891 | 01 | 1917 | 21 | 1942 | 24 |
| 1892 | | 1918 | 18 | 1943 | 20 |
| 1893 | | 1919 | 18 | 1944 | 25 |
| 1895 | | 1920 | 30 | 1945 | 12 |
| 1896 | 02 (?) | 1921 | 25 | 1946 | 18 |
| 1897 | 03 | 1922 | 21 | 1947 | 27 |
| 1898 | 02 | 1923 | 25 | 1948 | 18 |
| 1899 | 01 | 1924 | 04 (?) | 1949 | 14 |
| 1900 | | 1925 | 16 | 1950 | 08 |
| 1901 | | 1926 | 21 | 1951 | 05 |
| 1902 | | 1927 | 12 | 1952 | 03 |
| 1903 | | 1928 | 06 | 1953 | 03 |
| 1904 | | 1929 | 06 | 1954 | 05 |
| 1905 | | 1930 | 09 | 1955 | 03 |
| 1906 | | 1931 | 11 | 1956 | 03 |
| 1907 | | 1932 | 05 | 1957 | 02 |
| 1908 | 02 | 1933 | 11 | 1958 | 02 |
| 1909 | 16 | 1934 | 05 | 1959 | 07 |
| 1910 | 15 | 1935 | 22 | 1960 | ? |
| 1911 | 12 | 1936 | 03 | | |
| 1912 | 07 | 1937 | 07 | | |

Pelo quadro apresentado, a atividade teatral continuou até 1927. Percebe-se declínio das práticas teatrais no Liceu Coração de Jesus, a partir de 1927, provavelmente por dificuldades econômicas, recuperando-se onze anos depois. Em 1928, recomendava o Diretor, referindo-se aos treinamentos esportivos para uma festa, "que não se perdesse estudo para ensaios". Mas nas entrelinhas, percebe-se a prevalência para uma acentuação maior dos estudos acadêmicos.[95]

[95] Liceu Coração de Jesus, *Atas do Capítulo da Casa - 1919 - 1933*, reuniões de 27.02.1928 16.07.1928, 28.12.1928, 18.02.1929, 17.02.1939, 25.10.1930, 20.12.1930, jan.1931, 26.02.1931, 15.05.1931, 02.06.1931; 30.08.1932.

O teatro teve nova ascensão, também devido à pressão dos Superiores Gerais, secundada, especialmente, pelo Provincial, que dirigiu a Província de 1939 a 1947, recomendando que se favorecesse o teatro e se animassem os grupos dramáticos dos ex-alunos.[96] De fato, no Liceu Coração de Jesus, além da Escola Teatral dos Ex-Alunos, havia a dos alunos internos e a dos externos, surgindo, posteriormente, a dos grupos de Ação Católica e dos Acadêmicos da Faculdade de Estudos Econômicos, como constam dos Anuários.

Quanto ao Colégio são Joaquim, seu internato foi fechado em 1941, passando a seminário, sendo alguns dos motivos aduzidos a decadência de suas matrículas e a necessidade de o seminário ser reconhecido,[97] como o era o Ginásio São Joaquim que, nos anos 30, acusava uma redução de quase 50%. O ambiente, porém, em 1949, quando foi reiniciado, já estava mudado, passando a depender dos teatros apresentados pelos seminaristas e depois dos alunos da Faculdade, esta criada três anos depois. O pessoal salesiano específico do Colégio São Joaquim era insuficiente para arcar com a realização das práticas musicais e teatrais. O Grêmio Joaquim Nabuco, que promovia todas as atividades literárias, não mais apareceu.

Distinguiram-se como mestres de teatro, sem falar dos próprios religiosos salesianos, Caetano Matanó, Vittorio Capellaro, Antônio Romão de Souza Campos, Miguel Millani, os irmãos Mesa Campos, Rodolpho Mayer, Julio Llorente, José Deléo Junior, Francisco de Assis Guimarães, etc. Alguns deles eram ex-alunos do próprio Liceu Coração de Jesus, como Rodolpho Mayer, os irmãos Mesa Campos, José Deléo Junior, Francisco de Assis Guimarães. Grande Othelo iniciou a sua aprendizagem na arte teatral como aluno interno do Liceu Coração de Jesus.

Infelizmente, não conseguimos completar todos os dados, mas a amostragem acima pareceu-nos significativa para provar o quanto se desenvolveram, no Liceu Coração de Jesus, as práticas teatrais como instrumento de lazer e de educação.

Pelo material do acervo teatral conservado, no Arquivo da Inspetoria de São Paulo e por esse estabelecimento, é significativa a importância das práticas teatrais executadas nas três escolas, sobressaindo-se, de longe,

---

[96] Pe. Orlando CHAVES, *Circular nº 7*, 19.03.1941. *Padre Inspetor 1939 a 1948.*

[97] Carta não assinada de 2 de novembro de 1940. *Padre Inspetor 1936 a 1965.*

o Liceu Coração de Jesus, uma verdadeira casa de espetáculos. O Liceu Coração de Jesus, dadas as condições especiais em que estava localizado, já se constituía um poderoso centro cultural, o que facilitava o recrutamento de atores, mestres de teatro capacitados para a instrução dos alunos.

O acervo documental do Liceu N. S. Auxiliadora foi destruído, o que constitui dificuldade significativa para o conhecimento completo de suas práticas teatrais e cinematográficas. Quanto ao Colégio são Joaquim, quase nada foi encontrado, além dos dados que fornecem os Anuários, o Grêmio Joaquim Nabuco e as poucas referências das crônicas.

O Arquivo Salesiano da Inspetoria de S. Paulo possui mais de 300 peças teatrais exibidas, isso sem contar os números de canto e música instrumental apresentados em todas as academias ou sessões literárias e musicais. Normalmente eram elas as mesmas executadas nos demais colégios salesianos. Não se pode afirmar, porém, que todas as peças ali recolhidas contêm tudo o que realmente foi executado. Os anuários, revistas e programas de festas trazem notícias de outras peças que ali não registram sua presença. Mas o material existente é mais do que suficiente para testemunhar o valor que os Salesianos emprestavam ao cultivo das práticas de declamação e de oratória.[98]

Assim, a exibição de peças teatrais no Colégio São Joaquim não se compara com a do Liceu Coração de Jesus e mostra-se inferior até à do Liceu de Nossa Senhora Auxiliadora. A construção do teatro do Ginásio São Joaquim veio tardiamente, só na década de 60. O Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora construiu um pequeno teatro, nos inícios dos anos 40.

## 2.2. O Cinema e suas tensões

### 2.2.1. Inícios e desenvolvimento do cinema ou das práticas cinematográficas

O Liceu Coração de Jesus foi um dos locais onde se iniciou a arte cinematográfica em São Paulo. Favoreceu esta iniciativa a construção do

[98] As *Leituras Católicas*, edição brasileira, contém a maioria das peças teatrais representadas. AISSP. O Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, de Barbacena, como a Biblioteca da Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras contém toda a coleção.

teatro, entre 1904 e 1906, que deu ensejo ao seu desenvolvimento. Alguns dos nomes antes citados foram os que iniciaram a produção de alguns filmes.[99] Francisco Serrador, um dos primeiros empresários de cinema, chegou a arrendar este teatro para apresentar fitas de cinema. Em 1908, o Visitador Extraordinário dava uma informação sobre o uso do teatro para cinema e os inconvenientes possíveis:

*O atual teatro tem entrada independente do Colégio, mas bem fiscalizada. Mas apresenta sinais de divertimento profano, e ultimamente foi arrendado a uma Empresa de Cinema que dá várias sessões por semana, a pagamento, para o público: ela compensa o aluguel e a luz com 80$000 por cada funcionamento. Naturalmente, vários Salesianos, com ou sem permissão, assistem, e isto pode ter os seus inconvenientes, mas às vezes, antes de exibidas, são examinadas pelo Diretor ou quem por ele.*[100]

GALVÃO apresenta uma série de nomes do cinema, além de Francisco Serrador, todos conhecidos nos meios teatrais do Liceu Coração de Jesus, como Júlio Llorente, Antonio Romão de Souza Campos e seu filho Augusto de Campos, Vittorio Capelaro, Paschoal de Lorenzi (ou De Lorenzo), Miguel Milani, Caetano Matanó, e, posteriormente, Primo Carbonari, Rodolpho Mayer, Grande Othelo, quase todos ex-alunos salesianos, que deram início ao cinema em São Paulo e foram animadores das práticas teatrais e cinematotográficas no Liceu Coração de Jesus.[101]

O primeiro presidente do Centro São Paulo, Antônio Romão de Sousa Campos[102] conseguira, em 1905, comprar um "Pathé Frères" e o

[99] 1. Caetano MATANÓ: produziu *Absyntho* ou *Mocidade inconsciente* e *Erros da mocidade*. 2. Vittorio CAPELLARO: produziu *O Guarany* (2.ª versão), *Iracema, Caçador de Diamantes,* e *Fazendo Fitas*. Dirigiu o *Cruzeiro do Sul*. 3. Pasquale de LORENZO (ou Paschoal de Lorenzi): *Mistério do Domingo Negro, As Rosas de Nossa Senhora*. Sobressaía como bom ator: "Merecendo especial destaque nesta categoria e habilíssimo fabricante de gargalhadas, o personagem obrigado em todo o espetáculo - o impagável cômico - Paschoal de Lorenzi". Havia o Grupo Dramático Domingos Sávio dos Ex-Alunos cuja parte cômica estava a seu cargo. Tinha mais dois irmãos Domingos e Henrique. 4. Augusto de CAMPOS, filho, que escreveu *Casa de Caboclo*. Apenas dois nomes voltarão mais tarde ao cenário paulista: Matanó e De Lorenzo. Ainda outros cineastas, como Primo Carbonari, Rodolpho Mayer (mais ator), Luiz del Picchia (arquiteto e um construtor, que decorou a cúpula da Igreja do Coração de Jesus).

[100] Pietro ROTA, *Relazione della Visita straordinaria, fatta nell'anno 1908*, p. 63-64.

[101] Vide Maria Rita Eliezer GALVÃO, *Crônica do Cinema Paulistano*, *passim*.

[102] Antônio Romão de SOUZA CAMPOS: foi Presidente do Grêmio São Paulo, do Liceu Coração de Jesus. Dentista. Professor Secundário, ator, fotógrafo amador e o primeiro homem de cinema, em São Paulo. Era seu filho Augusto de Campos. Produziu: *Inocência, O Diabo, O Grito de Ipiranga* (com os Lambertini), *Heróis Brasileiros* ou *Retirada da Laguna*. Miguel MILANI.

adaptou para realizar suas primeiras experiências de filmagem. Foi-lhe favorável o contato com Francisco Serrador, acima citado, imigrante espanhol, que chegara a São Paulo em 1903, um dos primeiros empresários no setor de projeções cinematográficas em São Paulo, que havia montado sua terceira sessão de projeção cinematográfica no teatro do Liceu Coração de Jesus.[103] Comprou, pois, Antonio Campos uma "Pathé-caixão" e, com ela, conseguiu êxito em suas experiências. Em 1908, fez o primeiro filmezinho, intitulado *O Diabo,* cujo roteiro girava em torno da estória de um menino que sonhava com o diabo ou parecido, sendo atores ele e seu filho, Augusto de Campos.[104]

Desse modo, ao lado das práticas teatrais, desenvolveram-se as atividades cinematográficas, que cresceram no Liceu Coração de Jesus. Este estabelecimento já adquirira uma máquina de projeção própria[105] e exibia fitas para os alunos internos nos dias em que não eram encenadas peças teatrais.[106] Em 25 de março de 1909, com a posse do terceiro Provincial, Pedro Rota, puderam os Provinciais Salesianos da América do Sul, presentes ao evento, presenciar a "exibições cinematográficas", o que não deixa de ser significativo.[107] No mesmo ano, são noticiadas mais algumas projeções cinematográficas, por ocasião da festa do Diretor da instituição e

---

Produziu → → *Os Faroleiros,* baseado em conto do Oratório (Milani - Campos), *Como Deus castiga, Tristezas à Beira-Mar,* e mais um com um grupo de Atores que se intitulou *Os Romeiros do Progresso.* De 1920 a 1924, Carrari, Rossi e seus respectivos agregados são os únicos a filme *posados.* Depois foi dirigir o Departamento de Censura do Estado de S. Paulo. Em 1919, produziu *Caipirinha.* O pequeno grupo que, entre 1919 e 1920, começava a se formar em tomo de Antônio de Campos (Matanó, Milani, De Lorenzo e Antônio Leite, este professor do Liceu Coração de Jesus), produziu *Os Romeiros do Progresso,* e mais dois ou três filmes e desapareceu. Apenas dois nomes voltarão mais tarde ao cenário paulista: Matanó e De Lorenzo.

[103] José Maria do PRADO, ao historiar o cinema em S. Paulo, afirma que, na Rua Barão do Triunfo - Boca do Lixo, área vizinha ao Liceu, estavam localizados os escritórios das pessoas dedicadas às atividades cinematrográficas e acrescenta: "Por coincidência, próximo ao local está situado o Liceu Coração de Jesus, pioneiro das exibições cinematográficas em São Paulo (tinha um cinema, depois arrendado por Serrador), e centro de um grupo teatral dos amadores. Esses dois fatos convergiram para formar alguns do primeiros homens de cinema de são Paulo." Em 1919, produziu *Caipirinha.* Entre eles, Antônio de Campos (na década de 20, também o primeiro censor do Estado), Paschoal de Lorenzo, Miguel Milano, Caetano Matanó e numerosos atores. Cfr. Cinema em transe, in: *Diário Cultural da Imprensa do Estado do Estado - Leitura,* São Paulo, 2 (13), p.10-12, jul. 1983.

[104] Maria Rita Eliezer GALVÃO, *Crônicas do Cinema Paulistano,* p. 22-23. Augusto de CAMPOS, filho de Antônio Romão de SOUZA CAMPOS, escreveu *Casa de Caboclo.*

[105] Esta primeira Pathé Frères ainda existe no Museu do Liceu Coração de Jesus.

[106] Passava-se geralmente cinema de 15 em 15 dias. *Annuario do Lyceu Salesiano do S. Coração,* 1915 - 1917, p. 23.

[107] Liceu Coração de Jesus, *Crônicas do Liceu Coração de Jesus; recortes de jornais, programas,* p. 34. AISSP.

do encerramento do ano. No ano seguinte, temos conhecimento de uma exibição, em dezembro.[108] A fundação, pelo Provincial, da Associação dos Ex-Alunos Salesianos (AEAS), em 1911, festejada pela apresentação de vários filmes, que patrocinaria outros em setembro do mesmo ano, acelerou ainda mais sua operosidade teatral.

A orientação para a projeção de filmes era rigorosa. As fitas, primeiramente, eram revisadas e as cenas consideradas impróprias por estar em desacordo com a moral e a doutrina cristã ou, ainda, com as normas regulamentares dos Salesianos, eram cortadas, sendo o próprio Antônio de Campos um dos primeiros censores leigos da confiança dos padres.

Entretanto, os inícios do cinema já enfrentavam a controvérsia sobre as doenças que provocava como "perturbações na vista, violentas dores de cabeça e grande excitação nervosa", especialmente nos indivíduos assíduos, e aconselhava-se moderação no entusiasmo. Do ponto de vista da moralidade, Sezerdelo Corrêa, Prefeito da Capital Federal, em dezembro de 1909, resolveu não renovar os requerimentos de licença a esse gênero de diversão, se os requerentes não assinassem um compromisso "fitas do gênero livre", sob pena de serem caçadas as licenças.[109] Saturnino da Veiga considerava o cinema "invenção admirável" porque contribuía para a instrução do povo e para seu deleite nas horas de descanso, lamentando-se de ter sido transformado em instrumento de corrupção. Atribuía a aceitação generalizada do cinema à acessibilidade do preço de suas entradas e à curiosidade natural da juventude.[110]

Para animar as fitas, que na época eram mudas, havia ainda um "grupinho" de oito figuras, aproximadamente, chefiado pelo Pe. José Luís Valentim e pelo Irmão Pedro Danni, que dava vida e animação às fitas cinematográficas, tocando durante "a exhibição dos films do cinema... Correcto, correctissimo, choroso e pathetico nas fitas dramaticas; magestoso e grave, na naturais; alegre, saltitante nas humorísticas e cômicas".[111] Entre eles, alguns eram conhecidos nos meios musicais e teatrais paulistanos como Carlos Calíoli, Euclides Lorena e Pedro Fressa. Este chefiava um grupo de violino, bandolim, cavaquinho, flauta, etc. Compunham esta orquestra professores, alunos adiantados e ex-alunos.

---

[108] Liceu Coração de Jesus, *op. cit.*, p. 34, 82 e 84. AISSP

[109] *Santa Cruz*, São Paulo, 10 (2): 89, nov. 1909.

[110] Saturnino da VEIGA, Educação desprezada, in: *Santa Cruz*, 10 (12): 423, ago.1910.

[111] Saturnino da VEIGA, *op. cit.*, p. 22-23.

A preferência dos alunos pelo cinema continuaria a aumentar, como aliás já acontecia na sociedade de então.

Mas admitia-se a força do cinema perante certo número de alunos:

*Há um certo número de alunos para os quais nada há como o cinema, preferem-no a tudo: outros há – e são quase todos que, enquanto muito apreciam, como é natural esse admirável invento, são, todavia, entusiastas pelo palco: assistem com imenso prazer ao desenrolar-se de um drama, de uma comédia ou farsa... Esses são os de bom gosto.*[112]

Assim, em 1919, o Diretor do Liceu Coração de Jesus anunciou o aumento de projeções cinematográficas extraordinárias (ou seja, além das quinzenais), das quais "seriam excluídos os alunos que tirassem notas muito deficientes em aplicação e procedimento", para estimular os alunos a "corresponderem aos esforços de seus pais e seus mestres." Desta forma, foram realizados quarenta espetáculos cinematográficos, cinco dos quais como prêmio aos alunos que conseguiram maior número de "pontos de diligência", um tipo de prêmio àqueles que demonstravam melhor comportamento e aplicação aos estudos. De vez em quando concedia anistia aos faltosos para não deixá-los desanimados ou revoltados.[113]

A apresentação de sessões, por exemplo, no Liceu Coração de Jesus, em 1919, chegou a trinta e nove, chegando a três ou quatro por mês (em agosto, seis; em outubro dez; novembro, cinco), sem contar as dezoito peças teatrais encenadas no ano. Provavelmente, a freqüência de sessões cinematográficas nos demais colégios tenha sido elevada. Esta prática deve ter despertado críticas entre os Salesianos e chegara ao conhecimento do Superior Geral dos Salesianos, Paolo Albera.[114]

### 2.2.2. A discussão sobre a moralidade das fitas cinematográficas

Em 1917, esse Superior Geral, em uma circular, desejava que houvesse unanimidade quanto às cautelas relativas ao cinema e lamentava a pouca delicadeza de Salesianos. Mostrava sua preferência às projeções fi-

---

[112] *Annuario do 33.° Anno Lectivo do Lyceu Coração de Jesus*, em 7 de abril.

[113] *Annuario do 34.° Anno Lectivo do Lyceu Coração de Jesus*, p. 95.

[114] Paolo ALBERA, Consigli ed avvisi per conservare lo espirito di D. Bosco in tutte le Case, 23.04.1917. *Lettere Circolari di D. Paulo Albera ai Salesiani*, p. 223.

xas por poder fazer conhecer as obras salesianas e reconhecia a grande dificuldade em encontrar películas adequadas às casas de educação. Insistia na observância escrupulosa do Regulamento também quanto ao teatro, solicitando que se excluíssem as tramas demasiado truculentas ou espetaculares e, especialmente, as peças que exigissem promiscuidade dos sexos, mesmo que se tratassem somente de meninos em vestes femininas.

O Capítulo Inspetorial de 1922 atendeu às suas solicitações, determinando o seguinte a respeito do cinema:

*38 - Poderá haver nos nossos colégios até duas sessões cinematográficas por mês, no máximo. - Convém que cada uma não se prolongue de duas horas e haja, durante a projeção, meia luz para facilitar a vigilância.*

*39 - Excluam-se todos os filmes que não podem resistir às exigências do sistema de Dom Bosco, isto sem dar ouvidos a protestos.*[115]

*40 - Evitem-se que os salesianos ou alunos assistam a sessões cinematográficas em promiscuidade com gente de fora.*

*41 - Não se tolerará em nossas casas exploração do cinema, a não ser nos simples externatos.*

*42 - No exame das fitas impeça-se a presença de quem quer que não seja encarregado de o fazer.*

*43 - Recusem-se subsídios provenientes de cinemas nocivos à moralidade.*

*44 - Tenha-se em vista a circular de Dom Albera, de 1915, em virtude da qual os diretores ficam pessoalmente responsabilizados pela censura dos filmes para os alunos. – Farão isto por si ou por meio de outra pessoa de confiança, responsabilidade.*

...

*98 - Não deve haver sessões recreativas ou de cinema na véspera de festas religiosas (nos internatos) a fim de não se impedirem as confissões de costume.*[116]

Obedecia ao artigo 41 a inauguração do cinema paroquial no Instituto Dom Bosco, no bairro do Bom Retiro, a dez minutos de caminhada do Liceu Coração de Jesus.[117]

---

[115] *Dom Bosco,* 1938, p. 293.
[116] Luiz MARCIGAGLIA, *Os Salesianos no Brasil,* v. 2., p. 2366.
[117] Id., *op. cit.* , v. 2, p. 176.

Mas as determinações sobre o cinema deixadas pelo Capítulo citado não acabaram com as discussões. Nem tampouco havia identidade de posições entre José Vespignani e Stefano Trione,[118] que, em 1925, fazia algumas conferências aos Salesianos da Província Salesiana de São Paulo e assim se expressava:

*Tratamos também da questão do Cinema: por mais que se insista, na trama dos dramas, há sempre algo de namoros; e é um pecado que depois de ter feito de manhã a Santa Comunhão, acabe-se o dia com estas cenas, que pobre menino despertam as paixões, que nós mesmos dizemos de condenar (aquele artigo 239 que se refere ao Cinema é de fato maltratado: a idéia que fora encontrarão pior - e que dará maior impressão etc. - serve de desculpas para muitos, até Diretores; e não compreendem que arruinam a consciência dos jovens a vocação dos nossos seminaristas obrigados a assistir (...), ver e calar os comentários que os jovens fazem. Examinar antes as películas é inútil, ou quase, porque todas, mais ou menos, seguem o enredo amoroso e (...) são a marca do mundo... Se não pudermos evitar esta classe de diversão, e parece realmente difícil, será necessário que a Congregação se relacione com uma forte casa, com quem faremos um convênio para ter películas segundo os nossos critérios, formar o catálogo etc. etc. Este seria um empreendimento próprio das Comissões de Ex-Alunos (também internacionais).*[119]

A discussão continuou.[120] Entretanto na Europa, no verão de 1926, numa reunião dos diretores do continente europeu, exortava-se para que se cultivasse a pureza entre os jovens e obviassem alguns métodos modernos, o mais das vezes de origem protestante. Além dos meios "conhecidos e recomendações provenientes das Constituições e Regulamentos salesianos, fossem impedidos, a qualquer custo, as representações, em que crimes, gestos

---

[118] Pe. José Vespignani era membro do Conselho Superior da Congregação Salesiano e Stefano Trione, o catequista do Oratório de Valdocco e exercia o cargo de vice-postulador da causa de beatificação de Dom Bosco e de outros salesianos.

[119] ASC *B 563* Lettere VESPIGNANI - RINALDI 23.05.1925.

[120] Carta Domenico CERRATO-Giuseppe VESPIGNANI, 11.03.1926, lê-se o seguinte: "Cinematografi... prendendo seriamente la cosa (...). Sono pienamente d'accordo (e come non esserlo?) com Lei in tutto ciò che mi dice riguardo alle uscite, ai programmi delle singoli case, al terribile Cinematografo. Devo poi manifestarle che il Cinematografo fa del male e ai giovani alunni e ai giovani confratelli, e ciò specialmente per il criterio sbagliato di certi Direttori, massime quello di Lorena che è pure il più restio nell'eliminare le uscite numerose durante l'anno escolastico. Sarà conveniente (termina il sessensio quest'anno) non affidargli più quest'ufficio così importanti, non essendo sufficientemetne docile alle indicazioni di D. Vespignani".

dos personagens, luxo no vestir etc. são escola de vaidade, de mundanidade e o mais das vezes de imoralidade". Era idéia do Pe. Felipe Rinaldi, então Reitor-Mor da Congregação Salesiana, que se devesse suprimir o cinema, porquanto "certos filmes nenhum bem trazem e prejudicamos os jovens que perderão no domingo o que ganharam na semana". Sugeria que se passassem "filmes missionários, instrutivos e de documentação. As projeções luminosas substituíssem o cinema", e melhor ainda se utilizasse "o teatro, mais útil por estar adequado ao pensamento de Dom Bosco, quanto à educação dos jovens. Onde não se pudesse abolir completamente o cinema, o Diretor assumisse pessoalmente a responsabilidade de escolher os filmes e se acautelasse para não ser demasiado indulgente..." Pedia, ainda, que se "regulamentasse o uso, moralmente perigosíssimo" do rádio.[121]

O Provincial, Pe. Domingos Cerrato, procurava executar as recomendações do Visitador, Pe. José Vespignani, e acertara alguns critérios comuns com os diretores. Pe. Hermenegildo Carrà, diretor do Colégio São Joaquim, de Lorena, e ex-Provincial de Mato Grosso, resistia em aceitar. Mas o ambiente estava perturbado por causa do cinema.

Em 1928, Pe. Stefano Trione, convidado a pregar o Retiro Espiritual em São Paulo, escrevia ao Reitor-Mor:

*O ambiente dos nossos colégios deve conservar-se 'altamente educativo' na estrita observância da tradição salesiana do ven. Dom Bosco. Neste ambiente crescem e devem crescer bem, como num Seminário, os nossos clérigos do Triênio Prático; devem educar-se eficazmente bem milhares de jovens muito cristãos, sem fraquezas e sem impressões perigosas e escândalos.*

*Diz-se que os Jesuítas proibiram o cinema e nada mais se falou. Aqui a proibição do Reitor-Mor na prestação de contas do Encontro de Diretores há dois anos passou inobservada. O próprio Provincial se admirou, quando o lembrei (...).*

*Nesses dias, todos os jornais do Brasil fizeram um movimento (...) contra a tolerância ou inobservância da lei que proíbe o ingresso de menores nos cinemas e teatros públicos... (...)*

*Como explicar o que escrevi... com a atividade verdadeira salesiana do Inspetor P. Cerrato?*

---

[121] Resoconto dei convegni tenuti daí Direttori a Valsalice nel estate del 1926, p. 14. AISSP, *Padre Inspetor 1936-1965.*

Terminado o Retiro Espiritual, Pe. Stefano Trione achou que devia insistir perante os Superiores de Turim no sentido de que se tomassem medidas urgentes e eficazes: "Uma praga deplorável na maioria das nossas Casas é o abuso do cinema. Tentaram-se todos os modos para ter filmes toleráveis em nossos ambientes, mas não houve senão exceções".[122] Pe. Filipe Rinaldi escreveu sobre a carta de Pe. Stefano Trione o seguinte: "P. Tirone, sem outras referências ao Cap. Sup., providencie diretamente com uma carta ao Inspetor dando ordens". Pe. TIRONE o fez imediatamente.

De fato, o Provincial, Pe. Domingos Cerrato, acusava a recepção de uma carta de Pe. Pedro Tirone, do Conselho Superior da Congregação, com a proibição do CINEMA. Ao acatar a ordem, cobrou sua extensão às demais Províncias, inclusive à de Turim, sede da Congregação, onde ele, Provincial, estando na Itália, também presenciou, às vezes, filmes pouco morais, e acrescentou: "Mas quanto a isto, 'viderint Consules'. Se fosse proibido em toda a Congregação, então seria mais fácil calar alguns, amantes talvez excessivamente do Cinema".[123]

A Circular do Provincial, datada de 9 de março de 1929, continha o ofício de Pe. Pedro Tirone, Catequista Geral da Congregação Salesiana, de 12 de fevereiro:

*Caríssimo D. Cerrato,*

*Fui encarregado pelo Revmo. Sr. Pe. Rinaldi de dizer-lhe que ele proíbe em absoluto o CINEMA em toda a Inspetoria. Creio que seja inútil explicar esta ordem, com razões e considerações, que são tão óbvias e conhecidas por todos. Se quiseres divertir os jovens, fazei representações teatrais, bem escolhidas, academias, exercícios ginásticos, etc. ... São mais cansativos e mais raros; mas são mais úteis, mais educativos, mais sérios e menos dispersivos...*[124]

---

[122] ASC *F 096* Lettere CERRATO-RINALDI 26.06.26; CERRATO-GUSMANO 03.07.26; ASC *C 449* TRIONE-TIRONE 31.01.28; TRIONE-RINALDI 02.01.28. Em Lorena, os alunos, em 1927, tinham assistido, entre outros, os filmes: "Ben-Hur", "Robin Hood", Beau Geste", "Milagres de Lourdes". Cfr. J. J. EVANGELISTA, *História do Colégio São Joaquim, 1890-1940*, p. 232.

[123] ASC *F 095 Lettera CERRATO-TIRONE*, 08.03.1928.

[124] Em italiano: "Sono stato incaricato dal Ver.mo Sig. D. Rinaldi di dirle che Egli proibisce in assoluto il CINEMA in tutta la sua Ispettoria. Credo inutile illustrare com ragioni e considerazioni, che sono tanto ovvie e note a tutti, quest'ordine. Se volete divertire i giovani, fate uso de recite teatrali bene scelte, di accademie, di esercizi ginnastici etc... Sono cose più faticose e quindi più rare, è vero; ma più utili, più educative, più serie e meno distrattive..."
ASC *F 095* circolare X dell'Ispettore 09.03.1928. Em reunião do Conselho Superior, de 25 de junho de 1929, CERRATO assegura em seu relatório de poder dizer que o abuso do cinema→

Escrevendo ao Superior Geral, confessava que apenas os Diretores não lhe haviam obedecido, ou seja, Pe. José dos Santos, do Liceu Coração de Jesus, e Pe. Hermenegildo Carrà, do Ginásio São Joaquim, que eram também conselheiros provinciais. Diziam ser perigoso para a disciplina em seus colégios se houvesse a supressão "repentina e radical", não estando eles obrigado ao impossível. Pelo fato de alguns Salesianos, em vista da resistência encontrada nesses dois colégios importantes, terem contestado a ordem proveniente do Superior Geral, aduzindo diversos pretextos, Pe. Domingos Cerrato procurava justificar a situação, aduzindo os seguintes motivos:

a) *Se proíbe o Cinema..., porque em alguns colégios haviam julgado escandalosos tais filmes...*
b) *Pe. Carrà, que foi Inspetor e sabe bem como se deve fazer, continua com o Cinema...;*
c) *O nosso Inspetor é muito rigoroso... e comunicou... exagerando..., portanto não estamos obrigados a obedecer.*
d) *Porque não se proíbe no Norte..., onde é... mais vergonhoso ("sconcio"). Na Crocetta não são tão puras ("pulite") em se tratando de cinema... Deu-se um grande passo, porque em nenhuma das duas casas se passou nenhum filme mau neste ano e nas outras o cinema foi suprimido completamente. Em segundo lugar, observo que se a proibição se estendesse a todo o mundo salesiano, também aqui se obedeceria (assim suponho), porque não se veria a vergonha da proibição somente para esta inspetoria. Assim escrevi ao Pe. TIRONE: Proceder com rigor. Propor outros para dirigir tais casas.*[125]

Em Lorena, entretanto, uma série de eventos, inclusive a visita do Presidente da República, a grande festa das Missões, os numerosos desfiles em algumas cidades ajudaram a suprir a ausência do cinema e, desse modo, desanuviar o ambiente.

Pe. Pedro Ricaldone, Ecônomo Geral, acenando ao Provincial, Pe. Domingos Cerrato, quanto à proibição do cinema na Inspetoria N. S. Auxiliadora e para amenizar a situação delicada criada, dizia que os Superiores

---

→ cessou. Todas as Casas obedeceram, exceto duas, mas também elas moderaram. ASC *D 973*, Verbali V, 25.06.1929.

[125] ASC *F 096* Lettera CERRATO-RINALDI, de 14.07.1928.

estavam dispostos a proibir o cinema, se este degenerasse, também em toda a Congregação, caso essa medida se fizesse necessária na Província Salesiana de São Paulo. Mas não podia aprovar a insinuação de que tais casas não haviam cometido a falta que motivou a ordem e, portanto, não a obedeciam. Compreendia que não se tratava de rebelião, já que procuravam justificar sua conduta por razões de prudência e ausência de culpa. Solicitava a cessação paulatina, até sua completa extinção, sem provocar barulho nem admiração e se velasse atentamente para que não passassem películas que não correspondessem totalmente às máximas de educação de Dom Bosco.[126]

Mas de Turim chegavam cartas de alunos do Estudantado Teológico da Crocetta, que falavam do cinema como coisa normal da vida estudantil dali. Pelo que Cerrato concluía: "E porque nós devemos ser mais católicos que o Papa?"[127]

Em agosto do mesmo ano, Pe. Stefano Trione, que fora causa de toda esta agitação, propôs uma acomodação: "Compreende-se facilmente que uma ordem geral atinge todos aqueles pelos quais foi dada e entre estes é muito fácil que haja também alguns inocentes (...), mas nenhum superior (inclusive os diretores de São Paulo e de Lorena) permitirá que se erija em juiz de si mesmo e se isente da medida tomada (...)"

E repetia, em seu nome e em nome do Superior Geral, as mesmas recomendações de Pe. Pedro Ricaldone.[128]

O cinema, porém, tornava-se cada vez mais atraente na época. Em 1929, Oswaldo Coutinho de FARIA lançou, em Paris, um aparelho sonoro para a máquina de cinema, o "kinetofone", ou cinema falado[129] que se propagou rapidamente. O novo invento obrigou o Liceu a fazer algumas modificações. Foi determinada ampliação da cabina de cinema e colocação de um tanque de água, para evitar qualquer perigo em caso de incêndio e ainda

---

[126] ASC *F 096* Lettera RICALDONE-CERRATO, 11.08.1928.

[127] ASC *F 095* Lettera CERRATO-TIRONE 14.07.28.

[128] ASC *A 376* Lettera TIRONE-CERRATO 11.08.28. Cfr. Antonio da Silva FERREIRA, Domenico CERRATO, Ispettore a S. Paulo (1925-1932): Case di formazione e collegi un Brasile che cambia. *Ricerche Storiche Salesiane*, anno 2 - n° 2 (23) - luglio-dicembre 1991. Numa carta um Salesiano, Pe. Emílio Miotti, catequista do Liceu Coração de Jesus, se desabafava queixando-se da desconhecimento e do desprezo que sofriam os Salesianos do Brasil na Casa Geral, onde eram acusados de terem introduzido abusos e da extinção quase completa da salesianidade das obras. Cfr. ASC *F 096* Lettera MIOTTI-RICALDONE 14.09.1928.

[129] Cinema Falado, *O Liceu*, 12 (1929), 246-249.

a possibilidade "de alguém que oferecesse os meios para a aquisição de um aparelho cinematográfico sonoro, devido à dificuldade de se arranjar filmes mudos".[130] O cinema mudo possibilitava uma criação da parte de quem o exibia, por exemplo, uma pequena orquestra que animava e dava sentido à apresentação, como foi visto supra.

O Catequista Geral do Congregação Salesiana, Pe. Pedro Tirone, em sua visita extraordinária ao estabelecimento, "manifestou-se satisfeito pelo andamento completo do Liceu, não só, mas disse que estava como Dom Bosco queria os seus Colégios",[131] palavras essas que significavam a aprovação de suas práticas.

No Colégio São Joaquim, como se pode depreender de seus anuários, nos anos 30, pelo menos em seus inícios, as sessões cinematográficas voltaram a ser quase semanais, havendo pouquíssimas apresentações de peças teatrais. O Pe. Pedro Tirone, Catequista Geral e então visitador extraordinário, deve ter percebido o predomínio do cinema e fez algumas recomendações, em 1931. Afirmava que o primeiro fator da educação é a moralidade e o cinema destrói a moralidade, característica da Congregação. Insistia ainda ele que os jovens fossem estimulados freqüentemente com gincanas ou provas literárias, com escritos, com sessões músico-lítero-teatrais bem preparadas e também com prêmios e distinções como costumava fazer o Fundador, ou seja, Dom Bosco.[132]

Trione voltaria à carga contra o cinema (e contra as saídas-prêmio) no 2º Retiro Espiritual para os Salesianos, em 1931, em Campinas. Afirmou que, em algumas Casas da Inspetoria, o Cinema havia degenerado "em verdadeiro abuso gravíssimo e escândalo fatal"; que, no colégio, tinham passado cinqüenta sessões de cinema. Na conferência aos padres e diretores, discutiu o problema moral, "se seria isento de culpa grave, diante do pessoal da casa, em nosso ambiente educativo, permitir o entretenimento cinematográfico com cenas passionais e policiais quais se costumam dar no Brasil em nossos estabelecimentos, não se encontrando outras películas". A resposta foi evidente. Mas o Conselho Inspetorial e o Provincial

---

[130] *Atas das reuniões do Capítulo do Lyceu Coração de Jesus, de 1919-1933*, reunião de 20.07.1931.
[131] *Id.*, reunião de 18.05.1931.
[132] *Livros de Visitas Inspetoriais do Colégio S. Joaquim - 1909 a 1990*, p. 59. E que "o aliado... do cinema é o Rádio". Pietro TIRONE, Visita straordinaria, 29 aprile 1931. *Atas das Visitas Inspetoriais do Colégio São Joaquim, 1909 - 1990.*

estavam convencidos de que a supressão ordenada por Pe. Felipe Rinaldi, não tinha sido peremptória...

Lembrava, ainda, Pe. Stefano Trione que o Arcebispo de S. Paulo havia fechado o cinema paroquial do Bom Retiro (Salesiano) e que o Bispo de Campinas fizera o mesmo com o cinema do Oratório Festivo. Lembrou ainda um episódio narrado pelos jornais em que um Juiz de Menor vetou o pai de levar a filha menor ao cinema, por ser no país proibida a freqüência de menores de dezoito anos ao cinema e ao teatro. "Seria", acrescentava, "um fato muito grave, se houvesse intervenção em nossos colégios da Autoridade laica para regular tais atividades".[133]

Parece que esta intervenção não repercutiu, porquanto, nos anos de 1931 a 1935, os anuários do Colégio São Joaquim, por exemplo, registram sessões cinematográficas semanais e até mais.

O Provincial Pe. André Dell'Oca, porém, recomendava, em 1934: "A moderação nas sessões cinematográficas e a pureza da matéria impõem-se afim de não provocar a proibição completa que fatalmente se daria como castigo de nossa desobediência".[134]

Em 1937, O Diretor Espiritual Geral retornou ao assunto, recomendando "a mais escrupulosa vigilância sobre os filmes que se costumam projetar para os alunos internos, externos e oratorianos" e solicitava, ainda, "severa recensão", eliminando tudo o que não se conformasse com os ensinamentos de Dom Bosco e com as normas pedagógicas salesianas, pois, num momento de divertimento mórbido, se destruíam as fadigas e os sacrifícios de dias e semanas... Reconhecia a grande dificuldade de equacionar aos princípios salesianos o entretenimento cinematográfico, mas prescrevia que, entre outros, nos seminários fossem proibidos; que, nos colégios, se dessem sessões de cinema, raríssimas vezes, e nos Oratórios Festivos, o mínimo possível. Que se suprisse o cinema com outros atrativos já indicados pelos Superiores com as representações teatrais, mais cansativas e

---

[133] Literalmente: "(...) un vero gravissimo abuso e scandalo fatale" *Cfr. Livrinho da Visita Extraordinária* - Edição de "Lavrinhas - 1931. ASC *F 097 - Visita extraordinaria de 1931... dal quaderno "Brasile - Sud. Riunione dei Direttori - Corrispondenza relativa alla visita straord.*

[134] André DELL'OCA, Circular nº 7, 24.10.1934. AISSP, *Padre Inspetor - 1917 a 1987.* Classificava o Rádio de "o mais agradável perde-tempo", ao contrário do que diziam os vendedores que o chamavam o "mais agradável passa-tempo".

dispendiosas, porém mais higiênicas, morais, instrutivas sob muitos aspectos; com sessões literárias, gincanas e loterias e outros quantos a criatividade pudesse inventar. O mesmo cuidado exigia do Rădio, que deveria estar fechado ă chave no escritório do Diretor e que só permitisse seu uso em raríssimas ocasiões, como eventos extraordinários e de grande interesse público (fala do Papa, do Presidente da República e de algum homem importante).[135]

Pe. Carlos Leôncio da Silva, Salesiano brasileiro, já defendia o uso do cinema na educação. Mostrava suas vantagens como o aguçamento "do espírito de observação, o exercício da inteligência na solução de situações embaraçosas", o despertar "do senso da imitação e da invenção, o estímulo ao gosto estético pelos belos e variados cenários", as emoções da alma e a velocidade com que transmite em poucas horas o que está escrito num livro, que exige de um a dois dias para ser lido. Afirma ainda o autor que "fora das casas de educação, sob cor e capa de distração, ele vai fazendo também seus estragos no caráter dos jovens e apela para que não sejamos destruidores desse tão grande recurso de arte e de inteligência humana" e o utilizemos como "elemento de edificação (...) dos melhores valores da personalidade, quais são os bons sentimentos e as boas maneiras morais". De modo semelhante, escreveu sobre o uso do rădio.[136]

O cinema, porém, não desapareceu, mas sofreu redução, apesar de não termos conseguido dados reais. Pe. Orlando Chaves[137] determinava que a revisão das fitas cinematográficas fossem feitas pelo Diretor ou por um sacerdote de vida comprovada e reprovava levar os alunos ou os Salesianos a salões de cinema fora do estabelecimento.[138] As poucas fitas que aparecem são filmes religiosos, em sua quase totalidade. Depois de 1949, a preferência pelo cinema entre os alunos internos alcançava a maioria deles, apesar de a Associação dos Ex-Alunos apresentar boas peças teatrais.

Em outra circular, Orlando Chaves observava que o mal do cinema estava nas cenas e no assunto e exortava à vigilância.[139] Pe. Fedeli

---

[135] *Atti del Capitolo Superiore*, 18 (75): 389-391, 24.01.1937.

[136] Pedagogia, manual teórico-prático para uso dos educadores, *Dom Bosco* (1938), p. 179-181.

[137] Provincial de 1939-1947, quando foi nomeado Bispo de Corumbá. Depois foi arcebispo de Cuiabá.

[138] Circular nº 7 do Pe. Inspetor, Orlando CHAVES, 19.03.1941, p. 14.

[139] *Id.*, Circular nº 23, 24.03.1944. *Padre Inspetor 1936 a 1965.* Pe. Orlando Chaves foi posteriormente Bispo de Corumbá e arcebispo de Cuiabá. Quando Inspetor, celebrizara-se pela campanha das 1.000 vocações.

Giraudi,[140] em visita extraordinária ao Colégio São Joaquim, chamava a atenção sobre uma chaga que afligia a sociedade moderna e que avançava sempre mais, o cinema, e dizia que, já em 1928, o Superior tinha a idéia de suprimir o cinematógrafo, uma vez que certos filmes nada traziam de bem: as boas idéias colhidas durante a semana eram perdidas aos domingos na sessão de cinema. Que se substituíssem o cinema pelas projeções luminosas e sessões teatrais, úteis e em consonância com o pensamento de D. Bosco. Onde não pudesse abolir o cinema, o Diretor assumisse pessoalmente a responsabilidade na escolha dos filmes, tendo cuidado para não ser "demasiado indulgente".[141]

O teatro continuava a sua marcha descendente, o que provocou mais uma circular de Pe. João Resende Costa, Provincial e depois arcebispo de Belo Horizonte, a lamentar, ao tratar dos divertimentos.

Mesmo que se dessem alguma sessão de cinema, nos salões para o público, era necessário obedecer às nossas normas, e justificava:

*O grande segredo para que os alunos se sintam bem em nossas casas é fazê-los viver a vida do colégio, isto é, participarem ativa e conscientemente das atividades do estudo, das companhias religiosas, da aula de canto, do grupo dramático, das seções acadêmicas, dos brinquedos, da música, etc. Só assim poderemos reduzir as exibições cinematográficas, cuja freqüência os Superiores lamentam que está sendo em muitos lugares muito além do que foi estabelecido no último Capítulo Geral. E, o que é pior, freqüentemente as películas não estão de acordo com os critérios da delicadeza salesiana; e, como se expressou um digno Salesiano cheio de experiência, vive-se numa atmosfera morbosa nas horas que dura o programa cinematográfico. Naturalmente isso não favorece a criação daquele ambiente filial que Dom Bosco sonhou para nossas casas e onde surgem os bons propósitos de virtude e as vocações. Temos que fazer sacrifícios em prol do teatro! Se nossa escassez de pessoal não obstaculasse, deveríamos ter em cada casa um só para cuidar do teatro. Mas, não o tendo tal facilidade, lembremo-nos dos tempos heróicos de Dom Bosco e desdobremo-nos para que não falte nas casas o simpático e educativo 'teatrinho salesiano'. E não nos deixemos embalar por essa tentadora comodidade*

---

[140] Era Ecônomo Geral da Congregação Salesiana.
[141] *Atti del Capitolo Superiore*, nº 36, p. 481.

*que o cinema apresenta, substituindo o teatro, sendo-lhe depois preferido, suplantando-o, matando-o.*[142]

A luta contra o cinema radicalizou-se na década de 50, como se pode notar no pronunciamento de um dos membros do Conselho Superior da Congregação Salesiana, em visita extraordinária ao Colégio São Joaquim, em 1953, em que ele afirma ser "o cinema invenção do diabo", por nele concentrar-se, numa forma artística, a palavra de São João: "Concupiscência da carne, dos olhos, soberba da vida. Até os títulos nas mais das vezes são escandalosos". E lamentava: "É uma grande pena para os Superiores receber denúncias a respeito de algum cinema dado nas nossas casas". Como experiência pessoal citava o que fez no colégio salesiano de Verona, onde quebrou o cinema, deixando a casa sem cinema por catorze anos e, durante este tempo, o estabelecimento foi o mais numeroso da Europa depois do Oratório de Valdocco, de Turim.[143]

Em 1955, o Provincial, Pe. Antônio Barbosa,[144] ao visitar o Liceu Coração de Jesus, já havia exortado a escolher filmes com muito cuidado e não exagerar no número de sessões por mês, cultivando-se cada vez mais o teatro. Prometeu destacar um sacerdote para cuidar de peças teatrais para a Província, podendo ficar no Liceu e ajudar no ensaio de peças.[145] No ano seguinte, elogiou o estabelecimento: "Cinema: é controlado e bem censurado". Mas acrescentou: "Seja dominical".[146]

O Liceu gozava de alto conceito junto às companhias distribuidoras de fitas cinematográficas, de modo que sempre contava com o lançamento "avant première" dos melhores filmes que chegavam à cidade de São Paulo. O encarregado do estabelecimento, José Pinto Ferreira, ex-aluno que sempre fazia a parte do "ponto" nas representações teatrais, proporcionava essas fitas e tomava conta da máquina de cinema desde os anos 20, aproximadamente.[147]

---

[142] Pe. João Resende COSTA, Circular nº 10, Páscoa de 1952. *Padre Inspetor - 1949 a 1952.* Em visita ao Colégio São Joaquim, solicitava que o cinema estivesse "dentro das normas estabelecidas pelos (...) Superiores" (Id., *22.05.1951)*

[143] Fidele Giraudi, membro do Conselho Superior da Congregação Salesiana Visitador Extraordinário, em 1953, *Atas das Visitas Inspetoriais do Colégio São Joaquim, 1909 a 1990*, p. 57, 59, 62,64.

[144] Foi diretor do Instituto Teológico Pio XI, primeiro Bispo e arcebispo de Campo Grande (MS).

[145] *Atas do Capítulo do Liceu Coração de Jesus de 1954 a 1970*, reunião de 21.11.1955.

[146] Id., reunião de 06.12.1956.

[147] *Ponto* era a pessoa que "soprava" ou seja, falava baixinho as palavras do texto para os atores no palco, sem que os membros da platéia ouvissem.

O teatro não desapareceu mas teve seu espaço significativamente reduzido nos internatos em seus últimos anos. Infelizmente, faltam dados para quantificar a sua freqüência.

Na visita extraordinária que fez à instituição, Arquimedes Pianazzi, em 1962, referindo-se ao Rádio e à TV, recomendou que fossem usados como "instrumento de trabalho, nunca por puro divertimento, a não (ser) a critério do Diretor (futebol, programas de interesse)". E que se proibisse aos alunos o rádio portátil aos poucos. Quanto ao cinema, felicitava aos Salesianos "por ter assistido a filmes sadios, coisa que **não** aconteceu em **nenhuma** casa por onde passou; insistiu para que se vigiassem, máxime para resguardar a vocação dos clérigos. Diminuir para um só por semana, recomendando as sessões, os teatros, os cantos, a música, que educa como nós queremos".[148]

Assim, depois de mais de cinqüenta anos de tensões e discussões, o Liceu Coração de Jesus teve a sua reputação resgatada perante o Conselho Geral no tocante às práticas cinematográficas. Mas já era tarde, porquanto o Liceu Coração de Jesus decidiu fechar seu internato, sendo o primeiro colégio salesiano no Brasil a fazê-lo, o que ocorreu em 1962.

## 3. AS PRÁTICAS LITERÁRIAS

A instituição do ensino secundário determinou a criação e o funcionamento de grêmios literários entre os alunos do internato e de uma revista estudantil. O mais antigo e mais famoso foi O Grêmio Literário Joaquim Nabuco do Colégio São Joaquim, fundado em 1910, que funcionou até 1940. Esse grêmio possuía um órgão de divulgação que se tornou a revista oficial da instituição.

Sobre o Grêmio Joaquim Nabuco, assim se pronunciou EVANGELISTA, na história dessa escola:

*A escola dos alunos, porém, estava no Grêmio Joaquim Nabuco; os catorze sócios iniciais foram acrescidos de mais sete, obedecido o cerimonial acadêmico para introduzir no recinto o novo membro, que então prestava o juramento e assinava o respectivo termo. As reuniões ordiná-*

[148] Cfr. *Atos do Capítulo do Liceu Coração de Jesus*, 15.08.1962, p. 46b.

*rias eram mensais, mas havia muitas outras extraordinárias. Trabalhos dos sócios eram lidos pelos autores, declamavam-se poesias, eram discutidos assuntos de interesse geral, literários, científicos, práticos. Sua revista mensal, de que foram guardados muitos números, constitui-se, hoje, num tesouro para a rememoração da vida escolar...*

*(...) Para que se avalie o grau de integração dos alunos com seus mestres, é bom contar um fato rotineiro, mas muito expressivo. As reuniões da Companhia de S. Luís e as sessões do Grêmio era assistidas por dois ou três sacerdotes, e ao final, os associados jantavam na mesma mesa dos Superiores, comentando-se os assuntos discutidos...*

Os sócios, ao ingressarem, eram obrigados a fazer um compromisso de executar os deveres inerentes às finalidades da associação, sendo uma delas defender a pureza da língua vernácula, e inclusive o pagamento da taxa.

EVANGELISTA fazia notar, ainda, o papel do Grêmio na vida escolar, como fator de integração e de estímulo aos demais companheiros:

*O Grêmio Joaquim Nabuco perdeu (1912) um pouco de seu elitismo, pois, com a extinção do 6º ano, resolveu aceitar como sócios alunos do 2º ano, desde que figurassem no Quadro de Honra mensal de sua turma e obtivessem a média 8 em Português, isto é, os melhores alunos das classes. Os outros, a "crilada", a plebe, formavam a platéia para aplaudir suas poesias e trabalhos.*

O Grêmio chegou a inscrever quase quarenta sócios efetivos. Cada sócio ocupava uma cadeira patrocinada por um vulto de destaque da Academia Brasileira de Letras já falecido. Realizavam sessões com discursos, declamações, comemorações de datas célebres na história pátria, discussões literárias e gramaticais, etc. Eram freqüentes os concursos literários.

Com a reabertura do internato, *O Grêmio* não mais apareceu. Em seu lugar, surgiu a revistinha *Ecos do Colégio São Joaquim*, cujo redator até hoje tem sido Antônio Lages Magalhães,[149] autor do *FLORILÉGIO NACIONAL*, um "best-seller" da literatura escolar brasileira.

---

[149] Padre salesiano, escritor e pesquisador, atualmente com noventa e um anos de idade, ex-aluno do Liceu Coração de Jesus.

Os alunos do Liceu Coração de Jesus possuíam um órgão que retratava sua vida colegial, a pequena revista mensal *O Liceu* que circulou de 1919 a 1934. Esta revista foi assumindo grande importância, por refletir, significativamente, a vida escolar dos alunos internos. Seu aspecto gráfico era superior ao d'*O Grêmio*, como também sua clientela. Além de um noticiário da vida escolar (crônica), trazia artigos, poesias, ditos, crônicas da vida esportiva, religiosa e cultural; fotografias, seção humorística, quadro de honra dos alunos de melhor desempenho, quanto ao procedimento e aplicação, etc. Apresentava, em algumas épocas, a página escolar, com os melhores trabalhos literários dos alunos. Significativos, para a história da prática do Sistema Preventivo, são os contos de Edgar de Aquino Rocha, relatando fatos da vida escolar do internato e seus reflexos na vida posterior dos educandos.

Em 1935, a revista *Dom Bosco* assumiu *O Liceu*, o respectivo Anuário e a própria *Santa Cruz*,[150] extinta por motivos econômicos em 1929. Com a fundação da Faculdade de Estudos Econômicos, esta nova revista foi, paulatinamente, elitizando-se, passando a relevar os trabalhos desta. Assim, em 1947, a crônica esportiva dos alunos internos e externos desapareceu. Depois de 1950, a revista ignorou a vida colegial e universitária, perdendo o interesse dos alunos.

No Liceu Coração de Jesus, talvez para estimular os alunos internos, foi fundado, em 1948, o Grêmio Padre José dos Santos, como seção do Curso Colegial, para estimular os trabalhos literários e científicos dos alunos. Mas teve duração efêmera.

O Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora iniciou com *Juventude* (1920), seguido de *Estímulo* (1943), e finalmente *Ecos do Liceu S. Nossa Senhora Auxiliadora*. Sem a qualidade gráfica de *O Liceu*, continuaram a retratar a vida escolar, inclusive o Quadro de Honra dos melhores alunos. A inclusão de trabalhos dos alunos foi pequena, especialmente em *Estímulo* e *Ecos*.

---

[150] Esta revista foi fundada por um grupo de Cooperadores, Benfeitores e Amigos dos Salesianos em 1900. Antes dela, já o Pe. Pedro Rota, quando diretor do Colégio Salesiano Santa Rosa, começou a edição das *Leituras Católicas* em 1890, em publicações mensais, chegando até 1962, num total de 855 opúsculos.

Parece, nos anos 60 em diante, ter havido um cansaço entre os Salesianos no que se refere aos grêmios literários que, entretanto, demonstravam utilidade e formaram escritores, poetas, políticos e dois membros da Academia Paulista de História (entre eles Péricles Eugênio da Silva Ramos), Dom João Resende Costa, Napoleão Mendes de Almeida, Pe. José Fernandes Stringari (dicionarista), José Pires do Rio (prefeito de São Paulo e ministro de Estado), Fernando Costa (governador de São Paulo), Ary Silva (jornalista), Francisco Rezek (Ministro do Supremo Tribunal e Juiz da Corte Internacional de Haia, desde 1996), entre outros nomes que passaram por esses colégios.

CAPÍTULO XI

# AS PRÁTICAS RECREATIVAS E ESPORTIVAS

Aqui, se pretende estudar as manifestações culturais[1] recreativas e esportivas utilizadas em nossas instituições, como instrumentos do sistema educativo salesiano,[2] para manter os meninos sempre em atividade, de forma prazerosa e divertida. Geralmente, tratam-se de práticas muito apreciadas e apetecidas pelos jovens, já que o gosto e o hábito da diversão são inerentes à sua natureza de jovem. Uma vez que fazemos aos jovens aquilo de que eles gostam, mais facilmente eles aceitam fazer aquilo que lhes propomos.

Antecedendo ao relato das práticas recreativas e desportivas dos colégios salesianos em estudo, é conveniente passar em revista a situação em que se encontravam outras escolas do exterior e do Brasil.

---

[1] Por *cultura*, aqui se entendem as atividades desenvolvidas no campo da música, do teatro e afins. E por *desportos*, todas as atividades relativas à educação física, ginástica, esportes e semelhantes.

[2] Anexo III: *Regulamento para as Casas da Congregação de S. Francisco de Sales*, Cap. XIII, Art. 3° e 9° e todo o capítulo XIV.

Ainda que seja difícil generalizar, os alunos dos colégios e liceus viviam reclusos, com pequenas interrupções para alguns raros passeios, quase sempre com percurso idêntico, sendo raros os exercícios físicos. As tentativas de criar e desenvolver a educação física no século XIX chocavam-se com as mentalidades e as administrações. Na França, por exemplo, após várias tentativas, a ginástica tornou-se obrigatória, após a derrota frente a Alemanha, em 1870. O desenvolvimento do nacionalismo assinalou a adoção da ginástica na escola, nos diversos países da Europa. Só no final desse século, é que o esporte se tornou componente da educação na França.[3]

No Brasil, os romances clássicos que tratam de internatos, como *O Ateneu* de Raul Pompéia (séc. XIX), *Falange Gloriosa* de Godofredo Rangel (segunda década do século XX) e *Doidinho* de José Lins do Rego (1933), especialmente o primeiro, reconhecem o valor das práticas recreativas.

Em *O Ateneu*, fazia-se a festa da ginástica, que dispunha de um professor específico. Solenizavam-se os exercícios ginásticos, dias após o encerramento das aulas, promovendo-se a festa da educação física, seguida de distribuição de prêmios. Entre esses exercícios apareciam a barra fixa, as acrobacias (ao trapézio, às perchas, às cordas, às escadas), as pirâmides humanas, os saltos, os páreos de carreira e as lutas romanas. Observava o professor que os jovens pareciam alegres.[4] Havia um salão suplementar para os recreios, vantajoso nos dias de chuva. O pátio era péssimo, metade de um quadrilátero, fechado pelo meio por duas alas de edifícios. Um fiscal de recreio, com um caderno na mão, inspecionava e controlava as diversões dos alunos. Não conseguia evitar os sofrimentos dos novatos à mercê das pancadas dos veteranos, que os cercavam e os torturavam com pancadas "fraternas".[5]

Combatiam o tédio "corruptor", no dizer de POMPÉIA, a grande enfermidade da escola, jogando peteca, inventando bolas elásticas, seguida das bolinhas de vidro. A seguir, aparecia a "amarela", que consistia em retângulos, tecidos a giz no assoalho ou riscados na areia, chamados "casas" ("descanso", "inferno", céu"), sobre as quais se lançava uma pedrinha

---

[3] Jean-Claude CARON, Os jovens na escola; alunos de colégios e liceus na França e na Europa (fim do séc. XVIII - fim do séc. XIX), in: *História dos Jovens*, v. 2, p. 158-160.

[4] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 14-18.

[5] Raul POMPÉIA, *op. cit.*, p. 29.

chata em viagem de pulos.[6] Vinham, depois, os jogos de corrida, sobressaindo o chamado "chicote queimado". Variava, no pátio central, a recreação entre a revoada de pernas, o estalar das bolas que passavam como obuses acertando os alvos e as bolinhas coloridas de gude. Havia, ainda, os jogos parados, cujas moedas usadas circulavam sob a forma de penas, de selos postais, de cigarros e do próprio dinheiro oficial, sem falar no baralho. Apesar de as transações em dinheiro serem proibidas, circulavam outros jogos e tipos de moeda, predominando o selo. No Ateneu, formavam-se grupos de dois para tudo. Os exercícios físicos eram realizados à tarde, uma hora após o jantar, para que os estudantes pudessem balançar-se na barra fixa, pelas curvas de perigo, para o esvaziamento violento do estômago.[7]

## 1. LITERATURA SALESIANA NO BRASIL SOBRE OS ESPORTES

Em 1905, a revista *Santa Cruz*, editada pelos Cooperadores Salesianos e Amigos, sob a responsabilidade do Liceu Coração de Jesus, publicou uma série de artigos sobre o assunto, com o objetivo de, escrevia VERACRUZ, "levantar um brado em prol da educação física tão descurada" no Brasil, mostrando ainda os avanços desta atividade em diversos países europeus.[8]

Efetivamente, já havia divisão quanto à sua finalidade. A ginástica do Coronel Francisco Amorós y Ondeano, marquês de Sotelo (1770), e de Friedrich Ludwig Jam (1778-1852) visava preparar bons soldados para a pátria, enquanto a do sueco Pehr Henrik Ling (1776-1839), "a educação física do povo pelo povo", denominada ginástica sueca, racional, científica, higiênica, terapêutica, calistênica, educativa e democrática. O sistema de LING propunha a boa postura e se mostrou superior ao sistema franco-alemão (de Amorós e de Jam), chamado de "mirabile monstrum", que gerava deformidade e, por isso mesmo, condenando sua aplicação às crianças.[9]

---

[6] Este jogo ainda existe e é praticado especialmente pelos alunos de Educação Infantil e primeiras séries do Ensino Fundamental.

[7] Raul POMPÉIA, *op. cit.*, p. 85-86; 33, 39.

[8] Vera-Cruz, Educação Physica, in: *Santa Cruz*, 5 (9): 379-382, jun. 1905. Não encontramos o nome completo do autor ou da autora.

[9] Ibid.

VERA-CRUZ, após afirmar as vantagens dos exercícios ao ar livre por serem mais naturais, estendeu-se com explicações sobre a marcha ou o passeio, a corrida e o pulo ou o salto. Reprovava como perigosos a luta e o levantamento de pesos, dois exercícios da ginástica atlética. Mostrava algumas vantagens do pugilato ou *box* francês, da patinação ou "skating". Citava outros como o tiro ao alvo, o "lawn-tennis", "cricket", pelota ou frontão, beisebol, "golf", futebol, equitação, ciclismo, natação e regatas", com algumas explicações sobre os quatro primeiros.[10]

LEAL, no início da segunda década deste século, publicou uma série de artigos sobre "diversões", que parece ilustrar o assunto em tela naquele momento histórico. Apresentava a discussão sobre o assunto. Alguns afirmavam, categoricamente, "que quem se diverte, perde-se". Já os bons teólogos diziam que as diversões eram necessárias, pois traziam a distração, a alegria, o caminho da perfeição.

Havia, segundo ele, um consenso entre os educadores, mesmo os mais austeros, como os Jesuítas, que preferiam mais lidar com os alunos alegres do que com os tristes. Aqueles são mais francos, mais acessíveis e mais fáceis de ser orientados, ao contrário destes. Até os mestres de vida espiritual apreciavam mais os "postulantes folgazões e falantes" que os "quietos, tristes e cabisbaixos", porquanto daqueles provêm bons religiosos ao passo que estes, muitas vezes, se tornam futuros inimigos da Igreja. Entre os Salesianos, porém, as diversões desportivas eram práticas correntes, sem discussão.[11]

E se a diversão produz a alegria, não pode ser uma coisa má, porque ela se distingue muito bem da perversão ou perversidade de quem se diverte e nela reside, não na diversão.[12]

---

[10] VERA-CRUZ, *op. cit.*, 5 (10): 435-438, jul. 1905. No artigo seguinte (5 (11): 484-485, ago. 1905), apresenta o plano de educação física do higienista italiano, Teodoro Gatti, em sua obra *Igiene e terapia.* Como se vê pelos nomes, trata-se de um modelo de esportes, predominantemente inglês. Os citados, na última oração do parágrafo, em itálico, tiveram grande desenvolvimento, com exceção do frontão, especialmente a partir dos inícios do século XX.

[11] No art. 1º do Cap. XIV, afirma-se categoricamente: "O passeio é um exercício muito útil à saúde, e por isso quando o regulamento o prescreve, nunca deveis eximir-vos dele". Escrevia alguém na revistinha do Colégio Dom Mourão dos Salesianos, de Lins: "O colégio salesiano, além de distinguir-se na parte cultural e espiritual, destaca-se também nos variados esportes." (*O Salesiano,* 1 (2): 3, mai. 1957).

[12] Gastão Camara LEAL, Diversões, *Santa Cruz*, São Paulo, 13 (68): 308-309, ago. 1913.

LEAL mostrava ainda o fato, altamente significativo, de o Papa Pio X não só presidir, mas também promover, nos jardins do Vaticano, uma festa de premiação a rapazes campeões em várias modalidades de esporte, pois a diversão constitui um descanso para nossas obrigações. O antigo princípio "Mens sana in corpore sano"[13] mantinha sua atualidade. Este Papa, depois canonizado, ensinava que a perfectibilidade está no trabalho físico temperado e retemperado pela aplicação intelectual. Aqueles estudantes, aplicando-se ao estudo das letras e das ciências, demonstravam publicamente que não descuravam os exercícios físicos, tornando-se homens fortes, robustos, capazes de enfrentar as vicissitudes da vida, pois os esportes são meios de vida e não de morte.[14]

Como diversões, enumerava a leitura de jornais, revistas e periódicos *bons* naturalmente, porque informam, instruem seções literárias, históricas, humorísticas, críticas, etc., porquanto o humorismo diverte, a sátira faz rir, e isto alegra, desopila o fígado e quem se alegra e se diverte, aproxima-se de Deus.[15] O romance, por exemplo, é uma diversão absorvedora que está no hábito de pessoas de todas as idades. Lembra que Júlio Verne utilizava este instrumento para difundir a ciência. Esta classe de livros de leitura menos cansa e muito diverte. Não é proibindo o romance, as novelas, os contos que se evita a sua leitura, mas é colocando à disposição das pessoas apreciadoras deste gênero bons romances que respeitem a moral e acatem os bons costumes, como fez o Cardeal inglês Wiseman, ao escrever *Fabíola.* O próprio Dom Bosco escreveu vários romances. As *Leituras Católicas* publicavam sempre pequenos contos para os jovens, como, mais tarde, nos finais da década de 20 e inícios dos anos 30, fazia a revista dos alunos do Liceu Coração de Jesus, *O Liceu.*[16]

---

[13] JUVENAL, na Sátira X, trata dos absurdos dos votos e dos desejos dos homens endereçados a obter dons e qualidades que freqüentemente se transformavam em prejuízos. À questão: "Os homens não deverão pedir nada aos deuses?" Responde entre outros com o famoso verso: "Orandum est, ut si mens sana in corpore sano". Não está fora de assunto lembrar como o pensamento pagão concorda com o pensamento cristão, expresso na oração do Ofício de Nossa Senhora: "Concede nos... quaesumus, Domine Deus, perpetua mentis et corporis sanitate gaudere". Vide nota 5, em C. Leôncio da SILVA, *Pedagogia Speciale Pratica: L'Educando*, p. 98.

[14] Camara LEAL, *op. cit.*, 13 (9): 364-366, set. 1913.

[15] Id., *op. cit.*, 13 (10): 399-402, out. 1913.

[16] Id., *op. cit.*,13 (11): 433-438, nov. 1913. Dom Bosco escreveu dois contos pedagógicos, a saber: *La forza della buona educazione; episodio contemporaneo,*Torino, Tipografia Paravia e Comp., 1855 e *Valentino o la vocazione impedita: episodio contemporaneo*, Torino, Tip. Dell. Oratorio di S. Franc. di Sales, 1866. No Brasil, o Pe. Edgard de Aquino Rocha, doutor em Teologia, escreveu, entre 1929 e 1933, em *O Liceu*, informativo escolar dos alunos, uma série de contos muito apreciados pelos alunos e assinantes.

O articulista LEAL considerava o cinema como um perigo atual, "que diverte, deleita e instrui e pode moralizar", sendo, portanto, uma diversão *útil*". Era o cinema o causador da crise do teatro, porque muitos de seus salões se vinham fechando frente à avalanche assombrosa do cinema, o que acontecia então em toda parte. Era o divertimento da época, já encravado na sociedade atual, porquanto proporcional ao conhecimento do mundo inteiro: costumes, hábitos, vida íntima dos povos e de todos os lugares sem distinção. Na época não havia o cinema falado. Por isso é que o autor afirma "uma coisa é ler e outra é ler, vendo o que se lê - no mesmo instante". Além disso, era uma diversão barata, ao alcance de todos. Criticava ele os padres que atacavam o cinema em geral: "o rebate é contra o mau cinema", pois já era adotado nos "colégios católicos, de permeio com os exercícios de declamação, nas representações dramáticas"; usado no "ensino do catecismo às crianças, nas próprias igrejas". "Se é uma diversão que agrada ao povo", dizia ele, "devemos aproveitá-lo para educar e para moralizar a arte".[17]

Em seus artigos, aparecem a diversão, a dança,[18] a pintura,[19] a música,[20] a escultura[21] e os jogos. Desses, nos colégios salesianos, a dança aparecia raramente na fase deste estudo.

O jogo, segundo ele, "é tudo que denota movimento, vida". Em sentido estrito, considerava o jogo como "uma diversão estabelecida com regras certas, e na qual, por vezes, aparecem combinações diferentes de cálculo, de movimento ou de acaso".

Entre os jogos, destacava-se o "esporte", que compreende uma grande variedade de diversões para desenvolver o ser humano na sua parte física, nas múltiplas manifestações de movimento e de exercício. Faziam parte integrante da educação escolar. Enumerava entre eles a ginástica, os exercícios militares e até a própria guerra. Em qualquer aplicação do nosso ser físico, existe a ânsia e a vontade de vencer. Nesse sentido, até a própria vida é encarada como luta perpétua, em que aparecem vencedores e vencidos.

---

[17] Camara LEAL, Diversões: O cinematógrafo, Santa Cruz 14 (1): 16, jan. 1914.
[18] Id., Diversões: a dança, Santa Cruz 14 (2): 64-66, fev. 1914.
[19] Id., Diversões: a pintura, Santa Cruz 14 (4): 139-142, abr. 1914.
[20] Id., Diversões: a música, Santa Cruz 14 (5): 181-183, maio 1914.
[21] Id., Diversões: a arquitetura, Santa Cruz 14 (8): 325-327, ago 1914.

Há também os jogos do espírito nos quais se fazem valer a sagacidade, os conhecimentos literários ou científicos, bem como a presença de espírito, como o jogo do amigo, o jogo de prendas, o de disparates, os enigmas, as charadas, os logogrifos assim como as cartas de baralho, os dados, as esferas, os peões, os jogos de paciência, o truque, o dominó, as damas, o xadrez, etc. Todos eles constituíam passatempos que não ofendem a moral. Citava São Luís, Rei de França, por exemplo, que gostava de divertir-se jogando xadrex, assim como Carlos Magno. O bilhar, se jogado moderadamente, exige o exercício da inteligência na aplicação das suas regras, como no descobrimento de novos efeitos ou combinações de tabelas. A entrada do dinheiro no jogo, infelizmente, o corrompeu e o inutilizou, o que ocorreu especialmente com o jogo do bicho, da roleta e da loteria.[22]

Na quarta década, um pedagogo salesiano, Pe. Carlos Leôncio da SILVA, dedicava quarenta e oito páginas de seu livro à Educação Física, que, além de desenvolver a parte teórica, relatava a prática vivida nos colégios salesianos e dava orientações para que esta prática fosse adequada. Ao tratar dos brinquedos e desportos, trazia uma página e meia muito interessante sobre o assunto:[23]

*...Vamos dar os parabéns a essa geração jovem, deste século vinte, porque os que fomos ainda educados no século passado não tivemos a dita de ver muitas vezes o sol, a não ser pelas frestas de uma janela semiaberta, nas antigas salas de nossas escolas. Horas e horas, passávamos sentados, grudados, diríamos melhor, ao banco duro e apoiados àqueles mastodônticos mesões das escolas públicas, elas também encravadas, coitadas, nalguma sala de frente da residência do professor. Das nove da manhã até ao meio-dia era aquilo mesmo, ali sentados sem se levantar a não ser para as necessidades imprescindíveis de que não é bom falar, obtida a licença mediante uns meios que fariam rir aos alunos de hoje...*

---

[22] LEAL, *op. cit.*, 14 (3): 107-110, março 1914.

[23] Carlos Leôncio da SILVA, *Pedagogia; manual teórico-prático para uso dos Educadores; O educando e sua educação*, com prefácio do Prof. Everardo Backeuser, S. Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1938, pp. 109-159. Do mesmo autor é outra edição, ampliada, intitulada *Pedagogia especiale pratica: L'Educando*, Torino, Società Editrice Internazionale, 1951, p. 102-175. Era sacerdote salesiano, doutor, co-fundador da Faculdade de Educação, em Roma, técnico da UNESCO, autor de muitas obras no setor da educação, um dos primeiros diretores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, onde era também professor.

Em falando dos brinquedos de seu tempo e dos brinquedos de sua época de aluno, acrescentava:[24]

*Hoje, os nossos ótimos grupos escolares! Dá até vontade de tornar a ser aluno. Campos de correr e saltar à vontade, palestras de ginástica com seus instrumentos e armações de todo o gênero, desde a barra fixa à paralela, do trapézio e das escadas de cordas ao passo de gigante e aos balanços de várias formas e sistemas, carros e carrocéis, os jogos de agilidade e esses de nomes e importação estrangeira, que melhor que seus patrícios humanos se fixaram entre nós. O famigerado futebol, o voleibol, o basquete, o tênis, o pingue-pongue, que vieram suplantar ou mesmo eliminar os jogos realmente poucos que constituíam o patrimônio diversivo dos meninos de nossa terra no século passado.*

*Deus me livre de pretender, por um extremado e descabido nacionalismo, dar os passaportes a esses jogos estrangeiros e mandá-los a suas terras, voltando os nossos jovens a brincar o coelho não sai, a boca do forno ou cirandinha, e horas esquecidas nos salões, no brinquedo do anel, da berlinda ou para que sai e como é. Nada disso!*

O autor lastimava o exagero e a inadaptação desses jogos ao nosso clima e à natureza de nossos alunos, quando são praticados ao meio-dia e sob um calor sufocante, o que ocorria nos colégios salesianos.

Anteriormente, tratamos dos grandes espaços territoriais dos colégios salesianos, complemento necessário das estruturas arquitetônicas para a prática esportiva e de lazer. Os Salesianos, no Brasil, receberam ou adquiriram grandes espaços, com terrenos extensos, quase sempre superiores a um hectare e meio. Nota-se a preferência total dos Salesianos por grandes áreas territoriais, quase sempre bem localizadas. Aqui, citamos apenas os colégios mais antigos, mas os novos não deixam a desejar quanto a este aspecto.

Na introdução dos prospectos, fazia-se o "marketing" da instituição,[25] descrevendo-se os aspectos físicos relevantes, sempre otimistas, do

---

[24] Carlos Leôncio da SILVA, *op. cit.*, p. 153-154.

[25] A importância do *marketing* aparece nos colégios da época. Os três romances clássicos mostram a grande preocupação e verdadeira obsessão pelo bom nome das escolas de suas propriedades, das quais faziam intensa propaganda e o diretor-proprietário do colégio sul-mineiro, centro do episódio narrado por Godofredo Rangel, não tinha escrúpulo algum em corromper as autoridades fiscalizadoras do ensino.

clima, da geografia e das instalações dos edifícios, embora, na correspondência individual, se expressassem queixas contra os mosquitos e o calor (como os salesianos do Colégio Salesiano de Niterói).

## 2. OS RECREIOS E OS ESPORTES NOS COLÉGIOS SALESIANOS

A pedagogia do pátio faz parte da identidade do projeto educativo de Dom Bosco para tornar a vida do estudante mais alegre, divertida e espontânea.[26] Nos Estatutos e Programas do Liceu Coração de Jesus, já estava estabelecido o seguinte:[27]

*Além dos recreios que, a intervalos no dia, o horário proporciona aos alunos, eles receberão lições teórico-práticas de ginástica higiênica e de exercícios militares. O fim exclusivo é de robustecer o organismo dos alunos e estabelecer neles o justo equilíbrio em suas forças físicas e intelectuais.*

*Para a parte higiênica adota-se o método sueco, reconhecido o mais científico e prático, seguido na quase totalidade dos institutos de instrução pública e particular dos países da Europa.*

*Aos alunos aprendizes, em particular, ensinar-se-ão exercícios e movimentos próprios a prevenir ou corrigir posições viciadas que deformem o corpo, provenientes do ofício que exercem.*

O *Annuario* do Liceu N. S. Auxiliadora, de Campinas, traz uma página da doutrina corrente na época sobre o assunto e praticada nas instituições salesianas:

*Os brinquedos são a paixão das crianças, porque neles sentem retemperar-se as forças e aumentar a vida.*

*Quantos brinquedos não conhecem as crianças! Por isso não é necessário trabalhar tanto para que os meninos se divirtam; é suficiente, o mais das vezes, aconselhar aos que sabem, e só introduzir novos brinquedos de vez em quando para que os recreios sejam animadíssimos. Os institutos escolares que souberem organizar um bom sistema de jogos adapta-*

---

[26] O *Regulamento para as Casas da Congregação de S. Francisco de Sales, Cap. XIII, art. 3 e 9 e todo.* Vide em apêndice, mostra a sua importância dedicando-lhe um capítulo (o capítulo XIV), além de outras referências como os art. 3 e 9 do Cap. XIII.

[27] *Estatutos e Programmas do Lyceu do Sagrado Coração; artes, officios e commercio,* 1908.

*dos à idade, ao sexo, e à natureza dos meninos, satisfazendo à dupla necessidade da diversão e ao do desenvolvimento físico, possuem um dos meios mais próprios para tê-los alegres e de bom humor, e dobrar-lhe a vontade para o estudo e à disciplina; escreveu um celebre pedagogo italiano.*

*Os brinquedos, além de serem rica fonte de qualquer sentimento nobre, e meios eficazes para meter em exercícios todos os músculos, abrandar e fortificar as articulações, aumentar a circulação do sangue, são utilíssimos para exercer ao mesmo tempo a força, a agilidade, a inteligência e o juízo porque todos os sentidos do corpo humano dirigem-se para o mesmo fim (Daryl).*

*O brinquedo dispõe à benevolência e à bondade; e os meninos que deles se afastam completamente ou são doentios, ou são maus (Giuffida). Finalmente os brinquedos concorrem sobre maneira para alimentar os sentimentos de amizade, sociabilidade e solidariedade. O mesmo diga-se do "Esporte" desde que seja bem regrado e atendido com moderação.*[28]

Dom Bosco quis que a autoridade estivesse bem próxima e a serviço dos jovens, jamais para rebaixá-los, como se afirmou supra. No pátio não deve haver diferença entre alunos e dirigentes, ou "superiores" como eram chamados. É o que testemunha uma observação feita pelo redator dos *Apontamentos* na introdução ao anuário de 1921:[29]

*Para cultivar esse espírito de família, muito concorre a animação que os Assistentes de cada Divisão procuram dar aos folguedos em que, durante os recreios, se entretêm os seus assistidos. – Os Assistentes se põem à frente de todo o movimento esportivo, animando-o, entusiasmando-o mesmo, com a sua cooperação viva e eficaz.*

Para facilitar o congraçamento familiar com os alunos, mesmo no pátio, os edifícios devem ser construídos de modo que os escritórios dos Superiores devem estar de portas abertas para qualquer aluno, a qualquer hora, sem intermediários ou recepcionistas.

---

[28] *Annuario do Lyceu N. S. Auxiliadora*, Campinas, 1918, p. 88.

[29] *36.º Anno Lectivo do Lyceu Coração de Jesus, 1921*, p. XIX-XV.

Na quarta década deste século, pareceu haver dificuldades gerais quanto esta praxe, já que um Provincial denunciava irregularidades:

*Aquilo que modifica e transforma o menino é o recreio nos pátios, não os sermões. É a vida de pátio que forma os moços, mediante a nossa presença, a nossa conversa (que deve comunicar-lhes sempre algo de edificante) nossa participação aos seus jogos.*[30]

*Nosso apostolado nasceu na vida dos pátios; da vida dos Oratórios Festivos. Era no pátio que D. Bosco conquistava os corações dos jovens. D. Bosco e seus Salesianos não devem jamais ser imaginados a sós. O Salesiano genuíno conhece-se no pátio. Dom Bosco quer que ali esteja com os meninos, não à maneira de carcereiro, mas na qualidade de irmão. São palavras dele: "Os jovens percebem que são amados naquilo que é do gosto deles; perceberão também que são amados naquilo que não lhes agrada".*

*Que não se deva dizer olhando-se o pátio na hora do recreio: mas onde estão os Superiores? Os Assistentes? O Conselheiro? O Catequista? O Prefeito? O Diretor? TODOS OS SUPERIORES DEVEM ACHAR-SE NO PÁTIO DURANTE AS HORAS DE RECREIO.*

*Batinas não passeiem a sós, ou dois a dois. É necessário tornar-se o ímã dos meninos, de maneira que, ao aparecer um superior no pátio, os jovens se lhe corram ao encontro".*

*Caros Diretores, desenvolvei nas confrarias esses princípios, aqui apenas esboçados: são alma do nosso sistema salesiano*

*E aqui termino.*

*Silvânia, 24 de fevereiro de 1945.*
*Pe. Ernesto Carletti.*[31]

O "Regolamento",[32] ao tratar da recreação, expressava "o vivo desejo que todos..." pudessem "participar de algum brinquedo, em uso" entre os Salesianos, "na maneira e na hora permitida", afirmando que "é a melhor atração ("alletamento") para a juventude. O aluno se contentasse com os brinquedos oferecidos e se entregasse aos jogos no lugar indicado, sendo

---

[30] Realce nosso.

[31] Arquivo da Missão Salesiana de Mato Grosso.

[32] O *Regolamento per le case della Pia Società di S. Francesco di Sales*, edição de 1906, de dois volumes, com 338 páginas, num total de 1.406 artigos, mostrava a tendência forte da Congregação Salesiana, nos inícios do século XX, em procurar regulamentar toda a vida religiosa e todas as suas atividades dos Salesianos, inclusive a recreação.

proibido falar de assuntos de política ou leituras de jornais ou leituras" outras sem aprovação do Diretor, como os jogos a dinheiro e comestíveis.[33]

Os jogos recomendados eram "as piastrelas, o balanço, a perna de pau, o tiro ao alvo com uma bola, o passo de gigante, o bota o rabo no ganso, as corridas, a barra-comprida, as bochas; exercícios de ginástica, o comerciante, os ofícios e qualquer jogo que pudesse contribuir para a destreza do corpo". Eram preferidos os jogos que movimentassem, simultaneamente, o maior número de alunos. Eram "proibidos, porém, baralho, bola, futebol (!?), gritos imoderados, perturbar os jogos dos companheiros, jogar pedras, danificar as plantas, inscrições, grafites ou pichamentos". Também proibia "as brincadeiras de mão", ou "agarra-agarra", em nossa linguagem, "os jogos em que se usam beijos ou carícias, as palavras inconvenientes, os modos que demonstrassem desprezo aos companheiros, uma que vez todos deviam ser considerados filhos de Deus e amar-se mutuamente como irmãos. Ao toque do sino ou da sineta cada um devia encerrar os jogos e entregar os brinquedos". "O nadar ou ver nadar" era proibido, como "uma das faltas mais graves, como graves ameaças à alma e ao corpo".[34] Era, em linhas gerais, o modelo traçado, de inspiração ítalo-piemontês.

Os brinquedos eram confiados a vários vigilantes, pois não se admitiam alunos sozinhos durante as atividades recreativas. No Brasil, as recreações mais longas costumavam ser depois do almoço e depois do jantar. Determinava, ainda, o "Regolamento" que o trabalho mental não superasse duas horas e meia nem os recreios fossem demasiados longos, regra esta normalmente praticada.[35]

Em outro artigo desse "Regolamento", solicitava-se a todo salesiano que se esforçasse em cooperar para que fossem mantidas aquelas recreações vivas e animadas, que são nossa característica, uma vez que não se podiam esperar, dos jovens, atividades eficazes no estudo e no trabalho, e nem segurança em sua virtude, quando não houvesse bons recreios.[36]

---

[33] *Regolamento*, edição de 1906, n.os 1192, 1234-1235.

[34] *Regolamento*, edição de 1906, n.os 1193-1195, 1236-1238, 1240,1256. Nos Oratórios Festivos, os horários determinados para os jogos estavam fixados das 10 às 12 horas e das 13 às 14 horas, e ao término das funções religiosas até a noite. Os pontos de admiração e de interrogação é nosso.

[35] *Regolamento*, art. 371.

[36] Id., art. 377.

No Liceu, desde os primeiros dias de sua fundação, seu diretor brincava com os meninos, o que não deixou de provocar escândalo no clero local. O sacerdote – era o primeiro diretor – pulava brincando de "galinha voa" com os meninos.[37] Não existem, porém, muitos dados escritos sobre os desportos nos anos iniciais dos três colégios em questão. Aparecem algumas fotografias de 1889, em que se praticam exercícios de evoluções militares.

Praticava-se, também, ginástica, especialmente a sueca, como se pode depreender de algumas fotos de 1909. A revista *Santa Cruz* apresentava, em 1910, uma foto de exercícios ginásticos, que ocupavam todo o pátio do Liceu Coração de Jesus. Em 1911, o Marechal Hermes da Fonseca, Presidente do Brasil, ao visitar o Colégio Salesiano Santa Rosa, assistiu a uma demonstração de ginástica dos alunos, prática desportiva que mais crescia, depois do futebol, nos colégios salesianos.[38]

Havia outros jogos? No Ginásio São Joaquim, apareciam, em 1912, jogos com prêmios aos vencedores, que se realizavam de vez em quando, como "corrida rasa, corrida de quatro patas (ou corrida dos batráquios), corrida para trás, corrida com uma perna só, corrida com vela, saltos em altura, saltos em comprimento, luta geral de tração, 'pillow-fight'".[39] Em 1914, a ginástica dividia-se em duas categorias, ou seja, ginástica em armas e ginástica sueca. Praticava-se, ainda, a esgrima. No ano seguinte, pelo grande entusiasmo esportivo, havia uma variedade de esportes olímpicos "interessantes", acompanhados de distribuição de prêmios. Além dos jogos, acima citados, acrescentavam-se os obstáculos, o frontão, as corridas de resistência (4.000 m), o "pillow-fight" com cilindro oscilante, o que dificultava o equilíbrio para quem o cavalgava, o concurso de caretas, arremesso de peso, a barra bandeira,[40] a corrida hu-

---

[37] Luiz MARCIGAGLIA, *Os Salesianos no Brasil*, v. 1, 40-41.

[38] Id., *op. cit.*, p. 116. Ainda mais fotografias, *Santa Cruz*, 10 (4): 91, jan. 110; e vol. 10, p. 137. Convém observar que dirigia a revista *Santa Cruz* o Pe. Helvécio Gomes de Oliveira, posteriormente arcebispo de Mariana (MG), que participou do Capítulo Geral de 1904, do qual partiu a deliberação para a confecção do Regulamento, edição de 1906, e conhecia muito bem as suas determinações sobre a recreação e os esportes nas instituições salesianas.

[39] *O Grêmio*, 2 (4): 8-10, jun. 1912. Esta revista era da responsabilidade dos ginasianos do Colégio São Joaquim, pertencente ao Grêmio Joaquim Nabuco, que perdurou até 1940, quando o internato foi fechado para ser transformado em Seminário.

[40] O jogo de "barra" e a "barra bandeira" apareciam como um dos jogos praticados e animados no Liceu Coração de Jesus, com distribuição de prêmios às equipes vencedores, para evitar, quando não havia futebol, ficassem os alunos parados nas recreações. Cfr. *Annuario do 30.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus, 1915*, p. 20.

morística.[41] O "lawn-tennis" foi inaugurado em 1913, com um discurso pronunciado por um aluno.

A prática de nadar parece ter sido corrente nos colégios brasileiros, dado ser costume proveniente da era colonial. Aparece claramente esta prática nos prospectos do Liceu N. S. Auxiliadora, de 1917. O Liceu Coração de Jesus possuía uma piscina para o ensino da natação em seu subsolo, entre os anos 20 e 30. Em 1926, encontramos um pequeno artigo, na revista dos alunos do Liceu, que justificava a sua prática, citando Georges Hébert, da Marinha Francesa e diretor técnico do Colégio de Atletas de Paris, que em resumo dizia o seguinte:[42]

*'A natação é o exercício por excelência' (...) ... o mais completo de todos os exercícios... deve ser ao mesmo tempo 'higiênico, estético e utilitário': deve desenvolver a força muscular propriamente dita, bem como a força de resistência e fazer adquirir a agilidade tanto quanto a energia moral.*

Foi construída uma piscina na chácara de sua propriedade, no "Chora-Menino", no início dos anos 20 e fechada nos inícios da década de 40 devido à morte de um aluno.[43] Não foi encontrada documentação que permitia aos alunos banharem-se quando de passeios à praia ou a rios. Mas é difícil negar ter havido desobediência a essa norma... Em 1938, Pe. Carlos Leôncio da SILVA, embora constatasse o entusiasmo de quase toda criançada pelo banho nos passeios, pelo número de alunos, pela confusão natural, mesmo que não houvesse "inconvenientes de ordem moral, tudo desaconselhava semelhantes alegrias" acrescidas a tais passeios, que "se tornam por vezes até séquito fúnebre de vítimas tardiamente pranteadas".[44]

---

[41] Existiam ainda outros jogos, como "barra-manteiga", que consistiam em correr até um ponto e voltar; fazendo ponto se não fosse tocado antes; a "bola de guerra", em que os esportistas eram divididos em dois grupos, o objetivo era atingir o adversário com uma bolinha de tênis; o "corta-corta", que consistia em passar na frente de outro, perseguindo o adversário, ao mesmo tempo em que era perseguido.

[42] *O Lyceu,* 1926, p. 338. A piscina interna do Liceu, situada no subsolo do prédio em que está instalado o governo da Província Salesiana de S. Paulo, desapareceu posteriormente, em data não conhecida!...

[43] *36.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus; ensino preliminar, profissional e de preparatórios,* 1921 p. IX-X. Nesta chácara de 81.000 m², havia um campo oficial de futebol, e quatro menores, onde os alunos das quatro Divisões praticavam esportes, nos passeios regulamentares das quintas-feiras, além de refeitório, cozinha, despensa, água encanada e instalações sanitárias.

[44] Carlos Leôncio da SILVA, *op. cit.*, p. 150. Aduzia ele à sua experiência de educador.

Até mesmo as piscinas internas dos colégios,[45] escrevia ele, "precisavam ser muito vigiadas, não só pela higiene e segurança..., mas sobretudo pelas condições sanitárias dos alunos, para evitar" riscos de infecção. Nunca se deveria misturar "meninos de pouca idade com rapazes e homens", mesmo observadas as regras mais imperiosas do decoro e da modéstia cristãs.[46]

Os anuários do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, de Campinas (de 1918, 1919 e 1920), trazem uma série de jogos como a bola envenenada (ou "queimada"), a peteca, o pega-pega (que já tinham caído da moda entre os alunos da Divisão dos Maiores), a barra-bandeira (ou pique-bandeira, bandeira, bandeirinha), barra-manteiga (que consistia em prender o adversário num "chiqueirinho" ou quadrado), barra comprida ou pega-corrente, o soldado (ou polícia) e o ladrão, o pega-pega, o pau-ferro, o pai Jerônimo, a bicicleta, os patins, o jogo de bola de pano ou "canindé" (pelada jogada com seis jogadores, inclusive o goleiro, para esquentar a Divisão, nos pátios pequenos),[47] o jogo de bolinhas, a amarelinha, o cavalo pula, o caracol, o garrafão, o cabo de guerra, o jogo da galinha do vizinho, o quadrado, o pingue-pongue, o basquete (instituído em 1919), malhas, bochas, guerra de sacos, tamborins, etc.[48]

A ginástica sueca alcançou o auge na década de 20. Em 20 de novembro de 1921, houve um espetáculo no qual foram apresentados 102 números de ginástica sueca e rítmica nos pátios do Liceu Coração de Jesus. Nesse ano, houve "até um número característico: a 1.ª lição de boxe, (...) calorosamente aplaudida..."[49]

---

[45] Na década de 20, praticava-se water-polo, na piscina que o Liceu Coração de Jesus havia construído na Chácara Chora Menino. (Veja-se nos anuários da instituição a prática deste esporte).

[46] Carlos Leôncio da SILVA, *op. cit*, p. 150-151. E acrescentava: "Só mesmo quem nunca trabalhou com esta parte da humanidade ou então já perdeu, ou nunca teve o senso moral e delicado é que não percebe os inconvenientes, para a alma da criança". E concluía dizendo que "as delicadezas de pudor já estavam sendo abolidas na libertinagem dos calções de meio palmo ou dos maillots indecentes". Mais adiante, adverte contra o exagero nos trajes esportivos, prescrevendo por exemplo que os calções cheguem até os joelhos, e contra "a exibição de musculatura e carnação de um belo animal de raça, menosprezando "outras qualidades e manifestações mais preciosas da personalidade humana". Cfr. *op. cit.*, p. 153.

[47] *O Liceu*, 14 (2): 68-81, abr. 1933. Aparecem alguns nomes de jogadores, como Nelson Forster, futuro ator e cineasta, Hilário Torloni, futuro senador, Antônio Cerello, industrial, etc.

[48] *"Recreios e Sport"*, *Annuario do Lyceu N. S. Auxiliadora*, 1918, p. 88-98. Arquivo do Liceu N. S. Auxiliadora, de Campinas, e AISSP. *O Liceu*, 14 (2): 68-81, abr. 1933.

[49] *Annuario do 36.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus*, 1921.

Os anuários dos três colégios privilegiam em suas crônicas, pela ordem, o futebol, o voleibol, o basquete, o pingue-pongue, "water-polo" e, por último, o tênis (predominando, entretanto, os assuntos futebolísticos), com seus relatórios e comentários e fotografias dos times.[50] De vez em quando aparece o "canindé" (praticado nos pequenos intervalos de recreios, nas Divisões dos Médios e Menores). Aqueles esportes de massa são citados em algumas ocasiões, como carnaval, festa de S. João Batista, especialmente.

Era doutrina corrente que nos pátios houvesse muito movimento e se dizia que "água parada cria bicho", e que os grupos ou "rodinhas" favoreciam as "más conversas", as murmurações e críticas. Nos pátios não se admitia aluno sentado, por isso não havia bancos. Daí a necessidade de que houvesse esportes ou brinquedos que favorecessem movimento. Pe. Carlos Leôncio da SILVA retrata o pensamento vigente, quando escrevia em 1938:[51]

*Tempos, modos, duração, tudo há de ser estudado e colhido na experiência. Faz parte da vida de todos os dias, do horário de uma casa de educação. Os meninos não podem, não devem ficar trancados num lugar por muito tempo. Os mesmos estudos e aulas não devem nunca passar além das duas horas seguidas, precisando sempre de um intervalo para espairecer e movimentar o organismo.*

*(...) Desenvolver a inteligência por longos períodos com detrimento do corpo é um erro tão prejudicial como de um animal de raça que se quer levar ao máximo do tamanho e do peso. Mudança, portanto, de ocupações, de recinto, de ambiente: ar novo a respirar, intervalos, recreios, pátios e alamedas, como depois, excursões e desportes, tudo há de estabelecer esta sucessão de trabalhos e ocupações que constituem o verdadeiro ritmo da vida juvenil.*

Em 1933, estava assim sistematizado o gráfico demonstrativo dos vários ramos de educação física do Liceu Coração de Jesus, mostrando, em primeira linha, os esportes anglo-americanos:[52]

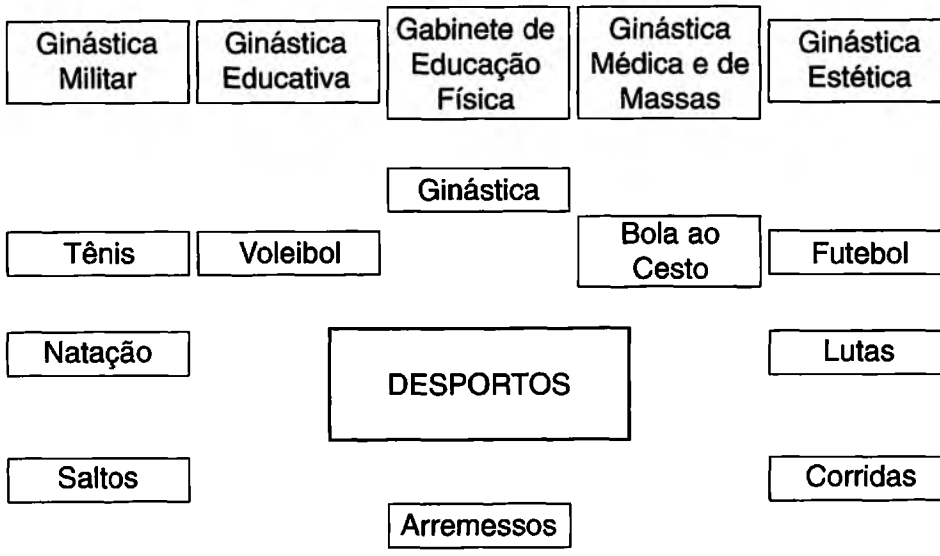
---

[50] O handebol só virá em 1942, quando foi adaptado aos alunos. Cfr. HUGO, Um novo esporte que surge nos pátios do Internato: Hand-Ball, in: *Dom Bosco*, 1944, p. 150. Ainda: *Dom Bosco*, 1942, p. 385.

[51] Carlos Leôncio da SILVA, *op. cit.*, p. 147. SILVA chama o futebol de "famigerado", o que parece atender ao pensar antifutebol já nos anos 30 e vai durar aproximadamente duas décadas.

[52] Crônica Esportiva de 1933, *O Liceu*, 1933, p. 64.

**Mapa 4**
**DEMONSTRATIVO DO CONTROLE E SISTEMATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO LICEU CORAÇÃO DE JESUS (SISTEMA EDMUR BARBOSA DA SILVA)**




Significativo o artigo, publicado na revista *Dom Bosco*, do Liceu Coração de Jesus, resumindo uma palestra de Suzana Lengler, campeã européia de tênis, extraído de *Conferência,* revista quinzenal da Universidade de *Les Annales,* de Paris, intitulado 'Esporte - Alimento de saúde e garantia da raça". Segundo a tenista, o esporte não é um acessório, um divertimento, mas "uma necessidade absoluta e uma das características essenciais da vida moderna. É uma ocasião de utilizar a totalidade de nosso indivíduo num só ato" e, portanto, necessário para "conservar o equilíbrio, a saúde moral". E para que haja esta unidade, é preciso que "haja luta onde a inteligência, a decisão e força moral entrem em jogo, aliadas e combinadas com força física, a velocidade e a destreza". Os esportes que reúnem estas qualidades são esportes superiores. Não é formação de campeões o objetivo principal e/ou único da educação física, que deve ser praticada dentro de limites moderados de tempo e de espaço.[53] O pensamento de SILVA coincide com a doutrina dessa atleta.[54] Possivelmente, a oposição de alguns altos dirigentes salesianos, no Brasil, como foi visto acima, tenha sido provocada por excessos praticados nos esportes.

---

[53] Notas do Sport, in: *Dom Bosco*, 1937, p. 325.
[54] SILVA, *op. cit.*, p. 147-156.

Em 1945, a revista *Dom Bosco* já não trazia a Crônica Esportiva, deixando assim os esportes de serem notícia, perdendo importância para outros assuntos. Apesar de cada vez mais elitizar-se intelectualmente, ou seja, fugir dos interesses culturais dos alunos internos (e também externos), apresentava uma série de artigos sobre as origens do futebol.[55] Em 1946, o Diretor, na primeira página do anuário da escola, faz um comentário intitulado *Pórticos*, como lembrete e testemunha de muita coisa: saudade, tristeza, alegria, recreios, encontros.[56] Mas, em 1948, parece mudar, ao reproduzir uma poesia de Cassiano Ricardo, celebrando "o pequeno vagabundo" que, "em sua inocência, vê, pela vidraça, a lua redonda que passa, imensa como uma bola jogada no céu", poesia esta cuja estrofe final diviniza o futebol:[57]

*É aquele Deus, com certeza*
*de que o vovô fala.*
*Aquele Deus, amigo das crianças*
*que tem uma bola cor de sol;*
*que está jogando noite dia futebol*
*e que chutou a lua agora mesmo*
*por trás do muro e, de manhã, por trás do morro,*
*chuta o sol...*

## 3. O FUTEBOL, REI DOS ESPORTES, AS DIFICULDADES E AS TENSÕES

O futebol do Brasil apresentava-se, já no início de século XX, como "a alma das diversões nos colégios e ginásios normalizados" da América e da Europa. O articulista acrescentava o seguinte:

*A ele se dedicam espontaneamente os alunos e os profanos. que de leve estudam as regras e acompanham os passes durante a partida, não podem não deixar de aplaudir a galhardia, a vivacidade, os lances e os golpes certeiros dos briosos jogadores. É um esporte, sobre todos os aspectos, sensacional. Jogando com regularidade, sob a vigilância dos*

---

[55] O primeiro reproduz um artigo de *O Estado de S. Paulo*, com uma visão histórica negativa do futebol. Cfr. J. R. Pantoia, Alguma coisa sobre o futebol primitivo, in: *Dom Bosco*, 1945, p. 38, ilustrado com uma caricatura.

[56] Anuário do Liceu Coração de Jesus, in: *Dom Bosco*, 1946, p. 1.

[57] Intitula-se a poesia *Martim Cererê, jogador de futebol*. Cfr. *Dom Bosco*, 14, 14 (1 e 2); mar-abril, 1948. No anuário deste ano reaparece o assunto *Divertimentos* (p. 53).

*captains prudentes e ajuizados, que não tolerem excessos e abusos - com que, aliás, não se argumenta - pode ser um ótimo elemento educativo nas mãos dos bons mestres, além do grande, reconhecido auxílio à educação física, tão necessária à raça latina, com os seus bacharéis transparentes e literatos eternamente queixosos da natureza.*

*Isto aprendemos, ao menos dos americanos e ingleses, menos cardíacos faz o futebol, mesmo sob o aspecto violento, do que neurastênicos e queixosos a decantada civilização parisiense, de academias de salas.*[58]

A revista traz algumas fotos de alunos praticantes de futebol, no Liceu Coração de Jesus, em 1905, na revista *Santa Cruz*, o que mostra seu grande desenvolvimento e prestígio nesta escola.[59] Os vencedores do campeonato foram premiados com um livro, intitulado "caça em balão". Aliás, esta revista, em suas fotografias, não retrata outros esportes, senão o futebol, a ginástica e o automobilismo. A proibição do futebol, inserida no "Regolamento", edição de 1906, parece não ter sido posta em prática no Brasil.[60] O articulista mostrava o retrato dos componentes da *Liga* e dizia que eles proporcionaram horas divertidas aos colegas, ao mesmo tempo em que se fortaleciam contra o neurastenismo e a ociosidade.[61]

Pe. Pedro Rota, Visitador Extraordinário, afirmava, em 1908, que os recreios, no Colégio São Joaquim, eram animadíssimos, especialmente desde que foi introduzido o futebol, apesar da constatação feita por alguns de que este jogo, no princípio, se prestou a vários abusos (especialmente jogando com jovens de fora) e ainda favoreceu a animosidade e alguma briga, diz que deveria ser mais disciplinado, para evitar, também, perigos materiais. Mais adiante, observava que, no Liceu Coração de Jesus, o futebol era o único divertimento a entusiasmar a todos.[62]

---

[58] Pe. Rota, novo Inspetor, *Santa Cruz*, 9 (7): 267, mar. 1909. Convém notar que, no dia 25 de março de 1909, se dava a posse do novo Provincial, na pessoa do Pe. Pedro Rota, e, no pátio central do Liceu Coração de Jesus, se realizava um jogo de futebol entre o time dos aprendizes e o dos maiores, assistidos pelos provinciais do Uruguai e da Argentina e muitos diretores de colégios salesianos, o que demonstra que a medida proibitiva do jogo de futebol, no *Regolamento*, edição de 1906, já não vigorava pelo menos no Brasil. Dirigia a revista *Santa Cruz* o Salesiano Pe. Helvécio Gomes de Oliveira, futuro arcebispo de Mariana (MG).

[59] *Santa Cruz*, 5 (9): 379, 381, jun. 1905; 5 (10): 435, 437, jul. 1905; 5 (11): 484, ago. 1905.

[60] Pelo menos até 1939, quando alguns provinciais salesianos tentaram restringi-lo pelo menos nos seminários.

[61] Liga Collegial do Lyceu - S. Paulo, *Santa Cruz* 7 (4): 161-164, jan. 1906.

[62] Pietro ROTA, *Relazione della Visita Straordinaria fatta nell'anno di 1908*, p. 20, 81.

No ano seguinte, ao tomar posse como Provincial, Pedro Rota, um dos números assinalados no programa de atividades festivas, em que estavam presentes outros provinciais da América do Sul, era, precisamente, uma partida de futebol entre estudantes e aprendizes do Liceu Coração de Jesus.

Um aluno, em artigo de *O Grêmio,* afirmava, em 1913: "Grande e entusiástico o movimento esportivo. De um lado, os diversos jogos olímpicos, variados e interessantes, acompanhados de generosa distribuição de prêmios; de outro o famoso esporte bretão, o novo jogo de cada dia, o insuperável futebol".[63] Outro articulista, em 1922, na mesma revista, exaltava, sobremaneira, este jogo:

*Entre todos os esportes, o futebol ocupa, incontestavelmente, o lugar de destaque. Nenhum o excede pela beleza e estética do conjunto, nenhum o iguala pela sua organização íntima, uniforme, simétrica. Tudo nele é atraente. Os elementos componentes cativam-nos, são nossos amigos em que depositamos nossa confiança na expectativa de brilhante vitória. São uma parte de nós mesmos. São uma parte do nosso ser que desprende unido a eles. Coligam-se para a defesa de um nome em torno da bandeira de uma coletividade, de um estado, de uma nação.*

*No futebol não é o indivíduo que conquista um nome, senão uma coletividade, unida pelo mesmo ideal que se bate pela mesma causa. Noutros, a vitória cabe a um só vencedor; em nosso esporte predileto não; a palma é concedida igualmente aos onze heróis. Sobe de importância por isso.*

*A união faz a força, diz o provérbio, e é justamente aqui que se patenteia essa significativa verdade: um elemento fraco prejudica o todo, e a falta de combinação prenuncia o insucesso. Torna-se imprescindível a homogeneidade em força e tática.*

Em seguida, como que para confirmar essas palavras, narrava um jogo por ele assistido e termina com estes dizeres: [64]

*O futebol é o esporte em que se medem as resistências físicas. Além das vantagens apontadas, o jogo das EXTRA sensações tem capital importância para o lado moral. É uma perfeita escola de educação da vontade,*

---

[63] *Annuario do Gymnasio S. Joaquim,* Lorena, 1913.
[64] *O Grêmio,* Lorena, 12 (2): 19-20, abr. 1922.

*uma forja onde se retemperam os caracteres, um elo entre diferentes classes e camadas sociais. É um meio pelo qual se firmam amizades e estabelecem relações internacionais. É o esporte da época, o elemento básico de toda cultura física. Cumpre-nos cultivá-lo com amor e patriotismo, visando sempre a formação do nosso caráter e o nosso desenvolvimento físico.*

Possivelmente, neste pronunciamento do articulista, estão as razões do sucesso do futebol sobre os jogos coletivos, inclusive sobre os provenientes do modelo ítalo-piemontês, nos colégios salesianos, quebrando todas as resistências e oposições.

O futebol de fato despertava o maior entusiasmo. Era o centro das conversas: "... a petizada costumava chamar (...) um **grande dia**, isto é, **um match** de **foot-ball**". No Liceu Coração de Jesus, havia o S. Luiz Futebol Clube, um time imbatível dentro de casa e raramente vencido fora, de modo que era chamado "o invencível S. Luiz", que atraía as torcidas.[65]

Por isso mesmo, ocupava o maior espaço das revistas e anuários, chegando a ser chamado "esporte-rei".[66] Nota-se que os esportes coletivos (os que ocupavam o maior número de alunos), tão comuns nos pátios salesianos, vinham sofrendo, desde a metade dos anos 10, aproximadamente, a pressão e o prestígio do futebol e de outros esportes de origem anglo-americana, que, aos poucos, impuseram sua hegemonia, quase absoluta, fenômeno comprovado pelas reportagens esportivas das revistas mensais das instituições salesianas. Foi até composto o "Hymno dos Footballers", celebrando os valores cívicos e religiosos!...

O mundo é um ground e do homem a vida.
É um match entre os teams do bem e do mal;
O seu coração é qual bola batida,
Shootada por um ou por outro rival.

Sus! Jovens ao campo! Ao match da vida,
Athletas do team do bem contra o mal!
Avante, campeão! Já sorri-nos na lida
O goal da victoria do nosso ideal.

---

[65] *O Lyceu,* 13 (9 e 10): 52, nov.-dez 1930. Também o Liceu tinha o seu time invencível, foi batido, fora de casa, pela primeira vez em 1933, em jogo com o time dos Maiores, internos do Liceu N. S. Auxiliadora, em Campinas. Id., (1933), p. 64.

[66] Ver *Dom Bosco,* 1938, p. 105.

Embalde o inimigo nos shoota e convida
Ao torpe off-side do erro fatal;
Oh! nunca, jamais a nossa alma trepida,
Bafejam-na os louros da gloria immortal!

A nossa bandeira é a bandeira querida,
Que cifra os laureis do valor nacional,
A nossa esperança é na cruz lá erguida,
Que borda de luz nosso céu tropical.

Sus! Jovens, ao campo! Ao match da vida,
Athletas do team do bem contra o mal!
Avante! campeões! já sorri-nos na lida
O goal da victoria o nosso ideal!

Entretanto, desde a primeira década, o futebol gerava dificuldades, especialmente quando era praticado com pessoas ou alunos estranhos ao colégio. Em 1908, o visitador Pietro Rota já anotava os problemas que ocasionavam.[67]

Em visita, o Pe. Pedro Tirone, Catequista Geral, determinou que não se aceitassem partidas de futebol e outros jogos com outros jovens, seja no colégio ou fora.[68] Mas, na década de 40, uma senhora que trabalhou no Colégio Dom Mourão, de Lins, entre 1942 e 1968, atestava que, em geral, os Superiores dos Salesianos "não olhavam bem para o futebol, mas se achavam impossibilitados em tirar o futebol dos... pátios". "Tolera-se", escrevia Pe. Guido Borra, "o ideal era que os clérigos, como eram chamados os seminaristas salesianos, e os coadjutores" (os irmãos leigos) "não jogassem e fossem juízes da partida. Se alguém joga, deixe-no. Cale-se. Feche-se um olho...".[69]

---

[67] Pietro ROTA, *Relazione della Visita straordinaria fatta nel 1908*, p. 39-40.

[68] *Atas das Visitas Inspetoriais do Colégio S. Joaquim, 1909-1990*, 22.04.1931, p. 7b.

[69] Depoimento da sra. Maria Aparecida Ferlin, residente em Lins, que fora cozinheira dos Salesianos. Pe. Guido Borra, italiano, que fora Provincial dos Salesianos do Norte e Nordeste do Brasil e depois de Mato Grosso, em sua circular nº 7, de 3 de abril de 1949, acrescentava que "ruína dos clérigos é o esporte e pior ainda que o cinema". Essa afirmação e os comportamentos apresentados por alguns dos altos dirigentes salesianos da época soam hoje como inexplicáveis e não de acordo com as teorias e práticas tradicionais correntes, apresentadas supra nas revistas e nas casas salesianas!... De fato, uma artigo de *O Lyceu*, intitulado *Dom Bosco e o esporte*, anunciava que uma revista americana, a *D. Bosco Message*, pedia que Dom Bosco fosse "proclamado patrono

Houve, nessa mesma época (década de 40), ainda, um rigorismo acentuado quanto ao uso dos trajes esportivos, como a prescrição de que os calções de esporte deviam estar um pouco abaixo dos joelhos, fato que provocou resistência e mal-estar entre os próprios Salesianos.[70] Era o chamado "calção Dom Bosco": "Grande vigilância se devia exercer no dormitório para obter o devido recato dos alunos; o nudismo e a imodéstia são arrasadores a qualquer vocação, pondo em perigo também a do assistente".[71]

Esta fase terminaria nos anos 50 nos seminários salesianos. Numa revistinha do Colégio D. Mourão, um Salesiano afirmava, em alto e em bom som: "O colégio salesiano, além de distinguir-se na parte cultural e espiritual, destaca-se também nos variados esportes".[72]

O Liceu N. S. Auxiliadora dispunha, em 1917, de dois imensos gramados para toda a sorte de esporte e ginástica ao ar livre, praça de armas para evoluções militares; avenidas para ciclismo, linha de tiro, "rink" patinação e, em vias de acabamento, um tanque para natação e "water-polo". Os alunos tomavam seu banho diário (duchas ou imersão) e às quintas-feiras faziam seus "raides" de quatro a seis quilômetros nos arredores de Campinas (às quintas-feiras).[73]

Já o Liceu Coração de Jesus dispunha apenas de um campo central de terra e mais quatro menores, onde se desenrolavam as atividades recreativas e a ginástica. Em 1919, comprou o Liceu Coração de Jesus uma grande área no bairro então chamado "Chora-Menino", que ampliou a área esportiva no setor do futebol e da natação e também meta de passeios às

---

dos → → esportes e afirmava que os esportes eram florescentes e espalhados nos colégios salesianos e que os estudantes" e Antigos Alunos Salesianos ostentavam com orgulho o nome de D. Bosco em seus uniformes de futebol, bola ao cesto, etc. O articulista atrevia-se em afirmar que "o nome e o espírito de D. Bosco seria em breve a melhor garantia moral e religiosa do verdadeiro esporte..." (*O Liceu*, 13 (5): 31, julho 1930). De fato, a tradição pesou e a campanha não teve prosseguimento.

[70] Pe. André dell'Oca, na circular nº 8 , de 7 de março de 1936, escrevia: "Exige a moralidade que os trajes para jogos e ginástica tenham camisas com mangas e calças até o joelho" (*Pe. Inspetor 1936 a 1965*). A circular nº 7 de Pe.Orlando Chaves explicita melhor: "Eliminem-se dos Colégios as calças curtas e proíbam-se as camisas (mesmo as de ginástica, sendo possível) de mangas curtas e abertas no peito." (*Atos do Cap. Sup. nº 78*, p. 207). AISSP.

[71] Ibid.

[72] *O Salesiano*, Lins, 1 (2): 3, 18 de maio de 1957.

[73] *Prospectos do Lyceu N. S. Auxiliadora*; curso preliminar e commercial (preparação às Escolas Normaes e Gymnasios), Escola Agrícola Campineira (1917, 1917).

quintas-feiras. O Ginásio São Joaquim gozava de três campos de futebol, além da área central, e, posteriormente, foi comprado um sítio em Caxambu, como meta para suas grandes excursões.

Escrevia EVANGELISTA que, no Ginásio São Joaquim, todas as instituições escolares funcionavam normalmente, promovendo seus passeios, conferências, jogos e práticas militares do Batalhão e seus complementos, como aulas de esgrima, os exercícios com armas e ginástica sueca, de tiro ao alvo e de ordem unida.[74] Asseverava que[75] os meninos também tinham energia de sobra, que se não fosse orientada para atividades físicas poderiam resultar em dificuldades de relacionamento mútuo ou com seus educadores. Daí a ênfase que a casa sempre deu aos esportes, como forma de sublimação dessas energias. Eram da própria essência do Sistema Preventivo de Dom Bosco essas atividades dirigidas e sadias, que tanto empolgavam os adolescentes. As páginas dos anuários e da revista *Grêmio* estão recheadas de notícias de esportes, em que os "quadros" uniformizados e sorridentes olham para a objetiva de algum padre ou Assistente de Divisão.

E se nem todos gostavam de futebol, apareciam outras modalidades esportivas, desde o "lawn-tennis" como constava no noticiário, até o tênis de mesa e o ciclismo. Para os sofisticados, os intelectuais, as sessões do Grêmio Joaquim Nabuco davam vazão aos estros poéticos...

Em 1922, o Capítulo Inspetorial já legislava sobre as práticas esportivas da Província e determinava outras providências, que serão apresentadas neste estudo em momento oportuno, a saber:[76]

62 - A ginástica - dentro dos limites fixados na circular de D. Albera... sobre as vocações - faça parte do programa de todos os colégios da Inspetoria e os seus exercícios sejam feitos por todos os alunos, sob a direção de um instrutor idôneo, que siga uma escola racional, graduada e adaptada às diversas idades.

63 - Continuem a cultivar-se os esportes modernos, compatíveis com o nosso sistema educativo, exclusivamente como meio de educação física e recreio e sem prejuízo para os estudos.

---

[74] José Geraldo EVANGELISTA, *op. cit.*, p. 137.

[75] Ibid.

[76] *Dom Bosco*, 1938. p. 293-294.

64 - Os uniformes de ginástica e de esporte obedeçam aos mais rigorosos preceitos de decência cristã; e antes, durante e após a ginástica ou o jogo, se exerça a mais severa vigilância, principalmente na ocasião de se vestir e tirar esses mesmos uniformes.

65 - Não se permitam partidas de qualquer esporte em que entrem elementos estranhos ao colégio.

Nas grandes festas, especialmente a do Pe. Provincial, a parte recreativa era um dos componentes fundamentais, obrigatórios. Eram apresentadas grandes exibições de ginástica, partidas de futebol que se tornaram inesquecíveis na vida dos internos, como narra Tobias Garcez Novaez, aluno do Ginásio São Joaquim, em seu relatório do Grêmio Joaquim Nabuco:

*Nossos queridos mestres... não descurariam nosso desenvolvimento físico. Nossos recreios numerosos e libérrimos;... a ginástica, a instrução militar, os passeios semanais, tudo concorre para uma completa educação física. Mas o que mais nos entusiasma e nos diverte são sem dúvida os diversos jogos organizado* (sic!) *e... premiados.*[77]

Durante as Festas de Carnaval e de São João, os jogos consistiam em corridas de sacos, de quatro patas, de carrinhos, à corda, batatinhas, acender a vela de joelhos, engole-engole...; pôr o rabo no porco, encher a garrafa, cabra cega, subida em pau-de-sebo, concurso de caretas Em outras festas, apareciam ainda marcha de ginastas, lição de boxe, evolução do pelotão mirim, exercícios de ginástica, corrida de estafetas, ginástica rítmico-artística ou ginástica fantasia, combate de galos, corrida de três pernas, luta de tração, pirâmides humanas, corridas de patins.[78]

A organização esportiva do Liceu Coração de Jesus possuía, em 1933, um Gabinete de Educação Física (como vimos acima) que coordenava as atividades de ginástica (ginástica militar, militar, médica e massagem, estética) e dos desportos (futebol, bola ao cesto, voleibol, tênis, natação, lutas, saltos, arremessos e corridas).[79] As festas anuais do Pe. Provincial constituíam-se em grandes manifestações, que movimentavam todos os alunos internos desde a ginástica conjugada, ginástica fantasia, ginásti-

---

[77] *Annuario do Gymnasio S. Joaquim, Lorena,* 1913, illustr. O "sic" é nosso.

[78] *Annuario do 37.° Anno Lectivo do Lyceu Coração de Jesus*, p. 129, 134.

[79] *Anuário do Liceu Coração de Jesus, 1933,* p. 64.

ca rítmica, saltos acrobáticos e pirâmides humanas, exibições de ciclismo, abrilhantadas com números da banda musical do colégio.[80] O handebol só entrou oficialmente no Liceu Coração de Jesus, em 1944, sendo adaptado aos alunos.[81]

As revistas estudantis (*O Liceu*, *O Grêmio*, etc.) em suas crônicas esportivas celebravam, em prosas e versos, e até em linguagem caipira, os feitos dos atletas.

## 4. AS ASSOCIAÇÕES ESPORTIVAS

Em 1905, no Liceu Coração de Jesus, "para dar ao vazão ao entusiasmo do jogo de futebol", foi fundada a "Liga Collegial do Lyceu", com quatro associações esportivas, ou clubes, ou seja, cada Divisão (de alunos maiores, médios e menores e alunos externos) possuía a própria associação.[82]

Geralmente, as diversas Divisões tinham a própria associação recreativa com diretoria própria constituída de presidente, vice-presidente, secretário, capitão e fiscais. Quase sempre o presidente era um irmão religioso, um sacerdote ou um seminarista salesiano.[83] Também os grêmios literários e as associações religiosas ou as de outro tipo procuravam o desenvolvimento físico incentivando, em seus membros, os esportes, jogos e brinquedos, dentro das normas de delicadeza, respeito às regras do jogo de par com a agilidade e a precisão. Formavam-se "ligas", "liguinhas", com o elenco dos jogadores.

---

[80] Vide, por exemplo, a revista *Dom Bosco*, 1935, p. 238. Todos os anos as revistas do Liceu Coração de Jesus descrevem esta festa e essas manifestações que se tornaram tradicionais na vida colegial e eram esperadas com ansiedade pelos alunos. Tudo melhorava nesse dia, até a comutação ou suspensão de algum castigo porventura aplicado. O nível de solenidade vem desde 1909, com a tomada de posse do segundo Provincial de S. Paulo, ou seja, Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora, e estiveram presentes Provinciais salesianos do Uruguai e da Argentina.

[81] Revista *Dom Bosco*, 1944, p. 150 e 385.

[82] Em 1902, alunos internos já assistiam aos de futebol no Paulistano. Nos internatos salesianos, os alunos eram divididos segundo as idades e tamanhos. Normalmente eram três divisões: Maiores, Médios e Menores. Liga Collegial do Lyceu - S. Paulo, *Santa Cruz* 7 (4): 161-164, jan. 1906. O Liceu Coração de Jesus tinha quatro Divisões, incluindo a dos Submédios. (entre 1924 e 1927, havia cinco Divisões). Cada Divisão possuía seus próprios clubes e *ligas* ou *liguinhas*. Cada clube possuía pavilhão, uniformes próprios e caixa própria (*Annuario do Lyceu Coração de Jesus, de 1915 a 1917*, p. 18-20).

[83] *Annuario do 29.° Anno Lectivo do Gymnasio São Joaquim, Lorena, 1918* e *Annuario do 37.° Anno Lectivo do Lyceu Coração de Jesus, 1922*, p. 150-151.

Freqüentemente, os nomes das associações ou clubes recebiam o nome de santos, como Esporte Clube S. José, Esporte Clube S. Luís, Esporte Clube Santo Henrique (em homenagem ao diretor que se chamava Henrique), Auxiliadora Esporte Clube, Domingos Sávio Esporte Clube, etc. Os nomes dos times que compunham o clube ou *"liga"* homenageavam nomes vigentes na história nacional (Bandeirantes, Aquidabã, Riachuelo, Ipiranga); times já existentes em S. Paulo (S. Bento, Palmeiras, Mackenzie, Paulistano, Náutico) ou ainda habilidades ou capacidades físicas ou virtudes morais (*"Pax", "Pugnator", "Labor", "Audax", "Robor", "Vigor", "Spes", "Virtus", União, Veloz).*[84]

A liga futebolística se compunha de quatro times, ou associação recreativas, e uma diretoria, destacando-se a dos Menores, por ser a mais rica.[85]

O Colégio São Joaquim e o Liceu Nossa Senhora Auxiliadora possuíam associações esportivas que desenvolviam atividades semelhantes às do Liceu Coração de Jesus, que aqui usamos apenas por amostragem. Suas revistas apresentavam, sempre, em seus números mensais crônicas, o movimento de campeonatos e jogos realizados.

## 5. OS PASSEIOS

Os passeios faziam parte integrante do sistema educativo salesiano e esta prática remonta aos tempos de Dom Bosco. Eram considerados higiênicos.[86] Havia os semanais, normalmente às quintas-feiras, e os extraordinários, uma ou duas vezes por ano. As revistas, as crônicas dos colégios salesianos, considerados neste trabalho, noticiam essa prática desde o século passado, como para demonstrar a sua importância na vida colegial.

---

[84] *Annuario do 30.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus; ensino preliminar, gymnasial, commmercial e profissional; internato, externato e aulas noturnas*, p. 18-20.

[85] Vide *Annuario do Gymnasio S. Joaquim, Lorena*, s.n.e., 1913.

[86] *Annuario do 17º Anno Lectivo do Lyceu N. S. Auxiliadora, 1914*, p. 22. A área do terreno desta instituição era tão grande que podia servir para passeios dos alunos internos. *O Archivio Salesiano Centrale*, da Casa Geral dos Salesianos, traz correspondência vinda do Brasil cujo papel trazia fotografias, impressas em papel de carta, de "Passeio Hygienico" dos alunos do Colégio Salesiano Santa Rosa de Niterói, de 1899 (*ASC F 504*, 31/12/1899). Também o livro *Preciosas recordações dos 25 annos* traz muitos fotografias de alunos do Colégio Santa Rosa, o mais antigo colégio internato dos Salesianos no Brasil, em passeio por praias e logradouros de Niterói e Rio de Janeiro.

Em 1908, a revista *Santa Cruz* apresenta três fotografias de alunos internos do Liceu Coração de Jesus em passeio ao Ipiranga, vestidos de paletó azul, calça branca, chapéu de palheta e gravata.[87] Os anuários descrevem, em largas páginas, seus passeios gerais, ou seja, com todos os alunos, ao Parque Cantareira,[88] ao Museu Ipiranga,[89] ao Parque da Aclimação, Sacomã, etc. Geralmente, os alunos andavam em filas como retratam as fotografias.

Nas Companhias Religiosas, os alunos vencedores do certame de catecismo, costumavam ter um passeio extraordinário especial, normalmente no fim do ano. Entre os passeios especiais, destacavam-se os "raides", que começaram em meados da primeira década e foram até a terceira década, e cujas distâncias eram proporcionais à faixa etária dos seus participantes.

Muitas vezes, nos grandes passeios, os alunos do Liceu Coração de Jesus, como dos colégios que examinamos, marchavam uniformizados, tendo à frente um corpo de ciclistas, cornetas e tambores e despertavam a curiosidade e o aplauso da população. Mogi das Cruzes, Santos (com maior freqüência, mas sem tomar banho na praia), Campinas, Sorocaba e Itu foram metas mais distantes dos alunos internos do Liceu Coração de Jesus.[90]

A maior das excursões coletivas foi a que reuniu alunos internos dos três colégios, para o desfile do dia da Pátria no Rio de Janeiro, a chamada "Brigada Branca", devido ao uniforme branco usado de 1917, que reuniu alunos internos dos três colégios, num total de 1.200 mil, para o desfile do dia da Pátria no Rio de Janeiro.

Em 1918, criaram-se as companhias de pedestrianismo, que eram exercícios de resistência. Foram inaugurados pelos candidatos a reservistas, e, depois, se estenderam aos demais os alunos.[91]

---

[87] *Santa Cruz*, 1908, p. 348-349, 365, e 375.

[88] *Santa Cruz*, 8 (3 e 4): 112-117, dez.-jan. 1908.

[89] Id., 1910, 348-349, em que os alunos estão em fila, usando paletó azul, calça branca e chapéu de palheta e gravata. São três fotos.

[90] Os anuários deste colégio e revista *Grêmio* costumam descrever longamente estes grandes passeios. Normalmente eram dirigidos às fazenda de amigos, onde os alunos passavam "um dia feliz de honesto folgar". *Annuario do Gymnasio S. Joaquim, 1924*, p. 25-28.

[91] *Annuario do 34.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano Sagrado Coração de Jesus, 1918*, p. 28. Na década de 30, foi fundado pelos aprendizes externos, um clube de pedestrianismo, que chegou a andar 74 km por dia, em 14h30. Cfr. *O Liceu*, 14 (7): 354-355, set. 1931.

O Liceu Coração de Jesus, em 1926, realizou um desses passeios gerais a Itu, movimentando 750 alunos internos em trem especial da Estrada de Ferro Sorocabana, cedido pelo Governo do Estado. Comumente, faziam demonstrações de ginástica sueco-terapêutica, exercícios esportivos, pirâmides acrobáticas.[92]

Mas São Paulo crescera muito nos anos 10 dificultando o movimento de grande número de alunos a passeio na cidade. Para obviar este problema, o Liceu Coração de Jesus adquiriu, em 1919, no "Chora Menino", uma chácara de 81.000 m², que se transformou em meta do passeio das quintas-feiras:

*(...) é um oásis no meio do deserto da vida colegial, posta como está no meio do bulício da cidade. E então quando a criançada chega à chácara é uma explosão de alegria. Todo o tempo é pouco para visitar cada canto... e também cada pé de laranjeira..., cada repartição do jardim zoológico onde há as mais variadas feras: cachorros, patos, cabritos, galinhas, porcos e... outros batráquios. Quando chega a hora do rancho... já se sabe que o apetite está redondo... tanto mais que os campos de futebol também deram tentação...*[93]

Esses passeios duravam meio dia e os alunos os apreciavam porque passavam bem: banho de piscina, almoço especial. Ia-se a pé e retornava-se em bondes especiais.[94] De vez em quando, os alunos ganhavam como prêmio um passeio especial.

Por sua vez, os alunos internos do Colégio São Joaquim, de Lorena, iam às fazendas, às cidades vizinhas e, algumas vezes, a São Paulo e a Caxambu onde o estabelecimento comprara, em 1920, uma chácara grande e bem situada, destinada aos passeios dos alunos. Esta Vila S. Luís, como era chamada, recebia a visita de sessenta alunos por vez, que ali permaneciam de oito a dez dias.[95]

---

[92] *O Lyceu*, 1926, p. 255.

[93] Chácara do Liceu, in: *Dom Bosco*, 1942, p. 139.

[94] *O Lyceu*, 14 (1931), p. 44.

[95] Os anuários deste colégio e a revista *Grêmio* costumam descrever longamente estes grandes passeios. Normalmente eram dirigidos às fazenda de amigos, onde os alunos passavam *um dia feliz de honesto folgar. Annuario do Gymnasio S. Joaquim*, 1924, p. 25-28. Vide João Geraldo EVANGELISTA, *História do Colégio São Joaquim (1890-1940)*, p. 184-185.

Em 1917, os alunos do Liceu N. S. Auxiliadora de Campinas costumavam fazer seis *raides* ou passeios de quatro a seis quilômetros nos arredores de Campinas (às quintas-feiras) ou excursões mais longas a São Paulo (mais freqüentes), Itapira, Vila Americana (atual Americana), Nova Odessa, Amparo, Santos... Na cidade-destino, era costume os alunos das três escolas fazerem grandes desfiles, acompanhados com a banda e a fanfarra, homenageando, com números de ginástica sueco-terapêutica, com exercícios esportivos e com pirâmides acrobáticas, as populações que os recebiam. Os cronistas acentuavam o entusiasmo, a obediência, boa vontade e ordem, além da alegria barulhenta. Tais excursões, além de agradar o aluno e de servir de descanso mental, serviam de "marketing" da escola, que desse modo atraía alunos. Não deixa de demonstrar grande coragem o movimentar grande número de alunos.[96]

Em 1951, o Liceu comprou uma chácara em Jandira, para substituir a Chácara "Chora Menino", ou Chácara do Recreio[97] ou ainda Chácara dos Padres. São Paulo, no seu gigantismo, impossibilitava, cada vez mais, os passeios semanais regulamentares. O trânsito prejudicava os movimentos dos alunos em seus passeios e suas saídas. A Estação Rodoviária, a pouco mais de 100 metros, com seu barulho intenso e a poluição intensa infernizava a vida dos alunos internos, fazendo com que as autoridades municipais dificultassem e, posteriormente, proibissem (1967) os desfiles ou passeatas, uma das diversões favoritas dos alunos, fatos que pesaram, também, no fechamento do internato do Liceu Coração de Jesus, em 1963.

---

[96] SILVA advertia para a questão dos perigos, oferecidos pelos veículos mesmo modernos, nas excursões coletivas, devido ao número de alunos, a sua algazarra natural, o ambiente de festa que chega a contagiar os motoristas, o entusiasmo do momento, as insinuações imprudentes de alguns, chegando a causar desastres... (*op. cit.*, p. 150).

[97] *36.° Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus; ensino preliminar, profissional e de preparatórios, Escola de Commercio reconhecida officialmente; internato, semi-internato - externato, Aulas noturnas*, p. IX-X. Hoje, 1999, nesta antiga Chácara dos Padres está localizado o Externato Santa Teresinha, com 4.500 alunos.

CAPÍTULO XII

# AS PRÁTICAS ESPORTIVAS MILITARES

Dada a importância que as práticas militares assumiram na vida das três escolas consideradas, achamos conveniente abrir um capítulo especial para sua apresentação neste trabalho. O Liceu Coração de Jesus estava a pouco menos de cem metros do Palácio dos Campos Elíseos, sede do Governo do Estado. O Colégio São Joaquim mantinha relações amistosas e estreitas com o Batalhão do Exército, sediado em Lorena. No Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora chegaram os militares do Exército a passar uma semana em exercícios de treinamento, dada a vastidão e adequação do seu terreno para tais atividades.

Esta proximidade influenciou, provavelmente, o ânimo dos Salesianos e dos alunos. Além disso, os trinta anos finais do século XIX e o começo do século XX são marcados pela organização dos exércitos. O Brasil não fugiu dos acontecimentos que se desenrolavam no mundo e herdou o padrão de recrutamento dos exércitos permanentes europeus, no sentido de que o corpo de oficiais procedia da nobreza, ou seja, dos represen-

tantes dos grupos sociais dominantes pelo prestígio, riqueza ou poder e os soldados, das classes inferiores. No final do Império, a maioria dos generais possuía títulos de nobreza. A elite civil preferia a Guarda Nacional, por esta exigir menos esforço e maior liberdade no exercício de atividades particulares, podendo o título de cadete ser obtido através de nomeação política do pai do pretendente.

O recrutamento dos soldados, até 1916, vinha sempre feito entre as classes inferiores. Era generalizada a repugnância da população para a carreira militar e a impossibilidade de manter os recrutas, havendo constantes deserções, doenças, incapacidade física e mortes. Ainda na segunda década deste século, os soldados procediam dos nordestinos foragidos das secas, dos desocupados das grandes cidades que procuravam emprego, dos criminosos e dos inaptos para o trabalho. O reflexo negativo na vida interior dos quartéis era simplesmente calamitoso: brigas, bebedeiras e, em conseqüência, as surras que geravam o terror na população e uma das causas da revolta dos marinheiros em 1910.

Já a Guarda Nacional contrastava com toda essa desoladora situação, à qual pertenciam os grupos de renda mais alta. Tal fenômeno criou uma verdadeira separação entre o exército e os civis, gerando agressividade e antinomia entre "militar" e "paisano". Para resolver o impasse, pensou-se no recrutamento universal, cuja introdução ocorreu logo no início da República, sendo militares os dois primeiros presidentes. A imprensa, o Congresso e as organizações operárias resistiam.

Em 1896, foi criado, como primeira tentativa de aproximação dos jovens da classe média e alta do serviço militar, a Confederação Brasileira de Tiro de Guerra, que foi incentivada por Marechal Hermes da Fonseca, ministro da Guerra, no governo de Afonso Pena. Em 1908, afinal, foi aprovada a lei do sorteio, tornando obrigatória a instrução militar nos colégios secundários.

Foram necessários, porém, uma longa campanha liderada por um grupo de oficiais, chamados "jovens turcos", o apoio do poeta Olavo Bilac, filho de militar e popular nos meios civis, e a Primeira Guerra Mundial para mudar a farda, até então, considerada sinal de castigo, em símbolo de amor pátria e, desse modo, conseguir a efetivação da lei. Pregava o poeta a formação de um "exército nacional, democrático, livre, civil, de defesa e coesão que fosse o povo, a própria essência da naciona-

lidade". Desse modo, "cada brasileiro se ufanasse do título de cidadão soldado".[1]

*BILAC tinha consciência da força dos grupos estrangeiros, que eram bem ativos, e em São Paulo mantinham escolas, jornais e associações próprias e procuravam preservar os costumes e as tradições das pátrias de origem. Considerava, ainda, que o melhor meio de combater a supremacia da casta militar era militarizar os civis. Segundo ele, "o serviço militar obrigatório generalizado" era o triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes, a escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório da dignidade própria e do patriotismo; é a educação cívica obrigatória, é o asseio obrigatório, a higiene obrigatória, a regeneração muscular e psíquica obrigatória. As cidades estão cheias de ociosos descalços, maltrapilhos, inimigos da carta do "abc" e do banho – animais brutos, que de homens têm apenas a aparência e a maldade. Para esses rebotalhos da sociedade a caserna seria a solução. A caserna é o filtro admirável, em que os homens se depuram e apuram: dela saíram conscientes, dignos brasileiros, esses infelizes sem consciência.*[2]

Afirmava ainda o poeta que a "disciplina militar, isto é, a disciplina e a ordem militar" poderia salvar o Brasil, porquanto "sem hierarquia (militar e civil) nada se faz".[3]

Em 1916, foi criada a Liga de Defesa Nacional,[4] com o apoio das elites civis. A esta liga juntou-se a Liga Nacionalista do Brasil, que propugnava pela obrigatoriedade da língua nacional, da História e da Geografia pátrias em escolas estrangeiras, da Educação Física, do escotismo, das

---

[1] José Murilo de CARVALHO, As forças armadas na primeira república; o poder desestabilizador. Boris FAUSTO, *O Brasil Republicano; sociedade e instituições,* III, Rio de Janeiro, DIFEL, p. 182-234. Olavo BILAC, *A defesa nacional*, p. 10, 106, 107.

[2] Olavo BILAC, *A defesa nacional,*citado por Edgar CARONE, *A República Velha; Instituições e classes sociais,* p. 166.

[3] Edgar CARONE, *A República Velha; Instituições e classes sociais. 2.ª ed., op. cit.*, p. 168

[4] A Liga Nacional durará até 1924 e pregava temas como: idéia de pátria, de justiça, a educação nacional, a instrução profissional, a importância doe esporte na vida nacional, o problema econômico nas suas relações com a Defesa Nacional, a defesa na língua nacional, a economia individual como base da prosperidade econômica, a coesão nacional, o culto do heroísmo militar e cívico, a Nação e o Exército; o serviço militar obrigatório, como benefício físico e moral para o indivíduo; força, segurança e grandeza para a comunidade. Edgar CARONE, *A República Velha; Instituições e classes sociais,* 2.ª ed., p. 168.

linhas de tiro e do preparo militar, com sede em São Paulo. Havia ainda as Ligas Nacionalistas estaduais.[5]

Uma das características básicas das Ligas era o nacionalismo, que consistia tentar "superar as condições que facilitavam a tutela estrangeira" e se manifestava "em patriotismo dos passeios e das paradas, no prurido da farda conseguido à cócegas de retórica, no patriotismo de aparato sob a forma medieval e agressiva da guerra". Este nacionalismo resultava de tensões que ocorriam nessa fase de transformação da sociedade brasileira, e, ao mesmo tempo, de caráter conservador e progressista no âmbito interno, e, em maior extensão, contrário às propostas expansionistas dos países hegemônicos que procuravam novos mercados e novas formas de dominação neocoloniais.[6]

O General José Caetano de Farias, ministro do governo Wenceslau Brás (1914-1918), para evitar o perigo desses grupos estrangeiros, propugnava executar o programa de "educação cívica, firmando-se na instrução primária, profissional e militar". À campanha juntou-se Carneiro Leão, queixando-se de que o comércio e a indústria estavam nas mãos de estrangeiros, além da educação popular, e divulgava a promoção do ensino comercial, como se fazia nos Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra.[7]

## 1. MILITARIZAÇÃO DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS NOS COLÉGIOS SALESIANOS[8]

Parece que já existiam práticas militares no Liceu Coração de Jesus no final do século XIX, porquanto, em 24 de maio de 1898, o Internúncio Apostólico D. José Macchi ficou surpreendido ao ingressar no estabelecimento "pelo desfile de 300 meninos asseados, em perfeita ordem e reve-

---

[5] José Murilo de CARVALHO, As forças armadas na primeira República; O poder desestabilizado, in: *História Geral da Civilização Brasileira, O Brasil Republicano; sociedade e instituições (1889-1930)*, v. 9, t. 3, p. 182-195. Nos anos 10, vieram à luz diversas *Ligas Cívicas*, como Liga de Defesa Nacional, a Lega Patriottica Italiana, a Liga Nacionalista Italiana, Ação Social Nacionalista, Liga Paulista de São Paulo, Associação Paulista de Defesa Social, Partido da Mocidade, algumas delas fundamentadas no pensamento católico. Cfr. ainda Edgar CARONE, *op. cit.*, p. 47-48, 178; Manoel ISAÚ, *Liceu Coração de Jesus*, p. 215-218.

[6] Cfr. Jorge NAGLE, *Educação e sociedade na Primeira República*, p. 47-56.

[7] Carneiro Leão em seu livro *O Brazil e a educação popular*, 2ª ed., e em *Problemas de educação*, trata demoradamente deste assunto.

[8] Veja Instrução Militar em Luiz MARCIGAGLIA, *Os Salesianos no Brasil*, v. 2, p 71-75; 190-196; José Geraldo EVANGELISTA, *História do Colégio São Joaquim* (1890-1940), s.n.e.

rência e todos fardados a marinheira, sob uma robusta e afinada banda, com uma bem executada marcha pontifícia".[9] No mesmo ano, em 12 de outubro, foi promovida uma passeata pelas ruas da cidade, que despertou a admiração dos paulistas. No dia seguinte, um jornal apelava para que fosse prestado um auxílio ao Liceu Coração de Jesus em nome da infância pobre e abandonada, e assim fosse aumentado o edifício e garantida a manutenção dos alunos.[10]

A instituição do Serviço Militar obrigatório repercutiu profundamente no ambiente e hábitos nacionais, provocando a militarização da vida estudantil, inclusive nas escolas dos Salesianos,[11] que foram pioneiros em sua introdução em Cuiabá (1907), em Lorena e Niterói (1909), Bagé (1910), na Capital Paulista (Liceu Coração de Jesus - 1916) e em Campinas (Liceu Nossa Senhora Auxiliadora - 1916). O Marechal Hermes, ao assumir a Presidência do Brasil, transformou o serviço militar em lei, que facultava, nas escolas, a instrução militar para os alunos, na idade própria, sem necessidade de interromper os estudos, e lhes concedia o Certificado de Reservista no final do curso.

Os Salesianos, em grande parte estrangeiros, ao se antecipar à campanha de BILAC na introdução do serviço militar nas próprias escolas, entraram imediatamente nas graças dos militares. Em Lorena, o Diretor do Ginásio São Joaquim era um espécie de capelão militar e a banda de música dos militares era a banda do Ginásio. A mentalidade positivista dos oficiais militares não prejudicava as boas relações entre eles, apesar de pequenos incidentes. As lutas políticas locais paravam em frente ao colégio.[12] Um tenente foi destacado para instrutor dos alunos, que logo conseguiu a simpatia dos alunos e deu-lhes o garbo de soldados. A população da cidade, que oferecera a Bandeira, participava das festas e dos desfiles do Batalhão. O colégio ado-

---

[9] A *Revista Catholica* e *A Nação*, 22.08.1898. *Crônicas do Liceu Coração de Jesus*; recortes de Jornais, programas, etc., p. 74. AISSP.

[10] As misérias de S. Paulo - A infância desvalida - O colégio dos salesianos - Um appello a Nação, in: *op. cit.*, p. 72.

[11] Pe. Manoel Gomes de Oliveira (depois arcebispo de Goiás), então diretor do Liceu N. S. Auxiliadora e um dos próceres da *"Brigada Branca"*, escrevia: "Nenhuma instituição, pois, estava como a dos filhos de Dom Bosco, apta a receber a reforma e obrigatoriedade do serviço militar e introduzi-la, com certa perfeição, em suas casas de ensino". Cfr. *Annuario do Lyceu N. S. Auxiliadora*, 1916, p. 6.

[12] Luiz MARCIGAGLIA, *op. cit.*, p. 71-75 e José Geraldo EVANGELISTA, *História do Colégio São Joaquim (1890-1940)*, p. 174-176.

tara dois uniformes, um de "cáqui" e outro, de gala, branco, que permitia participar dos desfiles militares, "com ou sem motivo".[13]

Em 1915, o novo diretor[14] do Liceu Coração de Jesus solicitou ao General Comandante da 6ª Região Militar um instrutor para o batalhão do Liceu a ser formado em 1916, que iria participar de desfiles e festas patrióticas da Capital Paulista, demonstrando que "os Salesianos, à imitação de Dom Bosco", sabiam "dar aos seus alunos, a par da educação moral e intelectual, também a educação patriótica". Essa medida proporcionava "maior desenvolvimento à ginástica muscular, terapêutica e higiênica, indispensável para a destreza e vigoria dos membros", sem a qual não tinha sentido "batalhão apto" para os seus fins. Assim, caminhariam juntos as evoluções ginásticas e os exercícios militares.[15]

De fato, em 20 de fevereiro de 1916, iniciaram-se os exercícios de ginástica sueca e, em 20 de março, os exercícios militares, dirigidos por um tenente do Exército. Em 3 de abril, lançava uma carta-convite explicando aos pais, amigos e admiradores da instituição a introdução da instrução militar na programação da escola e apresentando as justificativas, ou seja, como uma contribuição mais eficaz para formar o caráter dos jovens sob o aspecto cívico e patriótico, inoculando-lhes hábitos de ordem, disciplina e obediência à autoridade, princípios também do sistema educativo salesiano, e mostrando como vantagem para os alunos a caderneta de Reservista do Exército, a receber no fim do curso, o que isentaria da lei do serviço militar obrigatório nos quartéis, prestes a entrar em vigor.[16]

Essa escola de reservistas não ficou restrita apenas ao próprio quadro de seus constituintes, mas se estendeu a todos os alunos, com a vantagem de ficar isentos do rigorismo militar, sem perder em disciplina e eficiência, tanto que se distinguiam nos concursos militares, ganhando, por exemplo, quatro medalhas de bronze e uma artística estatueta de bronze - "Le crie de la victoire" - no Concurso de Tiro Coletivo da 6ª Região Militar e o prêmio "General Ribeiro" - chefe do Estado Maior do Exército.[17]

---

[13] José Geraldo EVANGELISTA, *op. cit.*, p. 113-114.

[14] Era Pe. Henrique Fernandes Mourão, que pertencera ao Colégio São Joaquim, um dos responsáveis pela organização de seus estudos e da ascensão desta escola.

[15] *Annuario do 30.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus*, 1915, p. 21-22.

[16] *Annuario do 31.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus*, 1916, p. 9-11.

[17] *Annuario do 32.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus*, 1917, p. 114 - 119.

O Liceu N. S. Auxiliadora e o Liceu Coração de Jesus começaram, respectivamente, os exercícios militares em 8 e 15 de março de 1916. Em 3 de maio, realizou-se a festa no pátio interno do Liceu Coração de Jesus, consistindo na Entrega da Bandeira, com declamação por um aluno de um poesia atinente ao momento de D. Francisco Aquino Corrêa, Bispo salesiano, auxiliar de Cuiabá, seguida da inauguração da Sala de Armas e do retrato do General Carlos de Campos, comandante da Região Militar, sediada em São Paulo e o primeiro desfile pela cidade, já com toda a Oficialidade provisória do Batalhão Colegial.[18] Os desfiles continuariam, em grande estilo, como um costume até inícios da década de 60. Em Lorena e em Campinas, foram além dos anos 70.

O Batalhão Colegial, como era chamado ou também Regimento Militar Colegial, dessas três escolas dispunha de uma Oficialidade, semelhante à das Forças Armadas, e era constituído de três companhias, duas do internato e uma do externato, com quadro de oficiais desde Tenente Coronel Comandante, Capitães, Tenentes, Sargentos, Cabos. Uma banda musical e uma fanfarra (corneteiros e tambores) conduziam o passo e a cadência dos desfiles. Reforçavam o Batalhão um corpo de ciclistas e, algumas vezes, contingentes de sapadores e pequenos corpos de sinaleiros.[19] Os oficiais eram, normalmente, os melhores alunos, os que já exerciam lideranças nas companhias religiosas e outras associações existentes, como grêmios literários, ligas esportivas, etc.

Um *Hinário Patriótico Escolar* específico acentuava a tendência militarizante ou espírito cívico, como se pensava na época, com a presença de cantos como o Hino Nacional, Hino à Bandeira, da Independência, um Hino Escolar, cuja estrofe rezava: "Soldados de Cristo, / E filhos da Igreja / A Ela pois seja / Nosso Hino de louvor" e assim terminava: "A Ela, pois, / Nosso hino de amor. E a pátria, ao estudo, o nosso vigor".[20] O cristão não deixava de ser também soldado.

Os anuários dessas três instituições enfatizam as atividades e eventos realizados pelo Batalhão Escolar, inserindo grande quantidade de fotografias, em que os alunos, pelo menos, estão fardados a militar, chegando, nas três instituições, a superar 50% em 1917 e 1918, o que mostra o alto

---

[18] *Annuario do 31.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus*, 1916, p. 9-11.
[19] *Op. cit.*, p. 11-12.
[20] *Op. cit.*, p. 53-54.

índice de militarização da vida escolar. Os alunos vestiam o uniforme militar, até em cerimônias de Primeira Comunhão, e o próprio Mestre de Música do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora aparecia fotografado vestido a militar. Depois de 1918, coincidindo com o término da Primeira Grande Guerra, pronuncia-se um arrefecimento mais ou menos lento do ardor militar, como demonstra o quadro seguinte: os números, entre parênteses, indicam o total de fotografias publicadas nos anuários das instituições mencionadas e os números fora, as percentagens.

**Tabela 8**
**FOTOGRAFIAS PUBLICADAS NOS ANUÁRIOS DO LICEU CORAÇÃO DE JESUS, LICEU N. S. AUXILIADORA E COLÉGIO S. JOAQUIM**

| Escola | 1916 | 1917 | 1918 | 1919 | 1920 | 1921 | 1922 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| LCJ | 35 (66) | 59(126) | 34(58) | 45(97) | 48(113) | 31(148) | 17 (49) |
| LNSA | 47 (71) | 66(110) | 28(56) | 42(76) | 62(132) | 47(93) | ..... |
| GSJ | ..... | 26(32) | 42 (57) | 16(41) | 17(49) | 18(61) | 18(64) |
| | | | | | | | |
| Totais | 82(137) | 151(268) | 104(171) | 103(214) | 121(339) | 96(302) | 35(113) |
| Média | 41% | 50,3% | 34,6% | 34.3,% | 40,3 % | 32,78 % | 17,5% |

Segundo esses dados, a militarização mostrou-se mais intensa no Liceu N. S. Auxiliadora, que, aliás, possuía área própria para treinamento, além de criação de pombos-correio para comunicações. O próprio maestro, Salvador Bove, aparecia com uniforme completo, espadim a tiracolo.[21]

A partir de 1921, os anuários realçarão pessoas, personalidades ou alunos mais brilhantes, as instalações e laboratórios da escola, festas religio-

[21] *Annuario do Lyceu Salesiano N. S. Auxiliadora,* Campinas, 1917, p. 55. O encerramento do ano letivo era uma festa marcadamente militar. A de 1917 contava com a presença do Conde Dom João Corrêa Nery, Bispo diocesano, do Gen. Luiz Barbedo, Comandante da 6.ª RM e seu Estado Maior, na praça de Armas do Liceu de N. S. Auxiliadora, onde se realizaram as evoluções militares do Batalhão Escolar, ginástica, esgrima de baioneta e exercícios de fogo pelos reservistas da União de Ex-Alunos da casa, execução de cantos militares e canções patrióticas, seguindo-se a entrega de diplomas de Guarda-Livros, das cadernetas de Reservistas, cerimônia entremeada de discursos e cantos. Em 1941, o 4º RAM, de ITU, acampou nos terrenos da escola agrícola, anexa ao estabelecimento para executar "exercícios militares", dando aos alunos "forte impressão de sua disciplina e patriotismo" (AISSP, *Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora*, caixa 2, Crônicas de 1941-1970).

sas e esportivas. Mas os exercícios militares, especialmente no sentido de preparação dos grandes desfiles, continuarão como uma das práticas, enquanto durarem os internatos. Na página de honra, constavam os nomes dos alunos que mais se distinguiam na instrução militar.[22]

Em 1917, naturalmente, após a marcha "triunfal" da "Brigada Branca", como se chamou na época o desfile dos 1.200 alunos dos Salesianos, no Rio de Janeiro, então Capital Federal, perante as mais altas autoridades da República, os elogios da Imprensa pelo grande feito, o retorno aplaudido pelas populações locais, o ardor militar chegou ao máximo. O Marechal Caetano de Farias, ministro da Guerra, referindo-se ao Liceu N. S. Auxiliadora, de Campinas, chegou a afirmar: "... aquele Liceu é uma linda escola de oficiais futuros..."[23] Essa manifestação "garbosa" dos alunos provocou a admiração das mais altas autoridades do país. O General Luís Barbedo, Comandado da 2ª Região Militar, deixou escrito no "Livro de Visitas":[24]

*Foi este cuidado com a prática do civismo numa Congregação de padres estrangeiros, que derrubou todas as barreiras de desconfiança, porventura existentes, não só por parte das autoridades como da própria população, quantas às casas salesianas.*

*Que posso dizer dos padres salesianas ao visitar esse estabelecimento? Nem nós, soldados, o excedemos no cumprimento do dever.*

Um aluno chegou a publicar no *Correio do Povo*, de 30/05/1918, um artigo em que descrevia o resultado da militarização neste instituição:

*Para nós, alunos, a farda militar tem todos os atrativos e ameniza a vida colegial!...*

*As longas horas dedicadas aos sérios estudos ficam intermeadas numa variabilidade confortável... Os exercícios militares favorecem o desenvolvimento físico, a saúde, a própria disciplina e airoso porte de cada aluno. Depois de vestir o primeiro uniforme, o branco, tão lindo!... O segundo, o cáqui, tão elegante!... Encobrir a cabeça com o quepe, cingir aos flancos a espada, calçar a botina militar... as polainas... ver os bordados*

---

[22] *Annuario do Lyceu Salesiano N. S. Auxiliadora*, 1921, p. 60.

[23] *Annuario do Lyceu Salesiano N. S. Auxiliadora*, 1917, S. Paulo, Escolas Profissionais do Lyceu Salesiano do S. Coração de Jesus, 1919, p. 7-13, 56.

[24] *Annuario do Lyceu Salesiano N. S. Auxiliadora*, 1917, s.n.e., p. 170.

*enfeitar os braços! ... a gente fica tão catita, e afigura-se outra pessoa que nunca foi. Bem haja, a farda militar!...*

*Querem um exemplo do que faz a instrução militar? Lembram os meus colegas o nosso Juca? Coitado, quando chegou ao Liceu era uma lástima!... Dava dó, tinha uma cara tão exquisita, o corpo envergado para a frente, e arrastava com esforço os enormes pés!... Movia-se de tal forma que parecia um paquiderme. Por isso os colegas, contra o próprio regulamento, que proíbe os apelidos, alcunharam-no de moleirão. E ele aceitava satisfeito, e quase diria agradecido, o inocente apelido. Talvez pensando fosse um elogio!... Vindo dos sertões, era superlativamente matuto. Interessante o expediente a que recorreu para distinguir o lado direito do esquerdo. Amarrou um lenço vermelho no braço direito, e ao companheiro que lhe prestava o serviço, recomendava que apertasse com toda a força o lenço, pois só pela dor é que ele podia conhecer de repente de que lado devesse volver. Assim mesmo nos primeiros dias de exercício não atinava com os movimentos. Volvia à direita ou à esquerda numa confusão medonha, provocando o riso dos companheiros mais sérios. O pobre Juca, desanimando, repetia: Qual o que! Gente da roça não pode ser soldado brasileiro. Mas isto dizia o Juca no princípio do ano. Foi constante em freqüentar os exercícios e tornou-se aos poucos um perfeito gentleman. No fim do ano era experto como uma raposa, vivo como um esquilo, parecia tivesse mercúrio nas própria veias; até os pés, de enormes tamanhos, tornaram-se mais pequenos, e no batalhão evoluía garboso como um oficial francês. O sr. seu pai, ao vê-lo, no dia 12, evoluir tão corretamente, não poude conter o entusiasmo e disse perante todos: Tá bão o estudo entrou nele; ele entrou no estudo; voncê Nhonhô lá na roça fais um figurão... Esta metamorfose foi devido à instrução militar. Bem haja pois ella.*

## 2. MILITARIZAÇÃO, DISCIPLINA E SISTEMA EDUCATIVO SALESIANO

### 2.1. Militarização e disciplina

Talvez o crescimento numérico excessivamente rápido, na metade da segunda década, tenha forçado a conceber a adoção de um modelo de composição de forças, à maneira militar, para obter um aparelho de funcionamento eficiente quase que automático de movimentação.

SILVA reconhecia que os exercícios ginásticos militares, pelo me-

nos os de outrora, serviam como exercício físico. As longas filas de dois, de quatro ou mais dos pelotões de jovens, movimentados com ordem e ritmo ao toque da fanfarra, eram "entremeados por ordens de comando incompreensíveis aos profanos, mas perfeitamente compreendidos e quase mecanicamente executados por todos, instantaneamente, constituíam cenas habituais da vida colegial", especialmente nos grandes colégios. "Executados corretamente serviam muito à disciplina interna do estabelecimento como ainda ao mais íntimo do ânimo e do organismo dos alunos".[25]

Sobre a movimentação de grandes massas de pessoas, parece oportuno constatar a interpretação apresentada por FOUCAULT. Segundo ele, "o controle do corpo faz-se pelo exercício, implica uma coerção ininterrupta e constante sobre os processos de atividade e se exerce nas dimensões do tempo, do espaço e dos movimentos". Os métodos que o permitem chamam-se disciplinas, disciplinas essas que não significam escravidão, nem dominação nem vassalagem, nem ainda o ascetismo e as disciplinas do tipo monástico. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e as diminui (em termos políticos de obediência). Encontram-se funcionando nos colégios, nas escolas primárias, hospitais e nos quartéis e posteriormente nas fábricas.

Revela este autor a preocupação crescente na "nova microfísica do poder" pelo detalhe, há muito tempo, uma categoria da teologia e do ascetismo, e que se acentuava nas "minúcias dos regulamentos e no controle das mínimas parcelas da vida e do corpo" nas instituições citadas. O *Tratado sobre as obrigações dos Irmãos das Escolas Cristãs*, em que a mística está associada ao cotidiano do minúsculo, é um texto clássico sobre este assunto. Dom Bosco conhecia-o e, certamente, colhera dele elementos para compor o *Regulamento das Casas*. E essa mística pela Prática do Regulamento existia em todas as instituições antigas salesianas. Nada nele se podia modificar: era sagrado.[26]

---

[25] Carlos Leôncio da SILVA, *op. cit.*, p. 152 e do mesmo autor, *Pedagogia speciale pratica; L'educando, Torino..., Società Editrice Internazionale*, 1951, p. 148. Esta obra constitui uma edição melhorada, aumentada, atualizada da anterior. O grifo é nosso.

[26] As disciplinas diferem da escravidão por não se basear "na apropriação dos corpos; da domesticidade, que significa uma relação de dominação constante, global, maciça, não analítica, ilimitada e estabelecida sob a forma de vontade singular do patrão; da vassalagem, ou seja, uma relação de submissão, altamente codificada, mas longínqua e que se realiza (...) mais sobre os produtos do trabalho e as marcas rituais da obediência". Já o ascetismo e as "disciplinas" de tipo monástico... têm por função realizar renúncias mais do que aumentos de utilidade e que se implicam obediência a outrem, têm como fim principal o domínio de cada um sobre seu próprio corpo. Michel FOUCAULT, *Vigiar e punir; História da violência nas prisões*. 12ª. edição, p. 126-129.

FOUCAULT continua acentuando a importância, na nova "microfísica" do poder, do detalhe. A disciplina passa a ser a arte de compor os corpos para obter um aparelho eficiente. A exigência da disciplina traduz-se, segundo FOUCAULT, de várias maneiras, ou seja:

a) O corpo singular torna-se um elemento que se pode colocar, mover, articular com outros, importando mais não a força, mas o lugar que ocupa. O intervalo que cobre, a regularidade, a boa ordem segundo as quais opera seus deslocamentos. O corpo se constitui como peça de uma máquina multissegmentar.
b) São também peças as várias séries cronológicas que a disciplina deve combinar para formar um tempo composto. O tempo de uns deve-se ajustar ao tempo de outros de maneira que se possa extrair a máxima quantidade de forças de cada um e combiná-la num resultado ótimo...
c) Essa combinação cuidadosamente média das forças exige um sistema preciso de comando. Toda atividade do indivíduo disciplinar deve ser repartida e sustentada por impressões cuja eficiência repousa na brevidade e na clareza. A ordem tem de provocar o comportamento desejado. O que importa é perceber o sinal do mestre e reagir logo a ele.

O treinamento dos escolares deve ser do mesmo modo "poucas palavras", nenhuma explicação, no máximo silêncio total, que só seria interrompido por sinais, sinos, palmas, gestos, simples olhar do mestre, o "sinal" usado pelos Irmãos das Escolas Cristãs. O aluno deverá aprender o código de sinais e atender automaticamente a cada um deles.

Em suma, a disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade ou antes uma individualidade dotada de quatro características: celular (pelo jogo de repartição espacial), orgânica (pela codificação das atividades), genética (pela acumulação de tempo) e combinatória (pela composição de forças). E para tanto utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros, prescreve manobras, impõe exercícios, enfim, para realizar a combinação das forças, organiza "táticas". A tática, arte de construir com os corpos localizados, atividades codificadas e as aptidões formadas, aparelhos em que o produto das diferentes forças se encontra majorado por sua combinação calculada e sem dúvida a forma mais elevada da prática disciplinar.[27]

---

[27] Pierre FOUCAULT, *Vigiar e punir*, p. 148-152.

Vemos nele a aplicação desses quatro tipos, dessas quatro grandes técnicas, apresentadas por FOUCAULT. E de fato os Salesianos conseguiram-no, especialmente quando adotaram a militarização em suas escolas.

## 2.2. Repercussão da militarização escolar

Mas os Superiores Gerais da Congregação, ao tomaram conhecimento, através do Anuário do Liceu Coração de Jesus de 1917, estranharam tanta ostentação ("Sfoggio") militar, considerando-a exagerada.

Pe. Pedro Rota, então Provincial, tentou explicar, em carta de 25.08.1917, que o mesmo fenômeno existia no Liceu de N. S. Auxiliadora de Campinas devido ao entusiasmo de seus diretores. Ele procurava corrigir os excessos, recomendando que o mesmo entusiasmo, dedicado aos exercícios militares e à ginástica, se verificasse nas práticas de piedade e nas festas religiosas, mas reconhecia ser muito difícil "encontrar uma justa medida". Notava, porém, desânimo devido ao cansaço nos Colégios São Joaquim, de Lorena, e, em parte, no Colégio Salesiano Santa Rosa. Tinha necessidade de apoiar essas iniciativas, pois, "além de ser uma propaganda excelente", haja vista o aumento da demanda de alunos naqueles dois colégios de São Paulo e de Campinas, era "uma ótima ocupação e derivativos para os jovens", uma vez que a assistência acumulava ganhos. A principal vantagem: um instrumento "para isentar do serviço militar, obrigatório, os alunos, favorecendo, inclusive, os seminaristas e noviços", que o faziam na própria escola e nela recebiam a carteira de Reservista, após aprovação nos exames militares. Evitava-se, assim, a interrupção nos estudos à chegada da idade da conscrição. Reconhecia a dificuldade de manter a piedade, de cultivar as vocações, apesar dos esforços empregados, o que se devia à negligência ou à falta de espírito de sacrifício dos Salesianos, e concluía: "Isto sim: é preciso que primeiro haja mais zelo em recomendar e vigiar para que seja cumprido o que dizia há pouco. E procurarei fazê-lo". Anunciava o grande desfile de 1.200 alunos (na realidade, 1.256) do dia 7 de setembro na capital do país, o que não devia causar estranheza porque os Salesianos da Argentina já o haviam realizado com número ainda maior na cidade de La Plata. Os alunos, todos internos, iriam em trens especiais, concedidos gratuitamente pelo governo e se alojariam no Rio de Janeiro por conta do gover-

no. "A alma de todo este movimento era o D. João Batista Nery, Bispo de Campinas, que foi chamado "Marechal Salesiano".[28]

Na carta de 18.09.1917, fazia um relatório do histórico desfile militar, com a participação de 25.000 homens das Forças Armadas e observava que o tempo de preparação para este evento e sua realização em nada prejudicou tanto em relação à aplicação nos estudos e comportamento quanto em relação ao lado moral e religioso dos alunos, uma vez que os de comportamento e aplicação insuficientes foram excluídos desta atividade. A assistência aos alunos foi redobrada para que nada de inconveniente ocorresse. Ao contrário, dizia, os alunos foram cobertos de elogios pelas autoridades, pela imprensa e pelo povo.[29]

De fato, na Capital Federal, diante das mais altas autoridades civis e militares, diante das massas estáticas, um corpo de 1.256 alunos perfeitamente organizado, disciplinado, funcionou à guisa de um exército perfeito. O desfile foi considerado pela crônica jornalística da época como modelo de tropa dócil e útil à construção ou à reconstrução do corpo social do país. Os jornais foram pródigos em elogios à ação educativa dos Salesianas e à disciplina dos alunos, que pareciam pequenos soldados.[30] O principal objetivo, porém, dos Salesianos com essa passeata era de "marketing" e também político.

Em 1919, tentava acalmar o secretário, Calógero Gusmano, para que não se espantasse com o "militarismo ainda existente", porquanto o uniforme colegial usado, em toda a parte, é militar e que a exibição principal, no ano anterior, se realizou na recepção do Embaixador da Itália no Liceu Coração de Jesus.[31]

---

[28] Carta do Pe. Pedro Rota ao Pe. Calógero Gusmano, secretário do Conselho Superior da Congregação Salesiana, de 25-VIII-1917. ASC 3122-8. Também em: Cartas do Pe. Pedro Rota, v. 3, organização do Pe. Antônio da Silva Ferreira. Ainda outra carta de 18.06.1917, sobre o serviço militar nas escolas.

[29] Carta do Pe. Pedro Rota ao Pe. Gusmano, de 18.09.1917. ASC 3222-8.

[30] D. João Nery fizera toda a negociação com as mais altas autoridades civis e militares do País para a efetivação desse desfile, e fizera o discurso oficial, daí ser chamado de "Marechal". Os anuários dos três colégios dedicam muitas páginas a este evento, como um dos grandes destaques da ação educativa das escolas salesianas. Acrescentamos que os desfiles escolares tornaram-se moda no país, inclusive das escolas religiosas, e se constituíam verdadeiras disputas para alcançar as primeiras classificações.

[31] Carta do Pe. Pedro Rota ao Pe. Gusmano, de 28.02.1919. ASC 3122-8.

Escusado dizer que essa movimentação foi sugerida e patrocinada por D. João Batista Nery, primeiro Bispo de Campinas. O Pe. Manoel Gomes de Oliveira, Diretor do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, viabilizou a proposta ao conseguir o apoio de seus colegas diretores do Liceu Coração de Jesus, do Colégio São Joaquim e do Colégio Salesiano Santa Rosa (este de Niterói).[32] Todos eles gozavam de influência perante as autoridades dos estados e do país.[33] Dom Nery conseguiu audiência com o Presidente da República, Venceslau Brás, a quem expôs a solicitação ao ministro da Guerra da concessão da carteira de Reservistas aos alunos salesianos e a instrução militar nos próprios colégios em que estudavam.[34] Coincidentemente ou não, o desfile atendia ao apelo de Dom Sebastião Leme, amigo dos Salesianos. Este, no ano anterior, lançara uma carta pastoral, que "soou como um clarim de guerra - de guerra santa" - num contexto mundial de guerra.[35]

Aduzia, como causa da estrutura desse fenômeno, a apatia a ignorância religiosa estrutural (inclusive "o respeito humano e a fome de prazeres") que envolvia não só os católicos mas também literatos de sentimentos cristãos, os cientistas, os filósofos, os historiadores, os jurisconsultos. No intuito de evitar e atenuar as conseqüências desastradas, propugnava a adoção de dois instrumentos: a propaganda e a evangelização das classes trabalhadoras, das famílias e das escolas.[36]

---

[32] Eram respetivamente os padres Henrique Fernandes Mourão, Luís Marcigaglia, Antonio Dalla Viva, estes auxiliado pelo Pe. Helvécio Gomes de Oliveira, irmão do diretor do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora.

[33] Pe. Henrique F. Mourão foi depois Bispo de Campos e depois de Cafelândia e Lins; Pe. Manoel G. de Oliveira, Arcebispo de Goiás; Pe. Helvécio G. de Oliveira, seu irmão, Arcebispo de Mariana, um dos que influiu para a adoção de ensino religioso em Minas Gerais, através de Mário Casasanta, ex-aluno salesiano. Animava Dom Nery ao aviar este projeto a palavra de Ruy Barbosa: "O Brasil nasceu cristão, cresceu cristão, cristão continua a ser até hoje. Logo se a República veio organizar o Brasil, e não esmagá-lo, a fórmula da liberdade constitucional, na República, necessariamente há de ser uma fórmula cristã. As instituições de 1891 não se destinaram a matar o espírito religioso, mas a depurá-lo, emancipando a religião do jugo oficial". Rui Barbosa, *Escritos e Discursos Seletos*, p. 1.009.

[34] A grande parada provocou admiração de Presidente que exclamou: "O que se passa sob as minhas vistas é a mais perfeita concretização das patrióticas promessas da Pastoral Colletiva dos Exmos Bispos do Sul". *Jornal do Commercio*, apud *Annuario do Liceu N. S. Auxiliadora*, 1917, p. 30.

[35] Dom Sebastião LEME, *Carta Pastoral*, Petrópolis, Vozes de Petrópolis, 1916, *6, 12*, 14-17. Ir. Maria Regina do SANTO ROSÁRIO (Laurita Pessoa Raja Rabaglia), O C. D., *O Cardeal Leme* (1882-1942), p. 6, 12, 14-17, 61.

[36] Dom Sebastião LEME, *op. cit., passim.*

Aquele desfile atendia, de alguma maneira, aos apelos de Dom Leme, de romper a apatia condenada pelo arcebispo católico, mostrando a presença de um sistema educativo católico organizado e pujante na esfera nacional.[37]

## 2.3. Militarização e sistema educativo salesiano

Mas o Pe. Paulo Albera, Superior Geral dos Salesianos, mostrava-se apreensivo com o aparato militarizado das escolas salesianas do Brasil e sua preocupação pelo cultivo excessivo do corpo, em uma circular do Superior Geral de 1921 sobre as vocações em que tratou também do militarismo nos colégios.

E assim explicava sua preocupação, acentuando que a prática do regulamento devia ser efetuada livremente, com amor, de modo espontâneo, jamais por coerção exterior:

*Todo o seu sistema educativo reduz-se a formar a vontade de cumprir o próprio dever e a praticar os conselhos evangélicos em grau heróico, não por temor humano, não por coerção exterior, não à força, mas livremente por amor.*

*A sua instituição é uma família formada unicamente de irmãos que aceitaram os mesmos deveres e direitos na mais perfeita liberdade de opção e no amor mais vivo a este gênero de vida. Por isso, queria absolutamente excluídos das suas casas os ordenamentos e as disposições disciplinares que limitassem de alguma maneira a liberdade própria dos filhos de família: cada um devia observar o horário e o regulamento não constrangidos por agentes extrínsecos, mas espontaneamente, por escolha da própria vontade.*

E continuava ao tratar do terreno mais adequado para as vocações:

*Ora, este espírito de família, em que a autoridade superior não se faz sentir com imposições militares, e o amor filial, que move a vontade dos súditos em prevenir também os simples desejos, este espírito de família é o terreno mais propício para as vocações, por isso, meus caríssimos, devemos zelosamente conservá-lo e aumentá-lo.*

---

[37] No ano seguinte, um ex-diretor de escola salesiana, Bispo auxiliar de Cuiabá, assumia a Presidência do Estado de Mato Grosso, um caso excepcional na história da América Latina: Dom Francisco de Aquino Corrêa.

E ordenava aos Provinciais:

*Os Inspetores, além do mais, conscientes como são daquele espírito de família que Dom Bosco quis sempre ver nas nossas Casas, impeçam, com toda a sua autoridade, que nelas se infiltre o espírito militarista, um triste fruto da guerra que, infelizmente, possui talvez algum prosélito também entre nós. Onde penetrou, dêem ordens explícitas para que a ginástica seja limitada apenas aos exercícios preliminares e o desporto seja usado somente com muita prudência e parcimônia. As nossas Casas não devem ser transformadas nem em casernas nem em praças de armas, nem em ginásios ou campos de jogo, um tal abuso é uma das causas principais da diminuição dolorosa das vocações.*

*É portanto precisa vontade não só minha, mas de todos os Superiores do Capítulo que isso seja o mais breve possível eliminado...*[38]

O Capítulo Inspetorial de 1922 atendeu imediatamente às ordens do Superior Geral e determinou que se eliminassem "gradualmente os fuzis, as espadas, platinas, quepes, etc." e se adotassem um uniforme colegial mais de acordo com o espírito recomendado na circular, prévia combinação dos diretores com o Pe. Inspetor. Desta regra, excetuavam-se os reservistas dos colégios salesianos.[39]

## 2.4. Os desfiles, a militar: auxílio a disciplina, propaganda, homenagem...

O anuário do Liceu Coração de Jesus de 1923, todavia, defende-se da acusação de praticar o militarismo escolar e fazia algumas distinções:

---

[38] No original italiano: "Gl' Ispettore compresi como sono de quello spirito di famiglia che D. Bosco volle sempre vedere nelle nostre Case, facciano uso de tutta autorità per impedire che in esse abbia ad inflitrarsi l'spirito militaresco, um triste frutto della guerra che purtroppo ha forse penetratto tra noi. Dove già fosse penetratto, diano ordini esplicito perchè la ginnastica venga limitata ai soli esercizi preliminari, e lo sport venta usato solo com molta prudenza e parsimonia. Le nostre Case non debbono essere trasformate nè in caserne, nè in piazze d'armi, nè in palestre di giuocco; un tale abuso é una delle precipue cause dello scemare doloroso delle vocazioni... É quindi precisa volontà... ch'è esso venga al più presto eliminato..." (*Lettere circolari di D. Paolo Albers si Salesiani*, p. 477). ALBERA, Sulle vocazioni, in: *Lettere Circolari di D. Paolo Albera ai Salesiani*, p. 458-459, 477-478. Coincidentemente, em 1922, iniciava-se na Itália o movimento fascista que exaltava até a exacerbação os esportes e a ginástica.

[39] Cfr. A revista *Dom Bosco*, 1938, p. 294. Em 1922, na Itália surgia o fascismo e na Alemanha o nazismo, sendo que ambos davam grande destaque ao corpo, à educação física e à formação do soldado. Para maior conhecimento do assunto, confronte-se Giovanni Levi e Jean-Claude Schmidt, História dos Jovens; A época contemporânea, v. 2, trad., p. 291-382. Os Salesianos antecipavam-se em tomar as devidas preocupações, talvez sem ter ainda a consciência exata do perigo nazista e fascista. Era a preocupação em manter a primazia do espírito sobre os valores físicos corpóreos, apesar de reconhecer sua utilidade e necessidade: "Mens sana e corpore sano".

*(...) uma coisa é a instrução militar e outra é o militarismo. Em nossos colégios absolutamente não existe o espírito militarista, como alguns erradamente pensam. O espírito dos colégios salesianos é o de D. Bosco, espírito de bondade e tolerância, espírito baseado na caridade e na religião, espírito de família, numa palavra.*

*Se alguma vez, em excursões e passeios, os meninos mostram uma organização militar, isto acontece para auxiliar a disciplina e para a movimentação rápida de grandes concentrações de crianças.*

*As nossas grandes massas disciplinadas e garbosas fazem sempre boa impressão, mesmo prescindindo de todo elemento o recurso militar.*[40]

Vê-se, neste texto, o interesse em fazer marketing através dos desfiles e a organização militar. As escolas dispunham de um quadro de oficiais alunos, desde tenente-coronel até cabo. E esse quadro encontramos ainda nos inícios da quinta década. Em 1947, havia ainda no Liceu Coração de Jesus o quadro de "oficiais do batalhão escolar".[41]

Quanto ao aspecto vocacional, deve-se notar de imediato que, neste ambiente de intensos exercícios militares, saíram, aproximadamente, vinte sacerdotes, além de vários leigos religiosos, numa demonstração de que a militarização dessas escolas não prejudicou o espírito de família, base do Sistema Preventivo, nem se constituiu num fator antivocacional religioso. Quatro deles tornaram-se Bispos. Quanto aos dirigentes dos estabelecimentos em estudo, chegaram a ser Bispos Dom Manoel Gonçalves de Oliveira, Arcebispo de Goiás; Dom Henrique Fernandes Mourão, Bispo de Lins, além de Dom Francisco de Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá e Presidente de Mato Grosso, que fora diretor do Colégio São Gonçalo de Cuiabá; e Dom Helvécio Gomes de Oliveira, vice-diretor do Colégio

---

[40] *Annuario do 38.º Anno Lectivo do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus*, 1923, p. 6-7.

[41] *Crônicas do Liceu Coração de Jesus*, p. 59. Por exemplo, em 1913, ao tratar da instrução militar, afirmou-se que *o "batalhão colheu muitos louros"*(ainda *Annuario do Gymnasio S. Joaquim, Lorena, 1913*, s. n. ed.). O Diretor do Liceu Coração de Jesus justificava a instrução militar como o desejo de contribuir para a formação do caráter dos nossos jovens, sob o ponto de vista cívico e patriótico, inoculando-lhes hábitos de ordem, disciplina e obediência à autoridade e liberá-los da Lei do Sorteio Militar, ou seja, a isenção do serviço militar nos quartéis, o que repugnava ao povo e especialmente à classe média (*Annuario do 30.º Anno Lectivo do Liceu Sagrado Coração de Jesus*, 1915, p. 15). Os anuários são pródigos em mostrar os grandes desfiles, a impressão que causavam no povo, provocando "fragorosos aplausos e delirantes ovações" pela marcha garbosa dos alunos (*Annuário do 33.º Anno Lectivo do Lyceu Sagrado Coração de Jesus*, 1918, *p. 17...*). Os alunos menores despertavam ainda mais a admiração de todos (Anuário de 1943, in: *Dom Bosco*, 1943, p. 29-30). Em 1938, o ditador Getúlio Vargas, presenciando um desses desfiles, exclamou: "Este colégio encheu-me as medidas." (Revista *Dom Bosco*, 1938, p. 485).

Salesiano Santa Rosa (Niterói), o que demonstra as boas relações dos Salesianos com as autoridades civis e militares da época.[42]

Além do objetivo de propaganda dos colégios salesianos, do sistema de educação adotado, demonstrado pela disciplina e pelo garbo dos alunos, visavam os desfiles, ainda, homenagear alguma pessoa importante (Bispo, autoridade, imprensa), festejar alguma data cívica ou religiosa, em âmbito interno ou externo, agradecer, pelo apoio prestado aos estabelecimentos salesianos, às autoridades, aos jornais e também ao povo em geral e facilitar a ordem e a movimentação nos passeios.[43]

Muitos passeios realizados nas cidades vizinhas de Campinas pelos alunos internos (acrescidos posteriormente dos alunos externos) do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, acima citados, transformavam-se em desfiles de demonstração de garbo e de disciplina, o que impressionavam as autoridades e o povo e atraía alunos para o estabelecimento. Do mesmo modo, os desfiles do Batalhão Colegial do Liceu Coração de Jesus, especialmente, nos dias 21 de abril, 24 de maio, 7 de setembro, 12 de outubro, 15 de novembro tornaram-se atração tradicional na cidade de São Paulo. A inauguração de novo uniforme, como o de 1931, este muito semelhante ao dos oficiais da Marinha, constituía motivo para uma passeata no centro da cidade. Em 1937, os jornais *Folha da Manhã* e *Folha da Tarde* premiaram o Liceu Coração de Jesus, com "magnífica taça".[44] Em 1942, o Inspetor, Pe. Orlando CHAVES, na ata da visita anual, recomendava que se tivesse "cuidado nestes tempos para que o espírito militarista" não penetrasse "no colégio"; para isto recomendava eliminar do uniforme dos alunos todo insígnia militar.[45]

---

[42] Tornaram-se Bispos: Dom Ladislau Paz (Bispo de Corumbá), Dom Antonio Barbosa (Arcebispo de Campo Grande) estes ex-alunos do Liceu Coração de Jesus, D. Orlando Chaves (ex-aluno do Colégio Salesiano Santa Rosa, de Niterói, Arcebispo de Cuiabá), Dom João Resende Costa (Arcebispo de Belo Horizonte, ex-aluno do Colégio São Joaquim de Lorena, todos eles ex-Provinciais. Pe. Agenor Vieira Pontes foi Provincial no Brasil e em Portugal e um dos mais importantes membros do Batalhão Colegial do Liceu N. S. Auxiliadora de Campinas e outros.

[43] *Liceu Coração de Jesus, Recortes de jornais, programas, passim.*

[44] Os anuários desses colégios narram com pormenores desfiles de 1924, 1928, 1929, 1931, 1932, além dos que se faziam fora de suas sedes, em Mogi das Cruzes, Santos, Sorocaba, Amparo, Itu, Taubaté, etc. e normalmente nas cidades vizinhas. Seria demasiado longo, e, *data venia*, desnecessário estender-nos na apresentação dos desfiles, que aliás também eram feitas por outras escolas, constituindo-se verdadeiras disputas para conseguir o primeiro lugar. Sobre a inauguração do novo uniforme e a oficialidade, cfr. *O Liceu, 14 (4)*: jun. 1931 e *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, de 1931, p. 28.

[45] *Atas das Visitas Domésticas do Liceu Coração de Jesus*, 1937-1966, p. 13.

Geralmente, uniam-se, na direção do desfile, a Banda e a Fanfarra que, pelo elevado nível de sua preparação técnico-musical, às vezes, não eram aceitas nos concursos da cidade. Naturalmente, os ensaios preparatórios aos desfiles eram intensos e serviam de derivativos para amenizar a vida do internato.[46]

Os grandes desfiles, que movimentavam entre 700 e 1.200 alunos, chegando a 2.000 no Jubileu de Diamante do Liceu Coração de Jesus,[47] continuaram até depois do fechamento dos Internatos em estudo (e de outros): 1964, Liceu Coração de Jesus; 1970, Colégio São Joaquim; e, 1975, Liceu N. S. Auxiliadora. Os anuários e as crônicas narram o entusiasmo do povo, que aplaudia os alunos, pelo seu garbo, elegância e disciplina. Os ex-alunos, supérstites dessa fase, os Salesianos, os professores dessa época e até populares recordam-se com saudade, sem disfarçar algumas vezes a emoção, acrescentando que as moças ficavam bem à beira da calçada e não paravam de aplaudir e suspirar pelos estudantes com aparência de soldados e oficiais...[48]

Percebe-se, através desses fatos, e não dá para disfarçar, como o espírito militarista estava arraigado na população. *A Gazeta*, de 28.09.1958, estampava no alto de uma de suas páginas, ao tratar do *Campeonato de Bandas e Fanfarras* a seguinte manchete: GARBO E DISCIPLINA NO DESFILE DOS COLÉGIOS DA CAPITAL. Neste mesmo ano, o Liceu

---

[46] Uma composição literária de um aluno do 3.º Comercial assim descrevia, com certo ponto de euforia e orgulho, o estado de ânimo dos alunos sobre a parada do dia 7 de setembro: "Eis finalmente, o dia almejado pelos colegiais, para a demonstração de quem possui mais garbo e melhor cadência na marcha (...). Foram verdadeiras atrações as músicas executadas pela banda com acompanhamento da nossa incomparável fanfarra. E por ser a melhor que lá estava, não sei porque não foi aceita no concurso ginástico". (Cfr. Edgar Toledo, A parada do dia 7, in: *Annuario do Lyceu Coração de Jesus* de 1929, p. 336-337). Sobre o entusiasmo dos alunos nos ensaios (ainda, *op. cit.*, p. 31-32). Desfile da saúde (*Dom Bosco*, 1937, p. 336).

[47] *Crônica Inspetora M. Auxiliadora*, Casa Liceu Coração de Jesus, p. 7. AISSP.

[48] Depoimento do Pe. Leonardo Giaccuzzi, que foi Diretor do Liceu Coração de Jesus durante nove anos (1957-1954). Arnaldo Avanzini, que foi coronel-comandante do Batalhão Colegial do Liceu Coração de Jesus, escrevia ao Pe. Francisco Zai, um dos dirigentes da educação física: "Oh! Que saudades que tenho...! Daquele garboso regimento! Daquela belíssima banda de música! Daquele desfilar de jovens pelas ruas da formosa São Paulo!" (Cfr. *O Lyceu*, 2 (2), p. 25, fev. 1920). Um outro, acadêmico de medicina, escrevia dizendo que no Liceu tinha passado "dias felizes", recordava das festas ginásticas e militares, do "raro regimento" que tinha comandado, dos aplausos da população e terminava com estas palavras: "São tempos que já se foram e não voltam mais... Ficam, porém, sempre gravados no coração onde instilam sempre o suavíssimo bálsamo da saudade" (Id., 3 (3 e 4), p. 56, abr.-mai. 1921).

Coração de Jesus conquistava o primeiro lugar no II Campeonato de Fanfarra, junto com a do Colégio Arquidiocesano.[49] Com o aparecimento do Regime Militar, instalado em 1964, foi desaparecendo, nas escolas salesianas, o entusiasmo não só pelo uso do uniforme a militar mas também pelos desfiles.

[49] Tratava-se de uma promoção da Rádio Record e TV Canal 7, *A Gazeta Esportiva*, de 24 de setembro de 1958, p. 23. No ano seguinte repetia o campeonato na mesma categoria, ou seja, Fanfarra com um só pisto. Cfr. AISSP, *Súmula de Apuração deste III Campeonato*.

CAPÍTULO XIII

# PRÁTICAS DE PREMIAÇÃO E AVALIAÇÃO DO SISTEMA EDUCATIVO SALESIANO

Para FOUCAULT, a partir da segunda metade do século XVIII, iniciava-se uma fase de reconsideração da justiça penal e do desaparecimento dos suplícios, passando a vigorar o lema: "É indecoroso ser passível de punição, mas pouco glorioso punir". Adotou-se como medida essencial "procurar corrigir, reeducar, curar". Uma das perguntas feitas ao acusado dizia respeito à possibilidade de sua cura ou readaptação. A punição, além de vergonhosa, constituía-se uma das "sensações insuportáveis", além de instrumento de exercício e manutenção do poder.[1] A pena, atualmente, segundo ele, visava não apenas converter a alma, mas torná-la submissa.

[1] Michel FOUCAULT, *Vigiar e punir; Nascimento da prisão, história da violência nas prisões*, p. 15.

Aliás, o objetivo de seu livro é "tentar estudar a metamorfose dos métodos punitivos a partir de uma tecnologia política do corpo onde se poderia ler uma história das relações de poder e das relações de objeto".[2] A sujeição não é só obtida por instrumentos violentos, "mas por uma tecnologia política" (saber e poder) ou "microfísica do poder".[3] No século XIX, concebeu-se o sistema penal como um instrumento para gerir sistematicamente as ilegalidades, não para suprimi-las. Formulou-se uma nova estratégia na teoria geral do contrato. A punição devia olhar para o futuro, tomando, como uma de suas funções mais importantes, o prevenir, ou seja, punir exatamente para impedir.[4]

A documentação existente sobre o sistema educativo salesiano parece contrastar com a teoria de FOUCAULT, ou seja, mostrando uma repugnância à aplicação de punições quer sejam físicas, quer sejam simbólicas. Rejeita absolutamente a violência física, e tolera a simbólica em casos extremos. Se se apela para a submissão a uma autoridade humana, não é por ser simplesmente humana, mas por ela exercer um poder delegado por uma autoridade superior, Deus.

O sistema salesiano de educação prioriza, subliminarmente, o princípio: "Vigiar e premiar". Procura criar um sistema de práticas de representações que torne a transgressão inapetecível, inaceitável e a observância apetecível das normas ou regras por trazer vantagens, inclusive materiais. Procura criar um jogo de representações positivas que reforcem positivamente a observância de horários, movimentos obrigatórios, atividades, meditação, trabalho individual e em comum, silêncio, respeito e bons hábitos. Mesmo em caso de correção, o que se procura é o restabelecimento da paz, mas como tranqüilidade da ordem e não apenas e simplesmente a criação de um sujeito obediente a uma autoridade humana, girando em torno desta, em função desta e sob esta, como sustenta FOUCAULT.[5]

---

[2] Michel FOUCAULT, *op. cit.*, p. 25.27.
[3] Id., *op. cit.*, p. 28-32.
[4] Id., *op. cit.*, p. 85.
[5] Id., *op. cit.*, p. 114, 116.

## 1. PREVENIR, NÃO REPRIMIR

Tudo o que foi escrito nos capítulos anteriores diz respeito às práticas concernentes à aplicação do sistema educativo salesiano e, por conseguinte, ao objetivo de conseguir, suavemente, disciplina e de torná-la aceitável e o menos sofrida possível, na vida do internato.[6] É preciso ainda esclarecer que "prevenir" não "significa o ato negativo de reprimir, mas a empresa positiva de inflamar e agilizar a alma do educador de modo que este adquira o força de alcançar, com o amor, um efeito mais seguro, mais pronto e mais íntimo do que se pode obter com o castigo".[7] Assim distingue-se do punir de FOUCAULT, que relaciona vigiar e punir, como se um fosse seqüência do outro.

A disciplina foi constante preocupação dos Salesianos e transparece em toda a documentação oficial e oficiosa da Congregação, não como finalidade em si mesma, mas como um meio para conseguir os objetivos educativos traçados: a consecução da auto-realização humana e também divina. Esta finalidade suprema do homem é, também, sua recompensa final. A par desta preocupação, o uso da violência, apesar de reduzida ao mínimo, jamais foi aprovado.[8]

Dom Bosco definia a disciplina "como um modo de viver conforme as regras e os costumes do instituto". Mas sempre apelava para a disciplina interior. O núcleo e a base da disciplina é a obediência ao regulamento e à autoridade do educador, representante da autoridade de Deus.[9]

MACCONO dizia, num livro de 428 páginas usado nos noviciados salesianos no começo do século XX, que o bom educador devia tratar

---

[6] "La ginnastica, la música, la declamazione, il teatrino, le passeggiante sono mezzi efficacissimo per ottenere la disciplina, giovare alla moralità ed alla sanità. Dom Bosco". *Sistema Preventivo*, cap. 2.

[7] Rodolfo Fierro TORRES, *El sistema educativo de Don Bosco en las pedagogia gerneral y especiales*, p. 397. A 1.ª edição foi feita em 1913. Recentemente, Pietro Braido, reafirma esta doutrina no livro intitulado *Prevenire, non reprimere – Il sistema educativo di Dom Bosco*, 1999.

[8] "La frequente Confessione, la frequente Communione, la messa quotidiana sono le colonne che deveno reggere un edifizio educativo, da cui si vuole tener lontano la minaccia e la sferza" (Rodolfo Fierro TORRES, loc. cit.,). "Bater, dar castigos reprovados pelo regulamento, faltas referentes à moralidade, terão conseqüências para os culpados. Pelo menos devemos ser delicados e honestos", escrevia André Dell'Oca, Provincial, em 1936 (Cfr. *Circular nº 8*, item 8, de 7 de março de 1936).

[9] DOM BOSCO, Circular sobre a disciplina, *MB* X, 1102. Para maiores detalhes, vide 8.3.1, deste trabalho, que trata do conteúdo dos *Appunti*.

os meninos com "severa doçura" ("severa dolcezza") e alertava contra os que mantêm a escola com "a vara de ferro, verdadeiros déspotas, que não abrem a boca, senão para mandar, repreender ou lançar raios" ("virga ferrea, veri despoti, che non apron boca che per commandare, riprendere o lanciar fulmini"). Este autor salesiano tenta casar severidade com doçura e não apresenta nenhum tipo de castigos, parecendo até temer citá-los.[10]

No "Regolamento" de 1906, dois artigos exprimem a recomendação e a exigência, ao mesmo tempo, para que se use o método preventivo e se acautelem os irmãos contra certas máximas rigoristas, que, de vez em quando, serpeavam entre os Salesianos (Art. 409, 486). A palavra disciplina, objeto de dezesseis artigos dos 1.368, aparece logo no primeiro artigo deste código, onde se considera a falta de observância exata do horário como a causa de relaxamento e de tepidez na piedade de toda a casa, dois elementos perturbadores do bem-estar da comunidade.

Todo o quadro de pessoal da instituição devia velar pela boa ordem de seu andamento, destacando-se os membros do Conselho, em especial dos Assistentes, mais diretamente envolvidos com os jovens. As palavras "assistenza, vegliare, vigilare, invigilare, sorvegliare, sorveglianza", são citadas 109 vezes, destacando-se "vigilare" (38), "assistenza" e palavras dela derivadas (38), "sorvegliare" (7), em suma 8,11% do total de artigos do "Regolamento". A Assistência tem por objetivo evitar a possibilidade moral de se cometerem faltas, desordens, transgressões ou qualquer tipo de perturbação ao andamento normal da comunidade educativa.

A vigilância é inerente ao Sistema Preventivo, como afirma MOURÃO. Em 1921, num manualzinho dirigido aos professores, ao dizer que o Sistema Preventivo consistia em prevenir antes de castigar e, pela vigilância constante e carinhosa, conservar os alunos na impossibilidade de cometer faltas. Apontava, por exemplo, a pontualidade dos professores como "vantagem incalculável para o aproveitamento geral" dos alunos e como "condição indispensável de ordem e disciplina". Em 1919, ele havia instituído "os pontos de diligência" (compreendendo procedimento e aplicação), que consistiam na contagem dos resultados positivos ou negativos (bom ou mau procedimento, nota suficiente ou insuficiente) conquistados pelo aluno em sala de aula. Para premiar o maior número de pontos mere-

---

[10] Ferdinando MACCONO, *Un aiuto all'educatore*, p. 265-266.

cidos durante o mês, instituíram-se prêmios adequados, como festas, passeios, cinemas e outros. O autor recomendava ainda que, na aplicação de notas, se evitasse o excessivo rigor ou a bondade e a indulgência sem limites, sendo preferível, em todo caso, o estímulo da indulgência.[11]

Em 1936, numa circular, o Provincial (Inspetor) afirmava que "nosso sistema educativo exige a convivência com os meninos e por isso o Diretor, Superiores, Salesianos, todos, devem fazer o recreio com os alunos para ter ocasião de conhecê-los, de impedir o mal e fazer algum bem", e acrescentava que "é impossível obter a disciplina e moralidade de longe, e sim estando com os meninos e dando-lhes bom exemplo". Era este o sentido da assistência, da vigilância...[12]

Para estimular a prática da disciplina preferia-se a utilização de prêmios. Os alunos tinham de ser orientados, logo ao início do ano letivo, ao conhecimento das normas disciplinares, dos prêmios e castigos advenientes.[13]

## 2. OS PRÊMIOS

Trata-se de uma questão bastante discutida no meio educativo. Ironicamente, escreve TORRES, uns ao negar a sua conveniência (ou "imoralidade") aos jovens, ostentam, na lapela, condecorações pomposas, como "águia negra", "cruz da legião de honra", medalhas ou distintivos semelhantes, que não deixam de ser prêmios, por conseguinte, considerados dentro do código de moralidade. Claro que seriam imorais se fossem considerados "fim" e não "simples meio para estimular a atividade do menino, ser débil e incapaz", ainda, às alturas da igualdade, mas que, um dia, "através da graduação dos estímulos, chegarão até que baste a voz da consciência". Acha o autor "inexplicável que os que admitem e administram pancadarias, suprimam os prêmios. Dom Bosco precisamente faz o contrário: suprime as pancadas e deixa os prêmios". E acrescenta: "Bom que o menino deixe de fazer o mal por temor a castigo, mas no final isto é meio nega-

---

[11] Henrique MOURÃO, *Breve resenha das principais resoluções, avisos e conselhos pedagógicos extrahidos das actas das reuniões do Corpo Docente Externo do Lyceu Salesiano "Sagrado Coração de Jesus", de S. Paulo nos annos de 1916 a 1921, para uso dos professores*, p. 8.

[12] André DELL'OCA, *Circular nº 8*, item 6.

[13] DOM BOSCO, *Sistema Preventivo*, cap. IV; *Regolamento 1906*, art. 305.

tivo; melhor é que faça o bem para merecer uma recompensa e melhor ainda que o faça por puro amor: isto é positivo". São, pois, três estágios. À medida que a vontade se robustece, consolida-se a prática da virtude, pela beleza da virtude, para cumprir a vontade de Deus e, assim, contribuir com a perfeição e a harmonia do Universo, os verdadeiros móveis e os fins dignos do homem.[14]

Escreve CARON, que, na pedagogia usada nos séculos XVIII e XIX, encontravam-se dois meios para distinguir o comportamento dos alunos, ou seja, o castigo e a recompensa. Esta fazia parte da pedagogia jesuíta que procurava, segundo ele, desenvolver ao máximo o espírito de emulação, adotando diversos artifícios como a nomeação de "imperadores", quadros de honra, prêmios em forma de livros, distribuição de palmas, louros, etc., o que ocorria, inclusive, nas escolas públicas.

Na tradição salesiana, os prêmios eram um dos meios para estimular os alunos ao estudo, ao procedimento exemplar, como um instrumento de emulação. Emulação, segundo o dicionário AURÉLIO, é um "sentimento que incita a igualar ou superar outrem".[15] O *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* repete o mesmo conceito e, ao apresentar outros sinônimos, inclui "rivalidade", explicando entre parênteses, geralmente, no bom sentido, isto é, "rivalidade sadia, imbuída de espírito esportivo".[16]

MACCONO, citado, esclarecia a emulação ligando-a ao conceito de honra. Em outras palavras, aconselha o educador a instilar no jovem uma justa idéia da honra, a amá-la, e mostra-lhe as vantagens apresentando, até, exemplos extraídos da história com prêmios e elogios. Ao excitar os alunos à emulação, que é, necessariamente, ligada à honra, convém acautelar-se, entretanto, para que a emulação não degenere em inveja ou desânimo.[17]

---

[14] O autor cita duas estrofes de um canto antigo que rezava: "Oderint peccare mali formidine poenae; oderint peccare boni virtutis amor". Ou seja: "Os maus odeiam pecar com medo da pena; os bons por amor à virtude". Cfr. Rodolfo Fierro Torres, *El sistema educativo de Don Bosco en las pedagogias general y especiales*, p.397-399.

[15] Aurélio Buarque de Holanda FERREIRA, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d.

[16] MICHAELIS, *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos, 1998. Vide ainda, neste trabalho, 3.1, p. 235, página onde, nos *Appunti*, se trata da emulação.

[17] Ferdinando Maccono, *op. cit.*, p. 365-366.

O autor referido divide os prêmios em materiais e morais e os distribui numa vasta escala, desde uma guloseima, um selo, um livro ameno, um passeio, um livro científico, uma visita a um museu. De particular importância são os prêmios morais e, entre eles, a "honra" (elogio, quadros de honra, notas). Entre os grandes recursos pedagógicos, estão o louvor e a felicitação. Cita Herbart, para o qual, "sem o louvor, não é possível mexer na disciplina", porque desperta no aluno a consciência do "bom, que há nele, desse eu superior, cavalo da Pedagogia moderna, sem excluir os inimigos dos prêmios. A própria repreensão não é útil senão quando a falta que degrada, que desdiz, se contrapõe ao bom, ao nobre, que sublima, que enquadra com a dignidade humana".[18]

Um anônimo definia emulação como todo estímulo para o bem, podendo ter caráter de prêmio ou castigo. Advertia, contudo, contra o uso "daqueles meios que poderiam facilmente despertar a vaidade ou a inveja ou se convertem em bondades efeminadas ou interesses servis". Classificava os meios principais de emulação em notas (de aula, de procedimento, etc.), em prêmios e em castigos. Acrescentava, ainda, as distinções das notas de classe e de procedimento, lidas com regularidade e com certa solenidade proporcionada à sua importância (além das notas semanais ou mensais), ou seja, as bimestrais ou trimestrais, assistidas pelos principais dirigentes do estabelecimento.[19] Para Pe. Stefano TRIONE, grande meio de emulação e coeficiente eficaz de educação, de ordem e de disciplina, é a nota de procedimento.[20]

Na tradição salesiana, os prêmios e, entre eles, as notas foram uma prática normal na vida colegial. O "Regolamento" de 1906, ao referir-se às notas de procedimento e de aplicação aos estudos, determinava que o Assistente dos aprendizes: "Velará, atentamente, pela conduta moral dos alunos, pela sua assiduidade e diligência e, no final de cada semana, consultado o parecer do mestre de arte, dará a nota de conduta dos alunos ao Prefeito e ao Catequista, segundo os quais se determinará a recompensa ou a repreensão merecida".[21] Os demais Assistentes de outras Divisões passa-

---

[18] Ferdinando MACCONO, *op. cit.*, p. 399.

[19] *Apud* N. N., *Disciplina segun el espiritu di San Juan Bosco*, Montevidéu, 1946, promanuscripto, p. 45, 51. Dom Bosco não ignorava as dificuldades da avaliação do comportamento, quando dizia: "Noi intorno alla condotta dei giovani siamo sempre ingannati, perchè sono sempre buoni i voti delle decurie mensali". Cfr. *MB* XVII, 186.

[20] Stefano TRIONE, *Il Catechista e il Consiglieri scolatstico profissionale e agricolo nelle Case Salesiane*, p. 81.

vam ao Conselheiro Escolar as observações referentes ao procedimento dos alunos que estavam sob sua responsabilidade.[22]

Determinava o *Regolamento,* de 1906, que, no fim do ano, houvesse um prova ("saggio") geral para os alunos e aprendizes, seguida da distribuição dos prêmios numa "modesta solenidade", com declamações, com discursos de alunos de todas as classes, com peças musicais executadas pelos alunos, e com alguns cantos corais, mostrando, deste modo, a sua capacidade. Com um diálogo ou com uma palestra de oportunidade, explicava-se o objetivo da reunião, agradeciam-se as intervenções, acrescentavam-se algumas palavras de saudação às autoridades civis e religiosas. Essa sessão não deveria ultrapassar uma hora e meia.[23]

As notas de comportamento eram, em 1915, assim classificadas: **Ótimo, Bom, Regular** e **Insuficiente.** Posteriormente, criou-se mais uma, **Muito Bom**, logo abaixo de **Ótimo**. Dessa maneira, com maior divisão de classes de comportamento, poder-se-ia atingir o maior número de alunos premiados com notas, consideradas boas.[24]

Os prêmios eram bastante variados, compreendendo várias opções para atingir o maior número possível de alunos, a saber: procedimento, aplicação ao estudo (ou ao trabalho), instrução religiosa, música (vocal e instrumental), desenho, datilografia, pontualidade, assiduidade, até assistência à Missa aos domingos e dias santos, antigüidade, declamação, além de prêmios especiais. Até as saídas, que tantas tensões criavam, como já foi visto, eram consideradas prêmios por facilitar a disciplina.[25] Na concessão dos prêmios especiais, os alunos da divisão do interessado eram con-

---

[21] Id., Art. 557: "Veglierà attentamente sulla condotta morale degli allievi, sulla loro assiduità e diligenza, ed in fine d'ogni settimana, udito il parere del maestro d'arte, darà al Prefetto ed al Catechista nota della condotta de'suoi allievi, secondo cui si stabilirà ricompensa o biasimo meritato".

[22] Art. 367.

[23] *Regolamento*, art. 367.

[24] Pelo menos até 1920, por exemplo, a nota **10** apresentava duas classes, ou seja, "Ótimo com Louvor" e o "10 silencioso", que era o segundo prêmio, e a nota "Muito Bom", o terceiro prêmio. Os alunos de bom comportamento ganhavam "menções honrosas" (Cfr. *Atas do Capítulo do Lyceu Coração de Jesus, reunião de 26.11.1920*). Posteriormente foi determinado que os alunos que não estudam não podiam receber a nota "Ótimo com Louvor" (*op. cit.*, reunião de 12.06.1929).

[25] Esta a explicação apresentada em reunião do Conselho do Liceu Coração de Jesus sobre um circular do Pe. Inspetor solicitando que se observasse o ponto do regulamento que proibia saídas

sultados através de votação.[26] O aluno recebia um certificado, com a nota e com a sua justificativa, assinado pelo diretor. Este trabalho de avaliação, realizava-o o Conselho (Capítulo da Casa), "mui penoso" e feito com "a maior responsabilidade", de "longa duração" e feito em diversas reuniões.[27] Era considerado tão importante que foi pauta de uma reunião de Inspetores (Provinciais).[28]

Normalmente, eram também considerados prêmios a publicação da fotografia do aluno, a inclusão de seu nome na revista entre os destacados de toda espécie, a publicação de um trabalho escrito. Mensalmente, publicavam-se, no Quadro de Honra, exposto no locutório, os nomes dos alunos que sobressaíam pelo seu procedimento e pela aplicação. Todos esses meios contribuíam para criar, nos alunos, a emulação ou o esforço para conseguir ver o próprio nome incluído, de tal modo que, de alguma maneira, sua vida escolar fosse apreciada.

O quadro estatístico, a seguir assinalado, apresenta-nos uma amostragem de um sistema de premiação usado nas três instituições em estudo pelo menos desde 1915. Nota-se o grande número de alunos internos premiados,[29] uma preocupação para democratizar os prêmios e torná-los acessíveis ao maior número possível de interessados.

---

→ → durante o ano letivo: "Pelo Capítulo desta Casa foi julgada impossível a execução de tal ordem por motivos entre eles o de ser um prêmio que facilita grandemente a disciplina interna e por ser um costume aqui no Brasil de darem todos os internatos e os mesmos colégios religiosos que usam mais rigor concederem no mínimo uma saída cada quinze dias". Cfr. *Atas do Capítulo do Lyceu Coração de Jesus, 1919 - 1933*, reunião de 18.09.1926.

[26] *Atas do Capítulo do Lyceu Coração de Jesus, de 1915 a 1933*, reuniões de 30.08.1922; 27.09.1924.

[27] *Atas do Capítulo do Lyceu Coração de Jesus, de 1915 a 1933*, reunião de 15.12.1926.

[28] Pe. João Resende COSTA, Circular n.º 7 do Padre Inspetor, de 01.11.1950. *Circulares do Padre Inspetor, 1948-1952*. Nesta reunião motivada pela variedade de maneiras de dar notas de comportamento, aplicação e urbanidade, foi decidida a unificação dos critérios, ou seja: 10 (Ótimo com louvor), 9,5 (Ótimo), 9 (Bom), 8,5 (regular), 8 (sofrível) e 7,5 (mau), que deviam ser dadas semanalmente.

[29] Os alunos externos eram também premiados e sempre em número crescente, até em dinheiro, como em 1939 (Cfr. revista *Dom Bosco*, 1939, p. 101).

**Tabela 9**
**MOVIMENTO DE PRÊMIOS NO LICEU CORAÇÃO DE JESUS, COLÉGIO SÃO JOAQUIM E LICEU SALESIANO N. S. AUXILIADORA ENTRE 1915 A 1933.[30]**

| ANO | LICEU CORAÇÃO DE JESUS | | | | | | COLÉGIO SÃO JOAQUIM | | | | | | LICEU N. S. AUXILIADORA | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | P | R | A | M | O | T | P | R | A | M | O | T | P | R | A | M | O | T |
| 1910 | | | | | | | 54 | 42 | 38 | 18 | ? | 152 | | | | | | |
| 1911 | | | | | | | 39 | 65 | 25 | 49 | 18 | 196 | | | | | | |
| 1912 | | | | | | | 48 | 42 | 26 | 25 | | 161 | | | | | | |
| 1913 | | | | | | | 62 | 37 | 19 | 11 | ? | 119 | | | | | | |
| 1914 | | | | | | | 62 | 37 | 19 | 11 | ? | 119 | | | | | | |
| 1915 | 98 | 70 | 56 | 59 | | 293 | 62 | 37 | 19 | 11 | ? | 119 | | | | | | |
| 1916 | 148 | 57 | 39 | 49 | 26 | 319 | 57 | 37 | 22 | 38 | 22 | 175 | | | 223 | (294) | | |
| 1917 | 175 | 80 | 81 | 56 | | 391 | 72 | 48 | 26 | 31 | 39 | 216 | | | | | | |
| 1918 | 220 | 164 | 166 | 77 | 15 | 642 | 66 | 49 | 44 | 44 | 123 | 226 | | | | | | |
| 1919 | 189 | 128 | 141 | 45 | 36 | 539 | 99 | 47 | 85 | 30 | 159 | 320 | | | | | | |
| 1920 | 292 | 162 | 183 | 90 | 44 | 771 | 67 | 69 | 67 | | 135[31] | 238 | | | | | | |
| 1921 | 280 | 162 | 177 | 102 | 44 | 765 | 66 | 58 | 39 | | 26 | 189 | | | 233 | (276) | | |
| 1922 | 264 | 187 | 132 | 95 | 83 | 761 | 95 | 42 | 83 | | 69 | 291 | | | | | | |
| 1923 | 502 | 150 | 124 | 108 | 39 | 933 | | | 266 | (348) | | | | | 269 | (390) | | |
| 1924 | 557 | 291 | 194 | -91 | 25 | 1128 | | | 191 | (414) | | | | | 350 | (412) | | |
| 1925 | 363 | 312 | 241 | 64 | 76 | 1056 | | | 170 | | | | 90 | 24 | 58 | | 79 | 351 |
| 1926 | 262 | 181 | 220 | 131 | 51 | 945 | 153 | 57 | 46 | 15 | 63 | 334 | | | | | | |
| 1927 | 183 | 141 | 227 | 48 | 18 | 617 | 72 | 35 | 48 | 10 | 71 | 236 | | | | | | |
| 1928 | 383 | 232 | 198 | 96 | 25 | 934 | 106 | 38 | 50 | 40 | 123 | 219 | | | | | | |
| 1929 | | | | | | | 106 | 38 | | | 86 | 220 | | | | | | |
| 1930 | | | | | | | 44 | 88 | 53 | 21 | 57 | 263 | | | | | | |
| 1931 | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1932 | 157 | 88 | | 234[32] | 77 | 556 | | | | | | | | | | | | |
| 1932 | 145 | 85 | 217 | 80 | | 527 | | | | | | | | | | | | |

**LEGENDA:**

**P** = Procedimento;
**R** = Instrução religiosa;
**A** = Aplicação aos Estudos;
**M** = Música (canto, banda, piano, flauta, violino, violão, bandolim etc.)
**O** = Outros (desenho, datilografia, declamação, antiguidade, pontualidade, estenografia, etc.).
**T** = Total.

---

[30] Os arquivos não dispõem de dados estatísticos de prêmios, anteriores às datas deste levantamento. Em 1887, já se distribuíam, nos colégios salesianos, prêmios aos alunos que mais se distinguiam (Cfr. *Correio Paulistano*, 09.11.1887).

[31] Inclui também prêmio de italiano.

[32] Alunos internos e externos (diurno).

Em fins de 1923, o Conselho do Liceu Coração de Jesus apresentou uma proposta para o cálculo das medalhas, sistema que se tornou definitivo:[33]

1) Medalha de Ouro, valia 14 ou mais pontos: a) prêmios especiais de procedimento (um de cada Divisão); b) os alunos que tiverem o 1.º lugar de procedimento - o 1.º ou o 2.º de aula - o 1.º ou 2.º de religião.
2) Medalha de Prata, de 11 a 13 pontos: os que tiverem 1.º ou 2.º de procedimento - prêmio de aula (1.º, 2.º e 3.º ) - prêmio de religião.
3) Medalha de Bronze, de 8 a 10 pontos: os que tiverem prêmio ou menção de procedimento - prêmio de aula - dois outros prêmios quaisquer.
4) Medalha grande de outro metal, de 5 a 7 pontos.
5) Medalha pequena de outro metal, de 2 a 4 pontos.
6) Menção honrosa, atestado somente.

Tal proposta, que democratizou os prêmios, estabelecia os critérios para a classificação mensal e anual. Recebiam prêmios de aplicação o primeiro, o segundo e o terceiro lugares e menção honrosa (M.H.), os seguintes até o 9.º lugar. Consideravam-se empatados os que alcançavam uma diferença inferior a 0,4 entre um e outro. As notas de comportamento recebiam, também, pontos de valorização *Ótimo com louvor*, 8; *Ótimo*,7; *Muito Bom*, 6; *Bom*, 5; *Regular*, 4; *apenas Regular*, 3; *Sofrível*, 2; *apenas Sofrível*, 1; e *Mau*, 0.

Os prêmios eram valorizados deste modo: Prêmio Especial de Comportamento, Medalha de Ouro como recompensa: e por "pontos" os seguintes: Prêmio distinto de Comportamento, **11**; prêmio especial de Religião, 8; 1.º prêmio de comportamento, ou de estudo ou de religião, **6**; 2.º prêmio de comportamento, ou de estudo, **5**; 2.º prêmio de religião ou 3.º de comportamento ou de estudo, 4; primeiro prêmio de qualquer outra categoria, **3** pontos; segundo de qualquer outra categoria ou 3.º de religião, **2**; menção honrosa, **1**.[34]

---

[33] AISSP, *Caixa 12* – Vários; *Archivo - Caderno nº 2 - Cópias Diversas de trabalhos, relações, chronicas etc. 1923 a 1924 (até outubro).* Cfr. também *Atas do Capítulo do Lyceu Coração de Jesus*, reunião de 15.09.1927 e *O Lyceu*, 1923, p. 273.

[34] *O Lyceu*, 1923, p. 273.

De 1924 em diante, os anuários publicam os nomes dos que recebiam medalhas: Ouro, Prata, Bronze, Quarta Medalha, Quinta Medalha e, muitas vezes, Sexta Medalha, como, também, os nomes dos que eram contemplados com Menção Honrosa.

O Liceu N. S. Auxiliadora, em 1924, publicava um "manifesto", determinando os valores para a premiação final. O aluno que alcançasse *Ótimo com Louvor* e *Ótimo,* durante todo o ano, chegaria a 110 pontos. As notas premiadas de procedimento eram *Ótimo com Louvor*, *Ótimo*, *Muito Bom* e *Bom*. Do mesmo modo, as notas de aplicação de dez a oito. No certame de catecismo eram computadas do 1.º lugar ao 5.º e classificadas as provas do 1.º lugar até o 12.º. No batalhão, o valor dos pontos dependia da maneira como o aluno se portava nos desfiles, como disciplina, garbo, ordem... A banda valia 20 pontos, a fanfarra, 15. As medalhas são as mesmas citadas no depoimento de Mário Quilici, abaixo. O procedimento insatisfatório anulava todos os pontos conseguidos; já o *Ótimo com Louvor* e o *Ótimo* garantiam, por si, a 1.ª Medalha de Ouro ou a 2.ª de Prata.[35] O Colégio São Joaquim, em 1936, premiava, também, até o terceiro lugar, com o sistema de contagem de pontos, e a pontuação conseguida dava direito até a 5.ª medalha.[36]

Os prêmios de catecismo eram os mais valiosos: ida ao Rio de Janeiro com permanência de três dias por conta do estabelecimento, um ano de gratuidade no internato para o primeiro lugar especial (1926); relógios (de mesa e de bolso, ternos de casimira inglesa, bicicletas), para os primeiros lugares nos diferentes certames (1926); passeio a Santos (1922) ou passeios de automóveis, com lanche, nos arredores da cidade (1926), para os segundos lugares; livros e objetos de culto, para os terceiros lugares.[37] Os prêmios ficavam em exposição para estimular os alunos ao estudo do catecismo. Havia inscrições, sendo numerosos os concorrentes, acirrando, ainda mais, a disputa para a conquista de um prêmio. Até nos re-

---

[35] *Estímulo*, Órgão mensal dos Alunos do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, Campinas, junho, 1944.

[36] *O Grêmio*, 1936, p. 36 a 52 do anexo.

[37] *Atas do Capítulo do Lyceu Coração de Jesus*, reuniões de 26.11.1920; 30.08.1922: ida ao Rio de Janeiro com permanência de três dias (1.º prêmio); passeio a Santos e arredores por um dia (2.º lugar); prêmios, livros e medalhas (3.º lugar); de 27.09.1924: relógios, pulseira, canetas *tintim* e livros e dispensa da prova de religião para os aprovados com nota 8; etc.

creios, viam-se alunos estudando e decorando os textos, que, de antemão, eram apresentados.

Os certames de catecismo constituíam uma tradição nas escolas salesianas e tornaram-se provinciais nas décadas de 30 até 50. O vencedor era considerado o "Príncipe" e era rodeado por dois "Ministros", segundos lugares. O Liceu N. S. Auxiliadora chegou até a nomear um padre para preparar os concorrentes (os melhores do certame local) para o Certame Provincial. Os vencedores eram recebidos em triunfo pela Diretoria e pelos colegas da própria escola.

Os dados, a seguir, mostram a diminuição do número de medalhas em anos sucedidos. Infelizmente, não conseguimos estatísticas tão completas como as do Liceu Coração de Jesus nos outros dois estabelecimentos em estudo. Encontramos a explicação do fenômeno da diminuição dos prêmios numa decisão tomada pelo Diretor do Liceu Coração de Jesus e aprovado pelo Conselho do estabelecimento: "Em vista da crise econômica em que passamos e o número reduzido de medalhas em Casa, o P. Diretor aconselhou que se restringissem os prêmios; não abrir muito em sua distribuição, de indulgências e perdões".[38] Possivelmente, os outros dois colégios tenham tomado decisões semelhantes.

[38] *Atas do Capítulo do Lyceu Coração de Jesus*, reuniões de 16.10.1931 e de 10.11.1931.

**Tabela 10**
**QUADRO DOS ALUNOS DO**
**LICEU CORAÇÃO DE JESUS, COLÉGIO SÃO JOAQUIM E**
**LICEU SALESIANO N. S. AUXILIADORA PREMIADOS ENTRE 1924 E 1961**

| ANO | LICEU CORAÇÃO DE JESUS | | | | | | COLÉGIO SÃO JOAQUIM | | | | | | LICEU N. S. AUXILIADORA | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | P | R | A | M | O | T | P | R | A | M | O | T | P | R | A | M | O | T |
| 1924 | 567 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1925 | 459 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1926 | 371 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1927 | 269 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1928 | 483 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1929 | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1930 | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1931 | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1932 | 239 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1933 | 257 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1934 | | | | | | | | | | | | | 239 | | | | | |
| 1935 | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1936 | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1937 | 166 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1938 | 235 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1939 | 225 | | | | | | 80 | 45 | 22 | 25 | | 175 | | | | | | |
| 1940 | 239 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1941 | 176 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1942 | 216 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1943 | 179 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1944 | 122 | | | | | | | | | | | | 186 | | | | | |
| 1945 | 109 | | | | | | | | | | | | 202 | | | | | |
| 1946 | 144 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1947 | 176 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1948 | 167 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1949 | 186 | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1950 | | | | | | | | | | | | | 94 | | | | | |
| 1951 | | | | | | | | | | | | | 121 | | | | | |
| 1952 | | | | | | | | | | | | | 185 | | | | | |
| 1953 | | | | | | | 68 | 58 | — | 05 | 131 | | 158 | | | | | |
| 1954 | | | | | | | — | 51 | — | — | — | 51 | | | | | | |
| 1955 | | | | | | | 90 | 77 | 22 | — | 24 | 213 | | | | | | |
| 1956 | | | | | | | 115 | 31 | 48 | | | 184 | | | | | | |
| 1957 | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1958 | | | | | | | 93 | 28 | 95 | 12 | 24 | 252 | | | | | | |
| 1959 | | | | | | | 89 | 32 | 79 | — | 01 | 201 | | | | | | |
| 1960 | | | | | | | 135 | 27 | 152 | — | 84 | 298 | | | | | | |
| 1961 | | | | | | | 153 | 30 | 127 | — | 58 | 268 | | | | | | |

Os anuários registram, ainda, uma categoria de premiados, aliás muito numerosos, mas que não recebiam medalhas: os que recebiam "Menção Honrosa". Eram aqueles que recebiam notas boas e até excelentes cuja soma, entretanto, não atingia o total de pontos que lhes dava direito a uma medalha. De qualquer maneira, era uma satisfação para os contemplados ver seus nomes publicados. Na página anterior, foram apresentados os números totais de medalhas distribuídas, segundo os dados constantes nos anuários.

Que a premiação era uma solenidade esperada pelos alunos, comprovam-no alguns testemunhos. Em 1923, o cronista, ao descrever a festa de encerramento do ano letivo com a relativa solenidade de premiação, mostrava o impacto emocional que provocava, nos alunos, a recepção de uma medalha:

*Foi no dia 18 que se realizou e com toda a solenidade essa festa, de grande importância para a vida colegial. É a colheita de louros semeados durante o ano... (...)*

*A proclamação dos prêmios especiais e das medalhas de ouro e prata foi feita pelo mesmo (...) Pe. Diretor, que dirigiu aos rapazes e às Exmas. Famílias palavras de encômios e explicações necessárias, máxime nessa última manifestação de prêmios.*

*Cenas inolvidáveis deram-se durante a distribuição das medalhas. Quanta cabecinha não se curvava invejosa ao ver o seu companheiro triunfante, receber em seu peito a insígnia do valente e em suas faces, o beijo quente e satisfeito da mamãe orgulhosa com um filho assim. Não se esqueçam os pequenos amigos: no fim do ano, há sempre a distribuição de prêmios, mas ela vem preparada desde os primeiros instantes de aula, de vida colegial; pensai pois e vede o que é preciso fazer...!*[39]

O cronista, no mesmo ano, descrevia algumas cenas ocorridas nesta festa:

*Estava terminado o ciclo escolar! Veio pois a festa com todo o seu cortejo e barulho, alegria e também de saudades!...*

*Muitos choravam... de saudades ou por não terem recebido alguma medalha?*

*Outros choravam também de alegria!*

---

[39] *O Lyceu,* Órgão dos Alunos do Lyceu Coração de Jesus, 1923, p. 290.

*Ah! Que na vida hora da partida é que a gente sabe avaliar o prazer do dever cumprido.*

*Para os que se arrependeram já era tarde.*

E acrescentava, dentro do conceito de emulação acima referido: "Para o próximo ano, quem sabe, virão com melhores disposições.[40] A simples privação de um prêmio, mesmo pequeno, ou mesmo até de um simples elogio, causava tristeza e pesar (e mesmo inveja),[41] o que já era considerado, pelos alunos, um castigo doloroso. Assistir a uma premiação e nada receber estimulava o desejo de, no ano seguinte, trabalhar para consegui-lo.

De Mário Quilici, aluno interno dos mais premiados do Liceu Coração de Jesus, de 1932 a 1940, é este depoimento que mostrava como esta prática era considerada importante e apreciada do ponto de vista educativo:

*A premiação de fim de ano era esperada com ansiedade e servia de estímulo para merecê-la como fruto de dedicação.*

*Existiam cinco tipos de medalha: 1.ª, de Ouro (grande); 2.ª, de Prata (grande); 3.ª, de ouro (pequena); 4.ª, de prata (pequena) e 5.ª, de bronze (pequena).*

*Ao receber uma medalha, o aluno recebia um diploma assinado pelo Padre Diretor, no qual era especificada a razão da medalha.*

*Para obter esta ou aquela medalha existia uma tabela com diversos itens, tendo cada qual um valor em número de pontos, os quais, somados, davam direito a uma determinada medalha. Os alunos que não ganhavam uma medalha compreendiam que a falha era deles.*

*É possível que algum aluno ficasse vaidoso.*

*No início do ano letivo os alunos tomavam conhecimento da premiação e quais os critérios que norteavam a premiação.*

*A meu ver a premiação era positiva e formativa.*

Ao terminar sua apreciação sobre essa prática, lamenta:

*Quando fui diretor do Liceu a distribuição de medalhas ainda tinha muito sentido no ponto de vista educativo.*

---

[40] *O Lyceu*, 1923, p. 429.

[41] *O Lyceu*, 1923, p. 290. Neste texto, o autor confessa ter visto cenas de inveja, de culpabilidade, de vergonha por ver o próprio companheiro triunfante. Existe uma comédia, intitulada "1908, adeus!", em que são exibidas cenas de alunos doídos de inveja e de tristeza por não terem sido premiados. Cfr. SANTA CRUZ, janeiro,1909, p. 80-86.

*Creio que foram os Salesianos que deram pouco valor a este meio bastante educativo e formativo. Nós deixamos valores e os outros educadores os tomam para si, como algo novo.*[42]

O Quadro de Honra era uma instituição muito usada e aparecia, mensalmente, nas revistas colegiais, o que demonstra a importância a ele emprestada. Bartolomeu Poli, diretor do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora, na alocução de despedida dos seus alunos para as férias, assim se referia sobre seu significado e função:[43]

*O Quadro de Honra está a dizer os que se esforçaram e está à surdina recriminando os que falharam.*

*A afirmação do Quadro de Honra é a resposta que cada um leva para todos os sacrifícios e suores dos Pais. Que consolação grande para Aqueles que sacrificaram coração e descanso – receberem, com a volta dos filhos, a declaração dos Superiores do Colégio e a afirmação dos Boletins de quanto esteve o aluno correspondendo. Lindo presente para os Superiores a despedida cordial e amiga, sem lágrimas tardias, nem recriminações descabidas; para os Pais ver coroados de resultado satisfatório o que despenderam para o bem do filho; para o Aluno sorrir satisfeito para suas férias sossegadas e boas, em que se irá refazendo do que desgastou durante o ano letivo.*

*A todos os meus caríssimos alunos o voto de que possam oferecer e gozar deste presente, recompensa esta que não é a única por parte de Deus a Quem estivemos agradando no cumprimento dos nossos deveres.*

Depois dos anos 50, o Quadro de Honra deixou de ser publicado no salão nobre de visitas do Liceu Coração de Jesus.

O problema era sentido, também, no Colégio São Joaquim. Ao ser reaberto o internato em 1949, a antiga revista *Grêmio*, como sua associação respectiva, não foi reavivada e, portanto, os alunos foram privados de um órgão próprio que tratava de sua vida, publicava os seus melhores trabalhos e divulgava o quadro mensal de honra dos alunos que mais se distinguiam pelo comportamento e aplicação aos estudos.

---

[42] Este depoimento foi escrito de Mario Quilici, padre salesiano, e, posteriormente, diretor depois do fechamento do internato do Liceu Coração de Jesus, ex-Provincial dos Salesianos do Sul do Brasil e desempenhando hoje as funções de Diretor da Casa Provincial da Inspetoria de São Paulo, vice-Provincial e arquivista.

[43] *Estímulo*, Órgão mensal do Grêmio Cultural e Literário do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, nº 32, out.-nov. 1948.

O Liceu N. S. Auxiliadora ainda mantinha e publicava, na revista do Colégio, o Quadro de Honra dos alunos, em 1972, três anos antes do fechamento do internato.

## 3. OS CASTIGOS

CARON considera, como complemento da recompensa no sistema educativo, a punição e a nota, a substituição dos castigos físicos por proibições (por exemplo, de receber a visita dos pais), por privações (das saídas, de recreação, ou parte das férias) ou por punições simbólicas (comer em mesa separada, banco da preguiça, ser colocado no canto, etc.). Entre os mais usados, destaca a prisão (suprimida em 1863) e a lição suplementar a fazer no estudo ou à noite, a arma favorita dos vigilantes, lição que deixava em suas vítimas "uma lembrança tenaz e um vivo rancor".[44]

O sistema educativo salesiano, por princípio, não aceita castigos. A sua existência era considerada uma deficiência dos educadores, quase sempre atribuída à falta de assistência adequada, de modo que se pode afirmar que, na teoria e na prática, existia, pelo menos subliminarmente, o esforço de priorizar o princípio: "Vigiar e premiar".

Nota-se, na documentação oficial, um mal-estar ao tratar de castigos, que nunca deixaram de existir, mas que não aparecem explicitamente na documentação. O fato de haver discussão sobre ao assunto, demonstrava a sua existência. A aplicação de castigos era considerada, normalmente, uma derrota do educador, no sentido de que faltaram, da parte dele, cuidado, zelo, competência ou, ainda, deficiência na assistência aos educandos. Alguns dos castigos citados por CARON são encontrados nas escolas salesianas, nunca, porém, a prisão ou o quarto escuro.[45]

Segundo TORRES, a razão pede que haja uma sábia e prudente gradação de castigos. Repele os castigos físicos (bater, açoitar, chicotear, p. ex.) por contrariar a dignidade humana. Justificava o emprego dos castigos morais, por ser a educação uma obra moral, não porém os humilhantes, como a separação em um banco no canto...; pôr o aluno de pé, à coluna, à parede, no pátio, etc. pode, quase sempre, não dar resultado, além de gerar inconvenientes como o de deixar o aluno com a fantasia solta, ou de privá-

---

[44] Jean-Claude CARON, *op. cit.*, p. 163-164.
[45] Jean-Claude CARON, *Ibid.*

lo de movimento (necessário à saúde e à moralidade); deixá-lo no estudo ou na classe. Considerava-se, de ordem elevada, a privação do recreio ou de uma diversão, por ser mais eficaz contanto que se fizesse entender ao culpado que, quem não quis trabalhar ou cumprir o próprio dever não tem direito ao descanso ou ao lazer; e a repreensão propriamente dita, quando justa, breve, comedida, paternal (e maternal) e reconfortante.[46]

O referido autor classificava o tratamento que se devia dar aos castigos em quatro fases:

1) "Faltas passíveis de punição": as procedentes de ignorância involuntária, as de carência de capacidade intelectual, as de incapacidade física, as originadas da falta de liberdade ou advertência (embora devam ser corrigidas), as duvidosas, as cometidas exclusivamente com a pessoa do educador para não parecer vingança, castigos contra uma classe inteira; o castigo denuncia um fracasso na sua prevenção e, geralmente, pode ser perdoado até as duas primeiras vezes.

2) "Faltas a castigar": dissipação persistente e não aplicação habitual, desobediência, mentira, murmuração, indisciplina, especialmente quando acompanhada de desrespeito e todas as contrárias à honestidade e ao pudor.

3) "Os castigos devem ser raros, justos, curtos e sérios", jamais aplicados por paixão ou por capricho; os castigos físicos são indignos do educador.

4) "Todos os professores e Assistentes podem impor castigos leves"; os mais severos ao Conselheiro ou ao Prefeito; ao Diretor (que pode delegar ao Prefeito) eram reservados o aviso aos parentes, a exclusão das Companhias Religiosas, o desligamento momentâneo ou definitivo do aluno. O professor e o Assistente podem passar tarefas, privar do recreio (nunca mais de dois dias) ou, nestas mesmas condições, impor o isolamento.[47]

O número de desligamento de alunos, nos estabelecimentos em estudo, era pequeno, se levarmos em conta os poucos dados revelados nas Atas dos Conselhos, o que dificulta um levantamento estatístico significativo.

---

[46] Rodolfo Fierro TORRES, *El sistema educativo de Dom Bosco en las pedagogias general y especial*, 3.ª edic., Madrid, SEI, 1953. Era um autor conhecido dos Salesianos.

[47] Rodolfo Fierro TORRES, *op. cit.*, p. 592-594.

MOURÃO, acima citado, recomendava que se aplicasse ao castigo o mesmo critério das notas, ou seja, que se evitassem os extremos, e acrescentava: "De um simples olhar, de uma pequena advertência aos mais severos castigos, vai uma série de pequenos castigos que a prudência do mestre deve convenientemente aplicar (...). E notava: "Geralmente as aulas mais disciplinadas são as dos professores menos amigos dos castigos..."[48]

Uma reunião do Conselho (Capítulo) Superior da Congregação Salesiana, em 1919, ao tratar deste assunto, determinava: "Não se podem aplicar insultos, castigos" ("Insulti-castigui no se ne possono dar").[49]

Um acontecimento importante, como a visita de um Bispo, por exemplo, era suficiente para a suspensão dos alunos que sofriam castigos. Assim, em 1922, em regozijo pela eleição do novo Superior Geral, o Diretor do Liceu Coração de Jesus, foram concedidos "sueto: ampla anistia aos castigados e uma sessão de cinema à noite. Foram hasteadas as Bandeiras Colegiais". A exclusão momentânea da aula devia ser aplicada em casos extremos, evitando-se sempre oprimir a dignidade do aluno (com apelidos, mofas, desdenho ou ridicularização pública).[50]

Pe. Iran Correa, atualmente com 95 anos, ex-aluno do Colégio Salesiano de Santa Rosa, que trabalhou como Conselheiro Escolar também no Liceu N. S. Auxiliadora, em seu depoimento sobre os castigos, dizia:

*O castigo era ficar de pé no pátio ou copiar alguma coisa, por falar na hora do silêncio, alguma brincadeira na fila... Havia muita disciplina e ordem. Não havia exagero nos castigos. Em geral, os alunos estavam contentes. Apesar disso, confessava que jamais gostou de ser aluno interno e de trabalhar com alunos internos.*

Pe. Pietro Tirone, Catequista Geral da Congregação Salesiana, ao "visitar", extraordinariamente o Liceu Coração de Jesus, pôde "constatar" o seguinte: "... tudo em boa ordem e asseio. Visitou as diversas divisões, gabando-lhes a disciplina e entusiasmo, o que externou mais de uma vez em conferência aos salesianos".[51]

---

[48] Henrique Mourão, *op. cit.*, p. 11.
[49] *ASC 0-872*, Verbali delle riunioni capitolari, vol IV - 30 luglio 1919. Grifos nossos.
[50] *Annuario do Lyceu Coração de Jesus, 37º anno lectivo*, 1922.
[51] Cousas cá de casa, *O Lyceu*, 11 (4): 142, jun. 1931.

A leitura de notas, quase sempre esperada com ansiedade e, também, temor, especialmente daqueles que cometeram alguma irregularidade no comportamento e na aplicação aos estudos, revestia-se, quase sempre, de um ar de severidade. Curioso o episódio contado por Grande Otelo, ex-aluno do Liceu Coração de Jesus, que ilustrava, de um lado, a severidade da leitura de notas pelo Conselheiro Escolar e, de outro lado, como ele próprio confessava, podia transformar uma sessão desse tipo em motivo de sonoras gargalhadas por parte dos alunos, mas de efeito positivo para a correção do interessado:[52]

*Foi em 1930 (...), no meu segundo ano de colégio. Eu era então um rapaz dos mais traquinas dos Menores. Verdade seja dita que de vez em quando eu recebia os meus "cascudos" mas lá diz o ditado: "Pau que nasce torto, tarde ou nunca se endireita".*

*Custei a curar-me da mania de pregar o "1.° de Abril". Vejam o ótimo remédio que o Pe. Conselheiro me receitou com pleno êxito.*

*Contar-lhes-ei o fato para que tenham uma idéia mais nítida.*

*Numa 3.ª feira, ao 1.° de Abril de 1930, estava a nossa fila pronta para a aula. Vai senão quando eu vejo o Pe. Conselheiro que, seríssimo, nos dirigia. Olhei para ele, pensei, tornei a olhar, pensei outra vez... mandei a "pílula" – "Seu padre, a sua batina está rasgada".*

*Ele examinou-se, não viu nada. Olhou para mim e eu, mal sopitando o riso, ergui o indicador, significando: "1.°". Lembrou-se o bom do Padre e riu-se também ele, mas...*

*À noite o Pe. Conselheiro foi ler as notas de comportamento da nossa Divisão. Quando chegou a minha vez, ele fez uma cara feia e leu solene e zangado:*

*Sebastião Bernardes de Souza Prata, 3 dez escassos de aula, 2 de refeitório, 5 observações de dormitório. Silêncio mortal. Só meus soluços. A Divisão toda ficara petrificada. O Pe. Conselheiro ostentava uns sulcos tremendos nas faces... Os olhos faiscavam!...*

*Só se ouviam os meus soluços desesperados!*

*Afinal, o Pe. quebrou aquele encantamento.*

*E solenemente, passando, erguendo sua voz tonitroante, silabou:*

*Pri-mei-ro de Abril!*

*Risada geral e cura radical de um mentiroso inveterado (de 1.° de Abril bem entendido).*

---

[52] *O Lyceu*, 1932, p. 54.

Era assim a leitura de notas, nem sempre, com o fim divertido narrado.

Na década de 50, parece que a aplicação de castigos se acentuou. A revista *Dom Bosco,* do Liceu Coração de Jesus, havia mudado de orientação e não mais publicava, mensalmente, o Quadro de Honra dos alunos que sobressaíam por melhor procedimento. Também, tal quadro deixou de ser exposto no locutório ou salão nobre de visitas. Talvez a falta deste estímulo, pelo menos no caso do Liceu Coração de Jesus, tenha desmotivado os alunos a ter um procedimento melhor, embora, na festa de encerramento do ano letivo, tenha sempre sido feita a distribuição de prêmios.

Alguns castigos aplicados em escolas salesianas eram proibidos expressamente, como: bater, proibição de receber visitas dos pais, pôr aluno para fora de aula ou da oficina. Discutia-se a oportunidade da cópia, não a tarefa extraordinária (como copiar alguns parágrafos, decorar uma poesia, etc.; nunca porém cópias diatribes); pôr o aluno em pé parecia cômodo para o professor, mau para a educação, por humilhar o aluno. Admitia-se a privação do recreio, já que o aluno não trabalhando, nas horas devidas, presumivelmente estava descansado.[53]

O fato foi notado, pelo Visitador Extraordinário, em 1953, que deixava consignadas em ata algumas observações. Reconhecia que os jovens geralmente eram "de boa índole, de nobres sentimentos. Freqüentam-se devotamente os Sacramentos". E chamou a atenção para o seguinte:

*A todos os Irmãos encarregados jovens, chamamos a atenção para o Sistema Preventivo, que, dada fina sensibilidade dos jovens brasileiros, tem uma importância excepcional e com mais proveito se pode atuar do que em outros e por seu esquecimento enormes danos provêm tanto aos jovens quanto aos Salesianos. – Os jovens sejam tratados com senso de humanidade, com mansidão, evitem-se os castigos gerais, cruéis, irracionais. O jovem tratado assim e cansado por falta de descanso ficará pior que antes. Usem-se meios disciplinares salesianos, dêem-se notas de procedimento regularmente, sejam avisados os pais da eventual má conduta,*

---

[53] N.N., *Disciplina segun el espiritu de San Juan Bosco,* Montevideo, s. e., 1942, p. 98-106, promanuscripto. Recolhe o pensamento corrente sobre esse tema entre os escritores salesianos, a partir de Dom Bosco, Roberto Fierro Torres, José Vespignani, etc.

*etc. (... verá que os jovens serão melhores). – Sobretudo, inculque-se nos jovens o santo temor de Deus, sejam exortados a freqüentar os santos Sacramentos. Com esses meios e com grande caridade Dom Bosco conseguia, e o obtêm os seus filhos, admiráveis resultados. Com a disciplina à força, acaba-se por arruinar o jovem que se tornará inimigo de Deus e de seus educadores.*

E afirmava:

*Para poder manter em casa o bom espírito, ambiente educativo, é necessário que a assistência seja bem organizada, atenta, conscienciosa. Sacrificada. Sem esta assistência, os jovens sempre farão traquinagens dignas de castigos.*

*Especialmente, vejo a falta de assistência nos pátios. - Catequista e Conselheiro assistam no refeitório, não lhe custa tempo para participar do recreio mais longo, os clérigos, pois os vejo quase sempre em número insuficiente. – Lembre-se que os jovens que não jogam, entretêm-se todavia em grupinhos. Com facilidade conversam sobre assuntos não edificantes.*[54]

Segundo depoimentos do Pe. Lecy Gomes da Costa e do Pe. Reynaldo Zaniboni, que trabalharam no Liceu Coração de Jesus como Assistentes entre 1953 e 1955, os castigos mais comuns eram: ficar de pé na coluna por dez minutos a dois dias, dependendo da gravidade da falta; ser privado do cinema, permanecer no estudo, o que era também castigo para o Assistente; mandar falar com o Pe. Diretor; fazer cópia; ser suspenso do futebol. Acrescentaram que os alunos não costumavam fazer bagunças para vingar-se dos castigos, mas sua rebeldia era coisa da idade. Houve o caso de um Assistente surrar com tapas um aluno (sem conseqüências negativas para aquele) e um outro, que derrubou, com um soco, um grandalhão (que foi parar na enfermaria) por reclamar da nota de comportamento.

Segundo eles, 60% dos alunos eram forçados a ficar no internato: vinham de pais fazendeiros, ricos, separados ou em fase de separação; os

---

[54] Giovanni ANTAL, visita extrardinária de 26.11.1953. *Atas das Visitas Inspetoriais do Colégio São Joaquim, 1909-1990*, p. 33-34.

pais preferiam as escolas salesianas por seu método educativo. Notava-se que os alunos internos estavam de má vontade no colégio, sem nada aproveitar. Na sua maioria, eram meninos-problema ou com graves problemas em suas casas. Revoltados, exasperados pela ausência da família ou da privação da liberdade, não aceitavam a disciplina, o que gerava dificuldades para os Assistentes, que apelavam para castigos até proibidos para manter a ordem.[55]

A Direção constatava o fenômeno e lastimava a incompetência dos Assistentes para manter a disciplina em suas seções (Divisões). Numa reunião do Conselho, em 1957, discutia-se um ponto considerado "nevrálgico para o internato", ou seja, o "tratamento dos meninos por parte dos clérigos", aos quais cabia a Assistência. Escrevia o secretário:

*Os conselhos são sempre aqueles: Tratar bem, não bater, não xingar, etc. Mas a realidade contraria as expectativas. Há "casos" contínuos para resolver nas costas do Pe. Prefeito. Sem dúvida isso prova a deficiência em alguma coisa que ainda nos parece obscura".*[56]

No mesmo ano, em outra reunião, constatava-se: "Em geral, os clérigos não correspondem à confiança que se lhes deposita na Assistência. São fracos na disciplina, displicentes na ordem e pouco obedientes".[57] Sem eles, entretanto, tornava-se impossível manter o internato, pelo menos, segundo o modelo em vigor.

Pe. Antônio Pianazzi, membro do Conselho Superior da Congregação Salesiana, percebeu as dificuldades no setor disciplinar, quando de sua visita extraordinária ao Liceu Coração de Jesus, em 1962, ano em que foi fechado seu internato, e retornou a tratar do problema: "Recomendo aos caros Irmãos que dêem poucos castigos. Ir à frente à força de castigos pode gerar disciplina exterior, e nada mais. E não é Salesiano. A formação interior profunda pode-se dar somente vencendo o coração do menino: e é isto que Dom Bosco nos ensinou a fazer".[58]

---

[55] Cfr. *Atas do Capítulo do Liceu Coração de Jesus, 1954 – 1970,* reunião de 28.10.1959, p. 28. Foi visto acima a declaração de D. Antonio Alves Siqueira, Bispo auxiliar de S. Paulo, sobre o significado da privação da saída dominical: "(...) não deixemos os alunos perderem o contato com a família". Cfr. *op. cit.*, p. 14, reunião de 06.12.1956. Id., *op. cit.*, reunião de 05.03.1957, p. 16.

[56] *Atas do Capítulo do Liceu Coração de Jesus, 1954 – 1970,* reunião de 05.03.1957, p. 16.

[57] Id., *op. cit.*, reunião de 05.07.1957, p. 18.

[58] Pe. Antonio PIANAZZI, Visita straordinaria di 27.07.1862. *Atas das Visitas Inspetoriais 1909-1990,* p. 217.

Ao visitar o Colégio São Joaquim, detectou a causa do fenômeno, quando escreveu no livro de visitas desta casa:

*Um número importante de meninos de famílias divididas entre os nossos alunos internos, e são esses que causam as maiores dificuldades disciplinares, além de ser os que menos aproveitam do colégio, por influência familiar. Apesar desses pobrezinhos, também, terem direito à nossa compaixão, penso que seja necessário limitar, muito, o seu número, se se quiser o ambiente desejado pelas nossas Regras, segundo os números 5, 6 e 7. Esses não são, em geral, os meninos pobres de Dom Bosco (e há tantos, em toda parte e não podem entrar em nossas casas, porque não pagam!), até pagam muito bem. Não nos deixemos ofuscar por esse fato e não percamos de vista o principal: Dai-me almas e ficai com o resto.*[59]

Numa reunião da Companhia de São Luís, da Divisão dos Médios, o Padre Catequista, ao encerrar as atividades da semana vocacional, falava sobre o Sistema Preventivo, fundado na confiança dos alunos nos seus Superiores, o que diferia dos sistemas repressivos que se caracterizavam em punir os transgressores. Os sócios, que gostavam do padre, interromperam-no várias vezes, com perguntas, "pois julgavam ser o sistema repressivo o único sistema de internato". O padre procurou responder-lhes dizendo que "o ideal dos Superiores não é 'aparecer', mandar por mandar e sim fazer com que os educandos criem convicções de sua posição na sociedade e cumpram os seus deveres, não porque a autoridade está observando".[60]

No final do ano, havia sempre uma reunião do Conselho (Capítulo) para decidir sobre quais alunos (apresentados numa lista com suas notas de comportamento e aplicação e outras informações dos Assistentes) deviam ser afastados. Geralmente, tomava-se uma das seguintes decisões:

---

[59] *Atas das Visitas Inspetoriais do Colégio São Joaquim, 1909 a 1990*, reunião de 27.07.1962: "Numero importante di ragazzi da famiglie divise fra i nostri alunni interni, e sono questi che causano il più delle difficoltà disciplinari, oltre ad essere quegli que meno approfittano del collegio, per l' influenza famigliare. Bencchè anche questi poveretti abbiano diritto alla nostra compassione, penso che sia necessario limitarne molto il numero, se si vuole l'ambiente sia quello che chiariamente desiderano le nostre Regole al n. 5, 6 e 7. Questo non sono in generale i ragazzi poveri di Don Bosco (e ce se sono tanti, dappertutto, e non possano entrare nelle nostre case, perché non pagano!) ma anzi que pagano molto bene. Non lasciamoci abbagliare da questo fatto e non perdiamo di vista i, principale: 'Da mihi animas. coetera tolle'". Os artigos citados tratam da preferência pelos meninos que vivem em condições de extrema necessidade, precisando de formação profissionalizante que lhes dê condições de ganhar a vida (Art. 5); de seminaristas que correm perigo (Art. 6); da preferência aos mais pobres, como alunos nas escolas primárias e secundárias, contanto que dêem esperanças de vocação eclesiástica. (Art. 7).

aconselhar a mudança de seção, mandar uma carta à família pedindo providências ou eliminar o paciente.

# 4. AVALIAÇÃO DO SISTEMA SALESIANO DE EDUCAÇÃO

## 4.1. Avaliação pela Congregação Salesiana

Esta avaliação era feita em três níveis: pelo conselho de cada estabelecimento, chamado Capítulo da Casa, em reuniões periódicas; em segundo nível, pelo Inspetor (Provincial) que o fazia oficialmente, quando de suas visitas anuais, chamadas "canônicas" e, em nível extraordinário, por um membro do Conselho Superior ou seu delegado. Várias destas avaliações, em nível extraordinário, estão registradas nos livros de atas. Aqui tratamos de algumas principais, especialmente a de 1908, que contém o esquema central seguido na época e que parece ter sido sempre usado, mesmo implicitamente, nas demais visitas.

No começo do século, Pe. Paulo Albera, Catequista Geral da Congregação Salesiana, visitou todo o Brasil. Quando passou por São Paulo, notou a ausência freqüente do Diretor do Liceu Coração de Jesus às atividades funcionais no estabelecimento (atribuída à saúde), ainda inacabado e sem a comodidade "suficiente", apesar de oferecer ótimas perspectivas de futuro. Notou que os Salesianos trabalhavam muito e que a piedade era "discreta". O Colégio São Joaquim passava por semelhantes dificuldades, também pelas freqüentes viagens do Diretor. Em Campinas, o colégio estava em seus inícios, sendo forçado a mudar o Diretor, por incompatibilidade com os pais dos alunos (vide supra).[61]

As atas da segunda visita, realizada em 1908, pelo Pe. Pedro Rota, oferecem uma avaliação bem mais completa. São vinte e dois itens que descrevem e avaliam os seguintes pontos: presença pedagógica, presença nos recreios, pontualidade dos religiosos, empenho, vigilância; movimentação nos recreios e a presença de "alguns Superiores no recreio"; os passeios com a presença dos Assistentes (os jovens mostravam "má vontade por andar em fila, nem gostavam de passear fora da cidade, preferindo

---

[60] *Colégio São Joaquim, Companhia de S. Luís dos Médios*, Anos Letivos de 1965-1966, p. 11.
[61] *ASC B 051*, Lettera ALBERA – RUA, 04.08.1901.

jogar); o teatro (representações de comédias, farsas, vistas cinematográficas...), sendo mais usado pelos ex-alunos, com muita vigilância; aulas de música vocal e instrumental; sessões acadêmicas, nas festas religiosas e patrióticas; funcionamento das Companhias Religiosas, muito animadas no Liceu Coração de Jesus e pouco nos dois colégios considerados neste trabalho; disciplina dos internos e os contatos destes com os externos; saídas (3 vezes por ano e com os pais nos domingos); primeiras comunhões, freqüência aos Sacramentos da Confissão e da Eucaristia (notando-se ausência freqüente dos Confessores com dano para aquela prática); observância da prática da 1.ª sexta-feira do mês e do exercício mensal da Boa Morte; práticas dos três dias de Exercícios Espirituais; livros usados pelos alunos e seu controle, como também revistas externas, leitura no refeitório e no dormitório; aulas de civilidade ou de etiqueta; trabalho vocacional com os alunos e práticas e espírito de piedade. Em outro item, examinava o papel desempenhado pelos professores externos, cuja eficácia foi sempre contestada pelos Visitadores (por introduzirem, por exemplo, jornais e, nisto, não haver limites). Sugeria que se organizasse seu gênero de vida, podendo sua relação com os Salesianos ser útil, também espiritualmente.[62]

Na de 1931, o Visitador lamentava as diferenças econômicas existentes nos colégios, que criavam dificuldades de tratamento igual entre os alunos de diferentes classes sociais. Recomendava, entre outros:

*cuidado especial dos criados e empregados das casas, dando-lhes tempo aos domingos para cumprirem as suas obrigações religiosas e fornecendo a instrução religiosa necessária.*

*Os diretores se esforçassem por serem, mais que Superiores, verdadeiros pais para com os seus subalternos; lembrem-se que devem, em suas casas, representar e fazer reviver a Dom Bosco em todas as suas ações.*

As demais visitas (realizadas, além da 1925, 1936, 1943, 1953, 1962) seguiam, aproximadamente, o padrão acima.

---

[62] Pietro ROTA, *Relazione della Visita straordinaria fatta nel 1908* (dal 19 giugno al 15 settembre) all'Ispettoria Maria Ausiliatrice (Brasile Sud), ASC, Roma. A observação do Visitador feita em relação aos professores externos viria tardiamente, só depois do Concílio Vaticano II, embora não tivessem faltado iniciativas bem sucedidas, como no tempo de MOURÃO, de MARCIGAGLIA e de alguns outros diretores.

## 4.2. A avaliação pelos ex-alunos

Os ex-alunos sempre atuaram, significativamente, nas obras salesianas. Destacaram-se, especialmente nas práticas teatrais, nos esportes, na música, na colaboração catequética nos Oratórios Festivos, anexos a elas. No Liceu Coração de Jesus, foram organizados, oficialmente, em 1911, e obtiveram a sede própria em 1922. No início do século, porém, já se destacavam na sociedade, ocupando lugares importantes. Sua elevação social, graças à formação recebida nos colégios salesianos, facultou-lhes a possibilidade de colocar seus filhos nos mesmos estabelecimentos dos Salesianos, fato este constatado por FERREIRA.[63]

Dada sua importância e influência na obra salesiana no Brasil, julgamos oportuno investigar o seu pensamento, graças à educação recebida, e, especialmente, sobre o Sistema Preventivo por eles experimentado.[64]

Esta avaliação foi realizada através de um questionário, aplicado em três reuniões de ex-alunos do Liceu Coração de Jesus, Colégio São Joaquim e Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, nos anos de 1996 e 1997, com o objetivo de levantar dados sobre a prática do Sistema Preventivo nesses estabelecimentos.

Foram distribuídos aproximadamente uns 150 questionários e recolhidos quarenta e três (22%), dos quais retiramos alguns referentes a dois colégios salesianos não envolvidos nesta pesquisa. O total de dados é significativo para a validade desta pesquisa. Ficamos, pois, com 40; um da década de 20, onze da década de 30, três da década de 40, dez da de 50, oito da década de 60, e outros sete sem data. Trinta e um assinaram legivelmente o questionário (não obrigada a identificação). Em suas respostas, trinta lembraram os nomes de trinta e dois religiosos padres, que foram seus diretores (a maioria) e conselheiros (encarregados dos estudos e da disciplinas).

---

[63] Antonio da Silva FERREIRA, Domenico Cerrato, Ispettore a S. Paulo (1925-1932); case de formazione e collegi in un Brasile che cambia, in: *Ricerche Pedagogiche Salesiane*, 12 (23:2): 228, luglio-dicembro 1993.

[64] Em 1997, foi editado um romance histórico de Maria Aparecida Vitta Maya, intitulado *O Naufrágio da Barca Sétima*, São Paulo, Editora Letras & Letras, 1997, que avalia positivamente o Sistema Salesiano de Educação aplicado no Colégio Salesiano Santa Rosa, em Niterói. A ação desenvolve-se na segunda década do século XX.

### *1. Diretores lembrados*

Dezenove diretores.

### *2. Castigos aplicados*

Eram usados os castigos: ficar de pé (no estudo, no corredor, nas colunas, na porta, nos postes, na *estrela*,[65] na "*laje*",[66] *debaixo do sino,* etc.) (64%); fazer cópias (34%), ser afastado temporariamente da aula (37%). Em números absolutos: bater (2), não participar dos esportes (3), apertar dedinho (1), tapas no rosto e puxão de orelhas (1), ficar com livrão (dicionário na cabeça), expulsões (1), decorar poesias (4),[67] suspensão (1), ser esbofeteado pelo Assistente (1); ficar de costas para a tela de cinema.

Três não responderam e cinco disseram que não havia castigos e um não se lembrava. Um acusou de ser apelidado de forma injuriosa, mas afirmava que a maioria dos dirigentes não humilhava os alunos. Um outro observava que a violência física *irritava mais os alunos e deixavam profundas marcas na personalidade.*

Um fez a seguinte crítica no que diz respeito à disciplina: *Disciplina rígida é boa desde que o educador consiga saber ao menino que é amado e não humilhado, como me senti algumas vezes.* Outro criticava o excesso de rigor, mas se recordava, com saudade, dos grupos de amigos conquistados no internato. Um aluno do Liceu Coração de Jesus afirmou que, de 1947 a 1941, não teve notícias de castigos físicos aplicados aos alunos internos.[68]

### 3. *Justificação dos castigos*

Perguntados se achavam justos os castigos, no contexto da época, 80% responderam positivamente e 12,5%, negativamente. Os demais não responderam. Os justificativas usadas eram as seguintes:

---

[65] Tratava-se de um desenho que existia em forma de estrelas no Colégio São Joaquim, em cujo espaço ficava o aluno detido.

[66] Era uma laje de pedra, que ficava debaixo da biqueira para evitar a criação de buracos.

[67] Um citou: decorar *Navio Negreiro* de Castro Alves ou a *Catilinária* de Cícero.

[68] Agenos Simões de Oliveira, contador formado em 1943.

A determinação regulamentar era normal; disciplina religiosa e moral, oportuna. Havia o problema da manutenção da ordem e da disciplina, por força do número de alunos. Um disse ser *arteiro*; outro *cochilar* no estudo, ou conversar e fazer barulho no estudo (perturbando o silêncio do estudo). Mas outro afirmava que eram instrutivos. Ao justificar os casos da expulsão, respondeu um afirmando que os alunos agrediram os professores e outro que o castigo ainda é justo em nossos dias.

No caso das respostas negativas, só um justificou a resposta afirmando que o castigo não levava a nada (mas que tinha saudades).
Seis não responderam (18,1%).

Cinco afirmavam aceitar, hoje, os castigos dentro do Sistema Preventivo, sob condição de serem eles construtivos, ou de manter o regulamento, a autoridade e a disciplina, etc. Outro asseverou que estão desatualizados e mais um que a garotada e os maiores estão influenciados pela televisão.

### *4. Aplicação da razão, religião e carinho na educação dos filhos*

85% ex-alunos aplicaram a tríade pedagógica de Dom Bosco na educação dos filhos e dois, um pouco; quatro responderam negativamente e o último deixou a questão sem resposta.

30,3% nunca deixaram de usá-los, 17,2% deixaram, sendo num deles a religião, um segundo por trabalhar o dia inteiro e os filhos ficarem aos cuidados da esposa. Apenas um não respondeu. Um deixou de usar o carinho para com os filhos.

### *5. Castigos aos filhos*

Dos trinta e seis consultados sobre aplicação de castigos aos filhos quando eles cometem erros ou faltas, somente quatro os usavam na forma de repreensões leves, privação de passeios, algumas privações (de doces, de brinquedos; ficar sentados por 20 minutos), alguns momentos de meditação. Os demais apelavam para o diálogo, para a conversa, para os conselhos e orientações. Só um afirmou que pais e filhos são *independentes. Seis não responderam.*

### *6. Aplicação da razão, religião e carinho no relacionamento com funcionários*

Ao que parece, quase todos os consultados são empresários ou ocupam cargo de direção. 83,5% deles aplicam a tríade salesiana no trato com seus funcionários; cinco não responderam e um aplica muito pouco. Indagados se achavam difícil, responderam afirmativamente 20%, negativamente 34%, dois nada responderam. Um deles não admitia falta de respeito à religião e outro afirmava haver respeito mútuo.

### *7. Imagem positiva deixada pelos Salesianos*

Vinte Salesianos foram citados, alguns deles até dez vezes (Pe. João Modesti); sendo o segundo colocado, seis (Pe. Antônio Lages Magalhães); o terceiro, três (Edgar de Aquino Rocha); e três padres, duas vezes (Pe. João Resende Costa, Pe. Hugo Grecco, Pe. Antonio da Silva Ferreira). Estes Salesianos trabalharam no Colégio São Joaquim e as respostas (18) são provenientes dos alunos deste estabelecimento.

Um dos pesquisados, ex-deputado federal, considera positiva a amizade entre os colegas de internato, alguns dos quais são seus amigos até os dias de hoje, apesar de confessar que não gostava de ser interno.[69]

Estes são os qualificativos usados: imagem positiva, santo (Pe. Antonio Vellar), justiça e bondade, respeito e disciplina (3); muita humanidade, sinceridade com os alunos, dinâmico e objetivo, compreensivo, estudioso, alegre e bom (Pe. Edgar de Aquino Rocha, já falecido, dos mais admirados pelos alunos do Liceu Coração de Jesus); religiosidade e cumprimento dos deveres do próprio estado, amor a Deus e N. S. Auxiliadora, fidelidade, pureza de vida interior (Pe. Luís Marcigaglia, Pe. Luiz Garcia de Oliveira, Pe. José Fernandes Stringari, já falecidos) e Dom João Resende Costa, arcebispo de Belo Horizonte); integridade e companheirismo, amizade e carinho com os próprios deveres, obstinação e capacidade de mudanças, educadores, líderes, "positivismo e força"; segurança, educação e religião; super-religiosidade e espiritualidade (Pe. Ugo Grego, falecido). Um respondeu que aprendeu a ter hora para tudo e a ser organizado. Somente dois não responderam.

---

[69] Trata-se de Hugo Borghi, que foi aluno do Liceu N. S. Auxiliadora, de 1920 a 1924.

*8. Imagem negativa ou impressão menos agradável*

Oito (20%) responderam negativamente. Sem respostas: 8 (20%). Imagens negativas conservadas: "aqueles castigos" (3); algumas injustiças, ataque a outras religiões, horário de dormir, hora de dormir triste, frio de Lorena, banho frio, alimentação (2), bater nos alunos, intransigência, incompreensão, autoritarismo, truculência (de um Salesiano); falta de liberdade. Um se queixa de ter sido agredido a socos e pontapés por um Assistente pela manhã, antes da Missa.

*9. Novidades no campo educacional legadas pelos Salesianos*

Quanto a novidades no campo educacional, 65% afirmaram positivamente; a maioria deles não apresentou tipos de mudança, a não ser ordem, religião, bons professores, livros "ótimos", métodos didáticos "normais sem excessos" e construtivos. Um disse que os métodos eram impostos pelo MEC; os livros usados pelos Salesianos traziam modernização, visão de atualidade; outro que os livros do Liceu Coração de Jesus eram apropriados por ser uma escola de elite ("alto gabarito"). Um outro, que a novidade "a certeza de bom ensinamento para nós, e após, para nossos filhos e netos, etc." Um afirmou não ter havido inovação didática. Um deles: a abertura à prática da religião. Um deles diz desconhecer. Nota-se, nas respostas, indecisão em responder a esta questão.

*10. Utilidade da educação recebida nos internatos salesianos*

97% responderam positivamente: para prosperar e conseguir bons empregos, no trabalho honesto e na educação dos filhos, para a vida profissional, para a educação profissional; ensinou a vencer várias etapas na luta pela vida, na adolescência, mocidade, etc.; a viver na presença de Deus, de N. S. Auxiliadora, de Dom Bosco; ensino baseado na religião católica.

*12. Se o ex-aluno abrisse uma escola, usaria aqueles três princípios básicos?*

93,5% responderam que usaria o Sistema Preventivo de Dom Bosco, baseado na religião, razão e carinho para abrir uma escola.

### *13. Melhoria das relações empresariais ou empregatícias*

67% responderam positivamente.

### *14. Eficácia do Sistema Preventivo*

72% afirmaram que o sistema preventivo é mais eficaz que o repressivo e um acrescentou: *com diálogo.*

### *15. Possibilidade da extinção do castigo na escola*

45% responderam afirmativamente, três negativamente e cinco um pouco. Um afirmou não ter condições de dar uma resposta e outro, não respondeu.

Em observação final, um aluno (que sofreu por apelido injurioso) afirmou que jamais morreram dentro dele a religiosidade e a devoção a N. S. Auxiliadora.

### *Conclusões do questionário*

Os ex-alunos consultados confirmam a existência de castigos físicos nos internatos. Entretanto guardam boas lembranças de alguns padres salesianos, considerando-os bons educadores.

Não consideram os castigos inerentes ao sistema, apesar de os condenarem. Admitem a validade e a eficácia dos princípios do sistema salesiano de educação. Na educação dos filhos, nas relações funcionais e empresariais, aplicam-nos, reconhecendo também sua utilidade.

O sonho da possibilidade da extinção dos castigos na escola chegou apenas a 45,5% dos consultados. Existem, entretanto, os que guardam saudade, até entre os que sofreram punições consideradas por eles injustas.

Em resumo, pode-se considerar positiva a avaliação da prática do Sistema Preventivo feita pelos ex-alunos nos colégios examinados. Quanto ao que se denomina inovação didática, não se pode tirar uma conclusão significativa das respostas por eles dadas no questionário.

# CONCLUSÃO

Inicialmente, este estudo verificou, apesar de não ter sido este o seu objetivo, que o regime de internato floresceu, especialmente, no ciclo do café, na época em que havia um patriciado rural forte e eivado, ainda, de costumes conservadores. Talvez este modelo tenha sido o mais adequado ao complexo cafeeiro capitalista de São Paulo, sem excluir a civilização do gado, vigente nos estados limítrofes, conforme foi mostrado pelo mapa (Figura 1). Enquanto, no Rio de Janeiro, a produção de café se apresentava em decadência, em Minas Gerais, acusava ascensão.[1]

O período de maior desenvolvimento do café coincide com o período máximo do internato, especialmente do Liceu Coração de Jesus. Significativa a participação deste colégio na inauguração da Exposição do II Centenário do Cafeeiro, realizada em 12 de outubro de 1927, quando foi executado, ao som da fanfarra, o Hino do Café, intitulado "Brasiliae Fulcrum", composto, para a circunstância, pelo seu Diretor Luiz Marcigaglia, merecendo destaque as estrofes finais:

[1] Wilson CANO, *op. cit.*, p. 18-50.

* Oh sucessão mágica,
De pautados cafezais!
Verdes folhas colossais
Da epopéia do labor

Cantai, num epinício
A gentil verde beleza
Deste arbusto, que é riqueza.
Força e fulcro do Brasil.[2]

A crise na Bolsa de Nova Iorque, em 1929, derrubou os preços do café no mercado internacional e arruinou muitos plantadores, repercutindo agudamente nas finanças dos internatos que, a muito custo, se salvaram da falência. Os fenômenos da urbanização e da industrialização, especialmente nas décadas de 50 em diante, influenciaram negativamente nos internatos, dificultando-lhes seus movimentos e provocando-lhes a decadência e sua extinção.

Os três internatos estudados (para não dizer, quase todos os demais internatos salesianos) sempre tiveram bom relacionamento com as autoridades civis e eclesiásticas. O Liceu Coração de Jesus esteve bem próximo do Palácio do Governo do Estado, sendo alguns dos seus governadores freqüentadores das Missas dominicais no Santuário do mesmo nome. Essa proximidade aparentemente foi benéfica no sentido de prestígio e, ao mesmo tempo, estímulo ao desenvolvimento da escola.

1. Como primeira conclusão inicial, constata-se que os internatos tiveram origem no modelo de internato, concebido para a formação dos sacerdotes católicos, segundo a formulação traçada no Concílio de Trento. O modelo salesiano tem um cunho acentuadamente seminarístico.

2. Após estas constatações iniciais, transparece, em toda a exposição, uma contínua tensão entre o ideal proposto e os instrumentos utilizados para a sua realização na vida colegial em regime de internato. Trata-se de um projeto gestado e implementado na Itália e, em especial, no Piemonte, nos tempos de Dom Bosco, transplantado tal e qual para o Brasil, sem terem sido consideradas as condições específicas deste País.

---

[2] *Annuario do Lyceu Coração de Jesus, 42º Anno Lectivo*, 1927, p. 204.

Os Regulamentos dos internatos e da vida dos Salesianos foram redigidos dentro da experiência educacional, de acordo com o contexto sócio-religioso piemontês, onde o número de sacerdotes era mais que suficiente para atender ao povo e às suas necessidades educacionais. Os primeiros Salesianos, todavia, estavam conscientes das dificuldades e procuravam contorná-las, procurando alternativas para implantar o modelo que traziam e, ao mesmo tempo, ajustá-lo, na medida do possível, aos costumes do país.

3. A primeira dificuldade, depois do horário, a enfrentar foi a de constituir um corpo docente composto exclusivamente de religiosos Salesianos. Nenhum dos estabelecimentos estudados conseguiu cumprir este objetivo, não por que não o pretendesse, senão porque os religiosos Salesianos, no Brasil, ao contrário do que sucedia na Europa, foram, sempre, numericamente insuficientes para cobrir todos os cargos e funções administrativas, docentes e de serviço, segundo o modelo de Valdocco. Desde o início, contratavam pessoal externo, especialmente entre os imigrantes italianos, e entre os ex-alunos, porque assimilavam, com maior facilidade, a pedagogia salesiana e, deste modo, podiam executar o projeto salesiano com facilidade. Pedro Rota anotava as dificuldades da falta de formação do pessoal externo, alertando que este poderia interferir negativamente no ambiente salesiano se não fosse acompanhado.[3] Henrique Mourão, Diretor do Liceu Coração de Jesus, escreveu um opúsculo para facilitar os professores leigos externos na prática do sistema salesiano de educação.[4] Nesse sentido, os Salesianos no Brasil antecederam ao Concílio Vaticano II e à encíclica *Chistifideles laici,* de João Paulo II, que realçou o papel do leigo na Igreja.

4. As saídas e as férias faziam parte do "costumeiro" escolar brasileiro. Os alunos, em grande parte, acostumados à vida livre em suas fazendas, mostravam dificuldade em adaptar-se à vida de internato e considera-

---

[3] Pietro ROTA, *Relazione della Visita straordinaria fatta nel 1908*, p. 34, 39, 59, 75, 83,85. Lettera Domenico CERRATO a G. VESPIGNANI, *ASC T 096*, de ? - ? – 1928, em que se afirma que o número de professores externos certamente influi no número de vocações. Mas influi mais ainda o trabalho positivo ou negativo dos Salesianos, já que, no Uruguai, o pessoal é todo ou quase, mas falta o trabalho desse pessoal.

[4] Henrique MOURÃO, *Breve resenha das principais resoluções, avisos e conselhos pedagógicos extrahidos das actas das reuniões do Corpo Docente Externo do Lyceu Salesiano S. Coração de Jesus de S. Paulo nos annos de 1916 a 1921, para uso dos professores.*

vam as saídas e as férias como uma libertação. Os dirigentes salesianos, contudo, consideravam-nas como práticas nocivas, pois achavam que interrompiam o processo educativo. Desconfiavam da capacidade educativa da família, uma vez que esta colocava seus filhos no internato, por se sentir, muitas vezes, incapaz de arcar com suas responsabilidades educacionais. A luta para conseguir a liberação dos filhos nas férias durou tanto tempo quanto duraram os internatos. Foi necessária, até, a intervenção de um Bispo para quebrar esta tradição, o que ocorreu nos anos finais da sua vigência.

5. No que diz respeito às práticas oracionais, não foram considerados os costumes brasileiros. A população sofria a carência crônica de uma evangelização adequada e de uma catequese prévia sobre essa prática, apesar de os catecismos a recomendarem como utilíssima, sem maiores explicações. O povo tinha suas práticas particulares, suas devoções, etc. A carência de clero constituiu uma das maiores dificuldades para a evangelização intensiva desde os tempos da colonização A Missa diária, por exemplo, nunca foi uma prática comum no Brasil. O aluno interno novato era, imediatamente, levado a assistir à Missa, sem uma catequese prévia. O mesmo diga-se da segunda Missa aos domingos. Os próprios Salesianos, inclusive os brasileiros, sempre encontraram dificuldade para convencer os alunos internos sobre a utilidade e as vantagens desta prática. Os internatos, portanto, constituíram verdadeiras ilhas onde a prática da Missa diária era uma realidade no contexto religioso no Brasil.

Entretanto, o esforço verificado em tornar as funções religiosas atraentes e belas contribuiu, significativamente, para a sua aceitação ou tolerância por parte dos alunos, através do canto coral, da música instrumental, de procissões solenes, com toque da banda e da orquestra, e retiros espirituais bem pregados. Não se encontram reclamações de pais, pelo menos oficiais, contra esta prática. A participação de numerosos alunos, através do Pequeno Clero, com suas batinas ou vestes especiais, recebendo até prêmios, serviu muito para aliviar o tédio e as tensões da vida de internato, especialmente através do confessor, que sempre esteve disposto a atender os alunos em qualquer tempo e lugar. Os *Elencos*[5] sempre incluíram o confessor fixo para este serviço. Em todos os meses havia um confessor extra-

[5] Elenco era um livro especial onde estavam escalonados os Salesianos para cada estabelecimento com as funções ou encargos que deviam exercer.

ordinário. Os Provinciais sempre fiscalizavam e exigiam o cumprimento, da melhor maneira possível, desta prática.

Não se pode negar o esforço empregado para executar esta prática, embora os seus resultados na vida posterior de ex-aluno não tenham sido tão compensadores, como se esperava. Era comum ouvir de antigos alunos internos que já tinham um "estoque de Missas assistidas" e já não precisavam "assistir" Missas. O livro O *Jovem Instruído,* todavia, foi bem recebido e foi considerado um "best-seller" editorial e muitos ex-alunos o apreciavam. Um padre, mestre de noviços da Província de São João Bosco, chegou, entretanto, a afirmar que a formação religiosa constituiu o ponto fraco da educação salesiana. Infelizmente, faltam pesquisas na área para assegurar a validade desta asserção.

6. As práticas esportivas sempre foram desenvolvidas e consideradas necessárias à vida dos alunos nos colégios salesianos, haja vista suas enormes estruturas. Entretanto, percebe-se tensão na adoção de alguns tipos de esportes: aqueles em que todos os alunos eram envolvidos e aqueles de número reduzido, que ocupavam os espaços do colégio deixando os demais alunos sem eles. No confronto, venceram os do modelo anglo-americano (os de número reduzido), como o futebol, o voleibol, o tênis, o pingue-pongue, o basquete, etc.

Não há de se negar que os esportes exerceram papel significativo na vida dos internatos, como fator de descanso, relaxamento, de sociabilidade, de alegria e de bem-estar físico, porquanto, em suas casas ou cidades onde moravam, não disponham de condições nem de espaço adequado para sua prática. Os próprios desfiles eram apreciados pelos alunos, que se sentiam felizes em desfilar perante a população e receber seu aplauso e sua admiração. Serviam, ainda, de propaganda e de atração de novos alunos, além de estar enquadrado no contexto político da época. O esporte e ginástica militares não produziram os resultados negativos tão temidos pelas autoridades superiores da Congregação Salesiana, apesar de não pequeno número de alunos ter galgado altos postos nas Forças Armadas.

7. As práticas culturais, como a música vocal e instrumental, o teatro e o cinema, sempre constituíram pontos fundamentais na vida escolar dos internatos, como fatores educativos. O cinema, apesar de contestado pelas autoridades superiores da Congregação, sempre foi praticado por

ser economicamente mais viável que o teatro, que exigia investimentos mais elevados (dinheiro, tempo e pessoal). Os seus resultados foram compensadores, uma vez que grandes nomes do teatro e do cinema nacional iniciaram, nos internatos, sua carreira artística.

8. Nota-se que, quando os professores de música e de teatro eram, em sua maioria, leigos, houve um desenvolvimento significativo destas artes. Depois dos anos 50, nota-se arrefecimento das práticas musicais e teatrais, à medida que os professores leigos diminuíam. De fato, rarearam os nomes desses professores à frente dessas práticas.
9. O Liceu Coração de Jesus apresentou-se incontestavelmente, como o líder dos colégios salesianos nas apresentações teatrais e musicais, e possui um dos arquivos musicais mais bem equipados; infelizmente não ainda disponível à consulta do público interessado. Seu artístico teatro foi um dos mais importantes da cidade de São Paulo, sendo um dos primeiros a serem construídos no século XX. Grandes espetáculos musicais realizaram-se no grande órgão do santuário anexo, inaugurado em 1900 e ainda em perfeito funcionamento.

10. Quanto ao aspecto literário, convém destacar a produção nesta área, assim distribuída por colégios:[6]

    a) Liceu Coração de Jesus: Revista *Santa Cruz* (1900-1929), *O Liceu (1919-1934), Dom Bosco* (1935-1958);

    b) Colégio São Joaquim: *O Grêmio (1911-1940), Anuário do Ginásio São Joaquim* (suplemento de *O Grêmio*), *Ecos do Colégio São Joaquim* (depois de 1950); Giovanni Ravizza escreveu a *Gramática Latina*, obra que teve inúmeras edições e, ainda hoje, é procurada; Antonio Lages Magalhães escreveu o *Florilégio Nacional*, uma antologia muita usada nas aulas de português dos colégios salesianos e não salesianos.[7]

---

[6] O Colégio Salesiano Santa Rosa manteve Leituras Católicas (desde 1890 a 1962, aproximadamente), Almanaque Ilustrado das Famílias Brasileiras, iniciado em 1900 (e chegou quase a 1960) e, a partir da segunda década Anuário do Colégio Salesiano Santa Rosa.

[7] Os dois são padres salesianos; o segundo, ex-aluno do Liceu Coração de Jesus, fez 91 anos em 1999.

c) Liceu N. S. Auxiliadora: *Anuário do Liceu N. S. Auxiliadora (1912-1937); Juventude, Estímulo* e *Ecos do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora* (este na década final do internato).

Essas revistas eram mensais e serviam como leituras amenas para os alunos nos dias de domingo e feriados, como passatempo. A produção teatral para os alunos chegou a mais de 300 peças, boa parte delas, traduções do italiano. Toda esta produção estava dentro dos objetivos do sistema educativo salesiano. Os alunos tinham pouco acesso à literatura que não fosse produzida pela Congregação Salesiana.

11. O crescimento do nacionalismo, a formação dos grandes exércitos, as campanhas nacionalistas influíram na mentalidade do povo e favoreceram o desenvolvimento dos esportes militares, também no ambiente escolar. O uniforme cáqui era de uso generalizado pelo alunado da época. A cor de poeira, talvez, tenha também facilitado sua utilização no meio escolar. Hoje está em alta moda "jeans" (influência norte-americana).

12. O internato era um sistema fechado e possuía implementos e acessórios próprios que constituem um campo significativo, ainda pouco explorado, para pesquisas. Salesianos há, dos mais antigos, que afirmam terem sido os internatos um mal necessário, embora não ousem negar que funcionou e produziu resultados positivos. Mas os passeios semanais e os passeios gerais, como também os desfiles, amenizavam o enclausuramento e, de certo modo, ensejavam uma abertura ao mundo exterior.

13. O elevado número de alunos, mesmo no momento em que foram fechados os internatos, demonstrou o grau de aceitação pela sociedade brasileira, em que pesem as falhas, carências ou deficiências verificadas no modelo. Mais uma demonstração da validade e aceitação do sistema salesiano de educação verifica-se, ainda hoje, na procura das escolas salesianas no Brasil inteiro, sendo alta a percentagem de filhos(as), netos(as), bisnetos(as), primos(as), sobrinhos(as) e de amigos(as) de ex-alunos. Seria uma alternativa interessante de pesquisa o estudo deste fenômeno.

14. O instituto da premiação influiu positivamente no sistema pedagógico salesiano. A sua prática conseguiu motivar e estimular os alunos no

cumprimento de suas obrigações escolares com maior entusiasmo e alegria. Faz parte da essência do sistema a idéia central de que Deus premia os bons, especialmente com o paraíso. A própria sociedade, porém, continua recompensando os que se destacam nos diversos campos da arte, ciência, literatura e atividades sociais. Sobressaem na atualidade inúmeros prêmios como: o Prêmio *Nobel*, o *Oscar* da Academia de Hollywood, o *Pulitzer*, *Átomos da Paz*, entre muitos; no Brasil, o mais importante é o da Academia Brasileira de Letras, merecendo ainda serem mencionados os da Academia Brasileira do Livro, da União Brasileira do Livro (UBL), Membro da Imagem e do Som, Prêmio Visa Vocal da MPB, Prêmio Multicultural Estado, etc., sem falar dos prêmios esportivos, das condecorações. E se os prêmios têm significação como estímulo para os adultos que alcançaram um grau de conscientização elevada, e por que não para os jovens educandos em atividade escolar, uma vez que precisam continuamente de estimulação? Infelizmente, no final do modelo, notou-se diminuição dos prêmios...

15. O Liceu Coração de Jesus e o Liceu de N. S. Auxiliadora apresentaram uma inovação curricular no final dos anos 10: ou seja, já adotavam um núcleo comum de matérias e uma parte diversificada, ou seja, o curso comercial e o curso ginasial, precedendo a reforma educacional de 1971. Um Diretor do Liceu Coração de Jesus, em 1926, apresentou um projeto de reforma do Curso Comercial, apresentado em 1925, que foi adotado na reforma deste curso em 1926.[8]

16. Quanto à contribuição em novas tecnologias didáticas, os ex-alunos ficaram indecisos em afirmar se houve avanço. Alguns ex-alunos, porém, afirmaram que o governo já mandava tudo pronto.

17. Houve falhas. Pe. Edgar Rocha escreveu uma série de contos, em que mostrava a vida colegial, destacando os méritos da premiação e, ao mesmo tempo, o mal-estar que despertava naqueles que não conseguiam conquistá-los. Ao que parece este autor está de acordo com o parecer de Pe. Mário Quilici, acima, que encarece o lado positivo da premiação.[9]

---

[8] Vide Decreto n.º 17.329, de 28 de maio de 1926.

[9] Entre esses contos merece atenção especial o intitulado "Primeiro Prêmio", em *O Lyceu*, 1931, p. 301-306, 367-371, 428-432. O autor deste trabalho recolheu esses contos num só volume, com o nome de "Contos" que, aparentemente, retrata da vida de antigos alunos salesianos.

18. Quanto aos castigos físicos, o que foi colhido neste trabalho é suficiente para afirmar que não se conseguiu evitar plenamente sua aplicação, apesar de serem sempre condenados e de não constituírem uma prática generalizada. Geralmente, eram aplicados pelos Assistentes, jovens seminaristas que vinham dos cursos de Filosofia, ainda na fase inicial de sua formação e sem a necessária preparação e bagagem educativa suficiente para dirigir até mais de cem alunos e, muitas vezes, divisões de mais de cento e cinqüenta internos.

Os castigos físicos aparecem mais nas décadas finais do regime de internato, quando a sua clientela provinha de famílias desestruturadas, muitos pressionados e obrigados pelos pais. Desse modo, a clientela parecia não ser a mesma dos anos anteriores. Nota-se, nesta época, nos documentos, um cansaço inconsciente do elemento salesiano e uma mentalidade cada vez mais adversa aos internatos, pelas dificuldades de manter a disciplina, por exigir tempo integral de dedicação (dia e noite) e, por isso mesmo, uma inclinação para o regime de externato, por ser menos trabalhoso. Esse fenômeno aparece nos documentos escritos, como já foi visto. O sistema educativo salesiano exigia e exige respeito à liberdade do menino, o que parece não ter ocorrido na fase final dos internatos por parte dos pais.

A violência física constatada foi reduzida, apesar das inúmeras dificuldades encontradas, nos internatos, pelo tipo de clientela atendida. Os ex-alunos (e os Salesianos) consultados reconhecem essa deficiência. Nem por isso negam a validade do Sistema Preventivo, ou do sistema educativo salesiano, e sua utilidade na vida familiar e profissional. Na sua quase totalidade, evitam aplicar castigos físicos a seus filhos e procuram pôr em prática os três elementos "razão, religião e carinho" nas relações familiares e profissionais.

19. Os antigos regulamentos foram reformulados e adaptados à cada realidade, em forma de projetos educativo-pastorais, com prazos bem determinados e, mesmo assim, sujeitos à reformulação quando se faz necessário. Em outros termos, os regulamentos foram "inculturados", palavra muito usada nos meios religiosos.

20. Os pontos nevrálgicos de tensão, todavia, não atingiram os ideais, ou, em outras palavras, a essência do projeto educativo de Dom Bosco,

chamado Sistema Preventivo. Em nenhum momento de sua implantação foram contestados seus elementos essenciais pelos seus realizadores ou pelos ex-alunos que, unanimemente, sempre o aprovaram.

Esta pesquisa não pretendeu esgotar o assunto, mas ser base de pesquisas posteriores. Um de seus objetivos consistiu em recolher dados para salvar a memória histórica da educação realizada em regime de internato,[10] que parece ter tido validade na época em que foi usada. Dado à sua grande procura, continua sendo usada, na atualidade, nas obras de educação formal e não formal dirigidas pelos Salesianos em quase todas as partes do mundo.

É reconhecida a limitação do regime de externato; primeiro, porque não satisfaz totalmente à aplicação do sistema salesiano de educação, pelo espaço e tempo limitados, e, segundo, porque os pais dos alunos, em sua imensa maioria, trabalham e não podem atender às necessidades de seus filhos nas horas em que aqueles estão fora do lar e estes fora da escola, a sós ou entregue aos cuidados de terceiros...

Aqui e ali, ventila-se o regime de semi-internato, ou escola de tempo integral, considerado mais completo por não separar os filhos dos pais, a não ser quando estes não estão em casa, e, também, mais condizente para a execução do projeto salesiano, já que também funcionou nessas escolas por muitos anos. Este, contudo, é matéria para estudos posteriores, quem sabe o regime escolar mais apropriado à sociedade do milênio prestes a entrar...

---

[10] Ainda hoje, aparecem pessoas procurando internar seu filho.

# FONTES E BIBLIOGRAFIA

## 1 – ARCHIVIO SALESIANO CENTRALE (ASC) – ROMA – CASA GENERALIZIA DOS SALESIANOS DE DOM BOSCO

### 1.1. Fontes manuscritas

*ASC B 717 A 1381210* lettera Cagliero-Bosco 28.07.1886.

*ASC F 504*, 31/12/1899.

*ASC B 051* lettera Albera-Rua 04.08.1901.

Carta CERRATO-VESPIGNANI, 11.03.1926.

*ASC B 563* lettera Vespignani-Rinaldi 23.05.1925.

*ASC C 449* lettera Trione-Tirone 31.01.28.

*ASC 0-872* Verbali delle riunioni capitolari, vol. IV - 30 luglio 1919.

*ASC D 973* Verbali V, 25.06.1929.

*ASC D 873* Verbali V, 15.06.1932, p. 452.

ASC *F 504* 31/12/1899 Colégio Salesiano Santa Rosa de Niterói, de 1899.

*ASC F 096* lettera Cerrato-Rinaldi 26.06.26.

*ASC C 449* lettera Trione-Rinaldi 02.01.28

ASC *C 449* lettera Trione-Tirone 31.01.28.

*ASC F 095* lettera Cerrato-Tirone 08.03.1928.

*ASC F 095* circolare X dell'Ispettore 09.03.1928.

*ASC F 095* lettera Cerrato-Tirone 14.07.28.

*ASC F 09* lettera Cerrato-Rinaldi 14.07.1928.

*ASC F 096* lettera Ricaldone-Cerrato 11.08.1928.

*ASC A 37* lettera Tirone-Cerrato 11.08.28.

*ASC F 096* lettera Miotti-Ricaldone 14.09.1928.

*ASC T 096* lettera Domenico CERRATO a G. VESPIGNANI, ? - ? – 1928.

*ASC F 097* visita extraordinaria de 1931... dal quaderno "Brasile - Sud. Riunione dei Direttori - Corrispondeza relativa alla visita straordinaria".

*ACS F 096* lettera Dell'Oca-Ricaldone 16.10.1933.

*ASC 3222-8* lettera Rota-Gusmano 18.09.1917.

*ASC 3122-8* lettera Rota-Gusmano 28.02.1919.

*ASC 3122-8* lettera Rota-Gusmano, 25.08.1919.

*ASC 3222-8* lettera Rota 18.06.1917, v. 3. organização de Pe. Antonio da Silva FERREIRA (sobre o serviço militar nas escolas). Lettera Rota-Gusmano 18.09.1917.

*ASC 3122*-8 Carta de Pe. Pedro Rota ao Pe. Calogero Gusmano de 25-VIII-1917. Também em: Cartas de Pe. Pedro Rota, v. 3, organização de Pe. Antônio da Silva

*ASC 3222-8* Carta de Pe. Pedro Rota ao Pe. Gusmano, de 18.09.1917.

*ASC 3122-8* lettera Rota-Gusmano, 25.08.1917, secretário do Conselho Superior da Congregação Salesiana, de. Cartas de Pe. Pedro Rota, v. 3, organização de Pe. Antonio da Silva FERREIRA.

*ACS* lettera 23.11.1877.

*ASC* lettera Lacerda-Bosco 07.01.1878.

*ASC* lettera Domenico Cerrato-Vespignani 11.03.1926 e 17.03.1926.

*ASC* lettera Cerrato-Gusmano 03.07.26.

*ASC* lettera Trione-Rinaldi 02.01.28.

*ASC* Prospectos do Lyceu N.S. Auxiliadora, Nictheroy, Esc. Typ. Salesiana, 1917.

*ASC F* 096 1928 Carta a Vespignani

*ASC* Programmas d'Ensino do Lyceu do Sagrado Coração: Artes, Officios e Commercio. S.Paulo, 1903. AISSP.

## 1.2. Impressas

*ATTI del Capitolo Superiore*, 18 (75): 389-391, 24.01.1937.

*ATTI del Capitolo Superiore*, nº 36, p. 481.

DELL'OCA, André. Resoconto dei convegni tenuti daí Direttori a Valsalice nel estate del 1926, p. 14. *Padre Inspetor 1936-1965.*

GINÁSIO S. MANOEL. *Livrinho da Visita Extraordinaria* - Edição de Lavrinhas - 1931.

LYCEU SALESIANO N. S. AUXILIADORA. *Prospectos do Lyceu N. S. Auxiliadora,* Nictheroy, Esc. Typ. Salesiana, 1917.

O LICEU, Cinema Falado, 12 (1929), 246-249.

# 2 - ARQUIVO DA INSPETORIA SALESIANA DE SÃO PAULO (AISSP)

## 2.1. Fontes manuscritas

INSPECTORIA MARIA AUXILIADORA. *Cronica Inspectoria M. Auxiliadora; Casa Liceu Coração de Jesus.* AISSP. E no ano seguinte: Súmula de Apuração deste III Campeonato, no Arquivo da Inspetoria Salesiana de S. Paulo. Caixa 12

- Vários. Archivo - Caderno nº 2 - Cópias Diversas de trabalhos, relações, chronicas etc. 1923 a 1924 - até outubro).

INSPETORIA MARIA AUXILIADORA. Carta dirigida ao Provincial, de 31 de outubro de 1960, AISSP, Caixa 2: Documentos, cartas e documentos antigos, Caixa 2.

..... *Crônica Inspetoria M. Auxiliadora,* Casa Liceu Coração de Jesus, p. 7. AISSP.

..... *Extrato da Reunião do Conselho Inspetorial de 9 de novembro de 1970.* Revisão do redimensionamento das duas casas salesianas de Lorena, AISSP.

LICEU CORAÇÃO DE JESUS. *Atas das Visitas Domésticas do Liceu Coração de Jesus,* 01.09.1942.

..... *Atas das Visitas Domésticas do Liceu Coração de Jesus,* 01.09.1942.

..... *Atas das Visitas Domésticas do Liceu Coração de Jesus,* 1937 – 1966.

..... *Actas da Associação de S. José e da Associação de S. Luiz Gonzaga – 1901.*

..... *Atas da Associação de S. José de 1899.*

..... *Actas da Associação de S. Luiz Gonzaga – 1907.*

..... *Atas do Liceu Capítulo da Casa,* 15.10.1945 e *Livro das Visitas Domésticas,* 30.10.1945.

..... *Atas da reunião do Conselho do Liceu Coração de Jesus, 1954-1970,* reuniões de 25.10.1959 e

*Atas do Capítulo desta Casa Salesiano, o Liceu Coração de Jesus*, reunião de 15.08.1962.

..... *Atas do Capítulo do Liceu Coração de Jesus de 1954 a 1970, reunião de 21.11.155.*

..... *Atas do Capítulo do Liceu Coração de Jesus, 15.08.1962.*

..... *Atas do Capítulo do Liceu Coração de Jesus, 1954 –1970.*

..... *Atas das Visitas Domésticas, 1931-1966.*

..... *Actas do Capítulo do Lyceu Coração de Jesus, de 1919 a 1933, reunião de 18.12.1926.* Manuscrito.

..... *Atas do Capítulo do Lyceu Coração de Jesus, de 1919 a 1933, 27.09.1924.*

..... *Atas da reunião do Conselho do Liceu Coração de Jesus, 1954-1870, reuniões de 25.10.1959 e 22.02.1960.*

..... *Atas do Capítulo desta Casa Salesiana, o Liceu Coração de Jesus, reunião de 15.08.1962 e de 23.08.*

*Atas da Associação de S. José de 1899.* AISSP.

*Actas da Associação de S. Luiz Gonzaga* - 1907, do Lyceu Coração de Jesus.

..... *Crônica do Liceu Coração de Jesus, 1944-1945.*

..... *Crônicas do Liceu Coração de Jesus, Recortes de Jornais*, Livro II.

..... *Crônicas do Liceu Coração de Jesus*, III, Programma do Collegio S. Joaquim, Arquivo da Inspetoria Salesiana de S. Paulo.

..... Atas do Capítulo do Liceu Coração de Jesus, de 1954 a 1970.

LYCEU N.S. AUXILIADORA. *Dati statistici dell'Anno Scolastico 1920-1921, per inviarsi al Segretario dell Capitolo Superiore.* AISSP. Campinas.

Lettera Domenico CERRATO-Giuseppe VESPIGNANI, 11.03.1926

## 2.2.1. Revistas

ANUÁRIOS DO LICEU CORAÇÃO DE JESUS, de 1915 a 1932, de S. Paulo. AISSP e Biblioteca do Liceu Coração de Jesus. São 18 números, um em cada ano.

ANUÁRIOS DO COLÉGIO SÃO JOAQUIM, de 1909 a 1924, de Lorena. Arquivo da Inspetoria Salesiana de S. Paulo e Biblioteca da Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena. São 26 números, um em cada ano.

ANUÁRIOS DO LICEU N. S. AUXILIADORA, 1913 - 1937, de Campinas, com interrupções entre 1931 a 1936... Estão contidos na Caixa 4, referente ao Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora.

DOM BOSCO, de 1935 a 1956, São Paulo. AISSP e CDPB.

ESTÍMULO, Campinas, Liceu N. S. Auxiliadora. Órgão dos alunos do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora. Arquivo da Inspetoria Salesiana de S. Paulo. Está incompleta. Começou em 1934 (?). Caixa 5, referente ao Liceu S. N. S. Auxiliadora.

JUVENTUDE, Campinas, Liceu N. S. Auxiliadora, de 1920 a 1934. Arquivo da Salesiana de S. Paulo. Incompleta. Caixa 5. Caixa 5, referente ao Liceu N. S. Auxiliadora.

O GRÊMIO, Colégio São Joaquim de Lorena. Arquivo da Inspetoria Salesiana de S. Paulo e do Colégio São Joaquim. Revista mensal do Grêmio Literário Joaquim Nabuco.

O LICEU, São Paulo, de 1919 a 1934. Revista mensal, órgão dos alunos do Liceu Coração de Jesus. Arquivo da Inspetoria Salesiana de S. Paulo e do Liceu Coração de Jesus.

RICERCHE STORICHE SALESIANE, rivista dell'Istituto Storico Salesiano, Roma: LAS.

SANTA CRUZ, Revista de Religião, Letras, Artes e Pedagogia, de 1901 a 1929. São Paulo, AISSP e do Liceu Coração de Jesus.

INSPETORIA MARIA AUXILIADORA. *Suplemento Especial de "Avante Companhias"*, 1965.

## 2.2.2. Circulares

CHAVES, Orlando, pe. *Circular n.º 48 do Pe. Inspetor,* São Paulo, 24.05.1845.

INSPETORIA MARIA AUXILIADORA. *Padre Inspetor - 1917 - 1987*: Pe. André DELL'OCA, Circular nº 7, 24.10.1934. AISSP.

..... *Padre Inspetor 1936 a 1965;* André DELL' OCA, Circular nº 8, de 7 de março de 1936 e Circular nº 13 do Pe. Inspetor, 15.11. 1957. AISSP.

..... *Pe. Inspetor 1936 a 1965*. AISSP.

..... *Padre Inspetor 1939 a 1948;* Pe. Orlando CHAVES, Circular nº 7, 19.03.1941. AISSP.

..... *Padre Inspetor 1936 a 1965*; Circular nº 23, 24.03.1944.

..... *Padre Inspetor - 1948-1952*; Pe. João Resende COSTA, Carta Circular do Pe. Inspetor, 20.03.1950.

..... *Padre Inspetor - 1949 a 1952*; João Resende COSTA, Circular nº 10, Páscoa de 1952.

## 2.2.3. Outros Impressos

COLÉGIO SALESIANO S. ROSA. *PRECIOSAS recordações dos 25 annos de fecunda existencia do Collegio Salesiano "Santa Rosa" em Nictheroy por occasião de seus festejos jubilares em 14 de julho de 1908.* AISSP e Centro de Documentação e Pesquisa de Barbacena (MG).

LICEU CORAÇÃO DE JESUS. *Crônica do Liceu Coração de Jesus, 1944-1945,* 6.12.1945. AISSP.

..... *Crônicas do Liceu Coração de Jesus*; Recortes de jornais, programas, convites, etc. AISSP.

..... *Crônicas do Liceu Coração de Jesus*. v. 3. Programma do Collegio S. Joaquim etc. AISSP .

..... *Programma do Lyceo de Artes e Officios estabelecido nos Campos Elyseos, São Paulo*. Rio de Janeiro, Escola Typ. Salesiana / Nictheroy. AISSP.

..... *Programmas d'Ensino do Lyceu do Sagrado Coração; Artes, Officios e Commercio*. São Paulo, dezembro 1903. Caixa 12, Pasta Vários II. AISSP.

..... *Programmas d'Ensino do Lyceu do Sagrado Coração: Artes, Officios e Commercio*. S. Paulo, 1903. ASC e AISSP.

..... *Estatutos e Programmas do Lyceu do Sagrado, São Paulo-Brazil; Artes, Officios e Commercio, 1908*, Escolas Profissionaes Salesianas. AISSP.

FASCIE, Bartolomeo, Consigliere Scolastico. *Atti del Superiore*, Torino, 2 (5): 24.05.1921, p. 241.AISSP.

A GAZETA ESPORTIVA, de 24 de setembro de 1958, p. 23.

CORREIO PAULISTANO, 10.06.1899. DIÁRIO POPULAR, *06/04/1901*, in: *Recortes de jornais, programas etc. do Liceu Coração de Jesus*, AISSP. O COMMERCIO DE S. PAULO, in: *Santa Cruz*, 2 (1); 32, out. 1902.

### 2.2.4. Impressos referentes o Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora

CAIXA 1: Pastas: Histórico da Fundação do Liceu; Escola Agrícola de Campinas;

CAIXA 2: Pastas Regimentos Escolares, Estatutos, Crônicas Anuais (1941-1970), Correspondência – Administração – Vários, Programas e Convites - Prospectos do Lyceu N. S. Auxiliadora; curso preliminar e commercial (preparação às Escolas Normaes e Gymnasios). Escola Agrícola Campineira (1917), Nictheroy, Escola Typ. Salesiana, 1917.

CAIXA 3: Pastas: Programas e convites (1946-1958), Programas e convites (1958-1996), Programas e convites, Recortes de jornais.

CAIXA 4: Anuários diversos.

CAIXA 5: Jornaizinhos diversos a partir de 1923 (*Estímulo, Juventude, Ecos do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora*) e Programas Quinquenais (manuscritos, datilografados).

LYCEU N. S. Auxiliadora, Dati statistici dell'Anno Scolastico 1920-1921, per inviarsi al Segretario dell Capitolo Superiore. AISSP. Campinas.

*Prospectos do Lyceu N. S. Auxiliadora...* AISSP.

*O APÓSTOLO*, ano XVIII, n.º 89, 8 de agosto de 1883, p. 1.

*DIÁRIO de Campinas*, de 6 de abril de 1898 (uma das cartas dos pais) e de 7 de abril de 1898 (resposta do Pe. Alexandre Fia).

*Observação*: Infelizmente, o grande acerto arquivístico deste estabelecimento foi destruído, restando apenas dois armários nesta escola. Entretanto, a sua secretaria, apesar de algumas lacunas, é rica em dados escolares.

### 2.2.5. Manuscritos do Colégio São Joaquim – Biblioteca e Arquivo do Colégio São Joaquim e Centro UNISAL de Lorena

COLÉGIO S. JOAQUIM. *Crônicas de 1910-1929, Crônicas de 1930 a 1941, Crônicas de 1942 (2.ª via), de 1943 (1.ª via), de 1944, de 1945, de 1946, de 1948, de 1950, de 1952, de 1953*. AISSP.

..... *Atas do Grêmio Literário Joaquim Nabuco* (1911-1918). Manuscrito, 80 folhas.

..... *Atas das Visitas Inspetoriais do Colégio São Joaquim*, de 1909 a 1990.

..... *Atas do Grêmio Literário Joaquim Nabuco (1934-1940)*. 300 págs.

..... *Livros de Visitas Inspetoriais do Colégio São Joaquim (1909 a 1990)*.

..... *Extrato da Reunião do Conselho Inspetorial de 9 de novembro de 1970*. Revisão do redimensionamento das casas salesianas de Lorena. Caixa do Colégio São Joaquim.

..... Colégio São Joaquim, Companhia de São Luís dos Médios, Anos Letivos de 1965-1966, p. 11.

### 2.2.6. Impressos relativos ao Colégio São Joaquim

Biblioteca do Colégio São Joaquim e da UNISAL – Unidade de Lorena.

## 2.3. Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa (Barbacena-MG)

BOSCO, Giovanni. *Regolamento per le case della Società de S. Francesco di Sales*, Torino, Tipografia Salesiana, 1877.

PIA SOCIETÀ DI S. FRANCESCO DE SALES. *REGOLAMENTO per le Case della Pia Società di S. Francesco di Sales*, Torino, Tipografia Salesiana, 1906.

# 3. DOCUMENTOS PESSOAIS DO AUTOR DESTE TRABALHO

*A GAZETA da Zona Norte*, de 4 de outubro de 1997, na página 17, publicava treze orações.

ROCHA, Edgar de Aquino. *Contos relativos à vida de ex-alunos de colégios salesianos.* Extratos de *O Liceu.* Organização de Manoel Isaú.

*O SALESIANO,* 1 (2): 3, mai. 1957 – Arquivos da Inspetoria Santo Afonso de Ligório, Missão Salesiana e do Colégio Dom Bosco (Campo Grande – MS).

*O SALESIANO*, Lins, 1 (2): 3, 18 de maio de 1957. Arquivo do Colégio Dom Henrique Mourão. Arquivo do Colégio Dom Mourão, Lins (SP).

*MEMORIAL das Visitas Inspetoriais da Casa de Cuiabá, 1910-1943.* Arquivo do Colégio São Gonçalo (Cuiabá – MT).

# 4. DEPOIMENTOS ORAIS

ANDREAZZA, Essetino, pe. Foi Assistente no Liceu Coração de Jesus. Ex-ecônomo Provincial.

BORGUI, Ugo, aluno interno do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora. Foi deputado federal.

CINTRA, Geraldo Leite. Foi aluno interno do internato salesiano de Lins e Prefeito (Ecônomo do Liceu Coração de Jesus) e Diretor do Liceu N. S. Auxiliadora.

CORREIA, Iran, pe. Depoimento de Salesiano de 93 anos, formado no Instituto Teológico da Crocetta, secretário particular do Bem-Aventurado Felipe Rinaldi, terceiro sucessor de Dom Bosco, professor de História da Igreja no Instituto Teológico Pio XI e autor de uma *História dos Papas* e por muitos anos um dos secretários da Província Salesiana de S.Paulo. Foi aluno do Colégio Santa Rosa na década de 10, Assistente, e Conselheiro Escolar nesta instituição. Foi ainda Diretor e pároco.

COSTA, Lecy Gomes da, pe. Foi Assistente no internato do Liceu Coração de Jesus.

GUARNIERI, Hugo, ex-aluno do Liceu Coração de Jesus e ex-Diretor do Colégio São Joaquim.

MAGALHÃES, Antônio Lages de. Ex-aluno e conselheiro do internato do Liceu Coração de Jesus.

OLIVEIRA, Agenos Simões de Oliveira, aluno interno do Liceu Coração de Jesus, de 1927 a 1941, contador formado nesta escola

POFFO, Olivio, pe. Assistente do internato do Liceu N. S. Auxiliadora.

QUILICI, Mario, pe. Ex-aluno e depois diretor do Liceu Coração de Jesus. Ex-Provincial e atual vice-Provincial da Inspetoria Salesiana de S. Paulo.

SILVA, Anderson Paes da. Ex-aluno interno, Assistente e depois Diretor do Liceu Coração de Jesus e de outros colégios salesianos.

SANTA CATARINA, Fausto, pe. Músico, compositor, escritor. Foi Diretor do Colégio São Joaquim. Foi regente da Orquestra Pe. Rota.

ZANIBONI. Reynaldo, pe. Assistente do Liceu Coração de Jesus.

# 5. BIBLIOGRAFIA


ALBERA, Paolo. *Lettere Circolari di D. Paulo Albera ai Salesiani.* Torino, SEI, 1922.

ALBERICO, Giuseppe et alii (a cura). *Conciliorum Oecumenicorum Decreta.* Edizione bilingue. Bologna, Edizione Dehoniane, 1991.

ALENCAR, Joelma Sampaio de. *Flagrantes da vida escolar brasileira - final do século XIX e início do XX; relatos autobiográficos.* Dissertação de Mestrado. USP, 1996.

ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira.* 12.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971, p. 12-13. – (Coleção Sagarana 37).

ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira.* Introduções de M. Cavalcanti PROENÇA e Juarez da Gama BATISTA. Estudos de Tristão de Athayde. 12.ª ed, Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

AMADO, José de Sousa. *História da Igreja Catholica em Portugal, no Brasil e nas possessões portuguezas.* Lisboa, Typ de G. M. Matheus, 1870.

ANDRADE, Mario de. O Ateneu: *Aspectos de literatura brasileira.* São Paulo, Livraria Martins Ed.,1972 (4.ª ed.) e 1974 (5.ª ed.).

ANUÁRIO CERIS, de 1989.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família.* Trad. de Dora Falksman. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan S.ª / 1981.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas.* São Paulo, Edigraf, s. d.

AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira; Introdução ao estudo da cultura no Brasil.* 4.ª ed, rev. e ampliada. São Paulo. Melhoramentos / Universidade de Brasília, 1963. (Biblioteca Básica Brasileira 4).

AZZI, Riolando. *Salesianos no Brasil; Os primórdios da obra salesiana (1875-1884).* v. 1. São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1883.

BARBERIS, Giulio. *Appunti di Pedagogia sacra esposti agli ascriti della Pia Societá di S. Francesco di Sales.* Torino, Litografia Salesiana, 1903. (Biblioteca do Instituto Teológico XI).

BARBOSA, Manoel. A *Igreja no Brasil; Notas para a sua história.* Rio de Janeiro, Editora e Gráficas A NOITE/ 1945.

BARBOSA, Rui. *Escritos e Discursos Seletos.* Seleção, organização e nota de Virgínia Cortes Lacerda. Rio de Janeiro, Edições da Casa Rui Barbosa/Editora Aguilar, 1965.

BARBOSA, Sidney. Caminhos e descaminhos da educação brasileira no século XIX, in: PERRONE-MOISÉS, Leyla (Direção e organização) *O Ateneu; retórica e paixão,* p. 68-71; *Comemoração do Centenário de O ATENEU (1888-1986.* São Paulo. Brasiliense/EDUSP/1988.

BARROS, Gilberto Leite. *A Cidade e o Planalto.* São Paulo, Martins, s.d.

BASTIDE, Roger. *Brasil, Terra de contrastes.* Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1959.

BATISTA, Juarez da Gama. José Américo; a legenda e a vida, in: ALMEIDA, José Américo de, *A Bagaceira,* 12.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971, p. 12-13. (Coleção Sagarana 37).

BELLERATE Bruno. Dom Bosco e scuola umanistica, in: Mario MIDALI (a cura), *Don Bosco nella storia,* Atti del Congresso Internazionale di Studi su Don Bosco, Università Pontificia Salesiana, Roma, 16-20 genn. 1989, p. 315-329, Roma, LAS, 1990 (Centro Studi di Don Bosco, 10).

BELLOTTI, Elena Gianini. *Educar para a submissão; o descondicionamento da mulher.* 6.ª ed. Campinas, Papirus, 1987.

BELOTTI, Faustino. *Relação do Ver.mo Sr. Pe. Faustino Bellotti sobre os primeiros anos do Liceu Coração de Jesus.* Ainda: *Lyceu do S. C. de Jesus,* in: *Est. de S. Paulo,* 10-VIII-1902, *apud Crônicas do Liceu Coração de Jesus,* livro 2, p. 51.

BELZA, Juan E. *Lasagna el obispo misionero; introducción a la historia del Uruguay, del Brasil y del Paraguay,* Buenos Aires, 1970.

BILAC, Olavo. *A defesa nacional.* Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1963.

BORAN, Jorge. O *futuro tem nome; juventude.* São Paulo, Paulinas, 1994. (Igreja dinâmica).

BORRA, Guido, pe. nº 7, de 3 de abril de 1949. Arquivo da Inspetoria de Santo Afonso de Ligório.

BOSCO, Dom. Circular sobre a disciplina. *MB* X, 1102.

BOSCO, Giovanni. *Cenni storici sulla vita del chierico Luigi Comollo morto nel seminario di Chieri.* Torino, 1844.

..... *La forza della buona educazione; episodio contemporaneo.* Torino, Tipografia Paravia e Comp., 1855.

..... *Valentino o la vocazione impedita; episodio contemporaneo.* Torino, Tip. Dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1866.

..... *Regulamento para as cazas da Congregação de S. Francisco de Sales.* Nictheroy, Typographia Salesiana do Collegio de Artes e Officios (Santa Rosa), 1888. Talvez seja este o primeiro regulamento traduzido para o português.

..... *Regolamento dell'Oratorio di S. Francesco di Sales.* Torino, Tipografia Salesiana, 1891, prefaciado pelo Beato Pe. Miguel Rua, 1.º sucessor de Dom Bosco, na direção da Congregação Salesiana. Foi publicado entre 1852 e 1872.

..... Storia ecclesiastica, ad uso dele scuole, utile ad ogni stato de persone. *Opere Edite*, v. I. Tradução portuguesa de L. Marcigaglia sob o título: *História Eclesiástica para uso da juventude.* A 3.ª edição brasileira é intitulada *História Eclesiástica para uso da juventude.* São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1954.

..... Il Pastorello delle Alpi ovvero vita del giovane Besucco Francesco. *Opere Edite,* v. 15 (1864). Roma, LAS / 1975.

..... Germano l'ebanista o gli efetti di um buon consiglio. *Opere Edite*, v. 5. Roma, LAS, 1976.

..... La Casa della Fortuna; reppresentazione drammatica. Torino, Tipografia dell'Oratorio di S. Francesco di Sales, 1865. *Opere Edite,* v. 16. Roma, LAS, 1976, p.1-72.

..... Il Sistema Metrico Decimale, ridotto a semplicità preceduto dalle quatro prime operazioni dell'Artimetica ad uso degli artigiani

e della gente di campagna. 2.ª edic. Migliorata ed acresciuta. Torino, Battista Paravia e Comp., Tipografi-Editori, 1849. *Opere Edite,* v. 4 (1849-1853). Roma, LAS / 1976. – (Centro Studi Don Bosco / Università Pontificia Salesiana).

..... Regolamento per le case della Società di S. Francesco di Sales. Torino, Tipografia Salesiana, 1877. *Opere Edite,* v. 29 (1977-1878), Roma, LAS, 1976, p. 99-100. A tradução portuguesa *Regulamento para as cazas da Congregação de S. Francisco de Sales,* Nictheroy, Typographia Salesiana do Collegio de Artes e Officios (Santa Rosa), 1888. CDPB e AISSP.

*Observação:* Não traz ainda traduzido o texto específico escrito por Dom Bosco, talvez por respeito ao texto original.

..... Storia sacra per uso delle scuole, utile ad ogni stato di persone arrichita de analoqhe incision. Torino, Tipografi-Editori Sperani e Ferrero, 1847. *Opere Edite* (1847-1848). Roma, LAS / Centro Studi Don Bosco, Università Pontificia Salesiana, 1976.

..... *Memorie dell'Oratorio di San Francesco di Sales dal 1815 al 1855.* Introduzione e note a cura de Antonio Ferreira da Silva. Roma, LAS, 1992, p. 36-38. (Istituto Storico Salesiano: Fonti: Serie I).

..... *Memorie dell'Oratorio di San Francesco di Sales dal 1815 al 1855:* Introduzione e note a cura di Antonio da Silva Ferreira. Roma, LAS, 1992. (Istituto Storico Salesiano - Fonti: Scritti editi e inediti 5), p. 156-157.

BOSCO, João, são. *O Jovem Instruído - prática de seus deveres religiosos.* 9.ª ed. brasileira. São Paulo, Livraria Salesiana Editora, 1945.

..... *Memórias do Oratório de S. Francisco de Sales, de 1815 a 1855.* São Paulo, Ed. Salesiana Dom Bosco, 1962.

..... La casa della fortuna. *Leituras Católicas.* Niterói, Escola Typ. Salesiana, jan. 1885.

BRAIDO, Pietro. *Il sistema preventivo di Don Bosco.* Torino, SEI, 1955.

..... *Il sistema preventivo di Don Bosco,* Torino, Pontificio Ateneo Salesiano, 1955.

..... Tra i "Documenti" della storia; l'esperienza vissuta *Ricerche Storiche Salesiane,* a. 1 (1): 74, luglio-dicembre 1982.

..... (Ed.). *Dom Bosco educatore; scritti e testemonianze.* Roma, LAS, 1992. Trad. Brasileira: *A pedagogia de Dom Bosco através de seus escritos.* São Paulo, Editora Salesiana, 1983.

..... *La experienzia pedagógica de Don Bosco.* Roma, LAS/ 1989.

..... *Breve storia del "sistema preventivo".* Roma, LAS, 1993. (Piccola Biblioteca dell'Istituto Storico Salesiano 13).

..... Bom cristão e honesto cidadão. Extrato de *Ricerche Storiche Salesiane,* Roma, 13 (1:24): gen.giug. 1894, LAS. Tradução de Júlio Bersano.

..... Il sistema del "preventivo" nella realtà e nei documenti alle origini (1841-1862). *Ricerche Storiche Salesiane,* 24 (2): Luglio-dicembre 1995. Roma, LAS, 1995.

..... (Ed.). *Don Bosco educatore; scritti e testemonianze.* 3.ª ed., acresciuta con la com la collaborazione di Antonio da Silva Ferreira, Francesco Motto, José Manuel Prellezo. Roma, LAS, 1997.

..... *Prevenire, non reprimere; il sistema educativo di Don Bosco.* Roma, LAS, 1999.

BUENO, Ernani Silva. *História e tradições da Cidade de São Paulo, Metrópole do Café (1972-1918) - São Paulo de Agora (1919-1954).* Prefácio de Gilberto Freyre. 4ª ed. São Paulo, Editora Hucitec, 1991.

CACCIGAGLIA, Mário. *Pequena História do Teatro no Brasil; quatro séculos de teatro no Brasil.* Tradução de Carla de Queiroz. São Paulo, T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de S.Paulo, 1996.

CALMON, Pedro. *História da Civilização Brasileira.* 6.ª ed. aum. S. Paulo, Nacional, 1958, p. 59-268. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, série V, 14).

CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo,* Rio de Janeiro.

CAMARATE, Alfredo, Orgam liturgico. *Crônicas do Liceu Coração de Jesus: Recortes de jornais, programas, etc.*, p. 62. AISSP.

CARON, Jean-Claude. Os jovens na escola; alunos de colégios e liceus na França e na Europa (fim do séc. XVIII-Fim do séc. XIX), in: Giovanni LEVI e Jean-Claude Schmidt, A *História dos Jovens; a época contemporânea.* São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

CARONE, Edgar. *A República Velha; instituições e classes sociais.* 2.ª ed., rev. e aum. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1974.

CARONE, Edgar. *A Segunda República.* São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973, (Corpo e Alma do Brasil 37).

CARVALHO, Jether Pereira de. *Colégios protestantes no Brasil.* Rio de Janeiro, PUC, 1975. Dissertação de Mestrado.

CARVALHO, José Murilo de. As Forças Armadas na primeira República: O poder desestabilizado, in: BORIS, Fausto, *História Geral da Civilização Brasileira; o Brasil Republicano; sociedade e instituições (1889-1930).* v. 9. Rio de Janeiro/São Paulo, DIFEL, 1978.

CERIA, Eugenio. *Annali della Società Salesiana.* 4.° vol Torino: Società Editrice Internazionale (SEI), 1941-1965.

CERRUTI, Francesco. *Le idee di D. Bosco sull'educazione e sull'insegnamento e la missione attuale della scuola; lettere due.* S. Benigno Canavese, Tipografia e Libreria Salesiana, 1886.

CERRUTI, Francesco. *Historia della pedagogia in Italia dall'origini a'nostri tempi.* Torino, Tipografia e Libreria Salesiana, 1889.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações.* Trad. de Maria Manuela Galhardo. LISBOA, DIFEL e Rio de Janeiro, Ed. Bertrand, S.A., 1990.

CHAVES, Orlando, pe. *Circular nº 7,* 19.03.1941. *Padre Inspetor 1939 a 1948.* Traz *Atos do Cap. Sup nº 78* (p. 207). AISSP. Carta não assinada de 2 de novembro de 1940. *Padre Inspetor 1936 a 1965.*

..... *Circular nº 23,* 24.03.1944. *Padre Inspetor 1936 a 1965.*

CHIAVARINO, Luís. *Os sorrisos de Dom Bosco.* São Paulo, Paulinas, 1959.

CONGREGAÇÃO SALESIANA. *Atti del Capitolo Superiore*, 18 (75): 389-391, 24.01.1937.

..... *Atti del Capitolo Superiore,* nº 36, p. 481.

CONVEGNO EUROPEO SALESIANO. *Il sistema educativo de Don Bosco tra pedagogia antica e nuova.* Atti del Convegno Europeo Salesiano sul sistema educativo de Don Bosco. Torino-Leumann: ELLE DI CI / 1974.

COMPÊNDIO *de Civilidade para uso das famílias e colégios.* 14.ª ed. São Paulo, Livraria Editora Salesiana Ltda, 1960. (Coleção Salesiana Série Didática, 13).

CORREIO PAULISTANO, 09.11.1887.

COSTA, Dom Antonio Macedo. *O Barão de Penedo e sua missão a Roma.* Rio de Janeiro, Typ. Luezinger & Filhos, 1888.

COSTA, D. Antonio Macedo. *A liberdade de cultos; representação à Assembléia Geral Legislativa pelo Bispo do Pará - 1888.*

COSTA, João Resende. Carta Circular do Pe. Inspetor, 20.03.1950. AISSP, *Padre Inspetor - 1948-1952.*

..... *Circular nº 10,* Páscoa de 1952. *Padre Inspetor - 1949 a 1952.*

DANTAS, José. *História do Brasil.* São Paulo, Moderna, 1989.

DELL'OCA, André. Circular nº 7, 24.10.1934. *Padre Inspetor - 1917 a 1987.* AISSP.

..... *Circular nº 8,* de 7 de março de 1936. *Pe. Inspetor 1936 a 1965.*

..... *Circular nº 8,* item 8, de 7 de março de 1936.

DE ROSA, Gabriele. *Ricerche di Storia Sociale e Religiosa,* nuova serie, 24 (1983; 115-132.

DESRAMAUT, Francis. *Etudes préalables à une biographie de saint Jean Bosco: La jeunesse,* v. 1. Lyon, Secrétariat Provincial Don Bosco, 1994. (Recherches Salésiens: Recherches et Documents pour servir à l'histoire des Salésiens de Don Bosco dans les pays de langue française).

DEAN, Warren. A *industrialização de São Paulo: 1880-1945.* Tradução de Octavio Mendes Cajano. 2.ª ed. S. Paulo, DIFEL, s. d, (Corpo e Alma do Brasil, 33).

DECA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *Indústria, trabalho e cotidiano.* São Paulo, Atual, 1991. (História em documentos).

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Imigração, urbanização, industrialização.* Rio de Janeiro, BPE/INEP/MEC, 1964, p. 53; 60-61. (Série VI, 5).

DIÁRIO DA TARDE, *apud Crônicas do Liceu Coração de Jesus; Recortes de Jornais,* livro 2, p. 58.

EGAS, Eugenio. *Galeria dos Presidentes de S. Paulo, período repulicano (1889-1920).* Publicação Oficial do Estado de S. Paulo, comemorativa do 1.º Centenário da Independência do Brasil. v. 2. S. Paulo, Secção de Obras d'O Estado de S.Paulo, 1927, p. 509.

EVANGELISTA, José Geraldo. *História do Colégio São Joaquim.* São Paulo, Editora Dom Bosco, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d.

FERREIRA, Antonio da Silva. Uruguay e Brasile visti dalle lettere di Teodoro Massano (1881-1888). *Ricerche Storiche Salesiane*, 2 (3). 321-323, luglio-dicembre 1883.

..... Patagonia: realtá e mito nellazione missionaria salesiana, Roma, LAS, 1995. (Piccola Biblioteca dell'Istituto Storico Salesiano, 16), p. 29-31. ASC A 1381210: lettera Cagliero - Bosco 28.07.1886.

..... Uruguay e Brasile visti dalle lettere di Teodoro Massano (1881-1886), em *Ricerche Storiche Salesiane,* Roma, 2 (2): 313-318, luglio-agosto 1983. ASC 275 Massano 28.06.1882.

..... Domenico Cerrato, Ispettore a S. Paolo (1925-1932); case di formazione e collegi in un Brasile che cambia. *Ricerche Storiche Salesiane,* ano XII, n.º 2 (23): 226, luglio-dicembre 1893.

..... Vent'anni di formazione del personale salesiano nell'Ispettoria dell'Uruguay e del Brasile (1876-1895). *Ricerche Storiche Salesiane* 9, 2 (17): luglio-dicembre 1990.

FONSECA, Celso Suckov da. *História do ensino industrial*, v. 2. Rio de Janeiro, s. ed., 1969.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala; introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil.* Ilustrações em cores de Cícero Dias, desenhos de Antonio Montenegro. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1998.

..... *Casa-Grande e Senzala*, 4.ª ed., v. 2. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943.

..... *Sobrados e Mocambos,* São Paulo, Nacional, 1938, p. 106.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir; história da violência nas prisões.* 12.ª ed. Petrópolis, Vozes, 1987.

HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. *O ensino secundário no Império Brasileiro.* São Paulo, Grijaldo, Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

GALLATI, Vito Giuseppe, apud Pietro BRAIDO. *Il sistema preventivo di Don Bosco,* Torino, Pontificio Ateneo Salesiano, 1955, p. 49.

GALVÃO, Maria Rita Eliezer. *Crônica do Cinema Paulistano.* São Paulo, Ática, 1975 (Ensaio 15).

A GAZETA ESPORTIVA, 5 de junho de 1959.

..... 24 de setembro de 1958, p. 23. *Súmula de Apuração deste III Campeonato.* AISSP.

HOLANDA, Sérgio Buarque de, e CAMPOS, Pedro Moacyr. O Brasil Monárquico (Declínio e queda do Império). t. 2, v. 4. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971. (História da Civilização Brasileira 6).

..... (org.). *História geral da civilização brasileira; administração, economia, sociedade.* 2.ª ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968. (História da civilização brasileira 2).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO. Rio de Janeiro, Nova Fronteira / 1975.

IMPRENSA Oficial do Estado. Cinema em transe, in: *Diário Cultural da Imprensa do Estado do Estado - Leitura,* São Paulo, 2 (13), p.10-12, jul. 1983.

INSPETORIA SALESIANA DE S. PAULO. *A pedagogia de Dom Bosco através de seus escritos.* São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1983.

ISAÚ, Manoel. O *ensino profissional nos estabelecimentos de educação dos salesianos.* Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1976. Dissertação de Mestrado.

JUVENAL, na Sátira X. Apud C. Leôncio da SILVA, *Pedagogia Speciale Pratica: L'Educando*, nota 5, p. 98.

LAPA, Roberto do Amaral. *A cidade; os cantos e os antros: Campinas (1850-1900).* São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LASAGNA, Luigi. Arrivo al Brasile. *Bollettino Salesiano*, Torino, 10 (7): 162, 1883.

LASAGNA, Luigi. *Epistolario; introduzione, note e texto critico* a cura de Antonio Ferreira da SILVA. v. 2 (1888-1892). Roma, LAS, 1997. (Istituto Storico Salesiano, Fonti, serie seconda, 6).

LEAL, Gastão Camara. Diversões. *Santa Cruz*, S. Paulo, 13 (68): 308-309, ago 1913.

..... Diversões: *Santa Cruz,* 13 (9): 364-366, set. 1913.

..... Diversões: *Santa Cruz,* 13 (10): 399-402, out. 1913.

..... Diversões: o cinematógrafo. *Santa Cruz,* 14 (1): 16, jan. 1914.

..... Diversões: a dança. *Santa Cruz*, 14 (2): 64-66, fev. 1914.

..... Diversões: a pintura. *Santa Cruz*, 14 (4): 139-142, abr. 1914.

..... Diversões: a música. *Santa Cruz*, 14 (5): 181-183, maio. 1914.

..... Diversões: a arquitetura. *Santa Cruz*, 14 (8): 325-327, ago 1914.

..... Diversões. *Santa Cruz*, 14 (3): 107-110, março 1914.

LEÃO, A. Carneiro. *O Brazil e a educação popular.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, Castilhos, 1919.

..... Problemas de educação. Rio de Janeiro, Castilhos, 1920.

LEME, Sebastião. *Carta Pastoral.* Petrópolis, Typ. "Vozes de Petropolis", 1916.

LEMOYNE, Giovanni, Battista, Angelo AMADEI e Eugenio CERIA, Eugenio. *Memorie Biografiche di (Don, del Beato) San Giovanni Bosco*, ediz. extracommerciale, em 20 volumes, incluindo o índice analítico, num total de 14.186 páginas.

NOTA:

A obra fundamental sobre a vida de Dom Bosco foi escrita por vários autores (Giovanni Battista LEMOYNE, Angelo AMADEI, Eugenio CERIA), em 20 volumes, incluindo o índice analítico, num total de 14.186 páginas, e denomina-se ***Memorie Biografiche di (Don, del Beato) San Giovanni Bosco***, ediz. extracommerciale. Foi escrita entre 1898 e 1939, com exceção do Índice Analítico, que foi em 1948. As citações dessa obra são feitas pelas primeiras letras das duas palavras iniciais MB, seguidas do número do volume e das páginas, p. ex.: *MB* III, 234. Para tornar mais fácil e ágil a sua citação, usamos aqui a norma usada na Itália de citar abreviadamente, seguida do volume e da página, como foi visto na página das abreviações, no início deste trabalho. O mesmo fazem também os espanhóis, enquanto franceses e americanos preferem o algarismo romano para citar o número do volume.

Várias editoras foram responsáveis pela sua publicação, a partir da Scuola Tipografia e Libraria salesiana v. 1 a 7, até 1907), Tipografia S.A.I D. e "Buona Stampa" (v. 8 e 9) e Società Editrice Internazionale (os restantes).


LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. *História dos Jovens; A época contemporânea.* v. 2. Trad. de Claudio Marcondes, Nelson Moulein e Paulo Neves. São Paulo, Companhia Das Letras, 1996.

LICEU CORAÇÃO DE JESUS. Cinema Falado. *O Liceu*, 12 (1929), 246-249.

..... Liga Collegial do Lyceu - S. Paulo, *Santa Cruz* 7 (4): 161-164, jan. 1906.

..... Crônica Esportiva de 1933. *O Liceu*, 1933, p. 64.

..... Notas do Sport, in: *Dom Bosco*, 1937, p. 325.

..... Martim Cererê, jogador de futebol. *Dom Bosco*, 14, 14 (1 e 2); mar-abril, 1948.

..... Liga Collegial do Lyceu - S. Paulo, *Santa Cruz* 7 (4): 161-164, jan. 1906.

..... Pe. Rota, novo Inspetor, *Santa Cruz*, 9 (7): 267, mar. 1909.

..... D. Bosco e o esporte. O Lyceu, 13 (5): 31, julho 1930.

..... Desfile da saúde. *Dom Bosco*, 1937, p. 336.

..... As misérias de S. Paulo - A infancia desvalida - O colegio dos salesianos - Um appello. *A Nação*, in: *Crônicas do Liceu Coração de Jesus*; recortes de jornais, programas, etc., p. 72.

LICEU N. S. AUXILIADORA. *"Recreios e Sport". Annuario do Lyceu de N. S. Auxiliadora*, 1918, p. 88-98. Arquivo do Liceu N. S. Auxiliadora, de Campinas e AISSP.

..... *Prospectos do Lyceu N. S. Auxiliadora*; curso preliminar e commercial (preparação às Escolas Normaes e Gymnasios), Escola Agrícola Campineira (1917, 1917).

LIMA, Heitor Ferreira. *História político-econômica do Brasil.* 2ª Ed. atual. São Paulo, Nacional, 1976. (Brasiliana 347).

LOVE, Joseph. *A locomotiva: São Paulo na federação brasileira (1997-1837).* Trad. de Vera Alice Cardoso da Silva. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. Separação da Igreja e do Estado no Brasil (1890): uma passagem para a libertação. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, 139 (35): 629, set. 1975.

..... *"Igreja e Política" no Brasil; do Partido Católico à L.E.C. (1874-1945).* São Paulo. Loyola / LEPEHIB. 1983. (Cadernos de História da Igreja no Brasil 3).

..... *A Igreja Católica no Brasil República.* São Paulo, Paulinas, 1991

MACCONO, Ferdinando. *Un aiuto all'educatore.* 5.ª ediz. accresciuta. Scuola Tipografica Salesiana / 1902.

MACHADO, Antonio Leme, Côn. *Apontamentos de História da Igreja no Brasil.* São Paulo, Seminário Central da Imaculada Conceição do Ipiranga, 1953. Mimeografado.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do teatro brasileiro.* São Paulo, Global Editora, 1997.

MAGALHÃES, Antônio Lages. *Colégio São Joaquim; 100 anos educando.* Lorena, Escolas Profissionais Salesianas, 1990.

MARCIGAGLIA, Luiz. *Os Salesianos no Brasil; ensaio de crônicas dos primeiros vinte anos da obra de Dom Bosco no Brasil (1883-1903).* v. 1. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1955.

..... *Aos amigos e benfeitores do Lyceu Salesiano,* Natal, 1925. S. Paulo, Escolas Profissionaes do Lyceu Coração de Jesus, 1925.

..... *Os Salesianos no Brasil; ensaio de crônicas dos primeiros vinte anos da obra de Dom Bosco no Brasil (1904-1923),* v. 2. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1958.

..... *Aos amigos e bemfeitores do Lyceu - Natal de 1925.* S. Paulo, Escolas Profissionaes do Lyceu Coração de Jesus, 1925.

MARCILIO, Maria Luiza e outros. *Crescimento populacional (histórico e atual) e componentes do crescimento demográfico (fecundidade e migrações).* São Paulo, CEBRAP, 1975. (Caderno 16).

MAROCCHI, Massimo. En las raices de la espiritualidad de Don Bosco, in: J. M. Prelezzo Garcia (ed.), *Don Bosco en la historia: Actas del Primer Congresso Internacional de estudios sobre San Juan Bosco,* Universidad Pontifica Salesiana – Roma 16-20 enero 1989, Roma, LAS - Madrid, Editorial CCS, 1990, p. 159-178.

MARTINS, Ana Luiza. *A grande lavoura no Brasil (1850-1890).* 7.ª ed. São Paulo, Atual, 1990. (História em Documentos).

MASSENA, N. *Barbacena; a terra e o homem.* Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1985, p. 432.

MAYA, Maria Aparecida Vitta. *O naufrágrio da Barca Setima; histórias não esquecidas.* São Paulo, Letras & Letras, 1997

MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil.* Juiz de Fora / São Bernardo do Campo, Edit., 1994.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.* São Paulo, Melhoramentos, 1998.

MIDALI, Mario (org.). *Dom Bosco nella storia.* Atti del 1.° Congresso Internazionale di studi su Dom Bosco, Università Pontificia Salesiana - Roma, 16-20, gennaio 1989. Roma, LAS, 1990.

MOACYR, Primitivo. *A instrução e a república.* v. 6. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1941.

MODESTI, João. *Uma pedagogia perene.* São Paulo, Editorial Dom Bosco, 1975.

MOISÉS-PERRONE, Leyla (org.). O Ateneu; retórica e paixão. Comemoração do Centenário de **O Ateneu** (1888-1988). São Paulo, Brasiliense/EDUSP, 1988. (Isidore DUCASSE, Oeuvres complètes - Les Chants de Moldoror, Poésies, Lettres), ed. Maurice Saillet, Le Livre de Poche, 1961).

MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em perspectiva.* 5.ª ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1974. (Corpo e Alma do Brasil 23).

MOURÃO, Paulo Krüger Corrêa. *O ensino em Minas Gerais no tempo do Império.* Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1959.

MOURÃO, Henrique. *Breve resenha das principais resoluções, avisos e conselhos pedagógicos extrahidos das actas das reuniões do Corpo Docente Externo do Lyceu Salesiano S. Coração de Jesus de S. Paulo nos annos de 1916 a 1921, para uso dos professores.* São Paulo, Escolas Profissionaes do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus, 1921.

MUNIZ, Amaury Pereira e MUNIZ, Maria Zely de Souza. Uma nova Universidade; estrutura didática – 1. *Curriculum,* 5 (1): 5.24, jan.-mar. 1976.

NEGRÃO, Maria José da Trindade. *Manuel Antonio de Almeida: textos escolhidos.* Rio de Janeiro, AGIR, 1966.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República.* São Paulo, E.P.U./ EDUSP, 1974.

NOVAIS, Fernando (dir.) e ALENCASTRO, Luiz Felippe de. *História da vida privada; Império: a Corte e a intimidade nacional.* São Paulo, Companhia das Letras, 1997. (História da vida privada no Brasil 2)

..... e SEVCENKO, Nicolau, *História da vida privada no Brasil; República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo,* Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil 3)

NUNES, Maria Thetis. *Ensino secundário e sociedade brasileira.* Rio de Janeiro, ISEB / MEC, 1962. (Textos Brasileiros de Pedagogia 2).

NUNES, Máximo R. Festa do Regulamento, in: *Dom Bosco,* (1943), p. 321.

N. N. *Disciplina segun el espiritu di San Juan Bosco.* Montevidéu, 1946, promanuscripto.

N. N. Ecos musicais, in: *Santa Cruz,* 11 (22), p. 553-555, set. 1911.

OLIVEIRA, Luiz. *Centenários da presença salesiana no norte e nordeste do Brasil; dos primórdios até 1932.* v. 1. Recife, Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1994.

O ESTADO DE S. PAULO, 19.10.1898; *Commercio de S. Paulo,* 26.03.1901; *Santa Cruz,* 1901, p. 55, 161, 189. Órgão notável em São Paulo, in: *Santa Cruz,* 1 (7), p. 189, abr. 1901 e também 1 (6), p. 161, mar. 1901.

*O LIVRO da sagrada cruz de caravaca,* contendo centenas de orações. 13.ª ed. Editora ECO. S.d.

PASSAGLIA, Luciano. La scelta dei giovani e la proposta educativa di Don Bosco, Midali (a cura di), in: *Don Bosco nella storia.* Atti del 1.º Congresso Internazionale de Studi su Don Bosco - Pontificia Università Salesiana - Roma, 16-20 gennaio 1989. Roma, LAS, 1990.

*PASTORAL Collectiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Provincias Ecclesiasticas de S. Sebastião do Rio de Janeiro e Marianna communicando ao Clero e aos Fieis o resultado das Conferencias dos mesmos no Seminário Archiepiscopal de Marianna, de 2 a 12 de agosto de 1907.* Rio de Janeiro, Typographia Leuzinguer, 1907, p. 30.

*PASTORAL Collectiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Provincias Ecclesiasticas do S. Sebastião do Rio de Janeiro, Marianna, S. Paulo, Cuyabá e Porto Alegre communicando ao Clero e aos Fieis o resultado das Conferencias dos mesmos realizadas na cidade de S. Paulo, de 25 de Setembro a 10 de Outubro de 1909.* Rio de Janeiro, Typographia Luezinger, 1911.

*PASTORAL Collectiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Ecclesiasticas de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Maranna, S. Paulo, Cuyabá e Porto Alegre communicando ao Clero e aos Fieis o resultado das Conferências Episcopais realisadas na cidade de Nova Friburgo de 12 a 17 de Janeiro de 1915.* São 31 artigos tratando do assunto.

PEIXOTO, Afranio. A educação nacional e a sua organização, in: *O Instituto Brasileiro de Geografia. Estatística e a educação.* Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro e Estatística, 1941.

PEREIRA, Manuel da Cunha. *A palavra é... escola; seleção de contos e notícias biográficas...* São Paulo, Ed. Scipione, 1992.

PILETTI, Nelson. *Estrutura e funcionamento do ensino de 2.° grau.* São Paulo, Editora Ática, 1993.

PILETTI, Nelson e PRAXEDES, Walter. *Dom Helder Câmara; entre o poder e a profecia.* São Paulo, Editora Ática, 1997. (ABDR)

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu.* 14.ª ed. São Paulo, Ática/1981.

PRADO, José Maria do. Cinema em transe. *Diário Cultural da Imprensa do Estado do Estado – Leitura.* São Paulo, 2 (13), p.10-12, jul. 1983

PRADO JUNIOR, Caio. *História econômica do Brasil.* 16.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1973.

PRELEZZO, José Manuel. Studio e riflessione pedagogica nella Congregazione Salesiana 1874-1941; Note per la storia, in: *Ricerche Storiche Salesiane,* Roma, anno VII - N. 1 (22): Gennaio-Giugno 1988.

P.P.P., A música no Lyceu, *O Lyceu*, 9 (8): 245-248. 1926.

QUEIROZ, Rachel. *As três Marias.* Prêmio Felipe de Oliveira. Estudos de José Aderaldo Castelo. 12.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1989. (Coleção Sagarana 41).

RANGEL, Godofredo. *Falange Gloriosa.* São Paulo, Melhoramentos, s. d.

REGO, José Lins do. *Banguê.* Romance. 15.ª ed. Estudos de Carlos Villaça. Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.

..... *Doidinho.* Romance. Estudos de Antonio Carlos Vilaça. 35.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1855.

..... *Menino de Engenho.* Breve Notícia de José Olympio do Rego por Wilson Lousada, Menino de Engenho: 40 anos por Rachel de Queiroz. José Lins por Carlos Drumond de Andrade. Zé Lins por Tristão de Atahyde. Origens e significado "Menino de Engenho" por José Aderaldo Castelo. Nota sobre Menino de Engenho por João Ribeiro. 19.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.

Resoconto dei convegni tenuti daí Direttori a Valsalice nel estate del 1926, p. 14. *Padre Inspetor 1936 1965.* AISSP.

ROCHA, Edgard de Aquino. *Contos.* O Liceu, 1929 e 1933. Coleta feita pelo autor desta obra. Arquivo pessoal do autor deste trabalho.

ROTA, Pietro. *Relazione della Visita straordinaria, fatta nell'anno 1908 (dall 19 Giugno al 15 Settembre) all'Ispettoria Maria Ausiliatrice (Brasike-Sud). ASC.*

RUCCO, Italo. *O Amor Pedagógico pesquisado de Platão a Dom Bosco; uma constante sem solução de continuidade.* São Paulo, Escola Pós-Graduada de Ciências da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1977. Tese de Doutorado.

RUDIO, Franz Victor. *Em busca de uma Educação para a Fraternidade.* São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1983.

RUPERT, Arlindo. Os Bispos do Brasil no Concílio Vaticano II. *Revista Eclesiástica Brasileira,* 29 (1): 103-120, março 1969.

SALES, Décio A. M. Classe média e política no Brasil, 1930-1964), in: BORIS, Fausto, *História Geral da Civilização Brasileira; o Brasil Republicano: sociedade e política).* v. 10, t. 3. São Paulo, DIFEL, 1981, p. 451.

SALESHUMILIS. Folhas que o vento levará; voz humana e música vocal; a música vocal nas escolas. *Dom Bosco,* 1936, p. 142-145.

SANTO ROSÁRIO, Maria Regina do, irmã. (Laurita Pessoa Raja Rabaglia), *O Cardeal Leme (1882-1942).* Livraria José Olympio / 1962, p. 61-64. (Coleção Documentos Brasileiros).

SCARAMUSA, Tarcísio. *Sistema Preventivo de Dom Bosco; um estilo de educação.* 3.ª ed. São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1984.

SCIACCA, Michele Federico. *O problema da educação na história do pensamento filosófico e pedagógico.* v. 2. São Paulo, Herder, 1966.

SILVA, Carlos Leôncio da. *Conferenze di Pe. Felipe Rinaldi.* Dois volumes de manuscritos.

..... *Pedagogia Speciale Pratica; l'Educando.* Torino, Società Editrice Internazionale, 1951, p. 98. (Collana Pedagogica D. Bosco, 11).

..... *Pedagogia; manual teórico-prático para uso dos educadores; o educando e sua educação.* v. 1. São Paulo, Livraria Salesiana, 1938 (2. ed.; Bahia, Escolas Profissionais Salesianas, 1949.

..... *Sete lustros da Inspetoria Salesiana do Norte do Brasil (1895-1930).* Lorena, s. n. ed./ 1967.

SINGER, Paul Israel. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana.* São. Paulo, Nacional, 1974, p. 37. (Biblioteca Universitária, série II, 22).

SOUSA, AMADO José de. *História da Igreja Catholica em Portugal, no Brasil e nas possessões portuguezas,* Lisboa, s. n. e.

SPINOLA, M. Don Bosco y su obra, p. 61, apud P. STELLA, *Dom Bosco nella storia della religiosità cattolica,* p. 16.

STELLA, Pietro. *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica: vita e opera.* v. 1, 2.ª ediz. riv. Roma, LAS, 1981.

..... *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica; vita e opera. v. 1, 2.ª ediz. riv.* Roma, LAS, 1979.

..... *Mentalità religiosa e spiritualità.* v. 2, 2.ª ediz. riv. Roma, LAS, 1979.

..... *Don Bosco nella storia economia e sociale (1815-1870).* Roma, LAS, 1980. (Centro Studi di Don Bosco, Studi storici, v. 9).

TAPAJÓS, Vicente. *História do Brasil.* 4.ª ed. S. Paulo, Nacional, s. d., p. 339. (Biblioteca do Espírito Moderno, série III, 41).

TOBIAS, José Antonio. *História da Educação Brasileira.* 2.ª ed. São Paulo, Editora Jusriscredi Ltda. s.d.

TOLEDO, Edgar. A parada do dia 7, in: *Annuario do Lyceu Coração de Jesus* de 1929, p. 336-337. Sobre o entusiasmo dos alunos nos ensaios (ainda, *op. cit.*, p. 31-32). Desfile da saúde (*Dom Bosco,* 1937, p. 336).

TONELLI, Ricardo. Impostazione della comunitá educativa in un contexto pluralista, in Progettare l'educazone oggi com Don Bosco a cura de Roberto Giannatelli, *Seminario promosso dal Dicastero per la Pastorale Giovanile della Direzione Generale "Opere Dom Bosco"*, in: collaborazione com la Facoltà di Scienze dell'Educazione dell'Università Pontificia Salesiana (Roma, 1-7 giugno 1980), p. 43-88.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *Democracia Coroada; teoria política do Império do Brasil.* 2.ª ed., rev. Petrópolis, Vozes, 1964, p. 406.

TORRES, Rodolfo Fierro. *El sistema educativo de Don Bosco en las pedagogias general y especiales,* 3.ª edic. Torino, SEI, 1953. A 1.ª foi em 1913.

TRINDADE, Raymundo. *Archidiocese de Marianna; notas para a sua historia.* v. 2. São Paulo, Escholas Profissionaes do Lyceu Coração de Jesus, 1928.

TRIONE, Stefano. *Il Catechista e il Consiglieri scolastico profissionale e agricolo nelle Case Salesiane.* Torino, SEI, 1921.

Une excursion dans l'interieur de l'État de Saint-Paul. *Bulletin Salésien*, Nice, 16 (1): 204, oct. 1893.

VEIGA, Saturnino da. Educação desprezada. *Santa Cruz,* 10 (12): 423, ago. 1910

VERA-CRUZ. Educação Physica, in: *Santa Cruz,* 5 (9): 379-382, jun. 1905; 5 (10): 435-438, jul. 1905; 5 (11): 484-485, ago 1905.

VIANNA, Oliveira. *O occaso do Imperio.* 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1925.

ZICO, José Tobias. Caraça; *Ex-alunos e Visitantes.* Caraça, Colégio do Caraça, 1979.

# ANEXO I

## O SISTEMA PREVENTIVO NA EDUCAÇÃO DOS JOVENS [1]

**João Bosco**

Fui instado várias vezes a expressar, mente ou por escrito, o meu pensamento ser chamado Sistema Preventivo, que se costuma praticar em nossas Casas. Por falta de tempo pude ainda satisfazer esse desejo. Querendo imprimir o Regulamento, que até hoje tem sido usado quase sempre tradicionalmente entre nós julgo oportuno expor aqui um rápido esboço. Isso será como o índice de um tratadinho que estou elaborando, se Deus me der vida para levar a termo. Move-me a isso apenas a vontade de colaborar na difícil arte da educação juvenil. Direi, portanto, em que consiste o Sistema Preventivo, e por que se deve preferir; sua aplicação prática e vantagens.

### Em que consiste o Sistema Preventivo e por que se deve preferir

São dois os sistemas até hoje usados na educação da juventude: O *Preventivo* e o *Repressivo*. O Sistema Repressivo consiste em fazer que os súditos conheçam a lei, e depois vigiar para saber os seus transgressores e infligir-lhes, quando necessário, o merecido castigo. Nesse sistema, as palavras e o semblante do superior devem constantemente ser severos e até ameaçadores, e ele próprio deve evitar toda a familiaridade com os dependentes. O diretor, para dar mais prestígio à sua autoridade, raro deverá achar-se entre os dependentes e quase unicamente quando se trata de ameaçar ou punir. Esse sistema é fácil, menos trabalhoso. Serve especialmente para soldados e, em geral, para pessoas adultas e sensatas, que devem, por si mesmas, estar em condições de saber e lembrar o que é conforme às leis e outras prescrições.

Diferente e, eu diria, oposto é o Sistema Preventivo. Consiste em tornar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, e depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob o olhares atentos do diretor ou dos assistentes. Estes, como pais carinhosos, falem, sirvam de guia em todas as circunstâncias, dêem conselhos e corrijam com bondade. Consiste, pois, em colocar os alunos na impossibilidade de cometerem faltas.

---

[1] Este texto está redigido segundo a edição publicada em *A pedagogia de Dom Bosco através de seus escritos, Editora Salesiana Dom Bosco, São Paulo, 1983.*

O sistema apóia-se todo inteiro na razão, na religião e no carinho. Exclui, por isso, todo o castigo violento, e procura evitar até as punições leves. Parece preferível pelas seguintes razões:

1. O aluno, previamente avisado não fica abatido pelas faltas cometidas como sucede quando são levadas ao conhecimento do superior. Não se irrita pela correção feita nem pelo castigo ameaçado, ou mesmo infligido, pois a punição contém em si um aviso amigável e preventivo que o leva a refletir e, as mais das vezes, consegue granjear-lhe o coração. Assim o aluno reconhece a necessidade do castigo e quase o deseja.

2. A razão mais essencial é a volubilidade do menino, que num instante esquece as regras disciplinares e o castigo que ameaçam. Por isso amiúde, se torna um menino culpado merecedor de uma pena em que nunca pensou e de que absolutamente não se lembrava no momento da falta cometida, e que teria por certo evitado, se um voz amiga o tivesse advertido.

3. O Sistema Repressivo pode impedir uma desordem, mas dificilmente melhorará os culpados. Diz a experiência que os jovens não esquecem os castigos recebidos, e geralmente conservam ressentimento acompanhado do desejo de sacudir o jugo e até de tirar vingança. Podem, às vezes, parecer indiferentes mas quem lhes segue os passos sabe quão terríveis são as reminiscências da juventude. Esquecem facilmente os castigos que recebem dos pais; muito dificilmente, porém, os dos educadores. Há casos de alguns que na velhice se vingam com brutalidade de castigos justos que receberam nos anos de sua educação. O Sistema Preventivo, pelo contrário, granjeia a amizade do menino, que vê no assistente um benfeitor que adverte, quer fazê-lo bom, livrá-lo de dissabores castigos e desonra.

4. O Sistema Preventivo predispõe, persuade de tal maneira o aluno que o educador poderá em qualquer lance falar-lhe com a linguagem do coração, quer no tempo da educação, que ao depois. Conquistado o ânimo do discípulo, poderá o educador exercer sobre ele grande influência, avisá-lo, aconselhá-lo, e também corrigi-lo, mesmo quando já colocado em qualquer trabalho ou empregos públicos, ou no comércio.

Por essas e muitas outras razões, parece que o Sistema Preventivo deve preferir-se ao Repressivo.

## Aplicação do Sistema Preventivo

A prática desse sistema baseia-se toda nas palavras de São Paulo: "Caritas patiens est, benigna est... omnia suffert, omnia sperat, omnia sustinet" (1 Cor.

13,4.7): "A caridade é benigna e paciente; tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo".

Por isso, somente o cristão pode aplicar com êxito o Sistema Preventivo. Razão e Religião são os instrumentos de que o educador se deve servir; deve inculcá-los, praticá-los ele mesmo, se quiser ser obedecido e alcançar os resultados que deseja.

Deve, pois, o diretor consagrar-se totalmente aos seus educandos: jamais assuma compromissos que o afastem das suas funções. Pelo contrário, permaneça sempre com seus alunos, todas as vezes que não estiverem regularmente ocupados, salvo estejam por outros devidamente assistidos.

A moralidade dos professores, mestres de oficina, assistentes, deve ser notória. Esforcem-se eles por evitar, como a epidemia, toda a sorte de afeições ou amizades sensíveis com os alunos, e lembrem-se de que o descaminho de um só pode comprometer um Instituto educativo. Veja-se que os alunos não fiquem jamais sozinhos. Porquanto possível, os assistentes sejam os primeiros em achar-se no lugar onde os alunos se devem reunir; entretenham-se com eles enquanto não vier um substituto; nunca os deixem desocupados.

Dê-se ampla liberdade de correr, pular e gritar, à vontade. Os exercícios ginásticas e desportivos, a música, a declamação, o teatro, os passeios, são meios eficacíssimos para se alcançar a disciplina, favorecer a moralidade e conservar a saúde. Mas haja cuidado em que a matéria das diversões, as pessoas que tomam parte, as falas, não sejam repreensíveis.

"Fazei quanto quiserdes", dizia o grande amigo da juventude, São Filipe Néri, "a mim me basta não cometais pecados".

A confissão freqüente, a comunhão freqüente e a Missa cotidiana são as colunas que devem sustentar um edifício educativo, do qual se queira eliminar a ameaça e a vara. Nunca se obriguem os jovens a freqüentar os santos sacramentos, mas animem-se apenas, e se lhes proporcione facilidade de se aproveitarem deles. Nos Exercícios Espirituais, tríduos, novenas, pregações, catecismos, ponha-se em relevo a beleza, a sublimidade, a santidade da Religião, que oferece meios tão fáceis, tão úteis à sociedade civil, à paz do coração, à salvação da alma, como são precisamente os santos sacramentos. Dessa maneira, estimulam-se os meninos a querer, espontaneamente, essas práticas de piedade, e cumprem-nas de boa vontade, com prazer e fruto.

Use-se a máxima vigilância para impedir que entrem no Instituto companheiros, livros ou pessoas que tenham más conversas. A escolha de um bom porteiro é um tesouro para uma Casa de educação.

Todas as noites, após as orações de costume e antes que os alunos se recolham, o diretor, quem por ele, dirija em público algumas afetuosas palavras, dando algum aviso ou conselho sobre que convém fazer ou evitar. Tire-se a lição mor de acontecimentos do dia, sucedidos em casa ou fora; mas a sua alocução não deve passar de dois ou três minutos. Essa é a chave da moralidade, bom andamento e do bom êxito da educação.

Afaste-se como a peste a opinião dos que pretendem diferir a primeira comunhão, para uma idade demasiado adiantada, quando em geral demônio já se apossou do coração dos meninos com incalculável dano da sua inocência. Conforme a disciplina da Igreja primitiva, costumava dar-se às crianças as hóstias consagradas, que sobrava da comunhão pascal. Isso demonstra quanto preza à Igreja sejam os meninos admitidos mais cedo à santa comunhão. Quando uma criança pode distinguir entre Pão e pão, e revela instrução suficiente, já não se olhe para a idade, e venha o Soberano Celeste a reinar nessa alma abençoada.

Os catecismos recomendam a comunhão freqüente: São Filipe Néri aconselhava-a cada oito dias e ainda mais amiúde. O Concílio Tridentino diz claro que deseja sumamente que todos os fiéis quando ouvem a santa Missa, façam também comunhão não só espiritual, mas ainda sacramental, a fim de que se tire maior fruto desse augusto e divino sacrifício *(Concílio Tridentino,* Sess. XXI, cap. VI).

## Utilidade do Sistema Preventivo

Dir-se-á que esse sistema é difícil na prática. Observo que da parte dos alunos torna-se bastante mais fácil, agradável e vantajoso. Para o educador encerra alguma dificuldade que, porém, diminui se ele se entregar com zelo à sua missão. O educador é um indivíduo consagrado ao bem de seus alunos: por isso, deve estar pronto a enfrentar qualquer incômodo e canseira, para conseguir fim que tem em vista: a formação cívica, moral científica dos seus alunos.

Além das vantagens acima expostas, acrescenta-se ainda o seguinte:

1. O aluno conservará sempre grande respeito para com o educador lembrará com gosto a educação recebida e considerará ainda os seus mestres e demais superiores como pais e irmãos. Esses alunos, para onde quer que andem, são, as mais das vezes, o consolo da família, cidadãos prestimosos e bons cristãos.

2. Qualquer que seja o caráter, índole, o estado moral do aluno ao ser admitido, podem os pais viver sossegados que seu filho não vai piorar, e considera-se como certo que se alcança sempre alguma melhora. Antes, meninos houve que depois de terem sido por muito tempo o flagelo dos pais, e, até rejeitados

pelas casas de correção, educados segundo esses princípios, mudaram de índole e caráter, começaram vida de bons costumes e presentemente ocupam posição distinta na sociedade tornando-se, desse modo, o amparo da família e honra do lugar em que mora.

3. Os alunos que por acaso entrassem num Instituto com maus hábitos, não podem prejudicar aos seus companheiros. Nem os meninos bons poderão ser por eles contaminados, porque não haveria tempo, nem lugar, nem ocasião, pois o assistentes, que supomos em ação, logo lhes acudiria.

## Uma palavra sobre os castigos

Que norma ter em dar castigos? Por quanto possível, jamais se faça uso de castigos. Quando, porém, a necessidade o exige, observa-se quanto segue:

1. O educador entre os alunos procure fazer-se amar, se quer fazer-se respeitar. Nesse caso, a subtração de benevolência é um castigo que desperta emulação, infunde coragem sem deprimir.

2. Entre os meninos é castigo o que se faz passar por castigo. Observou-se que um olhar não amável produz para alguns maior efeito que uma bofetada. O elogio quando uma ação é bem feita, a repreensão quando há desleixo, é já um prêmio ou castigo.

3. Salvo raríssimos casos, as correções, os castigos, nunca se dêem em público, mas em particular, longe dos companheiros, e empregue-se a máxima prudência e paciência para que o aluno compreenda a sua falta, à luz da Razão e da Religião.

4. Bater, de qualquer modo que seja, pôr de joelhos em posição dolorosa, puxar orelhas, e outros castigos semelhantes, devem-se absolutamente banir, porque são proibidos pelas leis civis, irritam sobremaneira os jovens e desmoralizam o educador.

5. Torne o diretor bem conhecidas as regras, os prêmios e os castigos sancionados pelas leis disciplinares, a fim de que o aluno não possa desculpar-se dizendo: "Eu não sabia que isso era mandado ou proibido".

Se em nossas Casas se puser em prática este sistema, creio poderemos alcançar grande resultado, sem recorrermos a pancadarias, nem a outros castigos violentos. Há quarenta anos, mais ou menos, que trato com a juventude, não me lembro ter usado castigo de espécie alguma. Com o auxílio de Deus, não só obtive sempre o que era de dever; mais ainda, o que eu simplesmente desejava, e isso daqueles mesmos meninos dos quais se havia perdido a esperança de bom resultado.

# ANEXO II

## LEMBRANÇAS CONFIDENCIAIS AOS DIRETORES DA CASA DE...[1]

### Contigo mesmo

1. Nada te perturbe.

2. Evita austeridade na alimentação. As tuas mortificações digam respeito à diligência em teus deveres e em suportar os aborrecimentos alheios. Marque-se uma hora a mais ou a menos para ti e para os outros, quando acontecer algum motivo razoável. Em toda a noite, farás sete horas de descanso... É útil para a sua saúde e para aquela de teus dependentes.

3. Celebra a Santa Missa e recita o Breviário *pie, attente ac devote*. Isso valha para ti e teus dependentes.

4. Jamais omita pela manhã a meditação e, durante o dia, uma visita ao SS. Sacramento.

5. Procura fazer-te amar mais que temer. A caridade e a paciência te acompanhem constantemente ao dirigir, ao corrigir, e aja de tal maneira que cada um de teus atos e de tuas palavras conheça que procuras o bem das almas. Tolera tudo quanto possa impedir o pecado. As tuas solicitudes sejam dirigidas para o bem espiritual, sanitário e científico dos jovens confiados a ti pela Providência.

6. As coisas de maior importância faça sempre breve elevação o coração a Deus, antes de tomar alguma deliberação. Quando te é feita relação de alguma coisa, ouça tudo, mas procura esclarecer bem os fatos e ouvir as partes em questão, antes de julgar. Não raramente certos fatos à primeira vista parecem traves e não são mais que palhas.

### Com os mestres

1. Procure que aos professores nada falte do necessário para a alimentação e roupa. Tem consideração às suas fadigas e, estando doentes ou simplesmente incomodados, manda logo um suplente em sua classe.

2. Fala muitas vezes com eles separadamente ou juntos; vê se não tem excesso de ocupações; se lhes falta roupa, livros; se sofrem algum mal físico ou moral; ou se em classe precisam tenham alunos necessitados de correção ou de especial atenção quanto à disciplina, quanto à maneira e ao grau de ensino. Conhecida a necessidade, faze quanto podes para providenciar.

---

[1] São normas gerais relativas ao relacionamento com diversas categorias de pessoas, complementares à prática do "*sistema preventivo*".

3. Em Conferências propositadas, recomenda que interroguem indistintamente todos os alunos da classe; leiam por sua vez os trabalhos de cada um. Fujam das amizades particulares e das parcialidades, nem introduzam alunos ou outros em seu quarto.

4. Devendo confiar incumbências ou avisos aos alunos, sirvam-se de uma sala ou escritório especial.

5. Quando ocorrem solenidades, novenas ou festas em honra de Maria SS., de algum santo padroeiro do lugar, do colégio, ou algum mistério de nossa santa Religião, sejam anunciadas com palavras breves, mas nada omitam.

6. Cuide-se de que os professores nunca ponham alunos para fora de aula e, quando se fizer absolutamente necessário, sejam acompanhados ao Superior. Jamais batam por motivo nenhum os negligentes ou delinqüentes. Se ocorrem coisas graves, seja avisado logo o Diretor dos Estudos ou o Superior da Casa.

7. Os professores, fora da aula, não exerçam nenhuma autoridade sobre os alunos e se limitem aos conselhos, aos avisos e, no mais, às correções que permite e sugere a caridade bem entendida.

## Com os Assistentes e Chefes de Dormitório

1. Quanto se disse dos professores pode-se aplicar, em grande parte, a eles.

2. Procura distribuir as ocupações de modo que tanto eles quanto os professores tenham tempo e comodidade para atender a seus estudos.

3. Conversa de boa mente com eles para ouvir seu parecer sobre o procedimento dos jovens. A parte mais importante de seus deveres consiste em estar pontualmente no lugar onde estão os jovens para o descanso, aula, trabalho, recreio e semelhantes.

4. Percebendo que um deles contraia amizade particular com algum aluno, ou que o ofício a ele confiado, ou a sua moralidade esteja em perigo, trocá-lo-á, com toda a prudência, de ocupação; se continuar o perigo, comunicará o fato ao teu Superior.

5. Reúna, de vez em quando, os professores, os assistentes, os chefes de dormitório e a todos dirás que se esforcem para impedir as más conversas, para afastar todo livro, escrito, figuras, pinturas (*hic scientia est*) e qualquer coisa que traga perigo à rainha das virtudes, a pureza. Dêem bons conselhos, usem caridade com todos.

6. Seja objeto de comum solicitude descobrir os alunos que forem perigosos; descobertos que forem, procure que sejam revelados.

## Com os coadjutores e com as pessoas de serviço

1. Faz de modo que toda manhã, possam ouvir a S. Missa e aproximar-se dos SS. Sacramentos conforme as regras da Sociedade. As pessoas de serviço sejam exortadas à Confissão a cada quinze dias ou uma vez ao mês.

2. Usa muita caridade no dar ordens, fazendo conhecer com as palavras e com os fatos que desejas o bem das suas almas: vela especialmente para que não contraiam familiaridades com os jovens e com pessoas externas.

3. Jamais permitir que entrem mulheres nos dormitórios ou na cozinha, nem tratem com alguém da casa senão por coisas de caridade e de absoluta necessidade. Este artigo é de máxima importância.

4. Aparecendo discussões ou contendas entre as pessoas de serviço, entre os Assistentes, entre os jovens ou outros, ouve a cada um, mas ordinariamente darás separadamente o seu parecer de modo que um não ouça o quanto se diz do outro.

5. Às pessoas de serviço seja estabelecido como chefe um coadjutor de probidade conhecida, que vele sobre seus trabalhos e sobre sua moralidade, para que não ocorram furtos ou más conversas. Mas se use constante solicitude para impedir que se assumam as comissões, negócios referentes aos parentes, ou outros externos, qualquer que sejam.

## Com os jovens alunos

1. Nunca aceitarás alunos expulsos de outros colégios, ou dos quais conste ser de maus costumes. Se, apesar de cautela devida, ocorrer aceitar algum desse tipo, fixa-lhe logo um companheiro seguro que o assista e nunca o perca de vista. Se ele vier a faltar em coisas lúbricas, seja avisado apenas uma vez e, se persistir, seja imediatamente enviado para sua casa.

2. Procura fazer-te conhecer pelos seus alunos e conhecê-los passando com eles todo o tempo possível, buscando dizer a seu ouvido alguma palavra afetuosa, que bem sabes, toda vez que percebas ser necessário. Esse é o grande segredo para apoderar-te de seu coração.

3. Perguntarás: Quais são estas palavras? As mesmas que no passado, muitas vezes, te foram dirigidas. P. ex.: Como é que você está? - Bem. - E de alma? - Assim. Deverás ajudar-me num grande empreendimento? - Sim, mas em que? - A tornar-te bom; ou: A salvar tua alma; ou: A tornar-te o melhor dos jovens. Com os mais dissipados: - Quando queres começar? - Começar o que? - A ser minha alegria; a ter o comportamento de S. Luís. Aos que são mais relutantes aos Santos Sacramentos: - Quando queres que quebremos os chifres do demônio? - De que maneira? - Com uma boa confissão. - Quando queres (?). - O mais rápido possível. Às vezes: - Quando faremos uma limpeza? Ou: Estás disposto a quebrar os chifres do demônio? Queres que sejamos amigos? *Haec et similia.*

4. Nas nossas casas, o Diretor é o Confessor ordinário, por isso faz ver que estás disposto a atender cada um em Confissão, mas dá-lhes plena liberdade de confessar-se com quem eles quiserem. Que eles estejam bem cientes de que nas votações sobre a comportamento moral não tomas parte e procura afastar qualquer sombra de suspeita de que possa servir-te dela, ou ainda lembra-te de que tudo que é dito em Confissão. Nem sequer apareça o menor sinal de parcialidade para quem se confessar com um de preferência a outro.[2]

5. O pequeno Clero, a Companhia de S. Luís, do SS. Sacramento, da Imaculada Conceição sejam recomendadas e promovidas. Mostra benevolência e satisfação para com aqueles que são delas sócios; mas serás apenas promotor e não Diretor; considera tais coisas como obras dos jovens, cuja direção é confiada ao Catequista.

6. Quando conseguires descobrir alguma falta grave, faz chamar o culpado ou suspeito em teu escritório e de maneira caridosa procura que ele lhe confesse a falta e convida-o a acertar as coisas de consciência. Com esse meio e continuando uma benévola assistência ao aluno, foram alcançados maravilhosos efeitos e mudanças de comportamento considerados impossíveis.

## Com os Externos

1. Estejamos bem dispostos a prestar nossa obra de serviço religioso, para a pregação, para celebração de Missas para comodidade do público e ouvir confissões todas as vezes que a caridade e os deveres do próprio estado o permitam, especialmente em favor da paróquia em cujos limites esteja nossa Casa. Jamais, porém, assumas trabalhos ou qualquer coisa que importe ausência do estabelecimento ou possa impedir os deveres confiados a cada um.

2. Por cortesia sejam às vezes convidados Sacerdotes externos para as pregações, ou por ocasião de solenidades, de entretenimentos musicais e semelhantes. O mesmo se faça às autoridades e a todas as pessoas benévolas ou beneméritas por favores concedidos ou em situação de conceder.

3. A caridade e a cortesia sejam as notas características de um Diretor tanto para com os internos quanto para com os externos.

5. No caso de questões sobre coisas materiais, sê condescendente em tudo que podes, mesmo com algum prejuízo, contanto que se afaste todo pretexto de litígios ou o que possa fazer perder a caridade.

6. Se se tratar de coisas espirituais, as questões se resolvam sempre como podem reverter-se para a maior glória de Deus. Compromissos, teimosias, espírito de vingança, amor próprio, razões, pretensões e ainda a honra, tudo deve sacrificar-se para evitar o pecado.

7. Nas coisas de grave importância é bom pedir tempo para rezar e pedir conselho a alguma pessoa piedosa e prudente.

---

[2] Esta norma foi proibida pela Santa Sé, ao início do século XX, para salvaguardar a liberdade de consciência dos alunos e das pessoas que estavam sob os seus cuidados.

## Com os membros da Sociedade

1. A exata observância das Regras e especialmente da obediência é a base de tudo. Mas, se quiseres que outros obedeçam a ti, sê obediente a teus superiores. Ninguém está idôneo a dar ordens se não é capaz de obedecer.

2. Procura distribuir as coisas de modo que ninguém seja sobrecarregado de ocupações, mas faz que cada um cumpra fielmente as que lhe são confiadas.

3. Ninguém da Congregação faça contratos, receba dinheiro, faça mútuos ou empréstimos aos parentes, aos amigos e a outros. Nem conserve dinheiro ou administração de coisas temporais sem ser diretamente autorizado pelo Superior. A observância deste artigo afastará a peste mais fatal às Congregações Religiosas.

4. Aborreça como veneno as modificações das Regras. A sua exata observância é melhor que toda variação. O melhor é inimigo do bem.

5. O estudo, o tempo, a experiência me fizeram conhecer e tocar com a mão que a gula, o interesse e a vanglória foram a ruína de florescentíssimas Congregações e de respeitáveis Ordens Religiosas. Os anos farão conhecer também a ti da verdade que talvez por ora parecerão incompreensíveis.

6. Máxima solicitude ao promover com as palavras e com os fatos a vida comum.

## No dar ordens

1. Jamais ordenar coisas que julgas superiores às forças dos subalternos, ou prevejas que não serão obedecidas. Faz com que se evitem ordens repugnantes, ou seja, tem o máximo cuidado de secundar as inclinações de cada um, confiando preferentemente os encargos que se conhecem mais agradáveis ao interessado.

2. Nunca ordenar coisas prejudiciais à saúde ou que impeçam o necessário descanso ou contrariem outros encargos ou ordens de outro superior.

3. Ao mandar, usem-se sempre modos e palavras caridosas e mansas. As ameaças, as iras, e pior, as violências estejam sempre longe de tuas palavras e de tuas ações.

4. No caso de dever mandar coisas difíceis ou repugnantes ao subalterno, diga-se P.F.: Podes fazer isto ou aquilo? Ou: Tenho uma coisa importante, que queria assumir, porque difícil, mas não tenho outro que possa realizá-la. Tereis tempo, saúde; não to impede outra ocupação etc.? A experiência fez conhecer que semelhantes maneiras, utilizadas em tempo oportuno, foram muito eficazes.

5. Faças-se economia em tudo, mas absolutamente de modo aos doentes nada falte. Faça-se, além disso, notar a todos que fizemos voto de pobreza, por isso não devemos procurar nem sequer desejar comodidade em coisa alguma. Devemos amar a pobreza e os companheiros da pobreza. Portanto evitar toda despesa não absolutamente necessária nas roupas, nos livros, na mobília, nas viagens, etc.

6. Este é como Testamento que envio aos Diretores das Casa Particulares. Se esses avisos forem observados, eu morro tranqüilo porque estou certo de que a nossa Sociedade será cada vez mais florescente diante dos homens e abençoada pelo Senhor, e conseguirá o seu fim que é a maior glória de Deus e a salvação das almas.

*Afeiçoadíssimo em J. C.*
*Sac. João Bosco*
*Turim, 1886, festa da Imaculada Conceição.*
*45.º aniversário da fundação do Oratório*

# ANEXO III

## REGULAMENTO PARA AS CASAS DA CONGREGAÇÃO DE S. FRANCISCO DE SALES[1]

### CAPITULO I.

### Fim das cazas da Congregação de S. Francisco de Sales.

O fim geral das cazas da Congregação é soccorrer, beneficiar o proximo, especialmente educando a mocidade nos annos mais perigosos, instruindo-a nas sciencias e nas artes, e encaminhando-a para a pratica da Religião e da virtude.

A Congregação não faz distincção de classes de pessoas, comtudo prefere dedicar-se à classe media e à ultima por serem as que mais carecem de soccorro e assistência.

Entre os meninos da cidade e aldeias, existem não poucos em tal condição, que é inutil qualquer meio moral sem o soccorro material. Alguns já adiantados em annos, orphãos ou privados de assistência, por não poderem ou não quererem cuidar d'elles os respectivos pais, sem profissão, sem instrucção, vivem expostos aos perigos de um infeliz futuro si não acharem quem os acolha e os encaminhe para o trabalho, ordem e Religião. Para taes meninos a Congregacão de S. Francisco de Sales abre hospícios, oratorios e escholas, especialmente nos centros de população, onde costuma ser maior a necessidade. Acontecendo porem não se poder receber todos os que se aprezentão, é mister estabelecer normas que sirvão para limitar a acceitação áquelles que pelas circumstancias devão ser preferidos

---

[1] Giovanni BOSCO, Regolamento per le case della Società di S. Francesco di Sales, Torino, Tipografia Salesiana, 1977, in: *Opere Edite*, V. XXOX (1977-1878), Roma, LAS, 1876, p. 99-100. A tradução portuguesa *Regulamento para as cazas da Congregação de S. Francisco de Sales*, Nictheroy, Typographia - Salesiana - do Collegio de Artes e Officios (Santa Rosa), 1888, não traz ainda traduzido o texto específico sobre o Sistema Preventivo, escrito por Dom Bosco, talvez por respeito ao texto original. Este documento parece ser o mais antigo editado no Brasil. Aparece entre os artigos o número de página do original deste texto, conservado no AISSP. O texto precisa de um tratamento para não se estragar mais do que está. Nós o escaneamos. Os números que aparecem nos intervalos são das páginas do texto original.

## CAPITULO II.

### Da acceitação.

1.º - Cada collegio terá um programma ou prospecto em que serão declaradas as condicções de acceitação conforme à classe das pessoas a que será destinado; e para acceitar-se meninos em um collegio se deverá examinar se n'elles existem taes requisitos.

2.º - A todos exigir-se-ha certidão de edade, attestado de vaccina ou de ter tido já variola, e attestado de saude. Em falta de attestado de saude bastará ser examinado por um medico. Deve haver cautela para não serem admittidos no meio de meninos sadios, e de boa constituição, os que tiverem doenças repugnantes e contagiosas ou com defeitos taes que os inhibão do trabalho e do comprimento das regras e costumes do collegio.

3.º - Igualmente haverá cuidado em não admittir-se meninos ou outras pessoas, que por seo máo comportamento e maximas perversas, possam servir de prejuizos aos collegas por isso exigir-se-ha attestado de bom comportamento passado pelo respectivo vigario, e de regra geral não serão admittidos em nossas cazas de educação alumnos já expulsos de outros collegios

– 7 –

4.º - Si se trata de acceitação gratuita, exigir-se-ha attestado de orphandade de pai e mãi, de pobreza e de abandono. Se tiverem irmãos, tios ou outros parentes que d'elles possão tomar conta, estão fóra do nosso fim. Si o postulante possue alguma cousa, trará comsígo para o collegio, e será applicado em seo beneficio, porque não é justo que goze da caridade alheia quem tem alguma cousa de seo.

5.º - Em nossas cazas de beneficência serão de preferência acceitos os que frequentão os nossos Oratorios Festivos, por ser de maxima importancia conhecer um pouco a indole dos meninos antes de recebel-os definitivamente nas cazas. Todos os que forem admittidos deverão considerar seos collegas como irmãos e os superiores como fazendo as vezes de seos pais.

6.º - Enquanto ás pessoas destinadas aos serviços de caza, alem dos atttestados supracitados, se exigirá d'elles uma declaração de sugeitarem-se aos regulamentos e às ordens dos Superiores n'aquellas occupações e n'aquelles lugares que lhes forem destinados. De regra geral se procurará que tais pessôas não sejão de pouca edade.

7.º - Geralmente fallando, os meninos acceitos gratuitamente serão destinados para os officios. Porém como entre esses se encontrem alguns aos quaes Déos dê aptidão para o estudo ou para uma arte liberal, nossas cazas de beneficência offerecem, se para auxiliar esses meninos, posto que ou nada possão pagar ou apenas uma modica pensão. D'este

modo poderão ser uteis a si e ao proximo fazendo fructificar os dos que em abundancia dispensa-lhes o Creador, e não os deixarão ficar estereis e talvez mesmo prejudiciaes, por falta de meios materiais e cultivação.

8.º - E' conveniente cuidar que taes estudos não perturbem o regulamento e horario da caza, e que esses estudantes sejão modelos de bom exemplo para seos collegas, especialmente nos exercicios de piedade.

9.º - Nenhum será admittido para estudar no caso acima; 1.º, si não tiver completado o curso elementar; 2.º si não for de eminente piedade, que de regra geral será provada pelo bom comportamento tido por algum tempo em nossas cazas; 3.º o estudo do curso classlco ou gymnasial, que vae desde os elementos da lingua latina até a phillosophia exclusivamente.

10.º - Os estudantes são obrigados a qualquer serviço de caza, como servir à meza, explicar a doutrina e cousas semelhantes.

## CAPITUL0 III.

### Da piedade.

1.º - Lembrai-vos, meninos, que fomos creados para amar e servir a Deos nosso Creador, e que de nada nos serviria toda a sciencia e todas as riquezas do mundo sem o temor de Deos. D'este santo temor depende todo o nosso bem temporal e eterno.

– 9 – (sic!)

2.º - Para conservar-se no temor de Deos são de muita utilidade a oração, os SS. Sacramentos e a palavra de Deos.

3.º - Seja vossa oração freqüente e fervorosa, e nunca de má vontade e com perturbação dos outros; é melhor não rezar do que mal rezar. Seja vosso primeiro cuidado logo que acordeis de manhã fazer o Signal da Santa Cruz e elevar vosso pensamento a Deos com alguma oração jaculatoria.

4.º - Escolhei um confessor estavel, abri-lhe todos os segredos do coração de oito em oito ou de quinze em quinze dias, ou ao menos uma vez por mez como ensina o Catechismo Romano; uma vez por mez farão tambem todos o exercício da bôa morte havendo cuidado em se vos preparar com algum sermãosinho ou qualquer outro exercício de piedade.

5.º - Ouvi com devoção a S. Missa e não vos esqueçaes de fazerdes ou de ouvirdes todos os dias um pouco de leitura espiritual.

6.º - Ouvi com attenção as predicas e outras instrucções moraes. Não deveis dormir, tossir ou provocar qualquer rumor durante as mesmas. Não sahi dos sermões sem nunca levardes em vosso espirito alguma maxima a praticar durante vossas ocupações, e interessai-vos muito pelo estudo da religião e do Catechismo.

7.º - Entregae-vos desde a mocidade à virtude, porque o esperar a velhice é vos expordes ao gravissimo perigo de vos perder eternamente.

8.º - Tende devoção especial ao SS. Sacramento, à SS.Virgem, a Francisco de Sales, a S. Luiz Gonzaga e a S. José protectores especiaes de todas as cazas.

9.º - Não adopteís devoção alguma nova sem licença do vosso confessor, lembrando-vos do que dizia S. Philippe Nery: - Não vos sobrecarregueis com muitas devoções, mas sede perseverantes nas que tiverdes adotados.

## CAPITULO IV.

### Comportamento na Egreja.

A Egreja, caros filhos, é a caza de Deos e o lugar de oração.

1.º - Sempre que entrardes em qualquer Egreja tomai agua benta e persignando-vos fazei venia ao altar si n'elle estiver apenas cruz ou alguma imagem, genuflexão simples si estiver o Sacramento no tabernaculo e com ambos os joelhos si estiver exposto. Tendo porém, cautela em não fazer barulho, fallar nem rir. A Egreja ou não ir, ou indo esta com o devido respeito, por ser ella a caza Deos, caza de oração e devoção e não caza de brincadeiras.

2.º - Não ficae parados na porta da Egreja, não succeda nunca que vos ajoelheis com um joelho só, inclinando-vos descortezmente com o cotovello no outro; não vos assenteis sobre os calcanhares como fazem os cachorrinhos, nem vos reclíneis sobre os bancos fazendo do corpo um arco; caminhando na egreja não façais barulho com o calçado afim de não distra-

– 11 –

hirdes os que estão rezando. Lembrae-vos outrossim que máo costume ao entrar-se na Egreja, entreter-se a olhar para as pessoas, objectos e outras quaesquer cousas antes de fazer um acto de adoração a Deos: assim como tambem estar-se de pé no tempo da Missa, apenas ajoelhando no tempo da elevação, como é de costume em alguns paizes.

3.º - Durante as sagradas funções, evitae quanto podeis, de bocejardes, dormirdes, olhardes para cá e para lá, fallardes ou sahirdes da Egreja. Esses defeitos mostrão pouco gosto das cousas de Deos e que sempre incommodão ou escandalizão os companheiros.

4.º - Ao tomardes vossos assentos não removei os bancos ou cadeiras nem as façaes rinchar a cada instante movendo-vos. Não escarreis nunca no chão, por ser uma indelicadeza e por ser causa de alguem que se ajoelhe juncto de vós, sujar-se.

5.º - Da Egreja sahi sempre com recolhimento e não vos amonteis na porta querendo cada qual ser o primeiro a sahir. para vos cobrirdes esperae terdes passado a soléira, na qual nunca pareis e não façaes barulho perto da Egreja.

6.º - Quando rezardes em commum, ninguem levante de mais a voz, nem tão pouco a abaixeis a ponto de não serdes ouvidos. As orações dizem-se devagar e sem precipitação, a ninguem queira acabar quando os outros ainda estão pelo meio.

7.º - Cantando-se o Officio Divino, fazei as pausas nos asteriscos e não principieis o verso



antes de estar concluído o do outro lado do chôro. Não haja dissonancia de vozes gritando-se, cantando-se fóra do tom ou alongando-se as ultimas syllabas dos versos ou das estrophes.

8.º - Nunca deveis abrir a boca só para fazerdes ostentação da voz, refleti porem que com o cantico devoto louva-se a Deos, e a vossa voz fazem éco os Anjos do céo.

9.º - Quando tiverdes a dita de ajudar a Missa prestai attenção ao que diz S. João Chrysostomo, "ao redor do altar, enquanto n'elle se celebra estão os côros dos Anjos com summa devoção e reverencia", de modo que ajudar a Missa é officio mais angelico do que humano

I0.º - Estudae bem as cerimonias, parai fazerdes com perfeição as inclinações e as genufiexões a seo tempo. Pronunciae as palavras com voz clara, Intelligível e devota.

11.º - Não estejaes nunca comas mãos nas algibeiras, não estejaes rindo com o companheiro, nem a voltar-vos para olhar para traz; somente quando for tempo voltae-vos para os cancellos a ver si ha quem queira commungar.

12.º -Indo ou voltando do altar caminhae devagar, evitando porem que o celebrante nunca espere por vós

13.º - De boa vontade, procurae a confissão, não andeis girando pelos corredores e pateos no tempo das confissões; cuidae de preparar-vos bem e ficar recolhidos.

14.º - Nunca empurreis os outros para irdes na dianteira, esperae vossa vez com paciencia, rezando ou lendo algum livro devoto, e sobretudo abstende-vos de fallar ainda mesmo em voz baixa.

15.º - No acto de confessar-vos ficae na posição mais commoda ao confessor, não obrigando-o estar abaixado ou incommodado; não o obrigueis a fazer-vos perguntas no principio; mais vós mesmos dizei logo desde quando não vos

haveis confessado, se cumpristes a penitência, si fizesteis a communhão, e depois acusae os peccados.

16.º - Quando forem fazer a communhão nao se amontoem uns sobre os outros para cada qual querer ser dos primeiros; não se fação esperar, e quem for pequeno de estatura, levante-se.

17.º - Depois da communhão fazei pelo menos um quarto de hora de acção de graças.

18.º - Durante o dia contrahi o bello costume de vizitar Jesus Sacramentado. Seja tal visita curta, mas seja quotidiana si for possivel.

## CAPITULO V.

## Do trabalho

1.º - O homem, meos meninos, nasceo para trabalhar. Adão foi collocado no Paraizo terrestre para cultival-o. O Apostolo S. Paulo diz o seguinte: é indigno de comer quem não quer trabalhar; *Sí quis non vult operari non manducet.*

2.º - Por trabalho entende-se o cumpri-



mento dos deveres. do proprio estado, quer seja o estudo, quer seja uma arte ou officio.

3.º- Pelo trabalho poderá bem merecer da Socledade, da Religião, e fazer bem a vossa aula, especialmente si offerecerdes a Deos as vossas occupacões de todos os dias.

4.º - Entre as occupações dáe sempre preferencia ás que vos forcem ordenadas por vossos Superiores, ou pela obediencia, estando firmes no proposito de, jamais omittir qualquer obrigação vossa, para fazerdes cousas não mandadas.

5.º - Si adquirirdes alguns conhecimentos dae gloria a Deos, que é o autor de todo o bem, e não vos orgulheis, porque o orgulho é um verme que róe e faz perder o merecimento de todas as vossas boas obras.

6.º - Lembrae-vos que a vossa edade é a primavera da vida. Quem de moço não se habitua ao trabalho, quasi sempre será um mandraço até à velhice deshonrando a patria e a familia, e causando um mal irreparavel à propria alma.

7.º - Quem é obrigado a trabalhar e não trabalha furta à Deos e à seus Superiores. Os ociosos no fim da vida sentirão grandissimo remorso por terem perdido seo tempo.

8.º - Principiae sempre o trabalho, o estudo e a aula com o *Actiones* e com a *Ave, Maria*, e acabae com o *Agimus*. Rezae bem estas pequenas orações afim de que o Senhor guie os vossos trabalhos e os vossos estudos e possaes

ganhar as indulgências concedidas pelos Summos Pontifices a quem cumpre es praticas de piedade.

9.º - De manhã antes do trabalho, ao meio dia e ao anoitecer, terminadas as occupações rezae o *Angelus Domini*, accrescentando de noite o *De profundis* em suffragio das almas dos defuntos, e isto sempre de joelhos menos no Sabbado de noite o no Domingo, nos quaes dias rezareis estas oracões de pé. O *Regina Coeli* sempre é de pé, no tempo paschoal.

## CAPITULO VI.

### Comportamento na eschola e no estudo.

1.º - Depois da piedade, é de maxima importancia o estudo. Portanto a primeira occupação deve consistir em fazer o trabalho designado e estudar a lição; podereis ler qualquer outro livro ou fazer outra qualquer cousa, quando liouverdes concluido aquelles.

2.º - Cuidae muito dos livros, quadernos e tudo quanto for de vosso uso; não façaes nelles garatujas e nem tão pouco os estragueis. Não lanceis mão de livros, papel o quadernos dos outros. Se precizardes pedi com delicadeza ao companheiro que está a vosso lado. Não attireis papeis debaixo das mezas ou dos bancos.

3.º - Estando na eschola ao chegar o professor ou o mestre, levantae-vos; si tardarem a chegar não façaes barulho, mas esperae-o calados, repassando a lição, ou lendo algum bom livro.

– 16 –

4.º - Fazei todo o possivel de não chegardes tarde à eschola. No estado e nas aulas não estejaes nunca com a cabeça coberta, nem de capote ou manta.

5.º - Si por qualquer motivo tenhaes de faltar à eschola ou ao estudo preveni o mestre e si o não poderdes fazer pessoalmente pedi a algum companheiro que o faça por vós. De novo voltando a eschola ide ao mestre dar a razão da vossa auzencia.

6.º - Durante a explicação evitae o máo costume de cochichar, de dezenhar figuras no livro, fazer bolinhas de papel, cortar o banco a canivete, fazer gestos inconvenientes de admiração pelo que ouvirdes e muito menos ainda dar demonstrações de desgosto ou aborrecimento da propria explicação.

7.º - Nunca interrompaes a explicação com perguntas importunas, e se fordes interrogados levantae-vos promptamente e respondeí sem precipitação e sem demora.

8.º - Sendo reprehendido por alguma falta nunca respondáes com arrogancia, ainda mesmo si tiverdes carradas de razões; mostrae-vos humilhados, sim, porém ao mesmo tempo contentes de terdes sido admoestados. Não imiteis aquelles meninos que se encrespão, atirão o livro ao chão, e encostão a cabeça no banco porque todos esses actos indicão soberba e má educação.

9.º - Não caçoeis d'aquelles que errarem, ou mal pronunciarem as palavras, nem tão pouco zombeis dos que estiverem mais atrazados, por ser isto uma falta de caridade.

– 17 –

10.º - Evitae absolutamente as cousas seguintes: fazer garatujas na pedra, escrever n'ella palavras que possão offender ou ridicularizar quem quer que seja, sujar as paredes ou mappas geographicos, derramar tinta ou borrifar com ella a roupa dos outros

11.º - Fação-se os themas com attenção, estejão as paginas bem aceiadas, bem escriptas, não rasgadas nas extremidades e sempre com um pouco de margem.

12.º - Respeitae os mestres quer sejam de vossa aula, quer não. Prestai especial reverencia aos que forão vossos mestres nos annos anteriores. A gratidão que vos fez beneficios é uma das virtudes que mais ornão o coração de um outro.

13.º - O horario do estudo varia de conformidade com o horario das escolas, e todos devem com elle conformar-se.

14.º - O estudo começa-se com as rezas do *Actiones* e da *Ave, Maria* e conclue-se com as do as do *Agimus* e *Ave Maria.*

15.º - Começado que seja o estudo não é permittido fallar, pedir ou dar qualquer cousa emprestada, seja qual for a necessidade. Deve evitar-se qualquer ruido com papeis, livros, pés ou com deixair cahir qualquer objeto. Si ocorrer qualquer necessidade real, far-se-ha um aceno ao assistente e obter-se-ha o que se precizar sem provocar rumor.

16.º - Ninguem se mova ou faça barulho antes que a sineta tenha dado o signal.

17.º - No estudo haverá um assistente, que é responsavel pelo comportamento de cada

– 18 –

um, tanto na frequencia como na applicação aos estados. Em cada banco do estudo haverá um decurião e um vice-decurião para auxiliarem o assistente.

18.º - Todos os Domingos de noite haverá uma conferencia para os estudantes, na qual o conselheiro escolastico ou quem suas vezes fizer, lerá os votos de cada um com alguma reflexão paternal, que sirva de estimulo aos alumnos para progredirem no estudo e na piedade.

19.º - Quem não for assíduo ao estado, ou durante elle provocar disturbios,

será admoestado, e caso não se corrija será destinado a outros misteres ou então reenviado a casa de seos parentes.

20.º - Para contribuir à exacta occupação e tambem para que em casa haja um local onde cada qual tranquillamente possa ler o escrever sem ser perturbado, no estudo deve haver silencio rigoroso em qualquer tempo.

21.º - Quem não temer a Deos, largue o estudo porque trabalha em vão. A sciencia não entra em espirito máo, nem rezide em corpo escravo do peccado. *In malevolam animam scientia non íntroibit, nec habitabit in corpore subdito peccati,*. são palavras de Deos (Sap,).

22.º - A humildade é sobre todas as virtudes, mais inculcada aos estudantes. Um estudante soberbo é estupido e ignorante. O principio da sabedoria é o temor de Deos. *Inítium sapíentiae, timor Domini*, diz o Espirito Sancto

– 19 –

O principio do peccado, diz S. Agostinho, que é a soberba; *inítium omnis peccati superbia scribitur.*

## CAPITULO VII.

### Comportamento nas officinas.

1.º - De manhã depois de terminadas as praticas de piedade, os que forem artistas tomarão uma pequena refeição e irão immediatamente e com ordem para as respectivas officinas, não. parando nem para conversar, nem para brincar, e procuração que nada lhes falte do que presizão para suas occupações.

2.º - O trabalho começar-se-há sempre com as rezas do *Actiones* e *Ave, Maria*, e dado o respectivo signal se terminará com as do Actiones e *Ave, Maria.* Ao meio dia e ao anoitecer rezarão o Angelus Domini antes de se retirarem da oficina.

3.º - Em cada officina todos os artistas devem estar sujeitos e obedecer ao Assistente ou ao Mestre, como a seos superiores, empregando attenção e diligência no comprimento dos seos deveres, e no aprenderem aquella arte que para o futuro será o seo ganha pão.

4.º - Cada aprendiz esteja na sua officína, e nunca vá as dos outros sem absoluta necessidade e nunca sem a respectiva licença.

5.º - Ninguem saia da officina sem licença do assistente. Quando for precizo mandar qualquer fóra de caza para aviar algum negocio, o assistente obterá licença do Economo ou do Prefeito.

6.º - Nas officinas é prohibido beber bebidas espirituosas, jogar, brincar, porque n' ellas só se deve trabalhar e não divertir-se.

7.º - E' de rigor n'ellas o silencio quanto seja compativel com a arte ou o officio que alli se exerce.

8.º - Cuidem todos que se não percão ou estraguem as ferramentas da officina.

9.º - Reflictão todos que o homem nasceo para trabalhar, e que somente quem trabalha com amor e assiduidade tem paz no coração, e acha leve a fadiga.

10.º - Estes artigos hão de ser lidos pelo Catechista ou assistente todos os sabbados em voz alta e nas oficinas se affixarão copias d'elles.

## CAPITULO VIII.

## Comportamento para com os Superiores,

1.º - O fundamento de toda a virtude em um menino é a obediência a seos superiores. A obediência gera e conserva todas as entras virtudes, e si a todos é ella necessaria, em modo especial o é para a mocidade. Portanto, se quizerdes adquirir a virtude, começae pela obediência aos vossos Superiores, sugeitando-vos a elles sem resistência alguma tal qual como Deos.

2.º - Eis as palavras de S. Paulo acerca da obediência: obedecei áquelles que vos forão propostos por vossa guia, e direcção, e sugeitae-vos à elles, porque deverão prestar contas a Deos de vossas almas. Obedecei não obrigados e sim de boa vontade, afim de que



vossos Superiores possão com prazer cumprír seos deveres, e não com lagrimas e suspiros.

3.º - Persuadi-vos que vossos Superiores conhecem perfeitamente a obrigação grande que lhes incumbe de no melhor modo possivel promover o vosso bem, e que si vos admoestão, ordenão e reprehendem, não visão outra cousa mais do que vosso bem.

4.º - Obrão mal os que evitão a presença de seos Superiores, e se escondem ou se retirão quando delles se approximão. Os pintinhos que mais perto estão da gallinha são os que mais mariscão, assim tambem os meninos que mais se approximão dos Superiores são os que recebem mais avizos e conselhos.

5.º - Dae-lhes tambem aquellas demonstrações de respeito que tão bem merecem, comprimentando-os quando os encontrardes, ou estando descobertos em sua presença.

6.º - Que seja vossa obediência prompta, respeitosa e alegre a qualquer ordem, não jazendo observações para vos eximirdes do que elles mandão. Obedecei mesmo quando o que se vos ordena não é conforme ao vosso genio.

7.º - Patenteae-lhes com liberdade vosso coração considerando n'elles um pai que deseja ardentemente vossa felicidade.

8.º - Escutae com reconhecimento suas reprehensões, e si for necessario, recebei com humildade o castigo de vossas faltas, sem dar demonstrações nem de odio, nem de desprezo d'elles.

9.º - Fugi da companhia d'aquelles que



enquanto os Superiores se afadigão por vós, censurão suas disposições; isto é signal de maxima ingratidão.

10.º - Quando fordes interrogados por algum Superior sobre a conducta de qualquer vosso collega, responder tudo o que souberdes, especialmente si se tractar de prevenir ou remediar algum mal. O calar-se em taes circunstancias é prejudicar o collega e offender a Deos.

## CAPITULO IX.

### De modo de portar-se com os collegas.

1.º - Respeitae e amae vossos companheiros como a irmãos, e procurae, edificar-vos mutuamente com bons exemplos.

2.º - Amae-vos reciprocamente, como manda Nosso Senhor, e não deis escandalos. Quem com palavras, conversas, e actos dá escandalo, não é um amigo, é um assassino da alma.

3.º - Si puderdes fazer algum serviço uns aos outros, ou dar algum bom conselho; fazei-o de bom grado. No recreio não façaes distincção de companheiros quer nos brinquedos, quer nas conversas, e cedei parte de vossos divertimentos com boas maneiras. Nunca converseis sobre os defeitos dos vossos companheiros, menos quando fordes interrogados pelo vosso Superior. Em tal caso não exagereis as cousas.

4.º - Devemos saber que Deos é o Creador de todos nós, e por conseguinte nunca zombeis dos defeitos corporaes ou espirltuaes dos

companheiros. O que zombaes hoje nos outros, pode Nosso Senhor permittir que amanhã esteja em vós.

5.º - A verdadeira caridade manda suportar com paciência as fraquezas do nosso proximo, e perdoar-lhe as offensas, portanto nunca injuriemos os outros, especialmente inferiores a nós.

6.º - Fujão todos da soberba, porque o soberbo é odioso aos olhos de Deos, e desprezivel aos dos homens.

## CAPITULO X.

## Da Modestia.

1.º - Por modestia entende-se um correcto e decente modo de fallar, de tractar com outros e de andar. Esta virtude, ó menino, é um dos mais bellos ornamentos da vossa edade, e deve transpirar em todos os vossos actos, em todas as vossas conversas.

2.º - O corpo e as roupas devem estar aceadas, o rosto constantemente alegre e serem não se deve mover os hombros e estar com corpo em tregeitos, salvo quando o exija algum motivo licito.

3.º - Muito vos recommendo a modestia n'olhos, porque elles são as janellas por onde demonio leva o peccado ao coração. Vosso andar seja moderado, sem muita pressa, excepto quando diversamente o exija qualquer necessidade; as mãos quando não estejão occupadas, estejão em acto decente, e de noite o quanto seja possível devem estar junctas ao peito.



4.º - Jamais ponhaes mãos sobre os outros, nem de mãos dadas, nem andeis de braço tão pouco com os braços sobre os hombros dos companhei*ros,* como fazem os garotos da rua.

5.º - No falar sejaes modestos, não uzando nunca expressões que possão offender a caridade e a decencia mais convem ao vosso estado e à vossa edade um verecundo silencio, do que promover discursos que geralmente denotão ouzadia e loquacidade.

6.º - Não critiques as acções dos outros, nem vos gabeis dos vossos meritos ou virtudes. Recebei sempre com indifferença a censura e o louvor, humilhando-vos na presença de Deos quando se vos fizer alguma reprehensão.

7.º - Evitae todo o acto, todo o movimento e toda a palavra que saiba a grosseria, procurae corrigir-vos dos defeitos de temperamento, e forcejar por for-

mar em vós uma indole pacata e constantemente pautada segundo os princípios da modestia christã.

8.º - Faz parte da modestia o modo de estar à meza, pensando que os alimentos nos são dados, não como a brutos, só para saciar o appetite, mas tambem para manter são e vigoroso, qual instrumento material do qual havemos-nos de servir para conseguír a felicidade da alma.

9.º - Antes e depois das refeições fazei as orações do costume, e durante as mesmas procurarão tambem dar pasto ao espirito ouvindo em silencio aquelle pouco de leitura que se faz.

– 25 –

10.º - Não é permittido comer ou beber senão o que fornece o estabelecímento, e os que de fora receberem fructos, comidas ou bebidas de qualquer especie que sejão, deverão entregar ao Superior, que permittirá sejão usadas com moderação.

11.º - Muito se vos recommenda não estragueis o menor bocado que seja da sopa, do pão e das outras comidas. Não esqueçamos o exemplo do Salvador que mandou seus Apostolos recolher as migalhas de pão, para que se não estragassem. *Colligíte fragmenta ne pereant.* Qaem estragar voluntariamente a comida, será punido com severidade e muito deve recear que Nosso Senhor o faça morrer à fome.

## CAPITULO XI.

### Do aceio.

1.º - Deveis prezar muito o aceio, porque a ordem e o aceio exterior indicão a limpeza e pureza d'alma.

2.º - Desprezae essa estulta ambição de perfumar e embellezar o cabello para fazer figura, mas procurae que vossa roupa nunca esteja suja e rasgada.

3.º - Aparae as unhas a seu tempo e não deixai-as crescer muito. Trazei os cordões dos sapatos atados, e lavei os pés com frequencia.

4.º - Nunca saiaes do quarto sem primeiro fazer a cama, escovar, endireitar bem a roupa e arranjai todas as cousas. Não se deixe sa-

– 26 –

patos velhos ou outro qualquer objecto debaixo da cama, mas deposite-se tudo isto em qualquer canto ou se entregue a quem competir.

5.º - Lembrai-vos de todas as manhãs lavar as mãos e o rosto, tanto por motivo de vossa saude, como para não causar nojo aos outros.

6.º - Escovae os dentes para não terdes mão cheiro da boca, e para prevenirdes dores de dentes que provém do pouco aceio dos mesmos.

7.º - Todos os dias penteae o cabello, e para o fazerdes em pouco tempo, como tambem para terdes a cabeça sempre limpa, uzae de cabellos bem aparados.

8.º - Nunca andeis com os dedos sujos de tinta, e quando aconteça que os sujais, não os esfregueis na roupa, como tambem na mesma nunca limpeis as pennas.

## CAPITULO XII.

### Conducta no regimen da caza.

1.º - De manhã, logo que tocar a campainha levantae-vos promptamente da cama, começando logo a vestir-vos com toda a decencia possível e em silencio.

2.º - Não se sala do quarto sem primeiro arranjar a cama, pentear-vos; escovar e endireitar as roupas, e deixar em ordem tudo o que vos pertence.

3.º - Ao segundo toque da campainha, irão todos para a capella, tomarão lugar para



rezarem as orações em commum e ouvirem a Missa; ou irão paira as proprias occupações, indo depois ouvir Missa no tempo marcado.

4.º - Emquanto se celebra a S. Missa reza-se as orações e o SS. Rosario, e no fim faz-se uma breve meditação.

5.º - E' prohibido ir espiar ou remexer na caixa dos outros. Durante o dia nlnguem vá ao dormitorio sem permissão especial.

6.º - Abstende-vos de appropriar-vos do que é dos outros, ainda mesmo que seja uma bagatella, e si achardes qualquer objecto, entregae-o logo aos Superiores, e quem ficar com elle será severamente castigado em proporção do furto.

7.º - As cartas e os embrulhos que vierem ou forem para fóra do estabelecimento serão entregues ao superior. o qual lerá si julgar conveniente.

8.º - E' rigorosamente prohibido ter dinheiro comsigo, devendo todo ser depositado nas mãos do Prefeito, que o fornecerá conforme as necessidades do dono. Igualmente é prohibido severamente vender, comprar ou trocar-se, ou fazer divida com quem quer que seja sem licença do Superior.

9.º - É prohibido introduzir em casa ou no dormitorio pessoas de fóra. Para fallar com parentes ou outra qualquer pessoa vae-se ao locutorio commum. Não vos aproximeis de quem está fallando em particular. Não entreis nas oficinas e nos dormitorios dos outros por ser isto de disturbio a quem entra e a quem trabalha. Tambem é prohibido fe-



char~se no quarto por dentro, escrever pelas paredes, pregar pregos, ou fazer estrago de qualquer especie que seja. Quem de proposito destruir seja o que fór tem de mandar concertar à sua custa. Finalmente é prohibido ficar parado. Do quarto no porteiro ou na cozinha, à exceção dos que n'esses lugares tiverem de fazer algum serviço.

10.º - Sede caridosos para com todos, compadecei o proximo pelos seus defeitos, não imponhaes alcunhas nos outros, nem façaes ou digaes qualquer cousa que se fosse alta ou feita à vós vos desagradasse.

## CAPITULO XIII.

### Conducta fóra de caza.

1.º - Lembrae-vos, ó meninos, que todo o christão é obrigado a dar ao proximo bom exemplo, que é o melhor dos sermões.

2.º - Fóra de caza sede cautos no olhar, no conversar e todas as vossas acções. Nada é mais edificante quanto ver-se um menino de bôa conducta; assim, mostra pertencer à uma communidade de meninos christãos e bem educados.

3.º - Indo a passeio, ou para a eschola, ou a algum recado fóra do Collegio nunca aponteis com o dedo para quem quer que seja, não deis gargalhadas, não atireis pedradas nem tão pouco vos divirtaes em pular por cima de buracos. Tudo isto dá indicios de má educação.

4.º - Se encontrardes pessoas que occupão



cargos publicos, tirae o chapéo e cedei-lhes o lugar mais commodo da rua; o mesmo haveis de fazer com os religiosos e com todas as pessoas constituídas em dignidade, maxime se vierem ao Collegio ou n'elle estiverem.

5.º - Passando na frente de qualquer Egreja ou devota imagem descobrivos em signal de respeito. Si vos acontecer passar por defronte de alguma egreja na occasião de funcções religiosas, calae-vos em conveniente distancia para não perturbar os que estão dentro. Encontrando um enterro, tirae o chapéo, e rezae em

voz baixa um *Requiem aeternam* ou o *De profundis*. Permanecei sem chapéo na cabeca emquanto passar uma procissão, e quando encontrardes o SS. Sacramento levado por Viatico aos enfermos ajoelhae-vos com ambos os joelhos para o adorardes.

6.º - Lembrae~vos bem de que si não vos portardes bem na Egreja, na eschola, na officina, ou na rua, alem das contas que deveis dar a Deos, deshonraes a casa ou o collegio a que pertenceis

7.º - Si algum companheiro conversar comvosco ou propuzer acções más, dae parte incontinenti ao Superior para se lhe fazer as admoestaeões necessarias e vós receberdes normas de obrar com prudência e sem offensas de Deos.

8.º - Nunca falleis mal dos collegas, do regimen da caza, dos Superiores, e de suas ordens. Cada qual é livre de estar ou não no

– 30 –

collegio, e deshonraria a si mesmo quem se queixasse do lugar onde está por sua livre vontade.

9.º - Em passeios é prohibido parar na rua entrar em casas de negocio, fazer visitas o ir divertir-se longe dos companheiros. A ninguem é permittido acceitar convite para jantares, para o que nunca. se dará licença.

10.º - Si quizerdes fazer una boa obra e proveito vosso e da caza, fallai sempre bem d'ella, procurando razões para que se approve o que lá fazem ou ordenão os Superiores par o bom governo da communidade.

11.º - Devendo todos vós prestar critérios e expontanea obediência a todas estas regras os trangressores serão devidamente punidos e os que as observarão, alem do premio que devem esperar de Deos, serão premiados pelo Superiores a medida de sua perseverança e diligencia.

## CAPITULO XIV.

### Do passeio.

1.º - O passeio é um exercicio muito util à saude, e por isso quando o regulamento o prescreve, nunca deveis eximir-vos d'elle.

2.º - À hora da sahida deveis estar promptos, collocando-.vos em ordem sem vos fazer esperar. Note-se que não é permittido aos de uma divisão ir com os de outra.

3.º - Cada divisão deve ter um assistente que é responsavel pelas desordens que n'ella possam succeder.

4.º - Não se deixará sahir os que não tiverem a roupa limpa e os sapatos escovados. Vão aos lugares determinados, e em tudo obedeção ao assistente.

5.º - O passeio não seja uma corrida, nem tambem se pare sem licença expressa dos superiores. Os passeios ordinarios sejão de hora e meia, e nunca excedão de duas. Devem todos usar de muitos bons modos, ser modestos no olhar e graves no andar. Um só que seja estabanado pode envergonhar toda a divisão.

6.º - No passeio a maior falta é o affastamento das filas, para o que o assistente pôde dar licença. Quem fôr à cazas de negocio comprar, aos cafés ou ás vendas merece expulsão.

## AVISOS.

1.º - Os assistentes do passeio sejão pontuaes na hora da sahida e da entrada.

2.º - Não admittão na divisão que lhe for entregue menino algum de outra qualquer.

3.º - Vejão bem que os meninos tanto na pessôa como nas roupas estejão ãceiados.

4.º - Não levem nunca os meninos para o interior da cidade, ou a muzeos, gallerias, jardins, palacios, etc. sem licença especial.

5.º - Não consintão que algum pare na rua ou se affaste do assistente, por motivo algum que seja.

6.º - Se acontecer que algum commetta alguma falta immediatamente communiquem ao Director dos estudos ou ao Prefeito.

7.º - Finalmente reflictão bem os assistentes na responsabilidade grande que tem dos meninos, na presença de Deos e dos Superiores.



## CAPITULO XV.

### Comportamento no theatrinho.

1.º - Haverá no Collegio representações theatraes para vosso divertimento e instrucção deleitavel; porem o theatrinho, que é destinado para cultivar coração, não seja causa da mais pequena offensa de Deos.

2.º - Tomae parte n'ellas com alegria e reconhecimento aos Superiores que vol-as concedem; porem nunca deis signal de desagrado pelas demoras nos

intervallos, nem deis pateadas ou outro qualquer signal de reprovação quando as cousas não vos agradarem.

3.º - Ir com precipitação até com perigo de machucar os companheiros, e procurar passar adiante dos outros, e arranjar para si melhor lugar do que o que foi designado, ter o bonet na cabeça emquanto dura a recita, querer estar de pé impedindo a vista dos outros, e mais ainda gritar ou assobiar ou de qualquer modo que seja dar signaes de descontentamento, são cousas todas que se deve evitar.

4.º - Logo que se levantar o panno calae-vos e se não poderdes vêr tudo bem, não séde teimosos em querer estar de pé com incommodo dos outros. Se alguem está na vossa frente não griteis nem o maltrateis, mas com bons modos avizae-o e se não quizer sahir, ficae socegados e soffrei com paciência.

5.º - Não amesquinheis quem errar ou não recitar bem; não digaes palavras de censura, e nem mesmo o façaes fóra do theatro. Ao abalxar-se o panno applaudi sempre ainda



mesmo que o que se tiver representado não tiver sahido tão bem como se esperava.

6.º - Na sahida do theatrinho não vos amontoeis na porta, mas sim sahi em boa ordem, e cobri-vos porque a temperatura da parte de fóra ordinariamente é mais fria e pôde prejudicar-vos a saude.

## CAPITULO XVI.

### Cousas rigorosamente prohibidas em caza

1.º - Sendo em caza prohibido ter-se dinheiro, é igualmente prohibido qualquer jogo por interesse.

2.º - E' outrosim prohibido todo e qualquer brinquedo de que possa resultar algum mal ou qualquer cousa contra a modestia.

3.º - É prohibido fumar ou mascar fumo em todo e qualquer tempo e sob qualquer pretexto. Tomar rapé é tollerado em limites prescriptos pelo Superior e por conselho do medico.

4.º - Nunca se dará licença de sahir com parentes e amigos para jantar fóra ou comprar roupas, das quaes havendo necessidade pode cada qual mandar tomar as medidas para se mandar vir de fóra ou antes pedir para se fazer na officina do estabelecimento.

## Tres males que absolutamente se deve evitar:

Posto que todos devão evitar qualquer peccado que seja, todavia ha tres males que de modo especial deveis evitar porque mormente são funestos à mocidade. São: 1.º a blasphe-

– 34 –

mia e jurar em vão; 2.º a deshonestidade; 3.º o furto.

Fiquem certos d'isto, meus filhos, um d'esses peccados basta para provocar as maldições do Céo sobre a caza. Pelo contrario si vos afastardes d'elles temos motivos fundados de esperar as bençãos celestiaes sobre nós e sobre toda a nossa communidade,

Quem observar estas regras, seja por Nosso Senhor abençoado.

Todos os domingos de noite ou em qualquer outro dia da semana, o Prefeito ou quem suas vezes fizer, lerá algum capitulo d'estas regras com uma breve e analoga reflexão.

## APPENDICE

## AO REGULAMENTO DA CAZA.

## SOBRE O MODO DE SE ESCREVER CARTAS.

## REGRAS GERAES.

Ordinariamente ha necessidade de escrever cartas. Por isso será opportuno accrescentar aqui algumas regras à modo de appendice.

1.º - As cartas são um meio de exprimirmos nossos pensamentos e affectos ás pessoas auzentes, como verbalmente os exprimimos aos presentes.

2.º - Para escrever boas cartas é de utilidade a leitura de algum bom epistolario. Bellissimas sobre tudo são as cartas de S. Jeronymo, S. Francisco de Sales e Santa Catharina de Sena.

3.º - O estylo das cartas não requer demasiado floreio, e deve ser simples, e expontaneo, porque é um modo de fallar ímproviso e portanto não deve ser estudado e abstruso. Convem que seja preciso, breve, sem comtudo offender a clareza. (Vide ns. 10 e 11, no fim d'este appendice)

4.º - Quando se tem de pedir algum favor, jamais façaes protestos exagerados, promessas inviolaveis que não possaes cumprir porém pensae que nada ha que mais incline

– 36 –

uma pessoa em vosso favor como a simplicidade das palavras ou a sinceridade dos sentimentos.

5.º - Os aphorismos, diz S. Gregorio Nazianzeno escrevendo a Nicebolo sobre o estylo epistolar, os provérbios, as maximas e bons dictos dão graça a uma carta. Que sejão porém espalhados aqui e acolá. Não uzar nunca d'isto é rusticidade, o contrario é affectação.

6.º - Nas cartas não haja nada de affectado, mas seja tudo facil e natural.

7.º - A civilidade não permitte que façamos Interrogaçôes aos Superiores, e si houver necessidade se uze d'estas fórmas ou outras que taes: permitta por favor que eu lhe pergunte... desculpe a liberdade que tomo de perguntar... Tão pouco não se lhes deve incumbir de alguma cousa, ou de transmittir saudações, e querendo dal-as uze-se de alguma forma delicada e a modo de pedido.

8.º - E' louvavel esse proceder tratando-se tambem de iguaes, dizendo por exemplo: Se digne procurar que tudo fique arranjado... Peço-lhe o favor de...

9.º - Quando se tenha de mencionar uma pessoa constituída em dignidade, não se deve dizer seccamente o Conego tal, o vosso Director, mas deve-se dizer o Senhor Conego, o Senhor vosso Director, etc.

10.º - As cartas pódem ser de varias especies: politicas, scientificas, eruditas, artisticas, didascalicas, si tratam de politica, sciencias, artes ou estudo. Chamão-se então



familiares quando versão sobre argumentos da vida commum.

11.º - Mas como na vida commum falamos para perguntar, responder, pedir, agradecer, avizar, reprehender, aconselhar, desconselhar e felicitar, assim tambem as cartas familiares pódem ser de pergunta, resposta, agradecimerito, avizo, reprehensão, consulta, conselho. ou augurio, etc., etc.

## PARTES DA CARTA.

12.º - As cartas compõem-se de introducção, assumpto e cumprimentos.

A introducção, ou o exordio é um cabeçalho que faz com geito quem escreve para pôr mão no assumpto que vae tratar. Esta parte deve ser muito breve, e ás vezes póde ommittir-se entrando logo em materia. Quando se responde à cartas ou officios de pessoas de autoridade ou de empregados publicos, convém citar a data e o argumento da carta que se está respondendo, dizendo *verbi gratia: Cumpro o dever de responder á sua agrad*avel carta de... *do corrente,* relativa d...

13.º - O assumpto comprehende o que se quer manifesta à outrem, quer seja pedido, convite, congratulação, ou reprehensão, etc.

14.º - Sob o nome de comprimento entende-se aquelles bons desejos, saudações, protestos de respeito e de amizade com que se uza despedir quanto se escreve à alguem. Deve variar segundo o gráo de intimidade e de relações que se tem à pessôa a quem se es-



creve. Por exemplo, escrevendo-se à um superior conclue-se: com o mais profundo respeito - com a maior estima - com toda a consideração - com toda a veneração - com a maior veneração. - A conhecidos, mas não superiores: com verdadeira estima. - A pessoas de intimidade: - com particular affecto - com sincera benevolencia - com toda a amizade. Nas cartas de pedidos será bom accrescentar estas expressões: - com fundadas esperanças de ser attendido... - Nas de agradecimento: - com sentimentos de gratidão e reconhecimento... e assim com sentimentos em outros casos. Escrevendo-se à pessoas altamente collocadas ommitte-se o comprimento e apenas se escreve um protesto de respeito e de reverencia.

15.º - Concluida a carta ás vezes se accrescenta algumas cousas, ou porque forão esquecidas, ou porque alheias ao assumpto. Este appendice costuma-se terminar com as letras P.S. (Post-Scriptum); e sendo quasi sempre motivado por alguma inadvertencia no escrever a carta, não é conveniente fazel-o senão em cartas familiares.

16.º - No final deveis sempre dar a conhecer que sois christãos, accrescentando algum pensamento religioso; por exemplo: Deos vos conceda sua graca ou toda a sorte de felicidades; rogarei a Deos para que vos conceda boa saude; encomende-me a Deos. Escrevendo- se a Cardeaes ou Bispos usa-se estas formulas: peço humildemente a santas benção; beijo o sagrado annel.

– 39 –

## FORMATO E FORMA DA CARTA.

17.º - O papel deve ser limpo e inteiro, podendo escrever-se em meia folha a pessoas de intimidade. A pessôas qualificadas escreve-se em papel de formato maior.

18.º - Seja a caligraphia intelligivel e sem borrões, sendo incivilizadade enviar-se cartas com emendas e raspas, ou tão mal escriptas que difficilmente, se possa ler.

19.º - As linhas devem estar direitas; deixe-se um pouco de margem, e se dobre sempre em sentido vertical.

20.º - Nunca se ommitta a residencia, a data e a assignatura.

21.º - A direcção da carta, isto é o attributo de honra ou de affecto que se dá ás pessôas a quem se escreve não seja demasiado breve.

22.º - Da direcção ao principio da carta deixe-se sempre um intervallo maior ou menor segundo a qualidade da pessôa a quem se escreve, e o mesmo se pratique emquanto a margem da esquerda.

23.º - Na parte superior e na inferior da carta haja um espaço ao menos de uma linha em branco, e no verso se comece na altura da direção que está na primeira pagina,

24.º - Será falta de respeito acabar a carta exatamente no fim da pagina, por isso faça-se o possível de deixar duas ou tres linhas para a pagina seguinte.

25.º - Na data especifique-se a rezidencia, o dia, o mez e o ano corrente, e de ordinario

– 40 –

váe logo em cima da primeira pagina. Em officios ou em cartas a pessôas altamente collocadas põe-se do lado esquerdo no fim da carta depois da repetição do titulo. Haja cuidado em collocar-se a data quer seja no principio, quer seja no fim, sempre destacada do corpo da carta e nunca no meio.

26.º - A assignatura é o nome de quem escreve, o qual deve ser accompanhada dos Sobrenomes, e de algumas palavras que signifiquem respeito ou amizade a pessôa a quem se escreve. Deve estar no fim da carta e algum tanto separado do corpo da mesma.

27.º - Escrevendo-se a pessôas de respeito, repete-se o seo titulo ou tratamento uma linha depois da conclusão da carta e por debaixo poe-se a assignatura do seguinte modo

*De V.ª S.ª Illma*
*Servo obrigadissimo*

N. N.

28.º - O sobrescripto contem o nome e o sobrenome da pessôa a quem se escreve, precedido de seos titulos. Por baixo váe o nome do lugar para onde se, dirige a carta; a rezidencia, moradia, nome e numero da rua collocão-se em outra linha mais abaixo do nome e sobrenome da pessôa.

29.º - Tudo isto deve escrever-se com muita exactidão e clareza do modo seguinte: na 1.ª linha : *Illmo. Snr.*; na 2.ª o nome e o sobrenome e o emprego que occupa, e na 3.ª as indicações de residência e outros



esclarecimentos; e quando essas indicações não forem necessarias, então o cargo ou emprego é melhor que se eolloque na terceira linha o nome do paiz ou da cidade para onde envia a carta deve ser escripto em letra maior em baixo do sobrescripto e costuma tambem sublinhar.

30.º - Quando o lugar é pouco conhecido escreve-se tambem o nome da província e do município.

31.º - No concernente à frequencia e escrever cartas, evitem-se os excessos. E' censurável o procedimento dos que escrevem ás carreiras, e por qualquer nonada escrevem cartas immensas; não menos censuravel é o dos que são tão avessos à escreve que nem se quer respondem aos que lhes escrevem, havendo ás vezes urgente necessidade

32.º - Siga-se no escrever cartas a mesma regra das visitas. Havendo necessidade ou conveniencia, escreva-se; não havendo, deixem-se de gastar tinta e papel.

Eis os tratamentos mais uzados

Ao Papa: Sua Santidade.

Aos Cardeaes: Sua Eminencia.

Aos Bispos e Arcebispos: Sua Excellencia Reverendissíma.

Aos Theologos, Conegos e Dignidades da Egreja - Illm.º e Revdm.º Senr...

Aos Sacerdotes - Illm.º e Revdm.º

Aos Clerigos - Illm.° e Revd.°
Aos Deputados e Senadores . Exm.° Snr
Aos demais: Illm.° Senr.

---

## INDICE


I. Fim das cazas da Congregação de S. Francísco de Sales ..... pag. 1
II. Da acceitação ..... 6
III. Da piedade ..... 8
IV. Comportalnento na Egreja ..... 10
V. Do trabalho ..... 13
VI. Comportamento na eschola e no estudo ..... 15
VII. Comportamento nas officinas ..... 19
VIII. Comportamento para com os Superiores ..... 20
IX. Do modo de portar-se com os collegas ..... 22
X. Da Modestia ..... 23
XI. Do aceio ..... 25
XII. Conducta noregimen da caza ..... 26
XIII. Condueta fóra da caza ..... 28
XIV. Do passeio ..... 30
Avisos ..... 31
XV. Comportamento no theatrinho. ..... 32
XVI. Cousas rigorosamente prohibidas ..... 33


APPENDICE


Sobre o modo de escrever cartas ..... 35

# ANEXO IV

## Excerptos do Regolamento per le Case della Pia Società di S. Francesco di Sales, (Torino, Tipografia Salesiana, 1906), relativos ao teatrinho

323. Di grande vantaggio è il teatrino, ma si usi grande vigilanza, riguardo alla materia da rappresentare, a quella da escludere, al contegno degli attori a quello degli spettatori e a tutto, che, pur essendo accessorio, fa impressione buona o cattiva sempre notevole sui giovanetti.
324. Sono per regola ordinaria sotto la sua dipendenza le declamazioni, le rappresentazioni teatrali, le accademie, e simili intellettuali.[1]

## CAPO XXI

### Del teatrino

639. Il teatrino, fatto secondo le regole della morale cristiana, può tornare di grande vantaggio alla gioventù,quando no miri ad altro, se non a rallegrare, educare ed istruire più che si può moralmente. Affinchè so possa ottenere questo fine è d'uopo stabilire:
   a) Che la materia sia addata.
   b) Si escludano quelle cose che possono ingenerare cattive abitudini e sentimenti di molleza o di crudeltà.

### MATERIA ADATTATA

640. La materia deve essere adatta agli uditori, cioè servire di istruzione e di ricreazione agli allievi senza badare agli esterni. Gl'invitati e gli amici che sogliono intervenire saranno sodisfatti e contenti, se vedono che il trattenimento torni utile ai giovanetti, e sia proporzionato alla loro intelligenza. Ciò posto, si devono escludere le tragedie, i drammi, le commedie ed anche le farse, in cui viene vivamente rappresentato un carattere crudele, vendicativo, immorale, sebbene nello svolgimento dell'azione si abbia di mira di corregerlo e di emendarlo.

---

[1] Competência do Conselheiro Escolar.

641. Si ritenga che i giovanetti ricevono nel loro cuore le impressioni di cose vivamente rappresentata, e difficilmente si riesce a farle dimenticare com ragioni o com fatti opposti. I duelli, i colpi di fucili, di pistola, le minacce violente, gli atti atroci, non facciono mai parte del teatrino. Non sia mai nominato il nome di Dio, a meno che ciò avvenga a modo di preghiera o di ammaestramento; tanto meno si proferiscano bestemmie od imprecazioni ad oggetto di farne poi la correzione. Si evitino pure quei vocaboli che, detti altrove, sarebbero giudicati incivili o troppo plateali.

642. Sia dominante la declamazione di brani scelti da buoni autori, la poesia, la prosa, la storia, de cose facete, ridicole quanto si vuole, purchè non immorali; la musica vocale o istrumentale, le parti obligate od a solo, duetti, terzetti, quartetti, cori siano scelti in modo che possano ricreare, promuovere ad un tempo l'educazione ed il buon costume.

## COSE DA ESCLUDERSI

643. Tra le cose da escludersi devonsi annoverare gli abiti interamente teatrali. Si limiti l'abbigliamento alla trasformazione dei propri abiti, o a quelli che esistono nelle rispettive Case, o che fossero da taluno regalati. Gli abiti troppo eleganti lusingano l'amor proprio degli attori, ed eccitano i giovanetti a recarsi nei publici teatri par appagare la loro curiosità.

644. Altra sorgente di disordini sono le libite, i confetti, i commestibili, colazioni, merende, che talvolta si distribuiscono agli attori, o a quelli che si occupano degli apparecchi materiali.

645. L'esperienza há fatto persuaso, che queste eccezioni generano vanagloria e superbia in coloro chi sono usate; invidia ed umiliazioni nei compagni che non se partecipano.A quelli si aggiungono altri più gravi motivi, per cui si crede opportuno di stabilire, che non siano usate particolarità agli attori, e vadano alla mensa ed al trattamento comune. Essi devono essere contenti de prendere parte alla comune ricrezione, o como attori o come spettatori. Il permettere poi de imparare la musica di canto, di suono,di esercitarsi a declamare e simili, deve già reputarsi sufficiene soddisfazione. Se poi alcuno si fosse guadagnato un premio speciale, i Superiori hanno molti mezzi per rimeritarlo condegnamente.

646. Per tanto la scelta della materia, la moderazione negli abiti, la esclusione delle cose soprammentovate, sono la garanzia della moralità nel teatrino.

647. I Direttori poi veglino attentamente che siano osservate le regole stabilite parte pel teatrino, e si ricordino che questo deve servire di sollievo e di educazione pei giovani, che la Providenza invia nelle nostre Case.

648. Ogni Direttore pertanto e gli Superiori sono invitati a mandare all'Ispettore i componimenti drammatici, che possono rappresentarsi secondo le regole

sovraesposte. Esso raccoglierà tutte le rappresentazioni già connosciute, esaminerà quelle che gli fossero deferite e le conserverà se sono adatte, o ne farà le debite correzionni.

## DOVERI DEL CAPO DEL TEATRINO

649. É stabilito un capo del teatrino, che deve tener informato volta per volta il Direttore della Casa di ciò che si vuol rappresentare, del giorno da stabilirsi, e convenir col medesino sia scelta delle recite, sia degli giovani che devono andar in scena.
650. Tra i giovani da **destinarsi a recitare si preferiscano i più buoni di condotta,** che, per commune incoraggiamento, di quando in quando saranno surrogati da altri compagni.
651. Quelli che suono occupati nel canto o nel suno procurino di tenersi estranei alla recitazione; potranno però declamare qualque brano di poesia o d'altro negli intervalli.
652. Per quanto è possibile, siano lasciati liberi dalla recita i capi d'arte.
653. Procuri che le composizioni siano amene, ed atte a recreare e divertire, ma sempre istruttive, morali e brevi. La troppa lunguezza, oltre al maggior disturbo nelle prove, generalmente stanca gli uditori, fa perdere il pregio della rappresentazione, e cagiona noia anche nelle cose stimabili.
654. Il capo si trovi sempre presente alle prove, e quando si fanno di sera, non siano protrate oltre alle 10. Non permetta che assistanto alle prove quelli che non sono a parte della recita. Finite le prove, invigili che in silenzio, ciascuno vada immediatamente a riposo senza trattenersi in chiacchere, che sono per li più dannose, e cagionano disturbio a quelle che già fossere in riposo.
655. Il capo abbia cura di far preparare il palco nel giorno prima della recita, in modo che non abbiasi a lavorare nel giorno festivo.
656. Sia rigoroso nel'addatare vestiari decenti.
657. Ad ogni tratttenimento vada inteso coi capi del suono e de canto, intorno ai pezzi da eseguirsi in musica.
658. Senza giusto motivo non permetta a checchesia l'entrata sul palco, meno ancora nel camerino degli attori; e su questi invigili che, durante la recita, non si trattengano qua e là in coloqui particolari. Invigili pure che nel vestirsi sia osservata la maggior decenza possibile.
659. Disponga in modo che il teatro non disturbi l'orario solito, occorrendo la necessità di cambiare, ne parli prima col Superiore della Casa.
660. Nel'apparecchiare e sparecchiare il palco impedisca per quanto è possibile le rotture, i guasti nei vestiari, e negli attrezzi del teatrino.

661. Non potendo il Capo disimpegnare da sè solo quanto prescrive questo Regolamento, gli sarà stabilito un aiutante, che è il così deto suggerittore.

662. Raccomandi agli attori un portamento di voce non affetato, pronuncia chiara, gesto desinvolto, deciso; ciò si otterà facilmente si studieranno bene le parti.

663. Si ritenga che il bello e la specialità dei nostri teatrini consiste nell'abbreviare gli intervalli tra un ato e l'altro, e nella declamazione di composizioni preparate o ricavate da buoni autori,

664. In caso dei bisogno, il capo potrebbe affidare ad um maestro fra gli studente, ad un assistente fra gli artigiani, che esercitassero i lloro allievi a studiare e declamare qualche farsa o piccolo dramma.

## REGOLAMENTO PER GLI ALUNNI

## PARTE III - REGLAMENTO PER GLI ALUMNI

829. A vostro divertimento e piacevole istruzione sono concesse rappresentazioni teatrali; ma il teatrino, chè destinato a coltivare il cuore, non sia causa della più piccola offesa al Signore.

830. Prendetevi parte allegramente com riconoscenza ao vostri Superiori, che ve lo permettono; ma non date mai segno di disapprovazione quando si dovesse aspettare od avvenissero cose che non fossero di vostro gradimento.

830. Il recarvisi com precipitazione anche com pericolo de far del male ai compagni, il cercar di passare davanti agli altri ed accomodarsi nel luogo migliore e non nell'assegnato, il tenere il berretto in capo mentre si recita, il voler stare in piedi quando s'impedisce la vista agli altri, e tanto più gridar forte, ed il fischiare in qualunque modo, o dare altri segni di scontentezza, sono cose al tutto da evitarsi.

831. Appena si alza il sipario, fatte silenzio, e se non potete veder abbastanza bene, non ostinatevi a voler pure star in piedi com disagio altrui. Se altri sta avanti a voi, non gridate nè maltratatelo, ma in bel modo fatelo avvisato, e se non l'intende, quitatevi voi e soffrite com pazienza.

832. Guardatevi dal disprezzare che sbaglia o non recita bene; non date mai voce di disapprovazione, e nemmanco fuori non fategli rimostranza di sorta. Calando il sipario, applaudite sempre ancorchè non sia per avventura proveduto com quella precisione che taluno si aspettava.

833. All'uscire dal teatrino non accalcatevi alla porta. Ma uscite com l'ordine che è indicato e copriteve bene, perchè l'aria del di fuori ordinariamente è più fredda e può apportar nocumento alla santità.

## REGOLAMENTO PER GLI ORATORI FESTIVI DELLA PIA SOCIETÀ DI S. FRANCESDO DI SALES

### PARTE II

### Capo IV

.....

*Contegno fuori dell' Oratorio*

1254. Dovete tutti in ogni tempo esservi lontani daí teatri diurni e notturni, fuggire le bettole, i caffè, i ridotti del gioco, ed altri simili luoghi pericolosi.

# ANEXO V

## REGULAMENTO DO SEMINÁRIO DE MARIANA, DE JANEIRO DE 1845.[1]

1. Sendo o Seminário instituído para nelle se instruírem os Moços nas virtudes, e sciencias, o que nelle for admittido deve nos primeiro tempos de sua admissão preparar-se com uma boa confissão, dispondo-se assim christãmente para nova vida, em que vae entrar; e logo no princípio se lhe darão a ter estas Regras que já se deverão ter mostrado a seos pais, ou a quem suas vezes faça.
2. Todos os Seminaristas farão uma vez no anno os Exercícios Espirituais por 5 dias; o que deverá de ordinário praticar-se no fim das ferias: e nesses dias todos se deverão confessar,
3. Quando algum de novo é admittido ao Seminário o Rd. Reitor, ou o Regente do seo salão o entregará a algum antigo Seminarista de probidade que o dirija, e ensine os costumes do Seminário. He prohibido metter à bulha os novatos, e escarnecer dos seos modos e acções.
4. Pela manhã serão diligentes em se levantar ao toque do sino do Seminario; e tendo-se encomendado a Deus particularmente, lavarão o rosto, e ao segun-

1 Raymundo TRINDADE, *Archidiocese de Marianna; subsidios para a sua historia.* v. 2, São Paulo, Escolas Profissionaes do Lyceu Coração de Jesus, 1929, p. 836-839. Preferimos conservar a ortografia da época.

do toque, genuflexos no meio do seo salão, um attraz dos outros diante da Imagem, recitarão em comum os actos da manhã.

5. Todos os dias ouvirão devotamente a Missa em commum: e todos os mezes se confessarão, avisando primeiramente ao seo Regente, que Pe. tem escolhido para confessor. Os de Ordens sacras devem amiudar as sua confissões.
6. Observarão exactamente a ordem do dia, que se lhes prescreverá no fim destas Regras, para cujos empregos se juntarão ao primeiro toque do sino: a nenhum faltarão nem delle se apartarão, sem licença de quem lhes preside. E para que se não vejão obrigados a sair no tempo dos actos de communidade cuidarão de se preparar em suas necessidades ao toque da campainha de cada salão alguns minutos antes...
7. Dizendo a Escriptura. que ha tempo de fallar, e de calar: e sendo moralmente impossível, que haja piedade e boa ordem onde não ha silencio, diligentemente procurarão observal-o; não fallando fóra das horas da recreação, nem fazendo rumor nos salões, especialmente no tempo do estudo, e depois do exame geral da noite, nem também irão aos leitos dos seus companheiros perder tempo em conversas.
8. Terão cuidado no asseio e boa ordem da sua cama, vestidos, e livros...
9. Tratarão com o devido respeito os Superiores, Professores, Regentes, e mais empregados: nem metterão à bulha as pessoas extranhas...
10. Nos actos da communidade caminharão juntos a dous a dous, com os da sua classe, ou com os companheiros que lhes forem assignalados, e sempre à vista, e perto de seus Regentes, sem se confundir com os das outras classes.
11. Evitarão amizades particulares, de que se possa suspeitar mal.
12. Não poderão entrar nos salões dos outros, nem mesmo conversar às portas delles; ... visitar doentes (...) sem licença do Regente.
13. Se algum offender a castidade ainda mesmo com palavras será expulso do Seminário, ou gravemente castigado, se houver esperança de remedio: o que também terá logar contra o que perturbar notavelmente a paz do Seminario, depois que as reprensões e castigos não tiverem produzido eficaz remedio.
14. Se alguem sabendo dos sobreditos crimes não o participar a quem governa, deverá reputar-se como incurso nelles, e como quem quer a desordem, e destruição do corpo, de que é membro.
15. Não introduzirão no Seminario bebidas espirituosas: não terão em seo poder facas, pistolas, ou outras armas prohibidas.
16. Merecerão cuidado a S. Carlos Borromeu as seguintes advertencias, feita aos moços de seo Seminario, as quaes á imitação de tão grande Santo tambem tem logar neste Regulamento: - He prohibido pelo Santo darem uns nos outros, ainda mesmo ameaçarem-se, injuriarem-se com palavras: pegarem-se pelas mãos, braços, e vestidos: impellirem-se uns aos outros: rasgar os

livros proprios, ou alheios: cortar, ou quebrar as mezas, ou outro qualquer traste da casa: sujar ou escrever nas paredes, ou portas: trazer os vestidos routtos, ou sujos: dar dos seos aposentos, sem estar decentemente vestidos com batina e cabeção: hirem, ou virem conversando, em actos da communidade, ou na meza.

17. Não poderá algum Seminarista comprar, ou vender cousa alguma sem licença, na supposição de que são contra a vontade de seus pais estes contratos.
18. Não admitirão a ninguem em seos dormitorios: nem alguem chamará á portaria, ou a qualquer lugar, para fallar a alguem, que o procure: nem entregarão ou receberão cartas ou qualquer outro objeto sem primeiro passar pela mão do Regente.
19. São prohibidos os jogos de cartas, e de azar, e muito mais a dinheiro.
20. He prohibido montar nos animaes, que se achão nos pastos, correr atraz delles, ou espancal-os.
21. He prohibido lavarem-se ou nadar nos tanques ou rios sem licença.
22. Só nos sabbados, e 2.ns feiras se mandará, ou receberá a roupa lavada, e só nesses dias se mandarão comprar as couzas de que cada um necessita, havida a necessaria licença.
23. Não he permittida aos iniciados IN SACRIS ir passar as ferias fora do Seminario.
24. O vestido exterior dos Seminaristas, são batinas ou samarras fechadas, e meias de cor.

SALESIANAS
Editora - Gráfica
Ensino
Profissionalizante

Impressão e acabamento:
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua Dom Bosco, 441 • CEP 03105-020 • São Paulo • SP
Fone: (0XX11) 3277-3211 • Fax: (0XX11) 279-0329
Fax/Vendas: (0XX11) 279-4084
Telex: (011) 32 431 ESPS BR • Caixa Postal 67541 • CEP 03102-970
E-mail: sdbmooca@salesianos.org.br
Home page: http://www.salesianos.org.br

# Luz e Sombras

## INTERNATOS NO BRASIL

Trata-se de um alentado volume de 526 páginas, nas quais o autor busca descrever o sistema salesiano de educação para três internatos do Estado de São Paulo: Colégio São Joaquim de Lorena, Colégio N. S. Auxiliadora de Campinas e Liceu Coração de Jesus de São Paulo, no período de 1883 até 1975. São duas partes. Na primeira delas trata dos Internatos na sociedade brasileira da época. Na segunda, fala da educação salesiana, como era ministrada nos internatos. Além das duas partes, temos a conclusão, a bibliografia e cinco anexos. Enriquece o trabalho a avaliação da educação recebida por parte de um grupo de ex-alunos das escolas estudadas.

A obra se constrói em grande parte sobre documentos de arquivo e se apóia em autores de indiscutível autoridade, como Francesco Cerruti, Pietro Braido e Pietro Stella. De caráter mais descritivo do que um estudo crítico, torna-se, no entanto, graças à amplitude dos assuntos abordados, à abundância de documentação de primeira mão em que se baseia e à seriedade com que os assuntos são tratados, torna-se, digo, um texto cujo conhecimento é fundamental e indispensável para todos os que, de aqui por diante, quiserem falar sobre o sistema salesiano de educação no Brasil. E nisto, como membro da Presidência da Associação de Cultores de História Salesiana, que abrange estudiosos de todos os continentes, desejo congratular-me com a Faculdade de Educação da USP por mais este instrumento de trabalho que ela fornece a quantos, e são cada dia em maior número, se interessam pelo assunto.

***Dr. Antônio da Silva Ferreira***

*Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma*

SALESIANAS

didas disciplinares). Em nenhum momento conseguimos detectar contestação formal aos ideais propostos pelo modelo, apesar de exigir desvelo supremo para sua realização. Na prática, o sistema sofreu baixas, uma vez que diversos agentes não conseguiram eliminar os castigos físicos (proibidos em seu projeto). Esta falha não parece ter prejudicado o trabalho educacional proposto, o que se explica, pelo menos, pela sua significativa demanda (internatos numerosos) e pelas respostas dos antigos alunos internos, que o adotaram até na sua vida real, colocando seus filhos em escolas salesianas.

Manuel Isaú S. P. dos Santos é graduado em filosofia, teologia e pedagogia. É Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro e, agora, Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Publicou vários livros como Lições de Administração Escolar, Liceu Coração de Jesus e Externato Santa Teresinha, além de artigos publicados inclusive em revista do exterior. Lecionou em várias faculdades, inclusive na Universidade Federal de Viçosa. É sacerdote salesiano de Dom Bosco.